

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

Valéria Aparecida Rocha Torres

**Diante da morte ainda não somos todos modernos:
O ideário do *Bem Morrer* e o *Ethos Católico* no Brasil**

DOUTORADO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO

**São Paulo
2018**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Valéria Aparecida Rocha Torres

**Diante da morte ainda não somos todos modernos:
O ideário do *Bem Morrer* e o *Ethos Católico* no Brasil**

DOUTORADO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO

Tese apresentada à banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em Ciência da Religião na Área de Concentração Estudos Empíricos da Religião – Linha de Pesquisa: Religião, História e Sociedade. Sob a orientação do Professor Dr. Fernando Torres Londoño.

SÃO PAULO

2018

Banca Examinadora

Com muito amor à minha família
Maria Ivete, Pedro Henrique e Elsio Junior.

Agradeço à CAPES / PROSUC e à Fundação São Paulo pela concessão da Bolsa de Estudo e Pesquisa. Processo nº 88887.150146/2017-00.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por nossa existência e por nossa finitude. Sem ela nada aconteceria.

Agradeço as instituições que possibilitaram a realização deste trabalho, a Fundação São Paulo e a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que juntamente com a Fundação São Paulo financiaram essa pesquisa; sem esse financiamento eu não poderia estudar, a todos minha imensa gratidão.

Agradeço a todos os professores do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião, em especial *in memorian* ao professor Dr. Afonso Maria Ligorio Soares, vocês são pessoas que marcaram profundamente a minha vida, foi uma honra conhecê-los e ter sido aluna de alguns de vocês, podem ter certeza que imprimiram suas marcas em minha formação acadêmica.

Agradeço muito a Andreia Bisuli de Souza assistente de coordenação do Programa de Ciência da Religião que sempre nos recebe com muita paciência e carinho.

Aos professores Dr. José Énio Brito Costa e a professora Dra. Clarissa de Franco, membros da minha banca examinadora de qualificação. Vocês contribuíram com muita generosidade acadêmica para o avanço desta tese; tentei incorporar todas as sugestões e críticas que fizeram, espero ter conseguido!

Aos meus queridos amigos José Geraldo Carrara e Marcelo Braga Carvalho, companheiros de tantas jornadas, José Geraldo companheiro de uma vida toda. Muito obrigado por me acolherem em seu aconchegante lar, obrigado pelo carinho, amizade e paciência... Amo muito vocês!

Agradeço ao meu querido primo Tiago Torres e a seus pais, primos queridos, Denise e Roque Gomes por todas as acolhidas e caronas para São Paulo.

Agradeço a minha família postiça Cléo e Leandro Faria que também me acolheram no “Santuário do Frei Galvão” onde rimos, choramos, comemos e bebemos juntos, as famílias que escolhemos também são para sempre! Leandro você é uma inspiração para todos nós!

Existem alguns amigos que temos que simplesmente agradecer o tempo todo por estarem junto de nós Luciana, José Luiz e Pedro vocês são esses amigos, muito obrigado pelas energias positivas e pela alegria da presença de vocês na minha vida!

Ao Ricardo Biazotto meu amigo recente, meu escritor favorito, meu leitor e confidente intelectual, sua talentosa juventude me inspira muito! Obrigada por todo o seu apoio e auxílio durante a pesquisa.

Não posso esquecer-me de agradecer a todas as pessoas que se dispuseram a falar da morte comigo, principalmente aos pais que perderam seus filhos...

Agradeço também a todos os colegas do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião pelas trocas, pelas conversas e pelo companheirismo, em especial a Eliane Litting, ao Darli Alves e ao Robson Stigar.

Minha gratidão a minha família, à minha mãe Maria Ivete Rocha Torres e ao meu irmão Elsio Almas Torres Junior; vocês são meu porto seguro.

Pedro Henrique Torres, você é meu filho, meu amigo, meu conselheiro, meu confidente, meu cúmplice e a razão do meu afeto e do meu amor. Agradeço não a você, mas agradeço a sua existência... Minha vida seria muito estranha sem você! Te amo!

E ao meu querido orientador e amigo professor Fernando Torres Londoño, pela parceria intelectual que construímos nesses três anos e meio e pela fraterna amizade. Obrigado por nossas longas conversas sobre essa tese, por sua leitura sempre precisa, por suas sugestões maravilhosas, pelo seu estímulo e por seu cuidado comigo. Você estará sempre no meu coração.

RESUMO

Introdução: O ideário do *Bem Morrer* é um traço significativo no processo de elaboração do sentido da morte e do morrer no Brasil. Sistematizado por Manuais escritos entre os séculos XVII, XVIII e XIX fundamentalmente por padres Jesuítas encontramos sua presença como modelo **de e para** a morte atravessando séculos e persistindo ao binômio modernidade/secularização que, a partir do final do século XIX passam a caracterizar a vida política e social brasileira. Assim, procuramos compreender os fenômenos religiosos que proporcionam a longevidade do ideário do *Bem Morrer* no interior de uma sociedade que se apesar de se representar secular, é resultado de um processo de *innclesiamento* que caracteriza o ethos católico brasileiro.

Objetivo – Explicar e compreender longevidade do ideário *de bem morrer* a partir de perguntas invariantes sobre a morte representadas por meio das práticas e do pensamento que se constitui em torno do *innclesiamento* característico do catolicismo brasileiro. **Métodos** – Elaboramos um corpo documental que reúne três manuais *de bem morrer* escritos entre os séculos XVII e XVIII pelos padres jesuítas Estevão de Castro, José Maria Bonucci e José Aires e uma série de entrevistas coletadas entre a comunidade católica de Espírito Santo do Pinhal (SP). Essas entrevistas são abertas e semi-estruturadas seguindo um roteiro pré-estabelecido sobre ritos mortuários católicos por meio das lembranças e memórias em torno do enfrentamento religioso da morte. Aplicamos aos manuais e as entrevistas as perguntas invariantes sobre a morte propostas pelo antropólogo Maurice Godelier confirmindo a hipótese que, diante da morte somente as religiões produzem respostas efetivas que sustentam e dá sentido a existência humana.

Resultados – Pode-se demonstrar que as perguntas invariantes sobre a morte tais como: Para onde vamos quando morremos? O que fazer no último instante da vida? Produziram respostas que pouco variaram durante séculos tendo em vista as referências do ideário de *bem morrer*. Cuja permanência foi possível em torno da vida social que se construiu ao redor da Eclésia, característica fundamental da sociedade brasileira. Confirmamos essa afirmação quando trouxemos vários rituais mortuários brasileiros como elemento comparativo. A partir do que pudemos afirmar que existe uma forma brasileira de morrer que, fundamentalmente se expressa por meio do ethos católico e que persistiu os processos sociais desencadeados pelo binômio modernidade/secularização. Portanto, diante da morte, ainda não somos todos modernos.

Palavras-chaves: morte; bem morrer; innclesiamento; secularização.

ABSTRACT

Introduction: The thought about *O Bem Morrer* is a relevant aspect in the construction of the sense of death and dying in Brazil. Systematized through manuals written mostly by Jesuit priests between XVII, XVIII and XIX centuries, where we find it as model **of** and **for** the death through the centuries and surpassing the binomial modernity/secularization that, by the end of the XIX century, became a characteristic of the Brazilian social and political life. Therefore, we try to understand the religious phenomena that provide this thought of *Bem Morrer* its longevity in the core of a society that, although claims itself as secular, results from a *innecklesiamento* process that characterizes the Brazilian Catholic ethos. **Objective** – explain and understand the longevity of the thought of *bem morrer* from invariables queries about death, represented through praxis and thinking involving the *innecklesiamento* characteristic of the Brazilian Catholicism. **Methods** – we elaborated a documentary group gathering three *Bem Morrer* manuals written between XVII and XVIII centuries by Jesuit priests Estevão de Castro, José Maria Bonucci and José Aires and a series of interviews within the Catholic community of Espírito Santo do Pinhal, SP. These were open and semi-structured interviews, following a pre-established guide about Catholic mortuary rites through remembrances and memories about religious coping with death. Invariables questions proposed by anthropologist Maurice Godelier were applied to the manuals and interviews, confirming the hypothesis that only religions can produce effective answers that support and provide meaning to the human existence. **Results** – It can be demonstrated that the invariable questions such as: Where do we go when we die? What to do on the last moment of life? - brought answers that changed little through centuries, having the ideals of *bem morrer* as a reference. Such longevity was possible due to the social life that was built around the *Eclesia*, main characteristic of the Brazilian society. This assumption was confirmed when many Catholic death rituals from different Brazilian regions were brought as a comparative element. From this, we could confirm that there is a Brazilian way of dying, expressed by the Catholic ethos and persisted above the social processes brought by the binomial modernity/secularization. Therefore, when facing death, we are all not moderns, yet.

Key words: death, *bem morrer*, *innecklesiamento*, secularization.

LISTA DE IMAGENS — ANEXO II

Imagen I — Placa indicando a Sepultura dos “Santos do Povo”	407
Imagen II — Sepultura do senhor Geraldo Sanches um dos “Santos do Povo”	407
Imagen III — Entrevista com o Sacristão da Igreja Matriz do Divino Espírito Santo Angelim Biazotto que durante 57 anos tocou o sino da Igreja anunciando falecimentos.....	408
Imagen IV — Entrevista com o Sacristão da Igreja Matriz do Divino Espírito Santo Angelim Biazotto que durante 57 anos tocou o sino da Igreja anunciando falecimentos.....	409

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 — Total de teses e dissertações em Ciência da Religião defendidas entre 2012 e 2016	79
Tabela 2 — Total de teses e dissertações sobre a morte entre 2012 e 2016	79
Tabela 3 — Total de teses e dissertações em Ciência da Religião defendidas entre 2007 e 2011	80
Tabela 4 — Total de teses e dissertações sobre a morte entre 2007 e 2011	80

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES — Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior.

IPEA — Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.

PUC SP — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

PUC Minas — Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

UFJF — Universidade Federal de Juiz de Fora

UFPB — Universidade Federal da Paraíba.

OMS — Organização Mundial de Saúde.

SUMÁRIO

Introdução	15
A morte <i>inneclesiada</i> como acontecimento religioso.....	21
1 A morte como objeto de pesquisa	33
1.1 Tabu da Morte	33
1.2 “Quando a indesejada das gentes chegar”: o aprendizado da morte entre o argumento poético e o argumento político.....	39
1.3 A morte é uma festa.....	50
1.4 A Medicinalização da Morte.....	55
1.5 O Império do pensamento francês sobre a Morte: a resposta francesa.	60
1.5.1 Philippe Ariès e o desenho do itinerário da morte no Brasil.....	64
1.5.2 A Religião como resposta: perguntas invariantes em todo tempo e lugar.	69
2 A ciência da religião diante da morte	75
2.1 A interdisciplinaridade: uma comparação entre as trajetórias da História e da Ciência da Religião.....	93
2.1.1 A Escola dos Annales: o ofício interdisciplinar do historiador.	93
2.2 Os <i>Reis Taumaturgos</i> : um exemplo de história interdisciplinar	95
2.3 A Ciência da Religião e seu percurso interdisciplinar	96
2.4 Algumas observações: é impossível não falar da Teologia e o seu Diálogo com a Ciência da Religião.	98
2.5 Crítica ao modelo de ciência.....	101
2.6 O que a Medicina dizia a respeito da Morte?.....	108
2.7 A medicina em busca do ideário do <i>Bem Morrer</i>	113
3 Entre a pegagodia do medo e o <i>bem morrer</i> : os manuais de bem morrer e a expressão de invariantes sobre a morte.....	119
3.1 Apresentação dos Manuais do Bem Morrer.....	126
3.1.2 O contexto dos manuais: grande elenco no roteiro da chamada Modernidade.	129

3.2	Os caminhos do Bem Morrer: roteiro de respostas a perguntas invariantes diante da morte.....	134
3.2.1	Ninguém deve morrer sozinho: a preocupação com o último instante	134
3.2.2	Morremos porque somos pecadores	139
3.2.3	Na busca pela vida eterna: são as ações que mobilizam a Misericórdia de Deus	143
3.2.4	O Exame de Consciência: no roteiro da busca pela salvação, ter discernimento é fundamental.....	148
3.3	Uma linhagem inaciana: os manuais como exercícios de bem morrer e sua atualidade.	150
4	O <i>Inneclesiamento</i> da morte.....	155
4.1	A morte como acontecimento: as sutilezas da <i>Boa Morte</i>	155
4.2	<i>Inneclesiamento</i> : entre a Eclésia e o Cemitério	158
4.2.1	<i>Inneclesiando</i> a vida: a formação do espaço espiritual e territorial.....	161
4.2.2	Em Pinhal: o <i>inneclesiamento</i> do Espírito Santo.	162
4.2.3	O <i>inneclesiamento</i> da morte na longevidade <i>do bem morrer</i>	170
4.2.4	História Oral e Oralidade.....	173
4.3	O itinerário da morte.....	175
4.3.1	As memórias da morte.....	175
4.3.2	Os velórios: um acontecimento comunitário	179
4.3.3	O luto	182
4.3.4	A força da memória e o apaziguamento da morte	183
4.3.5	Não há tabu diante do ideário de <i>bem morrer</i> : existem apenas delicadezas divinas.....	184
4.4	Entre tempos e lugares da morte têm muito em comum: banhos, mortalhas e procissões.....	188
4.6	A força dos costumes para morrer.....	194
4.7	O <i>inneclesiamento</i> confrontando a secularização	200

CONSIDERAÇÕES FINAIS	204
Anexo I	210
Anexo II	407

INTRODUÇÃO

O ano de 2018 marca o centenário do final da Primeira Guerra Mundial e, ao mesmo tempo, os 80 anos da invasão da Tchecoslováquia pelos alemães em 1938, episódio que pode ser considerado o grande ensaio militar que deu início à Segunda Guerra Mundial, apesar de que, oficialmente a cronologia indica que a mesma começou em 1939, com a declaração de guerra oficial feita por Adolf Hitler.

Cronologias a parte, esses dois eventos marcaram profundamente a História do século XX e foram motivados por inúmeras razões políticas, geopolíticas, sociais, religiosas e econômicas. Essas duas guerras demonstraram à humanidade a nossa capacidade de extermínio em massa. Apesar dos dados a respeito do número de mortos entre a Primeira e a Segunda Guerra serem imprecisos, uma matéria publicada pelo jornal *O Estado de São Paulo* em função do primeiro centenário da Primeira Guerra Mundial aponta para 5 milhões de mortos — entre civis e militares — em 4 anos de conflito. Essa mesma matéria traz depoimentos de soldados que estiveram no front, como o de Joseph Caillat, soldado 54º batalhão de artilharia do exército francês:

Nós marchamos para frente, os alemães recuaram. Atravessamos o terreno em que combatemos ontem, crivado de obuses, um triste cenário a observar. Há mortos a cada passo e mal podemos passar por eles sem passar sobre eles, alguns deitados, outros de joelhos, outros sentados e outros que estavam comendo. Os feridos são muitos e, quando vemos que estão quase mortos, nós acabamos o sofrimento a tiros de revólveres (Disponível em <http://infograficos.estadao.com.br/especiais/100-anos-primeira-guerra-mundial/> Acesso em 18/03/2018).

A cena é inimaginável: pessoas mortas e outras em agonia cujo sofrimento é abreviado pelos próprios companheiros, num ato justificável de compaixão. A morte é a contabilidade de uma guerra, matar o soldado inimigo ou o seu companheiro de artilharia não é considerado assassinato e valores éticos e morais temporariamente são suspensos em função dos interesses de pessoas que não estão e nunca estariam no front da batalha.

Em outra matéria sobre guerras e mortos, a revista *Superinteressante*¹, em seu blog, numa seção chamada Superlistas, publicou uma lista chamada de “Os 12

¹ Disponível em : <https://super.abril.com.br/blog/superlistas/os-12-conflitos-armados-que-mais-mataram-pessoas/>. Acesso em 18/03/2018.

Conflitos Armados que mais mataram pessoas". Esta lista está organizada de maneira decrescente e curiosamente o 12º conflito armado que mais matou pessoas na história da humanidade foi a Guerra dos 30 Anos (1618/1648) entre católicos e protestantes que, de acordo com as informações da revista, contabilizou 3 milhões de mortos.

No entanto, o primeiro lugar deste ranking é ocupado pela Segunda Guerra Mundial em que, de acordo com os dados apresentados pela revista, estima-se que morreram entre 40 e 72 milhões de pessoas, ou seja, entre 4 ou 7 vezes a população de um país como Portugal².

Em 2015, no Brasil, morreram 59.080 pessoas vítimas da violência, de acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Estas informações se encontram no Atlas da Violência que mapeia os homicídios ocorridos no Brasil e é o resultado de um estudo realizado pelo IPEA e pelo Fórum de Segurança Pública. Entre outras informações, a pesquisa aponta que as principais vítimas da violência no país são os jovens e negros.

Assim, no Brasil ou em qualquer parte do mundo, a morte é parte inerente do cotidiano como realidade, como estatística, como informação, como notícia, como curiosidade. Enfim, a morte está presente e pode ser categorizada, analisada, informada, transformada em porcentagem e, portanto, pode ser mensurada. Mas, essencialmente, a morte nos coloca a refletir sobre o que somos, orienta — mesmo que implicitamente — nossos comportamentos ao ameaçar constantemente a nossa existência e acaba por nos conduzir a atribuir-lhe múltiplos significados.

Destas tragédias humanas que a morte revela no mundo contemporâneo podemos auferir alguns significados, mas o fundamental é que a morte não é um tabu, pois falamos o tempo todo sobre a morte, pensamos sobre ela como um problema social, político, econômico, existencial, religioso, traumático, como uma questão de segurança pública.

Provavelmente, há milhões de anos o homem habita este planeta e há milhões de anos pessoas morrem todos os dias. Não há nada mais cotidiano do que a morte, a não ser o nascimento, mas deste não temos a mesma certeza que a morte, pois existem inúmeros mecanismos de se evitar um nascimento, mas nenhum mecanismo eficiente para se evitar a morte.

² De acordo com o site countrymeters a população de Portugal é atualmente 10.227.303 de pessoas. (Disponível em : <http://countrymeters.info/pt/Portugal> . Acesso em 18/03/2018)

Assim, a morte é essencialmente **o acontecimento** da vida humana, marca cronologias, ciclos e períodos e, portanto determina o impreciso tempo de nossa existência e, por mais paradoxal que seja a ideia de determinar-se a imprecisão, a morte sintetiza e simboliza essa função ontológica. Sendo assim, a morte é um dado biológico, natural, social, filosófico, econômico, político, religioso, antropológico, histórico e todas as suas expressões podem assumir as mais variadas categorias, classificações e conceituações que podemos e somos capazes de imaginar. Poderíamos, então, resumir a morte como pluralmente humana.

O antropólogo Eduardo Viveiros de Castro³, no ano de 2009, proferiu a palestra *A morte como quase acontecimento* no espaço Café Filosófico que é fomentado pela Companhia Paulista de Força e Luz (CPFL). A proposta daquele módulo foi apresentar inúmeras falas e narrativas sobre a morte como acontecimento por meio da visão das Ciências Sociais e da Filosofia. Neste contexto em especial, o antropólogo escolheu uma temática estimulante para tratar a morte: a premissa foi abordá-la como **um “quase” acontecimento**.

Seu argumento central é que a morte do outro é um acontecimento, mas que morte do eu é um “quase” acontecimento, pois, quando ela se efetiva como tal, o sujeito não tem como narrá-la, pois está morto. Deixando de lado o jogo de palavras, a ideia antropo-filosófica contida na proposição nos interessa ao trazer para a nossa abordagem a cosmovisão indígena demonstrada por Viveiros de Castro sobre a vida, a morte e o papel do morto nessas sociedades.⁴

Sob esta perspectiva, o papel crucial da morte para os povos indígenas é a definição de sua humanidade, que, neste caso, constrói-se a partir da negação. A morte nega vida e, como tal, define para os indígenas os parâmetros do que é estar vivo, do que é ser vivo. Em última instância, o morto deixou a vida, desapareceu da presença dos vivos e, por isso, conviver com a sua presença significa o mais absoluto terror, pois essa convivência expressa o paradoxo da existência.

Viveiros de Castro, a partir do diálogo com as experiências indígenas diante da morte, foca sua atenção na questão no acontecimento ou, no caso da morte, do quase

³ Castro, Eduardo Viveiros. A morte como quase acontecimento. Palestra proferida em 16 de Outubro de 2009 no Espaço CPFL de Cultura. Acesso em 01 de março de 2017 <http://www.institutocpfl.org.br/cultura/>

⁴ Obviamente por se tratar de uma conferência os povos indígenas são tratados de forma genérica sem especificar esta ou aquela nação, este ou aquele tronco-linguístico.

acontecimento. Assim, a morte é definidora de acontecimento, e uma ideia que o antropólogo traz para a discussão é o texto de Jorge Luís Borges *O imortal*, que trata da narrativa de um mundo onde as pessoas não morrem e, portanto, um mundo onde nada **acontece**, pois na eternidade não existe o vir a ser, não existe o devir e assim os imortais construídos por Borges são seres os quais perderam o interesse pela vida.

Mas, diferentemente da ideia de quase acontecimento, queremos tratar da morte como um acontecimento, na verdade não um, mas o acontecimento e não qualquer acontecimento, mas o acontecimento religioso que produz memória, demonstra processos e aponta caminhos suscitando rupturas e permanências e o fundamental: a morte possibilitando ao homem o devir, o vir a ser, nesse ou em outro mundo. Portanto, a morte tem valor de signo de transformação e, ao mesmo tempo, de acomodação da condição humana.

O filósofo Michel Foucault, no livro *O que é iluminismo?*⁵, ao discutir com Emanuel Kant sobre a noção de acontecimento e transformação no interior da história da humanidade, afirma que não é suficiente que se siga a trama teleológica que a ideia de progresso torna possível. Nesse caminho é fundamental encontrar e isolar no interior da história um acontecimento que tenha valor de signo e, neste sentido, aponta a revolução como signo.⁶

Por isso, partirmos da ideia de que a morte é um acontecimento sempre atual, que cria, recria e “arranca” a obrigatoriedade do ser humano estabelecer um eterno diálogo com ela e este diálogo define a essência da sua humanidade com a essência de sua existência, ao buscar por um ou por inúmeros sentidos da vida, esse diálogo com a morte que se desenrola através do tempo e que é com toda certeza o mais produtivo diálogo que o ser humano pode travar individual e coletivamente consigo mesmo e com o mundo que o cerca. Portanto, a morte tem o valor de signo para a humanidade.

Assim, entre outras coisas, consideramos que desse diálogo resulta a invenção da morte como acontecimento religioso, fundamentalmente uma questão da criatividade de sujeitos produtores dessa invenção acompanhados por sujeitos

⁵ Sabemos que Michel Foucault está criticando modelos de pensamento que trabalham com percursos pré-estabelecidos, no entanto, consideramos de signo de transformação fundamental para entendemos como as formulações religiosas dão conta das rupturas provocadas pela morte.

⁶ Foucault, Michel. *O que é iluminismo?* in: Carlos Henrique Escobar (org.). Dossiê. Rio de Janeiro: Taurus, 1984.

reprodutores, é um movimento de ação humana que por meio e a partir desse movimento e da mediação de símbolos religiosos elaboram processos explicativos sobre o acontecimento. Por isso, fundamentamos nossa análise na afirmação do antropólogo Maurice Godelier de que as religiões, sejam religiões de salvação como o cristianismo ou religiões de libertação como o budismo, constituem um arcabouço fundamental para responder **perguntas invariantes** que a humanidade se faz diante do enfrentamento da morte.

Invariantes são esquemas de pensamento aos quais se encontram associadas normas de conduta, práticas e instituições que prolongam esses esquemas e extraem deles seu sentido. Após o exame dos dados, a constatação foi de que um certo número de esquemas e normas de conduta se encontram presentes e atuantes nas cartoze sociedades. Tudo acontecia como se existisse uma base comum a todas as concepções de morte, para além de suas diferenças ou por meio delas.⁷

Especificamente, tratamos nesta tese das experiências católicas em torno da morte que a elaboram como um acontecimento inserido no contexto de um processo de *inneclesiamento*. Este processo, em nossa perspectiva, caracteriza a formação da sociedade brasileira e, por meio desta referência, dessa cosmovisão, produz-se memória sobre a morte, produz-se história sobre a morte e se produz sentido sobre a vida em torno do que chamamos de *ethos* religioso católico brasileiro.

Chegamos a esta constatação por meio da pesquisa que trata da presença marcante do acontecimento da morte como acontecimento religioso vivido coletivamente na cidade de Espírito Santo do Pinhal (SP). A morte é parte do cotidiano dessa sociedade que a vive em torno de uma série de mobilizações de categorias religiosas, uma religiosidade predominantemente católica que está no cerne da formação social. Por isso, trata-se de sua historicidade por meio do conceito de *inneclesiamento* partindo da ideia de que a vida em torno da *Eclésia* produz territórios materiais e espirituais que *ordenam a vida social*.

O processo de *inneclesiamento* é um conceito desenvolvido pelo historiador francês Michel Lauwers⁸ em seu trabalho *O Nascimento do Cemitério: lugares sagrados e terra dos mortos no ocidente medieval*. Neste livro, sua tese central é

⁷ Godelier, Maurice. (org) Sobre a Morte: invariantes culturais e práticas sociais. São Paulo: Edições Sesc. 2017, p. 12

⁸ Lawers, Michel. O Nascimento dos Cemitérios: Lugares Sagrados e terra dos mortos no Ocidente Medieval. Campinas(SP): Editora Unicamp. 2015.

demonstrar que, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, o ocidente europeu, principalmente a parte setentrional da Europa, construiu-se a partir de três elementos fundamentais: o local de culto, a zona funerária e o *habitat*.

Mantendo toda a distância possível entre o mundo europeu e a vida colonial na América, sem nos esquecermos de que fomos colonizados por um país da Europa Setentrional, o conceito de *inneclesiamento* pode ser manejado para ajudar a compreender os processos pelos quais a Igreja Católica gradativa e cotidianamente tornou-se referência na produção **de modelos de e para a vida**, sintetizando uma cosmovisão da vida e da morte no Brasil, e demonstramos esse processo a partir da análise da formação de Espírito Santo do Pinhal no interior de São Paulo.

Mas, ao mesmo tempo, trabalhamos o conceito do ponto de vista da história comparada, pois esse processo no Brasil se deu de forma similar aos das narrativas de Lauwers em relação ao caso da Europa Ocidental. Aqui no Brasil, a Igreja Católica foi também uma instituição que, durante o século XIX⁹, teve importância estratégica para a legitimidade do poder de Estado atuando como seu braço burocrático e político ao mesmo tempo em que cumpria o complexo papel referência espiritual acomodando a vida social.

Nesse sentido, considero o trabalho de Maria Lúcia Montes (1992) *Figuras do Sagrado entre o público e o privado na religiosidade brasileira* como uma referência na tentativa de abordar a religiosidade no Brasil para além das fronteiras do modelo de dominação/controle. A autora considera a produção do ethos religioso brasileiro a partir das referências da religiosidade barroca que se torna o ponto de contato entre cristãos, indígenas e africanos fundamentalmente no processo de produção da vida pública.

Os estudiosos das religiões sempre reconheceram, no Brasil, desde os tempos coloniais, a curiosa mistura por meio da qual uma Igreja Católica plenamente atuante na vida pública graças a seus vínculos com o Estado, capaz de promover a legitimidade do poder a economia moral da propriedade privada, ainda que esta se referisse a outro ser humano, o escravo, foi igualmente capaz de acomodar-se ao ethos da sociedade em que se inseria e assim, incorporar sistemas de crenças particularistas e locais, adaptar-se a devoções de cunho privado e mesmo incentivá-las, como no caso das confrarias e irmandades, ou criar práticas religiosas de caráter intimista, como

⁹ Essa importância da Igreja Católica é desde o período colonial sem dúvida alguma, mas nosso recorte temporal é o século XIX a partir da independência do Brasil.

se traduz, por exemplo, nos ex-votos populares encontrados por todo o país.¹⁰

De acordo com Maria Lúcia Montes, o ethos religioso brasileiro se consuma a partir da produção de uma Igreja Católica que incorpora e se acomoda perante outros sistemas de crenças com o qual se defronta no Brasil. Essa consumação, para a autora, se expressa por meio da festa.

Mas esse catolicismo, cujo ethos barroco aqui se reinventa, na distância da metrópole, a organização corporativa dos ofícios ou das devoções e a lassidão que a natureza dos trópicos e o convívio com índios e negros escravos propiciam, é também o que escande no plano do sagrado a vida pública por meio da festa, forma imprescindível de legitimação do poder e de incorporação desses diferentes estoques étnicos e culturais que aqui se confrontam e aos poucos se fundem, num Brasil em formação¹¹.

Por conseguinte, procuramos nesta tese ampliar o conceito de *innclesiamento* agregando a esse conceito uma série de práticas. A primeira delas é o elenco de respostas elaboradas diante da morte por meio dos ritos católicos e da memória histórica destes ritos; como subjacente a esse elenco de respostas elaboradas e formuladas historicamente percebemos a presença da longevidade do ideário *do bem morrer* que, apesar de ter sido construído entre os séculos XVII e XVIII, transformou-se, por meio de manuais escritos por religiosos e uma rede de comunicação oral, um modelo de morte no Brasil.

A morte *innclesiada* como acontecimento religioso.

A interpretação coletiva da morte é uma experiência construída historicamente por meio da troca entre saberes e conhecimentos e crenças que gradativamente ao longo da História do Brasil passaram a ser denominadas como religiosidade. Assim, essas experiências podem constituir-se em um campo de pesquisa que nos permita compreender o papel importantíssimo que a denominada religião ou religiões desempenharam nas formulações e elaborações do sentido da morte e do morrer no Brasil.

Como qualquer realidade humana, também a realidade das religiões revela — na história milenar por nós conhecida —, junto com a mudança contínua de ritos, crenças, de formas sociais religiosas, a persistência de estruturas e

¹⁰ Montes, Maria Lúcia. *Figuras do Sagrado: entre o público e o privado na religiosidade brasileira*. São Paulo: Claro Enigma. 2012, p. 48

¹¹ Ibidem, p. 51

comportamentos: dos mitos aos processos simbólicos, que desafiam o resgate do tempo e a devastadora relativização do próprio devir histórico.¹²

Sob esta perspectiva, entendemos o papel da Igreja Católica no Brasil, principalmente no que concerne à produção de um elenco de respostas sobre a morte em torno do ideário do *Bem Morrer* e aqui dialogamos com o antropólogo americano Clifford Geertz, a partir de duas ideias desenvolvidas por ele no livro *A interpretação das culturas*¹³. A primeira delas é sua compreensão de ethos como uma forma de agir e ver o mundo, portanto, uma cosmovisão que diz respeito ao papel que as religiões desempenham na vida social, criando modelos de e para o enfrentamento do mundo. No caso desta tese, trabalhamos com a hipótese de que a prática religiosa informada pelo ideário do *Bem Morrer* produziu modelos **de e para** o enfrentamento da morte.

Essa cosmovisão produzida pelo *innclesiamento* se expressa na vida cotidiana, na memória e na história da população de Espírito Santo do Pinhal (SP), que não traz nenhuma excepcionalidade em seus relatos. Ao contrário, é a regularidade dos relatos sobre a morte, seus ritos e sentidos que faz com possamos aproximá-los de outros relatos sobre os ritos e sentidos atribuídos à morte em torno do ideário do *Bem Morrer*. Assim, podemos comprovar nossa hipótese de que, no cotidiano do século XX, apesar de todo o projeto de modernidade e secularização da sociedade, o *Bem Morrer* é uma lição que não foi esquecida.

No primeiro capítulo, apresentamos o conhecimento acadêmico produzido em relação à morte que se propõe, via de regra, a analisar os momentos de ruptura do comportamento da sociedade brasileira em relação à morte sendo que o mais significativo é o binômio denominado de modernidade/secularização pelo qual passou sociedade brasileira, que imprimiu à morte e ao sentido do morrer outra configuração baseada na produção da memória do indivíduo, na privatização dos costumes mortuários e num crescente esvaziamento de seus sentidos religiosos.

De acordo com esta bibliografia, tal transformação foi suscitada pelos projetos de modernização da sociedade brasileira a partir do último quartel do século XIX. Este projeto de modernidade colocou em questão, simultaneamente, o regime de governo monárquico, o regime de trabalho escravo e o papel do catolicismo como religião de Estado via o sistema de padroado. Sem dúvida alguma, um momento político crucial

¹² Filoromo, Giovani e Prandi, Carlo. *As Ciências das Religiões*. São Paulo: Paulus, 1999. pp. 17-18.

¹³ Geertz, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Ed. LTC. 2015

na história brasileira, tendo em vista que é neste contexto também que se produz a instrumentalização da ciência pela política.

A produção acadêmica reconhece a presença das crenças religiosas nas formulações e elaborações das experiências com a morte e seu enfrentamento pela sociedade brasileira. No entanto, centra sua abordagem apenas sobre a perspectiva desse processo, ora como mecanismo de controle social instrumentalizado pela religião hegemônica, no caso da Igreja Católica, como uma forma de impor essa hegemonia perante os indivíduos e a sociedade, ora tratam essas formulações como uma forma de resistência das crenças subordinadas à hegemonia católica.

Em torno dessa perspectiva, emerge um universo analítico sobre os sentidos da morte e do morrer no Brasil centrado na denominada “pedagogia do medo”, que se constituiu e se consolidou entre os séculos XVIII e XIX, cujas fontes fundamentais de informação são os Manuais de Bem Morrer e sua instrumentalização pela cultura testamentária brasileira.

Essa produção acadêmica sobre a morte é profundamente influenciada por trabalhos na área da historiografia que acabou por ser a referência para a produção de outros trabalhos como em Ciência da Religião. Não temos dúvida de que essas análises expressam e representam uma parte significativa das relações entre a Igreja Católica com a sociedade brasileira no que diz respeito às elaborações mortuárias.

No entanto, consideramos essa abordagem restritiva em relação a um assunto multi e interdisciplinar como é a morte, principalmente quanto a ênfase dada no controle social da Igreja Católica, análise é recorrente principalmente por parte da historiografia brasileira. No caso da historiografia brasileira, temos, desde a década de 1980, uma lenta e gradual transição dos trabalhos de orientação marxista que privilegiavam uma visão economicista da sociedade brasileira, focando em estudos sobre a produção econômica e conflitos da classe, para trabalhos cuja referência é a Escola dos Annales¹⁴ e modelo de análise que esta escola institui, propondo abordagens históricas além da leitura econômica da organização da vida social.

Os Annales como bem demonstra o historiador Peter Burke revolucionaram a historiografia ao apresentar a possibilidade de novos objetos e novos métodos para investigação histórica. Entre os novos objetos, podemos citar o medo, as paixões, o

¹⁴ Burke, Peter. A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos Annales. (1929-1989). São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista.1991.

cheiro, a infância, enfim, as relações cotidianas que permeiam a vida social. Em relação aos métodos, a historiografia passou a privilegiar uma prática antiga que é narrativa, descrições mais elaboradas dialogando com a etnografia, como também, passou a se apropriar dos métodos da sociologia e da demografia. A palavra-chave palavra chave desse universo epistemológico é interdisciplinaridade.

A influência profunda dos *Annales*¹⁵ no pensamento historiográfico brasileiro norteou toda uma geração de historiadores, no que diz respeito aos estudos sobre religião, religiosidades e, principalmente, sobre a morte em que o modelo analítico francês, seguido pela historiografia brasileira categoriza-as no interior do campo da História das Mentalidades um desdobramento do movimento dos *Annales* iniciado nos anos de 1930 e se faz marcante por historiadores como Phillippe Ariès, Michel Vovelle para citar dois historiadores que se debruçam sobre a temática da morte.

Foi realmente um historiador da geração de Braudel que despertou a atenção pública para a história das mentalidades, através de um livro notável, quase sensacional, publicado em 1960. Philippe Ariès era um historiador dilettante, “um historiador dominguero”, como ele próprio se chamava, que trabalhava num instituto de frutos tropicais, devotando seu tempo de lazer à pesquisa histórica. Demógrafo histórico por formação, Ariès veio a rejeitar a perspectiva quantitativa (da mesma maneira que rejeitou outros aspectos do mundo burocrático-industrial moderno). Seus interesses direcionaram-se para a relação entre natureza e cultura, para as formas pelas quais uma cultura vê e classifica fenômenos naturais tais como a infância e a morte.¹⁶

Isso não significa um mal estar da historiografia, pois acreditamos que, do ponto de vista da conformação do conhecimento histórico no Brasil, é esta a História que temos a contar. No entanto, temos que se levar em consideração que há uma absorção do pensamento europeu e forma como os europeus concebem o papel das religiões, da religiosidade e sua gerência na produção de sentidos sobre a morte. Resumindo, a ideia da “pedagogia do medo” é uma forma europeia de pensar.

A construção desse conceito está profundamente vinculada à crítica que as Ciências Sociais e, antes dela, a Filosofia Iluminista, desenvolveram em relação aos poderes da Igreja Católica no ocidente europeu. Sem dúvida, muitos poderes dessa

¹⁵ Esta linha historiográfica define-se por aquilo que examina em primeiro plano nas sociedades humanas: o modo de pensar e de sentir dos seres humanos. Busca-se, com a História das Mentalidades, identificar o que todos os seres humanos de uma mesma época teriam em comum. Haveria uma “mentalidade coletiva”? Lucien Febvre perguntava-se se existiriam modos de sentir e de pensar que fossem comuns a Cristóvão Colombo e ao mais humilde marinheiro de suas caravelas. Esta pergunta foi retomada a partir dos anos 1960, e começa a se formar mais claramente esta nova modalidade da História a partir de autores como Philippe Ariès.

¹⁶ Burke, Peter. Op. Cit. p. 57

Igreja Católica colonizadora foram construídos também no Brasil desde o período colonial e perpassaram nossa vida social. No entanto, é a nossa preocupação o império desse modelo que, por vezes, limita outras abordagens acerca dos estudos sobre a morte e o morrer no Brasil, pois tivemos e temos uma vida religiosa e/ou de sistemas de crenças muito particular, uma religiosidade que transitou entre o público e o privado.

O medo diante da morte é praticamente o dado universal. As religiões como a Católica enfrentam o medo da morte, como também apontam caminhos no sentido da superação da morte ao falar da eternidade da alma, do acolhimento do morto em torno da elaboração da ideia da misericórdia divina, expressando sua preocupação com os últimos instantes da vida humana, uma questão crucial e existencial profunda e foi fundamentalmente esse universo explicativo religioso se produziu em torno do ideário de *Bem Morrer* se desenvolve no Brasil paralelamente à *Pedagogia do Medo*.

Sendo assim, buscamos trazer outras questões para relação entre a morte e a religião a partir de um diálogo com a antropologia e por isso corroboramos com a ideia de Maurice Godelier que em relação à morte existem perguntas invariantes cujas respostas só podem ser elaboradas a partir e por meio de universos religiosos, compreendidos como visões de mundo e em função dessa afirmativa buscamos os trabalhos em Ciência da Religião nossa área de conhecimento para o diálogo com as invariantes perguntas sobre a morte.

No segundo capítulo, tratamos da produção da Ciência da Religião em torno da morte e a partir de dois diálogos com a historiografia e a psicologia esses dois campos do pensamento em Ciências Sociais são importantes referencias para os trabalhos em Ciência da Religião cuja temática é a morte apontando caminhos explicativos a respeito dos sentidos da morte e do morrer no Brasil para os cientistas das religiões, chegamos a essa consideração elaborando um quadro dos últimos 10 anos de produção científica em Ciência da Religião no Brasil, buscando justamente compreender o perfil teórico e temático das dissertações e teses de doutorado que se debruçaram sobre o tema da morte.

Para tanto, selecionamos sete Programas de Pós-Graduação em Ciência da Religião elencados como amostragem (UFJF, PUC/SP, PUC/Minas, UFPB, Universidade Metodista de São Paulo e Universidade Mackenzie) estes programas além de ser referência para a Ciência da Religião em âmbito nacional e internacional,

são programas bem conceituados no processo de avaliação da Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Esses programas juntos produziram 598 trabalhos de mestrado e doutorado, entre os anos de 2012 a 2016, sendo que somente 12 destes trabalhos tratavam da relação direta entre morte e religião um número pequeno em relação ao volume de trabalhos produzidos. Dessa forma, passei a ampliar o recorte temporal e verificar a mesma produção nestes Programas de Pós-Graduação em Ciência da Religião no período entre 2007 e 2011.

Entre 2007 e 2011, os mesmos sete Programas de Pós-Graduação em Ciência da Religião produziram 709 trabalhos, entre mestrado e doutorado, sendo que a produção de trabalhos especificamente sobre a morte e sua relação com a religião foi praticamente a mesma: 15 trabalhos. Ou seja, dois a mais que o primeiro quinquênio pesquisado, sendo assim do ponto de vista quantitativo os trabalhos relacionados à morte em Ciência da Religião não representam um número expressivo em relação ao número total de teses e dissertações produzidas em uma década.

Entretanto, buscamos também alinhar esses trabalhos do ponto vista qualitativo que podem ser agrupados em duas grandes linhas. Na primeira, estão trabalhos que tratam da morte e religião do ponto de vista da história social e antropologia; na segunda, estão aqueles que tratam da morte e suas expressões religiosas do ponto de vista da psicologia.

O primeiro grupo segue a linhagem de abordagem presente nos trabalhos de José Carlos Rodrigues (1983), João José Reis (1991) e Claudia Rodrigues (2005) e são trabalhos muito próximos da produção historiográfica ligada à história das mentalidades abordando a morte a partir das transformações ou não transformações na mentalidade religiosa coletiva tendo por recorte os processos de secularização social.

Os trabalhos na área de psicologia da religião também tratam a morte sob a ótica de seu enfrentamento religioso a partir experiências vividas que inserem na perspectiva dos indivíduos e sua compreensão da morte, suas estratégias de enfrentamento sobre forma de mobilização dos elementos religiosos ou sistemas de crenças que contribuem para atribuições de sentido a este processo de enfrentamento.

Em torno desse quadro elaboramos uma reflexão crítica a respeito da metodologia em Ciência da Religião e seu diálogo interdisciplinar, na medida em que

pudemos perceber pela análise de alguns trabalhos sobre a morte que há uma tendência também entre os cientistas da religião em replicar o modelo analítico que criticamos no primeiro capítulo da tese.

A partir dessa constatação, apresentamos a possibilidade da Ciência da Religião avançar no pensamento sobre o sentido da morte e do morrer no Brasil, focando na autonomia do pensamento religioso e tendo como ponto de partida a releitura dos Manuais de Bem Morrer, como documentos religiosos que propõe uma profunda reflexão sobre a morte e sobre a vida em termos existenciais para além da “pedagogia do medo”, trazendo neste contexto o ideário do *Bem Morrer* como uma visão de mundo característica do ethos católico brasileiro.

Por isso, no terceiro capítulo desta tese, iremos tratar do contexto e dos elementos textuais que constituem uma base comum de representações e práticas mortuárias no Brasil que foram sistematizadas nos manuais de *Bem Morrer*, abordando-os como um sistema explicativo que expressa e que responde às perguntas invariantes sobre a morte nos termos apresentados pelo antropólogo francês Maurice Godelier.

Assim, na primeira parte do terceiro capítulo, contextualizamos como estes textos se inserem historicamente no projeto de reestruturação do catolicismo em função da crise suscitada pela Reforma Protestante na Europa Ocidental, esse sistema explicativo se desenvolveu entre duas ideias diferentes e complementares: o medo da morte e o desejo de bem morrer.

Apesar desse universo explicativo exibir-se das mais variadas formas, estética, ética, política — ideológica¹⁷, escolhemos as formulações religiosas presentes em manuais de *Bem Morrer* que expressam sistematicamente esta dicotomia entre o medo e a busca de uma boa morte inseridos na ideia de que, por meio da educação religiosa que ensina o manejo de seus símbolos, é possível dominar o medo e alcançar uma boa morte.

¹⁷ Cf. Rodrigues, Claudia. Nas Fronteiras do Além : a secularização da morte no Rio de Janeiro séculos XVIII e XIX.(2005) p. 53. No contexto dos temas que vimos analisando até o momento, a *ars moriendi* significava uma resposta àquela ansiedade dos indivíduos diante da morte, incentivada por pregadores. Desenvolvida entre os séculos XIV e XV, ela representou um gênero de literatura devocional, composto por textos e imagens que procuravam ensinar os cristãos a se preparam para uma boa morte. Agiram como uma “certa forma de cristianização”, apresentando-se como modelo que propunha ensinar o fiel – como uma espécie de cartilha- os passos para o seu momento derradeiro.

Dessa forma, esse projeto educativo para a boa morte se insere no projeto catequético jesuítico¹⁸ que foi tão caro ao contexto da Reforma e Contrarreforma. Os documentos que analisamos são: *Breve Aparelho e Modo Fácil para Ensinar a Bem Morrer um Cristão* de autoria do padre jesuítico Estevam de Castro (1626)¹⁹, *Escola de Bem Morrer* do padre Antonio Maria Bonucci (1695)²⁰ e *Breve Direção para o Santo Exercício da Boa Morte* do padre José Aires (1726)²¹. Esses manuais foram escritos entre os séculos XVII e XVIII são paradigmáticos para todos os pesquisadores que procuram compreender os sentidos da morte e do morrer no cotidiano da sociedade brasileira.

Adotamos como procedimento metodológico construir a leitura dos três manuais por meio de um diálogo em torno das perguntas invariantes sobre a morte elencadas pelo antropólogo Maurice Godelier. Com isso, queremos demonstrar que o ideário do *Bem Morrer* se produz em torno dessas perguntas e, mais que isso, alcançou sua longevidade na mentalidade religiosa católica brasileira justamente por responder a perguntas invariantes.

Fato, também, que nos coloca diante da perspectiva de mostrar a historicidade que envolve a produção dos Manuais de Bem Morrer, sua disseminação no Brasil por meio de uma rede de comunicação fundamentalmente vinculadas à atuação das Irmandades Religiosas, que, apesar de terem “desaparecido”, criaram materialmente

¹⁸ Serafim, João Carlos G. A ideia do *Quotidio Morior* nas Artes Moriendi Jesuítas na Idade Moderna – *A Satisfaçam de Agravos* do Padre João da Fonseca, S.J. In: *Via Spiritus* 15 (2008). 35-52; Vasconcelos, Simão de. *Chronica da Companhia de Jesu do Estado do Brasil*. Lisboa, 1765.

¹⁹ Castro, Estêvão de, S.J. fl. 1575-1639, Breve aparelho, e modo facil pera ajudar a bem morrer hum christão, com a recopilação da materia de testamentos & penitencia, varias oraçoes devotas, tiradas da Escritura Sagrada, & do Ritual Romano de N. S. P. Paulo V. / Composto pelo Padre Estevão de Castro... - Acrecentado nesta seguda impressão pelo mesmo autor. - Em Lisboa : por Mattheus Pinheiro : a custa de Adrião de Abreu, 1627. - [16], 241, [i.é 221], [3] f. ; 8º (15 cm). Disponível em www.bnportugal.pt Acesso em 20 de Abril de 2016.

²⁰ Bonucci, Antonio Maria, S.J. 1651-1728, *Escola de bem morrer aberta a todos os Christãos, & particularmente aos moradores da Bahia nos exercícios de piedade, que se practicaõ nas tardes de todos os Domingos pelos Irmãos da Confraria da Boa Morte, instituida com autoridade Apostolica na Igreja do Collegio da Companhia de Jesu / dedica-a o P. Antonio Maria Bonucci da mesma Companhia ao Capitam Bento Pereira Ferraz.* - Lisboa : na Officina de Miguel Deslandes Impressor de Sua Magestade, 1701. - [16], 199, [1] p. ; 8º (15 cm) Disponível em www.bnportugal.pt Acesso em 20 de Abril de 2016.

²¹ Aires, José, S.J. 1672-1730, *Breve Direcção para o santo exercicio da Boa Morte : que se pratica nos Domingos do anno na Igreja dos Padres da Companhia de Jesus do Collegio da Bahia : instituido com autoridade Apostolica, em honra de Christo Crucificado, e de sua Mão ao pé da Cruz, para bem, e utilidade dos Fieis... / pelo Padre, que actualmente tem a seu cargo este Santo Exercicio .* - Lisboa Occidental : na Officina da Musica, 1726. - [16], 102 p. ; 8º (15 cm) www.bnportugal.pt Acesso em 20 de Abril de 2016

a possibilidade da instituição de práticas e rituais em torno da morte que atravessam o tempo. Na verdade, as Irmandades Religiosas interpretaram os Manuais de Bem Morrer e, com certeza, é por meio delas que se produziu um jeito brasileiro de morrer.

Em Minas, o culto a Nossa Senhora da Boa Morte começou no primeiro quartel do século XVIII. A primeira irmandade dedicada à santa estabeleceu-se em 1721 na freguesia de Antônio Dias, em Vila Rica (Ouro Preto); a segunda, em 1730, na freguesia de Nossa Senhora de Nazareth da Cachoeira (Cachoeira do Campo), e a terceira, por volta de 1734 na freguesia de Nossa Senhora do Pilar de São João Del Rey.

Com o objetivo de ensinar Teologia Moral e formar padres capazes de ajudar a população a “bem morrer”, o bispo D. Frei Manoel da Cruz inaugurou em 1750 o Seminário da Boa Morte em Mariana, estimulando a devoção à Virgem Jacente. Quatro anos depois, iniciou-se uma gradativa proliferação de irmandades com esta invocação. Mesmo nos lugares onde não foram criadas irmandades, havia devoção a Nossa Senhora da Boa Morte. É o que ainda se constata nos templos e museus de Sabará e Caeté, por exemplo, que guardam pinturas e esculturas dormicionistas produzidas nos séculos XVIII e XIX²².

Uma ideia persistente nesse universo religioso é que é preciso *morrer bem*, um ideário que se confunde com a nossa vida social e produz condições que garantam o bem morrer aos mortos e aos vivos, um ideário que se expressa por meio da memória histórica na vida social brasileira. Tal memória coloca em questão a *Pedagogia do Medo*. Sendo assim, procuramos responder a seguinte pergunta: a *Pedagogia do Medo* é uma prática ou uma interpretação desta prática? Essa interpretação não estaria informada por uma visão acadêmica secularizada?

Por isso, no quarto capítulo, trazemos experiências vividas em torno da morte como um acontecimento religioso católico na cidade Espírito Santo do Pinhal (SP). Por meio da história e das narrativas da comunidade católica desta pequena cidade no interior de São Paulo, demonstramos que o ideário do *Bem Morrer* ainda é presente no cotidiano social da morte, mesmo que as pessoas não tenham mais ideia do que seja um Manual da Boa Morte.

Por meio de uma série de entrevistas que realizamos no primeiro semestre de 2018 com esta comunidade católica, podemos apreender que o processo de enfrentamento da morte como acontecimento religioso comporta várias dimensões. A primeira delas é que a morte não é tabu. Entrevistamos pessoas de variadas idades, porém boa parte entre 70 e 80 anos, ninguém se recusou a falar sobre a morte. Muito

²² Sant’ Anna. Sabrina Mara. *A Boa Morte e o Bem Morrer: culto, doutrina, iconografia e irmandades mineiras (1721-1822)*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. 2006

ao contrário, construíram belíssimas e até engraçadas narrativas sobre a morte e os ritos mortuários com extrema naturalidade.

A segunda dimensão é o itinerário religioso da morte que as entrevistas percorrem um itinerário traçado a partir dos primeiros movimentos da comunidade imediatamente após a morte de alguém até o processo de luto. Como a maioria das pessoas entrevistadas tem uma idade avançada é possível afirmar que suas lembranças comuns do roteiro da morte se constituem em memória, uma memória costurada por um sutil fio condutor mobilizado em torno da ideia de *Bem Morrer*.

A terceira dimensão é o processo de elaboração da memória. Quando abordamos os entrevistados com um roteiro de perguntas previamente estipulado, mobilizamos um processo de lembranças que, como afirma Paul Ricoeur²³, são produtos da formulação e constatação da ausência e esta ausência possui inúmeros significados. A ausência da pessoa que se foi aparece em primeiro plano e esta ausência é formulada mediante o conhecimento religioso aprendido durante a experiência de vida. Assim, a lembrança do momento da morte, do funeral e do sepultamento do ente querido não causa o sentimento de dor insuportável por estar mediado pela simbologia religiosa.

A quarta dimensão é o sentido da existência. A morte em torno deste itinerário conduzido pelo fio da sutilza do *Bem Morrer* é o que sustenta a existência dessas pessoas no enfrentamento da morte. Isso fica evidente nas narrativas dos pais que perderam seus filhos. Uma das frases marcantes durante uma das entrevistas foi de uma mãe que disse que o seu conforto em relação à perda de seu filho se expressa por meio de “delicadezas de Deus”. Essas delicadezas divinas sinalizam que seu filho está bem, que morreu bem e, portanto, a sua vida (a da mãe) está bem.

No entanto, é por meio da história comparada que as entrevistas apontam para as invariantes religiosas em torno da morte no Brasil, pois os ritos mortuários narrados se assemelham aos ritos, por exemplo, de Itabaina no Agreste Sergipano, ao mesmo tempo em que se assemelham aos ritos mortuários da cidade Urrussunga, no interior de Santa Catarina, e todos esses podem ser comparados com os ritos descritos por João José Reis em *A morte é uma Festa*.

²³ Ricoeur, Paul. A memória, a História e o Esquecimento. Campinas (SP): Editora Unicamp. 2007.

Podemos, então, concluir inconclusivamente que o ideário de *Bem Morrer* no Brasil excede as dimensões espaço/tempo e ao binômio modernidade/secularização, produzindo um “jeito” brasileiro de morrer que se construiu em torno dos referenciais católicos. Isso se deve ao fato da hegemonia da Igreja Católica, mas, ao mesmo tempo, denota a capacidade de significar uma invariante resposta à morte formulada e vivida coletivamente pela sociedade brasileira, uma lição que não foi esquecida.

1 A MORTE COMO OBJETO DE PESQUISA

Amanhã, e amanhã, e ainda outro amanhã arrastam-se nessa passada trivial do dia para a noite, da noite para o dia, até a última sílaba do registro dos tempos. E todos os nossos ontens não fizeram mais que iluminar para os tolos o caminho que leva ao pó da morte. Apaga-te, apaga-te, chama breve! A vida é apenas uma sombra ambulante, um pobre palhaço que por uma hora se espavona e se agita no palco, sem que depois seja ouvido; é uma história contada por idiotas, cheia de fúria e muito barulho, que nada significa ²⁴

1.1 Tabu da Morte

No dia 20 de junho de 2015 Marcos²⁵, um jovem de 20 anos que cursava Engenharia Agronômica em uma Universidade Federal do Sul de Minas Gerais, acabara de fazer uma prova de final de semestre e se dirigia ao ponto de ônibus para ir para casa. Quando estava ali parado esperando pela condução, João, seu colega de turma, parou a moto e lhe ofereceu carona. Marcos nem hesitou. Aceitou a oferta, afinal, seria muito mais rápido chegar ao seu destino. No entanto, o destino lhe reservou outra chegada, pois, durante o trajeto, a moto que conduzia Marcos e João chocou-se com um caminhão. O uso de capacetes de nada adiantou; na colisão Marcos foi arremessado com tanta violência que, de acordo com a perícia, morreu instantaneamente. Seu corpo ficou completamente desfigurado.

A repentina morte de Marcos trouxe consigo o sentimento de dor insuportável para a sua família e, apesar dessa sensação de impotência diante da vida que só a morte traz, alguns rituais começaram a se cumprir. Seus familiares tiveram que se dirigir até a cidade onde aconteceu o acidente, fazer o reconhecimento do corpo dilacerado de Marcos, conversar com a polícia, com os médicos, com os amigos, providenciar o translado de seu corpo para sua cidade natal, providenciar o velório, comunicar parentes e amigos.

Marcos era um belo jovem e, de acordo com depoimentos de seus amigos, era uma pessoa que agregava e fazia parte de várias turmas diferentes, que não tinha problemas de relacionamento pessoal com ninguém. Para todos, sem exceção, sua morte foi grande perda.

²⁴ Shakespeare, Willian - Macbeth, Ed. Ediouro, Rio de Janeiro, 1954.

²⁵ O nome do jovem em questão foi alterado para Marcos.

No velório de Marcos, todas essas falas fizeram um coro estranho: as falas que aparentemente seguem um script sobre o que dizer quando a morte chega, falas pronunciadas a partir de certa etiqueta que se criou diante da morte. Entretanto, em determinado momento, essas falas se calaram e, naquele espaço de dor, instalou-se o mais absoluto e completo silêncio!

O funeral de Marcos reuniu todas as suas turmas. Havia de 150 a 200 pessoas, em sua maioria jovens entre 15 e 25 anos. Nenhum celular ligado, tampouco conversas em tons mais alterados; apenas choros contidos e o mais absoluto silêncio.

Testemunhamos o funeral até o momento do sepultamento e o silêncio que se estendeu durante quase todo o dia parecia resultado de um pacto velado entre aqueles jovens, como se estivessem dizendo uns aos outros: O que tudo isso significa? E agora? O que fazemos? Para onde foi nosso amigo querido?

Será que, como em Macbeth, estes jovens pensaram ser a vida uma história contada por idiotas, cheia de fúria e muito barulho, que nada significa? O silêncio inquietante destes jovens diante da morte suscitou-me uma infinidade de perguntas e uma outra infinidade de interpretações, mas o que mais me colocou em posição de reflexão sobre esse assunto foi o fato de que aquele silêncio poderia revelar, talvez, a falta de preparo das pessoas para a morte e, mais que isso, o vazio da mais absoluta falta de respostas.

Se o antropólogo José Carlos Rodrigues²⁶ fosse indagado sobre essa cena, provavelmente uma de suas possíveis respostas seria que o silêncio daqueles jovens expressa a ausência de qualquer elaboração em relação à morte. Isso se daria pelo fato de eles serem frutos de uma sociedade (a nossa sociedade contemporânea ocidental) que, ao maximizar o valor da vida, transformou a morte em tabu e baniu-a do convívio social.

Este banimento, por sua vez, produziu em nós pouca capacidade de elaborá-la tanto individual quanto coletivamente, pois a morte não faz parte do convívio social. Daí a dor insuportável e, diante desta dor e de sua inevitabilidade, o silêncio.

Como tudo, aliás, que diga respeito à morte, este processo é extraordinariamente complexo e comporta inúmeras contradições aparentes entre seus planos constituintes. Assim, como acabamos de ver, ao mesmo

²⁶ Rodrigues, José Carlos. *Tabu da Morte*. Rio de Janeiro: Edições Achiamé, 1983.

tempo em que pretende silenciar sobre a morte, a época clássica é obrigada a defrontá-la em seus fantasmas, em seus delírios de reaparição dos mortos e de mortes aparentes. Da mesma forma, o silêncio que através da secularização se quer impor à morte é combatido e contestado pelo poder de uma religiosidade ainda consideravelmente atuante. A morte, que se quer pôr à distância, continua em muitos planos presentes.²⁷

Com certeza José Carlos Rodrigues não se engana ao afirmar que tudo que diz respeito à morte é assunto complexo, principalmente por trazer em si um espectro de contradições. E o silenciar não nos exime de enfrentá-la. O silenciar diante da morte pode ser entendido como a atual ausência da capacidade social de elaboração do sentido do morrer e esse silêncio pode ser um sintoma imposto pela secularização de uma sociedade que colocou a morte sob suspeita.

Estas são as respostas possíveis de José Carlos Rodrigues. Porém, para chegar a esta formulação, o autor percorre um longo trajeto no espaço/tempo, o que faz de seu livro *Tabu da Morte* uma obra de referência para estudos e reflexões sobre a morte e o sentido de morrer. No caso específico deste capítulo — cujo objetivo é acompanhar a historicidade da produção de modelos de análises sobre a morte, seus complexos sentidos e a multiplicidade de conhecimentos a respeito da indesejada da vida —, começo construindo um recorte a partir do tabu da morte.

De acordo com o autor, diante da morte só nos resta o objeto de estudo. Devemos estudá-la com distância científica, pois somente dessa maneira podemos abordá-la: de outra forma, ela não se deixa apreender. O distanciamento da morte como objeto de estudo é o que transformou a morte em tabu. Nós a estudamos transformando-a em coisa, em fenômeno e, assim, buscamos historiar, do ponto de vista antropológico, as representações construídas diante da morte que dão a esses estudos um tom e um ritmo específicos. Há muitas formas de abordar cientificamente a morte, criando-se a possibilidade de conhecê-la como fenômeno da vida.

Este é o problema fundamental, ao qual nós fugimos dizendo que uma sociologia da morte só pode ser uma sociologia dos vivos e que nosso trabalho não é sobre a morte, mas sobre as “representações sociais” da morte; dizendo que em toda a sociedade a imagem dominante da morte determina as concepções de saúde, reflete a interdependência dos membros da sociedade... Tudo isso é verdade e válido em seu próprio nível: o princípio metodológico de objetivar, o princípio sociológico de entender os vivos através de suas relações com os mortos, a fuga que tudo isso representa. Mas também é verdade que essas três coisas se contradizem e formam um paradoxo: não se pode falar sobre morte senão numa maneira exterior, generalizada, necessariamente limitada, reificada. Ela não se deixa

²⁷ Ibidem, p. 162

apreender, ela escapa. Quando a consciência a apreende, é porque a morte não existe mais; quando ela existe a consciência não pode apreendê-la: nada mais avesso ao método de observação participante dos antropólogos.²⁸

Originalmente *Tabu da Morte* é a tese de doutorado de José Carlos Rodrigues que, como exposto anteriormente, optou por construir uma antropologia da morte como meio para a compreensão das representações sociais produzidas sobre a vida em inúmeras sociedades dispersas no tempo e no espaço. Sendo assim, seu trabalho se divide em três partes.

A primeira parte, *Da natureza à Cultura*, parte do problema individual da morte como enfrentamento de um dado natural e vai até a produção cultural de conteúdos explicativos e compreensivos da morte em diversas sociedades.

Na segunda parte, *Tabu da Morte: Da Comunidade ao indivíduo*, o autor analisa especificamente a sociedade ocidental cristã quando esta transita de uma concepção coletiva da morte historicamente construída durante a antiguidade tardia — momento em que vivos e mortos habitam o mesmo espaço, sendo a morte costumeira presença no cotidiano social — para uma cosmovisão informada e formada pelo pensamento cristão que ordenou a vida e as relações da Europa Medieval até por volta do Renascimento.

Assim sendo, com o advento da modernidade (leia-se literalmente a transição do feudalismo ao capitalismo), começa o processo de construção do indivíduo e de uma sociedade centrada no indivíduo que gradativamente se destaca em relação à coletividade. Este indivíduo burguês ganha autonomia e liberdade, seu corpo se separa de sua alma e torna-se objeto de conhecimento. De acordo com José Carlos Rodrigues, a Igreja acompanha esse processo, não sem perda.

Assim, na formação da modernidade, conforma-se do ponto de vista das representações sociais o crescente amor à vida. Na lógica do incipiente capitalismo, esse crescente amor à vida torna-se produto e produtor de uma nova cosmovisão: a de que a vida deve ser prolongada.

Por este motivo, o médico substitui o padre e aparece a categoria da “morte natural” em relação a outras não naturais. O que importa então é a biografia do indivíduo; a medicalização produz o prolongamento da vida e o controle da doença. A

²⁸ Ibidem, pp. 11-12

morte transforma-se assim em tabu, porém — paradoxalmente, segundo o autor —, sem sair da cena social.

A terceira parte do livro é denominada *Do Indivíduo à Espécie*. Nesta se encontra a tese do autor, o tabu da morte ordenando nossas concepções e nossa compreensão da vida. Mas, afinal, o que é o tabu? Para José Carlos Rodrigues o tabu é o temor e o temor é o controle. Somos controlados pelo temor da morte, individual e coletivamente, e — de acordo com sua hipótese — tendemos a recusá-la, negá-la e afastá-la de nossa convivência.

Surge toda uma preocupação com a saúde e com a vida, não mais determinada pelo prolongamento da estadia do burguês à frente de seus negócios, mas pelo crescimento do valor do indivíduo enquanto trabalhador na produção e no consumo. O corpo se transforma em mecanismo que deve ser mantido em bom estado de funcionamento para poder produzir; vem a ser uma ferramenta que faz outras ferramentas funcionarem.²⁹

Por isso, a sociedade contemporânea, moderna, industrializada e capitalista é fundada em sistemas de controles sobre a vida. A dominação do corpo e dos desejos, a reificação e coisificação do ser humano, todo esse processo, de acordo com sua interpretação, passa fundamentalmente pela negação da morte. Paradoxalmente, sob vários aspectos, a morte é o único elemento da vida humana que pode “escapar” ao controle dessa sociedade, daí a necessidade de tentar controlá-la ao máximo e de inúmeras maneiras.

Também faz parte estrategicamente desse cenário contemporâneo a banalização da morte por parte dos meios de comunicação de massa, que produzem e induzem a indiferença coletiva a seu respeito. Assim, ao mesmo tempo em que a morte não sai das cenas de noticiários, a banalização com que é tratada e o distanciamento em forma de informação coloca-a tão próxima e tão distante do convívio social.

Na vida da contemporaneidade ocidental, segundo José Carlos Rodrigues, os indivíduos morrem em hospitais e presenciamos mortes via satélite da mesma forma que assistimos a filmes de ficção. Os velhos — a não ser muito recentemente, quando foram descobertos como consumidores de produtos que prolongam a vida — desaparecem da vida coletiva, pois representam o final da vida e só retornam ao convívio da sociedade quando podem, dentro desta lógica utilitarista, representar

²⁹ Ibidem, p. 212

outras possibilidades de existência. A partir desta afirmativa podemos compreender como a ideia de morte natural se insere na lógica do consumo.

(...) a presença do velho é indispensável em uma sociedade que cultua ‘a morte natural’. A morte do velho, mesmo que contra ela se lute com todo esforço, é a única ‘normal’, a única morte ‘lógica’, porque situada no ‘fim’ da vida — a única morte aceitável. A partir dessa localização da morte no ‘fim’ da vida, na velhice, o não-velho pode viver tranquilo, sem pensar na morte e mesmo viver na esperança de que, com o passar dos anos a técnica gerontológica venha a poder esticar os seus limites e até aboli-los. Essa ideia de morte “natural”, não é aceitação da morte como fazendo parte da ordem natural das coisas; pelo contrário, é transformação dela em algo remoto, em algo removível, abolível, esquecível. É o outro lado de uma vida concebida como valor, como mercadoria, como propriedade que se deve preservar e trocar pelo melhor preço (variável com as condições do sistema econômico-político em que se insira), como propriedade que se pode consumir (no trabalho, por exemplo), mas que não pode se consumar, vivendo-a integralmente e livrando-se dela quando se tornar insuportável³⁰.

Assim, o tabu da morte vai se construindo. Controlada pela medicina, ela torna-se longínqua pelo prolongamento da vida. Sob a égide dos meios de comunicação, transformando-se em espetáculo de ficção. Sem dúvida alguma, o trabalho de José Carlos Rodrigues nos traz uma forte impressão de que tudo foi dito sobre a morte e, assim, o assunto parece esgotado, pois ele dialoga com inúmeras sociedades e a suas múltiplas interpretações sobre a morte, incluindo sociedades que concebem a morte como um elemento de continuidade da vida — principalmente sociedades tribais na América, África e Ásia.

O autor não deixa, também, de fazer o recorte no contexto da formação da cristandade ocidental — francesa fundamentalmente — que constrói seu poder religioso em torno do controle do sentido da morte. Ele mostra como o século XVIII e o Iluminismo romperam com esse controle por meio do questionamento ao ideário religioso católico, que foi gradativamente suplantado pelo racionalismo científico, além de demonstrar como este racionalismo, por sua vez, cuidou de criar outros tipos de controles sobre a morte.

Podemos afirmar que, para José Carlos Rodrigues, concepções como o controle e as relações de poder criam e recriam um ideal de morte e sobre a morte em meio aos processos de transformação da sociedade ocidental, ao conduzirem e produzirem mudanças na elaboração da presença da morte na vida do ser humano

³⁰ Ibidem, p. 221

sob várias perspectivas, seja como representação de mentalidades historicamente datadas seja como expressões ideológicas, de violência ou controle.

Tocamos, aqui, em mais um ponto contraditório e paradoxal de nossa sociedade em relação à morte: detestando a morte e os mortos como ‘outros’, esta sociedade bane os mortos e mata a morte. Contudo, no momento em que os bane, em que estabelece ruptura e oposição entre os vivos e os mortos, entre a vida e a morte, ela os transforma em “outros” que ela detesta. (até aqui não há nada de contraditório). Ao destruir o ‘outro’, pelo genocídio, pelo etnocídio, pelo consumo, guerra ou trabalho, ela os transforma em mortos — ainda ‘outros’ em ‘mesmo’, ou seja, os mortos em vivos terminará fatalmente por transformar os vivos em mortos: movimento que contém o apocalipse total como possibilidade lógica.³¹

Assim, uma questão que fica em relação ao *Tabu da Morte* é: no mundo globalizado vivemos e reproduzimos de forma homogênea tabu em relação à morte. No entanto, é necessário perguntar: essa tendência é realmente considerada homogênea? Seria mesmo o silêncio dos jovens presentes no funeral de Marcos a expressão de uma sociedade que se recusa a viver a morte? Ou o silêncio expressa a falta de instrumentais para enfrentar a morte, como o próprio autor indica, como o esvaziamento religioso da morte?

1.2 “Quando a indesejada das gentes chegar”: o aprendizado da morte entre o argumento poético e o argumento político.

Introduzimos este item com a história de outro jovem que se defrontou com a morte em outro tempo e lugar, diferentemente de Marcos, que a viu chegar sem chance alguma de com ela argumentar. Manuel Bandeira, nascido em Recife em 1886, aos 18 anos foi diagnosticado com tuberculose, naquele contexto uma doença incurável. No entanto, Bandeira teve muito tempo para argumentar e se acomodar à ideia da morte, afinal, ironicamente, ele faleceu em 1968 aos 82 anos. Portanto, nesses 64 anos a morte transformou-se em sua companheira, em temática poética de sua magnífica obra. Em Bandeira, a morte é poesia de uma forma simples sem ser banal.

Assim, com Bandeira podemos perguntar, seria mesmo a morte a indesejada das gentes? A convivência com a tuberculose colocou a morte no cotidiano de Manuel Bandeira e a tornou um tema presente e recorrente na sua poesia. Por isso, trazemos

³¹ Ibidem, p. 260

alguns de seus poemas sobre a morte como um elemento provocador para a discussão deste primeiro capítulo que, juntamente com o silêncio inquietante dos amigos de Marcos em seu velório, são duas formas de diálogo com a morte que podem ser extremamente reveladoras.

Manuel Bandeira viveu a maior parte de sua vida no século XX e acompanhou as inúmeras mudanças pelas quais passou a sociedade brasileira na primeira e segunda metade deste século. Viu a industrialização e o movimento da Semana de Arte Moderna de 22, do qual foi ativista. Foi, com certeza, um observador atento do nascente movimento operário, do movimento tenentista, da Era Vargas, do fim da Era Vargas e do projeto desenvolvimentista de JK. Se a palavra de ordem é transformação, tivemos, como diria o historiador inglês Erick Hobsbawm, um breve e alucinante século XX, do qual Manuel Bandeira foi protagonista e espectador.

Como poeta, Bandeira passou pelas três fases do modernismo, um dos maiores movimentos estéticos e literários da história brasileira. O Modernismo como movimento artístico propôs rupturas profundas na estética, na poética, na história e na cultura brasileira. Seus argumentos foram fortes e contundentes no sentido de romper com as amarras do Brasil arcaico do século XIX (o Brasil do Império e da Escravidão), bem como com o Brasil atrasado da Primeira República dos coronéis.

Os intelectuais brasileiros da década de 20 não ficaram alheios a essas transformações. Em São Paulo e Rio de Janeiro, sobretudo, artistas e intelectuais em contato com as novas tendências do pensamento europeu, como o futurismo, o surrealismo, o dadaísmo, o expressionismo e o cubismo preparam um evento, a chamada Semana de Arte Moderna, com o intuito de romper com a mentalidade conservadora, representada na literatura pelos poetas parnasianos e na política pelas oligarquias rurais. De modo geral, a maneira encontrada pelos artistas da década de 20 para combater o formalismo parnasiano e a mentalidade acadêmica será a valorização do irracionalismo. Mário de Andrade, com a sua poética do “desvairismo” publicada no Prefácio Interessantíssimo de Paulicéia desvairada, Manuel Bandeira, com sua teoria do “alumbramento” — a poesia vista como revelação, isto é, como epifania, e toda a obra de Oswald de Andrade são três bons exemplos de atitude artística e intelectual que procura subverter a ordem existente³².

Essa é uma das facetas do homem Manuel Bandeira que, esteticamente, estava afinado tanto com a subversão da ordem como com as novas tendências do pensamento europeu, entre elas o expressionismo e o surrealismo. No entanto,

³²Lucas, Elcio. A busca do inominável em A morte Absoluta. http://dlcv.fflch.usp.br/sites/dlcv.fflch.usp.br/files/Elcio%20LUCAS_0.pdf. Acesso em 01 de setembro de 2016.

quando destacamos alguns de seus poemas que dialogam com a morte, encontramo-nos com uma pessoa em um longo processo de preparação para a morte. Para tanto, Bandeira procurou mobilizar o seu conhecimento religioso a respeito das múltiplas expressões do catolicismo no Brasil, principalmente no que se refere ao seu aspecto devocional, mesmo sendo um homem sem religião como observa Elcio Lucas citando Antônio e Gilda Cândido.

Ao falar da morte, Bandeira examina a vida e seu mistério. No conjunto de Gilda e Antonio Cândido, sua poesia 'tem a gravidade religiosa frequente nesse poeta sem Deus, que sabe não obstante falar tão bem de Deus e das coisas sagradas, como entidades que povoam a imaginação e ajudam dar nome ao incognoscível. (Cândido; Cândido, 1986, p. 27. apud, Lucas, <http://dlcv.fflch.usp.br/node/50> acesso em 01 de setembro de 2016).³³

Manuel Bandeira realmente traz poeticamente as coisas sagradas que povoam nossa imaginação para falar e não silenciar sobre as expressões religiosas sobre morte que, em seu conjunto poético, atribuem sentido ao incognoscível. Por isso, Antônio e Gilda Cândido observarem que o poeta sabe falar tão bem de Deus e das coisas sagradas.

O poema *Consoada* é um desses testemunhos. Publicado em 1958 no livro *Opus 10*, traz em seu título uma imagem interessante na busca do entendimento do incognoscível. A palavra consoada, além de significar refeição noturna, também nomeia, em alguns lugares como Portugal, a ceia de Natal. A imagem de uma refeição com a morte denota certa intimidade com ela, ao mesmo tempo em traz a mensagem de celebração da vida, afinal, o natal é uma festa que celebra a vida.

De fato cheguei ao apaziguamento das minhas insatisfações e das minhas revoltas pela descoberta de ter levado à angustia de muitos uma palavra fraterna. Agora a morte pode vir — essa morte que espero desde os dezoito anos; tenho a impressão que ela encontrará, como em "Consoada" está dito,a casa limpa,
A mesa posta,
Com cada coisa no seu lugar. (Bandeira, 1954, p. 132).³⁴

Não são todos os poemas de Bandeira sobre a morte que trazem elementos religiosos. No entanto, no livro *Estrela da Tarde* (1960) existe uma sequência de poesias denominadas pelo autor de preparação para a morte: *Preparação para a Morte; Vontade de Morrer; Canção para a Minha Morte; Programa para Depois da*

³³ Ibidem

³⁴ Bandeira, Manuel. Poesia e Prosa Completa. Rio de Janeiro: Cia. José Aguilar Editora, 1967. Neste livro, o texto foi diagramado exatamente da maneira como o reproduzo.

Minha Morte e Crucifixo. Nesses poemas, Bandeira trata da vida, dos amores, dos amigos, dos planos para depois da morte, mas é com a poesia *Crucifixo* que encerra essa sequência, que também encerra o livro. Se em *Consoada* o diálogo poético com a morte se aproxima da festa que representa o nascimento de Jesus Cristo, *Crucifixo* traz duas representações: a morte e a ressurreição de Cristo.

Morrer agarrado com ele (o crucifixo)
 Talvez me salve. Como — espero —
 Minha mãe, minha irmã, meu pai.³⁵

Por que, afinal, um homem como Manuel Bandeira, urbano, afinado com as transformações do século XX, ligado a um dos mais importantes movimentos culturais da sociedade brasileira, brilhante poeta, homem sem religião — como bem observaram Antonio e Gilda Cândido — resolve, diante da morte, mobilizar conhecimentos religiosos que povoam a nossa imaginação? Será que os elementos religiosos funcionam como argumentos poéticos para dar sentido ao incognoscível? Por que, em uma de suas poesias, invoca vários santos de devoção popular, como Santa Rita, para livrá-lo da angústia da morte e, finalmente, apela para Nossa Senhora da Boa Morte?

Fiz tantos versos a Terezinha...
 Versos tão tristes, nunca se viu!
 Pedi-lhe coisas. O que eu pedia
 Era tão pouco! Não era glória...
 Nem era amores... Nem foi dinheiro...
 Pedia apenas mais alegria:
 Santa Teresa nunca me ouviu!
 Para outras santas voltei os olhos.
 Porém as santas são impassíveis
 Como as mulheres que me enganaram.
 Desenganei-me das outras santas
 (Pedi a muitas, rezei a tantas)
 Até que um dia me apresentaram
 A Santa Rita dos Impossíveis
 Fui despachado de mãos vazias!
 Dei volta ao mundo, tentei a sorte.
 Nem alegria mais peço agora,
 Que eu sei o avesso das alegrias.
 Tudo que viesse, viria tarde!
 O que na vida procurei sempre,
 — Meus impossíveis de Santa Rita —
 Dar-me-eis um dia, não é verdade?
 Nossa senhora da Boa Morte.³⁶

³⁵ Bandeira, Manuel. Op. Cit. p. 416

³⁶ Idem, p. 277

Com certeza, essas perguntas suscitam inúmeras respostas e interpretações. Se indagássemos Claudia Rodrigues (2005), autora do livro *Nas Fronteiras do Além: A secularização da Morte no Rio de Janeiro nos séculos XVIII e XIX*, a respeito desta procura de Bandeira por elementos religiosos para dar sentido ao incognoscível, esta historiadora, entre suas possíveis respostas, relacionaria essa procura à pedagogia do bem morrer. A pedagogia do bem morrer arquitetou-se de forma singular a partir de meados do século XVIII, fundamentalmente ligada à produção do ideário católico e, sendo assim, esse aprendizado que povoou o imaginário popular teria sido captado de forma magistral pelo poeta.

Dessa forma, pelas lentes da historiadora Claudia Rodrigues (2005), encontrariamos nos poemas de Bandeira vários elementos deste ideário do *boa morrer*. A invocação dos santos de devoção, o buscar de acertos de contas (uma autorreflexão como no poema *Consoada*) e ainda referências explícitas a Nossa Senhora da Boa Morte seriam reverências construídas no contexto da produção deste ideário do bem morrer no Brasil.

Como o *Tabu da Morte* de José Carlos Rodrigues, *Nas Fronteiras do Além: A secularização da morte no Rio de Janeiro séculos XVIII e XIX*³⁷ de Claudia Rodrigues é uma importante referência para os estudos sobre os sentidos da morte e o sentido do morrer; o livro é resultado de sua tese de doutorado e está centrado na contextualização histórica da elaboração da morte e de sua transformação na sociedade brasileira entre meados do século XVIII até o final da segunda metade do século XIX.

No entanto, é importante ressaltar as devidas diferenças entre os dois autores. José Carlos Rodrigues é antropólogo e procura desenhar uma antropologia da morte centrando-se na antropologia comparada, não se preocupando com recortes históricos precisos, seja na sociedade capitalista ocidental, seja em sociedades indígenas brasileiras ou norte-americanas.

Como em qualquer outra cultura, é preciso exorcizar a morte, é preciso dominá-la. Entretanto, estamos diante de uma cultura diferente: a morte será exorcizada de modo diferente. Até o advento da ciência moderna, a percepção da incapacidade humana se expressava na linguagem da religião. A vontade de Deus, a boa e a má sorte, governavam os destinos humanos. Havia técnicas de intervir sobre estes fatores, mas os desígnios de Deus e da fortuna eram inacessíveis ao homem: a magia e a oração poderiam mudar

³⁷ Rodrigues, Claudia. Op. Cit.

o fluxo das coisas, mas este dependeria sempre da vontade de Deus — e contra esta nenhuma transformação era possível³⁸.

Por outro lado, esta é uma preocupação que encontramos no trabalho de Claudia Rodrigues, que contextualiza historicamente a morte na sociedade brasileira por meio de um recorte muito específico. Assim, busca acompanhar esse processo de conhecimento e aprendizado em relação à morte de meados do século XVIII — momento em que a pedagogia do bem morrer começou a se estruturar no Brasil — até meados do século XIX — momento em que esse aprendizado começou a se transformar —, em função, de acordo com a autora, do projeto liberal secularizante que toma corpo e volume nos embates políticos brasileiros daquele contexto.

O trabalho foi dividido em seis capítulos estruturados de modo a identificar, primeiramente, os mecanismos de controle da Igreja sobre as atitudes e representações diante da morte, do morrer e do além-túmulo no Ocidente católico e sua presença no Rio de Janeiro, no século XVIII e em parte do século XIX (capítulos 1 e 2). Nos capítulos seguintes, proponho-me a analisar a forma pela qual se processou o questionamento desse controle eclesiástico, na segunda metade do século XIX.³⁹

Além do recorte temporal, *Nas Fronteiras do Além* é um trabalho focado em uma sociedade específica, o Rio de Janeiro e as freguesias da Sé e do Santíssimo Sacramento. Esses são os locais que subsidiaram a autora com uma espetacular série documental que sustenta sua pesquisa. São 277 testamentos, 23.924 assentos de óbitos, além de jornais, atas da Câmara municipal, da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro e do Parlamento Brasileiro.

Toda essa série documental sustenta sua narrativa sobre a arquitetura do bem morrer/pedagogia do medo, uma dicotomia que orienta o sentido da morte e do morrer no Brasil durante um século. Para a autora, as práticas em torno da ideia de bem morrer/pedagogia do medo, com ênfase na ideia do medo, eram formas de controle social sob o qual a Igreja Católica construiu o seu poder.

Sendo assim, Claudia Rodrigues historia esse controle sobre a morte. No primeiro capítulo, busca demonstrar como a cristianização do ocidente europeu se construiu em torno do que a autora denomina de assenhoramento da morte por parte da Igreja Católica.

³⁸ Idem, p. 155

³⁹ Ibidem, p. 24.

Para fundamentar sua narrativa sobre o assenhoramento da Igreja Católica sobre a morte, a autora se apoia em vasta bibliografia sobre esse assunto (principalmente nos historiadores franceses como Philipe Àries, Jean Delumeau, Michel Larwes entre outros), que neste sentido assinalam o trânsito de uma prática privada no trato da morte característica da Antiguidade Tardia até o inicio da Alta Idade Média momento em que o controle sobre os mortos e o morrer se desenrolava no âmbito familiar e os cemitérios se localizavam fora do espaço urbano. Com o avanço da construção do poder institucional da Igreja Católica esta gradativamente assumiu o controle sobre os mortos e o sentido de morrer, que se materializa com por meio da definição da zona funerária um espaço contíguo ao templo.

E em torno do controle eclesiástico sobre os cemitérios como espaço contíguo aos das Igrejas possibilitou ao clero que pudesse orquestrar o tom e o ritmo do sentido da morte e da vida na sociedade ocidental. O mundo dos vivos e dos mortos se torna um assunto eclesiástico.

A autora não se restringe apenas à questão dos sepultamentos. Sua análise procura demonstrar como o controle da Igreja sobre a sociedade por meio da morte envolveu a produção de uma pedagogia do medo: o medo da condenação eterna, o medo de não ressuscitar no final dos dias, o medo do juízo final. Em torno do medo e a partir dele, um processo de aprendizado foi sendo gradativamente construído, fundamentalmente, e, após a reforma tridentina, encontrou o seu auge. Os motivos eram óbrios: combater o avanço do protestantismo e reforçar a mentalidade e as práticas católicas fundadas no medo, mas também na esperança. Afinal, o objetivo era a conversão das pessoas.

Se, por um lado, a Igreja adotava esta pedagogia da morte baseada no medo, por outro, oferecia a esperança, a segurança, por meio de garantias de proteção proporcionadas por ritos tranquilizadores, conforme analisou Jean Delumeau. Ao longo de seus vários estudos, Delumeau aponta como a Igreja manipulou as sensações de angústia e insegurança coletivas, transformando-as em medos religiosos. A partir da culpabilização, buscava disseminar, por um lado, o ideal de penitência e, por outro, a tranquilização, através de orações, procissões, culto dos santos, sufrágios e intercessores, dentre outros. Na perspectiva da tranquilização, ela ofereceu a imagem de um Deus misericordioso para aqueles que se confessassem e se arrependessem que se preparassem com antecedência para morte — testando, buscando os sacramentos, instituindo legados piedosos e sufrágios. Neste processo de tranquilizar os fiéis, exerceria importante função, dentre outros fatores, o culto aos santos, que eram vistos como intercessores especiais diante da morte. Com efeito, um dos traços mais fortes da religião nessa época foi a proliferação das formas de devoção à Virgem Maria e a toda uma rede de

santos funcionando como intermediários diante de Deus, por ocasião do julgamento de sua alma imediatamente após a sua morte.⁴⁰

De acordo com Claudia Rodrigues, durante e em função da Contra Reforma, começaram a ser escritos manuais que orientavam os fiéis a bem morrer por meio da instrumentalização de uma série de representações do medo da morte. A autora descreve alguns destes manuais, mas se restringe na análise de *O Breve Aparelho e modo fácil para ensinar a bem morrer um cristão*, do jesuíta Estevam de Castro, um dos mais importantes documentos escritos nessa linhagem e um dos manuais mais publicados nesse gênero, com centenas de exemplares reeditados durante um século, de 1624 a 1725.

Ao descrever o conteúdo ou pelo menos a estrutura do texto do jesuíta procura indicar a maneira pela qual a Igreja lançava as bases para as práticas do bem morrer atrelada ao medo da morte. Sua ênfase leitura do manual procura aproximar a ideia do medo da morte aos possíveis caminhos para a salvação e entre a importância do testamento como instrumento dessa salvação na medida em que o moribundo por meio deste documento deixava registrado profissão de fé, os arrependimentos de seus pecados, seus acertos de contas com Deus e com os homens e finalmente recursos que eram destinados a Igreja.

Assim, através do *Breve Aparelho* de Estevam de Castro, ela demonstra como a materialização deste ideário se elabora a partir das intenções do cristão diante da eminência do juízo pessoal no momento de sua morte. Neste momento, o arrependimento dos pecados, os pedidos de intercessão a Jesus Cristo, à Virgem Maria, aos santos de devoção e aos anjos é a garantia de salvação. Dessa forma, por meio da análise do testamento, é possível observar os mecanismos de controle descritos anteriormente por Jean Delimeau, que orientam o seu trabalho.

Enquanto a morte não se efetivava, o texto ensinava ao moribundo os caminhos para a “boa morte”: fazer o testamento, procurar os sacramentos, dar sinais de estar contrito, confiar no poder intercessor da corte celestial, fazer orações. Tais caminhos, pelo que se pode verificar nas derradeiras histórias de vida que introduziram este capítulo, também foram seguidos pelos católicos do Rio de Janeiro. Vejamos mais detalhadamente como estes ensinamentos eclesiásticos sobre o ‘bem morrer’ foram vivenciados pelos fiéis desta localidade.⁴¹

⁴⁰ Ibidem, p. 52

⁴¹ Ibidem, p. 72

Quanto ao *Breve Aparelho* é necessário fazer uma observação. Nele, a autora demonstra como Estevam de Castro elabora e normatiza a morte de forma prática e objetiva, representando a experiência prática do jesuíta em dar assistência ao moribundo. Além disso, como anteriormente observado, ela evidencia que a descrição dos seis graus de doenças com certeza requereu de Estevam de Castro um grande conhecimento a respeito da literatura médica do período em que escreveu seu texto. No entanto, Claudia Rodrigues não teve por preocupação a descrição detalhada do conteúdo daquele manual.

Tudo leva a autora a concluir que, no Brasil, pelo menos durante um século, aprendia-se a morrer instruído pela Igreja e esta prática lhe conferia poder e controle tanto sobre os indivíduos quanto sobre a coletividade.

Para além desta constatação, seu interesse é expor o processo de mudança em relação ao bem morrer/pedagogia do medo que começou a partir de meados do século XIX, acompanhando o reflorescimento do projeto político liberal no país. Naquele momento, esse projeto ganhava novos contornos com o discurso abolicionista, industrialista e defensor do processo imigrantista.

Essas três questões colocavam também em xeque o papel que a Igreja Católica desempenhava junto ao Estado Brasileiro que, de acordo com esses discursos, necessitava urgentemente de modernização. Assim, a ideia de modernidade implicava em “romper” com “antigas práticas”, como as de controle sobre a morte e os sepultamentos, práticas essas baseadas em superstições, fruto de mentalidade social atrasada que tinham uma única função: o acúmulo de bens por parte da Igreja.

Assim, tanto pelo parlamento como pela imprensa, começou, a partir de 1850, uma série de profundos questionamentos do papel político e ideológico desempenhado pela Igreja Católica no país; um controle que se referia basicamente à questão do padroado e das prerrogativas que este atribuía a Igreja no sentido do controle da vida civil — como nascimento, morte e matrimônios.

Esse tipo de controle já não cabia, ou, pelo menos, não se adequava mais na perspectiva do projeto político que se pretendia: trazer mão-de-obra imigrante, fundamentalmente branca e protestante para substituir a mão de obra escrava. Ou seja, um projeto político cujo modelo era a sociedade europeia branca e laica. Sendo assim, era necessário esvaziar, ou, pelo menos, reorientar o papel que a Igreja Católica desempenhava dentro na sociedade brasileira.

Creio que é nesse sentido que se podem compreender as argumentações dos deputados defensores da secularização dos cemitérios, de que tanto o cemitério como os cadáveres nele sepultados deveriam ser objetos de ação do poder público e civil, posto que eram assuntos de higiene e não religião, uma vez que o cadáver era matéria e, mais do que isso, era distinto da alma que nele se abrigara durante a vida. Esta última, sim, era assunto das religiões, das Igrejas e das ‘seitas’ — como se falava —, sendo-lhes reservadas as cerimônias e os rituais. Talvez neste sentido possamos perceber aquela fala de Joaquim Nabuco, citada anteriormente, na qual ele dizia que a matéria encarregava-se de fazer a síntese da humanidade, a grande síntese da morte, e ainda que as almas se distribuíssem por corpos diversos, no espaço íntimo, os corpos, independente do espírito religioso que os tivessem animado, haveriam de confraternizar no túmulo.⁴²

Também por meio deste embate podemos acompanhar como o ideário médico-higienista começa a tomar corpo dentro dos argumentos políticos dos projetos de modernidade que também terão a morte como eixo condutor do contraponto ao pensamento da Igreja. Ou seja, a morte controlada pela Igreja representa atraso enquanto que a morte controlada pelo conhecimento médico higienista representa avanço em direção à modernização do país. Os discursos se estendem até a proximidade da proclamação da República, mas, de fato, nada de substancial ocorre em relação ao controle da Igreja sobre a morte até o fim definitivo do Império.

Cabe aqui uma observação: os discursos dos defensores da secularização que se assentam no pensamento científico positivista e materialista são belos discursos; no entanto, são discursos políticos e resta pensar se realmente as pessoas que os proferiram tinham convicção de suas mensagens. Enfim, nos meandros dos embates políticos da luta pelo poder e pela imposição de seu projeto, existe uma lição básica: desqualificar o oponente. Nesse sentido, faço aqui o mesmo questionamento elaborado por Carlos Alberto Vesentini em seu trabalho *A Teia do Fato* (1997), um questionamento que permanece atual em relação ao trabalho do historiador: poderia o historiador não se contagiar de simpatia pela ideia que suas fontes lhe apresentam?

Com certo cuidado, posso afirmar que Claudia Rodrigues coaduna com o discurso político liberal proferido por Saldanha Marinho, Joaquim Nabuco, Rui Barbosa e outros, e não tenho dúvida de que esses foram homens que mudaram os rumos da história do Brasil como defensores do fim da escravidão. Mas, em relação ao projeto de laicidade do Estado brasileiro, cremos que ainda há muito que se

⁴² Ibidem, pp. 277-278

discutir. Claudia Rodrigues apresenta dúvidas em relação aos impactos concretos nas atitudes diante da morte provocadas por este embate.

Mas, se todos estes questionamentos ao poder eclesiástico foram liderados por membros da elite política e intelectual brasileira que, na sua atuação no parlamento por exemplo, defendiam a necessidade da distinção entre o poder civil e o eclesiástico e da não confusão entre a questão religiosa e a clerical, resta-nos responder sobre como é possível identificar estas transformações no nível dos costumes, e particularmente, no das atitudes diante da morte.⁴³.

Sim, foi possível a autora responder. Ao final de seu trabalho, Claudia Rodrigues demonstra que o bem morrer nos termos normativos da Igreja Católica foi uma lição esquecida. Os testamentos que fundamentam seu trabalho a partir dos anos de 1890 não traziam mais em sua estrutura os indicativos do *Breve Aparelho de Ensinar um Cristão a Bem Morrer*.

Enfim, a morte passou por um processo de secularização, de acordo com a autora, na medida em que, gradativamente, a Igreja perdeu controle sobre a morte e o morrer. Porém, Claudia Rodrigues inquieta-se frente à seguinte questão: isso não quer dizer que a sociedade brasileira passou por um processo de deschristianização e, ao mesmo tempo, faz uma longa discussão a partir das ideias de Jean Delumeau sobre a questão da deschristianização da sociedade.

A se tomar como base esta tese de Delumeau, creio que a utilização do termo ‘deschristianização’, no sentido de recuo da religiosidade, para explicar as transformações das atitudes diante da morte é problemática. Primeiramente como apontado por Delumeau, por supor um padrão homogêneo de cristianização, que não existiu. Em segundo, por supor que as transformações operadas neste padrão de cristianização implicaram a eliminação dos conteúdos cristãos e/ou da religiosidade dos fiéis.⁴⁴

Assim, ao que parece, o processo de secularização da morte e do morrer restringiu-se à questão burocrática ao desaparecer dos testamentos ou das práticas testamentárias. Se a questão da “deschristianização” implicaria supor um padrão homogêneo de cristianização da sociedade, a questão da secularização implica o mesmo raciocínio, ou seja, implica supor um padrão homogêneo de secularização que provavelmente nunca existiu no Brasil. Essa é uma questão que discutirei no segundo capítulo.

⁴³ Ibidem, 299.

⁴⁴ Idem, p. 341

Neste pêndulo do que é ou não secular em torno da morte, questões ficam latentes em relação à morte tanto no trabalho de José Carlos Rodrigues, quanto no de Claudia Rodrigues.

Em primeiro lugar, o recorte da modernidade. Para ambos os autores a modernidade é entendida como a sociedade capitalista liberal e burguesa centralizada no indivíduo e na racionalidade científica, superando outros sentidos da morte e do morrer — isso fundamentalmente na sociedade ocidental, anteriormente controlada pela Igreja Católica. Deste recorte, surgem categorias analíticas, tais como a morte como tabu — característica da sociedade contemporânea — e o esquecimento da lição do bem morrer/pedagogia do medo, ambos os processos resultados do esvaziamento do conteúdo religioso do sentido da morte.

1.3 A morte é uma festa

Em 2005, na pequena cidade de Espírito Santo do Pinhal (SP), faleceu o senhor José Motta da Silva⁴⁵, pertencente a uma família tradicional de cafeicultores e comerciantes de café. “Seu Motta” — como era conhecido — foi acometido de câncer no esôfago e travou uma longa luta contra a doença, mas ao final, a indesejada das gentes chegou.

Quando a doença começou a se agravar, “Seu Motta”, sabendo que iria morrer, começou a tomar providências para o seu funeral. Contratou um serviço de Buffet, uma banda para executar músicas de sua predileção — Big Bands da década de 1950 —, uma floricultura para a decoração do ambiente, deixou previamente acertado com o padre da paróquia da qual fazia parte a encomendação de seu corpo e escolheu a mensagem a ser incluída nos “santinhos” que seriam distribuídos em sua missa de sétimo dia.

O funeral de “Seu Motta” não ocorreu no velório municipal, mas no hangar de uma de suas fazendas. Ele, com certeza, só não enviou convite antecipado pois nunca se sabe ao certo o dia da própria morte. No entanto, no caso de Espírito Santo do Pinhal, o convite nominal não é necessário, pois, até o presente momento, as notas de falecimento são divulgadas pela rádio local e também são afixadas em lugares

⁴⁵ Nome fictício.

públicos ao redor da praça central da cidade. Mesmo o funeral de “Seu Motta” ocorrendo em um espaço privado, quase toda a cidade compareceu.

Decerto, se o historiador João José Reis (1991) tivesse contato com o relato do funeral de “Seu Motta”, provavelmente reconheceria alguma semelhança com os relatos de funerais que compõe seu livro *A morte é uma Festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*⁴⁶. Seu trabalho é paradigmático, pois também se tornou uma referência para uma série de outros estudos sobre a morte e o morrer no Brasil. Ele, com certeza, inspirou o trabalho de Claudia Rodrigues⁴⁷, tratado anteriormente.

O cerne de *A Morte é uma Festa* é um episódio que ficou conhecido como *Cemiterada*, ocorrido em Salvador em 25 de Outubro de 1836. Esse movimento foi organizado para protestar contra uma lei municipal que entraria em vigor na cidade no dia seguinte, 26 de outubro, e que proibia o tradicional costume de enterros nas igrejas, concedendo a uma companhia privada o monopólio dos enterros em Salvador por trinta anos (Reis, 1991, p. 13). A *Cemiterada* reuniu boa parte da população de Salvador e consistiu num ataque organizado ao Campo Santo — cemitério — com o objetivo de destruí-lo.

A cemiterada começou com uma manifestação de protesto convocada pelas irmandades religiosas e ordens terceiras de Salvador, organizações católicas leigas que, entre outras funções, cuidavam dos funerais de seus membros. Naquele dia, a cidade acordou com o barulho dos sinos já convocação para missas, procissões, festas religiosas e funerais eram agora dobrados para chamar ao protesto coletivo. A reunião fora marcada para acontecer no terreiro de Jesus, no adro da igreja da Ordem Terceira de São Domingos. De suas sedes, marcharam para ali centenas de membros de irmandades. Na praça do terreiro estavam, além da igreja de São Domingos, as igrejas do antigo Colégio dos Jesuítas (atual Catedral) e a de São Pedro dos Clérigos; a uma pequena distância, podia-se ver a igreja do convento de São Francisco e a seu lado a Ordem Terceira de São Francisco. Do terreiro, por sobre os telhados e sobrados, era possível ver as torres de muitas outras igrejas, inclusive a Sé, que abrigavam dezenas de irmandades. Com seus muitos templos, o lugar era uma espécie de território sagrado da Bahia.⁴⁸

Não foi por acaso que o terreiro foi o local de onde a manifestação partiu, pois, como observa o autor, essa parte da cidade era uma espécie de território sagrado.

⁴⁶ REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

⁴⁷ Somente para reafirmar, Claudia Rodrigues utiliza a mesma metodologia de João Reis: análise de testamentos e a discussão profunda em torno do controle sobre o sentido da morte e do morrer que se desenrola em torno dos sepultamentos.

⁴⁸ Reis, João José. Op. Cit. p. 13

Dali a população se dirigiu primeiro em direção à sede do governo e, posteriormente, para o Campo Santo. Segundo a narrativa de João José Reis, os confrades participantes da manifestação estavam devidamente paramentados com seus hábitos e capas, carregando cruzes e as bandeiras das irmandades organizadoras da manifestação. Sendo assim, a manifestação de protesto popular claramente era também uma manifestação religiosa.

Uma verdadeira procissão religiosa, que tirou a legitimidade do uso da força contra os participantes: ‘difícil cousa seria empregar a força contra homens revestidos de opas e munidos de cruzes alçadas’, justificou-se posteriormente o chefe da polícia Francisco Sousa Martins, defendendo-se da acusação de inércia.⁴⁹

A Cemiterada tornou-se objeto de múltiplas interpretações relatadas por João Reis; além das interpretações contemporâneas do movimento, produziram-se outras tantas a posteriori. Os contemporâneos contrários ao movimento ressaltaram, além do fanatismo religioso, os interesses econômicos das Irmandades Religiosas que estavam à frente do processo.

Todos esses autores viram no movimento, por um lado, uma estreita motivação econômica, por outro, uma expressão atrasada de religiosidade. Irmandades, padres, sacristãos, negociantes de artigos funerários, teriam insuflado um povo ignorante e supersticioso contra o Campo Santo, com o único objetivo de defender seus interesses econômicos. Foi nesses termos, aliás, que a Cemiterada foi entendida por seus críticos contemporâneos... Ora, a questão econômica pode e deve ser invocada para se entender a revolta, mas não nessa ótica que atribuiu aos opositores do cemitério um puro pragmatismo material. O fator religioso também não deve ser entendido como mero derivado de interesses econômicos, e é insuficiente para descartar a atitude popular como fruto de uma falsa religiosidade ou superstição... Já disse que superstição é a religião do outro; a nossa superstição é que é a verdadeira religião. Esses autores, que realmente não aprofundaram suas pesquisas, viram o conflito como uma disputa entre civilização — representada pelo estabelecimento do cemitério — e a barbárie — refletida no comportamento dos que se opuseram a ele. A violência da reação ao cemitério é sem dúvida surpreendente, o que nos obriga exatamente a refletir sobre por que foi assim.⁵⁰

Contudo, é a interpretação de João Reis que nos interessa, primeiramente por demonstrar que, em Salvador, na primeira metade do século XIX, não existia nada mais público do que a morte e esta era inerente às expressões de religiosidade da população da cidade. Em segundo lugar, por demonstrar, ao longo do texto, que o que

⁴⁹ Ibidem, pp. 13-14

⁵⁰ Idem, p. 22

estava em jogo não era somente uma disputa entre civilização (discurso médico higienista) e a barbárie (pensamento supersticioso de uma população ignorante).

João Reis, ao procurar compreender as múltiplas motivações da Cemiterada, desvenda e revela um complexo universo religioso construído em torno da morte. Apesar de considerar os vários conflitos de interesses políticos, econômicos e médicos (principalmente este último, representado pelo discurso higienista da medicina positivista do século XIX), retoma e detalha as tradições religiosas efetivamente vividas pela população baiana, em sua maioria heterodoxa.

Esta heterodoxia envolvia, além dos rituais em torno da morte, todas as tradições e mentalidades oriundas das diversas culturas que habitavam o espaço urbano de Salvador, esse habitat cultural religioso nem sempre harmonioso, mas que produziu a festa e a rebeldia em torno da morte e do morrer.

Este o ambiente onde aconteceu a Cemiterada. A Salvador de 1836 era uma cidade bela e cheia de problemas urbanos e sociais, uma sociedade escravista cujo povo livre era em sua grande maioria pobre. Uma cidade cuja população crescia — sobretudo a população negra e mestiça — enfrentando uma dura realidade econômica. Esta crise, as desigualdades sociais, o preconceito de cor, as ideologias religiosas, liberais e nacionalistas da época explicam movimentos sociais que tomaram a Bahia nas décadas de 1820 e 1830. A Cemiterada, apesar de sua característica peculiar, mobilizou um povo acostumado à rebeldia.⁵¹

Foi fundamental para o autor puxar o fio de Ariadne do episódio da Cemiterada a fim de demonstrar a morte como uma festa pública que mobilizava a sociedade e era por meio dessa mobilização que todos tinham a possibilidade de expressarem suas cosmovisões sobre a morte — tanto senhores quanto escravos. Por isso, a morte era um evento festivamente plural que comportava inúmeras simbologias religiosas. A produção da festa em torno da morte era uma construção social que trazia elementos das posições ocupadas pelos indivíduos nesta sociedade: da preparação do testamento ao enterro, o processo envolvia as relações comunitárias e as representações que essa comunidade elaborava coletivamente em torno da morte.

A morte pública expressava a fundamental importância que uma religiosidade transcultural⁵² representava para a vida da sociedade baiana na primeira metade do século XIX. João Reis demonstra como esta expressão se constitui por meio do crucial

⁵¹ Ibidem, p. 46

⁵² Dussel, Enrique. Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação in: Revista Sociedade e Estado – Volume 31 Número 1 Janeiro/Abril 2016, pp. 51-773

papel desempenhado pelas Irmandades Religiosas, pois estas geriam não somente a morte, mas também a vida de seus confrades. Sua importância é tratada em um capítulo dedicado à atuação. Porém, o fato de citar as Irmandades como articuladoras da Cemiterada, ressaltando a imponência com que participaram do movimento aponta, cremos, para um dos fatos históricos mais significativos das experiências religiosas no Brasil: as Irmandades Religiosas como gerenciadoras da vida e do comportamento religioso brasileiro desde a colônia até o império: “A violência da reação ao cemitério é sem dúvida surpreendente, o que nos obriga exatamente a refletir sobre por que foi assim.”⁵³

Num país como o Brasil, onde a multiplicidade religiosa é parte fundamental de nossa formação social, compreendemos que as Irmandades cumpriam o papel de reelaborar os inúmeros signos religiosos oriundos de nossa diversidade cultural.

Da mesma forma, que a ‘família-de-santo’ dos candomblés substituiria importantes funções e significações da família consanguínea desbaratada pela escravidão e dificilmente reconstituída em diáspora. Foi na mesma brecha institucional que a irmandade penetrou. Os irmãos de confraria formavam outra alternativa de parentesco ritual. Cabia à família de irmãos oferecer a seus membros, além de um espaço de comunhão e identidade, socorro nas de necessidade, apoio para conquista de alforria, meios de protesto contra abusos senhoriais e sobretudo rituais fúnebres dignos⁵⁴.

A partir da afirmação da significativa relevância das Irmandades Religiosas na sociedade brasileira como espaços de sociabilidade articulado por uma epifania religiosa, João Reis também elabora em *A Morte é uma Festa* o trânsito da morte da festa barroca controlada e gerenciada pelas Irmandades Religiosas até a morte legislada pelo discurso médico, que a transformava em problema de saúde pública e, como tal, devia estar sob a jurisdição da lógica do poder público.

A Bahia da primeira metade do século XIX tinha uma cultura funerária com as características que acabo de descrever. E era assim em grande parte por suas raízes em Portugal e África. Em ambos os lugares encontramos a ideia de que o indivíduo devia se preparar para a morte, arrumando bem sua vida, cuidando de seus santos de devoção ou fazendo sacrifícios a seus deuses ancestrais. Tanto africanos como portugueses eram minuciosos no cuidado com os mortos, banhando-os, cortando o cabelo, a barba e as unhas, vestindo-os com as melhores roupas ou com mortalhas ritualmente significativas. Em ambas as tradições aconteciam cerimônias de despedida, vigílias durante as quais se comia e bebia, com a presença de sacerdotes, familiares e membros da comunidade. Tanto na África como em Portugal, os vivos — e quanto maior número destes melhor — muito podiam fazer pelos

⁵³ Reis, João José. Op. Cit. p. 20

⁵⁴ Ibidem, p. 55.

mortos, tornando sua passagem para o além, mais segura, definitiva, até alegre, e assim defendendo-se de serem atormentados por almas penadas. Espíritos errantes de mortos circulavam em terras portuguesas e africanas. Para protegerem-se e protegerem seus mortos desse infeliz destino, portugueses e africanos produziam funerais elaborados, o que os tornava mais próximos uns dos outros do que, por exemplo, os católicos dos protestantes, estes últimos adeptos de funerais mais econômicos.⁵⁵

A Morte é uma Festa narra com uma infinidade de detalhes toda a elaboração que envolvia o funeral barroco — utilizando a expressão de Michel Vovelle. De acordo com João Reis, essa expressão é a que mais se adequa ao ideal de morrer no Brasil, onde toda ritualística mortuária está diretamente vinculada às Irmandades Religiosas ou as têm como referência, mesmo que indiretamente.

1.4 A Medicinalização da Morte

Os três autores tratados anteriormente podem divergir em relação à tematização que apresentam ao tratarem da morte como política de Estado, como Festa ou como Tabu. Porém, todos convergem em suas análises ao demonstrarem que a morte no Brasil, durante os séculos XIX e XX, passou para o controle da medicina.

O saber médico sistematizou outras formas de morrer e, entre outras coisas, deslocou o espaço de permanência do moribundo para o hospital, passou a normatizar políticas públicas em relação aos cemitérios, mas, fundamentalmente, focou seus saberes no prolongamento da vida, negando a morte.

O domínio da ciência médica sobre a morte vem sendo instrumentalizado pelas relações de poder desde o século XIX e encontra, atualmente, o máximo de sua expressão no século XXI. Este conhecimento carregou a morte de conteúdo técnico e controlável a partir da ideia de que a ciência responde ou traz em si a capacidade de responder qualquer questão relativa à vida humana. No entanto, é preciso enfatizar que a procura pela longevidade envolve diretamente os interesses econômicos da indústria farmacêutica, das relações de poder que se desdobram desses interesses econômicos que ditam os rumos das pesquisas de medicamentos e procedimentos de prolongamento da vida.

⁵⁵ Idem, p. 90

A morte carregada por saberes médicos, ao longo do tempo torna-se incompreensível à maioria da sociedade, na medida em que o saber médico científico permanece propriedade de grupos restritos. No caso do Brasil, em meados do século XIX, esses grupos passaram a informar as políticas públicas, construindo uma biopolítica brasileira. Nesse contexto, a ideia de que o país se tornaria civilizado com homens de ciência à sua frente foi algo que se consolidou durante a Primeira República.

Por fim, nesse caleidoscópio que chama de contexto, ganham sentido e nova ressonância as palavras de suas pesquisadoras. Para Margarida Neves, a Primeira República brasileira parece ser um período fértil, para evidenciar aquela dupla tendência de atrair para esfera do Estado os 'homens de sciencia' e o fazer científico, e de legitimar por meio da ciência a ação do Estado. (2010, p. 42) Complementando Simone Krioff ressalta que, desde o final do século XIX, intensificava-se a crença de que o Brasil, guiado pela ciência, ingressaria em um novo tempo e se tornaria uma nação civilizada⁵⁶.

Ao colocar a áurea do saber médico sobre a morte, descarregando-a de outros sentidos, ela se torna tabu e, por meio deste, um instrumento de controle social. Essa problematização se faz presente em uma produção recente organizada por Claudia Rodrigues e Fábio Lopes *Os Sentidos da morte e do morrer na Ibero- América* (2014)⁵⁷. Este trabalho traz uma série de novas questões e temáticas em relação às pesquisas sobre a morte no Brasil e na Ibero América.

O texto de abertura é da médica psiquiatra e antropóloga Raquel Aisengart Menezes⁵⁸, que inicia sua reflexão retomando o tabu e a negação da morte, processo este que tem o seu início — como já abordado anteriormente — em meados do século XIX e se estende por todo o século XX. Tal fato influenciou profundamente a elaboração da morte sob os parâmetros de investigação científica, principalmente sob

⁵⁶ Lopes, Fábio. O suicídio com objeto de reflexão histórica: apontamentos de uma pesquisa (Rio de Janeiro, início do século XX). In: RODRIGUES, Claudia e LOPES, Fábio (orgs) *Os sentidos da Morte e do Morrer na Ibero América*. Rio de Janeiro, EduERJ, 2014. p. 50.

⁵⁷ *Sentidos da Morte e do Morrer na Ibero-América* (2014). Na América Latina, a temática da morte como objeto de investigação científica passou por um significativo avanço a partir das pesquisas desenvolvidas na Universidad Nacional Mayor de San Marcos (UNMSM) em Lima (Peru). Essa empreitada, de acordo com Claudia Rodrigues, suscitou o I Congreso Latinoamericano de Ciencias Sociales y humanidades: *Imagenes de Muerte*, em 2004. Esse primeiro congresso desencadeou uma série de outros congressos que a cada dois anos reúnem pesquisadores de vários países latinoamericanos, dos Estados Unidos e da Europa e que se debruçam sobre o estudo da morte. Os trabalhos englobam antropologia, história, arqueologia, sociologia, arte, filosofia, literatura e música.

⁵⁸ Referências dos trabalhos da Raquel; mestrado, doutorado e artigos.

o ponto de vista de seu registro negativo: “A morte, então, era tida como ‘invertida, escamoteada, oculta, vergonhosa e suja.’”⁵⁹

A autora aponta para o pioneirismo do trabalho do historiador Philippe Ariès em seus livros *História da Morte no Ocidente* e *O Homem diante da Morte*. Neles, o historiador francês buscou compreender as mudanças das atitudes coletivas diante da morte, marcando principalmente o período moderno como o responsável pelo afastamento da morte do cotidiano social e sua transformação em tabu, privando dessa forma o homem de sua própria morte.

Não há dúvidas de que o trabalho de Ariès criou uma linhagem de estudos sobre a morte. Todos os trabalhos analisados anteriormente têm Ariès como matriz, principalmente no tocante aos recortes: a morte moderna (expressão cunhada pelo autor) e a morte tradicional (como no período anterior à modernidade). Destas questões trataremos ao final deste capítulo.

O que nos interessa acompanhar no texto de Raquel Aisengart Menezes é sua abordagem crítica em relação ao conceito e às práticas da chamada morte moderna, aquela gerida pelo saber e pelas instituições médicas, assim como o processo por meio do qual essa referência se torna central em nossa sociedade a partir do processo de secularização.

A ‘morte moderna’ é administrada pelo saber e pela instituição médica, instâncias que se tornam centrais na sociedade ocidental, a partir do processo de secularização. Na sociedade tradicional, morria-se na própria casa, enquanto que na sociedade moderna (no século XX) o hospital se tornou referência prioritária nos cuidados de doentes, sobretudo no último período da vida. Nesse sentido, à medicina foram delegados tanto os encargos com os enfermos quanto o controle sobre o ocultamento da morte e do morrer. Para tanto, foram desenvolvidas uma racionalização e burocratização do trabalho em hospital.⁶⁰

A partir da referência de estudos (principalmente na área das Ciências Sociais), que na década de 1960 começam a elaborar críticas ao modelo — de acordo com a autora — de supermedicalização do final da vida e do processo de morrer, surgem propostas, inicialmente na Inglaterra e nos Estados Unidos, de novas práticas em relação à morte. São eles os chamados Cuidados Paliativos (CPs), o projeto Hospice

⁵⁹ Menezes, Raquel Aisengart. *A morte como objeto de investigação*. In: Rodrigues, Claudia e Lopes, Fábio (orgs) Os sentidos da Morte e do Morrer na Ibero América. Rio de Janeiro, EduERJ, 2014. p. 9.

⁶⁰ Menezes, Raquel Aisengart. Op. Cit. p. 10.

e a procura da legalização da eutanásia e da ortotanásia (suicídio assistido), que passaram a compor novas proposições em relação à gestão da morte e do morrer.

Em relação aos Cuidados Paliativos, há uma preocupação em recuperar algumas características da chamada “morte tradicional” (termo cunhado por Philippe Ariès). Ou seja, retomar o ato de morrer em casa, assistido e amparado por familiares e amigos, em um contexto de morte íntima que deve ao mesmo tempo ser visibilizada e aceita socialmente. Para Raquel Aisengart Menezes, a construção de uma política para a morte que busque elementos da “morte tradicional” deve recuperar a humanização perdida com a modernidade.

Cabe refletir sobre a esperança do ser humano. Há alguns séculos o ocidente, em face ao infortúnio a esperança era o perdão; assim, no juízo final, o cristão iria para o Paraíso, e não para o Purgatório ou Inferno. Agora, em pleno o século XXI, qual pode ser a esperança diante de um diagnóstico de enfermidade degenerativa incurável ou de avanço de uma doença em direção à morte? Uma cura milagrosa? Tomar decisões sobre o último período de vida? Ter condições de deliberar sobre seus bens, seus objetos e suas relações sociais? Poder determinar exatamente a maneira e o momento de conclusão da sua própria vida? ⁶¹

Dessa forma, contemporaneamente, é retomado o conceito de “morte tradicional” e reincorporado ao debate a respeito do controle sobre a morte, do ponto de vista da construção de políticas públicas de saúde. Para acrescentar, indicamos uma publicação no site Rede HumanizaSUS, em que aparece também essa questão da recuperação de elementos da “morte tradicional”.

Os espaços para aprender a morrer são muito exíguos. Como já foi destacado em outros posts, estamos em meio a falta crônica de um processo socializador para a morte. Daí que autores como Maria Julia Kovacs proporem uma educação para a morte. Partindo-se da premissa que a educação se configura como processo formal (o que aprendemos nas escolas, nos currículos estruturados etc.) e informal (o que aprendemos mais ou menos de forma espontânea e/ou motivados por interesses diletantes), na ausência de uma "pedagogia" para o morrer objetivamente sistematizada, propomos a companhia dos poetas nessa caminhada como excelente maneira informal para nos preparamos frente a morte. (<http://www.redehumanizasus.net/>) acesso em 01/09/2016).

Neste post, a discussão se desenrola em torno de um projeto de aprendizado e a busca do *bem morrer*, questões que, de outra forma, estiveram presentes na história do Brasil e que foram apontadas anteriormente ao tratarmos dos trabalhos de

⁶¹ Idem, p, 12

José Carlos Rodrigues (1983), João José Reis (1991) e Claudia Rodrigues (2005). Em três décadas diferentes, as questões em torno *do bem morrer* se recolocam.

Assim, no século XXI a busca por uma pedagogia da morte por meio do conceito de *bem morrer* aparece no debate em relação às políticas públicas sobre a morte como proposta alternativa ao quadro da supermedicalização em busca do prolongamento da vida a qualquer custo. Obviamente, nesse contexto, o conceito de *bem morrer* é esvaziado de seu conteúdo religioso. Aliás, podemos indicar certa “negligência” em caracterizá-lo como um conceito religioso.

No entanto, apesar das pesquisas e dos estudos atuais sobre a morte explorarem inúmeras temáticas⁶² que procuram enfocar as particularidades culturais e regionais de sociedades como a brasileira, a produção acadêmica ainda está profundamente vinculada ao paradigma europeu e especificamente não há uma ruptura com o modelo analítico francês, apesar da intenção de ruptura.

Afinal, o incremento das pesquisas sobre o tema possibilitava cada vez mais análises comparativas sobre atitudes e concepções diante da morte nas diferentes culturas ibero-americanas ao longo da história, da mesma forma que permitia a identificação de semelhanças e particularidades no modo como a morte e o morrer se apresentam — e se apresentavam em relação aos costumes de outras culturas, particularmente as camponesas, indígenas e africanas, se pensarmos nas diferentes sociedades ibéricas e americanas. Não por acaso as publicações enfocam temas ligados à arte, à arquitetura, e ao patrimônio cemiterial, à arqueologia funerária, às concepções acerca da morte e do além-túmulo, à demografia, à fotografia de mortos, à literatura entre outros, vinham ganhando publicidade e levados a cabo em universidades e centros de pesquisa de diversos países da Ibero-américa desde as décadas de 1980 e 1990.

A importância de tais investigações está no enfoque dado às particularidades culturais e regionais que sirvam de novos paradigmas teórico-metodológicos nos estudos sobre a morte e possibilitem aos interessados em outras matrizes analíticas para além dos estudos europeizantes e majoritariamente franceses, a exemplo, dos clássicos de Philippe Ariès e Michel Vovelle, que não conseguem dar conta de outras regiões, em especial as das sociedades ibéricas e americanas de matriz hispânica ou lusitana.⁶³

⁶² Recentemente (2017) foi publicada uma coletânea chamada Experiências Sociais da Morte : diálogos interdisciplinares organizada pelo historiador Pedro Paulo Funari.. e pela historiadora Luciana Munhoz Omena. A coletânea traz um olhar multidisciplinar sobre a morte, desde um diálogo com as memórias da morte nas sociedades mediterrânicas na antiguidade até a morte e arqueologia sob o viés contemporâneo, enfim, o recorte desta obra é a tratar a morte sob olhares não religiosos ou seja pelo recorte da secularização. Também a historiadora Claudia Rodrigues edita na Unirio a Revista M cujo foco também é o diálogo interdisciplinar diante da temática morte com o recorte fundamental da secularização. <http://www.revistam-unirio.com.br/>

⁶³ Rodrigues, Claudia e Lopes, Fábio (org.) Op. Cit. p. 40

Em torno do pensamento europeu, queremos enfatizar especificamente o trabalho de Philippe Ariès como grande matriz, mesmo em áreas fora das Ciências Sociais, como no caso das propostas dos Cuidados Paliativos, com retomada do conceito de “morte tradicional”, indicado por Raquel Menezes, que é um conceito desenvolvido por Philippe Ariès em seu livro *História da Morte no Ocidente*,⁶⁴ como veremos adiante.

Na verdade, não somente o trabalho de Ariès, mas também o pensamento francês de forma singular impõe como matriz analítica tanto no trabalho de José Carlos Rodrigues em *Tabu da Morte*, quanto nos textos da coletânea *Sentido da Morte e do Morrer na Ibero-América*. Ou seja, em quase quatro décadas, as questões se recolocam e continuam a ser apresentadas em produções recentes, como no caso da coletânea de Claudia Rodrigues e Fábio Lopes, que propõe avanço e superação em relação aos modelos e temáticas oriundas do pensamento francês sobre a morte.

1.5 O Império do pensamento francês sobre a Morte: a resposta francesa.

Philippe Ariès iniciou seu estudo sobre a morte a partir de uma questão epistemológica. Após 15 anos de pesquisa sobre as atitudes diante da morte elaboradas pela cultura cristã ocidental, Philippe Ariès relata que, cada vez que considerava ter chegado ao limiar do objeto, a morte lhe apresentava uma nova questão que o fazia recuar no tempo.

A questão do tempo foi um fator determinante para a reflexão histórica sobre a morte de Philippe Ariès não somente para sua problematização em torno da morte enquanto objeto de pesquisa, mas também por seu valor de signo. Assim, toda vez que encontrava em suas pesquisas indícios de relatos sobre a morte que considerava produtos de tempos remotos, na verdade concluía que estas concepções e narrativas eram produtos do século XIX e início do XX, que tinham por hábito atribuir origens longínquas a fenômenos coletivos e mentais relativamente novos: “o que equivaleria a reconhecer nesta época de progresso científico a capacidade de criar mitos.”⁶⁵

⁶⁴ Ariès, Phillippe. *Sobre a História da Morte no Ocidente: da Idade Média aos Nossos Dias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

⁶⁵ Ariès, Philippe. Op. Cit. p. 18.

A partir desta questão epistemológica, o autor fez uma opção de recorte de sua pesquisa e começou a estudar os costumes funerários contemporâneos⁶⁶, com o objetivo de, por meio destes costumes, verificar se o hábito na França de vincular as origens longínquas das atitudes diante da morte às atitudes contemporâneas não eram mitos produzidos pela contemporaneidade, uma possibilidade extremamente plausível. No entanto, o desdobramento de sua questão caminha nos dois sentidos, pois o autor conseguiu perceber e reconhecer nesses ritos os mitos da contemporaneidade e as heranças rituais historicamente constituídas.

Uma primeira questão com a qual se deparou diante dos costumes funerários foi a de que havia práticas na antiguidade que diferiam em muito das atuais (no período em que começou a estudar os cemitérios interessou-se pela peregrinação e culto aos mortos durante as festas de finados). Essas práticas eram resultado de certa indiferença em relação aos mortos, tendo em vista que, na época, não havia a preocupação com o destino dos corpos, colocados em fossas comuns, anônimos e amontoados.

Philippe Ariès também constatou o acúmulo de ossos em ossários e, a partir desta constatação, formulou o modelo da diferenciação, no qual nem todos os ritos mortuários são iguais e existe um processo de transformação histórica nas atitudes do homem diante da morte, que até pode ser lentas, mas a princípio são descontínuas.

Dessa forma, a questão da descontinuidade/continuidade das atitudes diante da morte o levou a elaborar uma resposta: as práticas funerárias da Antiguidade haviam seguramente desaparecido. O cristianismo, por sua vez — até o século XIII —, também abandonava os corpos nas Igrejas e foi somente a partir deste século que uma nova sensibilidade diante da morte abandonou a indiferença diante dela e construiu uma devoção aos mortos. Essa devoção tornou-se tão popular (e posteriormente difundida pelo período romântico) que passou a acreditar-se que este culto era imemorial. Diante desta hipótese, Philippe Ariès construiu seu trabalho levantando outras questões:

Poderia ter parado neste ponto, mas não estava satisfeito e me ressentia muito do caráter provisório da resposta. Havia demonstrado a originalidade do culto romântico dos mortos, mas minha opinião sobre a indiferença medieval e moderna em relação às sepulturas, fundada em documentos do

⁶⁶ Neste caso Philippe Ariès começou a estudar os costumes funerários da década de 1960/1970 na França, Inglaterra e Estados Unidos

fim do século XVIII e do período revolucionário, parecia-me um pouco superficial e simplista e achei que era preciso examiná-la mais de perto. Imprudente curiosidade!⁶⁷.

Sua imprudente curiosidade o arrastou para uma ampliação da pesquisa ao procurar nos testamentos a fonte para entender as antigas atitudes diante da sepultura. Obrigou-se a ampliar o recorte temporal da pesquisa em três séculos — do século XVI ao século XVIII, tendo em vista que o século XVIII só lhe confirmou a “invenção” do tempo imemorial do culto aos mortos — e, simultaneamente, ao estender o recorte cronológico, os testamentos apresentaram ao pesquisador outras temáticas diante da morte: os serviços religiosos, as instituições de missas, os cortejos fúnebres, as relações com a família, com o clero e com a fabrique⁶⁸. Isso de início, pois, na medida em que as temáticas apareciam, outras questões se desdobravam e outras séries documentais se construíam a partir de outras fontes como literatura, arqueologia e liturgia. Porém, o que o impelia a avançar nas pesquisas também o fazia se aprofundar no objeto e considerar que certa ideia originada no início do trabalho era apenas uma realidade parcial.

Ora, enquanto viajava através da História Medieval e Moderna, eis que uma grande mudança se operava ao meu redor, mudança que viria descobrir subitamente por volta de 1965, guiado pelo livro de Geoffrey Gorer. No início de minhas pesquisas o culto dos cemitérios e a peregrinação aos túmulos, pensava partir de um fato contemporâneo. Mas o fato que acreditava contemporâneo era, ao menos parcialmente, recalcado no passado por outras formas totalmente diferentes de sensibilidades: a morte invertida. Os interditos da morte, nascidos nos Estados Unidos e no noroeste da Europa no século XX, penetrava, então na França; uma dimensão imprevista se acrescentava, desta vez por adiante, a uma pesquisa já desmensuradamente desenvolvida no passado.⁶⁹

A narrativa de Philippe Ariés a respeito dos percursos e percalços metodológicos de sua pesquisa nos fornece impressões importantíssimas acerca das expectativas de linearidades que a construção de um objeto de pesquisa nem sempre corresponde, pois, no meio do caminho, descobrimos algo inusitado, hipóteses se desfazem e dão lugar a outras tantas. O fato é que, ao perceber que sua ideia de que o mundo contemporâneo havia criado uma memória sobre a morte para dar conta da mudança imposta pela modernidade não correspondia a dados novos apresentados

⁶⁷ Ibidem, p. 21

⁶⁸ Conselho constituído de clérigos e leigos para administrar os bens de uma paróquia. Nota do Tradutor. (Ariès, 2012, p. 23)

⁶⁹ Ibidem, p. 24.

por outras pesquisas. Assim, o pesquisador se pôs a procurar dar conta na longa duração da história das singularidades do presente.

Tendo como perspectiva “os giros da roda louca da história” (Ariès, 2012, p. 24), o autor aponta para os perigos do anacronismo e da recorrência com que um historiador das mentalidades (ou outro tipo de pesquisador) pode cair nas artimanhas dos discursos que uma época produz sobre si mesma. Essa é uma questão fundamental que trataremos no segundo capítulo desta tese.

Do ponto de vista metodológico, Philippe Ariès aponta que optou por uma abordagem intuitiva, subjetiva e talvez mais global, com a intenção de abranger um longuíssimo processo e assim demonstrar como é possível a compreensão dar conta, como pesquisador, de longos processos históricos.

O observador passa em revista uma massa heteroclita (e não mais homogênea) de documentos e tenta decifrar, para além da vontade dos escritores ou dos artistas a expressão inconsciente de uma sensibilidade coletiva. Este método é hoje suspeito porque utiliza também materiais nobres e acredita-se que essa qualidade estética atribuída a uma elite não traduz o pensamento comum.⁷⁰

Dessa forma, a interpretação das fontes necessariamente deve ressaltar o que as mesmas possuem de original e próximo em relação ao sentimento geral de uma determinada época. Ainda adverte ao historiador que existe uma dinâmica dialética entre a originalidade e a proximidade que pode tornar a análise dos documentos delicada. Exemplifica essa questão por meio dos documentos eclesiásticos:

Essa dialética da proximidade e da originalidade torna muito delicada a análise dos documentos de origem eclesiástica, que constituem uma fonte importante das atitudes diante da morte. O historiador da morte não deve lê-los com as mesmas lentes do historiador das religiões. Não pode considerá-las, conforme, se apresentam no pensamento de seus autores, lições de espiritualidade ou de moralidade. Deve decifrá-los para reencontrar, sob a linguagem eclesiástica, o fundo banal de representação comum que era evidente e que tornava a lição inteligível ao público. Portanto, um fundo comum aos clérigos letRADOS e aos outros e que assim, se exprime ingenuamente.⁷¹

No entanto, cremos que o tratamento de fontes documentais, como qualquer outra fonte, é um exercício delicado, seja qual for sua origem ou gênero. Não cair nas artimanhas das narrativas do documento e entendê-lo inserido em seu contexto é a

⁷⁰ Idem, p. 25

⁷¹ Ibidem, p. 26.

primeira lição à qual o historiador deve estar atento. Essa chamativa de Philippe Ariès em relação aos documentos de origem eclesiástica — fontes importantíssimas para o historiador da morte — será objeto de discussão ao final deste capítulo.

1.5.1 Philippe Ariès e o desenho do itinerário da morte no Brasil.

A *História da Morte no Ocidente* é uma reunião de artigos escritos por Philippe Ariès e apresentados na Universidade Johns Hopkins. O livro se divide em duas partes: a primeira parte é denominada *morte domada* e traz textos que tratam das primeiras formulações encontradas pelo autor a respeito do indivíduo diante da consciência da morte ou — como intitula o autor — da morte de si mesmo. Na representação do juízo final, apresenta o processo pelo qual a ideia geral de juízo final transita para a concepção de juízo individual com todas as implicações, inclusive o processo de assenhoramento da morte por parte da Igreja Cristã.

A partir de então, o quarto do moribundo torna-se para o imaginário coletivo um momento de conflito e disputa pela alma do indivíduo. A questão do corpo morto também é objeto de reflexão nesta primeira parte, em interessante artigo sobre as representações no imaginário coletivo do cadáver decomposto.

O estudo sobre as práticas de sepultamento percorrem desde as sepulturas coletivas da Antiguidade até a Idade Média, durante este período ressaltando os sepultamentos nas Igrejas até nos séculos XVIII e XIX, do controle dos sepultamentos pelas famílias e sua crescente dessacralização. Conduz ainda o leitor a refletir sobre o processo de consciência da morte do outro, até o banimento da morte do convívio social com a morte interdita.

A segunda parte de *História da Morte no Ocidente* é nomeada por Philippe Ariès *Itinerário*. Nestes caminhos da morte, o autor, num profícuo diálogo com a literatura e a iconografia, acompanha as trajetórias da morte, primeiramente no sentido de como ela se apresenta entre ricos e pobres durante a Idade Média. A seguir, retoma o pensamento de Huizinga e seus estudos sobre as representações macabras da morte. Nessas representações da morte nos séculos XII e XIII, estuda fundamentalmente o momento em que a Igreja se apoderou da morte e foi gradativamente transformando os ritos mortuários em ritos religiosos.

Entre os séculos XIV e XV, estuda a ressignificação do macabro como representação da morte, posteriormente dando um salto histórico e chegando ao

século XIX, apontando as origens do medo da morte ao lado da nascente supervalorização da vida. Por meio do que denomina o moderno sentimento de família, demonstra a construção da ideia de indivíduo nos testamentos e nos túmulos, contribuindo com o estudo do culto dos mortos na sociedade contemporânea.

Finaliza esta parte do trabalho com o que denomina de morte invertida, primeiro abordando as mudanças de atitudes diante da morte nas sociedades ocidentais (o moribundo e a privação da morte, a recusa do luto e a invenção dos ritos funerários nos Estados Unidos por meio do *funeral home*, por exemplo), em seguida falando sobre o doente, a família e o médico nos textos *Time for dying*, e *The dying patient*, até chegar ao fechamento de suas ideias, ao concluir que suas narrativas das atitudes do homem diante da morte nesse longo processo histórico são fundamentais para compreendermos como o inconsciente coletivo nas sociedades ocidentais elabora o enfrentamento humano diante da morte e tenta atribuir sentido ao morrer.

Sem dúvida alguma, Philippe Ariès inaugura uma tradição de estudos sobre a morte. Não há temática descrita anteriormente que não tenha se tornado objeto de pesquisas posteriores, mas, obviamente, ele não é o pioneiro. Autores como Edgar Morin , Alberto Tenenti e Johan Huizinga são interlocutores e fontes com as quais Ariès dialoga. No entanto, — talvez por seu poder de sintetizar o assunto sem banalizá-lo — faz-se presente nos estudos de inúmeros historiadores, antropólogos, sociólogos e médicos que se dispuseram a enfrentar o tema.

Contudo, ainda é preciso considerar algumas questões. Por meio de uma gama enorme de documentos, o autor explora o mundo da morte que a roda louca da história descortina, por meio da vasta documentação — eclesiástica, textos literários, testamentos, iconografias, relatos orais e vasta bibliografia — analisada em diferentes temporalidades e registrada em diferentes locais (fundamentalmente a França, a Inglaterra e os Estados Unidos).

O historiador francês elabora categorias de análise que o possibilitaram dar conta do caráter metafísico da morte. Além disso, e por causa disso, a *História da Morte no Ocidente* é fonte de referência para todos os trabalhos posteriores, mesmo para aqueles que alegam reconhecer que é necessário romper com esses modelos.

Dessa forma, as categorias analíticas que emergem do trabalho de Philippe Ariès, como já indicamos, são paradigmas — nem sempre explícitos — para a elaboração de trabalhos posteriores. Assim, a *morte interdita* é a tese principal do

trabalho de José Carlos Rodrigues (1983) em *Tabu da Morte*, pois de forma comparativa podemos vislumbrar a mesma ideia em ambos os trabalhos:

Philippe Ariès (1975):

Durante um longo período que percorremos, desde a Alta Idade Média até a metade do século XIX, a atitude diante da morte mudou, porém de forma tão lenta que os contemporâneos não se deram conta. Ora, há mais ou menos um terço de século, assistimos uma revolução brutal das ideias e dos sentimentos tradicionais; tão brutal, que não deixou de chocar os observadores sociais. Na realidade, trata-se de um fenômeno absolutamente inaudito. A morte, tão presente no passado, de tão familiar, vai se apagar e desaparecer. Torna-se vergonhosa e objeto de interdição.⁷²

Já José Carlos Rodrigues (1983):

No curso das últimas três ou quatro décadas, todavia nós presenciamos uma verdadeira revolução das práticas funerárias, dos pensamentos e dos sentimentos a ela associados, esta transformação revolucionária em duas palavras consiste no seguinte a morte que sempre foi tudo (sempre foi considerada absolutamente importante pela sociedade e pelos indivíduos) agora começa a ser olhada com aparente indiferença e desaparece do mundo do dia a dia, está em envia de tornar-se nada.⁷³

O esvaziamento da morte em seu conteúdo religioso é outra grande questão para José Carlos Rodrigues (1983), como já indicamos anteriormente. Esse esvaziamento prevalece nas sociedades industrializadas em função da extrema valorização do mito da vida.

Em *A Morte é uma Festa* de João José Reis, pudemos apreender o conceito de *morte domada* — outra categoria de morte elaborada por Ariès — e como ele expressa as representações de uma mentalidade social por meio de simbologias religiosas, tratando a morte como um dado da vida e transformando-a em um fato socialmente aceito.

João José Reis, ao estudar os ritos funerários na Bahia da primeira metade do século XIX, traz todas as especificidades de uma sociedade na qual a vida religiosa estrutura o ordenamento social. Ressalta, por meio de sua análise, uma sociedade que elaborava seus ritos de morte como festa, uma sociedade na qual não se tem medo de festas e nem se nega a participação nelas. Uma sociedade onde a morte é uma festa: é a morte domada. Mais uma vez o diálogo com Philippe Ariès é latente

⁷² Ariès, Philippe. Op. Cit. p. 82

⁷³ Rodrigues, José Carlos. Op. Cit. p. 185

Philippe Ariès (1975) :

Paremos aqui e tiremos algumas conclusões gerais.
 A primeira já foi suficientemente destacada: a morte esperada no leito de morte, 'jazendo no leito, enfermo'.
 A segunda é que a morte é uma cerimônia pública e organizada. Organizada pelo próprio moribundo, que a preside e conhece seu protocolo. Se viesse a esquecer ou blefar, caberia aos assistentes, ao médico, ou ao padre trazê-lo de volta a ordem, ao mesmo tempo cristã e tradicional.
 Tratava-se da morte pública. O quarto do moribundo transformava-se, então, em lugar público, onde se entrava livremente.⁷⁴

João José Reis (1991):

Em seu admirável livro sobre o homem diante da morte, o historiador Philippe Ariès mostra que entre a Idade Média e meados do século XVIII, aproximadamente, predominou no Ocidente Católico, e na França em particular, uma relação de proximidade entre vivos e mortos. Foi um período que ele denominou da 'morte domesticada'. Parentes, amigos, irmãos de confraria e vizinhos acompanhavam no quarto dos moribundos seus últimos momentos e, a partir, do século V, os enterravam nas igrejas que frequentavam ou em cemitérios contíguos absolutamente ligados à vida da comunidade. Cemitérios que, embora contra as leis municipais e a decência religiosa, frequentemente serviam como local para pastagem de animais, feiras, bailes, jogos, atalhos, depósito de lixo, sanitário público, namoros clandestinos e moradas de mendigos. Jacques Heers associa igrejas e cemitérios paroquiais a locais de integração entre o sagrado e profano, espaços onde aconteciam festas populares e carnavais franceses. 'Uma sociedade em que coabitavam os vivos e os mortos, em que o cemitério se confunde com a igreja no coração da cidade', escreveu Vovelle comentando o trabalho de Ariès.⁷⁵

Também ao narrar todo o processo ritual da morte na Bahia do século XIX, João José Reis segue o mesmo percurso elaborado pelo itinerário de Philippe Ariès: o controle do moribundo sobre a sua morte, desde a escolha da mortalha com a qual seria sepultado até os detalhes do cortejo fúnebre, incluindo ainda o quarto onde seria velado e o espaço público por onde transitariam parentes e amigos para prestar-lhe assistência em seus últimos momentos.

Já o trabalho de Claudia Rodrigues, *Nas Fronteiras do Além: a secularização da morte no Rio de Janeiro séculos XVIII e XIX*, tem como recorte temático a produção da chamada 'pedagogia do medo' como centro das práticas mortuárias no Rio de Janeiro naquele contexto. Portanto, para Claudia Rodrigues foi importante demonstrar a historicidade dessa mentalidade no Brasil como uma política de controle social e econômico da Igreja Católica em torno da disseminação do conceito de 'bem morrer'

⁷⁴ Ariès, Philippe. Op. Cit. p. 51

⁷⁵ Reis, João José. Op. Cit. p. 73

que somente tem seus alicerces ruídos com o processo de secularização da sociedade brasileira a partir da segunda metade do século XIX.

Philippe Ariès (1975):

O segundo fenômeno que proponho à observação dos leitores consistiu na supressão do tempo escatológico entre a morte e o final dos tempos, situando o juízo não mais no éter o Grande Dia, mas sim no quarto, à volta, do leito do moribundo.

O moribundo está deitado, cercado por seus amigos e familiares. Está prestes a executar os ritos que bem conhecemos. Mas sucede algo que perturba a simplicidade da cerimônia e que os assistentes não veem, um espetáculo reservado unicamente ao moribundo, que, aliás o contempla com um pouco de inquietude e muita indiferença. Seres sobrenaturais invadiram o quarto e se comprimem na cabeceira do 'acente'. De um lado, a Trindade, a Virgem e toda a corte celeste e, de outro, Satã e o exército de demônios monstruosos. A grande reunião que nos séculos XII e XIII tinha lugar no final dos tempos se faz então, a partir do século XV no quarto do enfermo.⁷⁶

Claudia Rodrigues (2005).

Mas o medo que passou a sentir em relação aos últimos momentos também esteve bastante relacionado ao progressivo desenvolvimento do que poderíamos chamar de 'escatologia individual'. A disseminação desta concepção escatológica teve como base a crença de que, logo após a morte, haveria um julgamento individual, pelo qual seria decidido o destino da alma: o Paraíso, o Inferno ou o Purgatório. Era uma ideia diferente daquela que afirmava que o julgamento seria coletivo e realizado no final dos tempos: o Juízo Final. Com a afirmação da 'escatologia individual', o tempo de espera entre a morte e o Juízo Final foi minimizado, posto que o destino da alma seria decidido no próprio momento da morte.⁷⁷ (Rodrigues, 2005, p. 47).

Ainda existem trabalhos recentes, como *Sentidos da Morte e do Morrer na Ibero-América*, que situa o leitor e o pesquisador a respeito da atual conjuntura das pesquisas sobre a morte, como já citado anteriormente. Todos estes trabalhos nos apresentam perspectivas, entre outras, que tem por objetivo romper com uma visão europeizante sobre a morte. Ainda assim, encontramos referências europeizantes nesses trabalhos: citamos o texto de Raquel A. Menezes que, ao criticar a supermedicalização da morte, propõe a retomada do modelo de 'morte tradicional', trazendo a categoria elaborada por Philippe Ariès para os Cuidados Paliativos.

Queremos, dessa forma, acentuar um paradigma que norteia os estudos da morte no Brasil, o recorte que baliza os sentidos da morte antes de processos de secularização/modernidade (e seu passado e/ou outras culturas) formulado pelo pensamento francês, bem como a sua profunda influência na produção de

⁷⁶ Ariès, Philippe. Op. Cit. p. 53

⁷⁷ Rodrigues, Claudia. Op. Cit. p. 47.

conhecimento nas Ciências Sociais no Brasil. Mesmo quando existe uma proposta de superação e autonomia em relação a esse pensamento, o modelo continua a ser europeu.

1.5 A Religião como resposta: perguntas invariantes em todo tempo e lugar.

Em 2011 o antropólogo francês Maurice Godelier foi procurado por um grupo de médicos, juristas especialistas em saúde pública franceses que lhe fizeram a seguinte provocação: “Vocês poderiam nos esclarecer sobre os modos como a morte é concebida e vivida em outras sociedades que não a nossa, ou como o foi em outras épocas que não a nossa?”⁷⁸

A resposta de Godelier foi organizar uma coletânea de artigos, escritos em sua maioria por antropólogos, que pudessem relatar suas pesquisas sobre a morte em diferentes lugares do mundo, mas questão que consideramos fundamental na coletânea de Godelier é a ideia de que no processo de enfrentamento da morte sociedades diferentes em contextos diversos partem denomina parte perguntas invariantes comuns cujas respostas são efetivamente elaboradas por meio das religiões.

Apesar da crítica ao império do pensamento francês nas Ciências Sociais no Brasil, quando o assunto é a morte, o trabalho de Godelier tornou-se um importante interlocutor para esta tese principalmente do ponto de vista metodológico, pois, quando iniciamos nossa pesquisa de campo com a comunidade católica de Espírito Santo do Pinhal (SP) um antropólogo francês com quem dialogamos, no sentido de sustentar a hipótese central de que as religiões produzem conhecimentos que amparam, fundamentam e atribuem sentido ao processo de elaboração da morte justamente pelo fato de responder às perguntas invariantes como : o que acontece quando uma pessoa morre? Como enfrentar o último instante da vida de uma pessoa? O que fazer durante o período de luto? Por que morremos?

São essas as questões o livro *Sobre a Morte: Invariantes Culturais e Práticas Sociais* traz e a partir das quais podemos conduzir nossas análises sobre a elaboração explicativas da morte por meio dos referenciais das práticas católicas na sociedade brasileira, a questão que consideramos fundamental na coletânea de Godelier é a

⁷⁸ Godelier, Maurice (org.).Op. Cit.. p. 9

ideia de que no processo de enfrentamento da morte sociedades diferentes em contextos diversos partem denomina de invariantes comuns.

Fizemos isso optando por descobrir se no meio de todas as diferenças entre as concepções de morte e de mortos oriundas de sociedades tão diversas – umas sem casta, sem classes e sem Estado, outras, ao contrário, divididas em classes ou em castas hierarquizadas e submetidas a um poder de Estado – era possível invariantes comuns.⁷⁹

Por este motivo, consideramos muito importante relatar as razões que levou o antropólogo francês a elaborar esta coletânea que teve origem no ano de 2011 a partir da provocação que lhe fizeram médicos, juristas e especialistas em políticas de saúde, a provocação foi a seguinte: “Vocês poderiam nos esclarecer sobre os modos como a morte é concebida e vivida em outras sociedades que não a nossa, ou como o foi em outras épocas que não a nossa?”⁸⁰

Esse questionamento apresentado a Maurice Godelier pode ser considerado mais um invariante sobre a morte, um fato significativo de nossa contemporaneidade, as pessoas vivem mais e não morrem de “velhice”, mas de uma gama de enfermidades, em sua maioria, decorrentes da idade avançada.

Por isso o motivo que suscitou esta questão está ligado à longevidade das pessoas, em alguns países do ocidente, como por exemplo, a França, viver mais acabou se transformando num problema gerando aos idosos uma vida solitária, muitas vezes acabam internados em clínicas de repouso onde falecem longe de parentes e amigos, com certeza esse quadro além de provocar reflexões mais técnicas como as relativas ao contexto de políticas públicas de saúde, gera também no mínimo um questionamento profundo sobre os limites da existência humana.

Assim, fomos buscar algumas as informações acerca deste problema que são reveladoras do estado atual do debate, e uma das primeiras constatações foi que as ciências médicas são profundamente afetadas pelo prolongamento da vida, por isso o questionamento ao antropólogo francês partiu de médicos, para a ciência médica e para o mundo das políticas públicas de saúde ainda há pouco preparo para enfrentamento da morte, a formação é para a manutenção da vida e não para compreender a inevitabilidade da morte.

⁷⁹ Godelier, Maurice. Op.cit. p. 12

⁸⁰ Ibidem, p. 9

Mas paradoxalmente fica sugerido nos documentos que buscamos emitidos pela Organização Mundial de Saúde (OMS) que há certe despreparo para enfrentamento de uma vida mais longeva das pessoas, isso afeta o sistema de saúde pública sob inúmeros aspectos incluindo os recursos desembolsados para os cuidados com esses indivíduos no fim da vida, consequentemente o mundo jurídico, também é provocado e chamado ao debate, tendo em vista que o direito a um fim digno se encontra no sistema legislativo de inúmeros países ocidentais.⁸¹

Em virtude deste quadro em 2015 a Organização Mundial de Saúde publicou o Relatório Mundial do Envelhecimento e Saúde⁸² este documento demonstra as principais questões e preocupações em políticas de saúde relativas ao aumento da população de “adultos maiores” (termo utilizado pelo documento), a preocupação central do documento revela concepções importantes do mundo contemporâneo em relação “aos adultos maiores” tais como: custos com a saúde, portanto é necessário investir no “envelhecimento saudável”; serviços de cuidados para essas pessoas; onde e como alocar essa força de trabalho (força de trabalho é a expressão do documento); combate a segregação etária e inclusão social etc, porém, em nenhum momento sequer é tratado o tema da morte como uma questão de saúde pública.

É evidente que a OMS se preocupa com a morte, pois, existem inúmeros documentos produzidos pela organização sobre causas de morte como homicídios e suicídios, além do mapeamento sobre as principais causas da mortalidade por doenças em países desenvolvidos, subdesenvolvidos e em desenvolvimento.⁸³ Mas esta forma de abordagem se restringem apenas as métricas, as medidas, as extensões e aos possíveis procedimentos de controle sobre a morte cujo principal contraponto é elencar estratégias de produção de saúde, a antítese da saúde é a doença e a doença pode levar à morte, desta forma produz-se a impressão de que

⁸¹ Sá, Maria de Fátima Freira e Moureira, Diogo Luna. Autonomia para morrer: a nevralgia do direito contemporâneo diante da efetivação de uma possibilidade pelo exercício da autonomia. In: Rodrigues, Claudia e Lopes, Fábio (orgs) Os sentidos da Morte e do Morrer na Ibero América. Rio de Janeiro, EduERJ, 2014.

⁸² Organização Mundial de Saúde. Resumo do Relatório Mundial do Envelhecimento e Saúde. Disponível em <http://longevidadeunicamp.org.br/>. Acesso em 9 de Maio de 2018.

⁸³ Homicídio é a quarta maior causa de morte entre os jovens no mundo. Disponível em <https://nacoesunidas.org/> . Acesso em 10 de Maio de 2018; O suicídio é responsável por uma morte a cada 40 segundos no mundo. Disponível em <https://nacoesunidas.org/> . Acesso em 10 de Maio de 2018. The top 10 causes of death. Disponível em <http://www.who.int/> Acesso em 10 de Maio de 2018.

controlar a relação existente entre saúde/doença consequentemente irá se produzir um controle sobre a morte.

Esse pode ser um dos motivos pelos quais o documento Relatório Mundial sobre Envelhecimento e Saúde não faça uma menção sequer à morte, porém há uma questão que é subjacente a toda essa elaboração, por mais que a saúde esteja sob controle existe uma estimativa limite de vida para o corpo humano, ou seja, todos nós mais cedo ou mais tarde, saudáveis ou doentes iremos morrer, a ciência e o avanço técnico como forma e expressão de conhecimento considera que pode operar controles sobre inúmeros aspectos da vida humana, mas ainda não se consegue evitar a morte, apesar das tentativas de controlá-la.

Em todas as épocas, os homens viram morrer ao seu redor plantas, animais e seres humanos e, fossem eles caçadores, criadores de rebanhos, guerreiros etc., mataram e fizeram com que seres vivos morressem. Tudo se passava como se a experiência concreta da vida e da morte jamais pudesse levar à conclusão de que a morte, uma vez constatada, não era definitiva. Tudo acontecia como se, desde o surgimento de nossa espécie, o *Homo sapiens sapiens*, sobre a Terra (talvez mesmo antes, no homem de Neandertal e, mais antigamente, no *Homo heidelbergensis*), a morte não pudesse ser concebida nem vivida simplesmente como o fim da vida. *Como se esse pensamento fosse impensável, ou seja, pensável, mas inaceitável para o pensamento.*⁸⁴

Se contemporaneamente há no tabu da morte a negativa de sua existência o resultado só poderia ser o do silêncio como narramos no início deste capítulo, mas ao mesmo nossa contemporaneidade comporta outras maneiras de enfrentar a morte incluindo, principalmente aquelas que emergem das vivências religiosas, fato que se confronta diretamente com a ideia de uma sociedade moderna e secular. Principalmente, como é o caso que apresentamos nesta tese, quando a morte é experimentada coletiva a partir de ritos e símbolos religiosos e por meio desse quadro ainda é a religião (mesmo em processo de esvaziamento) que define as atitudes, as práticas e os valores que conferem significado a existência.

Por conseguinte nossa hipótese de trabalho é que no Brasil a compreensão e o enfrentamento da morte estão intrinsecamente vinculados ao pensamento religioso, esse pensamento religioso é resultado de um processo de *innclesiamento* que em torno dos referenciais católicos representam a longevidade do ideário do *bem morrer* como forma de conhecimento sobre a morte, um conhecimento que enfrenta o

⁸⁴ Godelier, Maurice. Op.Cit. pp. 39-40.

processo de secularização da sociedade brasileira, mas ao mesmo tempo permanece por meio da memória como antagonista da ideia do esvaziamento religioso da morte produzido pelo discurso da modernidade.

Mesmo que essa vida social se encontre pulverizada fruto de um conhecimento que vem se fragmentando desde o século XVIII até hoje, é possível ainda encontrar no conhecimento religioso católico sobre a morte certa unidade de memórias e de experiências efetivamente vividas que em seu conjunto representam o aprendizado do bem morrer que supera a pedagogia do medo da morte, na medida em que esse ideário responde as perguntas invariantes que a humanidade se faz diante da morte.

Por isso, mediante a provocação de Maurice Godelier é preciso entender como a Ciência da Religião se comporta diante da morte e em que medida o diálogo interdisciplinar é proveitoso ao cientista das religiões como interlocutor de outros campos de conhecimento que diante da morte, mesmo que sejam ciências com alta capacidade tecnológica, ainda encontram os ecos do silêncio.

2 A CIÊNCIA DA RELIGIÃO DIANTE DA MORTE

A razão científica não é contagiosa como as religiões o são.⁸⁵

No primeiro capítulo, abordamos uma produção bibliográfica que consideramos referência para os estudos sobre a morte no Brasil. Esta produção é formulada em torno de modelos analíticos que categorizam a morte a partir de sua historicidade. Sendo assim, a morte, em determinados contextos históricos, como na Idade Média, é a morte domada, enquanto que, na contemporaneidade, a morte é tabu. Mas, entre a morte domada e o tabu da morte, existe um modelo que parte da análise da atuação da Igreja Católica no ocidente europeu em torno do controle social que se formula pela “pedagogia do medo” da morte.

Apesar da ênfase analítica por parte da historiografia, a “pedagogia do medo” servia como instrumento de controle social da Igreja Católica sobre a sociedade brasileira, desde os tempos coloniais, como forma de oferecer aos colonos instrumentos para que se livrassem de qualquer atitude considerada pecaminosa pela Igreja, como soberba, vaidade e avareza e cultivassem, assim, virtudes como a humildade, a caridade e a compaixão, tornando-os, assim, católicos devotos e preocupados com a salvação de suas almas por meio da busca de uma boa morte.

Consideramos, nesse sentido, que há uma problemática de fundo no que diz respeito à importância essencial das religiões na compreensão da morte, principalmente se ancorarmos nossa reflexão na afirmativa do antropólogo Maurice Godelier que, como apresentamos no primeiro capítulo, comprehende que, diante da morte, a humanidade se faz perguntas invariáveis e essas perguntas, em sua perspectiva, somente são respondidas de forma eficaz pelas religiões. Essa afirmação é um reconhecimento de que as religiões desempenham um papel social extremamente importante como um campo autônomo do conhecimento humano.

Assim, o pensamento humano obedece a duas lógicas. Uma delas, baseada nos dados da existência concreta e, mais recentemente nos resultados das ciências experimentais e das ciências dedutivas, depois que os resultados foram universalmente verificados, define as fronteiras do que é possível e do que é impossível. Durante milênios, os homens sabiam que um simples ser humano não podia percorrer de um salto uma montanha ou um rio como Yangtzé. Jamais duvidaram, porém, que para certos seres humanos, possuidores de um mana excepcional — como Tu'i Tonga, o chefe supremo

⁸⁵ Godelier, Maurice. Op.Cit. p. 43

do reino de Tonga, descendente de Tangaroa, o maior dos deuses polinésios, dotados de algo divino em si mesmo, ou que eram ajudados pelos deuses, como aconteceu com Aquiles durante a Guerra de Tróia — era possível que o impossível fosse possível. Se o impossível é igualmente possível, as conclusões que cada um pode tirar da experiência cotidiana prática do mundo jamais poderão ser apresentadas e vividas como verdades últimas, autossuficientes. Ao produzir mundos imaginários que se transformaram em instituições, em práticas individuais e coletivas, ou seja, em realidades “sociais” que demonstram sua evidência sem jamais fornecer a prova, o pensamento humano permitiu à humanidade enfrentar a morte e negá-la sempre que ela se opusesse ao nascimento e não a vida, sublimando-a com frequência ao conhecer o momento no qual iria ter início para os seres humanos um destino “metafísico”.⁸⁶

Concordamos com Maurice Godelier que os sistemas de crenças ou sistemas religiosos humanos são universais, se partimos do pressuposto que diante da morte esses sistemas produzem perguntas que não variam, porém as respostas variam de acordo com cada crença. Tal afirmação, com certeza, é uma questão complexa e está vinculada a inúmeros fatores e questionamentos. O primeiro deles é quanto à tendência de afirmações universais a respeito do ser humano e de sua natureza e o segundo é quanto ao fato da natureza do conhecimento religioso.

Em relação ao primeiro questionamento, trazemos as críticas do antropólogo Clifford Geertz à longa tradição da antropologia, em particular, e das Ciências Sociais em geral, em procurar verdades humanas universais e uniformidades empíricas, mesmo em face da diversidade dos costumes. Segundo o autor, se alguns costumes podem destacar-se diante do catálogo cultural mundial como comuns a todas as variantes locais e se pudessem de alguma forma estar ligados, “poderia ser feito algum progresso para especificar quais traços culturais que são essenciais à existência humana e quais aqueles que são adventícios, periféricos e ornamentais”⁸⁷

Todavia, mesmo que eu esteja errado (como muitos antropólogos acharão) em alegar que a abordagem *consensus gentium* não pode produzir nem universais substanciais nem ligações específicas entre os fenômenos cultural e não cultural para explicá-los, permanece a questão de se tais fenômenos universais devem ser tomados como elementos centrais na definição de homem, se a perspectiva do mais baixo denominador comum da humanidade é exatamente o que queremos. Naturalmente, essa é agora uma questão filosófica e não, como tal, uma questão científica. Todavia, a noção de que a essência do que significa ser humano é revelada mais claramente nesses aspectos da cultura humana que são universais do que naqueles que são típicos deste ou daquele povo, é um preconceito que não somos obrigados a compartilhar.⁸⁸

⁸⁶ Ibidem. p. 42

⁸⁷ Geertz, Clifford. Op. Cit. p. 28

⁸⁸ Ibidem, p. 31

Por isso, o antropólogo americano é cético para com as generalizações em relação a ideais com as quais todos os homens concordam, mas, ao mesmo tempo, aponta para o fato de que, se alguns pontos comuns universais ou invariantes sejam detectados, devem ser considerados de forma substancial e não como categorias vazias e que possam ser convincentemente defendidos como elementos essenciais numa definição de humanidade.

Mas podemos argumentar que, apesar do perigo das generalizações, é possível, diante da morte, encontrar denominadores comuns universais, tendo em vista que Maurice Godelier, em sua coletânea, chegou a esse denominador justamente ao apresentar culturas diferentes no tempo e no espaço cujas tradições religiosas produziram sentido para a morte e para a vida ao responderem perguntas existenciais. Essas perguntas emergiram dos artigos que compõe sua coletânea, todos escritos por antropólogos.

Essas perguntas procuram incluir respostas às interrogações que as sociedades teriam feito a elas próprias. Especifiquemos que é de modo metafórico que nos referimos às sociedades como se fossem sujeitos. Elas não são; são sempre os indivíduos que elaboram as representações e inventam práticas das quais algumas são partilhadas por outros indivíduos e grupos que constituem sua sociedade e, por isso, se transformam em ideologia dominante nessa sociedade. As perguntas são as seguintes:

- Como as sociedades explicam a si próprias, que a humanidade é mortal? Ela era mortal na origem dos tempos? Ela se tornou mortal um dia, mas por que razão? Em consequência de quê?
- Quais as condutas socialmente prescritas diante da morte de um indivíduo que agoniza?
- As circunstâncias nas quais a morte sobrevém afetam o *status* do morto aos olhos dos vivos e, com isso, as relações e as condutas dos vivos diante dos mortos?
- Prolongando a pergunta precedente, como se trata um morto se este for um parente, um amigo, um inimigo ou um estrangeiro?
- De que modo essas sociedades se desfazem do cadáver? Por que sepultamento, cremação, exposição aos animais, mumificação? O que se faz com as cinzas e/ou ossos etc? Em que lugares os mortos são sepultados, incinerados, expostos e eventualmente abandonados?
- Quais são os ritos que conduzem à separação (definitiva ou temporária) dos vivos e dos mortos?
- Os funerais são seguidos de um período de luto necessário para que os vivos que perderam um dos seus retornem lentamente a vida que levavam antes?
- Quem fica de luto? E se toda a forma de luto implica a conservação da memória do morto (ou da morte), de que formas e por quanto tempo essa memória é guardada?
- Se a morte não é o fim da vida, para onde vão os mortos depois da sua morte? Que formas de existência passam a ter?⁸⁹

⁸⁹ Godelier, Maurice. Op.Cit. pp. 11-12.

Constatação que, no mínimo, revela a essencial importância das religiões nessa mediação entre a vida e a morte e nos leva novamente para o campo da Ciência da Religião. Diante da morte, como o cientista da religião aborda o tema da morte e o que esta temática tem a contribuir para a reflexão teórica no interior do pensamento da Ciência da Religião?

Assim, procuramos elaborar uma pesquisa bibliográfica sobre a temática da morte como objeto de reflexão em Ciência da Religião, elaborando um levantamento quantitativo e qualitativo em sete Programas de Pós-Graduação Stricto Sensu — UFJF, PUC/SP, PUC/Minas, UFPB, Universidade Metodista de São Paulo e Universidade Mackenzie. O critério da seleção deve-se ao fato de que esses programas são referências em Ciência da Religião no país, como também são programas bem avaliados pela CAPES.

A pesquisa foi feita nos sites dos programas e na Plataforma Sucupira do CNPq. Nossa objetivo central foi procurar qual o interesse que esta temática suscita entre os pesquisadores da área e, a partir disso, verificar quais as referências teórico-metodológicas que orientam as pesquisas sobre a morte em Ciência da Religião.

Chegamos, então, a alguns resultados: esses programas produziram 598 trabalhos de mestrado e doutorado entre os anos de 2012 a 2016, sendo que somente 12 destes trabalhos tratavam da relação direta entre morte e religião. Dessa forma, ampliamos o recorte temporal para verificar a mesma produção nestes Programas de Pós-Graduação em Ciência da Religião no período entre 2007 e 2011 e o resultado não foi muito diferente, como podemos observar pelas tabelas a seguir:

TABELA 1: TOTAL DE TESES E DISSERTAÇÕES EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO DEFENDIDAS ENTRE 2012 E 2016

IES	2012	2013	2014	2015	2016	Total
UFJF	09	15	09	12	05	50
UFPB	27	26	26	26	26	131
UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO	42	29	39	21	0	131
MACKENZIE	18	10	18	06	06	58
PUC-SP	36	21	30	23	51	161
PUC Minas	15	12	14	13	13	67
Total Geral						598

TABELA 2: TOTAL DE TESES E DISSERTAÇÕES SOBRE A MORTE ENTRE 2012 E 2016

IES	2012	2013	2014	2015	2016	Total
UFJF	0	0	0	01	0	01
UFPB	1	01	06	0	02	10
UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO	0	0	0	0	0	0
MACKENZIE	0	0	0	0	0	0
PUC-SP	01	0	0	0	0	01
PUC Minas	0	0	0	0	0	0
Total Geral						12

TABELA 3: TOTAL DE TESES E DISSERTAÇÕES EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO DEFENDIDAS ENTRE 2007 E 2011

IES	2007	2008	2009	2010	2011	Total
UFJF	22	24	26	20	13	105
UFPB	0	0	13	15	22	50
UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO	35	42	37	44	39	200
MACKENZIE	17	28	28	14	22	109
PUC-SP	43	40	41	43	40	207
PUC Minas	0	0	02	18	18	38
Total Geral						709

TABELA 4: TOTAL DE TESES E DISSERTAÇÕES SOBRE A MORTE ENTRE 2007 E 2011

IES	2007	2008	2009	2010	2011	Total
UFJF	0	0	01	02	0	03
UFPB	0	0	0	04	0	04
UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO	0	0	03	0	0	04
MACKENZIE	0	01	0	0	0	01
PUC-SP	02	01	0	0	0	03
PUC Minas	0	0	0	0	0	0
Total Geral						15

Entre 2007 e 2011, os mesmos sete Programas de Pós-Graduação em Ciência da Religião produziram 709 trabalhos, entre mestrado e doutorado, sendo que a produção de trabalhos especificamente sobre a morte e sua relação com a religião é praticamente a mesma: 15 trabalhos. Ou seja, dois a mais que o primeiro quinquênio pesquisado. Como se pode observar em números absolutos, no primeiro quinquênio (2007-2011), a produção acadêmica foi aproximadamente 14% maior que a produção do segundo quinquênio (2012-2016) e, mesmo num período em que houve um

aumento da produção de teses e dissertações em Ciência da Religião, o número de trabalhos específicos sobre o tema da morte não se alterou.

Mais do que a quantidade, nosso interesse foi arrolar também a abordagem teórico-metodológica que orientou esses trabalhos. Por amostragem, trazemos o estado da questão da temática da morte em Ciência da Religião. Estes trabalhos podem ser agrupados em duas grandes linhas. Na primeira, estão trabalhos que tratam da morte e religião do ponto de vista da história social e antropologia; na segunda, estão aqueles que tratam da morte e suas expressões religiosas do ponto de vista da psicologia.

O primeiro grupo segue a linha de abordagem presente nos trabalhos de José Carlos Rodrigues, João José Reis e Claudia Rodrigues e são trabalhos, como veremos adiante, muito próximos da produção historiográfica, já que abordam a morte a partir de seu trânsito do religioso ao secular sendo, portanto, trabalhos com o recorte histórico da secularização da sociedade brasileira.

Os trabalhos na área de psicologia da religião tratam a morte sob a ótica de seu enfrentamento religioso por meio das experiências da psique humana, buscando demonstrar, do ponto de vista psicanalítico, como indivíduos elaboram sua compreensão da morte e suas estratégias de enfrentamento mobilizando elementos religiosos — parte integrante de seus sistemas de crenças — e, dessa forma, como as crenças atuam sistematicamente em processos de superação de luto, por exemplo.

Nesse sentido, apresentamos alguns trabalhos que selecionamos por amostragem, com o intuito de demonstrar o perfil interdisciplinar dos estudos sobre a morte em Ciência da Religião, que transitam entre a história e psicologia.

A tese de doutorado de doutorado de Paulo Sérgio Quiossa⁹⁰ estuda a presença da preparação para a morte do ponto das práticas do “bem morrer” pela população de Juiz de Fora entre 1850 — ano da emancipação da cidade — e 1950 — momento que o autor elege como marco do processo de esvaziamento religioso, do sentido da morte e do morrer no município.

Sua tese acompanha a elaboração do conceito e das práticas da boa morte por meio dos registros testamentários, bem como seu processo de esgotamento na primeira metade do século XX, quando a fórmula do bem morrer presente nas práticas

⁹⁰ Quiossa, Paulo Sérgio. *O morrer católico no viver em Juiz de Fora*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião. 01/12/2009. Universidade Federal de Juiz de Fora

testamentárias muda o seu tom, esvaziando o conteúdo religioso formulado no interior das concepções católicas.

A tese de Paulo Sérgio Quiossa tem como modelo de análise e desenvolvimento o trabalho de Claudia Rodrigues (2005). Assim, da perspectiva da produção do conhecimento, ele se insere na abordagem da história cultural e das representações coletivas da morte e o próprio autor declara sua contribuição para o pensamento historiográfico da cidade de Juiz de Fora. Nos dois primeiros capítulos, o autor delimita o espaço que a morte ocupa na vida daquela sociedade e na vida social, em geral, fazendo a aproximação desta elaboração da morte por meio de elementos religiosos cuja fonte principal é a atuação das Irmandades daquela localidade.

No período estudado por nós, detectamos a presença de cinco irmandades de leigos atuando em Juiz de Fora. A primeira associação desse modelo que surgiu na cidade foi a Irmandade do Santíssimo Sacramento da Matriz de Santo Antônio fundada em 30 de julho de 1854; depois apareceu a Irmandade de Nossa Senhor dos Passos criada em 6 de Agosto de 1854; a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário foi criada em 22 de Abril de 1888, provavelmente pela população escrava da cidade; no início do século XX foram fundadas as Irmandades de São Roque em 2 de Setembro de 1902 e a Irmandade de São Mateus em 25 de Agosto de 1907.⁹¹

A série documental montada pelo autor cria um diálogo entre os testamentos — produzidos dentro do universo religioso formulado pelas Irmandades — e sua transição para o testamento civil laicizado, produzido a partir da perspectiva das relações de sucessão e direito de família. Neste processo de transição da sociedade de Juiz de Fora, adentrando na modernidade urbana, Quiossa demonstra como as relações com a morte se transformam, ao mesmo tempo em que aponta para a significativa relevância que a gerência religiosa do morrer exerce na produção da mentalidade daquela comunidade.

Para isso, descreve as relações familiares, os gestos públicos, as atitudes devocionais por meio da Virgem Maria como grande intercessora e, sem dúvida alguma, a devoção a Jesus Cristo morto. Este é um item essencial na elaboração da morte para universo católico, porém tratado pelo autor apenas como um elemento dentre outros. É fundamental pensar a este respeito, pois, aí aparece certa negligência próxima à de Philippe Ariès; a ritualização em torno da morte e ressurreição de Jesus Cristo não é somente uma celebração católica, é um feriado nacional.

⁹¹ Ibidem, p. 78

A ritualização entre os católicos durante as celebrações da Sexta-feira Santa possibilita aos fiéis um encontro com Deus. Tocar a imagem do filho de Deus morto significa penetrar nesse mistério em que se busca o fortalecimento da fé e a esperança de ressurreição pregada pela Igreja de Cristo. Vivenciar a morte do Senhor, mortificando, chorando, lamentando o referido fato, significa ainda a procura por aproximar o Céu da Terra. O ritual de vivenciar a Paixão e a Morte de Cristo pode unir um ao outro estes dois mundos. Nesse aspecto, ganha sentido o fato de os católicos praticarem a cerimônia do culto aos mortos, que também é uma maneira de aproximar os dois mundos, os dos vivos — a Terra — e o dos mortos — o Céu.⁹²

Do ponto de vista teórico, a análise de Quiossa tem como paradigma o conceito de cultura e de religião construídos por Clifford Geertz, além de trabalhar com o pensamento de Mircea Eliade para delimitar as fronteiras do sagrado e profano na elaboração da morte pela sociedade de Juiz de Fora. Também se apoia em Van Gennep na delimitação do significado que os ritos mortuários assumem no processo de elaboração das separações causadas pela morte.

Todavia, a grande questão que demarca o seu trabalho, bem como quase todos os trabalhos sobre a morte e que seguem os itinerários da historiografia e da sociologia, é o processo de secularização da sociedade brasileira e suas nuances e particularidades que, com certeza, afloram nas pesquisas sobre a morte. Assim, o autor tem como interlocutor o trabalho de Pierre Sanchis.

Pierre Sanchis é outro autor de grande relevância neste trabalho. Suas ideias a respeito da secularização/reencantamento do mundo possibilitaram buscar o fundamento sobre o que pensamos do assunto, tão vasto e tão aberto ao diálogo hoje. A secularização no Brasil ainda é um tema cheio de “brechas” para o debate. Buscamos em Sanchis um caminho para nos auxiliar de que a morte e o morrer são aspectos da cultura de um povo repletos de atitudes religiosas. O que postulamos não é a secularização da morte e do morrer, mas a secularização do local dos mortos, isto é, dos cemitérios.⁹³

O modelo de análise construído por Claudia Rodrigues (2005) em *Nas Fronteiras do Além: o processo de secularização da morte no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)* é aplicado por Paulo Sérgio Quiossa em seu trabalho, o que vem corroborar nossa afirmativa do primeiro capítulo de que a bibliografia apontada na abertura desta tese é paradigmática para a compreensão da produção do estado da arte dos estudos sobre a morte no Brasil, particularmente em relação aos trabalhos de Cientistas da Religião. Dessa forma, a religião e sua relação com a morte é tratada

⁹² Ibidem, p. 280

⁹³ Quiossa, Paulo Sérgio. Op. Cit. p. 22

como uma temática no âmbito da História da Cultura. Esta opção teórico-metodológica do Cientista da Religião revela e, ao mesmo tempo, reafirma as profundas marcas da Escola dos Annales no pensamento das Ciências Sociais no Brasil.

Assim, também na linha historiográfica, destacamos a dissertação de mestrado de Diego Fontes de Souza Tavares⁹⁴ *Os Muros do Além: a construção do cemitério do Alecrim e a (des)secularização da morte em Natal*. O autor trata dos embates entre as tradições funerárias ligadas ao catolicismo e ao discurso médico sanitário característico da segunda metade do século XIX.

A partir deste embate, a princípio somos levados a crer que os ritos fúnebres religiosos foram relegados ao esquecimento diante dos processos de secularização da sociedade brasileira. No entanto, ao estudar a experiência da construção do cemitério do Alecrim em Natal (RN), vem à tona todo um universo construído a partir da importância social do lugar dos sepultamentos, tendo em vista que a construção deste cemitério é anterior ao surgimento do bairro que leva o mesmo nome na cidade de Natal.

Ao longo do texto o trabalho procurará entender como a morte era representada em Natal no século XIX antes do cemitério; o culto aos mortos e os lugares que lhes são destinados; o que deveria ter nesse local; como o cemitério foi tido como lugar dos mortos.

Partindo disso, essa pesquisa tem sua relevância acadêmica e social, pois o trabalho proporciona informações sobre a justificativa ideológica do enterrar o morto, bem como um apanhado histórico ocidental de como determinadas culturas foram influenciadas pelo *post-mortem*. Ainda traça o contexto sociocultural da província do Rio Grande do Norte quando dos oitocentos, bem como discussões travadas entre os discursos higienistas e dos religiosos que reivindicavam seus interesses ideológicos na legislação. Mais à frente, discute-se ainda a importância histórica dos cemitérios para a sociedade em que está inserido, sendo tombados e imbuídos de valor cultural.⁹⁵

O autor constata que, apesar da construção do Cemitério do Alecrim encontrar-se inserida no projeto político de racionalização da sociedade — informado pelo discurso médico-científico —, os sepultamentos continuaram a seguir os ritos religiosos de costume, ato que se materializa, inclusive, com a construção da Capela Menino Jesus de Praga dentro do cemitério.

⁹⁴ Tavares, Diego Fontes de Souza. *Os Muros do Além: a construção do cemitério do Alecrim e a (des)secularização da morte em Natal*. Dissertação de Mestrado. Ciência da Religião. Universidade Federal da Paraíba. 2016.

⁹⁵ Tavares, Diego Fontes de Souza. Op. Cit. p. 22.

Sua análise tem como referencial a Escola dos Annales, fundamentalmente por estudarem cemitérios — entre outras coisas — como documentos históricos, por meio dos quais é possível compreender as imagens, conceitos e representações de um período acerca do sentido da morte e do morrer.

A dissertação de Diego Fontes de Souza Tavares aponta para uma questão importante contida nas formulações religiosas do sentido da morte em Natal. Apesar da epidemia de cólera ocorrida na cidade no século XIX e todo o debate que se instala em relação às práticas religiosas diante do sepultamento, a população da cidade continua, mesmo após a construção do Cemitério do Alecrim, a realizar seus ritos religiosos, ou seja, não há um abandono efetivo destas práticas por parte da população de Natal.

A respeito deste ato dos cidadãos natalenses — em sua maioria católicos — reclamarem a construção de uma capela dentro do cemitério público, sem o domínio da Igreja — se dá pelo fato de que, embora a secularização objetiva tenha logrado êxito, banindo a morte do domínio do espaço da Igreja, os cidadãos afetados por essa medida, não tiveram sua subjetividade secularizada, ou seja, para eles essa prática era infundada com isso reivindicavam a construção da Capela Menino Jesus de Praga e devolvem à Igreja esse comando sobre a morte.⁹⁶

Dessa forma, sua conclusão caminha no sentido da linha de pensamento do sociólogo Peter Berger, que, por sua vez, tem profunda influência na historiografia, apontando dialeticamente que o processo de deslocamento do poder eclesiástico da dinâmica social e política é um movimento de idas e vindas, em que ora prevalece a mentalidade secular, ora prevalece a mentalidade religiosa.

Enfim, no caso de Natal, em torno do Cemitério do Alecrim, prevaleceu o ideário religioso em torno da morte. Ao demonstrar esse movimento, o autor aponta para amplitude do que chamaríamos de ethos⁹⁷ religioso em sua formulação na sociedade natalense.

Além de Peter Berger, o livro de João José Reis *A Morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX* é uma importante referência para esta dissertação de mestrado, na medida em que a questão da secularização dos cemitérios é trazida como uma profunda questão política e religiosa no século XIX e

⁹⁶ Idem, p. 123

⁹⁷ Essa observação é nossa e não do autor.

pode ser encontrada em outras situações durante a história dessa época no Brasil em meio aos debates em torno da secularização.

Em relação à linha de pesquisa voltada a estudos em psicologia da religião ou das religiões, as teses e dissertações sobre a morte são mais abundantes. Nesse sentido, a produção de dissertações de mestrado da Universidade Federal da Paraíba no primeiro quinquênio (2012-2016) é substancial: das dez dissertações arroladas, seis não se inserem nesta linha de pesquisa e todas têm como referencial a análise existencial de Viktor Frankl⁹⁸, discutindo, a partir desta referência, as relações entre finitude, saúde, doença, morte e vida.

O pensamento de Viktor Frankl é uma importante contribuição para as análises da relação entre a religião, religiosidade e crenças no enfrentamento de adversidades (sendo a morte a principal delas). Para o neurologista e psiquiatra austríaco, todo ser humano busca incessantemente o sentido da vida e a teoria da *Logoterapia* desenvolvida por ele nada mais é do que a possibilidade da consciência humana, entendida como *ser-responsável* por cada momento de sua vida, auxiliando, assim, nos processos de elaboração de sentido para a existência e formulação das relações entre os seres humanos.

Para Viktor Frankl, a consciência humana deve ter clareza para conceber a vida como um mundo de possibilidades. Ao fazermos escolhas e optar por algo, acabamos por deixar de lado outras tantas possibilidades que a vida nos proporciona. Esse processo de tomada de consciência é atribuidor de sentido para vida.

Frankl (1989) comprovou que o ser humano anseia por um sentido de vida, que a sua principal força motivadora é a busca deste sentido. Podem decorrer disso, como efeitos colaterais, a felicidade, o prazer e o encontro de um conforto no mundo social (sucesso profissional). A Logoterapia, criada por Frankl, traz o homem à consciência de seu *ser-responsável* enquanto fundamento essencial da existência humana. Responsabilidade significa responder às questões que a vida nos coloca a cada momento.

Cada escolha que faço me remete ao que deixo de escolher, e estas escolhas descartam qualquer outra possibilidade, já que cada momento é único. “Cada momento encerra milhares de possibilidades, mas eu só posso escolher uma delas para realizá-la, condenando todas as outras ao não-ser” ⁹⁹

⁹⁸ Viktor Frankl neurologista e psiquiatra austríaco que, após viver três anos num campo de concentração nazista e perder toda sua família, desenvolve a teoria da Logoterapia com a proposta de trazer ao homem sua responsabilidade como ser.

⁹⁹ Silveira, Daniel Rocha e Gradim, Fernanda Jaude. *Contribuições de Viktor Frankl ao Movimento da Saúde Coletiva*. In: Revista da Abordagem Gestáltica - Phenomenological Studies - XXI(2): 153-161, jul-dez, 2015. p. 155.

É sob esta ótica existencialista que se situa a dissertação de mestrado *Consciência da Finitude e Valores Humanos: Um Estudo com Idosos em Instituições de Longa Permanência* de Wardenlanya Cristina Silveira de Moura¹⁰⁰ (2015). Seu trabalho parte da constatação de que as crenças e práticas religiosas fornecem elementos simbólicos que funcionam como fontes de enfrentamento de situações estressantes — como o fato da finitude humana. Além disso, de acordo com a autora, as práticas e crenças religiosas ajudam a produzir sentimentos de solidariedade e identidade para grupos — no seu caso de estudos o grupo é de idosos — enfrentarem coletivamente a finitude.

Considero a relevância e o meu despertar sobre a temática do envelhecimento, e o seu aprofundamento dos estudos na área de espiritualidade e saúde, as Ciências das Religiões tem a perspectiva de ajudar a compreender mediante a sua dinâmica e pluralismo a necessidade de cada indivíduo em seguir os conceitos e regras podendo ser um meio de orientação no mundo. Tendo em vista o exposto acima, esse estudo teve como objetivo: Identificar o impacto da consciência da finitude na estrutura valorativa nos idosos. E como objetivos específicos: Averiguar a relação entre a percepção ontológica do tempo (passado, presente e futuro) e a atitude religiosa dos idosos; Examinar as relações entre o sentido da vida e a atitude religiosa dos idosos. Conhecer a influência dos valores humanos, das atitudes religiosas e da percepção de tempo na busca e presença de sentido.¹⁰¹

Numa perspectiva um pouco diferenciada do que apresentamos até agora, na área de psicologia da religião, encontra-se o trabalho *A Cara da Morte: imaginário fúnebre no relato de sepultadores de São Paulo*, de Clarissa de Franco¹⁰². A autora procura compreender as representações da morte elaboradas por quem trabalha cotidianamente com ela: os sepultadores, popularmente conhecidos como coveiros, e cuja profissão carrega um enorme estigma social em função de um processo histórico de afastamento e negação da morte na sociedade contemporânea.

Para adentrar ao mundo de representação da morte elaborada pelos sepultadores, Clarissa de Franco faz uma contextualização histórica e social acerca das representações da morte na sociedade brasileira. Mesmo que incipiente, a autora tem como perspectiva que a produção social da religiosidade popular brasileira é fruto do que denomina de diálogo inter-religioso entre as concepções cristãs e afro-

¹⁰⁰ Moura, Wardenlanya Cristina Silveira. *Consciência da Finitude e Valores Humanos: Um Estudo com Idosos em Instituições de Longa Permanência*. Dissertação de Mestrado. Ciência da Religião. Universidade Federal da Paraíba. 2015.

¹⁰¹ Ibibem, pp. 15-16.

¹⁰² Franco, Clarissa De. *A Cara da Morte*. São Paulo: Ideias e Letras, 2010.

ameríndias. Essas concepções devem ser levadas em conta por um trabalho que pretende abordar um imaginário arquetípico de morte, que perpassa qualquer sociedade em qualquer tempo histórico.

José Bittencourt Filho afirma que a matriz religiosa brasileira é constituída pela combinação das raízes do catolicismo ibérico com a magia europeia, as religiões indígenas e as religiões africanas trazidas pelos escravos negros. O tripé: indígena — africano — católico (levando-se em conta as composições entre o catolicismo oficial e popular) parece ser o cerne de nossa religiosidade, oferecendo os pressupostos para as crenças no pós-morte.¹⁰³

Clarissa de Franco procura demonstrar que, na sociedade brasileira, as expressões religiosas (cuja matriz é etnicamente plural) são determinantes na produção de uma religiosidade que tem por traço marcante o caráter mágico. Sendo assim, são responsáveis por formulações que relacionam a morte e o além-túmulo a forças sobrenaturais. Essas forças acabam permeando o imaginário social e adentram nas percepções individuais dos sepultadores, homens cotidianamente estigmatizados por sua profissão.

Dessa forma, os sepultadores expressam seus sentimentos sobre a morte no mais íntimo do seu ser por meio dos sonhos, momento em que essas representações simbólicas da morte, por vezes aterrorizantes, surgem em suas mentes. Por isso, a autora ressalta a força social que as representações da morte associadas às elaborações sobrenaturais exercem no imaginário coletivo brasileiro. Mas, além disso, a autora não deixa de apontar o terrível cotidiano de trabalho destes sepultadores que lidam com a dor alheia em condições de trabalho adversas, no trânsito entre o mundo dos vivos e dos mortos.

O trabalho de Clarissa de Franco caminha no sentido de indicar a presença simultânea na vida dos sepultadores do estigma contemporâneo do tabu da morte e das representações sociais que cumprem itinerários religiosos percorridos pela sociedade brasileira na produção destas representações mortuárias. Mas o que o emerge de seu texto com muita intensidade são os relatos do cotidiano dos sepultadores e suas relações com o cemitério, ao mesmo tempo local de trabalho e “cidade dos mortos”; um universo desconhecido que se encerra nos limites de seus muros.

¹⁰³ De Franco, Clarissa. Op.Cit.p. 145

Estar entre os mortos parece uma libertação do mundo de cá. Este mesmo sepultador afirma que o ‘cemitério desperta curiosidade’, por isso atrai tantos ‘góticos’ pessoas vestidas de modo estranho, bizarro, diferente... Em geral, os sepultadores não lidam bem com estas visitas repentinhas — ao menos foi o que a pesquisa apontou¹⁰⁴.

Além disso, é muito instigante a presença da análise psicanalítica dos sonhos narrados pelos sepultadores e o seu diálogo com a história, se é que se pode abordar desta forma, pois, nos sonhos, constroem-se simbolicamente os paradoxos do cotidiano do cemitério, indo da dor e sofrimento até o espaço da paz e tranquilidade. O trabalho de Clarissa de Franco, dessa forma, procura alinhavar a duas linhas de pensamento a respeito dos sentidos da morte e do morrer que atravessam os estudos em Ciência da Religião: a psicanalítica e a história cultural.

Também no universo do diálogo entre a psicologia e a religião, atravessando a morte, encontra-se o trabalho de Paula Blanches *Corpos Enlutados: por um cuidado terapêutico em situações de luto*.¹⁰⁵ Em sua tese de doutorado, analisa o fenômeno de luto por morte a partir da fenomenologia, por meio das experiências de luto vividas pelos membros da Igreja Metodista do Grande ABC. Logo na apresentação, a autora já indica que sua grande inquietação ao dar início à pesquisa foi a ausência de trabalhos que tratasse da experiência do luto por morte envolvendo a dimensão religiosa. Assim, sua preocupação foi demonstrar que a situação de luto por morte, do ponto de vista fenomenológico, pode ser efetivamente vivida por meio das relações religiosas.

Dante da possibilidade de compreender o luto pelo método fenomenológico, surgiram indagações relativas ao modo de promover o entrelaçamento dos conhecimentos do campo da filosofia, da teologia e da psicologia e do modo de utilização do caminho oferecido pela fenomenologia no campo religioso. Com as respostas encontradas para essas inquietações ficou reafirmado tanto o caráter interdisciplinar da pesquisa, como a possibilidade investigativa fenomenológica na religião. O que é vital neste contexto é reafirmar que a fenomenologia constrói o conhecimento por meio da experiência do sujeito. É no mundo da vida do sujeito que se dará a edificação do saber. Nesse processo de conhecimento, o sujeito traz suas intencionalidades que perfazem a consciência e o corpo ao mesmo tempo. O desvelamento do processo de luto para as pessoas que vivenciam expressões de fé na Igreja Metodista foi vital para uma reflexão sobre o cuidado pastoral do cotidiano¹⁰⁶.

¹⁰⁴ Ibidem, p. 201

¹⁰⁵ Blanches, Paula. *Corpos Enlutados: Por um cuidado espiritual terapêutico em situações de luto*. Tese de Doutorado. Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo.2009.

¹⁰⁶ Blanches, Paula. Op.Cit. p. 20

Os resultados alcançados por Paula Blanches são fundamentais para a Ciência da Religião, pois a autora demonstra a construção de um saber em torno da experiência do luto por morte que se assenta na possibilidade da teologia cristã em ressignificar a morte por meio da criação de uma teologia da perda. Assim, o espaço no interior das comunidades religiosas viabiliza a produção de uma educação cristã voltada para o enfrentamento do luto.

Por isso, interessa-nos relatar a maneira como a autora constrói seu trabalho de pesquisa; a pergunta norteadora é: como você viveu sua experiência de luto? Obviamente, ao fazer essa pergunta a uma comunidade religiosa — no caso, a comunidade Batista —, esperou-se que as respostas estivessem vinculadas a uma profissão de fé ou, pelo menos, a uma elaboração da perda por meio de um saber adquirido no espaço da vida religiosa. Seu material de pesquisa é composto por 10 longas entrevistas, em que as pessoas relatam as profundas dores vividas pela perda de um ente querido e o modo como, apesar da dor insuportável, a presença da fé cristã em suas vidas contribuiu profundamente com a aceitação da dor.

Por isso, a autora — que é Teóloga e realiza um trabalho pastoral — começou o trabalho buscando na Bíblia, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, a presença de passagens que evidenciam definições sobre a morte dentro do paradigma da fé judaico-cristã. Essas passagens trazem para a discussão trabalhos como os dos teólogos Paul Tillich e Jünger Moltmann, que estudam a fé e suas correlações com o processo da construção da existência humana.

Sua busca é a compreensão do binômio fé e luto sob a perspectiva fenomenológica. Desta maneira, traz para sua análise o pensamento clássico da fenomenologia como fundamento metodológico para compreensão deste binômio sob o olhar do mundo da vida — *Lebenswelt*. Por isso, autores como Edmund Husserl (*Lebenswelt*), Martin Heidegger (*Dasein*) e Maurice Merleau-Ponty (corpo como mediador do conhecimento) abrem a possibilidade da interpretação da elaboração religiosa deste binômio pelos sujeitos que viveram o luto e que, por meio deste processo de elaboração, construíram um saber sobre a morte e sobre vida.

A análise das entrevistas não tem como objetivo uma explicação causal, próprio das ciências positivas, mas a compreensão do fenômeno, sua interpretação e comunicação a busca da raiz do fenômeno inclui a *epoché*, que coloca em suspensão explicações anteriores para que o foco do pesquisador seja o fenômeno.

Os dados resultam das experiências de vida dos sujeitos. Nessa fase foram destacadas unidades de significado que surgiram a partir de várias leituras

dos relatos dos sujeitos. As unidades estão intimamente relacionadas com a pergunta norteadora dessa pesquisa e que aparecerá em todas as entrevistas. Após esse movimento de ir e vir, denominado de variação imaginativa, fizemos a análise ideográfica de cada sujeito, buscando apreender os sentidos da experiência do luto para a compreensão do fenômeno. A análise ideográfica intenta alcançar a psicologia individual, ou seja, como cada um lida com o fenômeno.¹⁰⁷

Dessa forma, a tese de Paula Blanches é uma pesquisa paradigmática, pois, corajosamente, traz o pensamento teológico para a análise da produção do significado da vida e da morte, demonstrando que as experiências efetivamente vividas pela comunidade Batista no enfrentamento do luto por morte não poderiam prescindir de suas vivências na fé. Trata-se de análise que, para a Ciência da Religião, é um assunto intrincado, tendo em vista a preocupação em não deixar que as pesquisas caiam em proselitismo ou profissão de fé.

Sem juízo de valor firmado antes de cada caso, o problema não parece estar no fato de o cientista da religião ser religioso, no fato de alguns deles, talvez os mais ruidosos, lutarem em favor de uma causa: a de que somente o conhecimento autóctone, proveniente de certa pertença, pode garantir a verdade da análise de campo. Como se eles colocassem a experiência religiosa como imprescindível para a produção do conhecimento. O problema, portanto, está no caso de o religioso proclamar sua vinculação religiosa como condição para a produção do conhecimento — mais grave é fazer da pertença ao *locus* científico um recurso à autoridade religiosa.¹⁰⁸

Consideramos que esta amostragem nos dá um parâmetro da tendência dos trabalhos sobre a morte em Ciência da Religião e este parâmetro é revelador de uma série de questões. A primeira delas, com certeza, é a preocupação em relação ao agnosticismo metodológico do cientista da religião, uma preocupação que consideramos extremamente preconceituosa, se levarmos em conta que a neutralidade científica é um tanto quanto falaciosa.

Parece uma obrigatoriedade das etiquetas acadêmicas que, em cada trabalho em Ciência da Religião, o pesquisador deva se justificar, em primeiro lugar, afirmado que não está com o seu trabalho fazendo profissão de fé e, num segundo momento, demonstrar obrigatoriamente que sua pesquisa considera a religião e as religiões de forma geral expressões da vida humana de caráter relevante e, portanto, forma de conhecimento.

¹⁰⁷ Ibidem, p. 124

¹⁰⁸ Campos, Breno Martins. Ciências Sociais da Religião: estado da questão. In: Passos, João Décio e Usarski, Frank.(org) Compêndio de Ciência da Religião. São Paulo: Paulinas: Paulus, 2013.p. 191.

Ora, aqueles que acusam cientistas da religião de religiosos, ao tratar das restrições que essa situação impõe, pensam a partir da matriz cristã que compõem o campo religioso brasileiro. É curioso que, em geral, não problematizam o fato de que antropólogos que estudam candomblé sejam muitos deles, iniciados, de que estudiosos do futebol sejam viciados em estádios, de que capoeiristas sejam estudiosos da capoeira, de que sociólogos urbanos vivam nas metrópoles etc. Ao contrário muitos desses estudos são considerados legítimos porque haveria um conhecimento legítimo proporcionado pelo compartilhamento do universo semântico.¹⁰⁹

Com muita certeza, fazemos as duas afirmações como na poesia de Bandeira, citada no primeiro capítulo. A religião é uma forma de expressar o incognoscível, ou melhor, deixar o incognoscível cognoscível e, como afirma Godelier, tornar o impossível possível. Por isso, nesta tese de Ciência da Religião, tratamos o conhecimento religioso sobre a morte como uma forma de conhecimento, mesmo tendo consciência de que definir religião não é uma tarefa fácil.

Esboçar uma concepção de religião não é tarefa fácil. Afinal, seja em termos históricos-eticológicos seja em termos de teorização contemporânea, não há unanimidade ou inequívoca universalidade acerca daquilo que se quer dizer com “religião”. Entenderei “religião” como dizendo respeito a um aspecto da vida ou a uma experiência humana aparentemente universal, em que, de forma simples e básica, insere-se a ideia, presente na etimologia da palavra, de “unir-se” ou “ligar-se” com Deus “novamente”, onde o “novamente” pode fazer mais ou menos sentido, dependendo de que forma histórica de religião se esteja partindo (ver a seguir). Assumamos que, nessa acepção muito corrente e fundamental, a religião pode ser entendida como uma condição humana e uma forma de vida, com configurações históricas, culturais e sociais complexas, que exigem, na Ciência da Religião contemporânea, uma abordagem ao final interdisciplinar de análise dos fenômenos.¹¹⁰

Assim, fechar um campo epistemológico específico para a Ciência da Religião também não é tarefa fácil. Por isso, consideramos a saída da interdisciplinaridade, com todos os problemas que essa opção metodológica pode acarretar em termos da ênfase em determinadas abordagens em detrimento de outras ficamos com a afirmação de que não há nada mais interdisciplinar que as Ciências Sociais, como também não há nada mais interdisciplinar que a morte. E por este motivo trazemos um diálogo entre a História e Ciência da Religião tendo

¹⁰⁹ Rodrigues, Elisa. Ciências da Religião e Ciências Sociais: aproximações e distanciamentos. In: PLURA, Revistas de Estudos de Religião, vol.2, n°1, 2011, pp. 65-79

¹¹⁰ Pich, Roberto Hofmeister. Religião como forma de conhecimento. In: Usarski, Frank e Passos, João Décio. (organizadores) Compêndio de Ciência da Religião. São Paulo: Editora Paulinas: Paulus,2013. p. 143.

em vista as aproximações e diálogos teórico-metodológicos que estabelecem entre si.

2.1 A interdisciplinaridade: uma comparação entre as trajetórias da História e da Ciência da Religião.

2.1.1 A Escola dos Annales: o ofício interdisciplinar do historiador.

A Escola dos Annales surgiu na França na primeira metade do século XX. Seus ideólogos foram os historiadores Lucien Febvre e Marc Bloch que, naquele contexto, pretendiam romper com a chamada História Tradicional. Ou seja, uma forma de escrita da História cujo foco de produção se restringia à narrativa de fatos e acontecimentos políticos.

Na concepção destes historiadores, a escrita da História deveria comportar outros tipos de temáticas que conseguissem apreender uma gama muito maior da vida social e das atividades humanas e, aos historiadores, cabia o papel de indagar sempre as atividades humanas, no sentido de problematizá-las. É inegável a influência da Escola dos Annales no pensamento das Ciências Sociais no Brasil. Podemos considerá-los como um movimento pioneiro nas formulações acerca do caráter interdisciplinar do trabalho dos cientistas sociais. Como afirma Peter Burke, foi uma “revolução” de pensamento.

Surge, assim, uma Nova História, com novas abordagens, novas metodologias e novos problemas. Preocupada com a vida do homem comum, com sua maneira de viver, de sentir e de se expressar diante do mundo e de suas demandas, esta Nova História tem como meta o diálogo com outras Ciências Sociais, por meio do debate interdisciplinar, uma concepção que nasce sob a influência da Sociologia que, pelas críticas de Emile Durkheim, despreza a história acontecimental.

Em torno do ambiente da Universidade de Strasbourg, novas temáticas — algumas até consideradas marginais para o início do século XX, tais como o trabalho de Marc Bloch sobre os reis taumaturgos — começaram a permear o universo do conhecimento da História. O interesse pela geografia, pela demografia, pelas religiões, pelos transportes, pelo medo, enfim, por qualquer expressão humana passível de ser estudada e problematizada tornou-se objeto de reflexão da Escola dos Annales. Apesar de suas rusgas iniciais com a Sociologia, sem dúvida alguma a

Escola dos Annales é tributária das provocações, principalmente de Emilie Durkheim, como reconheceu mais tarde Marc Bloch.¹¹¹

Pouco a pouco os *Annales* converteram-se no centro de uma escola histórica. Foi entre 1930 e 1940 que Febvre escreveu a maioria de seus ataques aos especialistas canhestros e empiricistas, além de seus manifestos e programas em defesa de “um novo tipo de história” associado aos *Annales* — postulando por pesquisa interdisciplinar, por uma história voltada para problemas, por uma história da sensibilidade, etc. (Febvre, 1953, pp. 3-43, 55-60, 207-238).¹¹²

No Brasil, a Escola dos Annales literalmente fez escola. Sua influência para a historiografia brasileira começa na década de 1930, quando da fundação da Universidade de São Paulo, ocasião em que veio ao Brasil a famosa Missão Francesa, com a função de construir o Instituto de Ciências Sociais e Humanas. Entre os membros do grupo de intelectuais franceses que faziam parte da Missão, encontrava-se o historiador Fernand Braudel que pertencia a Escola dos Annales. Desde a sua formação, seu trabalho foi, especificamente, o de orientar a fundação do Departamento de História; por conta disso, teve início uma geração de historiadores brasileiros formados a partir dos referenciais dos Annales. Sendo assim, um dos principais cursos de História do país nasceu sob a égide de uma grande aproximação com as Ciências Sociais.¹¹³

As propostas dos Annales para a história encontravam-se estruturadas em dois focos: a formulação de uma história experimental científica e a certeza de uma unidade em construção entre a história e as ciências sociais, pois uma das grandes preocupações dos Annales desde o seu início foi retirar a História de seu isolamento disciplinar, de modo que as formas de pensar em História fossem abertas a problemáticas e a metodologias existentes em outras ciências sociais, no que costumamos denominar de interdisciplinaridade.

¹¹¹ Burke, Peter. . *A Revolução Francesa da Historiografia: A Escola dos Annales (1929-1989)*. São Paulo: Editora UNESP, 1992. pp. 23-24.

¹¹² Idem, p. 27

¹¹³ Entre as obras de maior destaque daqueles que compuseram o movimento dos Annales encontram-se os “Reis Taumaturgos” de Marc Bloch, publicado em 1924, ou seja, antes da fundação da revista, e o “O Mediterrâneo” de Fernand Braudel.

2.2 *Os Reis Taumaturgos*¹¹⁴: um exemplo de história interdisciplinar

Marc Bloch deve ser considerado como um dos primeiros historiadores do movimento dos Annales. Um de seus livros mais importantes, *Os Reis Taumaturgos*, foi escrito em 1924 e traz em si boa parte das propostas que foram defendidas pelo movimento historiográfico a partir dos anos de 1930, pois, do ponto de vista metodológico, o livro é uma grande referência do que significa interdisciplinaridade.

Quando de sua publicação, o livro foi recebido com certa estranheza pela comunidade intelectual francesa, que considerou Bloch como fundador da antropologia histórica, pelo fato de “fazer” história com o que, até o momento, era considerado como superstição, ou seja, o poder miraculoso de cura dos Reis da França e da Inglaterra durante a Idade Média.

No entanto, o trabalho de Marc Bloch é o início de uma longa linhagem de historiadores que seguiram na aproximação entre antropologia, história e, principalmente, a sociologia. Assim como com a sociologia, seu contato com a historiografia Alemã foi muito importante, principalmente em relação à temática desenvolvida, como a questão da história da autoridade monárquica, das insígnias e do etnolegalismo.

O trabalho de Bloch é reconhecido principalmente pela sua extrema erudição. A partir de seus estudos, abriu a possibilidade da pesquisa histórica se ampliar largamente em diálogos com outras áreas. *Os Reis taumaturgos* dialogam com ciências nascentes de sua época, como a psicologia coletiva, biologia, além da etnografia comparada, a medicina popular comparada e o folclore. A proposta de que o que criou a fé no milagre foi à ideia de que ali devia haver um milagre tornou-se uma das bases da história das mentalidades e da psicologia histórica.

Marc Bloch, portanto, foi influenciado e influenciou toda uma geração. Suas obras e novas proposições não nascem de “geração espontânea”, mas de um profundo diálogo entre História e as Ciências Sociais, a partir dos estudos e das interpretações de homens que, num primeiro momento, dispuseram-se a abrir-se, dentro de seus limites, ao diálogo com o pensamento do outro.

¹¹⁴ Bloch, Marc. *Os Reis Taumaturgos. O caráter sobrenatural do poder régio. França e Inglaterra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

Discutir a identidade acadêmica da ciência da religião exemplificando aproximações e distanciamentos em relação às ciências sociais, portanto, colabora tanto para legitimação dessa área do conhecimento, quanto promove o esclarecimento de seus contornos epistemológicos.¹¹⁵

Portanto, continuamos afirmando que não há nada mais interdisciplinar que as Ciências Sociais apresentar a construção da identidade acadêmica da história, mesmo que de maneira sucinta, colabora para pensarmos sobre as possibilidades de encontros epistemológicos entre a História e a Ciência da Religião tendo em vista que está tese é um encontro entre ambas.

2.3 A Ciência da Religião e seu percurso interdisciplinar

De acordo com Gregory Alles¹¹⁶, na construção da Ciência da Religião como campo de conhecimento, existem inúmeras influências teóricas. No entanto, é evidente uma larga influência do pensamento europeu. Deve ser ressaltada a influência também da chamada “Escola de Chicago”, sobretudo associada aos nomes de três professores da Universidade de Chicago, nenhum dos quais europeu ocidental, no uso recorrente do termo: Joseph M. Kitagawa, Charles H. Longo e Mircea Eliade, sendo que o pensamento de Eliade, para Alles, representa o último grande florescimento da fenomenologia da religião.

Gregory Alles atribui especial importância a Mircea Eliade para o processo de demarcação do campo de estudos da Ciência da Religião, na medida em que ele rejeitou abordagens que buscaram explicar a religião em termos de fatores não religiosos como a sociedade ou a psique humana, buscando ir além desses critérios explicativos e tentando desenvolver o que chamou de uma morfologia “do sagrado”, isto é, quis identificar as formas por meio das quais o sagrado manifestou-se na consciência humana. Particularmente, ele estava interessado em cosmogonias (mitos de origem) e seus rituais de reconstituição, que interpretava como uma tentativa de retorno no tempo ou às origens.

Outro pensador apontado por Alles como uma referência para a conformação do campo da Ciência da Religião é Ninian Smart (1927-2001). Sua abordagem para o

¹¹⁵ Rodrigues, Elisa. Op. Cit. p. 73

¹¹⁶ Alles, Gregory. *The Study of Religions: The Last 50 years*. In: *Routledge Companion to the Study of Religion*. Taylor&Francis Group. London and New York.2010.

estudo das religiões é bem diferente da de Eliade. Enquanto a noção de Eliade é de que o sagrado manifesta-se como uma estrutura de consciência humana e pode ser lido num sentido religioso, Smart (1973) insistiu que era necessário adotar um método agnóstico para os estudos das religiões: acadêmicos não devem se comprometer em matéria de verdade religiosa.

Assim, Smart, ao invés de desenvolver uma grande teoria de conteúdo religioso, como fez Eliade, passou a identificar as dimensões constitutivas da religião. Em primeiro lugar, apontou seis dimensões e, posteriormente, sete, sendo elas: doutrinal, mitológico, ética, ritual, experiencial, institucional e material.

Outra referência para o desenvolvimento do campo de estudos das religiões é o trabalho do canadense Wilfred Cantwell Smith (1916-2001), professor em Harvard, entre outras universidades. Um islamista que ensinou em Lahore antes da independência do Paquistão, Smith (1963) interrogava criticamente a categoria central sobre o qual se baseiam os estudos religiosos. "Religião" em si, o termo religião, argumentou Smith, foi uma invenção moderna, que não correspondia ao que já foi encontrado empiricamente durante a maior parte da história humana.

Ele recomendou substituir-se o termo "religião" por outros termos como "fé" e "tradição cumulativa". Se Smart defendeu um agnosticismo metodológico e Eliade fornecia a indicação do sagrado como conteúdo subjacente a todas as religiões, Smith deu um passo diferente com sua abordagem ao contemporizar o próprio termo religião como um produto do processo histórico que deve ser pensado a partir de contextos diferenciados.

Este artigo de Gregory Alles constitui-se num importante mapeamento histórico da Ciência da Religião, pois assinala parte considerável dos caminhos dos estudos em Ciência da Religião, mas, fundamentalmente, ressalta e deixa extremamente evidente o quanto esse campo de estudo estrutura-se de forma interdisciplinar, desenvolvendo um profundo diálogo com a Antropologia, principalmente via o estruturalismo de Claude Levi Strauss e, posteriormente, o culturalismo de Clifford Geertz, destacando também a importância da influência do que denominou de corrente "crítica aos modelos", com especial destaque para pensadores franceses como Jacques Derrida e Michel Foucault.

2.4 Algumas observações: é impossível não falar da Teologia e o seu Diálogo com a Ciência da Religião.

Pelo menos no mundo ocidental, é impossível falar de Ciência sem levar em consideração a importante influência que o pensamento Teológico Medieval desempenhou para constituição do conhecimento humano. Durante praticamente toda a Idade Média até, pelo menos, meados do século XVIII, não havia uma separação radical entre Teologia e Ciência. Assim, se o assunto é interdisciplinaridade, acreditamos que tratar de religião é também um assunto para o diálogo com a Teologia.

Tendo em vista que a Teologia Cristã ocidental esteve intimamente ligada à organização das referências de conhecimento produzidas nas universidades medievais, sua perspectiva explicativa causal de mundo foi o que dominou e até se tornou sinônimo do próprio conhecimento, como afirma Jeppe Sinding Jensen, em seu trabalho *Epistemologia*:¹¹⁷

A causa é um conceito altamente metafísico cuja referência é epistemologicamente obscura. Há explicações causais nas religiões, tais como, 'Deus criou o mundo em seis dias', mas este tipo de explicação está fora do âmbito do pensamento científico.¹¹⁸

Sendo assim, na conformação do que denominamos de “pensamento científico”, além de ter sido um longo processo histórico, tal processo caminhou por meio das referências construídas pelo pensamento do que, gradativamente, denominou-se como pensamento Teológico, atravessando séculos. De acordo com Peter Burke, em *História Social do Conhecimento*¹¹⁹, durante a Idade Média, nas Universidades, havia a predominância do pensamento religioso, em função de ser esse a referência de conhecimento que ordenou o mundo ocidental como cosmovisão.

Na Idade Média, porém, a maioria dos professores e alunos das universidades era constituída por membros do clero, muitas vezes de ordens religiosas, principalmente dominicanos, que contavam com o mais famoso dos professores medievais, Tomás de Aquino. Pesquisadores acadêmicos do porte de Alberto Magno e Roger Bacon eram frades. Os estudantes frequentemente iam de universidade em universidade, de modo que

¹¹⁷ Jensen, Jeppe Sinding. *Epistemologia*. Tradução – Eduardo Rodrigues Cruz. In: Revista de Estudos da Religião. Ano 13, n° 02. Jul/Dez. 2013.p. 9

¹¹⁸ Idem, p. 9

¹¹⁹ Burke, Peter. *Uma História Social do Conhecimento: de Gutenberg a Diderot*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

formavam um grupo internacional conscientes — como mostram suas canções latinas — de sua diferença em relação aos habitantes normais da cidade em que lhes acontecia viver. Quanto aos professores, eram principalmente o que descrevemos como filósofos e teólogos “escolásticos”, embora não usassem esse termo e se referissem a si mesmos como “homens de letras” (*viri litterati*), clérigos (*clericis*), mestres (*magistri*), ou filósofos (*philosophi*). Alguns desses homens de letras, como o inglês João de Salisbury, no século XVII, encontravam-se nas cortes.¹²⁰

Importante salientar que Peter Burke acompanha a produção do conhecimento sob inúmeros aspectos da vida social, que envolviam também o conhecimento chamado de senso comum, como também percorria outros espaços como as academias de ciências e associações de letreados que, entre os séculos XVII e XVIII, surgem em vários países europeus, numa dinâmica de troca de saberes e conhecimentos. Apesar disso, as universidades sempre aparecem como um espaço controlado por uma elite intelectual que, em boa parte, pertencia ao clero.

Também de acordo com o teólogo David Ford,¹²¹ são representantes da grande influência do pensamento Escolástico Tomás de Aquino (1225-1274), entre os dominicanos, e Boaventura (1221-1274), entre os franciscanos. Ambos desenvolveram maneiras distintas de fazer Teologia nas novas universidades que surgiam na Europa, mas, mesmo assim, o pensamento Teológico ganhou o espaço do fazer e dos saberes ao controlar a maioria das Universidades Europeias, influenciando profundamente a produção de conhecimento europeu durante séculos.

Na religião cristã, convém entender a fé, o conhecimento religioso precípua, através daquilo que as Escrituras contêm, compreendendo nesse caso o Antigo e o Novo Testamento. Em um verbete muito instrutivo, E.R. Mueller explicita que, já a partir da raiz *aman* do hebraico bíblico, e destacando narrativas confessionais centrais como Dt 6.20-25, 26.1-11 e Sl 136, a fé judaico-cristã conta com o significado de crer em algo que é “firme, estável, confiável”, pondo ênfase, sem dúvida, na confiabilidade do “objeto da fé” que é Deus mesmo.¹²²

Dessa forma, foi o cristianismo medieval que vinculou a Teologia ao estudo de um único Deus e seu corpo doutrinário. Por essa razão, restringiu a ideia de Teologia à Teologia Cristã. Em função disso, a primeira questão a surgir é o fato de que, quando falamos em Teologia como campo de produção de conhecimento que pode se aproximar da ciência, estamos nos referindo ao contexto da Teologia Cristã ocidental.

¹²⁰ Burke, Peter. Op. Cit. p. 28

¹²¹ Ford, David. *Theology*. In: *Routledge Companion to the Study of Religion*. Taylor&Francis Group. London and New York. 2010.

¹²² Pich, Roberto Hofmeister. Op. Cit. p. 151.

É com essa forma de produzir um modelo explicativo para o conhecimento que o Iluminismo, no século XVIII, se debateu, e tal embate acabou criando modos explicativos de mundo para, em nossa avaliação, entre outros motivos, contrapor-se diretamente ao conhecimento da Teologia Cristã. Porém, como já observamos, a mudança nas mentalidades são processos de longa duração, tendo em vista que, durante séculos, a própria noção de Deus e Natureza conformam-se como conhecimento uníssono.

Tão inextricavelmente conectados eram os conceitos duais de Deus e natureza que é enganoso tentar identificar vários tipos de relacionamentos entre ciência e religião no século XVII e XVIII. “Ciência” e “religião” não eram entidades independentes que podiam sustentar alguma relação positiva ou negativa entre si, e tentar identificar tais conexões é projetar para o passado um conjunto de preocupações que são tipicamente de nossa própria época¹²³

Sendo assim, o Iluminismo do século XVIII, que atava publicamente um determinado tipo de pensamento Teológico, lança as bases para que o conhecimento se especializasse e que se multiplicasse em vários campos do saber. Talvez, por isso, a Teologia restrinja-se ao estudo da “religião”, palavra criada pelo pensamento Iluminista e, assim, conforme-se a um tipo de conhecimento autoexplicativo, seja como Teologia numa comunidade de fé ou como Teologia Acadêmica.

Os desdobramentos inaugurados pelo Iluminismo, seja para rebatê-lo, seja para referendá-lo, acabaram também por delimitar um campo específico para a produção do conhecimento científico a partir de uma abordagem racional (leia-se sem explicação causal da Teológica) para a construção conhecimento. O mundo passa a ser explicado por outras categorias. A causa não desaparece do sistema explicativo, no entanto sua característica altamente metafísica é transmutada para uma concepção mecânica de causa e efeito primeiramente vinculada às explicações dos fenômenos naturais.

No século XIX, a ciência, tal como hoje a concebemos, passou a assumir o controle da produção de conhecimento validado socialmente. A Teologia teve que se adequar a esse contexto para sobreviver no campo acadêmico, mantendo caráter confessional academicamente adequado aos modelos científicos. Não é ao acaso que

¹²³ Harrison, Peter. ‘Ciência e ‘Religião’: construindo limites. In: Revista de Estudos da Religião. Março. Ano 7, 2007. p. 6.

David Ford¹²⁴, ao analisar a Teologia contemporânea, a distingue em duas categorias: como pensamento de comunidade de fé e a Teologia acadêmica que, apesar de confessional, de acordo com o autor, pode ser dividida em cinco tipos de estudos do cristianismo. Assim, podemos considerar que a Teologia Acadêmica trata a sua profissão de fé como objeto de estudos e não como o próprio conhecimento.

2.5 Crítica ao modelo de ciência

É em torno das críticas ao pensamento teológico que dominava as Universidades entre a Idade Média e Moderna que o Iluminismo do século XVIII construiu uma parte de seu pensamento e, simultaneamente ao lançar as bases da ciência empírica contemporânea, criou também um pré-conceito em relação ao pensamento teológico. Por isso, expomos, ao menos em linhas gerais, historicamente as condições em que o conhecimento válido e aceitável como tal se restringiu ao conhecimento formulado em torno do racionalismo empírico.¹²⁵

D'Alembert iniciou os seus Elementos de Filosofia com um painel onde procura definir a situação do espírito humano em meados do século XVIII. No decorrer dos três últimos séculos, começa ele analisar, foi possível observar que em meados de cada um desses séculos ocorreu sempre uma transformação importante na vida intelectual. Assim, em meado do século XV inicia-se o movimento literário e intelectual da Renascença; em meados do século XVI a Reforma Religiosa está no apogeu; e no século XVII é a vitória da filosofia cartesiana que provoca uma revolução radical na imagem do mundo. Será possível descontar um movimento análogo no século XVIII e determinar sua direção e seu alcance? "Por muito pouca atenção que se preste" — prossegue D'Alembert — "aos meados do século em que vivemos, aos acontecimentos que se agitam ou que, pelo menos, nos ocupam, aos nossos costumes, às nossas obras e até as nossa conversas, é muito difícil passar desapercebida a extraordinária mudança que, sob múltiplos aspectos, ocorreu em nossas ideias, mudança essa que, por sua rapidez, parece prometer-nos uma ainda maior. Cabe ao tempo fixar o objeto, a natureza e os limites dessa revolução, cujos inconvenientes e cuja vantagens nossa posteridade conhecerá melhor que nós. O nosso século é chamado de Século da Filosofia por excelência.¹²⁶

O pensamento Iluminista inventou¹²⁷ as bases do paradigma de pensamento científico que, como indicamos na citação anterior, autorreferencia-se como uma revolução ao mesmo tempo em que, em termos histórico-cronológicos, aponta sua

¹²⁴ David Ford foca sua reflexão sobre a Teologia Cristã, mas considera também a Teologia Judaica e Islâmica, entre outras.

¹²⁵ Cassirer, Ernest. A Filosofia do Iluminismo. Campinas: Editora da Unicamp. 1992.

¹²⁶ Ibidem, pp. 19-20

¹²⁷ Wagner, Roy. A invenção das Culturas. Colocar a citação aqui sobre a mudança de paradigma

genealogia em torno do que denomina de “transformação importante na vida intelectual”. Sem dúvida alguma, esse pensamento representa o pensamento burguês que se tornou hegemônico após as “Eras das Revoluções”, como trata o historiador Erick Hobsbawm.¹²⁸

Esse modelo de pensamento influiu profundamente no pensamento científico do século XIX. O positivismo e sua pretensa neutralidade e objetividade que, por meio da construção de um conhecimento formulado a partir das metáforas apropriadas das Ciências Físicas e Biológicas, nega qualquer outra maneira de pensar, compreender e explicar o mundo que não seja nesses termos.

O pensador e cientista social Michel Löwy, em seu livro *As Aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen*¹²⁹, tece uma longa crítica ao positivismo ao comparar seu pensamento com a lenda do Barão de Münchhausen, demonstrando que seu processo de construção epistemológica é o de autossalvamento, em primeiro lugar apontando para a genealogia do positivismo de Augusto Comte a Karl Popper — da gênese no século XIX até a grande referência do século XX — que busca, sem cessar, afirmar e reafirmar a validade de conhecimento, entendido como compreensão e explicação do mundo — nos termos da objetividade e da neutralidade.

Ele tende a poderosamente, por sua natureza a consolidar a ordem pública, através do desenvolvimento de uma sábia resignação... Evidentemente só é possível haver uma verdadeira resignação, isto é, uma permanente disposição para suportar com constância e sem nenhuma esperança de compensação, qualquer que seja, os males inevitáveis que regem os diversos gêneros dos fenômenos naturais, a partir de uma profunda convicção da inevitabilidade das leis. E, pois, exclusivamente com a filosofia positiva que se relaciona tal disposição, em qualquer tema que se aplique, e, por conseguinte, em relação aos males políticos. A apologia ideológica da ordem industrial/burguesa estabelecida não é mais do que o avesso, o revestimento do discurso positivista, cujo lado direito, a face visível, é o axioma de uma ciência natural, neutra e rigorosamente objetiva dos fatos sociais.¹³⁰

Sem abandonar o reconhecimento de alguns avanços da contribuição do positivismo para o desenvolvimento das Ciências Sociais e, ao mesmo tempo, sem fazer profissão de fé, Löwy demonstra, com ênfase, que esses avanços, como o método público proposto por Popper, ainda ficam limitados a uma pretensa

¹²⁸ Hobsbawm, Erick. *A Era do Capital 1848-1875*. São Paulo: Paz e Terra. 2014. Hobsbawm, Erick. *A Era das Revoluções 1789-1848*. São Paulo: Paz e Terra. 2015

¹²⁹ Löwy, Michel. *As Aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen: Marxismo e Positivismo na Sociologia do Conhecimento*. São Paulo: Cortez. 2000.

¹³⁰ Löwy, Michel. Op. Cit. p. 25

objetividade e neutralidade do cientista. Dessa forma, ao negar compromissos que a ciência tem com visões de mundo, o positivismo acaba ensimesmado.

Portanto, é imerso no contexto desta busca do racionalismo empírico objetivo e neutro que o conhecimento no mundo ocidental capitalista se ordenou, um mundo onde ainda, apesar de todas as críticas e desconstruções a esse pensamento feitas por Michel Foucault, Roy Wagner, Bruno Latour entre outros, a possibilidade de reconhecimento do pensamento religioso como conhecimento no sentido de compreensão e explicação de mundo causa controvérsias, e a religião, para atingir esse status, precisa estar acompanhada do substantivo ciência.

Um mundo que limita a própria compreensão como um exercício de alteridade, como aponta Michel Foucault, em *As Palavras e as Coisas*. O autor diz que o livro nasceu do texto de Borges sobre ‘uma certa enciclopédia’ chinesa com sua forma de classificação dos animais e afirma que aquele encantamento exótico com o pensamento do outro é o limite do nosso. Com certeza, aponta para nossa incapacidade de pensar isso, ao que emendamos a nossa incapacidade de compreender que o outro ou os outros pensem isso.

Este livro nasceu de um texto de Borges. Do riso que, com sua leitura, perturba todas as familiaridades do pensamento — do nosso: daquele que tem nossa idade e nossa geografia —, abalando todas as superfícies ordenadas e todos os planos que tornam sensata para nós a profusão dos seres, fazendo vacilar e inquietando, por muito tempo, nossa prática milenar do Mesmo e do Outro. Esse texto cita “uma certa enciclopédia chinesa” onde será escrito que “os animais se dividem em: a) pertencentes ao imperador, b) embalsamados, c) domesticados, d) leitões, e) sereias, f) fabulosos, g) cães em liberdade, h) incluídos na presente classificação, i) que se agitam como loucos, j) inumeráveis, k) desenhados com um pincel muito fino de pêlo de camelo, l) et cetera, m) que acabam de quebrar a bilha, n) que de longe parecem moscas”. No deslumbramento dessa taxinomia, o que de súbito atingimos, o que, graças ao apólogo, nos é indicado como o encanto exótico de um outro pensamento, é o limite do nosso: a impossibilidade patente de pensar isso.¹³¹

Esta forma de compreensão que nos escapa não caberia em nenhuma Enciclopédia do mundo Europeu Ocidental, pelo menos do século XVIII até hoje. Por isso, além de discutir a questão da nossa impossibilidade de pensar dessa maneira, é importante refletir sobre o que nos move a não considerar nem essa e nem outra maneira de pensar como expressões e formulações de conhecimentos válidas.

¹³¹ Foucault, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo, Martins Fontes, 2000. p. 9

Se o encantamento exótico de outro pensamento aparece em relação à Enciclopédia Chinesa, o pensamento ocidental tem e não tem encantamento pelas diferenças da vida e suas expressões, porém, quando se trata das diferenças inerentes à própria sociedade ocidental, como, por exemplo, o pensamento religioso (católico, de matriz afro ou espírita), o encantamento existe desde que essas diferenças se mantenham no campo do exótico.

Poderíamos elencar inúmeras situações historicamente vividas no continente americano, desde a chegada dos europeus até a nossa contemporaneidade, do extermínio indígena à escravidão africana, um longo processo que engendrou na hegemonia do pensamento europeu e se apresenta em forma de fatalismo perverso, como única alternativa instituinte de conhecimento pertinente sobre a vida, a natureza e a sociedade.

A única possibilidade de modelo de vida para as populações subjugadas. Assim, esse projeto “civilizador” utilizou-se de todos os meios da violência ao controle sutil do mundo das ideias, inserido no processo civilizador, um conhecimento científico que também se apresenta como a única forma válida de conhecimento, de um processo que instala na sociedade ocidental no início da chamada Idade Moderna.

Nesta produção da hegemonia do pensamento conseguimos apreender outra produção a da política de esquecimento¹³² que, historicamente, descredenciou qualquer outra possibilidade de conhecimento sobre a vida, a natureza, a sociedade e a cultura que não fosse o racionalismo técnico científico. Um esquecimento que procurou apagar ou desqualificar possibilidades do homem conhecer.

Definida como racionalidade inaugural, a racionalidade científica moderna deve ser vista como um avanço histórico de uma forma específica de racionalismo, filosófico e social que vem sendo moldada de Copérnico aos atuais tecnocratas da ciência e é contemporânea da fase avançada do Renascimento (século XVI), no qual emerge também a representação do indivíduo como força criativa independente, como sujeito de mudança, pessoal e social. Funciona, ao mesmo tempo, como estrutura de explicação e ordenação dos seres e do mundo, e como princípio moral das relações dos homens entre si e com as coisas.¹³³

¹³² Polack, Michel.. *Memória, Esquecimento e Silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n.3, 1989, pp. 3-15 Michel Polack trabalha a disputa política em torno do controle da memória histórica no processo de produção das identidades sociais.

¹³³ Augusto, Maria Helena. Natural, Racional, Social: Discussão de uma Sociabilidade. *Tempo Social*. Revista Sociologia. USP, São Paulo, 1(1): 247-257. 1989. p. 248

Dessa maneira, essa racionalidade representa uma forma de sociabilidade e, por isso, está intrinsecamente ligada a políticas e instituições sociais, como observa Maria Helena Oliva Augusto, a sustentam e singularizam, visando a normalização dos sujeitos e a constituição ou reprodução de certas relações sociais.

O primeiro passo foi a separação entre Deus, Homem e a Natureza. Esta separação é o cerne da racionalidade em questão e possui uma instigante estratégia. Ao separá-los, todos se tornam objetos do conhecimento científico e, ao mesmo tempo, o homem gradativamente deixa de ser uma criatura de Deus e torna-se uma criatura do mundo natural.

Deus torna-se um objeto de estudo na medida em que o pensamento Teológico Acadêmico, como demonstra o teólogo David Ford¹³⁴, se organiza, separando-se da Teologia como comunidade de fé, possibilitando ao conhecimento, como diz a antropóloga Anne Duclox, “modernizar a vontade divina”¹³⁵, também o antropólogo Bruno Latour em seu livro *Jamais Fomos Modernos*¹³⁶ analisa os efeitos diretos na produção de conhecimento no que diz respeito a Constituição¹³⁷ da separação entre sociedade e natureza.

Acompanhando esse processo de crítica também trazemos o pensamento do Antropólogo Roy Wagner, em *A Invenção da Cultura*¹³⁸. Ao fazer a crítica aos modelos do pensamento antropológico, faz críticas às Ciências Sociais de forma geral, principalmente em relação ao caráter abstrato das categorias explicativas como o próprio conceito de homem ou de natureza. Segundo o antropólogo, esses processos de diferenciação sobre os quais estruturamos o conhecimento ocidental, deslocam a questão dialética. Assim, Deus, Natureza, Sociedade e Homem são objetos de estudo separados, segmentados e seccionados e, de certa forma, antagônicos. Essa separação se produz com o “objetivo” de melhor compreendê-los e, ao fazê-lo, a Ciência os reduz.

¹³⁴ Ford, David. Op. Cit.

¹³⁵ Duclox, Anne. A morte no Uzbequistão. In: Godelier, Maurice. Op. Cit. p. 269

¹³⁶ Latour, Bruno. *Jamais Fomos Modernos*. Ensaio de Antropologia Simétrica. Rio de Janeiro: Ed.34.1994

¹³⁷ Para Bruno Latour o que costumeiramente chamamos de modernidade se construiu em torno de separações, como no mundo político que propõe a separação entre os poderes, no mundo conhecimento propõe três separações: os humanos, não-humanos (objetos e coisas) e a supressão de Deus.

¹³⁸ Wagner, Roy. *A Invenção da Cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

Na medida em que se tornou dependente do paradigma homem versus natureza como ideia central, nosso estudo das origens do homem assumiu a significação de uma alegoria do homem, uma simulação do desenvolvimento humano passado nos termos morais da noção do que é ser “humano”. O ponto de contraste é sempre a “natureza”, compreendida como fonte e manancial de energia e substância *a priori*, situada no interior do indivíduo (ao modo de um “id” ou força libidinal) tanto quanto fora dele.

A consecução da “humanidade” é compreendida como refinamento e aplicação desse “dado” supremo, mediante a criação da ordem, a fim de produzir fenômenos da personalidade moderada e da ação cultural “artificial”.¹³⁹

A “humanidade” é pois natureza refinada e filtrada por um desígnio e uma ordem conscientes, uma disciplina que ela mesma objetificada como algo que pode ser apreendido, ensinado, preservado, registrado e estendido. Essa ordem é o “estado” de filósofos como Locke e Rousseau, a “cultura” de antropólogos evolucionistas posteriores e o “progresso” dos simplificadores modernos.¹⁴⁰

Tanto Bruno Latour quanto Roy Wagner colocam uma questão que consideramos extremamente importante para o processo de construção de nosso objeto de estudo. Ambos afirmam que o conhecimento científico ocidental deveria ter um olhar antropológico de si mesmo, principalmente no que diz respeito ao aprendizado do olhar de ver-se por meio do olhar do outro. Falamos tanto em alteridade, mas, no entanto, como cientistas sociais achamos que devemos explicar e compreender como “o outro” se vê ou vê o mundo ao seu redor e, em nome de agnosticismo fácil de ser falado e difícil de praticado, não nos vemos como integrantes deste processo de conhecimento.

Ao simplificarmos o mundo por meio de alegorias, como exemplifica Roy Wagner, ou por meio de recortes fragmentários do conhecimento, como alega Bruno Latour, consideramos que as categorias analíticas explicam mais a realidade que a própria realidade e perdemos a noção de quem estamos falando e porque estamos produzindo conhecimento.

Nossa grande questão nesta tese é escrever sobre a maneira por meio da qual as pessoas enfrentam o caos provocado pela morte, a dor provocada pela morte, a consciência dos sentidos que surgem da morte. Poderíamos ter percorrido vários caminhos, mas encontramos o caminho da religião como resposta a essas questões. Uma religião que possui uma história e escolhemos tratar de um aspecto desta história que se desenrola num local e numa determinada sociedade, que isoladamente podem

¹³⁹ Wagner, Roy. Op.Cit.

¹⁴⁰ Wagne, Roy. Op. Cit. p. 310.

não representar muito, mas, em diálogo com outras experiências semelhantes, contribuem ao falarmos sobre o ideário de *Bem Morrer* e do ethos religioso brasileiro.

Consideramos, como Roy Wagner, nossos entrevistados como mediadores de coisas em sua vivência religiosa, construtores de sentidos, o que os fazem permeáveis ao sentido que atribuem à morte por meio da mediação de suas experiências religiosas ao expressarem seus pensamentos, identificações e fantasias e são capazes de integrá-las às suas ações e ao seu ser e sobreviver à morte do seu próximo.

O homem vive por meio das coisas em seu entorno, vive um mundo no qual essas coisas e suas qualidades são reais. Ele é, como Rilke sugeriu certa vez, a forma da transformação delas, e toda a sua fé, esperança, paciência, expectativa e crença na vida bem como o propósito da sua ação, estão investidas na compreensão de que essas transformações são verdadeiras realizações — de que a verificação da ciência é absoluta, de que o vinho e a hóstia se tornam Cristo. E, no entanto, possuído como ele é por essas personificações, por essas coisas sob forma de pensamentos e esses pensamentos sob a forma de coisas, o homem só pode realizar seu próprio eu individual e social mediante seu fracasso em estar à altura delas. Sua “humanidade” é sempre acidental, um incremento do viver por meio de outras pessoas e coisas e do deixá-las viver por meio dele.¹⁴¹

Portanto, abordar as práticas religiosas como conhecimento sobre a morte pode possibilitar uma reflexão sobre o próprio conhecimento, como o diálogo que travamos com os antropólogos Bruno Latour, Clifford Geertz, Roy Wagner, Maurice Godelier, José Carlos Rodrigues e também com os historiadores João Reis, Claudia Rodrigues, Phillippe Airès.

Assim, do ponto de vista interdisciplinar, se a antropologia aparece como um interlocutor importante para uma abordagem da morte na Ciência da Religião na medida em coloca as religiões no centro da questão explicativa sobre a morte e o sentido de morrer, em nossa avaliação, diferentemente da historiografia, trabalha com um papel limitante da religião. Tomamos como exemplo os trabalhos historiográficos citados no primeiro capítulo. Há um levantamento exaustivo de fontes eclesiásticas, principalmente testamentos e assentos de óbitos, para chegar-se a conclusão de que os testamentos¹⁴² são instrumentos de salvação e que este ideário expressa mecanismos de controle social.

¹⁴¹ Wagner, Roy. Op. Cit. p. 320.

¹⁴² Rodrigues, Claudia e Dillmann, Mauro. “Desejando por minha alma”: modelos católicos de testamentos do século XVIII. In: História Unisinos 17(1):1-11, Janeiro/Abril 2013

No entanto, na leitura dos Manuais de Bem Morrer, que também são documentos eclesiásticos, encontramos “instrumentos” de salvação nas orações, nos arrependimentos, nas ações de autorreconhecimento como pecador, o reconhecimento da misericórdia divina que se expressa no símbolo da cruz e na eucarística. Esse roteiro da salvação é o fio condutor da estrutura narrativa dos manuais e estão e estavam presentes na vida cotidiana da religiosidade brasileira, mesmo que ainda os historiadores caminhem insistindo somente em seu aspecto de mecanismo de controle social.

Mas, ainda em relação ao universo do diálogo interdisciplinar, queremos considerar um importante momento que é o diálogo entre as Ciências Sociais e as Ciências da Vida ou Ciências Biológicas, especificamente a medicina, que, a partir da primeira metade do século XIX no Brasil, começou uma cruzada antirreligiosa — atacando cemitérios e os ritos funerários em geral — como demonstramos no primeiro capítulo.

A vida social brasileira passou a ser normatizada pelo conhecimento médico científico, com certeza um grande representante simbólico da chamada modernidade, do progresso e do avanço da sociedade e da ciência no controle da vida e, principalmente, da morte. Acreditamos que há um controle sobre a vida, no entanto, sobre a morte reproduzimos uma máxima do filósofo Montaigne : *Incierto es el lugar en donde la muerte te espera; espérala, pues en todo o lugar.*

2.6 O que a Medicina dizia a respeito da Morte?

Na verdade, antes de delinearmos o que a medicina tinha a dizer sobre a morte no Brasil do século XIX, é muito importante abordar o que a medicina tinha a dizer sobre a sociedade brasileira de forma geral. Nesse contexto, começou a se constituir uma elite médica que, afinada com o modelo europeu de progresso e civilização, literalmente diagnosticou como péssimas as condições da saúde e da situação sanitária do país, que obviamente era bem diferente de países como França e Inglaterra, considerados modelos de progresso e civilização.

O modelo europeu de saúde veio a corroborar com o modelo europeu de progresso, modernidade e desenvolvimento almejado pela elite brasileira desde a independência do país. Era necessário romper com o passado colonial, uma tarefa no

mínimo difícil para uma elite, que tinha uma enorme dificuldade em abolir o trabalho escravo¹⁴³, por exemplo.

Assim, almejando a europerização da sociedade brasileira, procurou-se institucionalizar a medicina na vida social brasileira. A saúde da população entrou na ordem do dia e na agenda dos interesses públicos. Foram criadas instituições de pesquisa e de divulgação de conhecimento médico e, assim, a figura do médico passou a ter uma posição incontestável para a sociedade brasileira.

Para atingirem as metas de suas propostas, os médicos escreveram na época sobre os problemas sanitários do Brasil argumentando que algumas práticas sociais eram prejudiciais à saúde e, por isso, deveriam ser combatidas, tais como: o despejo de imundices nas ruas, a localização dos cemitérios nas igrejas, criação e abates de reses no perímetro urbano, o descuido com a higiene pessoal, o desconhecimento de algumas cautelas em relação às gestantes e aos recém nascidos, a aversão à vacinação contra varíola, a prostituição, a exploração predatória do trabalho escravo e contratação de serviços terapêuticos prestados por pessoas sem formação.¹⁴⁴

São inúmeros os trabalhos de historiadores e cientistas sociais que se propuseram a compreender o universo da medicalização da sociedade brasileira e o impacto da formação de uma biopolítica no Brasil. Citamos aqui os trabalhos de João José Reis e Claudia Rodrigues, por estudarem especificamente a questão da morte e o discurso médico, mais especificamente João José Reis. Também fazemos referência às pesquisas de Sidney Chalhoub¹⁴⁵ e Tania Maria Fernandes, que

¹⁴³ O processo de abolição da escravidão foi longo a primeira lei que objetivava abolir o tráfico de escravos foi logo após a Independência por pressões da Inglaterra, essa lei só teve efeito no papel. Somente em 1850 depois de um longo processo de debate interno e pressões econômicas da Inglaterra o Brasil veio a aprovar a Lei do fim do Tráfico de Escravos, Lei Eusébio de Queiroz; Somente 21 anos após a lei da abolição do tráfico e com o fim da Guerra do Paraguai em 1871 o Parlamento Brasileiro aprovou a Lei do Ventre Livre que libertava o escravo (filho de escravos) nascidos a partir de 28 de setembro de 1871, no entanto, essa criança ficaria sob a tutela do senhor de seus pais até que completasse 21 anos. Em 1885 uma nova lei foi aprovada pelo Parlamento Brasileiro no sentido de extinguir gradualmente a escravidão dessa vez estavam libertos os escravos com mais 65 anos. Até que em 13 de Abril de 1888 foi promulgada a Lei Áurea que extinguiu definitivamente a escravidão no Brasil. Dessa forma, vemos que o processo de abolição da escravidão no Brasil, pelo menos do ponto de vista legal atravessou o século XIX.

¹⁴⁴ Eugênio, Alisson. Reforma dos Costumes: elite Médica, progresso e o combate às más condições de saúde no Brasil do século XIX. Tese de Doutorado. Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas e Letras. Universidade de São Paulo. Posteriormente a tese de doutorado e o relatório de pós-doutorado respectivamente 2008 e 2010 se transformaram no livro *Arautos do Progresso*.

¹⁴⁵ Sidnei Chalhoub, *Cidade febril – Cortiços e epidemias na Corte Imperial*, de Sidney Chalhoub. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

estudaram a ingerência médica na vida das classes populares e seus mecanismos e formas de resistência.

Sidney Chalhoub começa o trabalho com a narrativa da destruição do famoso cortiço carioca, o “Cabeça de Porco”, em sua avaliação, um episódio emblemático que revela a violência das autoridades higienistas que, em nome do progresso e da saúde pública destroem o local de moradia e de espaço de sociabilidade das chamadas classes populares. Segundo ele (e concordamos com essa afirmativa), uma forma de tratamento dispensada até hoje para as camadas pobres e excluídas da sociedade brasileira.

Assim, seu trabalho foi, quando de sua publicação e ainda o é, um registro importante do processo de ordenamento social empreendido por meio do discurso médico científico, pois os higienistas alegam que a promiscuidade era uma ameaça à ordem pública e o aglomerado de pessoas era um perigo constante para proliferação de epidemias.

Assim, este projeto tornou-se um sucesso, entre outros fatores, pelo surgimento de uma ideologia da higiene, pela aliança com grupos empresariais que desejam investir no centro da cidade do Rio de Janeiro e pelo apoio da Inspetoria de Higiene, ao ter alcançado, durante a República, um poder total das decisões de intervenção na vida pública e privada dos cidadãos, em nome deste mesmo progresso e modernidade.

No mesmo sentido do trabalho de Sidney Chalhoub, encontra-se o trabalho de Tania Maria Fernandes, que aborda a formação da Academia de Medicina brasileira, a qual teve sua origem na Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1829, em torno da organização de alguns médicos que formavam a elite médica brasileira. Esse momento é especial no sentido da formação de instituições que representam o projeto de nação do jovem país em formação. Em 1835, a sociedade foi transformada em Academia Imperial de Medicina e, no mesmo período, foram criados o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a Academia Imperial de Belas Artes e o Museu Nacional. Todas essas instituições tinham como modelo instituições similares na Europa, num claro objetivo de colocar o país em sintonia com o processo civilizador europeu.

Sendo assim, Tania Fernandes estuda, a partir deste modelo de civilização e modernidade, a atuação da Academia Imperial de Medicina na gerência da vida social,

a partir de suas concepções sobre saúde pública durante a epidemia de varíola, em relação à formação dos médicos e o perfil que o profissional de medicina no país deveria tomar, como intervenções nas relações sociais, principalmente das camadas mais pobres da sociedade brasileira, criando, por meio de categorizações, um rol de condutas e de saberes populares que se tornaram gradativamente superstições, charlatanismo e curandeirismo.

Na mesma linha, estão os trabalhos de Bárbara Canedo Ruiz¹⁴⁶, que estuda a regulamentação médica sobre as práticas das amas de leite; o trabalho de Magali Engel¹⁴⁷, que aborda o embasamento médico fornecido ao Estado para o controle da prostituição; e o trabalho de Alisson Eugênio, que estuda os esforços médicos em manter a questão sanitária na ordem do dia como agenda permanente de intervenção médica e estatal no cotidiano social.

O relato do Dr. Augusto Álvares da Cunha reflete algumas crenças médicas em torno da figura das amas de leite, em fins do século XIX. As diferenças entre mulheres, empregadas no ofício, surgem baseadas em uma espécie de hierarquia, segundo suas identidades, suas origens e sua condição jurídica. A condenação pelo uso das amas no aleitamento infantil é o traço mais marcante. O citado encaminha nossas preocupações nesta análise, junto às relações de trabalho que envolviam as referidas mulheres nos mundos do trabalho doméstico, considerado a tentativa classificadora dos saberes médicos, na capital do Império. (Mattos, 2008).¹⁴⁸

O trabalho de Fábio Henrique Lopes sobre o suicídio traz uma abordagem sobre a preocupação médico-estatal no Rio de Janeiro, no início do século XX, com o controle sobre o suicídio inserido na consolidação de uma biopolítica no Brasil cuja centralidade é a tematização da vida.

Destaco, também, a centralidade da tematização da vida, a regulamentação e o controle da vida da população. Não estou, com isso, afirmando que a vida da população do Rio de Janeiro não fora anteriormente apreendida, estudada e organizada. A questão da biopolítica permite atribuir outro sentido aos projetos, aos debates, às intervenções próprias desse contexto. Nas palavras de Foucault, “os governos percebem que não tem de lidar simplesmente com sujeitos, nem mesmo com o povo, porém com uma população, com seus fenômenos e suas variáveis próprias.(2010, p. 28)...

...Nomeio tais projetos e ações políticas como ‘tecnologias políticas’ porque tinham como alvo o modo de vida da população. Uma gestão calculista da

¹⁴⁶ Martins, Barbara Canedo Ruiz. O aleitamento mercenário – saberes médicos e o mercado de trabalho de amas de leite. (Rio de Janeiro – 1850-1884).In: Pimenta, Tania Salgado e Gomes, Flávio. (organizadores) Escravidão Doenças e Práticas de Cura no Brasil. Rio de Janeiro: Outras Letras, 2016.p. 164

¹⁴⁷ Engel, Magali. Meretrizes e Doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890). Editora Brasiliense, São Paulo, 1989, 1a edição, 149p.

¹⁴⁸ Martins, Barbara Canedo Ruiz. Op. Cit. p. 164

vida é aos poucos dimensionada, agenciando o campo biológico com o campo político. Ainda segundo Portocarrero, 'o nível biológico e histórico se ligam de acordo com uma complexidade crescente, à medida que são desenvolvidas tecnologias modernas de poder, as quais tomam por alvo a vida' (2009, p. 154). A sugestão é que, com o tema as questões da biopolítica, a vida e a morte não se localizariam fora do campo do poder político.¹⁴⁹

Realmente, diante deste quadro, os saberes médicos que focavam na condução da saúde e cuja centralidade era a tematização da vida caíram como luva do ponto de vista argumentativo para desqualificar as práticas de uma instituição que tinha e ainda tem na morte o centro de suas formulações religiosas, afinal toda a mística cristã se desenvolve em torno da morte e ressurreição de Cristo.

Por isso, já em 1835, a Medicina tinha muito a dizer sobre a morte, como trata João José Reis em *A morte é uma festa* no livro citado no primeiro capítulo desta tese, e a resposta da população não poderia ser outra a não ser a cemiterada, pois, na primeira metade do século XIX, o assenhoramento do discurso médico científico sobre o controle do Estado e da normatização da vida social ainda era incipiente.

O Brasil ainda era uma jovem nação independente que já vivia a sua primeira grande crise política com a abdicação do Imperador D. Pedro I, que retornou a Portugal, deixando o seu filho de cinco anos como o herdeiro do trono e dois grupos de liberais e conservadores, que representavam a elite agrária brasileira, como tutores da criança. O resultado foi óbvio: esses dois grupos passaram nove anos digladiando pelo poder, enquanto o país mergulhava numa guerra civil.¹⁵⁰

Porém, com o avanço do século XIX e consolidação das instituições do Império, principalmente nos grandes centros como Salvador e Rio de Janeiro, a vida urbana e o modelo europeizante de sociedade se consolidam como modelos de desenvolvimento, obviamente, como resultados inclusive da estabilidade econômica do país em torno da cafeicultura comercial. Mas, ao mesmo tempo, podemos acompanhar outro processo ligado à vida religiosa no interior do Brasil em torno da Eclésia: cidades se formando, mesmo cidades que se tornaram grandes produtoras de café na segunda metade do século XIX e absorveram o modelo republicano de sociedade, como vermos no último capítulo desta tese.

¹⁴⁹ Lopes, Fábio Henrique. O suicídio como objeto de reflexão histórica. Apontamentos de uma pesquisa (Rio de Janeiro início do século XX). In: Rodrigues, Claudia e Lopes, Fábio (orgs). Op. Cit. p. 47.

¹⁵⁰ Torres, Valéria Aparecida Rocha. Op. Cit.

2.7 A medicina em busca do ideário do *Bem Morrer*

Em nossa contemporaneidade, ironicamente, as Ciências da Vida ainda se debatem em torno do controle da morte. Atualmente, no universo da saúde pública, coloca-se uma questão crucial: o que fazer diante da morte? A primeira resposta que nos vem é que o papel dos profissionais da área da saúde é manter a vida a qualquer custo, mas a qualquer custo para quem?

Essa pergunta não fomos nós que elaboramos, mas toda uma edição da Revista Ciência & Saúde de 2013, sob o título “Finitude, Morte e Luto”. O editorial da Revista na edição que citamos demonstra grande preocupação em relação à morte e ao luto que se desenvolve em algumas direções. A primeira delas é em relação ao preparo do ponto vista humano, e não técnico, com a formação das equipes multiprofissionais que, em seu cotidiano, trabalham com a morte e com o luto; a segunda, que obviamente está estritamente relacionada à primeira, é o desdobramento deste “despreparo”, que resulta na qualidade do atendimento tanto aos pacientes terminais como a suas famílias.

Desse modo, o desafiar a morte, as tentativas heroicas para salvar o paciente a qualquer custo, é uma postura comum na equipe de saúde contradizendo o cuidar humanizado. Por diversas vezes pacientes são levados até emergências, há uma invasão de sua privacidade e de seus direitos. Vários procedimentos são feitos e, então, enfim, salvamos. Quem? Nós mesmos? Nossos egos de não admitir a morte naquele ambiente e de não aceitarmos que somos falíveis, finitos? E se aqueles que ali estão sendo manipulados não quiserem viver? Que doenças os assolam? Primeiro usamos a tecnologia, depois verificamos as possibilidades terapêuticas.¹⁵¹

Portanto, os artigos publicados que tratam dessas temáticas são escritos por pesquisadores da área médica que também vivem o cotidiano dos espaços de cuidados com a saúde e também enfrentam essas questões do ponto de vista das políticas públicas de saúde. O artigo citado anteriormente aborda a formação do profissional de saúde, trazendo a lacuna de uma formação humanista desses profissionais a partir da própria estrutura curricular dos cursos de graduação.

Outros artigos tratam dos cuidados com as pessoas que estão em estado terminal da vida, abordando esse processo do ponto de vista de cuidadores e as

¹⁵¹ Santos, J.L. dos; Corral-Mulato, S; Bueno, S.M.V. Morte e luto: a importância da educação para o profissional de saúde. Arq. Cienc.Saúde. UNIPAR, Umuarama, v.18, n.3, pp. 199-203/set/dez. 2014. p. 199

relações entre esses profissionais e as famílias dos pacientes. Também alguns textos tratam da questão organizacional do SUS para lidar com a terminalidade da vida.

Todas as temáticas são de suma importância para as reflexões dos profissionais de saúde no contexto do enfrentamento da morte. O importante é que a revista não negligencia ao trazer um artigo sobre os ritos religiosos e seu sentido no processo de enfrentamento da morte, no caso os ritos católicos, porém essa é uma edição de uma revista que se debruçou sobre o problema da morte e a sua humanização como uma questão de saúde coletiva.

Por que é importante que a saúde coletiva assuma este tema? Porque ele trata da realidade mais inofismável do ser humano. Portanto, morrer com dignidade, assistido corretamente em todas as instâncias do SUS é tão importante quanto receber e prosseguir na jornada sempre finita e provisória. Frequentemente, profissionais altamente especializados e competentes falham na hora de dar uma “notícia difícil” a um paciente e dele se distanciam quando já não é possível “salvá-lo”. É claro que para todos, é muito importante pressentir e presenciar a morte. Mas é difícil a racionalidade médica — que influencia todas as carreiras das ciências da vida — pautada numa certa visão de que a morte seria um fracasso de sua habilidade na solução dos problemas. Questionando essa racionalidade, os artigos aqui apresentados falam da ética, da comunicação, da sensibilidade no modo de agir de quem está vivo e tem como profissão conduzir o sopro da existência até que ela se apague: esse processo e esse tempo que precisam ser pensados, respeitados e vividos com dignidade!”¹⁵²

Mas também não podemos esquecer que a racionalidade médica que influencia todas as outras áreas das ciências da vida, historicamente se constituiu no Brasil nos termos em que apresentamos anteriormente, a partir da formulação de uma biopolítica que era pautada no positivismo, nas concepções homogeneizantes das ideias higienista do século XIX, como apontamos no item anterior.

Mas, sobretudo, é no computo geral que a medicina e as ciências da vida em geral vivem uma lacuna epistemológica em relação a formulações humanísticas no trato da morte e do morrer, com exceção dos Cuidados Paliativos¹⁵³, que tem por princípio que a pessoa em fase terminal da vida tem por direito, tanto ela quanto sua família, a uma abordagem terapêutica que procure identificar e reduzir problemas na esfera física, psicológica, espiritual e/ou social.¹⁵⁴

¹⁵² Minayo, Maria Cecília de Souza. Cuidar do Processo de Morrer e do Luto. In: Ciência & Saúde Coletiva. Vol. 18, nº9. Rio de Janeiro. Setembro de 2013. p. 2484.

¹⁵³ Falar sobre a Associação Nacional de Cuidados Paliativos.

¹⁵⁴ Silva, Ceci Figueiredo da et al. Concepções da Equipe Multiprofissional sobre a Implementação dos Cuidados Paliativos na Unidade de Terapia Intensiva. In: Ciênc. saúde coletiva vol.18 no.9 Rio de Janeiro Setembro. 2013. pp. 2597-2604

Ceci Figueiredo da Silva et al elaboraram uma pesquisa para avaliar o trabalho de uma equipe multiprofissional que atua em UTI por meio de Cuidados Paliativos. Os participantes foram catorze profissionais, entre enfermeiros, fisioterapeutas, médicos e nutricionistas. A partir do acompanhamento desta equipe, os pesquisadores arrolaram três questões cruciais em relação ao exercício destes nas UTIs. A primeira foi em relação à assistência ao paciente, promovendo o seu conforto físico; a segunda foi em relação ao despreparo para assistência ao paciente terminal e a terceira, que resulta das duas primeiras, são os desafios do trabalho de Cuidados Paliativos em UTIs. Mais uma vez, é ressaltada a questão do despreparo.

Mesmo assim, a concepção de Cuidados Paliativos trouxe à medicina contemporânea e às áreas de ciências da vida em geral algumas questões importantes. A primeira é a humanização com os cuidados despendidos às pessoas que estão morrendo e a seus familiares; a segunda é que uma das questões que os Cuidados Paliativos suscitam é ideia de bem morrer, pelo menos por uma pesquisadora que é referência nos estudos dessa área, Raquel Aisengarti Menezes, que já foi citada no primeiro capítulo desta tese.

O trabalho de Raquel Aisengarti Menezes traz a preocupação de um diálogo entre as áreas das ciências da vida e as ciências sociais. Não por acaso, seu texto citado no primeiro capítulo desta tese abre o livro organizado por Claudia Rodrigues e Fábio Lopes, *Os Sentidos da Morte e do Morrer na Ibero-America*. A autora faz, dessa forma, um duplo trabalho: tanto colocar as ciências da vida diante das questões relativas ao humanismo como ressaltar a importância do atendimento biopsicosocial espiritual¹⁵⁵ para o enfrentamento da morte. Tanto é que, ao criticar o sistema de excesso de medicalização da morte, utiliza a ideia do bem morrer como um objetivo.

Segundo o ideário paliativista, para alcançar uma “boa morte” o doente deve atingir a fase da aceitação. Para terminar “bem” a vida é preciso resolver questões em aberto, “aproveitando a oportunidade de aprimoramento de si” ou aperfeiçoamento pessoal”. O enfermo deve tomar decisões referentes às circunstâncias associadas ao seu falecimento, como o destino de seu corpo e os rituais.¹⁵⁶

¹⁵⁵ Aisengarti, Raquel e Barbosa, Patrícia Castro. A construção da “boa morte” em diferentes etapas da vida: reflexões em torno do ideário paliativista para adultos e crianças. In: Ciênc. saúde coletiva vol.18 no.9 Rio de Janeiro Sept. 2013. pp. 2653-2662.

¹⁵⁶ Idem. p. 2656.

O ideário paliativista mantém uma enorme semelhança com o ideário elaborado nos manuais de bem morrer tratados no terceiro capítulo desta tese. No entanto, a proposta do paliativismo é conduzir a morte num ambiente que dê conforto ao paciente, e não há um foco necessário na questão religiosa, a não ser que este paciente seja uma pessoa que professe uma religião. Mas o interessante é que, mesmo assim, ainda existe uma preocupação com as mesmas questões colocadas pelos padres jesuítas, como exame de consciência, acerto de contas, decisões sobre o destino do seu corpo e o destino de seus bens, além da questão da nomenclatura “bem morrer” e “boa morte”. Provavelmente, a autora nunca leu os manuais, mas cita a bibliografia que trata da boa morte no Brasil e sua elaboração religiosa.

Porém, se por um lado o trabalho de Raquel Aisengarti é criar oportunidades para que as ciências da vida elaborem de outra maneira a sua relação com a morte, por outro lado, o das ciências sociais, apesar do diálogo profícuo, ela não deixa de sofrer críticas expressivas. Na resenha sobre seu livro *Em busca da boa morte: antropologia dos cuidados paliativos* (o livro é resultado de sua tese de doutorado), o antropólogo Raimundo Heraldo Maués tece inúmeros elogios à etnografia que a autora elabora no interior de uma UTI. No entanto, ao tratar de alguns relatos afirma:

Mas, ao mesmo tempo, não consegui me sentir confortável com o relato e a descrição das práticas do Hospital do Câncer IV, do Instituto Nacional do Câncer, também localizado no Rio de Janeiro, onde a autora realizou sua pesquisa para a tese de doutorado (MENEZES, 2004), que segue o modelo dos cuidados paliativos destinados aos pacientes terminais (“fora de possibilidades terapêuticas/FPT), cujo propósito é oferecer, a esses pacientes, bem como aos seus familiares, uma assistência que se destina à “totalidade biopsicossocial espiritual”. Fique mais especificamente (mal) impressionado com o relato de uma sessão especial de orações, diante do leito de uma mulher idosa promovida por seus familiares, com a presença de um número maior de visitas do que permitido pela instituição, durante a qual, na visão da assistente social (católica) que permitiu a sessão, a paciente “que estava em coma, não ficou nada bem”, chegando mesmo a se “agitar, balançar na cama e tremer como se estivesse baixando o santo”. Em consequência disso e interpretado — subjetivamente — os possíveis sentimento da paciente, a assistente social foi obrigada a intervir, pedindo que as orações fossem interrompidas e se retirassem (MENEZES, 2004, p. 190; 2005, p. 19; 2006, p. 188). Na ocasião em que ouvi esse relato, durante a reunião da ANPOCS, pensei comigo mesmo e — depois — externei publicamente meu pensamento, de que não desejava também que minha privacidade como doente — mesmo que já estivesse em coma — fosse usurpada, expropriada e invadida por tais tipos de rituais.¹⁵⁷

¹⁵⁷Maués, Raimundo Heraldo. “Morte Moderna” e “Morte Contemporânea” Formas Distintas e Contemporâneas de Expropriação. In: PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 16(2):351-358, 2006. p. 352.

Podemos ter uma amostra das questões suscitadas pela introdução das concepções religiosas no universo do mundo científico. Por isso, acreditamos que esse seja um importante papel a ser desempenhado pela Ciência da Religião. Enfim, o trabalho de Raquel Aisengarti, por todas as questões que suscita, é um importante interlocutor para os estudos sobre a morte, mais especificamente para os estudos que se propõe a discutir o ideário *de bem morrer* e que sua abordagem é esvaziada de seu conteúdo religioso.

Ficando a questão que se a vida religiosa tem o que ensinar às Ciências da Vida em relação aos tratos com a morte? Existe a possibilidade deste diálogo interdisciplinar ou um antropólogo como Raimundo Maués ainda se incomoda com rituais religiosos fora de lugar?

Acreditamos que sim, que a intercomunicabilidade, entre as Ciências da Vida e as Ciências Sociais pode contribuir e muito para o conhecimento e enfrentamento o difícil e doloroso da vida, possibilitando a construção de repertórios minimamente eficazes para o enfrentamento da morte.

Ao propormos nessa tese um amplo diálogo entre a Ciência da Religião, a História, a Antropologia, a Sociologia, a Psicologia e a Medicina é um ensaio de colocar num único trabalho as variáveis respostas para as invariantes perguntas sobre a morte.

3 ENTRE A PEGAGODIA DO MEDO E O *BEM MORRER*: OS MANUAIS DE BEM MORRER E A EXPRESSÃO DE INVARIANTES SOBRE A MORTE...

Voltaire observou que se Deus não existisse teria sido necessário inventá-Lo. E eu acrescentaria à maneira dos teólogos do Mu'tazila islâmico, que se Deus existe isso torna ainda mais necessário inventá-Lo, pois a invenção é a forma da nossa experiência e de nosso sentimento. Se temos algo a aprender com esses "iluminados" pensadores e filósofos do passado (que eram tão "ilusórios" quanto tudo mais), é o que o homem deveria tergiversar sobre a existência e ou não existência de tais ilusões, mas antes exercer o seu direito categórico de escolher entre elas. E assim o leitor deve sentir-se livre para se entregar a sua própria fé na inexorável existência de Deus, ou da natureza, ou da lei natural, para além de nossa invenção e para além de qualquer coisa que possamos descobrir sobre essa invenção. Trata-se afinal, de uma atitude muito humana. Na expressão de Nietzsche "demasiado humana".¹⁵⁸

Neste capítulo, iremos tratar do contexto e dos elementos textuais que constituem uma base comum de representações e práticas mortuárias no Brasil. Por isso, podemos pensar na formulação de um sistema explicativo que expressa invariantes sobre a morte. Estes textos se inserem historicamente no projeto de reestruturação do catolicismo em função da crise suscitada pela Reforma Protestante¹⁵⁹ na Europa Ocidental. Esse sistema explicativo se desenvolveu entre duas ideias diferentes e complementares: o medo da morte e o desejo de *bem morrer*,

¹⁵⁸ Wagner, Roy. Op. Cit. p. 363

¹⁵⁹ Em relação aos processos da Reforma e Contrarreforma, devemos deixar evidente que são marcos históricos de grande complexidade. Cf. Monteiro, Rodrigo Bentes. **As Reformas Religiosas na Europa Moderna.** pp. 134-135. Pode-se afirmar que Jean Delumeau desenvolveu e ampliou questões já estabelecidas por Lucien Febvre. Em *Un Chemin d'Histoire, Chrétienté et Christianisation*, Delumeau estuda os cristãos no tempo da Reforma e, também como Febvre, indaga-se sobre as causas do movimento protestante, mencionando a princípio duas explicações mais tradicionais: uma primeira que remete aos abusos da Igreja, e outra de cunho economicista, sobre a luta da burguesia contra o feudalismo. Delumeau argumenta que os protestos contra os abusos da Igreja não eram novidade, e que esta possibilidade explicativa não responde, por exemplo, ao fato de Erasmo, apesar de seus "protestos", ter continuado na Igreja católica, e nem à situação dos protestantes que não retornaram a ela quando o catolicismo se reformou. A explicação marxista, por sua vez, não esclarece a razão da Península Itálica, região próspera economicamente no início do século XVI, ligada ao comércio mercantil, ter permanecido católica. O historiador francês indica as fragilidades existentes neste tipo de discussão, mais concentrada na difusão da Reforma que em suas causas, negligenciando também aspectos teológicos do debate. A seguir Delumeau – como já o fizera Lucien Febvre – detém-se na análise dos comportamentos religiosos na Europa do início do século XVI. Em resumo, ele verifica a existência de um cristianismo popular mais íntimo e profundo, cristianismo vivido de forma plena – em seu aspecto formal – somente pelas elites. Tratava-se então de um mundo de ignorância religiosa, distante dos abusos da Igreja. O historiador refere-se, como exemplo, ao livro de Keith Thomas, *Religion and the Decline of Magic*, que retrata a sociedade inglesa do século XVI repleta de práticas mágicas e crenças, relacionadas pelo autor aos mecanismos de solidariedade aldeã, em contraposição à afirmação da propriedade privada e do individualismo. Processo no qual o(a) outro(a), o(a) estranho(a), o(a) diferente, tendia a ser acusado(a) de feitiçaria pelos vizinhos.

duas expressões demasiadamente humanas, como trazemos na epígrafe deste capítulo.

Apesar desse universo explicativo exibir-se das mais variadas formas, estética, ética, política — ideológica¹⁶⁰, escolhemos as formulações religiosas presentes em manuais de Bem Morrer que expressam sistematicamente esta dicotomia entre o medo e a busca de uma boa morte inseridos na ideia de que, por meio da educação religiosa que ensina o manejo de seus símbolos, é possível dominar o medo e alcançar uma boa morte.

Dessa forma, o projeto educativo para a boa morte se insere no projeto catequético jesuítico¹⁶¹, que foi tão caro ao contexto da Reforma e Contrarreforma. Os documentos que analisamos são: *Breve Aparelho e Modo Fácil para Ensinar a Bem Morrer um Cristão* de autoria do padre jesuítico Estevão de Castro (1626)¹⁶², *Escola de Bem Morrer* do padre Antonio Maria Bonucci (1695)¹⁶³ e *Breve Direção para o Santo Exercício da Boa Morte* do padre José Aires (1726)¹⁶⁴. Esses manuais foram escritos

¹⁶⁰ Cf. Rodrigues, Claudia. Nas Fronteiras do Além : a secularização da morte no Rio de Janeiro séculos XVIII e XIX. (2005) p. 53. No contexto dos temas que vimos analisando até o momento, a *ars moriendi* significava uma resposta àquela ansiedade dos indivíduos diante da morte, incentivada por pregadores. Desenvolvida entre os séculos XIV e XV, ela representou um gênero de literatura devocional, composto por textos e imagens que procuravam ensinar os cristãos a se preparem para uma boa morte. Agiram como uma “certa forma de cristianização”, apresentando-se como modelo que propunha ensinar o fiel – como uma espécie de cartilha- os passos para o seu momento derradeiro.

¹⁶¹ Eisenberg, José. As missões Jesuítas e o Pensamento Político Moderno: encontros culturais, Aventuras Teóricas. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2000; Serafim, João Carlos G. A ideia da Quotidio Morior nas Artes Moriendi Jesuítica na Idade Moderna – a Satisfaçam de Agravos do Padre João da Fonseca, S.J. In: *Via Spiritus* 15 (2008). pp. 35-52; Domingos, Simone Santiago. O retorno da Companhia de Jesus no Segundo Reinado. In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011; Cavalcanti, Maria Juraci Maia. Memória dos Jesuítas Portugueses e a História da Educação Brasileira: relação entre a obra de Serafim Leite e Fernando de Azevedo. In: *Linhos Críticas*, Brasília, DF, v.19, n.39, p. 449-461, mai./ago.2013; Campos, Adalgisa Arantes. Notas sobre os rituais de morte na Sociedade Escravista. In: *Revista do Departamento de História da FAFICH/UFMG*. VI (1988):109-122.

¹⁶² Castro, Estevão de, S.J. fl. 1575-1639, Breve aparelho, e modo facil pera ajudar a bem morrer hum christão, com a recopilação da materia de testamentos & penitencia, varias oraçoes devotas, tiradas da Escritura Sagrada, & do Ritual Romano de N. S. P. Paulo V. / Composto pello Padre Estevão de Castro... - Acrecentado nesta seguda impressão pello mesmo autor. - Em Lisboa : por Mattheus Pinheiro : a custa de Adrião de Abreu, 1627. - [16], 241, [i.é 221], [3] f. ; 8º (15 cm). Disponível em www.bnportugal.pt Acesso em 20 de Abril de 2016.

¹⁶³ Bonucci, Antonio Maria, S.J. 1651-1728, Escola de bem morrer aberta a todos os Christãos, & particularmente aos moradores da Bahia nos exercícios de piedade, que se practicão nas tardes de todos os Domingos pelos Irmãos da Confraria da Boa Morte, instituída com autoridade Apostólica na Igreja do Colégio da Companhia de Jesus / dedica-a o P. Antonio Maria Bonucci da mesma Companhia ao Capitão Bento Pereira Ferraz. - Lisboa : na Officina de Miguel Deslandes Impressor de Sua Magestade, 1701. - [16], 199, [1] p. ; 8º (15 cm) Disponível em www.bnportugal.pt Acesso em 20 de Abril de 2016.

¹⁶⁴ Aires, José, S.J. 1672-1730, Breve Direcção para o santo exercicio da Boa Morte : que se pratica nos Domingos do anno na Igreja dos Padres da Companhia de Jesus do Colégio da Bahia : instituído

entre os séculos XVII e XVIII e são paradigmáticos para todos os pesquisadores que procuram compreender os sentidos da morte e do morrer no cotidiano da sociedade brasileira.

Os três manuais já foram objetos de pesquisa de inúmeros trabalhos acadêmicos, fundamentalmente pela historiografia como o trabalho de Claudia Rodrigues, livro considerado uma referência nos estudos sobre a morte no Brasil e cuja abordagem mais sistemática se encontra no primeiro capítulo desta tese. Sua análise trata basicamente do manual do jesuíta Estevão de Castro, *Breve Aparelho e Modo Fácil de Ensinar a Bem Morrer um Cristão*.

Este foi, certamente, o grande motivo para a larga aceitação do *Breve Aparelho* pelos fiéis. Fato que, apesar de caminhar na contracorrente da produção de manuais pós-tridentino, correspondia às preocupações da maioria dos fiéis portugueses — e também das colônias —, que valorizavam o momento em torno da enfermidade e da agonia como a ocasião em que se deviam preparar para a morte. O que acredito acontecido não necessariamente por desacreditarem de uma vida piedosa e pautada no recolhimento interior, mas pelo fato de temerem muito, e muito, o destino de sua alma logo após a morte. E é nesse sentido que os testamentos que abriram este capítulo podem ser analisados. Isso, de certa forma, corresponde à pastoral eclesiástica da morte baseada no medo e na ameaça e indica que era no momento da morte que a Igreja conseguia obter mais respostas dos fiéis aos seus ensinamentos.¹⁶⁵

Luciana Onety Gama Sobral¹⁶⁶ estudou os manuais dos padres Antonio Bonucci e José Aires em sua dissertação de mestrado *A morte como Escola: A presença da Pedagogia do Bem Morrer na Cidade da Bahia (ca. 1640-1749)*. Seu trabalho consiste em um bom levantamento do ideário em torno da morte produzido pelos padres da Companhia de Jesus na cidade de Salvador, entre os séculos XVII e XVIII.

Sob o ponto de vista pedagógico, demonstra de que maneira essa produção se desenvolveu na arte sacra com uma estética da morte, na produção de memória em torno das exequias e homenagens a figuras importantes eclesiásticas e civis, no culto a relíquias religiosas e na escola do Bem do Morrer por meio dos exercícios praticados

com autoridade Apostolica, em honra de Christo Crucificado, e de sua MÃy ao pé da Cruz, para bem, e utilidade dos Fieis... / pelo Padre, que actualmente tem a seu cargo este Santo Exercicio . - Lisboa Occidental : na Officina da Musica, 1726. - [16], 102 p. ; 8º (15 cm) www.bnportugal.pt Acesso em 20 de Abril de 2016

¹⁶⁵ Rodrigues, Claudia. Op.cit. p. 63

¹⁶⁶ Sobral, Luciana O. Gama. *A morte como escola: a pedagogia de bem morrer na Cidade da Bahia (ca. 1640-1759)*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2014.

todos os domingos pelos irmãos da Irmandade Nossa Senhora da Boa Morte, que funcionava no Colégio Jesuítico.

A Confraria da Boa Morte dos jesuítas e sua Escola de bem morrer são notáveis objetos de pesquisa por lançarem luz sobre as atitudes diante da morte na Cidade da Bahia. São exemplos importantes de uma construção ideológica que permite perceber as nuances das representações escatológicas que faziam parte da mundividência da época e demonstram os esforços empreendidos pela Igreja no sentido de divulgar um modelo pedagógico capaz de doutrinar a comunidade cristã através do medo da morte. Ao mesmo tempo em que cumpriram uma função prática de preparar as pessoas para bem morrer, foram sintomáticas de um momento histórico em que a morte deixou de ser um elemento meramente retórico e tornou-se uma peça fundamental de enquadramento religioso, uma arma perfeita de persuasão.¹⁶⁷

João Paulo Berto, em seu trabalho de mestrado *Liturgias da Boa Morte e do Bem Morrer: Práticas e Representações fúnebres em Campinas Oitocentista (1760-1880)*¹⁶⁸, também estuda as liturgias em torno da boa morte e do bem morrer católicas que chegaram ao Brasil em forma de manuais e doutrinas. Sua pesquisa tem por objeto a leitura destes manuais e sua prática na cidade de Campinas, do final do século XVIII e até o final do século XIX, momento em que a cidade passou por significativas transformações urbanas e culturais, incluindo a laicização dos cemitérios.

Neste contexto, o autor estuda a circulação do ideário de bem viver e bem morrer por meio de sua apropriação pelas irmandades religiosas que atuavam na cidade indicando a maneira como este ideário foi ressignificado em diferentes representações e práticas fúnebres que atingiam os mais variados grupos sociais.

Dessa forma, os três manuais que nos propomos analisar também são estudados pelo autor na medida em que propunham métodos práticos de salvação das almas por meio de estratégias de convencimento e sensibilização dos fiéis cristãos para a importância da Igreja Católica como a detentora do monopólio dos meios e métodos de salvação. Para tanto, faz uma longa descrição da estrutura narrativa dos manuais e de sua metodologia de convencimento a respeito da importância da simbologia religiosa na conformação do conhecimento sobre a morte. A relevância de seu trabalho está no estudo específico das apropriações e

¹⁶⁷ Ibidem, p. 141.

¹⁶⁸ Berto, João Paulo Liturgias da Boa Morte e do Bem Morrer: Práticas e Representações fúnebres em Campinas Oitocentistas (1760-1880). Dissertação de Mestrado. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Estadual de Campinas. Campinas (SP). 2014.

reelaborações do material da boa morte pelas irmandades religiosas na cidade de Campinas, apontando para a crucial importância das mesmas na social do Brasil desde o século XVIII.

A valorização exacerbada do tema da finitude invadiu também os domínios coloniais, como foi o caso brasileiro, incentivando devoções e práticas culturais que incidiam em vários campos da vida social e religiosa. A morte passava, assim, a se tornar uma questão de importância singular na vida das pessoas, uma vez que seriam os preparativos para ela que definiriam se o indivíduo poderia ou não colher os prêmios das bem-aventuranças bíblicas e do convívio celeste.

Tão arraigada era que, por vezes, configurava-se como um hábito cultural baseado na memória e na estruturação simbólica das experiências religiosas. Deste modo, estes aparatos devem ser entendidos por meio de um amplo conjunto de pressupostos e inclinações, hábitos e rotinas, associações históricas e práticas culturais específicas a um dado momento histórico e sempre pautados na curta duração.¹⁶⁹

Sendo assim, não temos dúvidas a respeito da importância dos documentos citados como testemunhos de uma época e de sua relevância para a compreensão da construção ideológica por meio da qual a Igreja Católica estruturou uma doutrina e seu projeto de conversão sob a perspectiva da Companhia de Jesus¹⁷⁰, deixando claro que esta ordem religiosa representa ou pode ser pensada como a grande representante desse contexto.

No entanto, o que propomos neste capítulo é analisar estes documentos sob outras perspectivas, principalmente no que se refere ao sentido de ir além da abordagem da pedagogia do medo e dos mecanismos de controle social pela Igreja Católica. Acreditamos que como esses manuais expressam uma visão de mundo, acabaram produzindo um ideal de morte ao responderem perguntas invariantes sobre morte.

¹⁶⁹ Ibidem, p. 96.

¹⁷⁰ Existem outros trabalhos que também se debruçam sobre os textos dos manuais, como é o caso de Martins, Daniel Ferreira. **As margens do Texto: As redes de texto e as bibliotecas bíblicas em manuais devocionais jesuíticos portugueses no século XVII**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em História. Universidade de Brasília. Brasília (DF). 2016. SANTOS, Clara Braz dos. **O exercício moral de memória da morte nos escritos religiosos do Brasil colonial (séculos XVII e XVIII)**. 207f. Dissertação (Mestrado em História e Cultura Social) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais de Franca, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Franca, 2016. Interessante notar que as abordagens em torno dos manuais são recentes dissertações de mestrado que tem como referência o trabalho da historiadora Claudia Rodrigues, seja no sentido de acompanhar seu trabalho como é o caso de João Paulo Berto e Luciana Sobral ou para discutir alguns de seus pressupostos como é o caso de Daniel Ferreira Martins.

Essas invariantes¹⁷¹ perguntas podem ser apreendidas de inúmeras maneiras, pelo conteúdo dos textos, pela série documental que em conjunto esses manuais representam, pelo fato de se inserirem no projeto catequético jesuítico, por sua presença como fonte de informação para os ritos mortuários praticados pelas irmandades religiosas e, principalmente, pela longevidade de sua presença no ideário do bem morrer no Brasil.

Os manuais de *bem morrer* expressam questões cruciais em relação à morte que, além de serem problemas existenciais do contexto em que foram elaborados, são questões absolutamente contemporâneas partindo de duas invariantes: o medo da morte e o desejo de bem morrer. Além disso, outra invariante que podemos apreender desses documentos é uma espiritualidade centrada no sujeito, a salvação como uma escolha mediante a ação deste sujeito e um ideário de salvação elaborado em torno da misericórdia divina mobilizada pela ação humana.

Procuraremos demonstrar como o pensamento religioso se elabora em torno da produção de um conceito de morte que transita entre o medo e o morrer bem. Arrolamos as referências que informam esses documentos, como por exemplo, os trechos da Bíblia que são citados e fundamentam tanto as formulações sobre a vida, a morte, o bem e o mal, como também as que fundamentam, principalmente, a elaboração da ideia da misericórdia divina que, neste ideário, expressa a mentalidade religiosa de um período histórico crucial para o Cristianismo.

A maneira de abordagem dos manuais segue algumas das perguntas arroladas por Maurice Godelier que indicam os invariantes em torno da morte. Dessa forma, procuramos por meio do inquérito feito aos manuais demonstrar como estes respondem a essas perguntas ao mesmo tempo em que trazem um elenco de atitudes para o enfrentamento da morte, como, por exemplo, os pedidos de intercessão de santos de devoção.

Por sintetizar invariantes sobre a morte a partir e por meio de orientações religiosas, o conteúdo proposto pelos manuais no enfrentamento da morte possui força além de seu tempo histórico, tornando-se referências e continuando como referências mesmo depois de não serem mais lidos, na medida em que consolidaram um estilo que se traduz em função do domínio de detalhes em torno da morte.

¹⁷¹ Godelier, Maurice. Op.Cit.

Essencialmente, possuem também a convincente habilidade de simular a realidade última da existência humana, que é o instante da morte, a partir de uma ideia genérica denominada por eles como “aquelha hora”, o “último suspiro”, ou de forma mais dramática, o momento em que a “alma é arrancada do corpo”. É ofertada ao ser humano de forma geral, a qualquer ser humano, a possibilidade de passagem por este enigmático desconhecido de maneira indulgente.

Os manuais, dessa forma, podem ser considerados como “gestores de um ideal de morte” sob a perspectiva de um catolicismo inserido no contexto dos séculos XVII e XVIII que adentrou o século XIX veiculado pelas práticas mortuárias das Irmandades Religiosas e que, no entanto, não desapareceram com elas, tendo em vista que podemos considerar as Irmandades Religiosas como um dos principais veículos ao forjar o *ethos* religioso brasileiro, devido à importância social que desempenharam ao longo da formação da sociedade brasileira.

Na discussão antropológica recente, os aspectos morais (e estéticos) de uma cultura, os elementos valorativos foram resumidos sob o termo *ethos*, enquanto que os aspectos cognitivos, existenciais foram designados pelo termo ‘visão de mundo’. O *ethos* de um povo é tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético, e a sua disposição subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete. A visão de mundo que esse povo tem é o quadro que elabora das coisas como elas são na simples realidade, seu conceito de natureza, de si mesmo, da sociedade. Esse quadro contém ideias abrangentes sobre a ordem. A crença religiosa e o ritual confrontam e confirmam-se mutuamente; o *ethos* torna-se intelectualmente razoável porque é levado a representar um tipo de vida implícito no estado real das coisas que a visão de mundo descreve, e a visão de mundo torna-se emocionalmente aceitável por se apresentar como imagem de um verdadeiro estado de coisas do qual esse tipo de vida é expressão autêntica.¹⁷²

As Irmandades Religiosas, Confrarias e Ordens Terceiras¹⁷³ formaram uma rede de normatização e padronização dos rituais mortuários no Brasil. Boa parte desses ritos foram produzidos nas dinâmicas corporativas das Irmandades, porém havia uma fonte de informação para elaboração dessas práticas. Esta fonte eram os Manuais da Boa Morte ou do Bem Morrer.

¹⁷² Geertz, Clifford. Op. Cit. p. 93.

¹⁷³ Todos os trabalhos que arrolamos ao longo desta pesquisa que tratam do ideário de *bem morrer* e *ars moriendi* presente nos textos de manuais e preceitos litúrgicos presentes das práticas religiosas efetivamente vividas no Brasil o fazem demonstrando a importância das Irmandades Religiosas na concepção do *ethos* religioso católico brasileiro.

Como já afirmamos, existem trabalhos que desenvolveram essa mesma linha de raciocínio, porém não introduziram a ideia de que os aspectos morais e estéticos, bem como os cognitivos e existenciais presentes na construção das relações em torno da vida religiosa demonstram mais que fórmulas de controle da Igreja. Demonstram também um estilo de vida, o tom e o caráter de um povo.

Os mundos imaginários das religiões não são produtos de uma humanidade ainda na infância. Eles não se dissiparão automaticamente com o progresso das “Luzes” do conhecimento e os benefícios da educação. Eles são testemunhas de um esforço permanente dos homens para enfrentar seus limites, conjurar seu medo diante da morte e esperar por um mundo melhor, no qual a injustiça e o sofrimento terão sido vencidos. Utopias, certamente, mas que obrigam os homens a se inventar.¹⁷⁴

3.1 Apresentação dos Manuais do Bem Morrer.

O padre jesuíta português Estevão de Castro (1575-1639)¹⁷⁵ provavelmente escreveu o mais conhecido e estudado manual sobre o bem morrer, de acordo com a historiadora Claudia Rodrigues¹⁷⁶. *O Breve Aparelho e modo fácil para ensinar um cristão a bem morrer* foi o que denominaríamos de sucesso editorial, tendo em vista que foi publicado durante um século: sua primeira edição é de 1624 ou 1626 e a última notícia de sua edição é do ano de 1724.

Por isso o Breve Aparelho é, também, objeto de pesquisa de inúmeros trabalhos acadêmicos tanto no Brasil quanto em Portugal, como objeto de pesquisa. Conseguimos mapear as temáticas que emergem da leitura deste documento elaborada, basicamente, por historiadores, que se debruçam sobre a história das religiões e religiosidades no Brasil ou história das mentalidades. Sendo assim, o que emerge destes estudos é a preocupação por trazer para o debate acadêmico o modelo testamentário formulado no Breve Aparelho como um modelo de soteriológico difundido pela Igreja Católica e, ao mesmo tempo, registrar uma forma de controle

¹⁷⁴ Godelier, Maurice. Op.cit.p. 42.

¹⁷⁵ Cf. Silva,Sara Maria. “O Breve Aparelho e Modo Fácil Para Ajudar Hum Cristão a Morrer”. Do Padre Estevão de Castro (1621). Dissertação de Mestrado em História da Cultura Portuguesa. Universidade do Porto. 1996. Sabe-se muito pouco de Estevão de Castro, aristocrata filho de António Vidal Vasconcelos e Maria de Castro, entrou para Companhia de Jesus em 1589 com 16 anos, foi pregador de alguma importância, percorreu o reino português em diversas missões, foi procurador geral da Província da Índia da Companhia e veio a morrer no Colégio Jesuíta do Porto em 1639 com 66 anos de idade. p. 55

¹⁷⁶ Rodrigues, Claudia. Op. Cit. pp. 59-63.

social e econômico que a instituição desenvolveu no sentido de manter o fluxo de sua arrecadação de recursos.

Em 1621, os prelos lisboetas de José Rodrigues ofereciam pela primeira vez um pequeno livro in-8º 213 fólios escrito por um jesuíta pouco conhecido, intitulando-se longamente *Breve Aparelho e modo fácil pero ajudar a bem morrer hum Christão*, com recompilação da matéria de testamentos, e penitencia, várias orações devotas tiradas da scriptura sagrada e ritual romano de N.S.P Paulo V.

Essa imagem produzida pela historiografia está consolidada de tal forma que é importante citar que o Breve Aparelho aparece com essa mesma leitura em trabalhos não acadêmicos como é o caso de um blog publicado por Sérgio Correia Amaro da cidade de Batatais no interior de São Paulo, o autor se apresenta como “historiador, advogado, professor, bancário, aposentado e turista accidental”. Espelhando esta tendência anteriormente descrita para a especialização das obras de preparação para a morte este trabalho de Estevão de Castro comparecia, porém, no panorama cultural editorial do livro religioso português como um investimento quase original, praticamente fundador do futuro sucesso destas artes e aparelhos em que se ensinava a morrer.¹⁷⁷

Há, no entanto, uma diferença entre o *Breve Aparelho* e os manuais escritos pelos padres José Maria Bonucci e José Aires. Este foi escrito para sacerdotes, portanto, pessoas letradas, diferentemente dos manuais, como o do padre José Aires, que abdica do texto em latim alegando que nem todos dominavam a língua. Seu objetivo era orientação dos exercícios da boa morte que ocorriam todos os domingos às 16h no Colégio Jesuítico de Salvador para os irmãos da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte. Assim, preferiu escrever o texto em português, inclusive traduzindo as orações em latim.¹⁷⁸

O segundo manual tratado neste capítulo é *Escola de bem morrer a todos os cristãos e particularmente aos moradores da Bahia nos exercícios de piedade, que se praticam tardes de todos os Domingos pelos Irmãos da Confraria da Boa Morte*, do também jesuíta Antonio Maria Bonucci¹⁷⁹, cuja primeira impressão foi no ano de 1695.

¹⁷⁷ Silva, Sara Maria. Op. Cit. p. 60

¹⁷⁸ Aires, José. Op. Cit. p. 14

¹⁷⁹ Antonio Maria Bonucci nasceu em Arezo em 17 de janeiro de 1651 e faleceu em Roma 29 de março de 1729. Em 13 de Abril de 1671 entrou para a Companhia de Jesus em Roma, durante três anos estudou Direito Canônico e Civil e por mais dois anos estudou filosofia sendo ordenado padre em 1680. Em 1681, partiu para o Brasil acompanhando o Padre Antonio Vieira inicialmente veio lecionar humanidades no Colégio de Olinda ficou no local por curto espaço de tempo, sendo transferido para Recife onde lecionou por 10 anos, em Recife no ano de 1683 fundou a Congregação Mariana e mais tarde o Exercício da Boa Morte. Foi na sequência que publicou a obra Escola de bem morrer, impressa em 1695, na Oficina de Pedro Galão, em Lisboa. Em 1696 foi para o Colégio na Bahia onde passou a auxiliar Padre Vieira como seu secretário, após, inclusive auxiliando-o na redação da obra Clavis Prophetarum. Após a morte de Vieira, padre Bonucci preparou a obra para ser impressa como também organizou sua correspondência e outras obras. Durante sua estadia no Brasil, padre Bonucci produziu

O manual do padre Antonio Maria Bonucci pretende orientar os cristãos a enaltecer a Glória de Deus e desprezar a vida material para ter-se a segurança de uma boa morte (na verdade, segundo o autor, uma felicíssima morte). Por isso, propõe um método fácil que agradasse a Deus e assegurasse uma morte coroada, afinal, de acordo o padre jesuíta, só morremos uma vez e, portanto, precisamos morrer bem. Para tanto, enaltece a eficiência dos exercícios remotos como uma estratégia de preparo para a morte, pois não sabemos nem onde, nem quando iremos morrer e não se pode deixar tarefa tão importante quanto a preparação para morte para a última hora.

O terceiro manual com o qual tratamos é *Breve direção para o santo exercício da boa morte: que se pratica nos domingos do ano na igreja dos padres da Companhia de Jesus do Colégio da Bahia*, escrito pelo jesuíta José Aires¹⁸⁰ e publicado em 1726, dedicado aos irmãos da Confraria da Boa Morte da Bahia. No início do manual, José Aires indica que o exercício da boa morte que se faz todo domingo na igreja do Colégio da Bahia é um trabalho contínuo, pois, em outros lugares da América, o santo exercício desapareceu e, de acordo com ele, permanece na Bahia pela misericórdia de Deus, pois, além de permanecer, tem aumentado o número de participantes no santo exercício em função do aumento do número de confrades da Boa Morte.

Em relação ao seu manual, padre José Aires enuncia que já havia outro manual desde 1700, também intitulado *Escola de Bem Morrer*, referindo-se ao manual do padre Bonucci. Porém, resolveu escrever mesmo assim, tendo em vista que desejava

extensa obra que foi publicada em Lisboa, como também, após seu regresso a Europa continuou a publicar trabalhos a respeito de sua experiência como missionário no Brasil auxiliando a Santa Sé na compreensão dos costumes brasileiros. Na Europa, especificamente na Itália padre Bonucci também se dedicou a hagiografia. Seus escritos exaltam o Culto Mariano, a prática sacramental da eucaristia e a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, temas que estão no centro da estrutura do manual de bom morrer. Dicionário Italianos estantes em Portugal. Cátedra Alberto Beneviste. Disponível em <http://www.catedra-alberto-benveniste.org>. Acesso em 20 de março de 2018.

¹⁸⁰ Cf. Sobral, Luciana Gama. Op.Cit. Se raras são as informações sobre a vida de Bonucci, sobre Aires sabe-se ainda menos. Ele nasceu em Lisboa em 1672, filho de um capitão. Em 12/2/1689, aos 17 anos, ingressou na Companhia de Jesus e em 1708 professou seus votos. Foi reitor do Colégio do Recife, pregador e asceta, mas sua principal atividade era a de diretor dos exercícios espirituais da Boa Morte, cargo que ocupou até seu falecimento em 18 de junho de 1730 na Bahia³⁶⁹. Essa função era dada a religiosos que demonstrassem habilidades e domínio da doutrina católica, pois assumiriam o papel de mediadores pedagógicos capazes de possibilitar ao exercitante as condições necessárias para que este atingisse a experiência interior da fé genuína. Tanto Bonucci quanto Aires ocuparam esse cargo por anos e tiveram a preocupação em manter o aparato bibliográfico necessário à realização dos exercícios piedosos imprescindíveis a uma boa morte cristã, conforme se apreende de seus esforços em publicar obras que servissem de auxílio nessa questão.

register seus 12 anos de experiência conduzindo o santo exercício. Além disso, argumenta que o seu desejo era colocar todo mundo no céu.¹⁸¹

Os três manuais possuem características próprias, como abordaremos a seguir. No entanto, de forma geral, são testemunhos do pensamento católico entre o início do século XVII e o início do século XVIII, cujo propósito primordial é reforçar a fé na Santa Eucaristia, no Sacrifício de Jesus na Cruz e na dor da Virgem Santíssima ao ver o filho morto. Para os três manuais, a profissão de fé constituída a partir deste trinômio seria uma garantia ao cristão da boa morte, desde que, além de professar a fé, se cumprisse uma série de prescrições em torno desta profissão de fé.

De qualquer maneira, mais uma vez é necessário deixar evidente que o nosso propósito com esses manuais é apresentar sua longevidade como referência a um conceito de bem morrer na medida em que respondem questões invariáveis sobre a morte, como por exemplo, o que fazer no último instante? Ou o que acontece conosco depois que morremos? Respostas estas elaboradas no interior do repertório da religiosidade católica. Mesmo assim, é importante abrir espaço para indicar o contexto no qual eles foram compostos. Não nos referimos especificamente a dados ou fatos historicamente consolidados, mas a um contexto conceitual, um paradigma que se transformou em marco histórico que é a ideia de modernidade.

3.1.2 O contexto dos manuais: grande elenco no roteiro da chamada Modernidade.

No mundo ocidental, ressalta aos olhos e aos ouvidos que *Época Moderna, Era Moderna* ou mesmo a *Modernidade* foi um grande momento de ruptura com o “atraso” medieval denominado estrategicamente de *Idade das Trevas*, período em que imperava o domínio sombrio da Igreja Católica que controlava a mentalidade social por meio da coerção espiritual com a pedagogia do medo.

Ao contrário da idade das “trevas”, o período que lhe sucedeu trouxe outras características e possibilidades de comportamento social para o mundo ocidental, por meio das imagens de ruptura, aceleração e revolução em todos os campos do conhecimento na arte, na literatura e, fundamentalmente, na ciência. A partir desse momento, a sociedade europeia passou a experimentar a possibilidade de novos

¹⁸¹ Aires, José. Op.Cit. p. 8

conhecimentos que lhe abriu a mente a outras concepções, categorizações, formas de compreensão e, principalmente, de domínio do mundo que a cercava.

Essa é a imagem que a chamada modernidade produziu sobre si mesma. Temos aqui de chamar à atenção para o fato de que modernidade não é sujeito, por isso não tem capacidade de produzir nenhum conceito sobre si mesma, mas os indivíduos e grupos sim. Então, podemos dizer que certos grupos que controlavam o conhecimento, assim o fizeram: colocaram na palavra modernidade muito mais do que aquilo que efetivamente este período comportou.

A modernidade possui tantos sentidos quantos forem os pensadores e jornalistas. Ainda assim, todas as definições apontam de uma forma ou de outra, para a passagem do tempo. Através do adjetivo moderno, assinalamos um novo regime, uma aceleração, uma ruptura, uma revolução no tempo. Quando as palavras “moderno”, “modernização” e “modernidade” aparecem juntas, definimos por contraste, um passado arcaico e estável. Além disso, a palavra encontra-se sempre colocada em meio a uma polêmica, em uma briga onde há ganhadores e perdedores, os Antigos e os Modernos. “Modernos”, portanto, é duas vezes assimétrico: assinala uma ruptura na passagem regular do tempo; assinala o combate no qual há vencedores e vencidos. Se hoje há tantos contemporâneos que hesitam em empregar esse adjetivo, se o qualificamos através de preposições, é porque nos sentimos menos seguros ao manter essa dupla assimetria: não podemos mais assinalar a flecha irreversível do tempo nem atribuir um prêmio aos vencedores. Nas inúmeras discussões entre Antigos e Modernos, ambos têm hoje número igual de vitórias, e nada mais nos permite dizer se as revoluções dão cabo dos antigos regimes ou os aperfeiçoam. De onde o ceticismo interessantemente chamado de “pós-modernidade”, ainda que ele não saiba se é capaz de suceder para sempre os modernos.¹⁸²

Em seu livro *Jamais Fomos Modernos. Ensaio de Antropologia Simétrica*, o antropólogo francês Bruno Latour apresenta a desconstrução do conceito de modernidade demonstrando que, em primeiro lugar, são múltiplos os seus sentidos. Porém, um deles, o mais marcante e evidente, é aquele que traz em si a ideia de ruptura, cuja função é demarcar e diferenciar o que é antigo do que é moderno. Parece uma obviedade, porém não é, pois nesse jogo linear de contraste entre o que é antigo e o moderno existe um esforço epistemológico de “esquecimentos” de quaisquer elementos que não se “adéquam” aos parâmetros de antigo e moderno.

¹⁸² Latour, Bruno. Op. Cit. pp. 15-16.

Ao tratar do pensamento de Robert Boyle¹⁸³ e Thomas Hobbes¹⁸⁴, o autor deixa evidente que as obras destes dois importantes pensadores do século XVII comportam muito mais do que normalmente o conhecimento sobre elas retrata, por isso expressam uma grande característica da chamada modernidade que é a de fracionar o conhecimento. A primeira grande ruptura foi a separação da sociedade e da natureza, dois campos de conhecimento efetivamente diversos? Essa é a grande questão de Bruno Latour, por isso denomina a nossa — contemporânea — maneira de conceber o conhecimento de assimétrica.

Ocorre com estas duas separações aproximadamente o mesmo que ocorre com aquela que distingue o judiciário do executivo. Esta última não teria como descrever os múltiplos laços, as influências cruzadas, as negociações continuas entre juízes e os políticos. No entanto, aquele que negar a eficácia desta separação estará enganado. A separação moderna entre o mundo natural e o mundo social tem o mesmo caráter constitucional, com o detalhe que até o momento, ninguém se colocou em posição de estudar os políticos e os cientistas simetricamente, já que parecia não haver um lugar central. Em certo sentido, os artigos da lei fundamental que diz respeito à dupla separação foram tão bem redigidos que nós a tomamos como uma dupla distinção ontológica. Do momento em que traçamos este espaço simétrico, reestabelecendo assim o entendimento comum que organiza a separação dos poderes naturais e políticos deixamos de ser modernos.¹⁸⁵

Sob essa dupla distinção ontológica é que ordenamos nossos saberes e os colocamos numa linha do tempo. Assim, quando retomamos o universo de acontecimentos que caracterizaram a chamada modernidade, emergem dois movimentos fundamentais: o Renascimento e o seu sucessor, o Iluminismo. O denominador comum entre eles é o predomínio da visão racionalista de mundo como expressão da liberdade de pensamento e autonomia das amarras do pensamento eclesiástico que surge nesse embate da modernidade.

Sendo assim, por meio e em função desta ruptura do conhecimento, o registro histórico criou um verdadeiro panteão dos deuses da modernidade, os representantes da mentalidade do que significa ser moderno. Na França, René Descartes e Blaise Pascal representam pensamentos revolucionários na matemática e nas ciências

¹⁸³ Cf. Bruno Latour. **Robert Boyle** foi um dos mais destacados cientistas britânicos, responsável pelo desenvolvimento do moderno método experimental científico, além de contribuir para o avanço dos campos da pneumática e da química.

¹⁸⁴ Thomas Hobbes Primeiro filósofo moderno a articular uma teoria detalhada do contrato social, com sua obra *Leviatã*, escrita em 1651, **Thomas Hobbes** foi um filósofo inglês do século XVII, reconhecido como um dos fundadores da filosofia política e ciência política moderna. Em *Jamais Fomos Modernos*, Bruno Latour trabalha a análise de Shapin e Schaffer sobre o pensamento de Boyle e Hobbes.

¹⁸⁵ Idem. p. 19.

físicas; o primeiro criou a geometria analítica e o segundo lançou as bases do cálculo de probabilidades. Na Inglaterra, Isaac Newton, com a lei da gravitação universal e seus estudos sobre mecânica. Gottfried Leibniz, na Alemanha, elabora o cálculo infinitesimal.

Para centrarmos nossa questão com a modernidade, citamos o caso de Pascal e Newton. Ambos simbolizam pensamentos revolucionários, do ponto de vista técnico, no que se refere ao domínio da natureza, lembrando que a mesma sob esta perspectiva é vista como um ente a parte da vida social. Assim, quando ambos pensadores ascendem ao panteão da modernidade, foram relegadas a um segundo plano outras dimensões de seu pensamento, como é caso de Pascal, que dedicou uma boa parte de sua vida à contemplação e ao pensamento religioso. Essa face de sua biografia só é ressaltada por estudiosos do pensamento religioso, como é o caso de Andrei Venturini Martins¹⁸⁶.

Por fim, os modernos e, dentre estes, Blaise Pascal retoma o termo em meio uma *Apologia da Religião Cristã* ou, como ficou conhecido, nos *Pensamentos*. Será neste autor que focaremos, em nossa pesquisa. Assim, buscaremos responder a seguinte questão: Qual é o sentido da morte para Blaise Pascal? Saber o sentido implica em conhecer o significado da morte, sua relevância e as consequências comportamentais do conhecimento desta ideia. Para este estudo, nosso objeto será alguns fragmentos da obra *Pensées* (136, 434.308, 933 e 418) e *Écrits sur la grace*. Sustentamos que o sentido da morte para Pascal não é unívoco, mas plural, já que em cada texto a morte assume um sentido. Nossa objetivo será mostrar a abrangência do sentido da morte, destacando-o na teoria do pecado original, na psicologia profunda do *divertissement*, frente a certeza da dissolução iminente, para os homens representantes das três ordens de coisas (do corpo, da razão e do coração) e, por fim, do fragmento da Apostila.¹⁸⁷

Assim, parece que Blaise Pascal representa dois homens diferentes: um o criador da teoria das probabilidades e o outro o homem crente que dedicou uma parte de sua vida a refletir sobre o significado da morte, como indica Andrei Venturini Martins, de forma plural, no entanto, dialogando com o pensamento bíblico e tendo em vista o destaque da teoria do pecado original que levou o homem à morte. No mesmo sentido, Bruno Latour apresenta o pensamento de Hobbes e Boyle destacando o quanto Hobbes enveredou-se pelos caminhos da matemática na mesma medida em que Boyle se dedicou aos estudos da política.

¹⁸⁶ Martins, Andrei Venturini. O Sentido da Morte em Blaise Pascal. In: Redescrições. Revista Online do GT Pragmatismo, ano VI, nº1, 2015. pp. 6-18.

¹⁸⁷ Idem. pp. 7-8.

A beleza deste livro deve-se ao fato de eles terem desenterrado os trabalhos científicos de Hobbes — que os cientistas políticos ignoravam, pois tinham vergonha das elucubrações matemáticas de seu herói — e tiraram do esquecimento as teorias políticas de Boyle — que os historiadores da ciência ignoram porque tentam esconder o trabalho de organização de seu herói. Ao invés de uma assimetria e de uma divisão — Boyle com a ciência e Hobbes com a teoria política — Shapin e Schaffer traçam um belo quadro: Boyle possui uma ciência e uma teoria política, Hobbes uma teoria política e uma ciência.¹⁸⁸

O pensamento desses homens — Hobbes, Boyle e Pascal — foram recortados de acordo com os interesses dos que atribuíram outros significados ao conhecimento. Procedimentos como o recorte e a fragmentação do conhecimento, de acordo com Bruno Latour, tinham o objetivo de acomodar o mundo natural que poderia ser apreendido, controlado, categorizado em um laboratório, enquanto se acomodava também o mundo social, agora estranho e antagônico ao mundo natural. Cria-se assim a objetividade da ciência que assume o patamar mais alto no panteão dos deuses da modernidade, enquanto que o mundo social, subjetivo e sujeito a toda ordem de incorreções é posto de lado.

No entanto, para além destes recortes, existe o conhecimento que foi suprimido ou colocado em um nível abaixo da categoria de conhecimento, que é o pensamento religioso, considerado, nos termos descritos acima, como superstição, atraso e ignorância. Não se trata aqui de fazer apologia ou profissão de fé, mas, se pensarmos que, diante da morte, e nesse sentido concordamos com Maurice Godelier, são as religiões que produzem um repertório de respostas capaz de acomodar questões profundas da existência humana, por que não considerarmos levar em conta as respostas religiosas diante da morte como conhecimento? Não seria esta uma atitude para o restabelecimento da simetria no processo de conhecimento como propõe Bruno Latour? Ou pelo menos para considerarmos essa possibilidade?

Era preciso, entretanto, evitar o restabelecimento de uma simetria demasiado perfeita entre as duas garantias da Constituição, o que teria impedido o duo de trabalhar a todo vapor. Era preciso que uma quarta garantia resolvesse a questão de Deus, afastando para sempre da dupla construção natural e social, deixando-as ao mesmo tempo apresentável e intercambiável. Os sucessores de Boyle e Hobbes dedicaram-se a tarefa com sucesso, os primeiros esvaziando a natureza da presença divina, os segundos esvaziando a sociedade de qualquer origem divina. O poder científico “não mais precisava desta hipótese”; quanto ao político, podiam fabricar o “deus mortal” do Leviatã sem levar em conta o Deus imortal cuja Escritura, já em Hobbes só era interpretada pelo soberano de forma figurativa. Ninguém é

¹⁸⁸ Latour, Bruno. Op. Cit. p. 22

realmente moderno se não aceitar afastar Deus do jogo tanto das leis da natureza quanto das leis da república. Deus torna-se o Deus suprimido da metafísica tão diferente do Deus pré-moderno dos cristãos quanto a natureza construída em laboratório o é da antiga *physis* ou quanto a sociedade o é do velho coletivo antropológico todo povoado de não-humanos.¹⁸⁹

Sendo assim, como anunciamos anteriormente, iremos aplicar algumas perguntas da grade elencada por Maurice Godelier aos manuais de *Bem Morrer* e, por meio delas arrolar, os invariantes sobre a morte que esses manuais expressam e como sua concepção de religião busca dar sentido à finitude humana. Em nossa concepção, esse é o objeto principal dos manuais e, provavelmente, daí a fonte da longevidade do ideário do *Bem Morrer*.

3.2 Os caminhos do Bem Morrer: roteiro de respostas a perguntas invariantes diante da morte.

3.2.1 Ninguém deve morrer sozinho: a preocupação com o último instante

Para o cristianismo, a morte talvez seja ainda mais pesada. Isso porque o próprio Deus, personificado por seu filho Jesus, morreu em uma cruz para redimir a humanidade de seus pecados, permitindo assim que os que têm fé Nele, e que quando vivos obedecerem aos seus mandamentos, um dia possam se encontrar no paraíso, sentados à direita do Pai. Às ideias de ressurreição dos corpos e do Juízo Final, comuns às três religiões do Livro, associa-se a do sacrifício de um Deus pela salvação da humanidade.¹⁹⁰

Preliminarmente, é preciso demonstrar uma diferença crucial entre os manuais. Enquanto o *Breve Aparelho* é escrito para os sacerdotes como orientação ao auxílio espiritual que deve ser ministrado às pessoas em agonia, os manuais do padre Bonucci e de José Aires são dedicados aos fiéis como instrução de conduta moral. Porém, como veremos, mais que instruções, são reflexões sobre a existência humana. Na verdade, a existência cristã.

Por isso, não é assunto menor. A morte é pesada para o cristianismo, pois representa a morte do próprio Deus. Assim, é importante pensar, do ponto de vista dos manuais, o que a morte de Deus representa como formulação das respostas à humanidade sobre a sua própria morte. Dessa maneira, podemos afirmar que os manuais sobre o bem morrer foram produzidos para determinar respostas e, a partir dessas respostas, apresentarem a possibilidade de que diante da morte é necessário

¹⁸⁹ Latour, Bruno. Op. Cit. p. 38

¹⁹⁰ Godelier, Maurice. Op. Cit. p. 26.

aparelhamento, método e técnica, mas essa linguagem aparentemente afinada com a modernidade traz em seu conteúdo questões profundas acerca da existência humana.

Não é casual que, na sua estrutura e linguagem, os manuais procurem ser ou aparentar ser técnicas e essa preocupação fica evidente por meio de palavras como aparelho, direção, exercício e método. A palavra aparelho é emblemática. Hoje em dia, ao consultar os dicionários, encontramos os seguintes significados possíveis para a palavra aparelho: Substantivo masculino. Instrumento ou máquina. Conjunto de peças, instrumentos necessários à execução de um trabalho, à observação de um fenômeno: aparelho meteorológico.¹⁹¹

Para o senso comum contemporâneo, a palavra aparelho se resume a um objeto, instrumento ou máquina. No entanto, ao buscarmos sua origem, vemos que a palavra aparelho vem do Latim *appariculare*, *de apparare*: deixar em ordem; aprontar para uso, de *AD*, 'a' mais *PARARE*, "preparar".¹⁹² Sendo assim, o *Breve Aparelho* tinha por objetivo preparar, aprontar para uso. Quem iria usá-lo? O padre Estevão de Castro deixa claro na introdução. Escreve para sacerdotes que irão acompanhar as pessoas no final de suas e esse final é o momento do "último suspiro".

Como também o é a palavra método, que vem do grego, "methodos, composta de meta: através de, por meio, e de *hodos*: via, caminho. Servir-se de um método é, antes de tudo, tentar ordenar o trajeto através do qual se possa alcançar os objetivos projetados"¹⁹³. Assim, os manuais se propõe, do ponto de vista espiritual, a ser exercícios que aparelham (preparam) o caminho para a salvação da alma, que somente pode ser alcançada a partir do ordenamento de determinada trajetória.

Logo no prólogo ao leitor, Estevão de Castro critica alguns manuais que, de acordo com ele, apesar de escritos por especialistas, tratam da lembrança da morte e do viver bem mais do que efetivamente ajudar a morrer bem. Assim, anuncia sua preocupação fundamental que perpassa todo o manual, que é o último dia de vida e agonia da morte, em que é necessário o auxílio, pois é sempre coisa repentina e os

¹⁹¹ Disponível em <https://www.dicio.com.br> . Acesso em 28 de Março de 2018.

¹⁹² Disponível em <http://origemdapalavra.com.br> . Acesso em 28 de Março de 2018.

¹⁹³ Disponível em <https://www.eba.ufmg.br> . Acesso em 28 de Março de 2018.

“inimigos dão assalto as almas naquele estado”, como diz em Genesis 6:3¹⁹⁴. É preciso estar preparado para acudir tal embate e ajudar os enfermos e suas almas quando estas estiverem para se apartar da vida.¹⁹⁵

Com as dores do corpo, a lembrança do tempo passado mal gasto, os temores do juízo eterno de Deus, a vista dos demônios, finalmente a lembrança da eternidade de tudo, perturba de tal maneira a uma pessoa posta naquele estado, que com fraqueza das potências corporais fica sua alma em grande tribulação e para neste passo os ajudar me pareceu fazer este breve tratado e aparelho a bem morrer. Contudo digo que posto que neste breve tratado se vejam diversas palavras santas que aproveitam para aquela hora, advierto porém encher a sua vida de diversas obras virtuosas e santas, porque poucos aproveitaram essas palavras posto que santas, se quando se acham naquela hora se não vir cercado de obras meritórias, pouco temerão então os inimigos das boas palavras, quando com obras más e pecados de toda a vida lhes damos direito sobre nós. E assim, a santidade das orações e versos sagrados poderá enxotar os demônios, mas a boa vida passada os espantarão de nós para que acompanhados por anjos alcançaremos a salvação. E pois que é tão certo que no bem viver consiste o bem morrer.¹⁹⁶

Podemos afirmar que o relato inicial de Estevão de Castro é resultado de sua vivência como padre e que, provavelmente, deve ter acompanhado inúmeras pessoas em seus últimos instantes. Sendo assim, a primeira resposta dada pelo documento é a preocupação com o último instante de vida e em função deste momento crucial, deixando por hora em suspenso as prescrições de conduta moral. O *Breve Aparelho*, de início, responde uma das questões invariantes sobre a morte: de que “forma se apresenta o próprio ato de morrer, de exalar o último suspiro”?

A primeira preocupação é descrever o quadro que representa os últimos instantes, explicitando as agonias do corpo e da alma. Praticamente, o relato de Estevão de Castro descreve uma gravura do gênero *ars moriendi* que foi extremamente divulgado no início da modernidade, mas, avançando suas prescrições, o padre jesuíta assinala para esperança na misericórdia de Deus, ao mesmo tempo em que demonstra a preocupação com o conforto do último instante. O moribundo deve ser assistido, essa assistência por alguém — no caso o sacerdote — que irá conduzir o agonizante a evocar a misericórdia divina por meio das orações.

¹⁹⁴ Então disse o Senhor: Não contenderá o meu Espírito para sempre com o homem; porque ele também é carne; porém os seus dias serão cento e vinte anos. Gênesis 6:3. Disponível em <https://www.bibliaonline.com.br> . Acesso em 28 de Março de 2018.

¹⁹⁵ Castro, Estevão. Op. Cit. p. 1.

¹⁹⁶ Idem. pp. 19-20-21. Sublinhado é nosso.

A imaginação religiosa dos clérigos do declínio da Idade Média deu uma representação visual precisa para a boa e a péssima morte, divulgando-a por meio do gênero devoto denominado *ars moriendi* reavivado na mentalidade religiosa da Época Moderna sob o título de exercícios espirituais inacianos, visando-se com isso, promover a aceitação da morte.¹⁹⁷

Mais que promover a aceitação da morte, tanto a iconografia quanto os textos relacionados a *ars moriendi* revelam o quanto era crucial pensar no último instante da vida. Preparar-se para a morte significava, entre outras coisas, pensar nesse último instante. Não somente pensar, mas construí-lo de forma ideal, mesmo que na representação apareça a boa e péssima morte. O fundamental é a mensagem que essa representação comporta: a de que o indivíduo não está só.

O manual denominado *Escola de Bem Morrer* do padre Antonio Maria Bonucci são exercícios voltados para dois tipos de pessoas: os enfermos — portanto, como o manual de Estevão de Castro, existe uma preocupação com o último instante — e para qualquer pessoa que, mesmo não estando enferma, é recomendado que se fizesse constantemente os exercícios, que neste segundo caso são denominados exercícios remotos.

Dessa maneira, padre Bonucci começa com a recomendação sobre a importância de se viver bem aparelhado para morrer a qualquer momento e enfatiza que não há de se deixar a preocupação do preparar-se para a morte na última hora e ainda adverte que o juízo depois da morte irá analisar o profundo da alma do indivíduo e disso não há como escapar.¹⁹⁸

Partindo dessa premissa, a primeira parte do manual é dedicada aos exercícios remotos que nos conduzem para uma boa morte em nosso último instante. Estes exercícios são três, de acordo com Bonucci, “como são três os místicos dias de caminho espiritual que havemos de empreender nesta vida para chegarmos com felicidade aquela última hora, solitária hora da morte, em que todas as criaturas nos deixam e nela fazemos um inteiro sacrifício do nosso espírito a Cristo crucificado”.¹⁹⁹

Como é possível notar, o padre Bonucci logo no início do manual, expressa também sua grande preocupação com o último instante. A única e fundamental diferença entre ele e padre Estevão de Castro é em relação à instrumentalização

¹⁹⁷ Arantes, Adalgisa. Contribuição ao estudo da iconografia da morte na cultura artística-luso-brasileira. In: RODRIGUES, Claudia e LOPES, Fábio (orgs) Os sentidos da Morte e do Morrer na Ibero América. Rio de Janeiro, EduERJ, 2014. p. 24

¹⁹⁸ Bonucci, Antonio Maria. Op. Cit. p. 16

¹⁹⁹ Ibidem, p. 22.

espiritual e aos procedimentos para o enfrentamento do último instante. O primeiro reforça a importância dos exercícios remotos para a salvação da alma e lança essa responsabilidade para a pessoa, enquanto que o segundo, como já abordado anteriormente, coloca o foco de elaboração na preparação do sacerdote que irá acompanhar o último instante.

Já o padre José Aires, que na data de sua publicação dirigia os exercícios no Colégio Jesuítico da Bahia, escreve no manual *Breve Direção para o Santo Exercício da Boa Morte* uma importante descrição sobre o funcionamento dos exercícios e a participação dos irmãos da confraria de Nossa Senhora da Boa Morte, ao mesmo tempo em que o redige em português procurando observar que a função do manual era atingir o maior número de pessoas possível.

Em 1682 se instituiu o santo exercício a cada domingo na Igreja deste Colégio da Bahia (Igreja dos Jesuítas) e este trabalho foi continuo, assim, também observa que o mesmo exercício se praticava em outros lugares da América, não cita quais, mas com certeza onde a Companhia de Jesus atuava.²⁰⁰

Por isso, faz questão de indicar e relacionar que, no caso da Bahia, desde 1682 a procura pelos exercícios só aumentou em função do aumento pela procura da misericórdia divina. Consequentemente, nesse processo, os vínculos com a Irmandade também cresciam e este relato é um balanço dos doze anos em que atuou como diretor do santo exercício. Quanto ao manual, indica que havia um manual intitulado como *Escola de Bem Morrer* desde 1700. No entanto, seu intuito foi completar a obra e resolveu compor esta direção como uma forma de registro de sua prática à frente dos exercícios. Segundo o autor, seu objetivo, como já citamos anteriormente, era levar todo mundo ao céu.

Assim, existem duas grandes preocupações dos manuais: a salvação da alma e como atingi-la e a ideia de que um homem nunca deve morrer só. Os três manuais procuram dar ênfase ao último instante, tentando apreender a angústia ou o que consideram como angústia deste momento. Por isso, focam no juízo individual, na luta deste momento e no papel importantíssimo da presença coletiva neste instante.

Todo o imaginário da *ars moriendi* é voltada para os últimos instantes, por isso poderíamos considerá-lo como a representação da preocupação de uma época. No entanto, ainda hoje o último instante pula como uma grande preocupação. Uma mãe

²⁰⁰ Aires, José. Op. Cit. p.

que entrevistamos, que perdeu o filho, disse-nos em meio a uma comoção sem fim: “eu queria estar com ele naquele último momento”. O que será que ele sentiu?

Sentiu-se só!

A solidão do último instante é uma grande questão existencial. Não seria diferente, em torno dela os manuais produzirem ao mesmo tempo em que reproduzem um ideário que denota esta crucial preocupação demasiada humana.

3.2.2 Morremos porque somos pecadores

Apesar do medo e da angústia que a ideia do último instante pode causar, os manuais procuram estabelecer e esclarecer os motivos pelos quais morremos. Padre Estevão de Castro lembra o leitor do pecado original. Nascemos pecadores, pois rompemos a aliança com Deus. No entanto, vivemos uma vida material de pecados, que se colocam diante de nós cotidianamente e, por isso, é preciso o tempo todo nos exercitar para não pecar. Dessa forma, indica que é preciso nesta reflexão sobre o pecado conhecer-lhe as grandezas. Nem todos pecamos igualmente e nem todos os pecados são iguais. Faz parte do conhecimento, no caso do sacerdote, entender as dimensões do pecado.

Quando se peca contra uma lei, veja se a pena que se lhe impõe e o dano que segue do tal pecado feito contra a dita lei e conforme a isto será o pecado grave ou leve e no duvidoso consulte o confessor homens doutos e de boa consciência. Pena grave será a morte, galés, açoites e muita quantia em dinheiro. Leve pena será de quinhentos reis e se o dano que dali nasce ao próximo, é grave, será culpa grave não para si, senão pelo dano que se fez quando não há dano nem justiça o pecado é leve, não há necessidade de retribuição.²⁰¹

Aqui há uma ideia de distribuição de justiça e ainda em relação aos pecados adverte que o um grande pecado é a soberba, caso o indivíduo não sujeite-se às penas que qualquer pecado impõe, e acrescenta que não pode ser considerado pecado a pessoa desejar a própria morte desde que este desejo seja o de estar diante da Graça de Deus.

A grande preocupação de padre Estevão de Castro é que o moribundo seja bem orientado para que a remissão dos pecados seja efetivamente realizada durante o período em que o sacerdote estiver lhe assistindo. Assim, o medo é que a má

²⁰¹ Castro, Estevão. Op.Cit. p. 166.

assistência sacerdotal leve o confessor a avaliar mal os pecados ou mesmo não conduzir corretamente o sincero exame de consciência. Assim, todas as informações possíveis são colocadas no manual em relação à graduação dos pecados e o peso que os mesmos desempenham na condenação ou não da alma do moribundo.

Por isso, é tão importante ao sacerdote conhecer bem os seis graus da doença para que possa acompanhar o moribundo de tal forma que todos os procedimentos necessários de entendimento sobre como confessar e que o que deve ser perdoado não coloque em risco a alma da pessoa. Sempre rememorando de que como se trata de momentos de agonia e enfermidade, deve-se levar em conta o estado de consciência do moribundo.

Direção para o sacerdote: tentar não absolver mal; diferenciar o pecado mortal do venial; verificar as circunstâncias em que aconteceram os pecados e se houve casos de excomunhão; saber avaliar os pecados ordinários de cada estado ou ofício; saber duvidar, ter a *Bula da CEA*²⁰² seguir o que ela manda em casos de confissão e excomunhão; saber as partes essenciais do sacramento da confissão: a parte penitente, exame de consciência; confissão legítima; propósito de verdadeira emenda.

Além desses requisitos o confessor deve saber a diferença entre excomunhão maior ou menor e os pecados mortais mais comuns, pois coloca para o sacerdote que peca quem faz, mas também peca quem aprova e acrescenta, reforçando a fundamental importância de saber as distinções dos pecados mortal e venial e suas motivações para poder administrar a cura da alma.

Padre Bonucci relaciona os pecados à morte por meio de outra abordagem. O indivíduo deve reconhecer-se nos pecados e este reconhecimento está na meditação da mensagem dos novíssimos, nada mais contemporâneo aos manuais que os novíssimos que juntamente com os textos com certeza produziam um ambiente de reflexão sobre a vida e a morte.

Alberto Tenente (1951 e 1989) em excelente estudo sobre a iconografia em questão observou que tais composições apresentam elementos básicos: o moribundo em seu leito; o combate entre os intercessores celestes e demônios, que disputam a sorte daquela alma; a assistência de religiosos, da família e dos amigos. A representação dos símbolos macabros (esqueleto, crânio, tíbias cruzadas, ampulheta) não aparece. A morte é vivenciada num plano essencialmente subjetivado: na consciência do cristão. Não se combate

²⁰² Bula da CEA editada pelo Papa Clemente VIII.

entre duas facções externas. Ele mesmo contemplando a vida que teve a sua disposição para com Deus, vislumbra então os destino de sua alma.²⁰³

Ao mesmo tempo rememora o pecado original dizendo que, da mesma maneira que Deus plantou no paraíso terrestre, entre as mais deliciosas árvores, a que se chamava árvore da vida, para os que seus frutos comidos de quando em quando conservassem perpetuamente as forças de sorte que nunca se morresse, a ruptura dessa aliança levou o homem à morte. É fundamental que o homem se reconheça nesta ruptura, assim como o rei David:

Tomai também da Lei Antiga por ideia de penitencia o Santo David, o qual confessava ter sempre viva diante dos olhos a memória de seu pecado e com ele sempre presente a dor que sua vida concebia: *Peccatum meum contra me est semper: Et dolor meus in conspectu meo semper*. E da nova Lei da Graça seja espelho da vossa compunção aquela venturosa penitente Santa Maria Madalena, da qual se conta no Evangelho que começou a chorar: *Lacrymis coepti rigare*, mas não se diz quando acabou ou interrompeu as lágrimas, continuando-as ainda quando muitas vezes...²⁰⁴

Sob a perspectiva de padre Bonucci, o reconhecer-se no pecado tem modelos bíblicos que podem ser seguidos. David e Maria Madalena formam dois grandes pecadores que, ao reconhecerem-se como tal, obtiveram a misericórdia de Deus. Mas, para alcançarem essa misericórdia, reconheceram seus pecados e, mais do que isso, são personagens que se reconheceram como seres humanos diante de seus pecados.

Existe aqui a formulação de que, por meio dos exercícios, o indivíduo constrói a sua alma. Do *Breve Aparelho para a Escola de Bem Morrer* há uma sutil transição dos exercícios como instrumento de salvação coordenado pelo sacerdote para os exercícios como um instrumento de salvação individual. Assim, os exercícios são a garantia de que a alma encontrará a misericórdia de Deus por meio de um diálogo com os textos sagrados, os pensadores da Igreja e as personagens de Santos presentes na Bíblia.

O bem morrer também é o momento da conversão. Por isso, para fundamentar ainda mais a ideia de construção da alma, padre Bonucci cita o processo de conversão de Santo Inácio de Loyola e o arrependimento do apóstolo Pedro após negar a Cristo três vezes. Assim, os exercícios são um diálogo que o indivíduo trava com Deus em

²⁰³ Arantes, Adalgisa. Contribuição ao estudo da iconografia da morte na cultura artística luso-brasileira. In: Rodrigues, Claudia e Lopes, Fábio. Op. Cit. pp. 179

²⁰⁴ Bonucci, Antonio Maria. Op. Cit. p. 40.

meio ao reconhecer-se como um pecador ciente de que os seus pecados podem levá-lo à segunda morte. Por isso, também, padre Bonucci insiste na meditação dos novíssimos.

Repare-se que diz não nos lembremos somente do primeiro novíssimo, que é a morte, mas que nos lembremos de todos: novíssima porque o pensamento da morte então será proveitoso quando ele se acompanha a lembrança do juízo, que se segue depois da morte e atrás dos juízos a consideração daquela sentença formidável que se dará eterna pena, ou eterno prêmio.²⁰⁵

Padre Bonucci inclui ainda na finalização deste argumento em relação à importância da meditação dos novíssimos: “por isso não se diz absolutamente novíssimo, mas novíssimo teu”.²⁰⁶ Não podemos considerá-los como abstratos, pois cada um de nós irá morrer e há de ser julgado e cada um de nós receberá uma sentença ou será condenado para o inferno se morrer em pecado ou será acolhido no paraíso se morrer na Graça de Deus, finalizando com uma frase de efeito. Aliás, os manuais são exemplares de frases de efeito: “os mortais não tem coisa mais certa que a sua morte e mais incerta que a sua hora” (palavras de São Bernardo a um jovem romano).²⁰⁷

Padre José Aires projeta os pecados no corpo de Cristo e propõe ao cristão que medite sobre as chagas de Cristo, pois representam o sofrimento sacrificial de Deus na figura de Jesus Cristo para a remissão dos pecados humanos. Sendo assim, o exercício pede para que o fiel, em primeiro lugar, reconheça e exalte as dores das chagas de Cristo e, diante delas, se peça perdão dos pecados, ressaltando as chagas e as feridas que levaram Cristo à morte e o seu percurso até a morte foi a nossa possibilidade de salvação. Após essa meditação, padre Aires pede para rezar cinco Pai Nossos e uma Ave Maria em voz alta.

José Aires é o único que descreve os exercícios que aconteciam todos os domingos no Colégio Jesuítico. Os exercícios duravam uma hora e começavam com a exposição do Santíssimo e, após orações e preleção do padre responsável, havia a meditação sobre a morte por meio da reflexão dos sacrifícios e dores de Jesus. Ao final, o padre traduziu esta oração.

²⁰⁵ Ibidem, p. 82

²⁰⁶ Ibidem

²⁰⁷ Ibidem, p. 83

Deus que pela redenção do mundo quiseste nascer, ser circuncidado, reprovado pelos judeus entregue ao ósculo de Judas traidor, atado com prisões, levado como cordeiro inocente ao Sacrifício, ser presenteado indecentemente na presença de Aninás, Caifás, Pilatos e Heródes: ser acusado com falsas testemunhas, ser ferido com açoites e bofetadas, ser vexado com opróbrios, coroado de espinhos, ser ferido com a canna, ser vedado no rosto, despojado dos vestidos, ser pregado e levantado na cruz, colocado entre os ladrões, mortificado com fel e vinagre e ferido com uma lança, vós senhor, por essas falissimas penas, que eu indigno venero e por vossa santíssima cruz e morte livrai-me das penas do inferno e dignai-vos levar-me para onde levardes o bom ladrão crucificado juntamente convosco que com o Padre e o Espírito Santo vives e reinas por todos os séculos dos séculos. Amém.²⁰⁸

3.2.3 Na busca pela vida eterna: são as ações que mobilizam a Misericórdia de Deus

Diante do pecado que leva a segunda morte, é preciso buscar os caminhos para a vida eterna, o perdão de Deus. Para os três manuais, a misericórdia de Deus é mobilizada por meio de um diálogo estruturado na confissão, contrição e oração. Portanto, a misericórdia de Deus é mobilizada pela conduta do indivíduo e o exame de consciência é um procedimento de discernimento apresentado diante de Deus.

Padre Estevão de Castro começa a abordar a misericórdia de Deus elencando que a sabedoria divina revela o perfil daquele que está pronto a socorrer, porém o socorro de Deus é a medida de sua justiça. Sendo assim, pedir o socorro de Deus é, para o padre Estevão, também sujeitar-se a sua justiça e contar com o seu perdão e cita ainda o Salmo 144:

Bendito seja o SENHOR, minha rocha, que ensina as minhas mãos para a peleja e os meus dedos para a guerra;
 Benignidade minha e fortaleza minha; alto retiro meu e meu libertador és tu; escudo meu, em quem eu confio, e que me sujeita o meu povo.
 Senhor, que é o homem, para que o conheças, e o filho do homem, para que o estimes?
 O homem é semelhante à vaidade; os seus dias são como a sombra que passa.
 Abaixa, ó Senhor, os teus céus, e desce; toca os montes, e fumegarão.
 Vibra os teus raios e dissipá-os; envia as tuas flechas, e desbarata-os.
 Estende as tuas mãos desde o alto; livra-me, e arrebata-me das muitas águas e das mãos dos filhos estranhos,
 Cuja boca fala vaidade, e a sua mão direita é a destra de falsidade.
 A ti, ó Deus, cantarei um cântico novo; com o saltério e instrumento de dez cordas te cantarei louvores;
 A ti, que dás a salvação aos reis, e que livras a Davi, teu servo, da espada maligna.

²⁰⁸ Aires, José. Op. Cit. pp. 44-45.

Livra-me, e tira-me das mãos dos filhos estranhos, cuja boca fala vaidade, e a sua mão direita é a destra de iniquidade,
 Para que nossos filhos sejam como plantas crescidas na sua mocidade; para que as nossas filhas sejam como pedras de esquina lavradas à moda de palácio;
 Para que as nossas despensas se enchem de todo provimento; para que os nossos rebanhos produzam a milhares e a dezenas de milhares nas nossas ruas.
 Para que os nossos bois sejam fortes para o trabalho; para que não haja nem assaltos, nem saídas, nem gritos nas nossas ruas.
 Bem-aventurado o povo ao qual assim acontece; bem-aventurado é o povo cujo Deus é o Senhor.²⁰⁹

Sendo assim, na vida e na morte a fortaleza de Deus está presente na existência humana. Portanto, é possível sempre contar com a sua misericórdia. Porém, se o Salmo 144 fala sobre a confiança que deve ser depositada em Deus, padre Estevão de Castro, na sequência, demonstra a misericórdia comprovada pela piedade expressa nas ações de Jesus Cristo. Mais uma vez, a figura de Maria Madalena (Lucas: 7) é evocada, como também a do ladrão na cruz (Lucas: 23) e, novamente, a do apóstolo Pedro (Lucas: 23)

Logo após, padre Estevão de Castro expõe ao sacerdote a importância da confirmação ao moribundo da misericórdia de Deus, pois estas irão rebater as últimas tentações do inimigo acusador e prescreve, em forma de diálogo com o demônio, dizendo que se deve relembrar a Paixão de Cristo e também que o indivíduo irá confessar e que, na confissão, Deus perdoa as culpas e alivia as penas. Ainda na sequência, recebe-se a Santa Eucaristia — fortaleza de todos nós.

Da mesma maneira é necessário demonstrar conforto àquele que morre. Portanto, diante da inevitabilidade da morte, além de mobilizar a misericórdia de Deus, é necessário argumentar com o enfermo que ele está deixando as coisas terrenas para conquistar as coisas eternas e que confie nas obras de Cristo dispondo-se para bem morrer e, aparelhado para isto, alcançará do Senhor Grandes bens.²¹⁰

Padre Bonucci enuncia a importância dos exercícios remotos como um caminho da salvação, lembrando que ele acredita que não é possível deixar tamanho empreendimento para os últimos instantes da vida. Sendo assim, quanto aos exercícios remotos, classifica-os da seguinte maneira: o primeiro exercício é o da pureza da consciência na vida purgativa, o segundo da pureza de intenção na vida

²⁰⁹ Castro, Estevão. Op. Cit.p. 45.

²¹⁰ Ibidem, p. 51.

iluminativa e o terceiro da conformidade da vontade humana com a divina na vida unitiva.

Acrescenta que o primeiro exercício aparta-nos dos pecados, o segundo tem por objetivo nos aproximar de Deus, cultivando o interior de nossa alma, e o terceiro é aquele que nos coloca em intimidade com Deus. Esses exercícios são para alma, tendo em vista que após a nossa morte o que nos resta é alma e uma alma fiel, obediente e intimamente unida a Deus iria sobreviver à morte. Para fundamentar este argumento, cita o profeta Isaías e o apóstolo Paulo.

E dirás naquele dia: Graças te dou, ó SENHOR, porque, ainda que te iraste contra mim, a tua ira se retirou, e tu me consolas.

Eis que Deus é a minha salvação; nele confiarei, e não temerei, porque o SENHOR DEUS é a minha força e o meu cântico, e se tornou a minha salvação.

E vós com alegria tirareis águas das fontes da salvação.

E direis naquele dia: Dai graças ao Senhor, invocai o seu nome, fazei notório os seus feitos entre os povos, contai quão exelso é o seu nome.

Cantai ao Senhor, porque fez coisas grandiosas; saiba-se isto em toda a terra.

Exulta e jubila, ó habitante de Sião, porque grande é o Santo de Israel no meio de ti.²¹¹

Mas o que se ajunta com o Senhor é um mesmo espírito.²¹²

Existe nessa formulação também a ideia de que, por meio dos exercícios, o indivíduo constrói a sua alma. Portanto, no texto aparece a produção de um ideal de alma que merece estar na presença da misericórdia de Deus. A imagem do Deus misericordioso é recorrente nos manuais. Por isso, é importante demonstrar como esses autores, em primeiro lugar, fundamentam a imagem do Deus misericordioso e como os manuais demonstram os critérios para se chegar ou conquistar a misericórdia de Deus.

Os exercícios garantem que a alma que encontrará a misericórdia de Deus, enquanto que os textos sagrados e os pensadores da Igreja garantem aos indivíduos a existência da misericórdia divina.

Hora para que entremos a prática desses exercícios como uma resolução digna de um peito verdadeiramente cristão, aconselhem-nos com a nossa morte seguindo os prudentíssimos ditames do Santo Angélico Doutor Santo Tomás e de Santo Ignácio fundador da Companhia de Jesus.²¹³

²¹¹ Isaías 59:12. Disponível em <https://www.bibliaonline.com.br/> .Acesso em 12 de Abril de 2018.

²¹² 1Coríntios 6: 7 . Disponível em <https://www.bibliaonline.com.br/> .Acesso em 12 de Abril de 2018.

²¹³ Ibidem, p. 23.

Sob o mesmo ponto de vista, ainda pergunta ao fiel: ultimamente que homem não quer a morte dos justos? E cita Números 23:10 e Eclesiastes 3:1-22 para exemplificar o que é a morte dos justos. A morte dos justos, segundo o Espírito Santo, é viver conforme a vontade divina e estar sempre à disposição dessa vontade, tendo convicção de que o tempo de Deus conduz todas as coisas.

Quem contará o pó de Jacó e o número da quarta parte de Israel? Que a minha alma morra da morte dos justos, e seja o meu fim como o seu.²¹⁴
Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu.

Há tempo de nascer, e tempo de morrer; tempo de plantar, e tempo de arrancar o que se plantou;

Tempo de matar, e tempo de curar; tempo de derrubar, e tempo de edificar;

Tempo de chorar, e tempo de rir; tempo de prantear, e tempo de dançar;

Tempo de espalhar pedras, e tempo de ajuntar pedras; tempo de abraçar, e tempo de afastar-se de abraçar;

Tempo de buscar, e tempo de perder; tempo de guardar, e tempo de lançar fora;

Tempo de rasgar, e tempo de coser; tempo de estar calado, e tempo de falar;

Tempo de amar, e tempo de odiar; tempo de guerra, e tempo de paz.

Que proveito tem o trabalhador naquilo em que trabalha?

Tenho visto o trabalho que Deus deu aos filhos dos homens, para com ele os exercitar.

Tudo fez formoso em seu tempo; também pôs o mundo no coração do homem, sem que este possa descobrir a obra que Deus fez desde o princípio até ao fim.

Já tenho entendido que não há coisa melhor para eles do que alegrar-se e fazer bem na sua vida;

E também que todo o homem coma e beba, e goze do bem de todo o seu trabalho; isto é um dom de Deus.

Eu sei que tudo quanto Deus faz durará eternamente; nada se lhe deve acrescentar, e nada se lhe deve tirar; e isto faz Deus para que haja temor diante dele.

O que é, já foi; e o que há de ser, também já foi; e Deus pede conta do que passou.

Vi mais debaixo do sol que no lugar do juízo havia impiedade, e no lugar da justiça havia iniquidade.

Eu disse no meu coração: Deus julgará o justo e o ímpio; porque há um tempo para todo o propósito e para toda a obra.

Disse eu no meu coração, quanto a condição dos filhos dos homens, que Deus os provaria, para que assim pudessem ver que são em si mesmos como os animais.

Porque o que sucede aos filhos dos homens, isso mesmo também sucede aos animais, e lhes sucede a mesma coisa; como morre um, assim morre o outro; e todos têm o mesmo fôlego, e a vantagem dos homens sobre os animais não é nenhuma, porque todos são vaidade.

Todos vão para um lugar; todos foram feitos do pó, e todos voltarão ao pó.

Quem sabe que o fôlego do homem vai para cima, e que o fôlego dos animais vai para baixo da terra?

²¹⁴ Disponível em : <https://www.bibliaonline.com.br>. Acesso em 14 de Maio de 2018.

Assim que tenho visto que não há coisa melhor do que alegrar-se o homem nas suas obras, porque essa é a sua porção; pois quem o fará voltar para ver o que será depois dele?²¹⁵

Em torno da busca pela morte dos justos, padre Bonucci continua sua argumentação reforçando a importância dos exercícios nesta busca. Assim, responde aos que argumentam que os exercícios — arrependimento das culpas; desprezo pelo temporal; estima do eterno; pobreza de espírito, amor aos inimigos e afetuosa dependência de Deus — são atitudes de santos e não de pessoas entregues a vida secular. No entanto, padre Bonucci diz que não. Essas atitudes cabem a ambos na medida em que creem no mesmo evangelho.

O caminho da salvação para ele continua sendo o reconhecimento do sofrimento de Cristo e seu sacrifício na cruz e, por isso, narra detalhadamente como os exercícios na prática focavam nas Chagas de Cristo. Em cada uma delas, uma pausa para meditação, seguida de 5 Pai Nossa e Cinco Ave Maria, acrescidas da oração de São Francisco Xavier oferecidas às cinco Chagas de Cristo.

Como já apontamos anteriormente, padre José Aires transcreve todo o exercício em português. Dessa forma, coloca as questões fundamentais do exercício. A primeira oração que diz o sacerdote em nome de todos: louva a Deus, Purifica seu coração; Ilumina meu entendimento e ascende meu afeto.

A oração do sofrimento da Virgem traz em si a ideia de empatia: tenho como cristão que me compadecer com a sua dor, que é o sofrimento da mãe, que aparece como a razão para venerar a morte do meu senhor e para que o leitor coloque no meu coração as chagas de Cristo.

A partir da ideia de alteridade, Padre José retoma o discurso do perdão em torno dos exercícios e sua eficácia. Somente no momento em que o leitor, ou, no caso, o fiel, conseguir se colocar no lugar de Cristo e imaginar seu sofrimento é que poderá alcançar o entendimento do sacrifício. Também reforça o argumento com a imagem da Virgem Maria trespassada pela espada do sofrimento de seu filho.²¹⁶

²¹⁵ Ibidem.

²¹⁶ Aires, José. Op. Cit. 60.

3.2.4 O Exame de Consciência: no roteiro da busca pela salvação, ter discernimento é fundamental.

Padre Estevão de Castro prescreve ao sacerdote um roteiro para aplicar ao enfermo o sacramento da confissão particular. A primeira pergunta a ser feita é se o moribundo está disposto a se confessar, lembrando a ele que está poderia ser a sua última confissão, e também adverte ao sacerdote que sua função é ajudar alguém a bem morrer fazendo-lhe questões que o direcione (por isso no título do manual a palavra direção) a elaborar um bom exame de consciência.²¹⁷

Assim, apresenta um modelo de exame de consciência. No caso de seu manual, esse exame é feito no contexto do último instante. Dessa maneira, é preciso rememorar com o enfermo o tempo de sua última confissão e pedir para que, para cada pecado, lembre-se de também dizer quantas vezes o cometeu e, se não o cometeu diretamente, se por acaso ajudou alguém a cometê-lo. Salienta ao sacerdote que não induza o enfermo — que está em agonia — a contar histórias pedindo a ele que fale somente o necessário e que não jogue a culpa no outro. Mas, acima de qualquer coisa, o fiel deve ocupar-se com os atos de amor a Deus.

A segunda parte da confissão é a contrição dos pecados. Não é necessário que tenhamos dor por cada pecado em si. Basta que, posto todos em mente diante dos olhos e que nos arrependamos e peçamos perdão a Deus. Logo em seguida, padre Estevão de Castro elenca de todos os mandamentos e, a partir deles, como se formula o pecado, ou seja, ele arrola todas as formas possíveis de alguém romper com o primeiro mandamento e assim sucessivamente. Esse procedimento evidencia a condução para que o leitor, por meio desta, consiga ter um modelo para o seu exame de consciência.²¹⁸

Após o exame de consciência, são necessários os atos de contrição e atrição, em que, de acordo com o padre Estevão de Castro, a contrição é a dor e o reconhecimento dos pecados como ofensas a Deus a quem humildemente se deve amar.

Portanto, após o doente ter praticado o ato da confissão, a segunda coisa que deveria fazer que pudesse morrer a qualquer momento era o seu testamento, por isso

²¹⁷ Catro, Estevão. Op. Cit. p 55

²¹⁸ Ibidem. p. 84.

recomenda padre Estevão ao sacerdote: sem esperar que insinuações de rodeios ou palavras equívocas, avisem do estado ou perigo em que está ele ao se aparelhar para dispor de sua casa, pagar o que deve fazer o testamento e restituir o mal.

É muito importante observar que a questão dos testamentos está presente nos três manuais. Inclusive, os três apresentam modelos de como elaborar corretamente os testamentos. Porém, aparecem como um item em meio a todo o aparato espiritual que compõe o ideário do bem morrer.

Assim, prescreve padre Estevão ao sacerdote que deva procurar saber do moribundo se fez o seu testamento e, tendo feito, passará por este capítulo. Caso não tenha feito, avisa-o que o faça com quem lhe pareceu, como este modelo que indica, ou seja, que o moribundo examine de forma equitativa como irá dispor seus bens tanto aos serviços espirituais quanto às instituições temporais, que o confessor ajude o moribundo nesse momento de reflexão sobre a disposição de seus bens, porém, essa disposição jamais deve ser por indução do confessor.²¹⁹

O exame de consciência também ocupa parte substancial do manual de padre Bonucci. Obviamente, a contrição é o caminho para a salvação e o seu exercício garante a promessa de Deus e dá exemplos por meio do modelo da confissão

A confissão para ser boa substancialmente consiste na dor já dita e no firme propósito de não pecar mais. Se pois, quiserdes que o demônio tenha medo da vossa confissão, fazei o muito antes que dela tenhas o propósito tão eficaz de emenda que vos estimule a dizer: Quero por amor de meu Deus emendar-me, quero. E vede que não basta que digais: quisera emendar-me; haveis de dizer: quero, quero resolutamente emendar-me. Pedir a Deus que emendar-se seja tão profundo que o impeça de pecar novamente e cair nas armadilhas do demônio.²²⁰

Padre Bonucci traça um perfil humano sujeito a tentações e, a partir desta ideia de sujeição, elabora um estudo do que denominaríamos contemporaneamente de a psiquê que se expressa no elenco de comportamentos que o padre, em seu argumento, aproxima um do outro como se fossem complementares: culpa, virtude, arrependimento, amor e modelos de conduta ligada ao eterno a Deus, com o grande objetivo de salvação da alma.

É preciso força de vontade, insiste padre Bonucci. A vontade humana e a vontade Divina devem-se complementar e a base dessa relação de mutualidade é o

²¹⁹ Ibidem. p. 190.

²²⁰ Bonucci, Antonio Maria. Op. Cit. p. 44

amor de Deus, que suscita no fiel a obediência que irá ajudá-lo a dominar seus sentidos, principalmente os olhos que são as janelas da alma e com eles e por meio deles é que primeiramente pecamos.

Por isso, o exame de consciência é fundamental antes da confissão. Padre Bonucci sugere que se ponha nele a diligência e aplicação de que os homens prudentes costumam pôr nos negócios mais graves. Assim, divide o exame de consciência em cinco partes: primeira, dar Graças a Deus; segunda, pedir iluminação para vencer as trevas; terceira, pedir discernimento para lembrar-se de todas as faltas; quarta, depois de rememorá-las, coragem para matar todos os pecados; quinta, propor com toda a confiança na ajuda divina para romper com todas as possibilidades de pecar novamente.

3.3 Uma linhagem inaciana: os manuais como exercícios de bem morrer e sua atualidade.

Acreditamos ter demonstrado que cada um dos Manuais da Boa Morte tem uma característica peculiar referente ao período específico em que foi escrito — entre os séculos XVII e XVIII — e, de acordo com a avaliação das necessidades de seu autor. Mesmo assim, fica evidente um objetivo primordial: reforçar a fé na Santa Eucaristia, na Santa Cruz e na Virgem Maria, sem os quais ninguém iria alcançar uma boa morte. A morte assim configura o centro deste projeto de evangelização de conversão que obedece a determinados preceitos que são construídos em torno deste trinômio da fé.

Os preceitos ou as prescrições escritas e descritas por esses manuais são reveladores de um projeto de religiosidade que se desenvolve no Brasil em torno da *Boa Morte* ou do *Bem Morrer*. Assim, pelas temáticas elencadas que ressaltam dos manuais, pudemos acompanhar as dinâmicas da elaboração do conceito de *Bem Morrer* no Brasil, como um exercício que requer disciplina na tarefa de dedicar-se a pensar na morte; o pensar na morte conduz a uma profunda reflexão sobre a vida; essa reflexão é construída por meio da simbologia religiosa que se estrutura em torno dos sacramentos — confissão e comunhão.

A confissão, no processo desse exercício espiritual, é, por excelência, um exercício de autoconsciência a partir do padrão de moral e de comportamento dentro dos preceitos do cristianismo ou do que denominamos moral judaico-cristã, no caso

dos 10 mandamentos e dos pecados capitais que roteirizam esse processo de autorreflexão, tão cara à confissão.

Além disso, o culto a um trinômio Santa Eucaristia, Cruz e Imagem da Virgem Dolorosa é o centro da estrutura cristã e do projeto de evangelização da Companhia de Jesus. Os manuais, em termos gerais, expressam os novíssimos, mas não abordam textualmente imagens do céu ou do inferno e nem mesmo do purgatório. Eles se restringem a nomeá-los como o destino humano pós mortem.

Acreditamos, acima de tudo, que os manuais respondem a questões cruciais suscitadas pela morte, como a preocupação com o último instante. Talvez, a mais angustiante de todas as questões existenciais seja a de que ninguém deve morrer sozinho. Para bem morrer é necessário ajuda, estar na companhia de alguém que possa conduzir as reflexões suscitadas pelos últimos momentos da vida e que possam levar o indivíduo preparado ao encontro de seu juízo.

Outra questão fundamental respondida pelos manuais, não é bem uma questão, mas uma premissa. A morte não se opõe à vida. Na verdade, a morte não é o fim, pois a alma é imortal e, sendo assim, se o indivíduo teve uma existência de acordo com as normas de Deus, lhe é garantida a eternidade de alma.

A afirmação invariante de que a morte não se opõe à vida, mas ao nascimento, encontrada em todas as sociedades e todas as culturas, constitui sempre um elemento chave do que denominamos religiões. Trata-se da expressão consciente, da formulação pelo pensamento da consciência e por meio da consciência da negação da morte como um fim definitivo da vida.²²¹

Dessa forma, está subjacente nos manuais que a morte é um processo de transição desta para outra vida e cabe ao indivíduo escolher como irá querer viver na eternidade. Dessa escolha também resulta a forma como será a sua morte; se a opção for por uma boa morte, os manuais se lhe apresentam como os caminhos para atingi-la.

O ideário do bem morrer é uma confluência de uma série de situações das quais esses documentos didáticos são parte significativamente importante. A sua estrutura dialogal coloca o indivíduo diretamente em contato com Deus que, por sua vez, comunica-se com o indivíduo por meio dos textos sagrados retirados tanto do Antigo quanto do Novo Testamento. É possível ao leitor praticante dos exercícios de

²²¹ Godelier, Maurice. Op. Cit. p. 40

bem morrer receber mensagens e advertências divinas por meio dos textos citados pelos padres. Esses textos, como indicamos, trazem algumas temáticas caras ao bem morrer, tais como a reflexão sobre a condição do ser humano como pecador, as manifestações da misericórdia e da graça de Deus.

Indubitavelmente, os manuais de bem morrer podem ser compreendidos como mais que instrumentos de coerção social que tiveram por objetivo final instrumentalizar o medo da morte e manejá-lo como forma de controle da mentalidade da sociedade brasileira da colônia até meados do Império. Os manuais podem também ser interpretados como documentos que sistematizam questões profundas da existência humana e as respondem por meio da simbologia religiosa a qual se vinculam. Comungamos com Maurice Godelier que as respostas dadas pelas religiões diante da morte são várias. O que, na verdade, são invariantes são as perguntas.

Dessa forma, para concluir, é importante frisar que os manuais aqui apresentados estão inseridos numa linhagem inaciana que busca, no exercício da autoconsciência, um vínculo com Deus. Os manuais, como já apontamos anteriormente, não respondem às questões suscitadas pela morte por meio das impressões destes padres. As respostas estão fundamentadas na experiência produzida pela leitura e reflexão do texto sagrado.

Em sua tese de doutorado, *Teologia e Literatura como Teopatodiceia: Em busca de um pensamento teológico poético*, Alexis Villas Boas Oliveira Mariano²²² procura discutir o sentido da vida ou patodiceia a partir da logoteoria de Viktor Emmil Frankl.²²³ A perspectiva do autor é abrir caminho para uma contribuição da Teologia na discussão levantado por Frankl em relação às questões sobre a busca humana pelo sentido da existência. Dessa forma, Alexis Villas Boas Oliveira Mariano acredita que é possível discutir com Frankl em função da possibilidade da construção da teopatodiceia. Para tanto, fundamenta seus argumentos no pensamento do teólogo alemão Karl Rahner (1904-1984), que, por sua vez, através da análise da lógica de conhecimento existencial extraída da teologia dos Exercícios Espirituais de Santo

²²² Mariano, Alexis Villas Boas Oliveira. *Teologia e Literatura como Teopatodiceia: Em busca de um pensamento teológico poético*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Teologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 2013.

²²³ Viktor Emmil Frankl (1905-1997) é referenciado no segundo capítulo desta tese, este autor é importante âncora para inúmeros trabalhos em Ciência da Religião, principalmente em trabalhos que discutem a morte e seus sentidos na área de psicologia da religião.

Inácio de Loyola, procura evidenciar a existência cristã presente em sua antropologia teológica.

Para Karl Rahner Santo Inácio é um radical existencialista cristão e o protótipo de uma época em mudança vendo nos Exercícios Espirituais ‘uma lógica de conhecimento existencial’, portanto, a partir da experiência da oração como movimento divino no humano que expressa sua busca de sentido, mediante o qual esse conhecimento mistagógico provém como resposta “Deus e a sua graça unicamente”. Isto se faz com que a mística inaciana seja propícia no século XX, especialmente pela situação individual, porém não individualista, como ponto de partida dos exercícios em busca de sentido da vida.²²⁴

De acordo com o autor, Karl Rahner procura demonstrar que o fato dos Exercícios Espirituais pertencerem ao conjunto da literatura mística do século XX, exige uma razão para apreender de que forma a mistagogia Inácio-rahneriana pode ser considerada a chave existencial, como gnose, como processo de conhecimento que denomina de logopático “por sua capacidade de mover afetos (phatos) rumo ao que dê sentido à vida humana (logos) se concretizando em um projeto de vida (práxis) como (re)invenção da própria existência (poésis)”.²²⁵

Acreditamos que podemos considerar os Manuais de Bem Morrer que analisamos sob esta perspectiva, na medida em que elaboram respostas existenciais quando propõem o autoconhecimento por meio do exame de consciência e da confissão que colocam perguntas básicas como “quem sou eu?” e “como dirigi minha vida até aqui?”

Trabalham afetos no manejo de símbolos sagrados suscitando emoções de comoção como o sofrimento de Cristo na cruz ou a imagem da Virgem Maria traspassada com a espada no coração diante da morte do filho. Essa comoção leva o indivíduo a pensar a razão de sua existência diante de um Deus que se sacrificou pela salvação de uma humanidade pecadora e, ao final, propõe uma reinvenção da vida, diante da morte, por meio da prática dos exercícios de *bem morrer*.

Por justamente tratarem de questões invariantes em relação à morte somada a uma reflexão sobre a existência humana, acreditamos na longevidade do ideário de bem morrer. Uma prática que existe além da secularização da sociedade brasileira

²²⁴ Mariano, Alexis Villas Boas de Oliveira. Op. Cit. p. 179.

²²⁵ Ibidem. pp. 179-180.

após a proclamação da república subsistindo aos processos de modernização econômica em muitas localidades brasileiras.

No entanto, a questão mais significativa em relação ao ideário *do bem morrer* deve-se ao fato de que a medicina em nossa contemporaneidade esteja em busca deste ideário como processo de enfrentamento da morte e não somente pelo lado dos pacientes, mas envolvendo toda a equipe de profissionais que em seu cotidiano lidam com a morte, como demonstramos no segundo capítulo desta tese.

Assim, retomamos a provocação citada anteriormente no site Rede Humaniza SUS²²⁶, que chama a urgência para construção de espaços para o aprendizado que são exíguos devido à ausência de um projeto socializador diante da morte ao mesmo tempo que apela para necessidade urgente de um projeto que reinvente a imagem da morte pelo registro absolutamente negativo como as representações de caveiras, corpos em decomposição, mundo atormentado por zumbis.

Nesse processo de reumanização da morte, os conteúdos religiosos assumem papel central, nada mais “ideal” do que a ideia de uma *Boa Morte*, esse ideal pode não garantir que morrermos bem, mas sua prática disseminada ao longo de séculos nos ritos que as Irmandades Religiosas no Brasil produziram e legaram como aprendizado da morte ainda possui o significado de *bem morrer* para os vivos, mesmo em lugares onde essa prática gradativamente se esvai como veremos no próximo capítulo.

²²⁶ Disponível em: www.redehumanizasus.net. Acesso em 01 de setembro de 2016

4 O INNECLESIAMENTO DA MORTE

4.1 A morte como acontecimento: as sutilezas da *Boa Morte*.

Há mais de 70 anos, a Pinhal Rádio Clube²²⁷ transmite notas de falecimento. As narrativas destas notas são sempre acompanhadas ao fundo pelo som do badalar dos sinos da Igreja Matriz do Divino Espírito Santo e Nossa Senhora das Dores numa clara referência ao tempo em que os sinos da Igreja repicavam para avisar o falecimento de alguém. O tom do narrador é sempre grave e solene ao comunicar o falecimento da pessoa. A nota sempre traz a identificação do falecido e de sua família, quem são seus parentes mais próximos (pai, mãe e/ou cônjuges). Em seguida, é anunciado o local e o horário do sepultamento e fica, assim, comunicado o convite público para o sepultamento.

As notas de falecimento são parte integrante do cotidiano da cidade de Espírito Santo do Pinhal (SP) e, além da transmissão pela rádio local, são afixados, nos frontispícios de padarias e casas lotéricas que ficam ao redor da praça central e, consequentemente, da Igreja Matriz, pequenos folhetos que reproduzem as mesmas informações da nota de falecimento transmitida pela rádio. A consulta pública às notas de falecimento é uma cena corriqueira, pois os transeuntes normalmente param para lê-las e sempre há um grupo em torno dessas notas comentando algo a respeito do falecimento (acontecimento) ou mesmo se indagando os motivos ou as causas que levaram aquela pessoa à morte.

O que pensar a respeito da cena descrita, que mobiliza uma comunidade em torno da morte no adentrar do século XXI? Por que essa comunidade faz questão de publicizar o falecimento de uma pessoa e não somente deixá-lo público, mas produzir algum tipo de conversa em torno da morte? Teria esta comunidade uma satisfação mórbida? Ou essa forma de compartilhar o fim da existência de um de seus membros talvez tenha uma trajetória mais intrigante do que podemos supor?

A princípio, ao depositar o olhar sobre essas cenas, conseguimos afirmar que, para essas pessoas, a morte é um acontecimento. No entanto, que tipo de acontecimento e qual significado ou quais significados podemos extrair deste acontecimento? A partir destes significados, como podemos trazer outra dimensão

²²⁷ Pinhal Rádio Clube AM 1520.

para os estudos sobre a morte no Brasil? Esse acontecimento não é um acontecimento midiático²²⁸. Apesar de ser transmitido pela rádio local, é um acontecimento que faz parte do cotidiano social, que mobiliza a comunidade em torno de expressões religiosas por ser a morte do próximo.

Por isso, este capítulo trata da morte como acontecimento, como um acontecimento religioso, informado, experimentado e vivenciado a partir e por meio de elaborações religiosas, numa religiosidade que possui uma história, que se constituiu em tradição e que representa a cosmovisão da sociedade brasileira a respeito da morte.

O filósofo Michel Foucault, no livro *O que é iluminismo?*, ao discutir com Emanuel Kant sobre a noção de acontecimento e transformação no interior da história da humanidade, afirma que não é suficiente que se siga a trama teleológica que a ideia de progresso torna possível. Nesse caminho, é fundamental encontrar e isolar no interior da história, um acontecimento que tenha valor de signo e, neste sentido, aponta a revolução como signo.

Signo de quê? Signo da existência de uma causa, de uma causa permanente, que ao longo de toda a história guiaram os homens pela via do progresso. Causa constante da qual se deve mostrar que agiu todas as vezes, que atua no presente e que atuará posteriormente. O acontecimento, em consequência, que nos permite decidir se há progresso (e mesmo assim isso é duvidoso), será um signo “rememortium”, “demonstratirium” e “pronosticum”. É preciso que este seja um signo que mostra que isto tem sido sempre como é (é o signo rememorativo), um signo que mostre que as coisas se passam assim também (é o demonstrativo) que enfim mostre que as coisas permanecerão assim (signo prognóstico).²²⁹

Licenças a parte a dois grandes filósofos, acreditamos que morte tenha maior valor de signo de transformação e, ao mesmo tempo, de permanência do que quaisquer outros acontecimentos na vida humana e, por isso, partirmos desta ideia da morte como um acontecimento sempre atual que constrange a um eterno diálogo da humanidade com a essência de sua existência, que é a busca por um ou por inúmeros sentidos da vida. Esse diálogo com a morte que se desenrola através do tempo é,

²²⁸ A morte se torna um acontecimento em nossa contemporaneidade quando é revestida por uma catástrofe e, normalmente, quando esta catástrofe provoca mortes em massa, como terremotos, quedas de aviões de passageiros, furacões etc. Ou então, quando alguma personagem de destaque midiático falece, mas também existe a exploração midiática da morte cotidiana suscitada pela violência. No entanto, todas essas mortes passam pelos meios de comunicação de massa, provocam comoções e rapidamente são esquecidas.

²²⁹ Foucault, Michel. *O que é o Iluminismo?* in: Carlos Henrique Escobar (org.). Dossiê. Rio de Janeiro: Taurus, 1984.

com toda certeza, o mais produtivo diálogo que o ser humano pode travar individual e coletivamente. Portanto, a morte tem o valor de signo para a humanidade.

Esse valor de signo de transformação comporta alguns significados importantes, como a ideia de que as pessoas devem morrer bem. Esse morrer bem é um conceito e uma prática religiosa que se constrói num *habitat*, num território material e espiritual que ancora a vida. É um processo que chamamos de *innclesiamento*. Não criamos essa conceituação, mas sim a tomamos de empréstimo do historiador Michel Lauwers²³⁰, que estuda o *innclesiamento* nas sociedades setentrionais europeias em torno do trinômio: Lugar de Culto, Zona Funerária e Habitat.

Falar do nascimento dos cemitérios no Ocidente medieval remete, portanto, a se interrogar sobre a Igreja. Aqui também o vocabulário se mostra um excelente guia. Na língua latina da Idade Média, a palavra *Eclésia* designava a sociedade espiritual constituída pelo conjunto dos cristãos, mas significava igualmente o edifício eclesial e ainda — mais raramente, é verdade — a instituição e a hierarquia eclesiástica. Tal polissemia se encontrava, de certo modo, legitimada pelas Sagradas Escrituras, como atesta a palavrada de Cristo que regista o evangelista Mateus: “Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja”. (Mateus 16, 18). *Et ego dico tibi quia tu es Petrus, et super hac petram aedificabo Ecclesiam meam*: a Igreja aqui nomeada se remete, com certeza, à comunidade de crentes, mas também à ideia de uma hierarquia (fundada sobre a função privilegiada de Pedro) e à imagem de uma construção material (a exemplo do Templo de Jerusalém, construído sobre a rocha).²³¹

O conceito de *innclesiamento* nasceu de uma análise histórica muito específica entre a Antiguidade tardia e a Alta Idade Média. No entanto, a ideia de que há uma construção social em torno da Eclésia é um fato tanto na Europa quanto nos países colonizados pelo Catolicismo Europeu e não custa ao pesquisador refletir sobre esse processo da vida em torno desse marco e ampliá-lo em torno da vida espiritual que construiu na formação dos municípios brasileiros. Concordamos com Lauwers que o *innclesiamento* ultrapassa polissemicamente a vida institucional e, por isso, acreditamos que, no caso do Brasil, comporte também o ideário de *Bem Morrer* e que essa conjunção caracteriza o ethos religioso brasileiro.

Esse processo está atavicamente ligado à capacidade da Igreja Católica de perpassar a vida social brasileira e não reside no fato de acomodar-se ao *ethos* da sociedade em que se inseria, mas na sua capacidade de produzir esse *ethos* como

²³⁰ Lauwers, Michel. Op.Cit.

²³¹ Lauwers, Michel. Op. Cit. p. 21

tom, caráter e qualidade de vida²³² por meio e em torno do processo de *innclesiamento*.

4.2 *Innclesiamento: entre a Eclésia e o Cemitério*

O historiador francês analisa um modo específico de ocupação territorial que denomina de *innclesiamento*, ou seja, um processo de territorialização coordenado pela Igreja Católica em torno do trinômio: *lugar de culto, zona funerária e o habitat*. Mantendo as devidas distâncias entre os locais estudados por Lauwers e a sociedade brasileira, é possível demonstrar que, no Brasil do século XIX, ocorreu um processo que também podemos denominar de *innclesiamento*, tendo em vista que a formação dos povoados se construía em torno de uma Igreja, na verdade em torno da *Eclésia*, e a legitimidade, a existência desse povoado como tal só se concretizaria após o aval de pároco.

Edificação de lugares de culto protegidos, sacralização de zonas funerárias que lhes eram adjacentes, atração e fixação de populações em volta desses locais sagrados: mais do que um *incastellamento* há tempos descritos pelos mediavalistas — reordenamento do espaço e dos vínculos sociais em torno do castelo —, foi um lento processo de *innclesiamento* que parece ter caracterizado a ocupação do solo ao longo da Idade Média. O tropismo exercido pelas Igrejas e pela terra cemiterial repousava sobre a imagem da Ecleisa feita de todos os fiéis, vivos e defuntos, e identificada ao corpo social.²³³

Consideramos que o processo de construção da vida social em torno da *Eclésia* no decorrer da formação dos municípios brasileiros durante o Império é um fator importantíssimo a ser considerado por uma pesquisa que pretende compreender os significados sociais que a *boa morte* representa, pois partimos da hipótese de que a vida social construída em torno das Igrejas se refere também à formação de uma sociedade espiritual, no caso uma sociedade construída a partir de uma comunidade de cristãos católicos.

Sem dúvida alguma, são as representações que esta comunidade elabora em torno da vida e da morte que produzem suas memórias, histórias e pertencimentos a partir das relações que criam em torno de suas crenças religiosas, tornando “verdadeiras” coisas que sua visão de mundo descreve:

²³² Geertz, Clifford. Op. Cit. p. 93

²³³ Ibidem, p. 339.

Essa demonstração de uma relação significativa entre os valores que o povo conserva e a ordem geral da existência dentro da qual ele se encontra é o modelo essencial de todas as religiões, como quer que esses valores ou essa ordem sejam concebidos.²³⁴

Portanto, torna-se necessário abraserileirar o processo de *innclesiamento* e ampliá-lo para além das vicissitudes da instituição Igreja, colocando-o como referência de morte e de vida presente no cotidiano de uma sociedade num duplo processo de espiritualização e espacialização dos vínculos sociais que, no caso da chamada cristandade ocidental, é formulado num determinado contexto histórico, como demonstra o trabalho de Lauwers, e que, no caso do Brasil, também é formulado num contexto histórico deve ser pensado por meio de suas especificidades.

Portanto, foi tarde, na época em que as populações se agrupavam de modo sistemático, ao redor das igrejas e dos cemitérios, que os clérigos forjaram definições e imagens suscetíveis de conciliar as duas dimensões da Eclésia: a ideia de uma vasta comunidade espiritual, englobando o conjunto da sociedade, e a existência de um domínio de edifícios e terras funerárias que polarizavam a organização social.²³⁵

Em nossa concepção, o conceito de *innclesiamento* pode ser manejado para ajudar a compreender os processos pelos quais a Igreja Católica, gradativa e cotidianamente, tornou-se referência na produção **de modelos de e para a vida**, sintetizando uma cosmovisão da vida e da morte no Brasil. No entanto, esse processo no Brasil se deu de forma similar aos das narrativas de Lauwers em relação ao caso da Europa Ocidental, pois, aqui no Brasil a Igreja Católica foi também uma instituição que, durante o século XIX, teve importância estratégica para a legitimidade do poder de Estado, atuando como seu braço burocrático e político, ao mesmo tempo em que cumpria o complexo papel referência espiritual acomodando a vida social.

Procuramos, nesta tese, ampliar o conceito de *innclesiamento*, considerando como subjacentes a esse processo as repostas elaboradas e formuladas historicamente diante do enfrentamento da morte como uma expressão do processo. Sendo assim, as memórias religiosas elaboradas sobre a morte, os ritos mortuários praticados em torno da morte que ainda são replicados, mesmo que as pessoas já não tenham mais noção exata de seus significados, a preocupação com o *Bem Morrer*

²³⁴ Geertz, Clifford. Op. Cit. p. 94

²³⁵ Idem, p. 23.

para os que morrem e para os que permanecem, em nossa compreensão, são resultados de um processo de *innclesiamento*.

Essa ampliação pode também ser apreendida na medida em que, no caso do Brasil, podemos encontrá-lo desde a produção documental — os manuais da Boa Morte e sua divulgação no Brasil —, fomentando uma rede de comunicação e práticas para o enfrentamento da morte até na formação de territórios, pois os povoamentos só eram legitimamente aceitos, no século XIX, quando havia a doação de terras para um santo de devoção e se o pároco do povoamento mais próximo referendasse a doação. Assim, a *Eclésia* e, juntamente com ela, a zona funerária estavam no cerne da legitimidade da vida do povoado.

Por isso, entendemos o papel da Igreja Católica no Brasil, principalmente no que concerne a produção de um elenco de respostas sobre a morte em torno do ideário do *Bem Morrer*, e aqui dialogamos com o antropólogo americano Clifford Geertz, a partir de duas ideias desenvolvida por ele no livro *A interpretação das culturas*. A primeira delas é sua compreensão de ethos como uma forma de agir e ver o mundo, portanto, uma cosmovisão; a segunda diz respeito ao papel que as religiões desempenham na vida social, criando modelos de e para o enfrentamento do mundo. No caso desta tese, trabalhamos com a hipótese de que a prática religiosa informada pelo ideário do *Bem Morrer* produziu modelos **de e para** o enfrentamento da morte.

Para tanto, é preciso demonstrar de que forma historicamente estes modelos **de e para** se constituíram a partir da produção de núcleos territoriais, literal e simbolicamente, que denominamos de processo de *innclesiamento*. Esse processo possibilitou a existência de uma sociedade que convive com a morte em seu cotidiano desde o momento do processo de povoamento brasileiro que se constituiu em torno de Igrejas, não somente como templo físico, mas da *Eclésia* como instituição que coordenou a organização da vida social.

Não por acaso, o episódio da cemiterada tratado por João José Reis em *A morte é uma festa* desenvolveu-se em torno do campo santo e de seu controle. Além disso, o autor demonstra a morte religiosa configurando o espaço público pelos cortejos e cerimônias fúnebres, como também Maria Lúcia Montes²³⁶ trabalha as

²³⁶ Montes, Maria Lúcia. Op. Cit. pp. 56-60.

festas religiosas configurando a ocupação do espaço público, o que nos leva a afirmar que, no Brasil, não existe nada mais religiosamente público que a morte.

Essa cosmovisão produzida pelo *innecklesiamento* se expressa na vida cotidiana, na memória e na história da população de Espírito Santo do Pinhal (SP), que não traz nenhuma excepcionalidade em seus relatos. Ao contrário, é a regularidade dos relatos sobre a morte, seus ritos e sentidos que faz com possamos aproximá-los de outros relatos sobre os ritos e sentidos atribuídos à morte em torno do ideário do *Bem Morrer*. Assim, podemos comprovar nossa hipótese de que, no cotidiano do século XX, apesar de todo o projeto de modernidade e secularização da sociedade, o *Bem Morrer* é uma lição que não foi esquecida.

4.2.1 *Innecklesiando* a vida: a formação do espaço espiritual e territorial.

A cidade de Espírito Santo do Pinhal desenvolveu-se em torno dos marcos católicos, pois é possível afirmar que, a partir deste *inecclesiamento*, construiu-se todo processo de desenvolvimento histórico do município, produzindo a identidade e o sentimento de pertencimento da população do município, uma identidade cristã católica que ainda necessita ser acompanhada em todo o seu processo de conformação a partir da complexidade da formação social desta localidade.

Uma cidade de origem plural, que surgiu em meados do século XIX, cuja população foi formada por múltiplos processos de deslocamento humano. A princípio, chegaram no fluxo das bandeiras. Essas pessoas eram, em sua maioria, de Bragança Paulista e Mogi das Cruzes. Logo em seguida, migrantes mineiros e seus escravos começaram a deslocar-se da região mineradora (em função de seu declínio econômico) para o Sul de Minas Gerais; em seguida, veio um grande contingente de imigrantes italianos. Esses últimos por volta de 1890²³⁷. Cada um desses grupos contribuiu com suas de visões e concepções de mundo no processo de elaboração do ethos religioso, que é o fio condutor do sentimento de pertencimento social da comunidade.

²³⁷ O fluxo de imigração italiana para SP. Colocar uma referência Bibliográfica. Apontar aqui que temos como referências também os memorialistas do município em especial Roberto Vasconcelos Martins que em 1986 publicou o livro Divino Espírito Santo e Nossa Senhora das Dores do Pinhal, que, além de ser um projeto pessoal de memória da cidade, traz a compilação de todos os documentos que são citados neste capítulo em relação à formação do município.

Obviamente, esses grupos e suas memórias não são evidentes no processo de formação do município, em função de representarem o microcosmo da organização social brasileira. A memória dos escravos, que, às vésperas da abolição da escravidão, eram 1055, praticamente desaparece do panorama da formação social do município, enquanto que os italianos, que chegaram em sua maioria oriundos do norte da Itália, transformaram o perfil da cidade e, gradativamente, esta, como outras do interior de São Paulo e também do Sul de Minas Gerais, transformou-se numa cidade italiana, portanto, europeia.

Quanto à elite agrária, esta se constitui a partir da expansão cafeeira²³⁸. composta fundamentalmente por agricultores naturais da Província de Minas Gerais, que chegaram à região como investidores na cafeicultura, no entanto, esse grupo e seus descendentes se auto proclamam-se como portugueses. Sem dúvida, uma boa parte são descendentes de portugueses, mas na memória histórica registrada por todos os memorialistas locais a composição da população é assim descrita: portugueses, italianos, espanhóis, sírio libaneses e africanos e esta ordem não é inocente, obviamente compreende uma hierarquia dos grupos que formaram a população do município.²³⁹

4.2.2 Em Pinhal: o *innclesiamento* do Espírito Santo.

A ocupação dessas terras, portanto, começou por volta do final do século XVIII e, provavelmente, a partir do processo de expansão bandeirante descrito anteriormente. No entanto, o povoado reconhecido como tal somente ocorreu em 1849 e está vinculado a Romualdo de Souza Brito que, vindo de Mogi das Cruzes, estabeleceu-se no local como posseiro, dedicando-se, primeiramente, à agricultura de subsistência e, depois, à cafeicultura comercial.

Em meados do século XIX, a questão da posse e propriedade de terras era um problema grave. Em função das terras devolutas, os conflitos eram constantes. Sendo assim, sua ocupação era feita por posseiros — migrantes, como era o caso de

²³⁸ Aqui nos referimos à expansão comercial do café, que em Espírito Santo do Pinhal começou a partir de 1870. CF Almanach da Província de São Paulo para o ano de 1873.

²³⁹ Salles, José Campos Neto. *Do fumo ao café: Major Felix da Motta Paes e seus descendentes*. São José do Rio Pardo (SP). Edição do Autor. 2017.

Romualdo de Souza Brito — que, itinerantes, buscavam melhores condições de vida para si e suas famílias.

No entanto, a região do rio Mogi-Guassú e Eleutério era dominada por mata exuberante e caracterizada por uma topografia muito acidentada, o que dificultava e muito a entrada de povoadores. Foi somente no final do século XVIII e início do século XIX que gente vinda de Mogi-Guassú e Ouro Fino começaram a se apossar destas terras. A entrada simultânea de paulistas por um lado e mineiros por outra, na região do Eleutério, gerou uma série de conflitos, tanto entre os posseiros como também entre as autoridades de Mogi Mirim e Ouro Fino.²⁴⁰

Em Espírito Santo do Pinhal, o conflito que deu origem ao município foi longo e envolveu inúmeras forças políticas. Tudo começou quando, por volta de 1820, Floriano Pires Cardoso adquiriu a Fazenda do Pinhal, situada na freguesia de Mogi Guaçu, de Antonio Carlos Azevedo que, por sua vez, havia conseguido a fazenda por meio de posse.

Assim, durante a primeira metade do século XIX, a Fazenda do Pinhal foi assunto de demanda judicial, entre os herdeiros dos Pires Cardoso, dos Azevedo e, posteriormente, de outros condôminos que ali se estabeleceram, entre eles Romualdo de Souza Brito e sua família. Quando o litígio entre as famílias Pires Cardoso e Azevedo, em função dos limites de demarcação do território, tornou-se um caso de difícil solução, Romualdo de Souza Brito tomou a decisão de doar — no dia 27 de dezembro de 1849 — 40 alqueires da área do conflito para a formação do patrimônio do Divino Espírito Santo.

No entanto, as questões relativas à posse de terras e formação de povoados no Brasil do século XIX não eram tão simples assim, e doar terras à Igreja é um ato que, além da devoção a determinado santo ou ao Divino Espírito Santo, como é o caso analisado, envolvia outras contendas. Existia uma questão pragmática no ato da doação de terras para o patrimônio da Igreja Católica no século XIX, pois cabia à Igreja, por meio de seus representes, homologar o aceite da doação e desse ato dependia o início ou não da legitimidade da existência do povoamento.

Somente após os párocos locais emitirem seus pareceres, o mesmo poderia ser reconhecido pelo Estado. Assim, cabia ao pároco do povoamento mais próximo,

²⁴⁰ Martins, Roberto Vasconcelos.. *Divino Espírito Santo e Nossa Senhora das Dores do Pinhal*. Ribeirão Preto: Edição do Autor, 1986. p. 52.

no caso o vigário de São João da Boa Vista²⁴¹, aceitar ou não a doação. O aceite significava curar a capela erigida em louvor ao Divino Espírito Santo. Isso aconteceu somente em 1856, quando o Bispo de São Paulo declarou curada a capela do Divino Espírito Santo do Pinhal, fornecendo as divisas do povoamento.

É interessante notar que, neste processo que se desenrola durante sete anos, não há nenhuma interferência de poderes civis e foram as provisões eclesiásticas que informaram e fundamentaram a legislação civil. Sendo assim, no dia 13 de fevereiro de 1850, alguns meses após a doação de terras feita ao patrimônio do Divino Espírito Santo em cartório na cidade de Mogi Mirim²⁴², o Bispo de São Paulo emitiu uma provisão para ereção da Capela do Divino Espírito Santo e Nossa Senhora das Dores. No ano seguinte, foi celebrada a primeira missa de Natal, também com autorização episcopal. No entanto, a autorização para curar a capela foi uma questão que se estendeu por alguns anos.

Já no ano de 1853, o povoado recebeu a provisão para ereção e fundação do primeiro cemitério ao lado da Capela do Divino Espírito Santo e Nossa Senhora das Dores. Essa previsão também foi dada pelo bispo de São Paulo. No entanto, a autorização para curar a capela foi uma questão mais complicada, pois esta dependia diretamente do padre do município mais próximo, que era São João da Boa Vista, como citamos anteriormente. Por questões de limites territoriais, o padre José Mariano da Silva Macaé fez uma enorme oposição para curar a capela de Pinhal, a ponto de recusar-se a fornecer as informações determinadas pelo bispo de São Paulo.

Assim, a consagração de uma igreja, provida com o estabelecimento de um cemitério delimitado e protegido sob pena de sanções espirituais, manifestava o casamento de Cristo de sua “santa Igreja.” Essa união mística se concretizava pela edificação de “casas” sobre toda a face da terra, sendo

²⁴¹ São João da Boa Vista é um município próximo a Espírito Santo do Pinhal que oficializou a sua existência como povoada um pouco antes de Pinhal. Na verdade, a doação de terras ao patrimônio de São João foi feita por Antonio Machado, às vésperas do dia de São João. Assim, na década de 1838, a Capela foi Curada e reconhecida pelo padre João José Vieira Ramalho e, em 1838, o povoado foi reconhecido pela Igreja. Mas a ocupação de seu território é praticamente simultânea a de Espírito Santo do Pinhal, por volta de 1820. Por isso, o pároco de São João da Boa Vista, que era o mais próximo de Espírito Santo do Pinhal, a princípio, nega-se a emitir um parecer favorável ao pleito de Romualdo de Souza Brito, pois os interesses territoriais conflitavam.

²⁴² Mogi Mirim e Mogi Guaçu são cidades próximas, que se tornaram freguesias e vilas antes de Espírito Santo do Pinhal e São João da Boa Vista e elas a esses dois jovens povoados respondiam. No entanto, nesse processo de ocupação territorial, o que podemos observar é uma gestão bipartida entre as autoridades civis e eclesiásticas, em que os párocos são paroquiais e não pertencem a nenhuma ordem religiosa.

o nome das Igrejas dado a essas casas materiais que remetiam à assembleia de fiéis.²⁴³

Essa resistência provocou uma reação dos moradores do pequeno povoado, que começou uma série de apelações ao bispo de São Paulo pedindo e solicitando ao Bispo para que a Capela fosse Curada. Foi somente no ano de 1855 que o novo Vigário do Município de São João da Boa Vista, o Padre Joaquim Feliciano de Amorim Sigar, deu o seu parecer favorável à pretensão da população de Pinhal a reconhecer a capela do divino Espírito Santo e Nossa Senhora das Dores. Nesse mesmo ano, também o Vigário de Mogi Mirim, cidade sobre a qual o povoado estava sob jurisdição, o Padre José Maria Cardoso de Vasconcelos, atestou também que a capela do Divino Espírito Santo e Nossa Senhora das Dores do Pinhal tinha plenas condições para celebração do Santo Sacrifício da missa.

Existe uma série de documentos gerados ao longo desta questão da legitimação da capela e do povoado que nos fez indagar se não poderíamos denominá-lo de *innclesiamento*, não somente pelo fato do povoado se constituir em torno de uma Igreja, mas pela ação da própria Igreja que se constituía agente da legitimação.

O documento final sobre esta questão acabou sendo elaborado pelo mesmo vigário de São João da Boa Vista, que se recusou a reconhecer a capela, mudando de ideia em 1856, quando assumiu a paróquia de Mogi Guaçu. Além dele, o seu substituto na Vila de São João da Boa Vista, o padre José Valeriano de Souza, também manifesta o seu apoio fornecendo informações sobre as divisas entre São João da Boa Vista e a capela de Espírito Santo do Pinhal.

Mas ainda a questão não estava totalmente resolvida, pois havia em trâmite, na cúria de São Paulo, uma solicitação do Procurador da Capela do Espírito Santo do Pinhal, o senhor Carlos Amauri da Luz, pedindo pressa no sentido das providências para tornar a capela curada. A provisão definitiva veio do Bispo de São Paulo, no dia 2 de abril de 1856, quando Espírito Santo do Pinhal foi declarada curada e também foram fornecidas as suas divisas territoriais. Em março de 1860, a capela foi elevada a freguesia pela lei nº 3 do Governo provincial de São Paulo.

²⁴³ Lauwes, Michel. Op. Cit. p. 25.

Dessa forma, os padres representam agentes de legitimação. Além da leitura do processo e da forma como as narrativas são encaminhadas, é possível compreender que, para aquelas pessoas, a demarcação do território material era tão importante quanto à do território espiritual. Portanto, alinhando nossa análise com a de Michel Lauwers, articula-se a igreja ao habitat no momento em que se enraízam os corpos dos defuntos fiéis a igreja, tornando-se um paradigma em torno do qual a vida irá se desenrolar material e espiritualmente.

A formação de Espírito Santo do Pinhal não é um episódio isolado no contexto da formação dos municípios paulistas a partir de meados do século XIX. Nilson Ghirardello²⁴⁴, em seu *livro À beira da linha: formações urbanas do noroeste paulista*, aponta que dezenas de municípios paulistas foram fundados em torno de doações de terras a patrimônios religiosos. O autor também indica que, no final do século XIX, gradativamente, em função do processo de secularização, essas denominações foram abandonadas.

Contam-se às dezenas as cidades fundadas na província de São Paulo entre 1850 e 1889, sendo que em sua esmagadora maioria, patrimônios religiosos. Atestam os nomes dessas futuras cidades sempre precedidos por qualificações sacras, vindas dos padroeiros e padroeiras, gradativamente abandonadas em favor da denominação final, quase sempre ligada a fatores geográficos, frequentemente a cursos d' água.²⁴⁵

Porém, a questão que colocamos em relação a essa prática caminha em sentido totalmente diverso, pelo fato de que essas cidades não abandonaram suas qualificações sacras e, mesmo aquelas que o fizeram, não abandonaram a vida que se construiu em torno desse processo que estamos denominando de *innclesiamento*. Precisamos, assim, avaliar a profundidade e a extensão que a vida em torno da Eclésia legou à sociedade brasileira.

Portanto, em torno dessa Eclésia, por volta de 1860, uma nova leva de migrantes chegou à região, oriundos do sul de Minas Gerais. Estes começaram a desenvolver a cafeicultura comercial. Os mineiros formaram a elite econômica que controlou a política local de 1870 e até o final da Primeira República. São eles que se autoproclamaram de portugueses, tornaram-se importantes cafeicultores e também

²⁴⁴ Ghirardello, Nilson. *À beira da linha: formações urbanas da Noroeste Paulista* [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2002. 235 p. ISBN 85-7139-392-3. Available from SciELO Book.

²⁴⁵ Idem, p. 128.

mantiveram uma postura, apesar de liberais, estritamente ligada ao processo de *innclesiamento*.

Com esses cafeicultores, chegaram um número considerável de escravos trazidos de Minas para trabalhar na lavoura de café. Não sabemos precisar ao certo esse número por falta de documentos, mas existe o registro de um censo encomendado por um fazendeiro local em 1886²⁴⁶ que registrava a presença de mil escravos no município, um número bastante alto num contexto às portas da abolição.

Ainda em relação à formação social do município, no final do século XIX, temos a entrada de um grande contingente de imigrantes italianos — expulsos de seu país em função da Unificação Italiana em 1861 — trazidos como opção de substituição para a mão de obra escrava. Porém, essa “opção” é oriunda de um projeto político que envolveu o país numa longa discussão política sobre modelos de governo, regime de trabalho e modelos de sociedade que se almejavam após o final da escravidão. Esse debate, que se acirrou em meados do século XIX, obviamente, assentava-se em princípios liberais focados no trabalho livre, no modelo de progresso pautado no branqueamento da raça e na idealização do trabalhador livre europeu como redentor e promotor do “novo” Brasil.

Assim a opção foi clara. O branco, europeu, apto ao trabalho livre e católico, que correspondia ao modelo do projeto liberal de branqueamento da raça quando a escravidão, do ponto de vista político-econômico, chegou ao seu limite, foi estudado pela historiadora Célia Maria Marinho de Azevedo em seu livro *Onda Negra Medo Branco: o negro no imaginário das elites no século XIX*²⁴⁷.

Numa palavra, a raça inferior negra, embora escravizada teria determinado a má evolução ou a não evolução dos brasileiros brancos. E assim despidos da

²⁴⁶ Censo encomendado pelo Comendador João Elisário de Carvalho Montenegro, português vindo de Lousã, que adquiriu a fazenda de Nova Lousã, em 1867, e tornou-se, até o final do século XIX, um dos maiores produtores de café de Espírito Santo do Pinhal. O Comendador Montenegro, como era conhecido, também foi um precursor de experiências de trabalho livre no Brasil. Por volta de 1869, trouxe de Lousã, em Portugal, 29 colonos para trabalhar em sua fazenda. Montenegro foi um abolicionista ferrenho, tanto ele quanto o seu irmão Daniel de Carvalho Montenegro, o vigário Montenegro. O censo encomendado por Montenegro além de ter por objetivo levantar informações relevantes para investimentos na cidade, desejava obter o número exato de escravos, pois os números são precisos e levantam quantidade de mulheres, homens, crianças (lembmando que a Lei do Ventre Livre já havia sido aprovada) inclusive filhos de escravas que haviam sido renunciados pelos seus senhores. O censo encomendado pelo Comendador Montenegro é um importante documento referente à escravidão no município, porém como toda a documentação histórica no Brasil, os documentos estão dispersos e sem o cuidado necessário para que se transformem em fonte permanente de pesquisa.

²⁴⁷ Azevedo, Célia Maria Marinho. *Onda Negra Medo Branco: o negro no imaginário da elite do século XIX*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.

imagem de vítima, que estava então sendo construída pelos abolicionistas, o negro passa a incorporar a de opressor de toda uma sociedade. Finalizando Pereira Barreto propunha políticas para assegurar condições favoráveis à imigração europeia tais como a separação da Igreja do Estado, a grande naturalização, o casamento civil, a secularização dos cemitérios, a elegibilidade de não católicos. Sem isso e mais o controle severo sobre os negros não se conseguiria garantir a simpatia da Europa e atrair uma grande corrente migratória e, consequentemente, seria absolutamente impossível resolver a questão do trabalho.²⁴⁸ (Azevedo, 1987, pp. 69-70).

É neste cenário que se consolida a formação do município de Espírito Santo do Pinhal. Os imigrantes italianos, que vieram atender as novas demandas da mão de obra do país, chegaram a Espírito Santo do Pinhal e formaram o Bairro de Santa Luiza, que atualmente abriga um Santuário em louvor à santa. Uma parte desses imigrantes formou a classe média urbana, enquanto outra parte se constituiu em pequenos produtores de café geograficamente localizados no Bairro Rural de Santa Luzia.

No espaço físico da cidade de Pinhal grupos étnicos diversos — entre eles: italianos, espanhóis, negros e seus respectivos descendentes —, buscaram estabelecer-se. Para tanto, construíram identidades, criaram laços e alianças e delimitaram espaços sociais. Entretanto, entre a convivência e sua aceitação como iguais no espaço urbano, muita distância ainda deveria ser percorrida e, muitas pontes teriam de ser transpostas.

A convivência aparentemente igual não condizia com a realidade de exclusão imposta à maioria desses grupos e de seus descendentes em Pinhal. O período Pós-Abolição vai ser marcado pela forma conflituosa como se deu a introdução desses grupos nos espaços físicos, sociais e políticos na cidade.²⁴⁹

Sem dúvida alguma, a estruturação e formação da sociedade pinhalense não foi isenta de conflitos sociais, políticos e econômicos, desde a doação de terras vinculadas ao início do povoamento que esteve envolto às disputas entre os povoadores e suas contendas com a Igreja, depois com o desenvolvimento da cafeicultura e com a chegada de um contingente expressivo de escravos (apesar dos raros registros, sabe-se que não há escravidão sem coerção física e moral) e, posteriormente com chegada de imigrantes italianos após a abolição da escravidão. Os conflitos passaram também, portanto, pelo controle da história e da memória local.

Os imigrantes italianos esmagadoramente católicos chegaram para cumprir inúmeras funções e, entre elas, a de consolidar as bases de uma sociedade branca,

²⁴⁸ Idem, pp. 69-70

²⁴⁹ Tamaso, Renata M. *Homens de cor, pretos e coloreds. A construção de espaços de sociabilidade dos afro-brasileiros e suas representações em Espírito Santo do Pinhal/SP (1890-1930)*. Assis (SP), 2005. Tese (Doutorado).UNESP.

europeia e católica, controlada pela elite econômica cafeicultora e liberal que considerava, desde a metade do século XIX, que o Brasil só entraria na modernidade pela via de sua europeização. Dessa forma, como já abordamos anteriormente, a questão não era romper com a religião, mas readequar o seu papel no interior deste projeto político.

Assim, podemos afirmar que temos uma segunda fase do processo de *inneckesiamento* a partir da produção da memória histórica que se constrói em Espírito Santo do Pinhal, como uma memória religiosa que permeia o imaginário coletivo da população de Espírito Santo do Pinhal: o ato de fé de Romualdo de Souza Brito e sua esposa, que, por devoção ao Espírito Santo, doaram as terras para apaziguar os conflitos resultados da demanda em torno das terras, narrativa que ganhou expressão como veremos a partir do início da Primeira República.

Escrevemos um artigo sobre essa memória católica *Preservar e Permanecer: o ethos religioso e a memória histórica católica de Espírito Santo do Pinhal (SP)*²⁵⁰. Este artigo propõe abordar a produção da memória da origem católica do município de Espírito Santo do Pinhal (SP), como um modelo de análise sobre as condições sociais que possibilitaram a construção da memória da Igreja Católica no Brasil.

As narrativas da memória histórica oficial do município ressaltam a história vinculada ao catolicismo, enquanto acabou por ocultar outras possibilidades de memória, de certa forma “naturalizando” a sua origem católica. Esta, por sua vez, viabilizada por mentalidades produzidas historicamente pelo ethos católico brasileiro. Mas não basta ficarmos somente nesta afirmação: acompanhamos esse procedimento por meio do incessante trabalho dos memorialistas locais que, numa visão positivista da história, aliados a uma necessidade implícita de entre o final do século XIX — pós-república — produzir uma história acomodada da origem dos municípios brasileiros.

²⁵⁰ Torres, Valéria Aparecida Rocha. *Preservar e Permanecer: o ethos religioso e a memória histórica católica de Espírito Santo do Pinhal (SP)*. In: Anais do VI Encontro do GT Nacional de História das Religiões e das Religiosidades. ANPUH. *História das Religiões, Literatura, Conceitos e Identidades*. Rio de Janeiro, 2016. pp. 449-468.

4.2.3 O *innclesiamento* da morte na longevidade do bem morrer

O acontecimento da morte em Espírito Santo do Pinhal, que transita entre o público e o privado, desencadeou a busca por mais informações a respeito de como essa comunidade católica, em sua maioria, vivia as experiências em torno da morte. Assim, procuramos entrevistar um grupo de pessoas católicas praticantes que pudessem relatar essas experiências.

No contexto da vida *innclesiada*, nossos entrevistados nasceram, cresceram, desenvolveram-se, casaram-se ou não, tiveram filhos ou não, enfim, organizaram as suas vidas em torno deste referencial, mas não somente organizaram e organizam suas vidas: organizam também a morte.

Essas pessoas ouvem as notas de falecimentos veiculadas por meio da Pinhal Rádio Clube, essas pessoas param na porta da padaria ou casa lotérica para saber quem morreu e, com certeza, se houver alguém fazendo o mesmo, irão travar um diálogo sobre o acontecimento, um acontecimento que provoca reflexão como conhecimento religioso que mobilizam para compreender o caos provocado pela morte.

Selecionamos 20 entrevistas que foram realizadas entre Abril e Maio de 2018 com membros da comunidade católica de Espírito Santo do Pinhal, todos praticantes e ativos na comunidade como ministros da eucarística, catequistas, membros da equipe de liturgia e participantes de pastorais.

As entrevistas foram feitas a partir de um roteiro de entrevistas semi-estruturadas²⁵¹ por meio das quais pudéssemos suscitar lembranças da morte em torno da religiosidade efetivamente vivida, ao mesmo tempo em que deixamos os entrevistados livres para acrescentarem outras informações que essas lembranças pudessem desencadear.

Existem inúmeras críticas a essa forma de coleta de informações, tendo em vista o seu grau de subjetividade. Muitos pesquisadores afirmam que as entrevistas, principalmente se forem abertas, como é o caso, não podem ser feitas de forma banal, deve-se haver um contato com os entrevistados para provocar um discurso mais ou menos livre, porém que atenda aos objetivos da pesquisa.

²⁵¹ Duarte, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. In: Educar, Curitiba, n. 24, p. 213-225, Editora UFPR. 2004.

A realização de uma boa entrevista exige: a) que o pesquisador tenha muito bem definidos os objetivos de sua pesquisa (e introyetados — não é suficiente que eles estejam bem definidos apenas “no papel”); b) que ele conheça, com alguma profundidade, o contexto em que pretende realizar sua investigação (a experiência pessoal, conversas com pessoas que participam daquele universo — egos focais/informantes privilegiados —, leitura de estudos precedentes e uma cuidadosa revisão bibliográfica são requisitos fundamentais para a entrada do pesquisador no campo); c) a introyeção, pelo entrevistador, do roteiro da entrevista (fazer uma entrevista “não-válida” com o roteiro é fundamental para evitar “engasgos” no momento da realização das entrevistas válidas); d) segurança e auto-confiança; e) algum nível de informalidade, sem jamais perder de vista os objetivos que levaram a buscar aquele sujeito específico como fonte de material empírico para sua investigação.²⁵²

As perguntas seguem o seguinte itinerário: quanto às providências tomadas imediatamente após a morte de alguém; como a comunidade participava dessas providências; a descrição dos velórios; dos cortejos fúnebres; do luto. Cada entrevistado, à sua maneira, trouxe importantes narrativas a respeito do significado que esse itinerário representa para o equilíbrio do caos que a morte provoca.

Por isso, cada entrevista é única e cada entrevistado ficou absolutamente à vontade para elaborar essas lembranças a respeito de suas experiências com morte da maneira que melhor lhe conviesse. Portanto, veremos que algumas entrevistas são longas, pois as lembranças sobre a morte levaram o entrevistado a elaborar uma longa reflexão sobre a sua vida, enquanto outras são sucintas, porém não menos significativas, afinal essas pessoas estão se dispondo a falar sobre a morte, um fato que, por si mesmo, também se tornou um elemento a ser analisado.

Além disso, existe a questão da observação participante, que é parte fundamental desta pesquisa, pois existe uma inserção do pesquisador na convivência com o grupo e com o local estudado. Isso não compromete o processo de observação, muito ao contrário, tendo em vista que

A observação participante é uma das técnicas muito utilizadas pelos pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa e consiste na inserção do pesquisador no interior do grupo observado, tornando-se parte dele, interagindo por longos períodos com os sujeitos, buscando partilhar o seu cotidiano para sentir o que significa estar naquela situação.²⁵³

²⁵² Duarte, Rosália. Op. Cit. p. 216.

²⁵³ Queiroz, Daniela Teixeira et al. Observação Participante Na Pesquisa Qualitativa: Conceitos e Aplicações Na Área da Saúde. In: Revista de Enfermagem UERJ, Rio de Janeiro, 2007 abr/jun; 15(2):276-83.p. 278.

Para explorarmos as relações dessas pessoas com a morte, pensamos um roteiro de entrevista que pudesse suscitar suas lembranças e experiências mais significativas com a morte. É evidente que cada uma delas, em função da idade, já passou por inúmeras experiências de morte de parentes próximos e amigos.

Assim, o roteiro de perguntas do ponto de vista metodológico funcionou como um desencadeador de lembranças e entendemos que essas lembranças foram o primeiro momento do processo, na medida em que o roteiro de entrevistas provou ser o fio condutor por meio do qual as lembranças foram transformadas em narrativas.

A partir das entrevistas, pudemos traçar esse percurso da morte como lembrança que se torna memória quando coletiva e, portanto, é parte constituinte da história de um lugar que pensa e fala sobre a morte por meio do sutil fio condutor do ideário de *bem morrer*, uma lição que, mesmo ausente, não foi totalmente esquecida.

Por que estamos denominando este itinerário como a presença do ideário do *Bem Morrer*? Porque mais que técnicas descritas pelos manuais do *morrer bem*, está implícito nesses ritos a ideia de que o seu cumprimento garantiu uma *boa morte* para quem se foi e a certeza de uma boa morte para quem ficou. Esse conhecimento, que se apresenta por meio dessas práticas, é fundamental para a garantia da existência das pessoas e fica evidente nas falas das mães que perderam seus filhos.

Todas as entrevistas, também, acabam por responder as perguntas invariantes sobre a morte arroladas por Maurcie Godelier. Porém, no caso, interessa-nos mais as respostas como invariantes que as perguntas, na medida em que apresentamos a possibilidade de cruzar as respostas presentes nos manuais com a memória e as práticas mortuárias narradas tanto por nossos entrevistados como em comparação com outros trabalhos.

Por isso, é importante apresentar como a Ciência da Religião pode contribuir para a ampliação do conhecimento sobre a morte, demonstrando a possibilidade que o conhecimento religioso abre para a sua compreensão. Não importa qual seja a religião, é no espaço da vida religiosa que uma boa parte da humanidade encontra plausibilidade para o incognoscível, como afirma Clifford Geertz:

Sendo assim, parece desnecessário continuar a interpretar as atividades simbólicas — religião, arte, ideologia — como nada mais que expressões um pouco disfarçadas de algo diferente do que são: tentativas de fornecer

orientação a um organismo que não pode viver num mundo que ele é incapaz de compreender.²⁵⁴

4.2.4 História Oral e Oralidade.

Trabalhar com História Oral não é uma tarefa fácil, pois, a memória²⁵⁵ é um campo arenoso, fazemos recortes ‘interessados’ de nossas experiências pessoais, construímos e reconstruímos narrativas carregadas de subjetividade, porém, isso não quer dizer que esse procedimento seja inválido como método de pesquisa. Quero citar uma frase da professora Marilena Chauí que está na introdução do livro de Ecléa Bosi *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*²⁵⁶: “Fica somente o que significa”.

...a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos.²⁵⁷

No entanto, existe uma enorme diferença entre a História Oral como técnica de entrevista e levantamento de informações e a oralidade presente e muito no processo de construção de conhecimento humano, por isso, o trabalho de Maria Antonieta Antonacci²⁵⁸ se constitui em importante referência para a reflexão e operacionalização de pesquisas que tem por matéria-prima fontes de naturezas diversas das fontes originárias da cultura letrada.

Sua fonte de referência é a “oralidade” entendida no trabalho como o imbricamento entre voz, imagem, movimento e letra. A memória oral é trabalhada pela autora como centro do conhecimento socialmente organizado pela cultura popular nordestina, por isso, a “categoriza” como patrimônio documental.

²⁵⁴ Geertz, Clifford. Op. Cit. p. 102.

²⁵⁵ Trabalhamos com a perspectiva do filósofo Paul Ricouer que diferencia a memória da história, memória é um processo complexo de elaboração na medida em que envolver lembranças que se produzem em torno de ausências, imaginação, criação, aproximações e distanciamentos. Ao mesmo tempo consideramos que memória não é história, e que no intrincado processo de elaboração do conhecimento as concepções que socialmente construímos sobre o que é história acabam também informando a memória e quase sempre a instrumentalizando, dessa forma, selecionando o que deve ser lembrado ou esquecido como opções sociais e políticas. E a partir desta concepção que entendemos a frase só fica o que significa.

²⁵⁶ Bosi, Ecléa *Memória & sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo, SP. T.A. Editor, 1979.

²⁵⁷ THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado. História Oral*. Paz e Terra. 1998.p. 17.

²⁵⁸ Antonacci, Maria Antonieta. *Memórias ancoradas em corpos negros*. São Paulo: EDUC, 2013.

Problemática da memória de religiosidades populares, que por si mesmas resultam de imbricamentos de várias práticas culturais, linguagens, exercícios de memorização, constitui-se em difícil trabalho para historiadores e cientistas sociais. Enfrentar e percorrer seus meandros e nuances exige múltiplas atenções, para minimamente, darmos conta de experiências de religiosidade que advém do cruzamento de traços do catolicismo ortodoxo - um dentre setores dominante responsáveis pela introdução de exercícios de leitura, escrita e iconografia no Nordeste -, com rituais populares ou popularizados em região onde a religião se desloca de diretrizes oficiais da Igreja Católica e recobre fortes anseios populares.²⁵⁹

Dessa forma, a oralidade é chave para desvendar de outras histórias que foram apagadas, fragmentadas, desclassificadas e, no entanto presentes e latentes nas memórias de uma sociedade que se produziu em torno da construção de um *inecclesiamento* que forjou tanto a territorialidade física quanto simbólica em torno do sentido da morte e do morrer.

No entanto, a oralidade recuperada por meio das entrevistas será o núcleo de diálogo com outras fontes sobre o sentido da morte e do morrer no Brasil, essas fontes são os trabalhos resultados de pesquisa de mestrado e doutorado na área das Ciências Sociais que tiveram a morte como objeto, por meio deste diálogo pretende demonstrar que esse processo de *inecclesiamento* acabou por produzir uma forma muito própria de morrer que se estende de norte a sul do Brasil como uma característica do saber religioso vivido pela sociedade brasileira.

A oralidade não se constitui somente nas narrativas orais, denominamos oralidade uma forma de morrer produzida em torno da publicidade da morte (os obituários são afixados em lugares públicos como nas portas padarias e lojas), o sino da Igreja anuncia a morte, a rádio local reproduz o badalar do sino e todos os dias desde 1947 (ano de sua fundação) divulga notas de falecimento. Sendo assim, é uma visão de mundo diante da morte que está presente nas práticas de Espírito Santo do Pinhal.

É a oralidade que produz as lembranças da morte por uma parte de nossos entrevistados e garantes a outra parte ferramentas mesmo que sutis de enfrentamento e acomodação diante da morte, por isso apesar de um roteiro prévio as entrevistas não são lineares e muito menos homogêneas, seria um desastre se assim fosse, pois perderíamos a relação entre a experiência particular e sua relação com o contexto geral. Duas entrevistas em especial são longas e seguem na verdade o roteiro dos

²⁵⁹ Idem, p. 104

wentrevestidos e não do entrevistador, são dois processos de luto a da senhora T.F²⁶⁰ que havia acabado de perder seu marido — um casamento de 54 anos — e o casal R.C.M e P.C.M.²⁶¹ que perderam seu filho M.C.M de 26 anos há aproximadamente 4 anos e ainda vivem diariamente um diálogo com Deus em torno de seu luto.

4.3 O itinerário da morte

4.3.1 As memórias da morte

Nosso roteiro de perguntas sobre a morte acabou por conduzir alguns dos entrevistados a um processo de rememoração dos rituais mortuários católicos praticados em Espírito Santo do Pinhal pelo menos até a década de 1980, quando foi inaugurado o velório municipal.

Quase todos narraram um percurso da morte a partir do momento da morte da pessoa, quando havia a primeira mobilização que se dava em torno do corpo do morto. A lavagem do corpo era importante e, apesar de muitos não conseguirem precisar do ponto de vista religioso qual o motivo de se banhar um defunto, utilizaram o argumento de que é imprescindível cuidar de um corpo que, até aquele momento, abrigou uma alma.

A entrevista feita com a senhora O. J. A.²⁶² traz as lembranças sobre os cuidados com o corpo dos mortos. Senhora O. J. A. nasceu na zona rural de Espírito Santo do Pinhal e desde criança acompanha sua mãe no auxílio as pessoas enlutadas, a senhora O.J conta que quando criança checou a ajudar sua mãe a confeccionar mortalhas. Portanto, o mundo em torno da morte não é estranho. Ela é membro ativo da Paróquia do Divino Espírito Santo, trabalha como voluntária no Hospital Francisco Rosas foi ministra da eucaristia e também é zeladora da Igreja de Santo Antonio que está sob os cuidados da paróquia a qual pertence.

Você falou da lavagem do corpo... Isso era comum na zona rural?

Era religioso. Tinha que ser feito mesmo. Ninguém morria sem ser lavado. Que eu me lembre, com oito anos de idade, tudo isso aí.

E durante a lavagem se fazia algumas orações?

²⁶⁰ Entrevista concedida por T. F. Entrevista 12. [Março de 2018]. Entrevista concedida a Valéria Aparecida Rocha Torres. A entrevista na íntegra encontra-se em anexo no final desta tese.

²⁶¹ Entrevista concedida por R.C.M e P.C.M. Entrevistas 14 e 15 [Maio de 2018]. Entrevista concedida a Valéria Aparecida Rocha Torres. A entrevista na íntegra encontra-se em anexo no final desta tese.

²⁶² Entrevista concedida por O.J.A. Entrevista 2. [Maio de 2018]. Entrevista concedida a Valéria Aparecida Rocha Torres. A entrevista na íntegra encontra-se em anexo no final desta tese.

Não me lembro disso aí não. Eu acho que não porque eles estavam tão preocupados com o corpo tão desgovernado que nem se podia se concentrar em outra coisa. Eu não me lembro disso daí não.

E além da lavagem, juntamente com isso, ao mesmo tempo, se fazia a mortalha?

Enquanto eles estavam preparando o corpo, tudo, as mulheres faziam as mortalhas.

Só pra gente pontuar, quando era um homem que morria normalmente quem lavava eram os homens?

Sim, era religiosamente. Mulheres, mulheres; nada como hoje. Mas era assim: os homens lavavam homens, e mulheres preparavam as mulheres.

E essas tradições você não lembra como elas apareceram, você não tem notícia?

Não, não lembro. Eu lembro que vinha dos meus avôs, bisavôs, então era tradição. Era uma tradição.

As mesmas lembranças são partilhadas pela senhora V.N.²⁶³ que tem 70 anos, nasceu em uma família tradicionalmente católica, porém tornou-se membro ativo da comunidade católica após seu casamento. Atualmente a senhora V.N. faz parte a equipe de liturgia da Paróquia do Divino Espírito Santo.

Como era feita e quem eram as pessoas responsáveis pela lavagem do corpo?

A família mesmo. A família, os vizinhos que ajudava... No caso da minha mãe, quando ela morreu, faz 44 anos, ela morreu em casa, tinha acabado de tomar banho, quer dizer que eu troiei. O meu pai também, já tinha tomado banho, meu pai também morreu de repente, eu acho que foram meus irmãos que trocaram ele. A minha mãe eu lembro que fui eu quem troiei. Naquela época a funerária deixava a gente trocar, eu acho que toda família era quem trocava. Eu troiei bastante defunto.

Quando uma mulher morria, eram sempre as mulheres?

As mulheres. Sempre mulheres. Eu troiei várias mulheres da minha família, mãe, sogra, cunhada, tia, tudo fui eu quem troiei. Eram velhinhos... Minha mãe não era tão velha... Mas a minha sogra, minha tia, minhas cunhadas, então eu pedia pra funerária e a funerária deixava eu trocar. Agora hoje é a funerária que troca, a funerária não deixa mais a família trocar.

Acha que essa mudança influencia alguma coisa?

Eu propriamente não gosto, porque eu acho que hoje na funerária é homem que vai trocar, né? Eu gostava mais do tempo que a gente trocava. Porque às vezes a velhinha era tão reservada, agora você larga na mão de homem, eu não acho muito bom não.

Na sua visão, a funerária tem um motivo especial pra não querer que a família faça a troca?

Não sei porque. Eu acho que eles gostam de fazer o serviço, o serviço deles. De primeiro eles eram mais tolerantes, mas a gente pedia e eles deixavam; hoje eles não deixam.

Além da lavagem do corpo, quais eram as providências em relação à roupa do morto?

Geralmente os antigos sempre têm mania de encomendar a roupa. A minha mãe já tinha deixado o vestido que ela queria no dia que ela morresse minha sogra também. Mas quem não tinha gente antiga a maior parte fazia a

²⁶³ Entrevista concedida por V.N. Entrevista 8. [Abril de 2018]. Entrevista concedida a Valéria Aparecida Rocha Torres auxiliada por Ricardo Biazotto. A entrevista na íntegra encontra-se em anexo no final desta tese.

mortalha, né? Sempre foi mais fácil assim do que pensar na roupa que o defunto que ele queria, porque gente antiga tem mania de encomendar a roupa. (Entrevista de V.N.)

Entrevista feita com a senhora R.P.T²⁶⁴ também encontramos a lembrança dos cuidados com o corpo do morto. A senhora R.P.T era filha de imigrantes italianos, católica desde o nascimento. Ficou viúva muito cedo, com duas filhas, uma adolescente e outra criança, trabalharam como costureira para sustentar sua família. Sempre ativa junto à comunidade católica foi como a senhora O.J.A. voluntária na cozinha do Hospital Francisco Rosas durante anos. Além de participar ativamente nas atividades da Paróquia do Divino Espírito Santo.

A primeira pergunta: quando uma pessoa morria, o que se fazia primeiro, imediatamente?

Imediatamente... Procurava alguém que viesse trocar, né? Porque tinha que trocar. Não tinha enfermeiro né?

Então normalmente se lavava essa pessoa, né? Existia algum grupo de pessoas que fazia isso, durante essa troca ou essa lavagem se fazia algum tipo de oração?

Não lembro disso não porque eu nunca fiquei junto com a pessoa. Quando morreu o meu marido, quem veio lavar foi o Luisinho... Você lembra aquele que tinha pipoca ali... e o Padre João Sampaio. Os dois estavam aqui e eles que trocaram.

Eles que lavaram e trocaram... Provavelmente o Padre João fez uma oração...

Ah, deve ter feito, né?

A senhora não se recorda muito bem se haviam pessoas que se dedicavam só...

Não, não lembro.

Mesmo assim, a senhora lembra de ouvir falar que isso era normal, quando as pessoas morriam lavar os corpos... Toda essa tradição de luto, como era passada... De pai pra filho, a senhora lembra?

Sim, era passado sim. Só que depois os filhos não lavavam muito a sério... Que nem a gente, que levou a sério. (R.P.T)

As mesmas informações quanto aos cuidados com o corpo são trazidas pela senhora M.B²⁶⁵., 83 anos, é viúva de um Ministro da Eucaristia, com quem participou

²⁶⁴Entrevista concedida por R.P.T Entrevista 1. [Abril de 2013]. Entrevista concedida a Valéria Aparecida Rocha Torres. A entrevista na íntegra encontra-se em anexo no final desta tese. Essa entrevista é extemporânea, porém, é um maneira de homenagearmos as senhora R.P.T, que foi uma guerreira em todos os sentidos e uma das primeiras pessoas que se dispôs a conversar comigo sobre a morte. Sua saúde frágil nunca a impediu de viver sua fé e sua disposição em ajudar a quem precisasse. A senhora R.P.T em abril de 2013 já estava com a saúde extremamente debilitada, mas com sua enorme delicadeza e simplicidade me recebeu para falar da morte, da vida e de sua religiosidade. Por isso, com autorização de seus familiares inserimos a sua entrevista.

²⁶⁵ Entrevista concedida por M.B. Entrevista 6. [Abril de 2018]. Entrevista concedida a Valeria Aparecida Rocha Torres auxiliada por Ricardo Biazotto. A entrevista na íntegra encontra-se em anexo no final desta tese.

ativamente, em 57 anos de casamento, das atividades religiosas de sua paróquia. É membro do Apostolado da Oração, da equipe do ofertório e de grupos de oração. Além disso, contribuiu, durante muitos anos, na limpeza e decoração de igrejas, em eventos para grupos de jovens e em diferentes pastorais.

Dentro da comunidade católica, quando uma pessoa morria quais eram as primeiras coisas feitas?

As pessoas, os vizinhos católicos, ia visitar o falecido e a família, e rezava vários terços.

Mas antes disso também tinha a lavagem dos corpos. Quem eram as pessoas responsáveis por essa lavagem?

Era alguém da família mesmo, algum vizinho que tinha muita amizade que lavava os corpos, e depois (colocava) a mortalha. Isso foi muito tempo, e depois acabou a mortalha.

Em relação as mortalhas: lembra como eram feitas?

Ah, depois que compravam o pano, duas mulheres ou três cortava e costurava na mão mesmo, e (colocava) no defunto.

A costura da mortalha acontecia ao mesmo tempo que o corpo estava sendo lavado?

É.

E lembra mais ou menos quando a mortalha deixou de ser usada?

Olha, quando eu morava na roça tinha muita mortalha, agora depois que eu mudei pra cidade acabou. Aí (colocava) roupa assim, comum mesmo. (Colocava) terno, gravata no defunto; o defunto ia bonitinho.

Todas as pessoas entrevistadas nesta faixa etária ao mobilizarem suas lembranças das primeiras providências na toalete do morto falam do banho e a mortalha. Quanto ao seu significado, muitos utilizaram o argumento que o costume era antigo, uma tradição que se manteve até o momento por meio das relações familiares, ou, como disseram costumes que passavam de pai para filho.

Duas questões importantes decorrem dessas narrativas. A primeira é a preocupação de que alguém próximo cuide do corpo da pessoa que morreu essa é uma responsabilidade ou do familiar ou de alguém muito próximo. Não são todos os entrevistados que se lembram desses cuidados, mas há uma grande ênfase dada por eles em relação à questão do zelo com o corpo que precisa ser banhado e amortalhado.

A toalete é muito importante e uma responsabilidade comunitária, o morto não deve ser enterrado sem roupa apropriada, por isso todos se lembram das mortalhas que representa, neste contexto, o esmero da vestimenta do defunto, a entrevistada M.A.C, também atuante na Paróquia do Divino Espírito Santo chegou a confeccionar uma mortalha para nos mostrar como eram feitas e quais eram as preocupações em relação ao modo de confeccioná-las: “sem dar nós na linha para não aprisionar a alma do falecido”.

Os primeiros cuidados com o morto, na verdade com o corpo do morto ainda existem na sociedade moderna e são atribuições das funerárias, no entanto, o banhar e o amortalhamento para nossos entrevistados significam algo que está estritamente vinculado ao cuidado de um corpo que abrigou uma alma e, portanto uma obrigação comunitária e familiar do exercício dessa função, tendo em vista que a comunidade e a família partilham da mesma crença e visão de mundo.

Como os banhos e o amortalhamento os velórios são atos religiosos que só tem sentido comunitariamente, ao mesmo tempo são espaços de solidariedade, reunião social, motivo para conversas, mas fundamentalmente o momento de oração por aquela pessoa que se foi e que deve encontrar o seu lugar junto a Deus, a Jesus, aos anjos e aos santos de devoção.

4.3.2 Os velórios: um acontecimento comunitário

Em relação à organização dos velórios, ocorriam procedimentos semelhantes. Quando uma pessoa morria, imediatamente os vizinhos tomavam à frente das providências para o velório. Simultaneamente ao preparo do corpo, providenciavam o caixão e a organização do velório, que até a década de 1980 era realizados nas casas. O velório era o segundo passo após amortalhamento e o banho. Todos esses procedimentos mobilizavam a comunidade, pois necessitavam — se não especializadas — pessoas que se dispusessem a exercitar sua solidariedade.

Normalmente, quem cuidava do ofício da morte eram parentes e amigos do morto e de sua família. Esse cuidado consistia desde ir até o serviço funerário encomendar o caixão até tratar de comunicar à comunidade a morte que ocorreu. Os velórios em casa exigiam algumas providências como: preparar a sala de estar para receber o caixão, já que o defunto ficava no centro da sala que era enfeitada com flores e velas.

Também se colocava na porta da casa uma flâmula normalmente com uma cruz que representava o luto pelo qual aquelas pessoas estavam passando. Além disso, havia a prática de rezar terços durante o período de duração do velório.

As irmãs A. I e A. H.²⁶⁶ são atuantes na comunidade católica. Ambas foram catequistas e nos concederam uma longa entrevista da qual reproduzimos sua narrativa sobre a organização do funeral, que é a mesma rotina descrita por outros entrevistados.

Após a preparação do corpo, começava a organização do funeral. Quem se responsabilizava por essa organização e como era organizado o funeral?

I: Tinha que ir lá no cemitério pra pedir, quem tinha o lugar seu pra pôr, tinha que pedir pra pôr, pra abrir, porque o enterro ia ser a tantas horas, e deixavam aberto, como é hoje. Hoje a pessoa morre, avisa e a equipe que trabalha lá no cemitério já abre... Eu não me lembro de a gente ir ver se estava tudo certo, mas estava, porque estava aberto. Não sei quem foi essa pessoa que foi lá, sei que a Ana e eu nós não fomos, os outros eram mais novos... Então, eu não lembro que é que fez, mas os vizinhos se preocupavam em arrumar o local, tirar as coisas, deixar o lugar pronto, preparado para colocar o caixão. Isso a vizinhança fazia, as outras pessoas da família que estavam juntos se preocupavam com isso aí... Eu acho que nunca foi problema, pelo menos nas poucas vezes... A gente nunca viu, a não ser na nossa casa. A gente sempre que chegava na casa já estava organizado o velório, mas em casa não... Foram os vizinhos que prepararam, os amigos da fábrica do meu pai que correram ali, que fizeram... Eu acho que foi assim mesmo. Geralmente são os amigos e os vizinhos que tomam as primeiras providências, é assim? Onde quer que põe? Eu me lembro, minha mãe: "Vamos pôr aqui". Acho que em todo lugar, antigamente, era assim. A dona da casa determinava o lugar e colocava o caixão ali, o velório ali... É o que eu me lembro.

Como que aconteciam os velórios?

I: Primeira coisa que a funerária quando vinha trazer o caixão, já trazia um pano de luto, uma bandeira... Igual uma flâmula... Geralmente preta, roxa, uma cor escura... E punha na porta, na rua. Então qualquer pessoa que passasse ali, vendo aquela bandeirinha, aquela flâmula, já tinha noção que tinha um falecido na casa. Então isso aí já era um distintivo que mostrava pras pessoas que tinha um velório, um defunto na casa. E ali ficava... A mesma coisa lá do velório, um entre e sai, os vizinhos vem e vai, os amigos, os conhecidos... Sabe, todos naquele vem e vai, reza-se da mesma maneira, pelo menos em casa rezou. Rezava do mesmo jeito. Olha, era assim... Aqueles que passavam a noite, se fazia um cafezinho pra servir pras pessoas que passavam a noite, davam um pãozinho pra pessoa comer. Isso daí a gente tem na cabeça, que foi assim, eu me lembro desse fato. Era isso aí, não lembro de nada de modo extraordinário não me lembro. Já tinha levado o nome, o Dr. (José de) Filippi que deu o atestado de óbito dele, porque o Dr. Filippi que atendeu, ele que atestou que foi um ataque do miocárdio e pronto. Ali ficou mais um pouco, ficou até amanhecer o dia, ali nesse velório, depois o resto foi de praxe, foi levar o corpo, foi o cortejo funeral. Eu não me lembro de muita coisa diferente depois disso, não me lembro muito.

Qual era o tempo médio de duração do funeral?

I: Às vezes tinha uma orientação do médico para abreviar o velório. Tinha, como tem até hoje, tinha também aquele tempo. O meu pai, no caso, morreu às oito e quinze, oito e meia da manhã, eu acho que o normal seria enterra às cinco horas da tarde. Mas passou a noite, o enterro dele saiu às oito horas

²⁶⁶ Entrevista concedida por A.I e A.H. Entrevista 9. [Abril de 2018]. Entrevista concedida a Valéria Aparecida Rocha Torres auxiliada por Ricardo Biazotto. A entrevista na íntegra encontra-se em anexo no final desta tese.

da manhã da segunda-feira, domingo o dia inteirinho, a noite inteira, saiu às oito horas da manhã.

Os velórios sempre tinham a duração de 24 horas. E ao indagarmos o motivo, muitos dos entrevistados respondem que era preciso ter certeza de que a pessoa realmente havia morrido. Havia o temor de ser enterrado vivo e, ao mesmo tempo, uma expectativa ao se imaginar que a pessoa poderia apenas dormir e de repente acordar, o que, obviamente, principalmente na zona rural, era motivo para inúmeros causos como nos conta um dos entrevistados o senhor J.C.²⁶⁷, 77 anos, que cresceu na zona rural, onde se passou grande parte das lembranças relatadas em sua entrevista. É Ministro da Eucarística e um dos responsáveis pela comunidade da Igreja de São Judas Tadeu, sendo que ajudou na reforma e construção da sacristia da referida Igreja.

O senhor J.C. conta que, quando residia na zona rural, foi passar a noite no velório de um conhecido, as noites na zona rural normalmente são frias e resolveram cobrir o defunto que estava deitado sobre uma mesa com um cobertor. No entanto, um galo fugido resolveu se aquecer embaixo do cobertor e no adiantado da noite começou a se mexer, o que obviamente causou uma enorme confusão, pois, todos acharam que era o defunto que estava “ressuscitando”.

Trazemos este aspecto mais anedótico dos velórios com objetivo de pensarmos esse espaço de sociabilidade em torno do morto como um momento de múltiplas atitudes, pois, nossos entrevistados relatam rezas, comida, bebida, conversas, solidariedade, atenção, respeito e imaginação na medida em que sempre aparece um relato sobre a expectativa do morto “acordar” a qualquer momento e aquela situação de despedida transformar-se em retorno daquele que se foi e que todos consciente ou inconscientemente sabem que a morte é o caminho sem retorno, por isso o tempo de 24 horas, biologicamente é o tempo que o corpo demora para começar o processo de decomposição. É o tempo que as pessoas dão para que constatar e aceitar que a morte é real.

Assim, ao decorrer às 24 horas do velório, o corpo saía em procissão rumo à Igreja, onde acontecia a encomendação do corpo. O cortejo com o corpo normalmente

²⁶⁷ Entrevista concedida por J.C. Entrevista 7. [Abril de 2018]. Entrevista concedida a Valéria Aparecida Rocha Torres auxiliada por Ricardo Biazotto. A entrevista na íntegra encontra-se em anexo no final desta tese.

era acompanhado pela família e pela comunidade em geral e, por onde o cortejo passava se houvesse algum estabelecimento comercial, as portas eram fechadas em sinal de respeito. Neste momento acontecia um ato solene no itinerário da morte, o badalar dos sinos anunciava que da Igreja estava saindo alguém rumo ao lugar dos mortos.

4.3.3 O luto

A literatura aponta para um empobrecimento simbólico e ritual dos processos de morte e de luto na contemporaneidade (MARTINS, 2005; GAMBINI, 2005), uma vez que a morte passou a ser negada, por representar um limite à pretensa autossuficiência da humanidade. O tal “tempo de doer” vivenciado por Miguilim na obra de Guimarães Rosa entra em contraste com o tempo da sociedade civilizatória, para a qual o não-lugar, o estranhamento, o deslocamento dos enlutados são vistos como improdutivos. A morte, neste sentido, torna-se adversária da vida, e não parte de seu curso natural (FRANCO, 2007).²⁶⁸

A sociedade contemporânea vê o luto como processo íntimo, individual e um momento em que as pessoas devem viver sozinhas ou, no máximo, no âmbito familiar. No entanto, o luto é um momento fundamental do enfrentamento da morte. Nossos entrevistados apontam algumas questões importantes em relação ao luto. As lembranças falam do tempo, como na citação “o tempo de doer”. Esse tempo é marcado no momento pelo vestuário e pelo vestuário se aliviava o luto.

O período de luto normalmente durava um ano. No caso dos parentes mais próximos da pessoa que faleceu, a vestimenta do luto era diferente para homens e mulheres. Os homens utilizavam uma tarja preta na manga da camisa, enquanto que as mulheres usavam roupas totalmente pretas e, com o passar do tempo, iam amenizando o luto. Uma expressão muito usada era “levantar o luto”, ou seja, passavam a usar saia preta e blusa branca, ou vice-versa, ou então vestido preto com alguma estampa branca.

As memórias da morte narradas nestas entrevistas revelam condutas que só poderiam ser praticadas por uma comunidade. Todos participavam do cuidado com o morto e sua família. Era inconcebível que não ocorresse um processo que não fosse

²⁶⁸ Franco, Clarissa de e Torres, Valéria Rocha. *Religião, morte e políticas públicas de saúde: cientistas das religiões na elaboração dos processos de luto*. In: Revista Correlatio, Universidade Metodista, v.16, nº 2, 2018, pp. 255-282.

uma rede de solidariedade, comunicação, mobilização de conhecimentos como, por exemplo, a confecção das mortalhas.

O que unia essa comunidade solidária em torno da morte era a crença que todos esses procedimentos estavam contribuindo para que a alma do morto descansasse em paz, fosse para o céu e estivesse acolhida no outro mundo. Quanto a este mundo, não era possível compreender a morte sem mobilização social. Eram os vizinhos que organizavam o velório, eram os amigos que preparavam a comida que era servida durante os velórios, outros que cuidavam de uma rede de comunicação.

Assim, essas lembranças são organizadas com o intuito de dar sentido, por meio da narrativa dos ritos, ao caos provocado pela morte, e dessa forma, encontramos nessa elaboração de lembranças provavelmente uma primeira invariante a do rito.

4.3.4 A força da memória e o apaziguamento da morte

Nesse esforço da memória da morte, encontramos aspectos extremamente importantes no sentido de demonstrar como o rito, mesmo que implicitamente, garantia o referencial do bem morrer, pois, infelizmente, não é possível transcrever um aspecto util presente na narrativa que é o sentimento de conforto ao banhar, amortalhar, acomodar, orar, velar e sepultar o defunto, o que representa para essas pessoas um ideal de boa morte... Morreu e seu funeral foi dentro de determinados preceitos.

Outra questão que julgamos fundamental deste itinerário é a elaboração da memória. A princípio, essas lembranças suscitadas pelas perguntas retratam inúmeros esforços e aqui abrimos um diálogo com o filósofo Paul Ricoeur em seu livro *A memória, a História e o Esquecimento*²⁶⁹

Assim, pelo fenômeno do reconhecimento, somos remetidos ao enigma da lembrança enquanto presença do ausente anteriormente encontrado. E a “coisa” reconhecida é duas vezes outra: como ausente (diferente da presença) e como anterior (diferente do presente). E é como outra, emanando de um passado outro, que ela é reconhecida como sendo a mesma. (Alteridade complexa).²⁷⁰

²⁶⁹ Ricoeur, Paul. *A memória, a História, o Esquecimento*. Campinas (SP): Editora da Unicamp. 2007.

²⁷⁰ Ibidem, p. 56

O momento da lembrança é o do reconhecimento em inúmeras camadas: a ausência do ente querido presente na rememoração do rito; o eu e outro reconhecido no sentimento de perda, na ausência; o tempo e o espaço demarcado pelos lugares da lembrança como a casa, a rua, o cortejo, o velório. Uma composição que coletivamente se repete nas entrevistas e que pode ser considerada como memória e, por sua vez, como narrativas de uma história.

Um diálogo com Paul Ricoeur é frutífero para analisarmos o percurso pelo qual essas lembranças sobre morte se tornam memória e história e, nesse sentido, não temos dúvida que o fato religioso, as formulações religiosas desta vida *in ecclesiada*, contribui significativamente para isso. Ao mesmo tempo, quando o autor trata dos marcos da memória, comprehende-os como lugares que permanecem como inscrições, monumentos que se transformam em documentos, enquanto que lembranças transmitidas oralmente “voam como as voam as palavras”.²⁷¹

Ao contrário, em muitas sociedades, como é o caso em questão, a transmissão oral é fundamental para a preservação da memória e, consequentemente, da história. Só poderíamos trazer essas questões por meio da oralidade e nossos entrevistados afirmam e confirmam que muito do que conhecem e se lembram é resultado de um conhecimento transmitido oralmente.

4.3.5 Não há tabu diante do ideário de *bem morrer*: existem apenas delicadezas divinas

Iniciamos o primeiro capítulo desta tese com a narrativa do velório de um jovem que morreu num trágico acidente de carro. Seu velório estava repleto de pessoas entre 15 e 20 anos, seus amigos, e, entre todas as tristezas presentes neste cenário, a dor da mãe foi, com certeza, a mais comovente. Pudemos perceber uma situação inquietante.

Os jovens todos, sem exceção, encontravam-se no mais absoluto silêncio que trazia questões existenciais provocadores e desconcertantes, pois era um silêncio que gritava: O que aconteceu? Por que morremos? Para onde Marcos foi? E, principalmente, com quais “ferramentas” enfrentamos essa situação?

²⁷¹ Ibidem, p. 58

No início desta tese trouxemos esta narrativa para iniciar nosso diálogo com José Carlos Rodrigues, em seu livro *Tabu da Morte*, mas também a recolocamos agora para abordar o fato de que nenhum de nossos entrevistados se recusou a falar sobre a morte, mesmo pais que perderam seus filhos por motivos de doenças, acidentes ou inclusive por suicídio.

Em momento algum, nossos entrevistados, mesmo os mais jovens, recusaram-se a falar sobre a morte. Trazemos neste item as entrevistas feitas com pessoas que não se encontram na faixa etária básica de nossos entrevistados, mas que estão, tanto quanto eles, imersos num processo de enfrentamento da morte mediado por expressões religiosas.

A primeira história que trazemos é a entrevista com a mãe de Marcos²⁷², que, após quatro anos, ainda vive o seu processo de luto, mas, ao contrário da ideia de morte interdita, faz questão de falar sobre o filho e posta diariamente suas lembranças nas redes sociais e suas mensagens são sempre de fé e esperanças de o jovem estar bem.

A segunda história é a dos pais de M. C. M. formado em Biologia, era um jovem com espírito aventureiro e de bom coração, que amava a natureza e a criação divina, mesmo tendo estudado Biologia. M.C.M. concluiu sua graduação e foi se aventurar pelo mundo, mudou-se para os Estados Unidos mais especificamente na Carolina do Norte onde foi trabalhar com a produção de flores, retornou ao Brasil depois de um ano e novamente voltou aos Estados Unidos ficando permanecendo naquele país por mais 7 meses quando decidiu retornar definitivamente ao Brasil se estabelecendo profissionalmente na cidade de Campinas (SP).

Os pais de M.C.M são o jovem casal R.C.M e P.C.M²⁷³ que muito lutaram para poder ver seu filho ingressar no ensino superior, oportunidade que não tiveram, por isso, para a maioria da população brasileira que não teve acesso ao ensino superior ver seu filho chegar à universidade foi um momento de grande emoção e realização,

²⁷² Por uma questão de inúmeros desencontros não conseguimos entrevistar a mãe de Marcos – nome fictício -. No entanto, temos sua autorização em anexo no final desta tese, pois, narramos o velório de seu filho no primeiro capítulo.

²⁷³ Entrevista concedida por R.C.M e P.C.M. Entrevistas 14 e 15 [Maio de 2018]. Entrevista concedida a Valéria Aparecida Rocha Torres. A entrevista na íntegra encontra-se em anexo no final desta tese.

mais ainda ver o filho conseguir uma oportunidade de emprego e de especialização profissional fora do Brasil.

Mas a “indesejada das gentes” sempre cumpre a máxima reafirmada pelos padres jesuítas nos Manuais de *Bem Morrer*, nunca avisa quando, nem onde e nem como virá e assim foi, perderam o filho aos 26 anos de uma doença rara. M. C. entrou em coma com meningite causada por essa doença, passou quatro dias nesse estado e, mesmo vencendo o coma, não conseguiu se recuperar e acabou falecendo dois meses depois.

Nesses dois meses “tiveram tempo” entre a esperança e a fatalidade de preparar-se para a morte, tanto que M.C.M. escreveu um diário no qual expressa suas esperanças, gratidão a Deus e amor a sua família; quanto aos pais que, ao narrar esses dois meses, depositam na fé em Deus o fato de terem sobrevivido à perda de seu filho e, mais ainda, nessa mesma fé o fato de continuarem vivendo após três anos meio.²⁷⁴

A entrevista dos pais de M.C.M. é uma longa reflexão sobre a vida do filho e o sentido de sua morte. Para eles, a morte representa uma síntese de suas histórias como pais e cristãos e, em função disso, ao contrário do vazio, a história que elaboram em torno de sua tragédia pessoal é a memória de um jovem iluminado por uma fé, diferente da deles, mas crença no criador que tudo providencia. Em vários momentos da entrevista e do diário de M.C.M., encontramos a confiança na Graça de Deus ou, em outras palavras, na misericórdia de Deus.

R.C.M - Eu acho que é a nossa história. Hoje a gente vai entendendo. Eu sempre questionei assim, às vezes quando a gente ia fazer alguma coisa na igreja, eu sempre falava isso: que eu queria entender a minha história, eu falava que por eu ter casado muito novinha, ter tido o Matheus muito novinha, e de repente eu queria entender a minha história, minha história na igreja, minha história com Deus, que que era o chamado de Deus pra nossa vida. Hoje nós temos a certeza que nós temos que estar juntos. Eu falo às vezes que pode acontecer o que for, nós temos que estar juntos. Não dá... E hoje eu vou entendendo nossa história, Valéria. Tudo que o Matheus deixou, tudo que o Matheus ensinou, ele tinha até quatorze, quinze anos, ele ia com nós na igreja e depois ele não foi mais. Mas eu acho que ele tinha uma fé maior que a nossa.

P.C.M. - Ele falava que ele não queria seguir uma doutrina. Ele falava: “Pai, não vou, não quero ir em religião, não quero participar de religião, mas eu não acredito na explosão do Big Bang. Eu acredito que tem um Ser supremo que criou nós e criou tudo. Eu não acredito que nós viemos de uma célula de

²⁷⁴ O Diário de M. C. M. se encontra conosco, sua mãe nos deu no dia em fizemos a entrevista ela deseja que o registro dos últimos dois meses de vida de seu filho seja publicado.

uma explosão no universo. Eu acredito no criador, só que eu só acredito nisso, pai. Eu não acredito em doutrina, de religião”.

Ele deixou pra semejar alguma coisa.

R.C. M. : Essa última frase, o PC.M. nem lembrava mais disso, mas você vê...

P.C.M : Eu tava tentando achar, que ele escreveu também, mas agora eu não consegui achar, que ele fala que quando ele morresse ele tinha vontade que colocasse ele no meio do mato, o corpo dele ser absorvido pela terra. Ele falava: “Ah, pai, nós saímos da terra...”.

R.C. M. : Precisava pegar também, uma das coisas interessantes, foi uma música... Uma vez nós estava vendo um vídeo dele, quando ele fez nos Estados Unidos, e nós escutamos, tocando no rádio, essa música. No dia que ele foi embora, alguém postou essa música, e aí eu fui pesquisar a música. Você não acredita o que a música fala... Valéria, até isso, por isso eu falo... Eu vivo da graça de Deus e essas delicadezas de Deus. É tudo delicadeza. Até essa música, que fala isso... Umas mensagens que ele deixava pro Miguel no aniversário, ele escreveu isso que uma das coisas ele pôs assim: “Mãe, a senhora sempre me falou que vocês cresceram comigo, mas eu cresço com vocês até agora”... E tem duas músicas, uma é essa, que veio no dia que ele foi embora, e essa música ele tinha escutado nos Estados Unidos, só que nós só descobrimos depois.

O legado que o filho deixou nesta história foi o da crença. Na narrativa desta história que, ao se fazer, está produzindo uma memória, a memória do filho é construída em torno de sinais que são interpretados via suas elaborações religiosas. Assim, a mãe, principalmente, interpreta esses sinais como “delicadezas” que Deus lhe faz e esses sinais são sempre no sentido de dizer-lhe que seu filho está bem.

Os pais de M.C.M pertencem a uma geração mais próxima do que denominamos de modernidade e secularização, apesar de pertencerem à comunidade da Paróquia de São Pantaleão como membros atuantes participam sempre de retiros e oficinas de orações, além de serem membros da equipe de canto da igreja. A única certeza de que seu filho *morreu bem* se encontra no que denominaram de delicadezas divinas.

No mesmo sentido está a entrevista da senhora T.F.²⁷⁵ membro da comunidade de Nossa Senhora das Graças quando a entrevistamos, seu marido havia falecido recentemente, e ela utilizou o tempo da entrevistas para expor de maneira detalhada a sua vida. Não a interrompemos seria a mais absoluta falta de qualquer noção de humanidade tentar roteirizar o sentimento de luto de alguém.

Por isso, a entrevista é longa, mas existe em sua narrativa a presença da fé que construiu ao longo de sua existência, das relações que estabeleceu com Deus, a

²⁷⁵ Entrevista concedida por T.F.. Entrevistas 12 [Abril de 2018]. Entrevista concedida a Valéria Aparecida Rocha Torres. A entrevista na íntegra encontra-se em anexo no final desta tese.

sua crença na misericórdia divina e na intercessão da Virgem Maria, no poder do Terço da Misericórdia são esses símbolos que sinalizam a T.F. que seu marido *morreu bem*, que está no céu junto a Deus, Jesus e a Virgem Maria e, portanto, com essa convicção ela consegue aos 82 prosseguir, como os pais de M.C.M e a mãe de Marcos conseguem também.

Assim, consideramos que as lembranças, as memórias, os causos, a publicidade, os velórios, as procissões fúnebres, as mortalhas, os santinhos, os terços, o badalar dos sinos compõe o conjunto da *bem morrer* que podem não seguir à risca as prescrições dos manuais, mas como eles respondem as perguntas invariantes sobre morte e como eles garantem ao indivíduo e a sociedade que é possível acomodar-se poeticamente diante da ausência.

No entanto, os fatos, narrativas e dados que levantamos em Espírito Santo do Pinhal compõe um quadro maior que sustenta nossa hipótese da longevidade do *bem morrer*, ao compararmos os rituais que acompanhamos em nossas entrevistas com outras pesquisas sobre a morte e o sentido de morrer no Brasil podemos afirmar que há uma forma brasileira de morrer bem.

4.4 Entre tempos e lugares da morte têm muito em comum: banhos, mortalhas e procissões.

Se descontextualizarmos as narrativas sobre os rituais mortuários na Bahia da primeira metade do século XIX presentes em *A morte é uma festa: Ritos Fúnebres e Revolta no Brasil do Século XIX* (Reis, 1991) e as aproximarmos dos relatos de nossos entrevistados, apesar de mais de um século e muitos quilômetros de distância, podemos encontrar muitas e significativas semelhanças.

Práticas como o banho dos mortos, o amortalhamento, as pompas fúnebres (como a obrigatoriedade social da reverência e acompanhamento dos cortejos) e a rigidez do luto estão presentes nas elaborações e sentidos da morte e do morrer em Espírito Santo do Pinhal como estavam presentes na Bahia de 1836.

Portanto, são contextos históricos diferentes que apresentam narrativas semelhantes frente às atitudes diante da morte que consideramos um primeiro indício de que, num mesmo contexto religioso, existe a formulação de respostas e ações diante da morte que são invariantes mesmo que distantes no tempo e no espaço.

Sem exceção alguma, nas narrativas das pessoas entrevistadas, a primeira atitude das famílias após o falecimento de um ente querido era chamar grupos designados para o banho. A senhora O. J. A. citada anteriormente diz assim: “Isso era religioso; tinha que ser feito; ninguém era enterrado sem ser lavado.”

Logo em seguida, a outra providência era o amortalhamento do defunto.

Minha mãe continuou fazendo mortalha por um bom tempo ainda. Demorou muito para mudar a tradição. A tradição não era só rural. Eu participei de lavagem do morto, junto com muitas outras pessoas, eu já era casada, há uns 40 anos atrás.²⁷⁶

Na época da Cemiterada, a roupa fúnebre mais utilizada eram as mortalhas de vários tipos²⁷⁷.

A senhora O.J.A. também ressalta que todos esses procedimentos eram para apoiar a família enlutada:

Tinha visitas, a gente fazia orações, tinha muito carinho porque a gente sabe que a dor é muito grande... Isso era uma coisa muito linda que tinha antigamente. E as pessoas eram veladas em casa e se colocava nas portas um sinal de luto, de que a família estava enlutada e que ali existia uma pessoa falecida.²⁷⁸

Como a senhora O.J.A., abordam os rituais fúnebres católicos passando por três questões: o banhos, o amortalhamento e a perda, como é o caso da senhora M.A.

Participo de funerais desde pequena acompanhando minha mãe, lembro quando ela era chamada para dar banho no defunto junto com outras amigas da Igreja, elas iam até a casa do morto, davam banho e rezavam. Fui várias vezes acompanhando a minha mãe e depois quando cresci continuei a ser chamada para dar banho e rezar pelo defunto, até as funerárias aparecerem. Aí, minha filha, acabou tudo.²⁷⁹

Primeira providência: preparar o defunto para o velório e tratar do funeral. Cortava-se unha, barba e cabelo. O banho não podia tardar, sob pena do cadáver enrijecer. Os nagôs acreditavam que a falta dessa cerimônia impedia o morto de encontrar seus ancestrais, tornando-o um espírito errante, um esuké. Tal como entre os iorubás, o defunto devia estar limpo, bonito e cheiroso para o velório, esse último encontro com parentes e amigos vivos.²⁸⁰

²⁷⁶Entrevista concedida por O.J.A. Entrevista 2. [Maio de 2018]. Entrevista concedida a Valéria Aparecida Rocha Torres. A entrevista na íntegra encontra-se em anexo no final desta tese.

²⁷⁷ Reis, João José. Op. Cit. p. 116.

²⁷⁸ Idem. Entrevista O. J. A.

²⁷⁹ Entrevista concedida por M.A.M Entrevista 3. [Maio de 2018]. Entrevista concedida a Valéria Aparecida Rocha Torres. A entrevista na íntegra encontra-se em anexo no final desta tese.

²⁸⁰ Reis, João José. Op. Cit. pp. 114-115

São inúmeros os momentos em que as narrativas de João José Reis e as narrativas de nossas entrevistas parecem ter saído do mesmo lugar. Não do lugar espaço/tempo, mas do mesmo lugar simbólico, do mesmo universo de conhecimento que em mais de um século pouco se alterou. Portanto, é possível falar em um conhecimento fundamentalmente religioso (nossos entrevistados não são de origem nagô e, muito menos, iorubá) sobre o sentido da morte e do morrer no Brasil.

Assim, esse lugar simbólico pode ser considerado como uma forma singular de morrer, tendo em vista que também podemos comparar nossas entrevistas aos relatos de pesquisa de Elene da Costa Oliveira sobre os ritos mortuários no Piauí, sob o título *A arte de Bem Morrer: a cultura funerária do Piauí no século XIX*.

O texto narra os rituais mortuários vividos pela sociedade piauiense. Esses ritos são a elaboração do testamento, o ato de acompanhar o moribundo até a hora da sua morte; a utilização da mortalha; o cuidado do cadáver; a arrumação da casa para o velório; a presença de amigos e parentes; a orações para que a alma seja encaminhada para o céu e para afastar os demônios. A partir dessa sequência narrativa, a autora aborda as permanências dessas práticas entre o povo do Piauí.

Na atualidade, alguns velórios ainda possuem um ritual marcado por aspectos daqueles presentes no século XIX, como as rezas, a presença do padre, as velas, que representam a luz que clareia o caminho do morto, principalmente perceptíveis na zona rural e periférica das cidades onde o corpo ainda é velado em casa, ainda há enterros em rede, muitas velas, a presença de rezadeiras, das carpideiras etc.

Atualmente, ainda se presencia enterros com o corpo transportado em rede até o lugar do sepultamento, rito com um conjunto de significados — na hora do enterro os punhos da rede são cortados. Há o preparo do corpo do morto até a hora do enterro, um ritual marcado pela presença de imagens de santos, um oratório, após o enterro dias e dias de rezas em homenagem a algum santo ou a todos os santos que protegerão a alma do cristão. A preocupação com a morte se inicia com a preparação da alma, seguem-se os ritos iniciais como a escolha da mortalha, o pagamento das dívidas, o pedir perdão àqueles a quem se ofendeu em vida etc.²⁸¹

Há exatamente 3.493 km de distância do Piauí, está Urussanga, em Santa Catarina, cidade fundada em 1878 por imigrantes italianos vindos do norte da Itália, formando um dos principais núcleos de colonização italiana daquele estado. Em artigo

²⁸¹ Oliveira, Elene da Costa. A Arte de Bem Morrer: a cultura funerária no Piauí do Século XIX. In: II Simpósio de História do Maranhão Setecentista. Disputas Políticas e Práticas de Poder. São Luis: Universidade Estadual do Maranhão. 2011. p. 2. A autora faz parte do Grupo de Pesquisa Memória, Ensino e Patrimônio Cultural da Universidade Federal do Piauí.

publicado por Julia Massucheti Tomasi sobre os rituais mortuários entre os imigrantes italianos daquela cidade, encontramos a seguinte narrativa.

E na cidade de Urussanga, o padre era uma das pessoas mais importantes nas práticas dos rituais de morte no decorrer do século XX. Desde a extrema-união, a sua presença, segundo Aquiles De Pellegrin, era fundamental para que a alma do falecido fosse em paz. Também eram essenciais na celebração de encomendações, e em alguns casos acompanhavam o ato de sepultamento.

Além da influência dos padres nos rituais fúnebres, a Igreja Católica durante mais de meio século controlava o cemitério, intervinha nos ritos de morte e, em grande medida, interferia na vida social dos urussangueses.²⁸²

Apesar de a autora considerar que as práticas funerárias dos imigrantes italianos diferem substancialmente do que denomina de romanizado, estrutura-se a partir da diferenciação do “catolicismo tradicional” ibérico do norte e do nordeste do Brasil. Este catolicismo da região sul é caracterizado por uma religiosidade comunitária, de classe média e sem nenhum vínculo com a estrutura social da casa-grande.²⁸³

Para além das questões interpretativas da autora, queremos utilizar sua narrativa para demonstrar as similaridades entre as práticas mortuárias no Brasil em regiões diversas no tempo e no espaço, como é o caso do Piauí e Santa Catarina. Sendo assim, ainda sobre os ritos mortuários em Urussanga, existe presente na concepção das pessoas com idade mais avançada a preparação para a morte, como afirma a autora. Uma “boa morte” é aquela que não chega de improviso.

Voltando ao nordeste brasileiro, encontramos os rituais mortuários no agreste sergipano, especificamente em Itabaiana. As descrições sobre esses rituais é feita por Magno Francisco de Jesus dos Santos, no trabalho *Agonias e Penitências: o Universo Simbólico da Morte no Agreste Sergipano*²⁸⁴. Apesar do autor afirmar que a morte é

²⁸² Tomasi, Juliana Massucheti. In: Anais do III Encontro Nacional do GT História das Religiões e Religiosidades (ANPUH) Questões teórico-metodológicas no estudo das religiões e religiosidades. IN: **Revista Brasileira de História das Religiões**. Maringá (PR) v. III, n.9, jan/2011. ISSN 1983-2859. Disponível em <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html> p. 2

²⁸³ Essa diferenciação entre as práticas católicas trazem em seu interior a seguinte uma posição no mínimo controversa em relação à ideia de catolicismo popular, pois deixa a entender que existe nesse universo popular os ritos praticados por escravos e, portanto, ligados à casa-grande que se concentra no norte e nordeste do país, e os ritos que não são praticados por homens livres, pertencente às camadas médias da sociedade que, oriundos do processo de imigração europeia, proporcionaram outras concepções religiosas no Brasil com a sua chegada.

²⁸⁴ Santos, Magno Francisco de Jesus. Agonias e Penitências: O universo simbólico da Morte no Agreste Sergipano. In: Revista Eletrônica da Faculdade José Augusto Vieira. Ano V, nº 7, setembro 2012. pp. 1-17.

um tabu entre os habitantes dessa microrregião do agreste, pois as pessoas procuram substituir a palavra morte por inúmeras expressões, no decorrer do texto temos mais um relato muito próximo sobre os ritos mortuários praticados no Brasil.

Medo, angústia e aflição são algumas das sensações que envolvem o tema morte no agreste sergipano. Falar abertamente sobre o assunto é tabu. Por conseguinte pode ser percebida uma série de coibições em relação ao momento da partida, a começar pela proibição do nome morte, substituída por eufemismos como "viagem", "passou dessa para a melhor", "Deus levou", "virou anjo" e foi para o céu. Em todos esses termos está presente a ideia de mudança, mutação, passagem ritualística. Morrer ainda incumbe em transformação.²⁸⁵

Assim, essa constatação, de certa forma, é contradita pela narrativa que segue descrevendo como por meio de entrevistas, os rituais mortuários são praticados pelas pessoas locais, a preparação para morte, a busca pela escolha da mortalha, o funeral público, a participação coletiva nos ritos de preparação do corpo e posteriormente no velório enfim, os gestos e as expressões da sociedade local denotam uma grande intimidade com a morte. Como o autor mesmo afirma: "A morte é vista como uma companheira certa e inevitável."²⁸⁶

Muitos moradores da microrregião passam a vida preparando-se para "a viagem derradeira", que também é a mais importante. Este fato assemelha-se aos episódios descritos por João José Reis, que estuda a sociedade baiana do século XIX (Reis, 2009). Rezas, promessas de preparação dos detalhes do funeral acompanham uma considerável parcela de moradores. A começar pela costura da mortalha, que desde cedo se juntava às demais peças do vestuário "no fundo do baú ou guarda-roupa". A preparação da mortalha é importante, principalmente, na demonstração da interatividade social. Pessoas precavidas que preparam com antecedência a mortalha, muitas vezes emprestavam para o enterro de vizinhos desprevenidos. Os acautelados auxiliavam os vizinhos despreparados. As mortalhas são importantes instrumentos de distinção social (Rei, 2009, p. 116) e pode ser visto como um símbolo de alguém que se preocupa em captar prestígio no caminho da salvação. No imaginário social, deter uma mortalha entre as peças do cotidiano representa muito mais do que cautela. É uma tentativa de ter seus últimos desejos respeitados. As entrevistas realizadas denotam que na zona rural do agreste sergipano sobressaem as mortalhas brancas e azuis. Devemos lembrar que o azul é a cor atribuída a Nossa Senhora, vista no imaginário católico tradicional como a advogada das almas no momento final, como enfatiza a oração da Santa Maria: Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora de nossa morte amém.²⁸⁷

Essa é uma pequena amostragem que acreditamos representar a hipótese central desta tese de que a morte no Brasil, apesar das diferenças espaço/tempo,

²⁸⁵ Idem, p. 7.

²⁸⁶ Idem, p. 8.

²⁸⁷ Idem, p. 12

possui um elemento aglutinador que é o catolicismo como mediador dos sentidos da morte e do morrer. Este catolicismo expressa essa mediação a partir da construção do ideário *do bem morrer*, como vimos, seja em Santa Catarina ou no Piauí, ou para enfatizar as tradições católicas europeias ou como para enfatizar a influência afrodescendente. Temos uma significativa verossimilhança entre os ritos e práticas mortuárias no país e, como veremos adiante, não diferem dos relatos das entrevistas que realizamos sobre os ritos mortuários católicos em Espírito Santo do Pinhal.

Para corroborar ainda mais com a nossa hipótese, o trabalho de Magno Francisco Jesus dos Santos ainda aproxima as práticas mortuárias relatadas em sua pesquisa — elaborada no século XIX — às narrativas de João José Reis em seu trabalho *A Morte é uma Festa*. Quanto a isso, pode se argumentar a proximidade por tratar-se do nordeste brasileiro, por ser uma sociedade rural pouco suscetível às mudanças ou transformações que ocorrem com maior recorrência em sociedades urbanizadas. Enfim, podemos arrolar uma série de argumentos para justificar a semelhança entre os rituais.

Os estudiosos das religiões sempre reconheceram, no Brasil, desde os tempos coloniais, a curiosa mistura por meio da qual uma Igreja Católica plenamente atuante na vida pública graças a seus vínculos com o Estado, capaz de promover a legitimidade do poder a economia moral da propriedade privada, ainda que esta se referisse a outro ser humano, o escravo, foi igualmente capaz de acomodar-se ao ethos da sociedade em que se inseria e assim, incorporar sistemas de crenças particularistas e locais, adaptar-se a devoções de cunho privado e mesmo incentivá-las, caráter intimista, como se traduz, por exemplo, nos ex-votos populares encontrados por toda a parte no país.²⁸⁸

Por isso, podemos somar a estes argumentos a ideia de que existe um ideário de *bem morrer* que acompanha o sentido da morte e as práticas mortuárias no Brasil, que não sucumbiu diante do chamado processo de secularização da morte. Entre outras coisas, pelo fato de que as religiões, em nosso caso a católica, foram capazes de transformar a morte em acontecimento, num acontecimento religioso estruturado em um ritual que promovia e, ainda hoje, promove a unidade social.

²⁸⁸ Montes, Maria Lúcia. Op. Cit. p. 48.

4.6 A força dos costumes para morrer

Obviamente, todas as religiões preocupam-se com questões existenciais e, a cada contexto histórico, essas questões conformam-se de acordo com as demandas sociais, econômicas, políticas, ambientais, culturais, tecnológicas. Enfim, são inúmeras as variáveis, como podemos confirmar a partir dos trabalhos de teólogos como Karl Rahner²⁸⁹, abordado no capítulo anterior por meio da tese de Alexis Villas Boas de Oliveira.

Assim, podemos considerar que as questões existenciais humanas são derivadas de seus contextos e pressupõe uma série de elaborações sobre o quem somos; o que somos; qual a nossa essência e os motivos pelos quais estamos aqui. As perguntas simples exigem e sempre exigiram repostas complexas no sentido de inacabadas²⁹⁰.

Mas a morte, como sabiamente disseram os padres jesuítas entre os séculos XVII e XVIII citando o livro de Eclesiastes, não é uma questão existencial, mas sim a questão existencial, pois coloca um fim em nossa existência, um fim em todas as relações que construímos durante a nossa vida e, diante dela, encaramos a mais absoluta fragilidade como seres humanos, sendo “obrigados” a exercitar e mobilizar todas as habilidades cognitivas para que possamos continuar a existir e, mais que isso, construir uma existência que faça algum sentido.

Assim, mesmo mobilizando nossas habilidades cognitivas, o grande paradoxo é que não sabemos nada sobre a morte e, por isso, a produção de sentido da vida humana só pode ser um exercício de imaginação. Diante da morte, só nos resta imaginar, inventar não no sentido pejorativo do termo, mas inventar respostas fundamentalmente plausíveis, que nos apresentem alguma possibilidade de compreensão do incompreensível. Estas respostas plausíveis talvez sejam uma das ações humanas mais relevantes, na medida em que, como veremos neste capítulo, elas proporcionam e garantem a manutenção da própria existência.

Os mundos imaginários das religiões não são produtos de uma humanidade ainda na infância. Eles não se dissiperão automaticamente como o progresso

²⁸⁹ O Teólogo Karl Rahner possui extensa obra que procura situar o papel da teologia no mundo contemporâneo e do cristianismo frente às demandas do pluralismo religioso. Cf Hackmann, G.L.B. e Dal Pozzo, E. Investigando o conceito de “cristianismo anônimo em Karl Rahner”. In: Teocomunicação, Porto Alegre, v. 37, n° 152, pp. 369-395. Set. 2007.

²⁹⁰ Morin, Edgar. O problema epistemológico da complexidade. Porto: Europa América. 1985.

das “Luzes” do conhecimento e os benefícios da educação. Eles são testemunhas do esforço permanente dos homens para enfrentar seus limites, conjurar seu medo diante da morte e esperar por um mundo melhor, no qual a injustiça e o sofrimento terão sido vencidos. Utopias, certamente, mas que o obrigam os homens a se inventar.²⁹¹

No Brasil, um país cuja formação social esteve atavicamente ligada a uma instituição como o catolicismo desde o início de sua colonização²⁹², foi produzida, como já tratamos anteriormente, uma série de respostas sobre a morte elaborada em torno dos manuais *de bem morrer*, da estética da *ars moriendi* e da construção de ritos mortuários formulados em torno das práticas das Irmandades Religiosas.

As Irmandades Religiosas representam o processo de construção da história dos catolicismos no Brasil, assim concordamos com Maria Lúcia Montes que desde a colônia as Irmandades são responsáveis pela criação do ethos religioso, por isso é impossível abordar historicamente a composição do catolicismo sem dedicar a referência às Irmandades como gestoras da vida religiosa brasileira, principalmente no que se refere à construção das devoções, a organização das festas religiosas que marcam a vida pública da sociedade brasileira enfim as Irmandades durante pelo menos 3 séculos foram mediadoras entre a instituição católica e a vida social e principalmente como gestoras da forma de morrer.

Em geral cada templo acomodava diversas irmandades, que veneravam seus santos patronos em alteras laterais. Existiam irmandades com a mesma denominação espalhadas pelas igrejas do Brasil e mesmo de cada província ou cidade. Os templos que ocupavam representavam um marco fundamental de identidade, pois, funcionava, em princípio, mais de uma confraria com o mesmo nome.²⁹³

Todos os trabalhos consultados nesta pesquisa que tratam dos rituais mortuários católicos no Brasil desde o século XVII têm como base de suas narrativas a atuação das Irmandades Religiosas, recapitulamos João José Reis na citação anterior, Claudia Rodrigues, Luciana Sobra, Paulo Berto, Paulo Quiossa, Diego Fontes Tavares entre outros, assim, as Irmandades Religiosas são a marca de um ideal moral, estético da religiosidade brasileira ao comportar em sua estrutura além do condensado cultural característico da sociedade brasileira também a sua hierarquia social. “As confrarias cuidavam que seus membros ricos ou pobres, tivessem enterros

²⁹¹ Godelier, Maurice. Op. Cit. p. 43.

²⁹² Montes, Maria Lúcia. Op.Cit.

²⁹³ Reis, João José. Op. Cit. pp. 49-50.

solenes, embora os ricos as usassem com frequência para tornar seus funerais mais opulentos.”²⁹⁴

A religião popular é um fato no Brasil. Não só um fato sociológico e histórico, mas também uma realidade espiritual. A cultura popular traduz a experiência de vida do povo — a sua vida, suas dores, seus medos e suas esperanças. Mostra interesses as preocupações e os valores populares. Encontramo-nos num período histórico e no interior de uma cultura que se satisfaz com o esfacelamento, o individualismo e o consumismo. Nos meios populares, no entanto, ainda há mais sentido de solidariedade, colaboração e comunidade.²⁹⁵

Por meio da longa tradição religiosa de inserção social das Irmandades é que podemos afirmar a existência de uma religiosidade que dialoga com a instituição igreja, faz parte dela, mas não representa integralmente, normalmente está religiosidade é chamada de popular com o intuito de diferenciar-se da institucionalidade, essa religiosidade se apresenta por meio das experiências de vida, por meio de aprendizados que se estendem por gerações e que talvez sejam difíceis de ser apreendidos por qualquer pesquisa e por este motivo temos que, do ponto de vista metodológico, criar estratégias explicativas semelhantes a Carlo Ginzburg que trabalha com o método indiciário.

No entanto, existe uma imagem consagrada e reproduzida à exaustão, como demonstramos no primeiro capítulo desta tese por meio da discussão bibliográfica, que afirma que o processo de secularização da morte na sociedade brasileira promoveu o esvaziamento de seu conteúdo religioso. Esse processo, que começou na segunda metade do século XIX, avultou-se em torno do controle civil sobre a morte e se expressou por meio das práticas e do discurso médico-científico que gradativamente se assenhorou do seu controle por meio da produção de uma biopolítica²⁹⁶ no Brasil.

Assim, a partir de meados do século XIX, o embate político pelo poder do Estado que se desenrolou entre a Igreja Católica — um braço importante deste Estado — e setores da elite agrária brasileira, representada pela maçonaria e por uma parcela significativa do Partido Liberal, conduziu à construção de um determinado projeto que

²⁹⁴ Idem. p. 144.

²⁹⁵ Passos, Mauro. Nos olhos de quem vê — “Encomendações de almas” na religiosidade popular em Minas Gerais In: Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Maringá (PR) v. V, n.15, jan/2013. ISSN 1983-2850 Dossie Memória e Narrativas nas Religiões e nas Religiosidades. p. 146.

²⁹⁶ Rodrigues, Claudia e Lopes, Fábio. Op. Cit. p. 50.

se autoproclamava de “modernidade” e colocava na agenda daquele contexto a necessidade de que o Estado se organizasse noutros termos, o que excluía o controle²⁹⁷ da Igreja sobre a vida civil da sociedade.²⁹⁸

A história que pretendemos abordar neste capítulo guarda certa semelhança com a experiência narrada por Anne Ducloux²⁹⁹, um dos artigos mais emblemáticos da coletânea organizada por Maurice Godelier³⁰⁰. Este artigo trata dos rituais mortuários islâmicos sunitas no Uzbequistão, especificamente na cidade de Samarcanda.

A questão fundamental de Anne Ducloux é demonstrar que, apesar das inúmeras campanhas antirreligiosas que foram executadas pela ex-URSS até 1983, os ritos funerários tiveram poucas mudanças na República Soviética Socialista do Uzbequistão, pelo menos durante a maior parte do século XX. As práticas funerárias islâmicas sunitas vivenciadas na cidade Samarcanda são longos funerais, nos quais o papel das mulheres é fundamental, pois são elas quem dirigem os ritos.

Em Samarcanda, a tradição prescreve que as mulheres devem lamentar durante três dias, em duas sequências rituais, o *djahr* e o *sadr* nas quais se perde totalmente o controle de si: em contrapartida, as enlutadas ficam reclusas são submetidas a certas macerações durante quarenta dias que seguem o óbito, enquanto o *ruh*, a alma superior do defunto (ou defunta) vagueia entre o seu túmulo e a câmara mortuária.³⁰¹

O ritual funerário desenvolve-se em torno de um grande objetivo, que é conduzir a alma da pessoa até o céu para que se encante com as maravilhas do paraíso e, com isso, não vague pela terra. Desta forma, desenvolve-se no funeral um drama de sofrimento, havendo neste drama a prática do chorar copiosamente e muito alto, que foi proibida pela KGB (uma das poucas interferências da URSS), pois a

²⁹⁷ Em relação à ideia de controle, cabe aqui indicar que além de a concebemos como o domínio sobre algo, também nos fundamentamos no que Roy Wagner que entende, também, por controle maneiras pelas quais se procede a compreensão da extensão do mundo por meio da invenção de seus significados.

²⁹⁸ A Igreja era uma instituição que regulou a vida social brasileira e, como veremos neste capítulo, formulou as bases sob as quais se assentou a formação social do Brasil como um país independente, por meio de uma parceria entre o poder espiritual e temporal. “Por outro lado, nenhum país vive impunemente sob o império da união do poder espiritual e temporal, de Igreja e Estado, por quatro séculos, sem que isso deixe na sociedade e na cultura marcas indeléveis”. Cf Montes, Maria Lúcia. Figuras do Sagrado: Entre o Públco e o Privado na Religiosidade Brasileira. São Paulo: Claro Enigma. 2012. p. 58

²⁹⁹ Antropóloga membro associado do CETOBAC (Centre des Études Turques, Otomanes, Balkaniques e Centrasiatiques.)

³⁰⁰ Godelier, Maurice. Op. Cit. pp. 258-274.

³⁰¹ Ducloux, Anne. A morte no Uzbequistão. In: Godelier, Maurice. Op.Cit. p. 260.

crença é que esse quadro de sofrimento conduza a pessoa que morreu a um processo de desligamento, sabendo que os seus parentes sofrem com sua perda, porém o querem ver junto a Alá.

Anne Ducloux coloca que, apesar de algumas concessões feitas ao regime socialista, os ritos funerários em Samarcanda, pouco ou quase nada se alteraram, observando que não tinham razão alguma para mudar. No entanto, com a independência do país em 1991, o presidente Islam Karimov, com a meta de levar o país rumo à modernidade e à democracia, começa a reformular o que considerava ser “práticas de outras épocas”, que remetiam a um passado de atraso.

Desta forma, no ano de 2007, as lamentações foram proibidas pelos imãs locais e as *bikhalfas*³⁰² foram, segundo a autora, persuadidas a mudar essas fases dos rituais mortuários para *zíkr*, que é um termo que relembra as cerimônias sufis³⁰³ de rememoração de Deus. O argumento para essa substituição foi que, com a abertura ao ocidente e consequente aumento do fluxo de turistas ocidentais na região, essas pessoas não entenderiam os rituais dramáticos em torno da morte e, portanto, essas práticas não agradariam às percepções que o ocidente poderia ter do oriente.

Desde então, os rituais mortuários na região de Samardanca estão esvaziando-se de seu conteúdo religioso, mudando suas feições em meio a um embate que a autora denominou da *autocracia decidindo modernizar a vontade divina*³⁰⁴. Este embate pela modernização da vontade divina impôs-se ao diminuir a autoridade que as *bikhalfas* exerciam sobre os funerais e sobre as mulheres de forma geral, pois representavam a autoridade divina.

A partir dos anos 1990, a autora demonstra o gradual desmonte desses rituais, sem que sua aparência fosse totalmente alterada, mas a sua essência fosse de tal forma modificada que, atualmente, ao indagar o significado dos rituais, a resposta recorrente é: sabemos que fazemos, mas não temos ideia dos motivos.

Durante algum tempo acreditei que as mudanças nas cerimônias multisseculares, feitas por imposição, tivesse permitido induzir nos enlutados uma “reflexividade”, um “retorno a si mesmos”, um distanciamento voluntário que os tornaria capazes de decifrar as lógicas de suas próprias práticas e representações e que ultrapassassem as explicações muçulmanas recorrentes. Mas, como inúmeros antropólogos de campo já constataram,

³⁰² Bikhalfas podem ser comparadas parcialmente às “mulheres-mulás” que conduzem os rituais familiares femininos. Ducloux, Anne. In: Godelier, Maurice. Op. Cit. p. 262.

³⁰³ Nessa época, o sufismo era considerado de acordo com Anne Ducloux “um islã do bem”.

³⁰⁴ Ibidem, p. 269.

essa reflexividade é raríssima, pois, “os participantes não compreendem verdadeiramente o porquê do que fazem, mesmo que saibam por que fazem”.³⁰⁵

Apesar das distâncias geográficas, históricas, culturais e políticas, essa experiência de Samarcanda pode ser interessante interlocutor para compreendermos as sutilezas das tradições religiosas em torno da morte, sob dois pontos de vista. O primeiro está no fato das percepções dos indivíduos e das sociedades sobre os ritos que praticam e, diretamente ligada a essa percepção, está a forma com que se compreendem as mudanças, impostas ou não, sobre esses mesmos ritos religiosos.

Os rituais mortuários no Brasil, de forma geral, estão gradativamente se esvaziando de seus conteúdos religiosos, mas não necessariamente da maneira como é tratada pela historiografia, como um processo praticamente consumado a partir do modelo europeu de modernidade e secularização³⁰⁶ da sociedade.

Esse processo ainda está em curso, apesar do que denominamos de secularização da morte ser apresentado como ruptura histórica situada em meados do século XIX e sofre um gradual esvaziamento entre memórias, histórias, rupturas e permanências nem sempre conscientes ou nem sempre totalmente inconscientes, como mostram as experiências vividas por nossos entrevistados.

Por esta razão, acreditamos que o século XX tem muito a revelar sobre experiências religiosas que explicam a morte em torno do ideário do *bem morrer* que foi incorporado a essas práticas como a representação do sentido da existência e, nesse aspecto, ainda guarda, mesmo que implícita e sutilmente, as proposições deste ideal de morte elaborado no século XVII e XVIII presentes nos manuais que tratamos no terceiro capítulo.

Tal processo acreditamos corroborar com a ideia de Maurice Godelier e outros pesquisadores como Anne Ducloux de que existem questões invariantes sobre a morte, cujas respostas mais eficazes são elaboradas em torno de concepções religiosas. O *bem morrer* é uma delas, que esteve presente nos manuais jesuítas, nas práticas das Irmandades Religiosas, na *ars moriendi* e ainda está presente na vida de pessoas nas mais variadas regiões do Brasil, como um objetivo existencial.

³⁰⁵ Ibidem, p. 273.

³⁰⁶ Dois conceitos que andam juntos. **CF** Botelhos, Jorge. Múltiplas Modernidades, Múltiplas Secularizações e Secularização Contextual: Novas Perspectivas sobre o Estudo Sociológico da Religião. In: Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 37(3): 125-149, 2017.

4.7 O *innclesiamento* confrontando a secularização

A temática da secularização assim é tratada como um marco histórico por esta produção acadêmica e, apesar de situar historicamente os embates políticos que se travaram em torno da secularização da morte como um elemento fundamental dos ataques à Igreja no século XIX, esta bibliografia não estabelece uma mediação entre o projeto político e a sua efetivação. Por isso, secularização torna-se um marco histórico: a morte antes e após o processo de secularização da sociedade brasileira, como vem na bibliografia tratada no primeiro capítulo.

No entanto, entendemos que a questão da secularização é um debate em aberto e deve ser pensada como um ideal, inserido na lógica do modelo europeu de sociedade como um projeto das elites, que não necessariamente representa a vida cotidiana da sociedade brasileira, ainda mais se pensarmos que o conteúdo político da palavra secularização é carregado de um projeto civilizador e normatizador que pretende uniformizar comportamentos e lógicas de uma sociedade pluralmente composta e multirreligiosa como a sociedade brasileira, como o disse bem Anne Decloux: é o desejo de “modernizar a vontade divina”.

Por isso, tentamos abordar o “desejo de modernizar a vontade divina” confrontando por meio do *innclesiamento* e, em função disso, acreditamos que a secularização deva ser contextualizada³⁰⁷, tendo em vista sua relação intrínseca com a ideia de modernidade — com pelo menos um determinado projeto de modernidade no Brasil.

Mas, no adentrar do século XX, com e apesar do projeto secularização (que, pelo menos do ponto de vista legal, foi instituído no Brasil com a proclamação da República) a Igreja, ainda na Primeira República, reestrutura o processo de *innclesiamento* com o início da política de D. Sebastião Leme por meio da ação católica. Na Era Vargas, a Igreja como instituição retoma sua esfera de influência sobre o Estado, consolidando-se a partir da política implementada por D. Leme.³⁰⁸

³⁰⁷ Botelhos, Jorge. Op. Cit.

³⁰⁸ Aquino, Maurício. *Modernidade Republicana e Diocenização do catolicismo no Brasil: Relações entre Estado e Igreja na Primeira República (1889-1930)*. IN: Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 32, nº 63, p. 143-170 – 2012.

Della Cava, Ralph. Igreja e Estado no Brasil do século XX. Estudos CEBRAP. N.12, pp 5-52, 1975. Mesquida, Peri. A Educação na Restauração Lemista da Igreja: a missão de Tristão de Athayde e Stella de Faro no Ministério da Educação e Saúde Pública – 1934/1945. In: Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 9, n. 27, p. 279-295, maio/ago. 2009.

Assim sendo, dada a complexidade dos sistemas sociais, nomeadamente das sociedades avançadas, a especificidade das condições culturais e das circunstâncias históricas de cada país e as eventuais variações nacionais e intranacionais da secularização, consideramos necessário analisar de forma menos abstrata as condições que conduzem à deslocação e recomposição do religioso. Deve-se descodificar mais concreta e profundamente a diversidade destas deslocações e recomposições. Ou seja, é necessário entender quais os efeitos do atual contexto sociocultural e político (resultante do ponto de partida histórico e dos seus desenvolvimentos) sobre a religião, possibilitando, desse modo, o estabelecimento de quadros analíticos mais flexíveis e precisos. Em certa medida, os cientistas sociais vêm advogando essa posição. De um lado, questionam a atualidade dos pressupostos da secularização (Norris e Inglehart 2004; Pickel 2011) e a frutuosidade do debate (Casanova, 2007); de outro lado, afirmam a necessidade de mudança no rumo das pesquisas sobre este fenômeno (Halikiopoulou, 2011) e procuram categorias de análise mais complexas, sofisticadas e reflexivas (Casanova, 2012). Isto culminou, segundo Woodhead (2009), na emergência de um novo paradigma da secularização, a *secularização contextual*, que vem sendo defendido por autores como Casanova (2007) e Ben-Porat e Feniger (2013), mas, sobretudo, por Gert Pickel (2011).³⁰⁹

Mas é na vida cotidiana do século XX que podemos apreender contextualizadamente os limites da secularização no Brasil, pois, além da memória histórica dos municípios brasileiros constituírem-se atavicamente vinculada à produção de um passado católico, os rituais mortuários, em função dessa memória, permanecem transcorrendo a partir da organização da cosmovisão religiosa.

Por esse motivo, trouxemos a história de Espírito Santo do Pinhal como um modelo do processo de *inneclesiamento*, tendo em vista que sua memória histórica católica e a conformação dos rituais mortuários em torno do ideário *do bem morrer* perpassam a vida da comunidade, revelando o processo histórico de produção do *ethos* católico brasileiro, que promove por meio da constituição de uma comunidade espiritual a experiência do *bem morrer* que se assenta na transmissão de conhecimento fundamentalmente pautado na oralidade.

Percorremos assim, a memória que a morte produz numa série de entrevistas que realizamos durante a pesquisa de doutorado, procurando por meio desses relatos de experiência compreender a morte como um acontecimento sócio-religioso que representa uma duplidade cruzada³¹⁰, tomada como fato da natureza que desestabiliza e provoca o caos e tomada como fator de compreensão de mundo que,

Moreira, Regina da Luz. Notas Biográficas Sebastião Leme. In: <https://portal.fgv.br/>. Acesso em 22 de outubro de 2016.

³⁰⁹ Ibidem, p. 138

³¹⁰ Geertz, Clifford. Op. Cit. p. 193

por meio da simbologia religiosa — às vezes imemorial — se expressa como um longo aprendizado sobre a longevidade *da boa morte*.

Finalmente, para concluir trazemos a questão *do bem morrer* retomada pelas Ciências da Vida como preocupação profissional e de política pública de saúde. É importante para a tese trazermos esta questão, pois, o campo do conhecimento que mais condenou as concepções religiosas sobre a morte foi o discurso médico-científico, que, atualmente, volta-se para a reflexão sobre as expressões religiosas em relação à morte. Apesar desse campo do conhecimento ser o que mais se aproxima a ter um controle sobre ela — pois, possui tecnologia acumulada pelo menos para retardá-la — ao mesmo tempo se apresenta frágil diante da morte.

Assim, partimos da hipótese central nesta tese que, diante da morte, ainda não somos todos modernos, mesmo que entendamos modernidade como um conceito múltiplo com múltiplas práticas e interpretações. Em nosso caso, entendemos modernidade como o antropólogo Bruno Latour, citado no capítulo 3 desta tese, que, ao tratar da sociedade ocidental, demonstra que o que denominamos de modernidade é um recorte no conhecimento elaborado a partir de uma perspectiva fragmentada que se expressa pela separação entre natureza e sociedade. A partir disso, nossa vida transformou-se em migalhas...

Nessa constituição do ideário moderno, de acordo com Bruno Latour, Deus foi suprimido. Na verdade, tornou-se um ser distante, um ser que não interfere mais no mundo do homem nem conduz suas ações. De certa forma, essa ideia faz um enorme sentido se partimos do pressuposto de que, a partir do século XVII, na Europa Ocidental, pensadores como Thomas Hobbes e John Locke fundamentaram suas teorias de ação política baseados na ideia de *natureza humana* e a tratam como determinante nas escolhas do homem.

Não há nenhuma interferência divina em relação às condições que se desenvolvem a vida social movida pela *natureza humana* é essa natureza que explica nossas relações de poder e com o poder, com a propriedade, com a liberdade, igualdade, violência, compaixão etc. Somos seres movidos por nossa própria natureza.

No entanto, como vimos também no capítulo 3, os séculos XVII e XVIII também produziram os Manuais de *Bem Morrer* que, por meio de uma linguagem arrojada como aparelhamento, método, exercício que denotam procedimentos pragmáticos,

elaboram princípios para um cristão construir uma boa morte de acordo com a mobilização a simbologia religiosa ligada à escatologia católica, como o trinômio central desses manuais: o Santíssimo Sacramento, o culto à Cruz de Jesus e o culto à Virgem Maria que representam a salvação da alma ao referenciarem, respectivamente, a ressurreição, o sacrifício e o poder da intercessão todos símbolos da misericórdia de Deus.

O que significa uma forma de pensar centrada na ideia do homem como produtor de ações — nesse caso o *Bem Morrer* — em compasso com a ação divina como o caminho, como o aparelhamento para o enfrentamento da morte. Portanto, os Manuais de *Bem Morrer*, com o manejo léxico afinado com o vocabulário da modernidade, afinam a vontade humana com a vontade divina respondendo a perguntas invariantes sobre a morte como: o que acontece no último instante da vida? Para onde vamos quando morremos? Por que a humanidade é mortal? De que forma a memória do morto é preservada?

Assim, a compreensão da morte em Espírito Santo do Pinhal é resultado do *inneclesiamento*, como o são o culto aos santos padroeiros — principalmente ao Divino Espírito Santo —, a tradicional procissão da Semana Santa e de Corpus Christie, os festejos de Natal, o feriado municipal para dia de Santa de Luzia³¹¹, padroeira do bairro de italianos, como o é o culto a Nossa Senhora do Café³¹². São constatações por meio das quais podemos afirmar que a vida em torno da *Eclésia* no Brasil está longe de ser uma realidade em processo de esvaziamento. Muito ao contrário: na medida em que existe a produção de uma memória histórica que expressa que a história como preocupação com o passado, como busca de se forjar identidades, também passa pelo reconhecimento da vida se *inneclesiando*.

³¹¹ Dia 13 de dezembro dia de Santa Luzia é feriado municipal desde 1995, conforme Lei n 2.132 de 28 de Junho de 1995, de autoria do vereador Antonio Ragazzo, morador do Bairro de Santa Luzia. Atualmente a comunidade continua lutando para a preservação de tamanha devoção, não medindo esforços para atender aos romeiros que vêm de diversas cidades de São Paulo e Minas Gerais. Calcula-se que durante a primeira semana de dezembro até o dia 13 de dezembro, passam pelo bairro aproximadamente 30.000 devotos a Santa Luzia, e são celebradas diversas missas principalmente no dia 13, por padres da cidade e padres vindos de outras paróquias, para melhor atender aos romeiros e devotos. Arquivos da Câmara Municipal de Espírito Santo do Pinhal.

³¹² Torres, Valéria Aparecida Rocha. Nossa Senhora da Café: A Construção de uma Devoção em Espírito Santo do Pinhal (SP). In: Revista Ciberteologia Teologia & Cultura. Edição nº 56 – Ano XIII – Setembro/Dezembro. 2017.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A morte é uma conclusão inconclusiva.

A morte é essencialmente **o acontecimento** da vida humana, marca cronologias, ciclos e períodos e determina o impreciso tempo de nossa existência e por mais paradoxal que seja a ideia de determinar-se a imprecisão, a morte sintetiza e simboliza essa função ontológica.

Como acontecimento religioso é que a morte se estrutura no processo de *innclesiamento* brasileiro em ações coletivas, partilhadas, compartilhada, solidárias na melhor das tradições criadas pelas Irmandades Religiosas, que ao longo de mais de dois séculos geriram o processo e o sentido da morte e do morrer no Brasil, ações que persistem apesar da vida secular, num estilo de vida que estabeleceu uma morte solitária, a exata distância entre o corpo banhado pelos seus familiares e o corpo embrulhado em um saco plástico.

No Brasil histórica e socialmente existe de morrer, ou melhor, de *bem morrer* um ideário que atravessa séculos, produzido pelo *ethos* religioso brasileiro formulado em torno do processo de *innclesiamento*, a construção da vida social em torno da Eclésia onde o habitat, a zona funerária e o local de culto produzem os espaço territorial e espiritual, conceito que tomamos emprestado do historiador francês Michel Lauwers e que por meio dele buscamos compreender um traço marcante da vida brasileira que é a ideia da boa morte.

Esse ideário de *bem morrer* é resultado de uma visão de mundo e de um comportamento *innclesiado* que se configura e expressa por meio de uma rede de similaridades entre os rituais mortuários ao longo do território brasileiro como um denominador comum no enfrentamento da morte e na construção de seus sentidos, em função desta constatação é que podemos afirmar que diante da morte as perguntas e as respostas formuladas e elaboradas pela sociedade brasileira ou por uma parte considerável da sociedade brasileira são uníssonas, ou melhor, invariantes.

O ideário do bem morrer é uma confluência de algumas situações historicamente e socialmente datadas: a política jesuítica no Brasil e o seu projeto de evangelização no processo da Reforma e Contrarreforma, as ações da vida religiosa ordenadas e coordenadas em torno Irmandades Religiosas e a produção de um conhecimento nos Manuais da Boa Morte que com uma mensagem simples e didática

respondem a questões que são invariantes sobre a morte, como por exemplo, o que acontece no último instante de vida, no último suspiro? O que acontece após a morte?

Esses manuais foram lidos talvez pelos poucos letrados do Brasil colonial, mas com certeza foram praticados, reproduzidos e interpretados pelas Irmandades Religiosas que existiram em todo país como gestoras do processo de morrer, as irmandades criaram o roteiro da morte no Brasil inspiradas no ideário de *bem morrer* formulado pelos manuais. Assim, ao falarmos da morte no Brasil é inviável não considerarmos essas expressões que com certeza se estendem no tempo e no espaço de nossa história e vão além de modelos pré-estabelecidos que emergem de outras experiências sociais como as europeias, por exemplo, mesmo que tenha

Por este motivo no primeiro momento desta tese procuramos a morte como acontecimento religioso sob a ótica da produção acadêmica e assim encontramos uma linhagem de pensamento a respeito da morte, os trabalhos transitam pela historiografia, antropologia e sociologia e praticamente constroem suas análises a partir de um modelo analítico cuja grande referência está assentada no trabalho do historiador francês Philippe Ariès, não há dúvidas que o trabalho de Ariès sobre a morte no ocidente europeu é um marco, porém, que se inicia há 50 anos.

Obviamente existem outros historiadores boa parte deles franceses filiados à Escola dos Annales, mesmo que indiretamente que trabalham com a morte e o e seus múltiplos sentidos, como Michel Vovelle e Jacques Le Goff, o próprio Michel Lauwers com quem dialogamos, no entanto, o itinerário da morte elaborado por Ariès se torna o caminho mesmo para quem se dispõem a estudar a morte em países como o Brasil que se formou em torno do processo de colonização europeia mas que ao longo de sua história construiu-se socialmente num condensado cultural afro-ameríndio, um país em que boa parte de seus municípios pós-independência se formou em torno do *inneckesiamento*.

Dessa forma, o itinerário da morte proposto por Ariès e reproduzido pela historiografia brasileira e parte por uma parte dos trabalhos em Ciência da Religião não se adéqua a ideia, como a sociedade europeia, de alinhar como marco histórico de rupturas o binômio modernidade/ secularização a partir do modelo de desenvolvimento de países como a França, portanto, procuramos dessa maneira demonstrar a possibilidade de outras interpretações e formas de compreensão dos sentidos da morte e do morrer na sociedade brasileira.

E ainda em relação à bibliografia escolhida como interlocutor para nossa discussão foi importante apontar para a interpretação das fontes, pois acreditamos que mais importante do que demonstrar um incomensurável arrolamento de fontes é a forma como as interpretamos e contextualizamos, trabalhos como *A morte é uma Festa* de João José Reis ou nas *Fronteiras do Além* de Claudia Rodrigues são paradigmáticos para essa discussão, pois, apresentam uma enorme arrolamento de fontes fundamentalmente testamentos para neles constatar a presença de um projeto de coerção da Igreja Católica sobre a vida social, bem como a promoção da veiculação de uma *pedagogia do medo* da morte que se torna veículo desse controle social.

Sendo assim, nesta tese propusemos outra leitura para uma série documental consagrada em trabalhos de cunho historiográfico e pouco analisadas em trabalhos de Ciência da Religião, que são os Manuais de Bem Morrer elaborados fundamentalmente entre os séculos XVII e XVIII principalmente por padres Jesuítas, pelos menos os manuais mais conhecidos foram escritos por padres Jesuítas.

Fomos buscar nesses manuais outra leitura ou outra possibilidade de leitura, pois, para muito além de formular um modelo de elaboração testamentária que se tornou a formula dos testamentos brasileiros até o início da República, os Manuais de *Bem Morrer* em primeiro lugar são a formulação de um modelo explicativo sobre o sentido da morte de e para um cristão, na verdade como documentos elaborados por uma ordem religiosa de extrema importância na presença da sociedade brasileira que são Jesuítas, esses manuais são testemunhos de uma visão de mundo que a partir da ideia de um exercício constante de enfrentamento do homem diante de sua morte formulam um modelo explicativo sobre o sentido da morte em torno da salvação da alma que por meio de exercícios espirituais mobilizam a misericórdia e a vontade divina.

Demonstramos no capítulo terceiro que é possível encontrar nos manuais de *Bem Morrer* respostas às perguntas que são invariantes sobre a morte como, por exemplo, o foco central dos manuais que a preocupação com o último instante de vida, sem dúvida nenhuma a preocupação com o último instante é derivada toda uma compreensão da *ars moriendi* desde o século XIII na Europa cuja representação do moribundo no seu leito de morte em meio ao embate de anjos e demônios por sua alma é um apelo impactante para o sujeito se arrependa dos seus pecados e se reconcilie com Deus.

Porém, os Manuais por meio dos exercícios que propõem abrem um universo de formulações que extrapolam o impacto da imagem, nessa elaboração existem algumas ideias que são fundamentais a primeira delas é a capacidade humana de se auto avaliar, quando os autores apontam que por meio do exame de consciência é possível ao homem mesmo no seu leito de morte considerar a sua própria vida e pensar nos parâmetros do que foi certo do que foi errado durante a sua existência.

Uma segunda questão em relação elaborada pelos dos manuais é a de que uma ação humana como a confissão é capaz mobilizar a vontade Divina e mais que a vontade de Deus é a capacidade de mobilizar a Misericórdia de Deus e para isso é necessário conhecer e aceitar os símbolos dessa Misericórdia que são o Santíssimo Sacramento, o sacrifício de Jesus na Cruz e o sofrimento da Virgem Maria por causa da morte do filho se torna a grande intercessora do ser humano junto a Deus.

Esse Deus é consolador e misericordioso e está muito longe de ser o Deus repressor e controlador que como a historiografia demonstra, com certeza por se preocupar em debruçar seu olhar somente para institucionalização de Deus. Para uma mãe que perdeu seu filho há três anos e há exatamente três anos vive no processo de elaboração do luto, Deus é um ser delicado, com certeza ao longo da história da humanidade Deus já foi definido por centenas de expressões, mas delicadezas de Deus é a maneira que essa mãe interpreta todas as lembranças e situações que remetem à memória de seu filho, sinais de delicadezas de Deus para lhe dizer: “ seu filho está bem, ele morreu bem.”

Assim em torno dos rituais do último instante e dos exercícios remotos propostos pelos manuais, pois, de acordo com os seus autores se o último instante é crucial o melhor seria se preparar durante toda a vida para enfrentar a morte. Os manuais apresentam um modelo de cristão, ao contrário do que pode supor a pedagogia do medo, um indivíduo que não teme enfrentar a morte, porque está com Deus e com outras pessoas que o cercam.

O antropólogo Maurice Godelier foi uma importante interlocução para o trabalho ao afirmar que a morte é pesada para o cristão, pois o próprio Deus experimentou a morte por meio de Jesus Cristo, isso também não há dúvida, porém alinhados com o antropólogo francês, marxista e ateu, consideramos que essa religião produziu na invenção de uma boa morte o caminho para vida eterna dando aos cristãos católicos respostas sobre o seu fim, sobre a segurança do seu último instante, sobre o destino

de sua alma criando um conceito de uma boa morte, de maneira simples, uma coisa que é boa não pode ser ruim.

Por isso, no adentrar do século XX trabalhamos com a hipótese da longevidade do ideário de bem morrer, negamos de certa forma, uma formula consagrada que trata de rupturas e permanências na longa duração da história, na verdade ao trazermos práticas mortuárias vividas pela população católica em Espírito Santo do Pinhal (SP) procuramos demonstrar que a longevidade do bem morrer se faz presente, fundamentalmente pelo fato de ser uma formulação religiosa e por isso demonstramos a vida dessa sociedade se constituindo em torno do *innclesiamento*.

Um *innclesiamento* que produz memória elabora história, possibilita uma rede de solidariedade e de pertencimento em torno do ideário de que é possível enfrentar a morte, organizar o caos que ela produz e se confortar a partir das respostas que a religião lhe oferece. Esse modelo mesmo que no século XX estivesse configurado em outros parâmetros guardam em seu interior as mesmas formulações dos manuais, mais que isso as mesmas respostas que não variam. Assim, uma senhora que perdeu seu filho por suicídio sente-se confortada e conformada ao afirmar com a mais absoluta convicção de que o padre ao recomendar sua alma lhe garantiu uma vida eterna de paz junto a Deus.

Outra jovem senhora que perdeu o filho em função de uma doença incurável afirma categoricamente, que Deus lhe faz inúmeras *delicadezas* quando ela consegue ver que todas as memórias de seu filho são maneiras de Deus lhe dizer que ele está bem, que ele ainda vive e que sua um dia eles irão se encontrar por causa da misericórdia de Deus.

Mas o que realmente corrobora com nossa hipótese de que existe uma forma brasileira de morrer e esta forma é o bem morrer que pode ser considerado como o ethos religioso brasileiro, e como tal atravessa os projetos políticos pautados no binômio modernidade/secularização, justamente por estar atavicamente *innclesiado* na vida social brasileira. Assim procuramos por meio análise comparativa apresentar outras experiências com a morte inseridas no universo católico brasileiro a fim de ressaltar suas semelhanças alocadas no tempo e no espaço.

Para finalizar queremos deixar evidente que está pesquisa pode ser importante para o diálogo entre a Ciência da Religião e a Ciências da Vida, pois, como um importante interlocutor sobre os saberes e conhecimentos em torno da morte. Entre

outras questões acompanhamos os debates entre os profissionais da saúde que pelo menos em parte se dedica a refletir sobre a morte no cotidiano de seu trabalho, nas formas de abordagem dedicadas as pessoas em situação de finitude da existência, quanto ao tratamento dedicado aos familiares dessas pessoas, fundamentalmente a problemática envolve a formação e qualificação dos profissionais da saúde. Além disso, há alguns anos o SUS começou a formular uma série de questionamentos ao sistema de saúde quanto a programas de educação para morte, da mesma maneira que existem programas de preparo para o nascimento.

Enfim, essa questão do preparo para a morte abre uma enorme demanda que está muito longe de ser um consenso, mas o que observamos é que a saúde pública por meio de algumas práticas como os Cuidados Paliativos vem demonstrado sensibilidade em relação à finitude e ao direito das pessoas a uma boa morte, tanto é que o termo reapropriado para descrever seus procedimentos é boa morte ou bem morrer, porém, apesar da tolerância e respeito dessa prática em relação às crenças religiosas há sem dúvida alguma pré-conceitos que necessitam ser superados, há muito que se aprender com as religiões inclusive falar sobre a morte.

Para finalizar é importante frisar que durante a construção do objeto desta podemos ouvir e falar sobre a morte com pessoas “comuns” unidas por alguma identidade como ser católico, em uma cidade pequena e, portanto de certa forma partilharam de histórias de vida similares, mas ao ouvi-los e ouvi-las provocamos nessas pessoas a expectativa de saber que suas experiências estariam registradas de alguma forma e não quaisquer experiências, mas suas experiências diante da morte.

ANEXOS

Anexo I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.

Eu Valéria Aparecida Rocha Torres, RG 16.384.459 e CPF 60471646687 responsável pela pesquisa **Diante da Morte ainda não somos todos Modernos: O ideário do Bem Morrer e o Ethos Católico no Brasil** que é meu projeto de Doutorado no Programa Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo estou fazendo um convite para você participar como voluntário deste meu estudo. Esta pesquisa pretende recuperar a memória do catolicismo popular e seu cuidado com a morte por meio da memória de católicos praticantes. Acredito que ela seja importante porque há muito a fazer em termos de preservação da memória de praticar religiosas populares no Brasil, principalmente àquelas que se relacionam com a morte. Para sua realização será feito o seguinte: faremos uma entrevista com perguntas que lhes serão indicadas com anterioridade sobre a sua relação e participação em práticas funerárias que fizeram parte da solidariedade católica diante da morte em Espírito Santo do Pinhal, bem como suas experiências de enfrentamento da morte por meio de sua crença religiosa, no caso o catolicismo. Sua participação constará de (participação do voluntário). Não há riscos nessa pesquisa tendo em vista que as suas informações somente serão incorporadas à pesquisa após o seu consentimento. Os benefícios que esperamos como estudo serão a nossa contribuição para a preservação da memória religiosa em Espírito Santo do Pinhal. Você tem garantido o seu direito de não aceitar participar ou de retirar sua permissão, a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo ou retaliação, pela sua decisão (voluntariedade). As informações desta pesquisa serão confidenciais, e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação (confidencialidade). Fica também garantida indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extra-judicial.

AUTORIZAÇÃO

Eu, , após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido. Diante do exposto expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo. Assinatura do voluntário ou de seu representante legal Assinatura de uma testemunha Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste voluntário (ou de seu representante legal) para a participação neste estudo.

Assinatura do responsável pela obtenção do TCLE Dados dos pesquisadores:

Nome:

Endereço:

Telefone:

Endereço eletrônico:

Dados do CEP responsável pela autorização da pesquisa:

Endereço:

Telefone:

Endereço eletrônico:

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

1. Dentro da comunidade católica, quais eram as primeiras providências tomadas quando uma pessoa morria?
2. Como era feita e quem eram as pessoas responsáveis pela lavagem do corpo do morto? Além da lavagem quais eram outras providências tomadas em relação à toalete do falecido?
3. Qual o sentido de amortalhar o morto? Como as mortalhas eram feitas?
4. Os padres participavam desse processo ou eram somente os leigos?
5. Quem se responsabilizava e como era organizado o funeral?
6. Qual era o tempo médio de duração do funeral?
7. Como a comunidade tomava conhecimento do falecimento de uma pessoa?
8. Depois do enterro, o que normalmente era feito para a família enlutada?
9. Como era o período do Luto? Quanto tempo durava?
10. Por que a missa de sétimo dia é importante para a família enlutada?
11. O que você acha que acontece com a pessoa depois que ela morre?
12. Você considera que houve mudanças em relação ao enfrentamento da morte nos últimos 30 anos? Se sim, quais são as mudanças?

Entrevista 1 — R.P. T.**Nome: R.P.T****Idade : 84 anos****Entrevistas concedia a Valéria Aparecida Rocha Torres.****Abril de 2013.****R.P.T faleceu em 2016, mas optamos em trazer sua entrevista mediante autorização de suas filhas como consta em anexo.**

Entre a comunidade católica, quando uma pessoa morria quais eram as primeiras providências tomadas?

Imediatamente... Procurava alguém que viesse trocar, né? Porque tinha que trocar. Não tinha enfermeiro, né?

Como era feita e quem eram as pessoas responsáveis pela lavagem do corpo do morto? Além da lavagem, quais eram outras providências tomadas em relação ao toalete do morto?

Não lembro disso não porque eu nunca fiquei junto com a pessoa. Quando morreu o meu marido, quem veio lavar foi o Luisinho... Você lembra aquele que tinha pipoca ali... e o Padre João Sampaio. Os dois estavam aqui e eles que trocaram.

E acompanhar os enterros, mesmo quando não se conhecia o morto, era normal?

Era normal. Sempre quando a gente podia andar, né?

Mesmo assim, a senhora lembra de ouvir falar que isso era normal, quando as pessoas morriam lavar os corpos... Toda essa tradição de luto, como era passada... De pai pra filho, a senhora lembra?

Sim, era passado sim. Só que depois os filhos não lavavam muito a sério... Que nem a gente, que levou a sério.

Durante o período de luto era normal se cobrir espelhos e as portas da casa da pessoa que morria?

Sim, era normal.

Normalmente que cor era o pano?

Era branco ou roxo.

E depois de que período esses panos eram retirados?

Ah, logo um mês, um mês e pouco, já tiravam.

O que as pessoas faziam logo no início do luto? Além de cobrir, havia alguma outra coisa, por exemplo, usar um tipo de roupa especial?

A gente usava só roupa preta.

As mulheres o vestido — saia e blusa preta — e os homens...

Os homens punham aquela faixinha, às vezes no braço ou no bolso assim, pra dizer que estava de luto.

E quando se retirava esse luto? Depois de quanto tempo?

A gente tirava depois de seis meses.

Havia um hábito de não se fazer a barba, a senhora lembra disso?

Eu ouvi falar disso aí, mas em casa não teve.

Normalmente as pessoas rezavam na casa do morto?

Rezava sim, nossa vida, sempre rezou.

E o que rezava no velório?

Rezava o terço. Outras orações também, que fala da morte.

Se rezava missa?

Ah, missa sim. A missa sim, de um mês... E de um ano também...

Entrevista 2 — O. J. A.**Nome : O.J. A.****Idade: 82 anos.****Entrevista concedida à Valéria Aparecida Rocha Torres Maio 2018.****Você já me disse que você viveu na zona rural aqui em Pinhal, né?**

Vivi até os oito anos de idade eu vivi na fazenda Zequinha Lúcio, pertencente a Espírito Santo do Pinhal, inclusive que é aqui perto, e eu vivi lá até os oito anos de idade.

E foi, na verdade, durante a sua vida acompanhando a sua mãe na Fazenda Zequinha Lúcio que você conheceu um pouco desses rituais mortuários sobre os quais a gente vai falar, é isso?

Inclusive a minha mãe era costureira, então ela era chamada pra fazer a tal mortalha que se vestia os corpos do cadáver. Então lembro bem que era um tecido roxo, um tecido meio brilhante, que se punha até uma coisa meio dourado assim na ponta. Era todo feito à mão, enquanto isso o defunto ficava numa cama, numa mesa, geralmente na mesa. Aí se fazia, aí se vestia no defunto. Inclusive já tinham lavado o corpo, preparado, deixado tudo limpinho... Aí vestiam com essa mortalha, aí o defunto era para o caixão, porque naquele tempo não era urna, era um caixão. E aí inclusive o travesseiro era feito do mesmo tecido da mortalha e a gente que era criança, então, ia ajudar apanhar as folhas de laranjeiras pra encher o travesseiro de folhas de laranjeira e aí colocava-se o defunto tudo certinho. Depois também tinha uma manta que se punha por cima daquela mortalha.

Como era feita e quem eram as pessoas responsáveis pela lavagem do corpo do morto? Além da lavagem, quais eram outras providências tomadas em relação ao toalete do falecido?

Era religioso. Tinha que ser feito mesmo. Ninguém morria sem ser lavado. Que eu me lembre, com oito anos de idade, tudo isso aí.

E durante a lavagem se fazia algumas orações?

Não me lembro disso aí não. Eu acho que não porque eles estavam tão preocupados com o corpo tão desgovernado que nem se podia se concentrar em outra coisa. Eu não me lembro disso daí não.

Quando era um homem que morria normalmente quem lavava eram os homens?

Sim, era religiosamente. Mulheres, mulheres; nada como hoje. Mas era assim: os homens lavavam homens, e mulheres preparavam as mulheres.

Você participou de lavagens?

Eu e Dona Izulina, a Dona Zefa... Muitas pessoas chamavam a gente...

Quem era chamado pra fazer a lavagem?

Vou falar pra você: não é qualquer pessoa que serve pra fazer isso não. Porque é muito emocionante, mexe muito com a psicologia da pessoa, tinha que ser assim... Você chama alguém pra fazer uma coisa dessas, ela morria ali, dava um desmaio nela, porque ela não tem forças pra superar aquele quadro doloroso. Tanto é que, quando tira Jesus da cruz e põe no colo de Maria, é o quadro quando você perde um ente querido e vai pôr na urna.

Até quanto tempo, você lembra? Você já era casada?

Eu já era casada... Eu já tinha meus filhos, meus dois filhos... Ah, uns quarenta anos atrás.

Era isso que eu estava deduzindo, por volta de até uns quarenta anos...

Até quarenta anos atrás era assim... Muitas vezes eu ajudei muito e fazia com muito amor, com muito carinho e com muita tristeza.

E as crianças, eram banhadas também?

Também era banhada... Purificada...

A ideia do banho é a purificação?

A purificação... Eu acho, eu acho que é...

Você acha que é?

Tudo tem um sentido, porque a morte é um encontro com Deus.

E você tem que chegar certinho, né?

É, purificado! E muitas pessoas tem medo, uns não entram no velório, quantas pessoas... Gente de sociedade... Fica na porta, não entra lá dentro, outras nem vão no velório, outras se relam a mão se estremece inteira... Então são coisas psicológicas, né?

É uma caridade cuidar desse processo?

Você estar vestindo aquela pessoa, doía o coração da família, estar fechado em um quarto, vestindo aquela pessoa, e a família, do lado de fora, naquele sofrimento. Muito triste...

É um prestar de solidariedade.

Solidariedade... Solidariedade... Eu me lembro com muito carinho das pessoas que eu ajudei, Dona Izulina bem mais velha que eu, mas eu acompanhava ela... Já era casada, meus filhos pequenos, mas nós duas quantas vezes fizemos esse ato de caridade.

Ir lá banhar e trocar a pessoa...

Banhar, trocar, punha todas as peças íntimas, como se a pessoa fosse em uma festa... Por baixo tudo certinho, certinho... Inclusive se faz isso hoje...

São coisas que vieram da roça?

Continuou... Porque demorou pro povo ir aceitando essas mudanças... Não foi assim... Você sabe, lidar com a comunidade não é fácil... Porque até uns criticavam, foi mudando, parece que as pessoas foi perdendo o sentimento, aquela coisa toda, mas devagarinho foi mudando e eu achei que mudou muito pra melhor porque é muito doloroso ser velado dentro da casa, porque depois, quando sai aquele enterro, é muito doloroso... A tristeza é muito grande... Porque fica aquela imagem, aquela coisa... Tem gente que psicologicamente fica até doente. Então eu acho, na minha opinião, o que aconteceu de melhor: velar no velório, perto do cemitério, eu acho ótimo — na minha cabeça, essa é minha opinião —, porque já é tudo certo, é feito pra isso. Eu concordo com isso... Não gosto, já pedi, já falei... Cuido da Igreja Santo Antônio há quase cinquenta anos, mas quando eu morrer eu quero que faça no velório, porque é

muito triste ser velado na igreja porque é muito grande, fica muito triste, então eu acho lá um lugar melhor... Pra minha cabeça é lá...

Qual o sentido de amortalhar o morto? Como as mortalhas eram feitas?

Enquanto eles estavam preparando o corpo, tudo, as mulheres faziam as mortalhas.

E quem fazia as mortalhas?

Aí tinha pra comprar pronto. Tinha... Inclusive eu perdi uma tia, há muitos anos, em Pirassununga, e ela deixou falado que ela queria ser enterrada com um véu cinza. E quando chegamos lá no velório dela, ela parecia uma santa... Vestiram ela como Maria... Que coisa maravilhosa! Ela parecia uma santa, de tão linda, aquela renda caindo nela... Lembro a imagem de Nossa Senhora das Dores.

E ela deixou isso escrito? Que ela queria...

Deixou marcadinho, que ela queria ser enterrada assim... Quando chegamos lá eu falei: parece o retrato de Maria. Tem gente que se vê depois de morto... Agora eu fico muito triste hoje em dia com as mudanças que fazem nos corpos. Inclusive o Monsenhor Augusto diz que o defunto é mais bonito do que vivo...

Que horror... Isso é verdade... Não dá pra descaracterizar a pessoa... Foi o que você tinha falado: é uma falta de respeito.

Você vê, muda muito a pessoa... Muda muito... Transforma as pessoas... E nos Estados Unidos, que é muito mais do que aqui... Inclusive diz que põem a pessoa até meio sentada...

E essas tradições você não lembra como elas apareceram, você não tem notícia?

Não, não lembro. Eu lembro que vinha dos meus avôs, bisavôs, então era tradição. Era uma tradição.

Normalmente se aprendia de pai pra filho?

É, tradição...

A sua mãe costurou mortalha? E você falou que passaram a vender a mortalha pronta, é isso?

Eu acho que sim, mas eu não me lembro bem. Eu sei que na roça, como a dificuldade era muito grande, tudo, se fazia... Inclusive demorava muito pra pôr o defunto no caixão, porque até fazer tudo demorava. Depois punham uma manta assim também, pra fazer assim, no caixão...

E normalmente era uma cor roxa?

Eu lembro bem, era tudo roxo.

Depois do enterro, o que normalmente era feito para a família enlutada?

Antigamente era muito bacana por isso, porque se dava muito apoio à família enlutada, então ela era visitava, tinha muitas orações, se dava muito apoio, muito carinho, porque a dor, todo mundo sabe, ela é muito grande. E essa era uma coisa muito linda que tinha naquele tempo. Inclusive também as pessoas eram veladas em casa, porque não tinha nada de velório, nem igreja, nada. Eram veladas em casa e se colocava na porta um sinal de luto, porque aquela família estava enlutada e ali existia uma pessoa falecida.

Como era o período do luto? Quanto tempo durava?

Elas ficavam assim: as mulheres se vestiam de preto, inteirinhas de preto, até inclusive manga bem mais comprida. Ficavam um ano assim nesse luto, pra mostrar... pra sentir que perdiam um ente muito querido, e lembranças desse ente querido que foi... E os homens, como tinham que trabalhar, era uma roupagem diferente, ou de camisa preta ou então uma tira preta na manga. Se era no terno, era uma tirinha na gola do terno, pra mostrar que era uma pessoa enlutada.

E às vezes os homens deixavam de fazer barba por um tempo?

Ah, sim, muitos deixavam. E aí então, passado um ano desse luto fechado, como se dizia na época, aí se começava a aliviar o luto. Aí as mulheres já punham um preto, umas coisas brancas, de leve assim, uns meses ainda estava no alívio do luto. Aí até chegar a viver normalmente.

Então na verdade, o alívio do luto após um ano é uma certa cerimônia, não é?

Sempre era uma coisa muito séria, um ritual mesmo.

Então é mais ou menos assim: *vou colocar uma coisa mais branca pra dizer que meu luto começou a passar...*

Mas aí, inclusive, depois com o passar dos anos, do tempo... inclusive um médico pinhalense, que foi um santo homem, o Dr. Armando Mondadori, muitas vezes as pessoas iam lá de luto, ele pedia que tirasse aquele luto, porque estava prejudicando muito o psicológico da pessoa. Eu acho que foi aí que foi se tirando essa tradição de luto fechado, que hoje não se usa mais... Mas às vezes prejudicava a pessoa porque era muito triste, viver um ano naquela solidão, aquele preto... Hoje o preto é luxo...

Por que a missa de sétimo dia é fundamental?

Porque geralmente a missa de sétimo dia que leva pra família se conscientizar que a pessoa foi e não volta mais. Sétimo dia, que eu saiba, é assim: o sétimo dia que a pessoa se conscientiza que aquela pessoa não volta mais, mas tem também, o sete é o número da perfeição, tem vários motivos... Mas geralmente é isso aí, você pode acreditar: quando a gente passa por isso — porque eu já passei, você passou — que com o passar dos dias que você vai se conscientizando, vai sofrendo cada vez mais a saudade, né? A saudade...

Tem também a missa de um mês?

Não, não, aí fazia-se sempre a missa do sétimo dia, inclusive aquela época, já morava na cidade, já tinha uns dez, doze anos, eu me lembro que na igreja se formava que nem um tipo — eu não lembro bem o nome, tem um nome —, se fazia como se fosse um túmulo grande, em frente ao altar, se montava esse pedestal, esse

monumento, e a hora que acabava a missa o celebrante ele ia ali e benzia com água benta, em memória, como se aquela pessoa, se aquele corpo, estivesse presente ali naquele momento.

Quer dizer, o sétimo dia é o rito de passagem mesmo?

É, esse não caiu até hoje.

No período até o sétimo dia, os primeiros sete dias, que as pessoas procuravam não varrer a casa, não limpar... Tinha isso?

Tinha, tinha... Inclusive quando se comemora a Paixão de Cristo, na Sexta-feira Santa, que a gente comemora Jesus morto, então eu lembro, quando eu era criança, minha mãe não deixava fazer nada. Não se varria a casa, inclusive citava esse exemplo: quando morre uma pessoa, alguém da sua família, você faz alguma coisa? Você tem condição de ficar limpando uma casa? Jamais, né? Jamais! Então a minha mãe dizia isso: hoje não se faz mais nada, como se tivesse alguém morto dentro da nossa casa.

Nesse primeiro período dos sete dias, posterior a morte, se fazia alguma coisa que o morto gostava, meio em homenagem, você lembra disso?

Não... Não lembro não. Mas a morte é dor pra todo mundo. É verdade. Mas tem que se falar nela, porque ela existe, e a gente tem que ser preparados, porque não somos eternos, né? Mas eu acho, na tradição moderna, eu acho que muita coisa mudou pra melhor. Porque era doloroso demais. Além da perda, todo esse processo de mortalha, de lavar o corpo, eu acho que foi melhor assim do jeito que é hoje.

Após a preparação do corpo, começava a organização do funeral. Quem se responsabilizava por essa organização e como era organizado o funeral?

Aí então, quando a gente era criança, acompanhava a mãe em tudo que é lugar, aí era a hora do enterro. Não se tinha carro, não se tinha nada, então o caixão, feito de madeira, se levava na mão, carregado por pessoas. Podia ser longe quanto fosse, três quilômetros, cinco quilômetros, dez quilômetros, eu lembro que passavam com o defunto. Inclusive eu lembro que um enterro, que a mulher faleceu aqui no hospital, foi levada na roça cinco quilômetros a pé, pra ser velada na casa, e no outro dia voltar,

tudo na mão, sendo carregado. Quando era muita distância às vezes levava em um caminhão, uma coisa assim... Não tinha esses confortos de hoje. Aí então... Eu lembro bem da Irene Cavagnoli. Eu lembro bem do enterro dela. A Irene faleceu, ela era muito grande, muito gorda, muito pesada, inclusive a hora que ela morreu estive presente aqui, isso aí praticamente ontem pra dizer, perante os anos... Aí fomos em procissão, rezando, aí o corpo passava pela igreja, ainda passava aquele tempo pela igreja, chegava-se na igreja entrava-se ali, colocava em frente ao altar ou do lado, se tivesse um casamento ou qualquer coisa, no fundo da igreja, porque coincidia muitas vezes do defunto entrar na igreja e tinha um casamento, então punha no fundo da igreja, aí o padre vinha, benzia aquele corpo, como se benze no velório hoje, e aí saía da igreja, aquele corpo sendo carregado por aquelas pessoas, aí o sino tocava. Aquele den, den, den... Muito triste... Então a cidade inteira sabia que estava tendo um enterro hoje, alguém faleceu... Isso era muito bonito. Triste, mas bonito, porque o ser humano precisa ser valorizado e ser respeito até após a morte. O corpo, que viveu uma alma de Deus, né? Então ele merece todo o nosso respeito e deve ser respeito mesmo.

As pessoas acompanhavam, até por sinal de respeito, mesmo que você não conhecesse, ou você parava durante o cortejo ou você podia até acompanhar...

Inclusive, quando ia passando o enterro, que o sino estava tocando, o comércio fechava a porta a hora que passava. Porque o respeito era muito grande. Muito grande demais.

Depois do enterramento, o que normalmente era feito para a família enlutada?

Olha, eu lembro que o povo era bem solidário. Muito solidário. Então, a pessoa, o vizinho, levava a comida. Quando a pessoa chegava do cemitério, naquela tristeza imensa, o vizinho levava a alimentação pra eles, pra eles não se sentirem tão, além da dor, assim, fracos, sem comida e tal. Isso eu lembro bem.

Você considera que houve mudanças em relação ao enfrentamento da morte nos últimos 30 anos? Se sim, quais são as mudanças?

Ah, sim, pela família sim. Porque hoje você vê, tudo se mudou, a família pôs a mão no falecido, isso é meio... Apesar que eu, quando meu pai e minha mãe morreu, fui eu que pus dentro da urna, eu não deixei ninguém pôr a mão, porque estava em casa e a gente cuidava muito deles, então eu não deixei ninguém pôr a mão. Hoje já mudou tudo. Já não pode mais, mas eu acho que foi pra melhor. Nessa parte.

Quando chegou a funerária, foram pôr a mão na minha mãe, eu falei: não, eu carreguei tanto ela no colo, ninguém vai pôr a mão nela não. Eu troquei ela, fiz tudo, pus ela do jeitinho que eu queria e “missão cumprida”.

Mas você não chegou a banhá-la não?

Não, não. Quando ela faleceu, ela tinha tomado banho de manhã — ela faleceu às onze horas —, então ela estava super limpinha, a gente só passou um álcool...

Você fez alguma coisa...

Álcool, cabelinho penteado... Inclusive eu acho, uma coisa muito triste hoje, é que as mulheres quando falecem, já fui até na funerária falar isso pra eles, por que puxar tanto o cabelo pra trás? Não parece a pessoa... Precisava tirar uma foto, levar lá na funerária, deixa mais ou menos assim... Como é a pessoa! Porque o cabelo muda muito, né? Eu fui num velório e eu não conheci a pessoa... Pensei que estava num velório errado... Eu acho um desrespeito com o corpo humano.

Hoje, por exemplo, então, chega-se ao ponto de descaracterizar a pessoa, né?

Eu já acho que mudou demais, porque inclusive, esse processo de fechar um corpo no velório, pra família voltar só no outro dia de manhã, eu acho isso uma coisa muito dolorosa. Porque aquela pessoa que doou tanto, que fez tanto, ela merece, porque Jesus pediu uma hora. Você não pode ficar uma hora comigo? Então, inclusive, semana passada morreu uma pessoa muito querida, e levaram só seis horas da manhã, velaram quatro horas... Então eu acho que é muito doloroso, porque a pessoa merece, aquele corpo merece ser velado, merece ser... Viveu uma alma de Deus nela, né?

Qual o tempo médio do funeral?

24 horas, a mesma coisa acontecia com as crianças. Inclusive, nós perdemos... A essas alturas eu já tinha o meu filho... Uma criança, uma menina linda, linda, linda, por um descuido, desidratação, ela faleceu na noite do casal lá... Criança é fácil, né? Foi embora... E eu estava presente lá, a hora que a tia deu banho, naquela criança linda, aquele corpo lindo...

O defunto ficava com a vela na mão?

Ah, sim... Era uma tradição que eu acho que muitos lugares ainda existe... Deve existir... Quando se percebia que a pessoa estava no finalzinho, no momento da partida... Colocava-se uma vela acesa na mão, como quem diz: a vida é uma vela. Vai se consumindo, se consumindo, até chegar... E que a vela é uma luz... Então que aquela pessoa ia pra luz eterna. Então você imagina a pessoa, sabia que estava fazendo a passagem...

Porque com a vela na mão, né?

Eu achava até muito emocionante. Muito emocionante. Pra pessoa que estava indo... E pra família também... Então a preocupação, quando a pessoa estava muito mal, era deixava uma vela de jeito e um fósforo.

É diferente hoje em dia — uma boa parte das pessoas acabam falecendo em hospitais e tal —, mas quando era em casa, e nesse período, ficava um grupo de pessoas ali, meio que acompanhando esses últimos momentos.

Inclusive, eu vou citar um exemplo, o Padre Reinaldo, ele foi um holandês, um santo homem, inclusive ele contava que quando a mãe dele estava pra falecer... Eles estavam todos no quarto, eram muitos irmãos, e que precisaram sair do quarto porque a mãe se prendia tanto aos filhos que ela não conseguia partir pra eternidade... Aí tiveram que sair todos do quarto, pra ela morrer em paz, porque se pessoa ficar presa ela fica sofrendo. E a morte, nós temos que nos entregar... Nós só temos três fases na hora da morte: a hora que você se questiona com Deus — Por que eu? Por que agora? — e aí, quando ela se entrega, aí ela vai. Porque nós temos o momento certo de vir ao mundo e o momento certo de voltar pra casa do pai. Quando é morte natural, uma doença, então temos todos os momentos certos. A pessoa tem que chegar ao ponto de ela se entregar. Inclusive, quando a irmã Maria Borsoi — você lembra dela

—, ela estava naquele sofrimento, ela não conseguia ir, aí chegou o Padre Augusto, naquele tempo não era Monsenhor ainda, ele chegou lá e disse — ele conta sempre isso: “Irmã Maria, vai, Irmã Maria. Vai. Que é melhor pra você”. E ela foi, ela foi, inclusive existe um quadro, que pessoas que viram, emocionante demais, o Monsenhor carregou ela no colo, porque ele amava a Irmã Maria.

Elá era uma graça, né?

Então, porque ela estava presa, então: “Vai, Irmã Maria. Mas vai com Deus!”... E aí ela foi!

Gente, que lindo! Quer dizer, é morte, mas é uma coisa emocionante.

Eu já vi muitas pessoas que só estudam a morte. Inclusive tinha um Psicólogo, ele é de Minas Gerais, de Belo Horizonte — eu tenho o livro —, ele escreve só sobre o luto. Mas não é só nesse sentido que você está perguntando, mas ele estudou só sobre a perda. Aí ele escreve o primeiro dia, segundo dia, primeira semana, primeiros dois meses... Leva cinco anos pra você conseguir viver mais assim... Porque os dois primeiros anos você não consegue viver com o sofrimento muito grande da perda. Aí depois de cinco anos você... Por exemplo, eu já falo do meu marido com mais tranquilidade, sem tanto chorar... Esquecer nunca, jamais... Mas você já tem... Com sua mãe é a mesma coisa...

É a mesma coisa...

E esse médico foi até no Fantástico, no Globo Repórter, que fizeram uma reportagem sobre ele, e ele fala só sobre a perda. Inclusive ele fala até que a família deve ter sempre um túmulo no cemitério, porque nós não podemos ficar longe da morte. Tem que ter túmulo... Saber que quando você for, você tem um lugar pra te levar... Uma vez eu vi o Cortella falar sobre a morte. E ele que disse isso aí: das três fases na hora da morte, três perguntas que você faz... Por que eu? Agora? E aí você aceita... Primeiro “por que eu?”, depois você entende, dialoga com Deus, aí você se entrega... Aí você vai... Isso é coisa que estudaram, ninguém veio falar.

Mas na verdade assim... É que pra gente, pra qualquer religião, pra qualquer cultura, pra qualquer ser humano, é assim... É o único momento da vida que a gente não consegue entender.

Mas eu acho que Deus tem que deixar esse mistério pro homem. Porque se ele revelar todos, o homem quer ser mais do que Ele... Então o homem pode viver mil anos, inventar, fazer tudo que for, nascimento, clonar, tudo... Mas o mistério da morte acho que Deus vai deixar...

Por isso todos os rituais são importantes. Adorei! É a purificação, banhar pra encontrar com Deus purificado... E a roupa, que tem um significado... E a vela na mão pra encontrar a luz...

Inclusive, por exemplo, eu perdi meu marido, cinquenta anos juntos — fiquei muito mais com ele do que com meu pai e minha mãe —, sua mãe deve ter sentido isso também... Então, aquele momento que você perde assim, até que você vê os outros perder é uma coisa, quando acontece na sua pele é que você vai sentir... Então eu acho que nesses primeiros dias assim, gente, você queria estar mais um pouco junto, você queria sentir aquele calor humano, você queria ter feito mais coisas: por que eu não falei mais? Por que eu não fiz mais? Aí você procura a culpa, que não existe... Porque esse momento, você viu, sempre podia ter vivido, mas então o sofrimento é muito grande. Aí do sétimo dia, quando você vai à missa, você volta pra casa...

Você já está confortada?

Eu acho que pior... Eu acho que no começo do luto ele só piora... Só piora... Por que? Porque a saudade aumenta... Ah, que saudade... Que vontade de estar mais um pouquinho junto... Aí você pergunta: *onde está quem estava tanto comigo? Cadê? Meu Deus, a gente era tão assim...*

Entrevista 3 — M. A. M.**Nome : M.A.M.****Idade: 73 anos.****Entrevista concedida a Valéria Aparecida Rocha Torres Maio de 2018.****E onde a senhora cresceu?**

Eu nasci em Pinhal, fiquei aqui até os dezoito anos, com dezoito anos eu saí pra fazer faculdade. Quando eu tava terminando a faculdade eu me casei e fui embora de Pinhal. Fiquei 23 anos fora e depois voltei pra Pinhal e estou aqui até agora.

E a senhora me disse que morou no Paraná, aonde mesmo?

Eu morei em vários lugares... Morei em Marília, em Assis, morei em Campo Mourão, no Paraná, morei em São João da Boa Vista, São Paulo e depois voltei pra Pinhal.

Entre a comunidade católica, quando uma pessoa morria quais eram as primeiras providências tomadas?

Participo de funerais desde pequena acompanhando minha mãe, lembro quando ela era chamada para dar banho no defunto junto com outras amigas da Igreja, elas iam até a casa do morto, davam banho e rezavam. Fui várias vezes acompanhando a minha mãe e depois quando cresci continuei a ser chamada para dar banho e rezar pelo defunto, até as funerárias aparecerem. Aí, minha filha, acabou tudo.

Eu lembro bem que quando eu era criança, a minha mãe às vezes ia na casa dos vizinhos quando faleciam pra ajudar a lavar a pessoa morta. Eu também participei disso uma vez, quando eu morei lá em Campo Mourão, faleceu a mãe do meu vizinho e a nora dela foi lá em casa pedir se eu ajudava a dar o banho, e vestir a roupa, daí eu também participei. Já há bem pouco tempo, uns quarenta anos atrás.

Como era feita e quem eram as pessoas responsáveis pela lavagem do corpo do morto? Além da lavagem, quais eram outras providências tomadas em relação ao toalete do falecido?

As pessoas que lidavam ali com o morto elas ficavam em silêncio e faziam orações também. Rezavam o terço, às vezes não era o terço, elas ficavam rezando Ave Maria, Pai Nosso, enquanto elas cuidavam da pessoa morta.

Era uma tradição familiar e religiosa. Pelo menos os que eu conheço, todas as pessoas católicas faziam isso. Das outras religiões eu não sei, porque aqui em Pinhal tinha muito pouca pessoa de outra religião, então eu não lembro, mas se passava de pai pra filho...

Quando a senhora deu banho naquela pessoa lá no Paraná, normalmente vocês usavam um pano, não era um banho com bacias...

Não, era um pano molhado em água e álcool, tirava toda a roupa da pessoa, e passava como é um banho de hospital. Era esse banho... Pelo menos nessa época, uns quarenta anos atrás. Na época da minha mãe eu não me lembro, porque a gente não ia junto, era muito pequeno, então não ia junto. Não sei, mas eu acredito que seja assim também.

Qual o sentido de amortalhar o morto? Como as mortalhas eram feitas?

Eu me lembro bem das mortalhas. E as mortalhas as costureiras faziam, só que existiam algumas funerárias... Naquele tempo a funerária era pra vender caixão, fabricavam o caixão e vendia, mas eles fabricavam mortalhas também e ficava lá pendurada. Se não quisesse mandar a costureira fazer, poderia comprar ali no funerária mesmo.

E algum cuidado especial pra costurar a mortalha a senhora não lembro?

Isso eu não lembro, porque eu só via lá, nunca vi ninguém fazendo.

Os padres participavam desse processo ou eram somente leigos?

Que eu me lembre, antes da pessoa falecer, quando a pessoa já estava doente... porque tem aqueles que faleciam de repente, aí não jeito... Mas quando a pessoa estava doente, a família chamava o padre pra dar a unção, e o padre vinha na casa e dava a unção para aquele enfermo. E uma coisa que eu me lembro também, que naquela época não tinha velório, as pessoas eram veladas em casa e da casa

passava primeiro na igreja e o padre encomendava o corpo e daí batia-se o sino, aquela batida triste do sino, e daí da igreja que ia pro cemitério.

E a vela na mão da pessoa que está doente ou está pra morrer?

A vela é o seguinte: quando a pessoa estava assim pra morrer, a família ficava toda ali em volta, e quando eles percebiam que a pessoa estava mal, eles colocavam uma vela acesa na mão e o significado dessa vela, pelo menos é o que eu aprendi na minha família, que Jesus é a luz da nossa vida e eles colocavam a vela acesa na mão que é pra iluminar o caminho até Jesus. É um significado, por isso punham a vela acesa.

A senhora se lembra de na hora do enterro de colocar o caixão na terra ou no túmulo, de jogar punhadinhos de terra em cima do caixão?

Sim, faziam isso sim. As pessoas da família, os amigos, eles pegavam um punhadinho de terra e jogavam em cima do caixão. Até hoje tem gente que faz isso.

Como era o período de luto e quanto tempo durava?

As portas das casas eles colocavam o pano preto, às vezes eles punham um pano que cobria a porta inteira, mas na maioria das vezes era um quadrado de pano preto que eles colocavam e ficava ali durante um mês ou mais. Pelo menos quando eu era criança era assim. E eles cobriam os espelhos também.

O luto era guardado durante um ano, quando morria um parente próximo, pai, mãe, marido, filho... Era guardado por um ano. A pessoa usava preto inteiro, quando era diretamente ligado à pessoa. Quando era sogro, sogra ou tio, tia, daí as pessoas da família também guardavam luto, só que eles podiam colocar sim uma blusa branca, uma blusa branca com algum raminho preto, mas sempre branco e preto. Nunca colorido.

O tempo de tirar o luto era normalmente depois de um ano?

É, quando era parente direto um ano, quando era tio, tia, depois de seis meses eles aliviavam o luto, que é isso que eu falei, colocava branco e preto.

Algumas famílias que a senhora conheceu que não faziam a barba?

É, os homens, durante a primeira semana, eles não faziam a barba, não cortava cabelo, sabe? Era uma coisa pra eles guardarem o luto mesmo. Então na missa de sétimo dia sempre eles estavam com a barba por fazer.

Por que a missa de sétimo dia é fundamental?

Normalmente era a missa de sétimo dia e depois, todo mês, no dia da morte da pessoa. Quando fizesse mês de morte aí eles marcavam a missa. E tinha aquelas pessoas que frequentava mais a igreja, que participava da missa todos os dias, daí na primeira semana eles marcavam todos os dias, mas o dia oficial da missa que todo mundo marcava era no sétimo dia. E depois até um ano, uma vez por mês, no dia da morte.

Entrevista 4 — M. A.C.

Nome: M.A.C

Idade: 83 anos.

Entrevista concedida a Valéria Aparecida Rocha Torres Maio 2018.

Como era feita e quem eram as pessoas responsáveis pela lavagem do corpo do morto? Além da lavagem, quais eram outras providências tomadas em relação ao toalete do falecido?

Ah, era as pessoas mais chegadas né? Eu me lembro que eram as pessoas da fazenda mesmo. Minha tia Gilda é quem cuidava isso, era ela que comandava...

A senhora tem detalhes de como era essa lavagem?

Eu não, eu nunca presenciei, mas eu sei que lavava. Que entravam lá com o defunto lá no quarto e lavavam, como era eu não sei... Acho que era com pano.

Qual o sentido de amortalhar o morto? Como as mortalhas eram feitas?

Eu ajudei a fazer mortalha, acho que até de anjinho (criança), fazia também. Pelo que eu me lembro, não podia dar nó na linha que costurava a mortalha. Porque parece que amarra a alma... Não podia dar nó.

Durante o velório, a sua avó fazia uma oração. Como era a oração?

A vó Armida... Era italiana, (Armida) Conrati... A gente rezava o terço e aí ela rezava o Salmo De Profundis... Acho que eu não sei todo assim...

Ah, só um pedacinho...

Era assim: “Do profundo abismo, clamei por vós, Senhor. Senhor ouvi a minha voz, dai ouvido atento à voz da minha súplica...”. Não sei assim todo... Eu acho que tem na Bíblia.

Como era o período do luto? Quanto tempo durava?

Na fazenda onde eu morava, colocavam um pano preto na porta, ou roxo... E rezava sempre na casa do morto... Se fazia silêncio, não se ouvia rádio, silêncio mesmo, não ia em festa, não ia em nada. Era luto, luto... Usava preto... Mesmo até, quando meu pai morreu, eu já tinha dezessete anos, mas um tio, eu era criança ainda

e tinha várias primas, mas todos nós púnhamos vestido branco de bolinha preta ou preto de bolinha branca, até pro tio...

E o homem ficava sem fazer barba, alguma coisa? A senhora lembra?

Sem fazer babar eu não sei... Eu lembro que o homem também usava... Se ele não usava camisa preta, ele usava uma faixa preta aqui no braço. A minha mãe acho que não usou um ano vestido preto, depois que meu pai morreu, mas a tia... A vó Ormida sempre andou de preto... Um ano. Eu lembro da minha nonna falar... Usar o lenço na cabeça... Depois que o marido morreu ela colocou o lenço na cabeça e nunca mais tirou. Eu lembro disso porque eu conheci ela, assim, ela não tirava o lenço da cabeça e, segundo ela, foi depois que o marido morreu, depois que ela ficou viúva ela usava o lenço e pronto, não tirou.

A senhora não tem nem ideia por que essas coisas foram desaparecendo?

Por que será?

Do luto... Que antigamente usavam luto, então a pessoa parece que respeitava quem estava de luto, que hoje não usa mais, ninguém mais usa luto...

Após a preparação do corpo, começava a organização do funeral. Quem se responsabilizava por essa organização e como era organizado o velório?

Aí punham a mortalha e punham na mesa, acendiam velas e deixavam como a gente vê agora, só que não era, não tinha... Sei lá... Punham em cima de um banquinho, mas eu acho que era sempre quatro velas mesmo. Uma em cada canto...

Entrevista 5 — M. T. Z.**Nome: M. T. Z.****Idade: 71****Entrevista concedida a Valéria Aparecida Rocha Torres Maio de 2018.**

Como era feita e quem eram as pessoas responsáveis pela lavagem do corpo do morto? Além da lavagem, quais eram outras providências tomadas em relação ao toalete do falecido?

É, quando morria alguém, principalmente na rua que a gente morava, o meu tio ia chamar meu pai de madrugada pra dar banho na pessoa que tinha morrido. Então eles davam o banho, punha a roupa, eles que arrumavam — não era a funerária, que hoje você larga o defunto lá e eles arrumavam. Eles próprios mesmo que arrumavam. E tinha uns que faziam até mortalha.

Qual o sentido de amortalhar o morto? Como as mortalhas eram feitas?

Quando a pessoa morria, sempre tinha uma costureira por ali que ela já batia na porta da onde vendia o pano, o dono da loja já abria e elas mesmas faziam essa mortalha.

E a pessoa era enterrada com a mortalha?

Era enterrada com isso...

Você lembra do nome de alguém que fazia mortalha?

Ah, nome assim de pessoa que fazia mortalha eu não lembro... Mas já morreram tudo. Mas eu não lembro não, de nome. Mas era assim, eles falavam mortalha... Não era que nem hoje, que põem um monte de flor. Era tudo diferente. E velava também diferente, velava nas casas...

Você pode contar um pouquinho de alguma lembrança de velório em casa?

Eu tenho lembrança de velório que não é nem muito antiga. A minha sogra morreu em 2007 e antes de morrer falou que não queria ser velada em lugar nenhum, queria na casa dela. Então fez o velório na casa, mas aí os vizinhos, os parentes passavam a noite. A gente passava rezando e conversando um pouco, senão você dormia de ficar a noite inteira ali. E era assim... E antigamente, antes de ter o velório,

era assim, era tudo nas casas. E quando morria uma pessoa da roça, ainda era mais concorrido, porque todos os sitiantes em volta iam e passavam a noite. Então, se você chegasse... Uma vez fui em um velório numa fazenda perto da Santa Luzia, quando eu cheguei fiquei boba de ver. Não tinha lugar pra parar carro, de tanta gente que tinha.

E o velório... Você estava falando da questão da vela... A pessoa acabava de morrer...

Antes de morrer, quando você estava vendo que a pessoa ia morrer, punha vela na mão dela e acendia, porque diz que aquela vela, era a teoria deles, que aquela vela ia iluminar o caminho daquela pessoa pra ela chegar até o céu.

E os enterros? Eram bem diferentes...

Eram bem diferentes. Geralmente não era o padre que ia benzer na casa. Vinha do lugar que fosse vinha como se fosse uma procissão. Chegava aqui, tinha um banquinho, eles abriam a porta e punha o caixão em um banquinho. Aí o padre já estava esperando. Aí ele benzia, aí depois pegava, eles punham a Ave Maria tocando e as lojas iam tudo baixando as portas. Então, enquanto você estava passando aqui, descendo pra ir no cemitério, a Ave Maria ficava tocando. E aí que ia pra lá. Era comprido. Depende do lugar que você morava, que tinha que vim, depois voltar. Não era como hoje, que vai no velório e já sai... É muito mais prático, porque depende da doença que a pessoa morre, você já pensou ficar vindo pra lá e pra cá? Mas era tudo diferente. Era bem diferente.

Você falou da reza: normalmente era o rosário?

É, normalmente quando se ficava a noite inteira rezava um terço, aí tomava um cafezinho pra reanimar, aí rezava outro terço. A gente rezava a noite inteira. Agora hoje o povo está tão assim que às vezes você vai num velório, você quer rezar um terço, você reza o Terço da Misericórdia, que é mais curto, porque o povo não paciência e eles ficam conversando.

Por falar nisso... Às vezes nas casas colocavam que a família estava de luto, você lembra disso?

Eu lembro que quando ficava o defunto, velado na casa, eles punham tipo uma bandeira roxa e pregavam na parede, na porta, porque você passava você sabia que estava sendo velado uma pessoa ali. Mas aí terminava e já tirava.

Como a comunidade tomava conhecimento do falecimento de uma pessoa?

É, todo mundo participava. Não é que nem hoje que nem a família fica com o defunto ali. Eles fecham a porta do velório e vão dormir, e volta no outro dia... Como é que dorme eu não sei... Mas dorme.

Como a comunidade tomava conhecimento era feito para a família enlutada?

Se coloca o papel praças e em vários lugares. Eles põem na praça, põem em farmácia, em padaria, no mercado, em frente ao hospital, tem vários lugares, no Largo São João.

E na rádio fala, porque aí a própria funerária... Está incluído no pacote do caixão e de tudo, está incluído a rádio, então eles falam, avisando... Às vezes fala até errado, porque o da Cida falaram que era 9 horas da manhã, muita gente deixou pra ir no domingo e ela foi enterrado no sábado às cinco horas.

Mas é uma forma das pessoas ficarem sabendo, né?

É uma forma de ficarem sabendo, porque o rádio, principalmente às onze horas, a maioria do povo liga o rádio às onze horas, pra saber as notícias da cidade. Aí depois tem o programa do Monsenhor, todo mundo quer escutar, então nesse horário ainda mais que eles falam. Porque agora a cidade ficou maior, então é mais difícil de você ficar sabendo.

Como era o processo de luto e quanto tempo durava?

O luto era diferente. Geralmente as mulheres já tinham a roupa preta, então quando era marido ou pai era seis meses de luto, eles falavam luto fechado, que era inteirinho preto. E depois seis meses era carijózinha, ou fundo branco de pintinha preta

ou preta de pintinha branca. Aí mais seis meses... Então missa de sétimo dia, aonde elas iam... Elas iam fazer uma compra, aonde elas iam, elas iam de vestido de luto. E os homens era aquela faixa, uma fita preta que quando eles estavam de terno era na lapela do terno, e quando eles estavam de camisa era na manga da camisa. Então era um respeito, né? E hoje não... Mesmo televisão. Eu lembro, quando o meu sogro morreu, ele morreu em 1975, eu tinha dois filhos pequenos, eles queriam ver desenho na televisão meu marido não deixava ligar a televisão, porque o pai dele tinha morrido, como ia ficar. Então eu mandava as crianças na minha mãe porque eu tinha dó, porque eles eram pequenos. Tinham quatro ou cinco anos, eles queriam ver desenho. Então até isso, nem ligava a televisão. Hoje, acabou de enterrar, chegar em casa já liga o som, liga a televisão.

Você lembra... Criança não colocava luto, né?

Não, criança não.

Era só filhos, esposa...

Era esposa... Eram os adultos. Criança não. O luto que a criança guardava é que ela não podia ligar rádio, não podia fazer nada, porque naquele tempo, que morreu meus avôs, não existia televisão, mas mesmo os meus filhos não viram televisão quando morreu meu sofro, porque era respeito. Não era pra ligar a televisão. Na missa de um mês que ligou.

Depois de um mês...

Depois de um mês.

Isso também foi importante ter lembrado. As pessoas guardavam mesmo o silêncio, o luto em silêncio.

O silêncio... E hoje em dia não, ninguém mais pensa nisso.

Por que a missa de sétimo dia é fundamental?

As missas de sétimo dia que eu lembro, as antigas, como não tinha a missa à noite — porque a missa à noite começou depois que o Papa instituiu uma hora de jejum, porque antes a missa era só de manhã, você podia comer até meia-noite,

depois você não podia comer mais —, então eu lembro, quando eu fiz a primeira comunhão, tinha criança que desmaiava porque levantava e vinha sem nada. E aí então não podia ter missa à tarde. Aí depois, quando teve o Concílio, que aí puseram o jejum de uma hora, aí que começou a ter missa vespertina, porque não tinha. E aí as pessoas vinham pra missa de sétimo dia, mas vinha a família inteira, ninguém ia trabalhar. Vinha todo mundo. Aí saiam da missa, eu lembro que a gente ia direto pro cemitério. Ia levar flor, ia lá no túmulo da pessoa que tinha morrido.

Depois do enterramento, o normalmente era feito para a família enlutada?

Visitavam. Inclusive até um tempo atrás tinha a pastoral... Tinha um nome essa pastoral... Que as pessoas da igreja iam visitar. Elas iam fazer visita, dar um conforto pra pessoas, eu acho que ainda tem alguém que vai, mas a vida agora está muito corrida. Então às vezes a pessoa vai fazer uma visita, ela acha que ela está incomodando, porque a pessoa morreu em um dia e no outro dia ela tá na atividade dela. Então aquele tempo era diferente, a pessoa guardava mesmo aquilo ali. Os filhos não iam trabalhar, ninguém ia trabalhar, ficava ali curtindo a morte do pai, da mãe, dos avós. Mas eu acho que ainda tem gente que visita. Que faz visita...

Várias coisas aqui em Pinhal ainda duraram bastante tempo...

Duraram bastante tempo, porque em 75... Fez 42 anos... Então eu acho que parece que mudou mesmo assim, foi de uns quinze anos pra cá que ficou menos respeito. Você vê... Morre uma pessoa e você não fica nem sabendo e já enterrou. Fiquei sabendo do Fernando Signorini... Diz que ele morreu, eu saí da missa ontem de manhã, não tinha nada ali... Depois à noite já falaram que ele tinha morrido e já tinha sido enterrado.

Você considera que houve mudanças em relação ao enfrentamento da morte nos últimos 30 anos? Se sim, quais são as mudanças?

Às vezes os que estão lá ficam conversando. Eu lembro quando a minha mãe morreu, que meus irmãos não moram aqui, eles ficaram impressionado a hora que foram enterrar a minha mãe: o seu Cirílio Mangilli era muito amigo da minha mãe, durante o tempo que saiu... Ela ficou na Igreja São Pantaleão... que saiu da Igreja de São Pantaleão e foi pro cemitério, ele foi cantando e durante o tempo que enterrou,

ele ficou cantando um monte de música de igreja. A minha cunhada falou: "Gente, na minha cidade não tem uma pessoa que faz isso". Então durante o tempo inteiro ele ficou. Terminava uma música religiosa, ele começava outra com aquele vozeirão que ele tinha, e meus irmãos e minhas cunhadas ficaram bobo de ver, porque na cidade deles não tinha ninguém que fazia aquilo.

Entrevista 6 — M.C.B**Nome: M. C. B.****Idade: 83 anos****Entrevista concedida a Valéria Aparecida Rocha Torres auxiliada por Ricardo Biazotto em Abril 2018.****Qual a primeira lembrança que tem em relação a morte?**

A primeira relação que tive com a morte quando a mãe do meu pai faleceu — nós (morávamos) atrás da Prefeitura e meus pais moravam no Largo São João. Então avisaram nós que ela tinha morrido e eu e o Angelim (Biazotto) fomos avisar os meus pais que ela tinha morrido. Aí meu pai foi atrás das coisas, e ela foi velada na casa do meu pai, lá no Largo São João.

Entre a comunidade católica, quando uma pessoa morria quais eram as primeiras providências tomadas?

As pessoas, os vizinhos católicos, ia visitar o falecido e a família, e rezava vários terços.

Como era feita e quem eram as pessoas responsáveis pela lavagem do corpo do morto? Além da lavagem, quais eram outras providências tomadas em relação ao toalete do falecido?

Era alguém da família mesmo, algum vizinho que tinha muita amizade que lavava os corpos, e depois (colocava) a mortalha. Isso foi muito tempo, e depois acabou a mortalha.

Qual o sentido de amortalhar o morto? Como as mortalhas eram feitas?

Ah, depois que compravam o pano, duas mulheres ou três cortava e costurava na mão mesmo, e (colocava) no defunto. Isso acontecia quando o corpo estava sendo lavado.

Quando eu morava na roça tinha muita mortalha, agora depois que eu mudei pra cidade acabou. Aí (colocava) roupa assim, comum mesmo. (Colocava) terno, gravata no defunto; o defunto ia bonitinho.

O caixão antigamente era preto, tudo preto. Caixão preto e véu preto. Era mais triste o velório por causa do preto. Era tudo preto.

Os padres participavam desse processo ou eram somente os leigos?

Só na igreja. O corpo ia pra igreja, o padre benzia, e daí pegava o corpo e já levava pro cemitério. Nisso o Angelim tocava o sino. Tinha de criança, era diferente, de mulher era diferente também, de homem também. Cada um era diferente um do outro.

Nessa ida para a igreja e depois para o cemitério, a comunidade participava?

Participava, acompanhava o corpo.

Só os amigos e familiares ou a comunidade de um modo geral?

A comunidade também, toda a comunidade.

Após a preparação do corpo, começavam a organização do funeral. Quem se responsabilizava por essa organização e como era organizado o funeral?

Eles preparavam o funeral, tinha que preparar, tinha que marcar onde ia ser... Naquela época era enterrado tudo na terra mesmo, não tinha quase túmulo nenhum. E tudo acontecia nas próprias casas, porque não tinha o velório, então ficava em casa, na sala, rezando a noite inteira.

Era diferente porque parece que o povo antigamente respeitava mais. O defunto e a família. Agora hoje parece que não respeita. Então... Aqui em casa foi velado o meu pai, Benedito Diniz Cordeiro; Sebastiana Cordeiro Davanço (irmã); e Maria José de Jesus, a minha mãe. Naquela época, meu pai e minha irmã (morreram) não tinha velório, mas quando a minha mãe morreu já tinha o velório, mas eu não quis levar pra lá. Ficou aqui mesmo, velaram aqui em casa.

E tem alguma lembrança em relação a esses velórios aqui na casa?

Muita lembrança. Como o padre da Rede Vida fala: "Saudade sim, tristeza não", então eu acho que está certo.

Qual era o tempo médio de duração do funeral?

Eram 24 horas. Agora não, mudou. Antigamente eles esperavam fazer 24 horas porque teve uma época que o coveiro foi desenterrar um corpo, para enterrar um outro, e o defunto tinha virado no caixão, então por isso esperavam 24 horas, e acabou, né? E hoje não se espera...

Como a comunidade tomava conhecimento do falecimento de uma pessoa?

Um avisava o outro, que nem os vizinhos: os vizinhos avisavam um, ia avisando, todo mundo ficava sabendo, e os parentes também. Naquela época não tinha telefone, né? Então eles ficavam sabendo por boca, não por telefone por nada. Era isso aí.

Depois do enterro, o que normalmente era feito para a família enlutada?

Apoiava, né? Dava apoio... Então como eles eram velados em casa, tinha que fazer alguma coisa pra comer durante a noite, porque ficava a noite inteira, ali junto, velando. Então não ia passar a noite inteira sem comer, tinha que comprar alguma coisa pra comer. Quando meu pai morreu mesmo, ele morreu era oito horas da noite, e o Pedro (Diniz Cordeiro, irmão) foi comprar pão para as pessoas que iam ficar aqui; minha mãe fazia café, fazia chá... Que nem lá no velório...

Alguns faziam comida, alguns não. Eles faziam na hora do velório. Acabou o velório, cada um fazia pra si.

Como era o período do luto? Quanto tempo durava?

Vestiam de luto um ano. As mulheres usavam roupa preta, vestido preto — naquela época as mulheres também não usavam calça comprida, era só vestido. E os homens (colocavam) camisa preta. Só preto.

E às vezes as pessoas faziam tarefas em casa, às vezes não. Quando meu pai foi, o enterro dele foi às quatro horas, passou na igreja, e naquele dia não varreu a casa, nada; fez no outro dia que a mãe varreu.

Depois do enterro, cada um comprava a roupa preta, o vestido preto, camisa preta.

Tinha mais alguma que se fazia durante esse um ano?

Não. O que se era marcar missa, como agora, a missa de sétimo dia.

E por que a missa de sétimo dia é importante?

A missa de sétimo dia é o respeito à alma da pessoa que foi embora. Quer dizer, é uma homenagem que dá para o defunto que foi embora. E era com a eça. O (Angelim) colocava uma mesa e um tipo de caixão em cima, jogava um pano preto, então ficava alto. Chamava a eça. E acabou isso aí. Na missa de sétimo dia (colocava) o tapete preto no chão e o crucifixo, agora não coloca mais... Agora só fala o nome da pessoa. Foi no Concilio Vaticano II, aí acabou.

O que você acha que acontece com a pessoa depois que ela morre?

A alma vai pro céu, né? O corpo fica ali mesmo, né? Nós que somos católicos acredita na ressureição, então a gente acredita que vai pro céu direto... Eu tenho certeza que ele (Angelim) foi direto pro céu direto... E se ele não foi direto pro céu, no dia que ele morreu, no primeiro sábado do mês ele foi, por causa disso aqui (escapulário de Nossa Senhora do Carmo)... Porque Nossa Senhora do Carmo prometeu: quem usa o escapulário diretamente, sem tirar, quando a gente morre, se não for no dia que morre, no primeiro sábado do mês ela levo pro céu...

Você considera que houve mudanças em relação ao enfrentamento da morte nos últimos 30 anos? Se sim, quais são as mudanças?

Acho que sim. Tudo diferente. Antigamente parece que o povo respeitava mais, agora hoje não respeita. Hoje quem respeita é só mesmo a família, algumas das famílias, não são todas. Agora antigamente não, antigamente respeitava mesmo, de verdade.

Como era esse respeito?

Era fazer visita para a família do defunto. Quando o meu pai morreu mesmo, todos os dias mesmo tinha gente aqui, visitando nós. Depois, quando a Sebastiana morreu já foi diferente um pouco, a minha irmã; quando a mãe morreu foi só os vizinhos que (vieram) e alguns parentes de fora também, lá de Andradas. Ela morreu

em 1981, minha mãe, nessa época o povo já não respeitava... Mudou o comportamento.

O que fez as pessoas mudarem o comportamento?

Parece que eles não dão muita atenção mais, eu acho, parece que não dá muita atenção mais...

Antigamente as pessoas tinham medo da morte?

Parece que tinha...

Entrevista 7 — J. C**Nome : J.C****Idade: 77 anos.****Entrevista concedida a Valéria Aparecida Rocha Torres auxiliada por Ricardo Biazotto em Abril de 2018.****Qual a sua atuação dentro da igreja?**

Ah, eu sou Ministro da Eucaristia. Procuro fazer o melhor, não querendo aparecer, porque é um grande erro você ser alguma coisa na igreja e querer ser o primeiro na frente, sentar em primeiro lugar. Eu estou ali pra servir a Deus, não pra aparecer. Se tem de sobra, eu sou o primeiro a pedir pra me deixar fora, porque eu vejo muitos ali que se não colocar eles pra dar comunhão eles ficam bravo. Eu não. Estou ali pra servir a Deus, no que eu puder servir. O importante é participar da Santa Missa e da Santa Comunhão. E quando tem as campanhas, eu procuro ajudar no melhor modo possível, servindo à igreja. Aqui mesmo (Vila de Fátima), quando foi reformar a Sacristia (da Igreja de São Judas Tadeu), eu trouxe os camaradas da roça pra ajudar a fazer ali. Então, eu estou ali pra participar da Santa Missa, servir o que puder o padre e a Deus, a Deus primeiro e depois o padre, essa é a minha participação na igreja.

E dentro da comunidade de São Judas Tadeu?

Aqui eu faço o que eu posso também, então ajudo muito. Mas todo mundo faz. Aquele que participa com fé na igreja, ele ajuda de um modo ou de outro, ele está sempre disposto a ajudar. E é a parte que eu tento fazer.

Qual a primeira lembrança que tem em relação a sua entrada na comunidade católica?

Foi difícil, porque pra participar de missa a gente vinha lá do sítio, a pé, aqui em Pinhal para assistir a missa às quatro horas da manhã, que era na Matriz, confessar pra comungar na missa. Foi um começo difícil.

O senhor não morava em Pinhal na época?

Na época não. Morava lá no sítio; lá no sítio tinha um comadre — hoje ele morreu já —, mas era um companheiro meu e ele que me trouxe para a religião. Nós éramos da religião católica, mas como era difícil missa, a gente vinha mais de quinze

quilômetros a pé, pra vim aqui confessar na Semana e depois comungar às quatro horas da madrugada aqui na igreja Matriz.

Em relação a morte, tem alguma lembrança mais antiga da primeira vez que viu ou participou de algum velório?

Olha, velório participamos lá no sítio mesmo. Morreu uma senhora lá e foi feito o caixão na casa lá mesmo, velamos a pessoa em cima da mesa e em outro quartinho o senhor de lá mesmo, que é falecido há muitos anos já também, ele que fazia o caixão. Era a noite inteira naquela luta, fazendo o caixão, depois forrava com um lençol por dentro e trazia embora. Em outros velórios, também chegamos a trazer em duas varas: amarrava um lençol nas quatro pontas, jogava o corpo dentro e trazia nas costas. Vinha a pé, trazer na cidade e enterrava aqui. Então antigamente era difícil pro morto e pra todos que participavam, porque aquele tempo era difícil, tudo era difícil.

Entre a comunidade católica, quando uma pessoa morria quais eram as primeiras providências tomadas?

Assim que a pessoa morria ali juntava os que tinham mais coragem, três ou quatro, lavava o corpo lá mesmo, e depois colocava na mesa. Ali então passava a noite — hoje não se faz mais, mas naquele tempo tinha muita gente que participava, então eles compravam pão, mortadela, pinga — passava a noite velando o corpo, rezando. O terço que se reza hoje, antes ou depois que o padre benze o corpo, naquele tempo era a noite inteira cantado. Depois de lá trazia na igreja, aí o padre benzia o corpo e daí ia para o cemitério enterrar.

Como era feita e quem eram as pessoas responsáveis pela lavagem do corpo do morto? Além da lavagem, quais eram outras providências tomadas em relação ao toalete do falecido?

Os homens que lavavam o corpo dos homens. Arrumava uma bacia grande — porque antigamente era só em bacia que nós tomávamos banho —, juntava uns quatro homens de coragem, lavava o corpo, punha uma roupa dele lá, a melhor que tinha, e punha na mesa, cobria com um lençol e passava a noite, até no outro dia pra vim fazer o enterro.

Qual o sentido de amortalhar o morto? Como as mortalhas eram feitas?

Não se usava mortalha não. Punha do jeito que estava lá na mesa e da mesa punha no caixão e vinha embora, não tinha nada de mortalha, não tinha nada. Essas flores que eles fazem hoje, não existia, acho que nem sabiam que existiam isso. A roupa era a melhor que tinha. Se era um terninho preto, se era uma calça e uma camisa, o que ele tinha de melhor punha. Porque quantos deles lá nós chegamos a ajudar fazer o enterro, porque eles não tinham nada. Até pra passar a noite... um dava açúcar, outro dava o pó, outro dava o pão... Porque antigamente eles tratavam, porque a turma passava a noite mesmo, não é como hoje que chegou onze horas a turma some tudo, né? Cada um quer sair primeiro que o outro de medo de ficar lá por último. Lá não, amanhecia com bastante gente, fosse mais rico, como modo dizer — porque rico não tinha ninguém —, passava a turma; se fosse pobrezinho, passava a mesma coisa. A turma não fazia diferença não. E o pobrezinho a turma ajudava no que podia pra fazer o enterro, desde o caixão, roupa e tudo. Ali no Albertão mesmo, onde era o campo ali, passamos uma noite com uma senhorinha que morava ali pobrezinha, já há muito tempo a gente tratava dela, e quando ela morreu todo mundo juntou ali... aquela foram as mulheres que lavou, porque antigamente tinha mais respeito do que hoje. Hoje tanto faz, homem lava, mulheres — não sei, porque aqui eu não vou ver, nem lá eu ia ver, mas via que quem ia lavar eram mulheres, e quando era homem eram os homens. Vestia ela, trazia pra sala, e todo mundo passou a noite, uns dentro de casa, outros pra fora no tempo, tomava umas pingas, aqueles que gostavam de pinga, pra aguentar o frio — porque naquele tempo era um frio danado, né?! —, então era isso.

Os padres participavam desse processo ou eram somente os leigos?

Só da benção, porque lá não tinha padre. O padre mais perto era em Jacutinga, então os enterros a maior parte vinham pra Pinhal e de Pinhal ia pra Gramínea. Então ali ia até por trilho com o corpo ali pra ir lá na Gramá. Às vezes nem padre participava — os que entendiam um pouco ali benziam o corpo lá mesmo e enterrava. Até uns tempinhos atrás, lá na Gramá, era o povo dali mesmo de uma família minha, muito religiosa, que benzia o corpo e enterrava. Fazia a homilia deles lá, conforme sabia, e enterrava. Hoje não, hoje já tem padre que vai lá, mas uns trinta anos atrás já era

assim também. Não tinha padre que vinha não. Padre era difícil... Ficava um doente lá na roça, tinha que buscar de charrete pra levar, ou de jipe, quem tinha jipe — às vezes nem jipe não tinha, então ia buscar de charrete, né?! Eu mesmo vim buscar uma vez um caixão aqui em Pinhal — morreu lá perto do Monte Bello, onde eu morava —, e eu vim de charrete buscar o caixão. Esse não foi feito lá, eu vim buscar aqui. Até deram uma medida, porque era muito grande a pessoa, e deram a medida, chegou aí e disseram “Essa medida não existe”, porque era muito grande. Então escolhiam o maior caixão, colocava na charrete e lá vai eu pra lá. Porque muita gente tinha medo de colocar a mão no caixão — eu não, eu nunca tive medo não. Nunca ajudei a lavar um corpo porque nunca me chamava, mesmo naquele tempo —, mas eu tinha coragem sim. O problema às vezes é que não esperava as horas certas, né? Então vai saber se estava morto mesmo ou não. Esse que é o problema. Mas eu participei dos enterros, passar a noite com a pessoa, e passava muita gente — porque hoje você vê aqui no cemitério, às vezes precisava levar no carrinho. E nós chegava a andar quinze, vinte quilômetros, carregando o corpo na mão. E às vezes o caixão era feito em casa, então a madeira era grossa, era pesada a coisa, então não era fácil pra trazer não. O que eles tomavam muito cuidado também era endireitar o corpo, conversava com a pessoa, ia falando, falando com a pessoa, e endireitava o braço, a perna, punha retinho — aqui mesmo morreu uma senhorinha, ela estava na cama, eu dava comunhão pra ela, e devem ter quebrado, do jeito que ela estava no caixão certinho, eles têm que ter quebrado. Mas naquele tempo não quebrava não. Eles iam conversando, enquanto ainda estava quente, conversando com a pessoa, conversando, conversando, e ia endireitando, e ficava direitinho. Punha na mesa e ficava direitinho o corpo. Antigamente era difícil pro defunto e pra família, porque era todo mundo pobre, então precisava da ajuda de um de outro e era difícil a coisa naquele tempo.

Após a preparação do corpo, começava a organização do funeral. Quem se responsabilizava por essa organização e como era organizado o funeral?

Eles arrumavam uma pessoa pra arrumar o funeral, como hoje. Tanto faz da família ou quem tinha mais instrução. Quem organizava muito lá era o Armando Cumpri, ele que era o mais disposto pra tudo. Sempre um mais disposto — não é o mais inteligente —, e ele era quem mais ajeitava pra vim marcar pra abrir a cova,

porque a maior parte tudo era enterrado no chão. Até lembro que a turma jogava três punhadinhos de terra em cima do corpo, todo mundo fazia questão de jogar três punhadinhos — eu não sei porque, mas era a lei de antigamente, antes do coveiro enterrar, todo mundo tinha que jogar os três punhadinhos de terra na cova. Hoje não joga porque é no túmulo, não tem jeito, nem terra tem pra jogar. E tinha um responsável sim pra vim, pra organizar. No caso que eu vim buscar o caixão, eu fui responsável, trouxe a medida pra levar o caixão, e veio outro responsável conversar com o padre, pra avisar que tal hora ia chegar um enterro — não sabia a hora certa, porque de pé era difícil, chovendo — e arrumar pra enterrar. Tinha um responsável sim. Naquele tempo, cada um mais disposto fazia uma coisa, outros fazia outra.

Qual era o tempo médio de duração do funeral?

Isso é difícil. Acho que conforme a família resolia enterrar. Por exemplo, se morria hoje, lá pelas sete horas da noite, amanhã logo cedo já ia fazer o enterro. Não tinha uma coisa certinha isso daí não.

Como a comunidade tomava conhecimento do falecimento de uma pessoa?

Eles avisavam. Até uma vez as crianças da escola — isso não faz muito tempo não —, eu fiquei até chateado, as crianças da escola do Albertão, chegaram lá e falaram que tinha um morrido o pai do Afonso (Ragazzo). E eu fui lá, porque todo mundo ali avisou vai mesmo, naquele tempo ia mesmo. Até hoje, toda vez que chega um tempo da roça é o dobro do que se morreu um barão da cidade aqui — um pouco do ritmo continua ainda. Às vezes mora um ricaço aqui, que a gente não conhece, e não vai quase ninguém. E você vê que lá na roça, morreu um pobre, seja quem for, pode ir lá que tem bastante gente no velório. Então eles avisam. Hoje liga. Naquele tempo ia de casa em casa, um avisava um tanto, outro avisava outro, outro avisava outro — uns ia de cavalo, outros ia a pé —, assim que comunicava. Mas comunicava todo mundo, comunicava e a turma vinha; comunicava porque vinha, porque você perder o tempo de andar uma hora ou mais a pé, e não vim, não adiantava você ir. Mas você podia ir que vinha. O jeito que avisava era desse jeito mesmo. O jeito que podia.

Depois do enterramento, o que normalmente era feito para a família enlutada?

Olha, depende, os que precisavam mais eles ajudavam a mesma coisa, um dava uma coisa outro dava outra, e o luto também... Hoje acabou... Naquele tempo era um mês de luto, de camisa preta. Você sabia quem era a família do morto, porque andava assim um mês inteiro. Era lei na roça antigamente era isso aí, era andar camisa preta, camisa escura. A turma sabia que um da família tinha morrido. Por fim, foi colocando uma faixinha e hoje não põem mais nada. Eu acho também que não resolve o problema, resolve o problema é você rezar pela alma de quem foi, não adianta a roupa e se esquecer de rezar um Pai Nosso, uma Ave Maria, pra quem já foi. Então a turma rezava muito por eles. Agora a turma entende de oração, de instrução, como tem grupos de jovens e tudo, pra explicar como hoje. Cada um rezava do jeito que sabia e muitos nem sabiam rezar, então cada um rezava da sua parte e do jeito que sabia, era isso aí lá na roça antigamente. No meu tempo lá, uns cinquenta anos atrás, eu participei muito e tudo que era enterro ali eu ia, ajudava carregar, eu ia mesmo.

Como era o período de luto? Quanto tempo durava?

Era só roupa preta mesmo. Tinha gente que se vestia inteirinho de preto, mas era só roupa preta mesmo. A roupa preta você sabia que tinha falecido gente, mas a lei antigamente era a roupa preta mesmo, camisa preta mesmo.

Por que a missa de sétimo dia é importante para os católicos?

Olha, isso eu não posso dizer pra você. Eu sei que é em benefício da alma da pessoa que morreu. Mas eu acho que a gente deve rezar o ano inteiro e a vida toda. O meu pai morreu já faz trinta, quarenta anos, e eu rezo todo dia por ele. Eles marcam missa... Você vê quantas vezes, ali no São Judas, estão marcando missa de quem morreu, nós é difícil de marcar missa; você pode ir ali que é difícil você ver eu marcar uma missa, porque já no folheto já tem o lugar pra você rezar pelos defuntos. Tem padre que até para: "Vamos rezar pelos seus falecidos hoje; cada um reza pelo seu". Então aquilo ali é importante pra você rezar. Você conheceu seu pai, sua m/ãe, seu avô, seu bisavô, então eu acho importante isso aí. Agora a missa de sétimo dia mesmo

eu não sei te explicar direito. Nunca me informei com o padre, porque que reza a missa de sétimo dia.

O que você acha que acontece com a pessoa depois que ela morre?

Eu acredito que aquele que mereceu vai ganhar o céu. Isso eu tenho certeza, não é que eu duvido não, eu tenho certeza que aquele que merece vai ganhar o céu. O que você fez de bem aqui na terra, você vai receber lá no céu. Porque não é possível um bandido levar a mesma vantagem, perante Deus, do que um humilde com todo mundo. Isso é a minha opinião e eu tenho certeza disso aí. Agora se se arrepender de última hora, tem o perdão de Deus, porque Deus não faz distinção de pessoa, certo? Você vê que tem aquele bom ladrão, os dois que foram enterrados com Jesus, os dois eram dois bandidos; um se recuperou de última hora, pediu perdão a Deus, se arrependeu e foi salvo; o outro continua querendo ir pro inferno mesmo, porque ele não quis saber de pedir perdão. Tem gente que vai até o fim e é isso aí mesmo: "Eu sou assim e não mudo". Então eu tenho certeza que aquele que faz o bem, ele vai receber o bem na outra vida. Porque dizem que não existem o inferno, mas existe — pode crer que existe o inferno —, muita gente diz que não existe o inferno, mas o inferno existe. Mas você vai pro inferno se você quiser também; você pode ser um bandido tantos ano aqui, se arrependeu, pediu perdão a Deus, você tem o perdão de Deus. Porque Deus... "Eu vim pelos doentes; não vim pelos sãos. Vim pelos pecadores; não os que estão sãos". Então Deus quer que nós todos sejamos salvos, basta nós querer. Desde pequeno eu sempre fui religioso, desde pequeno lá nós fazíamos a nossa procissão lá na roça, difícil como eu falei pra você, com vela acesa, nós andava até meia-noite pelas estradas, passando catingueiro, cerca de arame. Então toda a vida eu fui religioso; não vou dizer que estou salvo não. Mas aquele que procurar o caminho de Deus, ele vai ser salvo.

Você acha que houve mudanças em relação ao enfrentamento da morte nos últimos 30 anos? Se sim, quais são as mudanças?

Eu acho que de morrer não. Não mudou não, porque eu tenho certeza que o cara não vê a morte. Apaga e de repente, então não tem diferença. Pro morto não tem diferença; uns sofrem mais, outros sofrem menos na hora da morte, mas alguns sabem que vai morrer. Tem gente que chama a família toda, dá a benção pros filhos

e morre. Então ele tá sabendo que vai morrer. Outros não tá sabendo e chegou a hora e apaga mesmo, como antigamente. Vai até a última hora, sofrendo; outros não sofrem tanto. Mas eu acho que não tem diferença não. A diferença está aqui no velório, que a turma mudou muito. Pra carregar o caixão você vê gente nova se afastando tudo pra trás, maior parte são os velhos que carregam. E os velhos estão acabando. Eles têm medo de chegar no caixão e pegar. Mas não precisa ter medo. Antigamente também, até hoje existe, que o pai e a mãe não deixam o filho ver o morto, né? Outros já quer que o filho passa a mão no morto, vai lá ver um avô, um tio, e isso daí é tudo tonteira. Isso depende da pessoa, a gente não pode julgar ninguém, por que quem somos nós? Nem Deus não julgou, quem somos nós pra julgar? A gente fala o que a gente sabe, mas não julgando ninguém.

Entrevista 8 — V.N.**Nome : V.N.****Idade : 73 anos.****Entrevista concedida a Valéria Aparecida Rocha Torres auxiliada por Ricardo Biazotto em Abril de 2018.**

Qual é a sua atuação dentro da igreja e como começou a frequentar a igreja?

Sempre fui católica, mas não era praticamente. Depois que eu casei, meu marido era muito católico, então eu comecei a ser mais participante. Atualmente eu participo da Liturgia da missa.

Entre a comunidade católica, quando uma pessoa morria quais eram as primeiras providências tomadas?

A primeira coisa ia à funerária, depois a funerária fazia os papéis... Agora eu não lembro se a gente que ia atrás do padre ou se a funerária que avisava — hoje é a funerária que avisa, no meu tempo eu não lembro. Eu acho que a gente chamava o padre... Minha mãe faz quarenta anos que morreu, eu acho que a gente que avisava o padre.

Como era feita e quem eram as pessoas responsáveis pela lavagem do corpo? Além da lavagem, quais eram outras providências tomadas em relação ao toalete do falecido?

A família mesmo. A família, os vizinhos que ajudava... No caso da minha mãe, quando ela morreu, faz 44 anos, ela morreu em casa, tinha acabado de tomar banho, quer dizer que eu troquei. O meu pai também, já tinha tomado banho, meu pai também morreu de repente, eu acho que foram meus irmãos que trocaram ele. A minha mãe eu lembro que fui eu quem troquei. Naquela época a funerária deixava a gente trocar, eu acho que toda família era quem trocava. Eu troquei bastante defunto.

Eu troquei várias mulheres da minha família, mãe, sogra, cunhada, tia, tudo fui eu quem troquei. Eram velhinhos... Minha mãe não era tão velha... Mas a minha sogra, minha tia, minhas cunhadas, então eu pedia pra funerária e a funerária deixava eu trocar. Agora hoje é a funerária que troca, a funerária não deixa mais a família trocar, e propriamente não gosto, porque eu acho que hoje na funerária é homem que vai trocar, né? Eu gostava mais do tempo que a gente trocava. Porque às vezes a

velhinha era tão reservada, agora você larga na mão de homem, eu não acho muito bom não, mas acho que eles gostam de fazer o serviço, o serviço deles. De primeiro eles eram mais tolerantes, mas a gente pedia e eles deixavam; hoje eles não deixam.

E geralmente os antigos sempre têm mania de encomendar a roupa. A minha mãe já tinha deixado o vestido que ela queria no dia que ela morresse, minha sogra também. Mas quem não tinha, gente antiga a maior parte fazia a mortalha, né? Sempre foi mais fácil assim do que pensar na roupa que o defunto que ele queria, porque gente antiga tem mania de encomendar a roupa.

Qual o sentido de amortalhar o morto? Como as mortalhas eram feitas?

Eu não sei, era costume fazer mortalha. Sempre escolhem a roupa melhor, vai ver que quem não tinha fazia a mortalha, porque aí já sabia que ia ter aquilo lá. Mas era feita bem antes, tem gente que fazia anos antes. Era feito bem antes e geralmente era cetim, com renda, enfeitada. Era como um lençol, como um manto de Nossa Senhora, mesmo. Na minha família ninguém foi de mortalha; foi tudo de roupa comum mesmo.

Os padres participavam desse processo ou eram somente os leigos?

Não. Eu nunca vi. O padre ou ele vem na casa, fazer uma visita antes, ou então só na hora que passava o defunto na igreja... Naquela época, 1970, o corpo ia até a igreja. Velava na casa e da casa ia até na igreja, depois da igreja ia para o cemitério. Pelo menos meu pai, minha mãe foram assim, minha sogra... Meu sogro já foi no velório... Ficava tudo em casa e daí seguia... A gente só via o padre ali.

Após a preparação do corpo, começava a organização do funeral. Quem se responsabilizava por essa organização e como era organizado o funeral?

A família. A família junto da funerária, que colocavam velas... O tapete não sei se punham na casa, não lembro... Tinha que ter o pano, o Cristo na cabeceira do caixão, e as velas. A única coisa que vinha da funerária, quando era feito em casa.

E tinha uma flâmula na porta da casa. A própria funerária, pendurava na rua, na frente da casa... Como uma flâmula, grande... Ali a gente sabia que tinha um velório.

Após o velório, como acontecia a ida à igreja e ao cemitério? O que acontecia na igreja?

Geralmente ia carregando o defunto na mão, até a igreja, lá tinha a cerimônia de o padre encomendar o corpo, aí quando saía ia no carro fúnebre, a maior parte. Tinha gente que não queria, queria que fosse com o defunto carregando, mas a maior parte punha no carro fúnebre e o povo ia acompanhando a pé, atrás.

Qual era o tempo médio de duração do funeral?

24 horas. A pessoa tem medo de enterrar viva, então tem muita gente que pede pra deixar 24 horas porque tem medo de ser enterrada viva. Mas evoluiu muito, hoje ninguém quer mais passar a noite com o defunto. Tanto é que tem bastante gente que está fechando o velório à noite, não fica mais. Eu não gosto disso. Se for meu parente, eu continuo, eu passo a noite com o defunto, por respeito ao defunto.

Sei lá, deve ser bobeira também... Vai evoluindo, tem que modificar as coisas. Às vezes na família já estão todos velhinhos, não tem condição de passar a noite, porque a noite é só a família que fica, então mais é por isso que foi mudado de não ficar mais com o defunto à noite. A maior parte está fazendo assim à noite, fechando o velório.

Como a comunidade tomava conhecimento do falecimento de uma pessoa?

No rádio. No rádio, a gente mandava avisar, boca a boca, porque não tinha telefone.

Depois do enterramento, o que normalmente era feito para a família enlutada?

Os vizinhos vinham, faziam comida pra gente... Nós passamos por isso. Tinha uma vizinha lá, ela veio e trouxe o almoço para todos nós, ficava com a gente, fazer companhia pra gente, né? Naquele tempo as pessoas respeitavam mais quando morria uma pessoa, hoje está muito assim... Sei lá, não sei explicar... Materializou muito a coisa, né? Então não sei se está muito natural, o que é, mas naquela época a pessoa sofria muito, não tinha condição de fazer nada. Os vizinhos ajudavam.

Hoje não tem isso. Hoje você enterrou, volta pra casa e não tem ninguém. “Malemá” vem um da família.

Como era o período de luto? Quanto tempo durava?

Naquela época não se ligava rádio, não se ligava televisão. Geralmente a pessoa usava roupa preta, a mulher roupa preta toda, e o homem uma tirinha no braço. Então era luto mesmo. Era completamente silêncio.

Tinha gente que ficava de luto até uns seis meses, mas luto fechado, fechado mesmo, sete dias. Enquanto não passava a missa, era bem silêncio. Hoje mudou. O defunto está na casa já estão ligando televisão.

Por que a missa de sétimo dia é fundamental?

Ah, porque é pra ter a paz. Geralmente eles falam... Não sei, isso é credice antiga também... que o corpo começa se desfazer no sétimo dia. Não sei, é mais um consolo pra família também, que a igreja oferece pra gente. A gente vê quem rezou pelo falecido, e conforta a gente também, né?

Mas antes era diferente. Ia bastante gente, assim, no começo, era missa de sétimo dia, eles punham que nem um altar assim, descendo a escada da Igreja Matriz, punham um pano. Então era missa de sétimo dia só daquela pessoa, então era uma cerimônia mesmo. Depois tirou esse altar, e punham o tapete no chão. Era uma cerimônia bonita a de sétimo dia, mas hoje não tem mais nada. Eu acho que é a modernidade, simplificar as coisas. Hoje tem muita missa, muita intenção. De primeiro não se marcava missa tanta como marca hoje. Era missa de sétimo dia... Hoje não, tem muita intenção, então a igreja foi modernizando. Deve ser isso.

Mas é importante. Eu acho que é um consolo pra família, a igreja dá esse consolo.

O que você acha que acontece com a pessoa depois que ela morre?

Eu acho que a gente vai ter o julgamento. As que viveram como Jesus quis vão ter a sua recompensa, e as que não viveram vão ter o que merece. A gente espera... Bom, a gente tem certeza que é assim. Porque senão não valeria a pena viver, se não tivesse um céu. Você vai viver bem... Porque pra seguir mesmo não é fácil, né? Você

renuncia muita coisa, porque hoje o mundão está oferecendo muita coisa pra gente, então a gente tem esperança de estar com Deus um dia. Eu acho que não vale a pena perder.

Você considera que houve mudanças em relação ao enfrentamento da morte nos últimos 30 anos? Se sim, quais são as mudanças?

Houve, porque de primeiro a pessoa assustava mais, hoje está muito mais natural. Mesmo nos velórios não tem mais o respeito que tinha. Hoje você vai no velório e parece um mercado de peixe. De primeiro não, era um silêncio. Era triste. Era muito triste. A gente ficava ali com o defunto mesmo, velando mesmo.

Eu já enfrentei morte de pai, de mãe, de filho. Eu não sou de desesperar, mas não é fácil. Se não tiver a presença de Deus com a gente é difícil, principalmente a morte de filho. Mas graças a Deus, Deus me deu muita força nessas perdas que eu tive, principalmente da minha filha.

Para encerrar, tem alguma coisa que se lembre ou história que queira contar?

Mudou muito a forma de ver a morte hoje. Mudou muito. Pra uns é mais natural, outros já sofrem mais; uns têm um tipo de histerismo, outros se contêm mais.

A tendência é continuar diminuindo esse respeito ou continuar mudando?

Eu acho que não volta o tempo que era não. Estão recebendo a morte com mais naturalidade, não sei se é o tempo moderno, se as pessoas estão muito materializadas, ou o que é, sei que é difícil explicar.

A tendência é que continue natural?

É que continue natural. Eu acho que do jeito que era não volta não. Nossa, a gente sofria muito. Como a perda da minha filha, a gente sofre muito, mas Deus ajuda. Eu não sou de reclamar. Não sei se aceita ou se se conforma, mas nunca fui de desesperar não. Mudou muito o jeito de se encarar a morte no velório. Acho que quando era nas casas também era mais silêncio.

As pessoas usam o velório mais como ponto de encontro do que respeitar o morto?

É. Vira uma festa, né? Porque às vezes você encontra pessoas que nunca mais encontrou. O celular também... A gente tem visto muito desrespeito... Outro dia fui no velório, era a mãe de uma pessoa, o defunto estava sozinho lá e cada um no celular.

Tem alguma coisa de infância para contar?

Tinha o necrotério também, que às vezes velava no necrotério. Quando a gente era criança passava ali e velava muito no necrotério. Hoje só troca ali, mas muitas pessoas foram veladas ali no necrotério, antes de construir o velório.

Entrevista 9 — A. I. O e A. H. O

Nome : A. I.O.

Idade: 73 anos.

Nome: A. H. O.

Idade : 74 anos.

Entrevista concedida a Valéria Aparecida Rocha Torres auxiliada por Ricardo Biazotto em Abril de 2018.

Contem um pouco sobre a entrada de vocês dentro da Igreja Católica e qual a atuação até hoje?

AH: Eu fui porque minha mãe obrigava. Se eu não fosse à missa, também não tinha matinê. E minha mãe dizia... “Ah, mãe, não quero ir à missa hoje”, “Não quer? Tudo bem”. Aí chegava uma meia, duas horas: “Mãe, dá dinheiro pra ir ao cinema”. “Não, filha. Quem estava indisposta pra ir à missa, também está indisposta pra ir no matinê”. Então eu fui indo, amadurecendo... Quando eu era mais brava, eu não tinha vontade de ir, mas vivia em uma situação em que eu tinha que procurar alguém maior que eu, pra eu tomar providência da minha vida. Foi onde eu fui indo, lecionei, voltei pra Pinhal, fui dar aula de catequese, mas gostei do que fiz. Sou da equipe de batismo, participava da Legião de Maria. Eu gostava do que eu fazia.

I: Eu desde criança, com a minha mãe, aprendi as primeiras orações, gostava muito, gostava de ir à igreja, tornei adulta, continuei gostando, tornei catequista, sou da equipe de batismo, sou da equipe de Liturgia da missa, gosto muito do trabalho da igreja, ele me deixa feliz. Enquanto eu fui puder, for útil, eu vou participar dos movimentos.

Em relação à morte, qual a primeira lembrança que vem?

I: Olhe, eu acho que a morte é um momento difícil pra família, pra amigos. A morte é a única certeza que a gente tem. Nós nascemos e sabemos que um dia vamos morrer. Então, não é com a mesma alegria, não é com a mesma maneira, melhor dizendo, que a gente enfrenta a morte. A gente recebe com alegria uma criança, um nascimento, mas depois, se acontecer um fato desse, é muito diferente, porque é a separação que é difícil. Então eu acho que a morte a gente precisa estar bem preparada para ela. Eu penso assim: não é o fato da pessoa morrer, o problema é a separação. É a falta que aquela pessoa vai fazer na sua vida.

Entre a comunidade católica, quando uma pessoa morria quais eram as primeiras providências tomadas?

I: Bom, normalmente eram os vizinhos que chegavam primeiro, às vezes até antes que os familiares. Os vizinhos que chegavam. E aquelas coisas de praxe, às vezes chamava-se um médico, constatou que faleceu, às vezes o próprio saia pra procurar funerária, essas coisas. Porque o velório era feito em casa, então alguém tinha que sair atrás dessas coisas. Isso que eu me lembro de quando acontecia um fato desses. Se fosse possível acudir a pessoa, levava pro hospital, tudo bem. Mas às vezes não era possível. No caso do meu pai não foi, não saiu de casa. Ele teve um ataque do miocárdio, foi fulminante, morreu rapidinho, então não teve jeito. Mas volto a falar que sempre os vizinhos são aqueles que socorriam primeiro, as famílias com o problema da morte, do falecimento de um ente querido.

Como era feita e quem eram as pessoas responsáveis pela lavagem do corpo?

Olha, do meu pai foram os amigos dele da rua, que prepararam meu pai. Meu avô foram as pessoas da casa que prepararam, que deram o banho. Foram os vizinhos. Minha mãe estava ali também, mas foram eles que lavaram meu pai. E acho que a maioria dos velórios eram os parentes chegados, os vizinhos, porque não tinha outro jeito, que eu me lembro não tinha. Porque se fosse mulher, era mulher que cuidava; se fosse homem, era um homem, que eu me lembro. Agora eu acho que era assim. Era a família mesmo que tomava as primeiras providências, os parentes mais próximos. Lavava-se com álcool.

AH: Passava um paninho molhado.

I: Era na casa que preparava tudo. Era uma coisa tão estranha.

Quais eram as outras providências em relação à toalete da pessoa?

I: A minha vó, que tem muitos anos mais que cinquenta pra trás, usou uma mortalha. Era uma roupa própria, feita geralmente de cor escura — a lembrança é que era roxa —, fazia e vestia na pessoa. Não me lembro se flor naquele tempo.

AH: Não tinha não.

I: Mas a mortalha tinha. Quando não tinha nada mais apropriado pra pôr no defunto, eles punham uma mortalha.

E qual o sentido de amortalhar o corpo?

I: Desde que eu me conheço por gente, usava esse termo: "vai fazer a mortalha". Mortalha é a roupa do morto. Então eu acho também que vinha, vinha os meus tios, os irmãos da minha mãe, eu acho que também usavam desse sistema. Não sei se essa pergunta está ligada com o que... É pra lembrar acho que da morte mesmo, né? Aquele era o fim da pessoa ali.

Como eram feitas as mortalhas?

I: Normalmente era uma roupa... Se não me engano ela era assim: tinha manga, mas era costurada, cortada e passada na máquina e colocada...

AH: Costurada brutalmente; grosseiramente.

I: Não era nada com delicadeza não. Fazia aquela roupa, normalmente era assim, às vezes era amarrada pra trás. Flor não me lembro se punha flor.

AH: Eu acredito que não.

I: Eu não me lembro desse detalhe das flores, como a gente vê hoje. Mas a mortalha era um vizinho que fazia, uma pessoa da família, todos se ajuntavam ali pra que o velório, vamos dizer assim, começasse logo. E sempre tudo com muito respeito. Isso a gente percebia desde pouca idade, que era um momento especial aquele momento, de preparar o falecido. Então é a memória que eu tenho.

Nesse sentido da preparação do falecido, durante esse processo as pessoas costumavam rezar ou pela preocupação de fazer tudo certinho isso era deixado de lado para o velório em si?

I: Não, não. Porque criança, na idade nossa, sete, oito, nove, dez anos, a gente não participava disso aí. Porque isso aí ficava lá no quarto, lá arrumava, quando estava prontinho punha no caixão e punha no lugar que ia fazer o velório, que era na casa. Então não me lembro se rezava ou não rezava, isso eu não me lembro. Infelizmente não me lembro, como funcionava. Mas com certeza rezavam, porque eles rezavam mais do que hoje. Depois sim, mas pra preparar... Mas com certeza deveria ter alguma oração, que sempre eram pessoas mais velhas que preparavam, jovens ou crianças não participavam. Pelo menos eu nunca participei desse momento. Nem

do meu pai, que foi velado em casa, nem do meu pai. Quando eu vi já estava pronto, e eu já tinha vinte anos.

Algum motivo especial pra não ficar ou só não quis ficar mesmo?

I: Não, porque eram os homens, os amigos dele que preparavam ele, então não dava pra ficar junto. Ele morreu já há cinquenta anos, não dava certo de ficar, então eram os homens... Não sei se minha mãe, não me lembro, se ela foi ficar junto.

AH: Não...

I: Mas eram os homens amigos dele que preparam, não sei mais nada pontual.

Os padres participavam desse processo ou não?

I: Eu nunca. Nunca vi se um padre participava desse momento. Que logo depois já começou a ter velório, já ficou diferente, mas não me lembro. Mas que o padre esteve na minha casa, assim que meu pai morreu, isso é um fato. Se for, por exemplo, da minha casa, o Padre Matheus (van Herkhuizen) esteve lá assim que meu pai fechou o olho, não demorou dez minutos ele estava em casa. Mas não sei se era praxe isso, se ele ia, ou se ia porque frequentava a igreja, a minha mãe e meu pai iam juntos, então não sei. Mas que o padre Matheus esteve lá é um fato.

Tem alguma lembrança desse momento do Padre Matheus na casa, alguma coisa que ele fez ou falou?

I: Não, ele conversou, né, Ana?

AH: Ele abraçou a nossa mãe.

I: Ele abraçou, ele cumprimentou a gente, ele falou conosco. Eu não me lembro mais as palavras que ele usou, mas ele ficou, vamos dizer assim, dando apoio espiritual, consolo necessário no momento. Ele era muito amigo nosso, a gente gostava muito dele, então é o que eu me lembro, depois do velório, o lugar que ficou o caixão. Ele morreu às oito horas da manhã, foi enterrado no outro dia às oito horas da manhã. Ficou 24 horas, mais um pouquinho de 24 horas, foi muito tempo. Mas o costume, né?

AH: Depois faziam o féretro, até a Matriz.

I: Era assim... Ficava ali, rezava-se muito, muitos terços, e depois o caixão era levado pelos homens, normalmente eram homens que carregavam, podia ser longe,

levava. Era na igreja que recomendava, aí terminava, pegavam de novo, e iam pro cemitério. E o sino repicava, mas assim tristemente aquelas badaladas, todo mundo sabia que estava saindo do velório. Era uma marca. Não sei se era próprio da recomendação, das exéquias, não sabia. Mas que tocava assim, tocava. E era levado no braço até a igreja e da igreja para o cemitério. O que a gente lembrava também desse momento...

AH: A pessoa que se matava não era recomendada.

I: Não passava na igreja.

AH: Depois, com o passar do tempo, nos nossos tempos, é que isso acontece. Mas não era não.

I: Há cinquenta, sessenta anos, quem se matava não passava na igreja. Ainda bem que isso aí modificou. Já passa, já recomenda no velório, já facilitou bastante, mas quando eu era menininha, doze, treze, quatorze anos, é essa lembrança que a gente tem... Via o cortejo fúnebre na rua, sabe... Era comovente, até... Você via todo mundo ia a pé, não tinha nada de pôr no carro, e passava na igreja, recomendava e ia pra lá. Tem coisas que foram se modificando com o tempo, mas eu achei que são mais positivas as mudanças, foram melhores, eu penso assim.

Em relação as pessoas que cometiam suicídio, a comunidade via a morte dessa pessoa de outra forma, com preconceito ou alguma coisa do tipo?

AH: Não...

I: Não, não... Olha, até hoje tem gente que gosta de falar quando acontece, e às vezes usam um termo que... Nossa, pelo amor de Deus, se a mãe dessa pessoa ouvir, como que ela não vai ficar? Então eu acho que naquele tempo também devia ter, mas a gente não se envolvia com isso. Poucas lembranças que nós temos, longe, longe, de gente que se matava, nossa, ia descobrir: mas por que que fez isso? Por que que fez aquilo? Quer dizer, logo também não se falava mais, e a tal história: caia no esquecimento, com certeza alguém ia lembrar, como lembra até hoje, o tempo não apaga a lembrança, essa lembrança. Mas eu achava também que devia passar. Aquele deveria passar, até mais do que os outros, que frequentavam a igreja, não é? A Ana usa um termo... Como é? A pessoa que faz isso...

AH: A pessoa que se mata, tem muito mais coragem do que, por exemplo, eu, você, a Isaura... Eu não tenho coragem.

I: Ela fala assim: a pessoa que faz isso, ela deve estar no último. No extremo...

AH: Ah, está!

I: Da pressão, do problema, porque você não pode. Você vê a cara da pessoa, você não está vendo a pessoa por dentro. Então, assim, até achava estranho: meu Deus, tanto que ele precisava, ele também é filho de Deus. Ele também precisava passar na Igreja... Mas não passava! Com a graça de Deus isso está mudado, vamos todos pra igreja, reza a missa pra todos, a padre recomenda todos, é muito bom isso aí. Um consolo para aqueles que ficam, né? Uma palavra bem dada, em uma hora de sofrimento da separação, porque o mais pesa é saber que nunca mais vai ver essa pessoa. Isso aí tem um peso grande. A gente sabe que o tempo apaga tudo, que você vai acabar acostumando com a falta da pessoa, agora que você esquece, não. "Ah, não posso ir pra tal lugar, porque eu lembro que aí é o lugar que meu pai, que minha mãe ia"... Então você precisa ir só naquele lugar pra você lembrar dela, dele? Não, você lembra sempre. Uma pessoa importante na sua vida, mas... Então eu penso no momento desse que precisa do apoio da comunidade, da família, da igreja. Eu penso que é muito importante isso. Posso estar errada, mas é o que eu penso, que é importante.

Sobre o cortejo, as pessoas que não estavam participando como reagiam quando o cortejo estava passando, e os estabelecimentos públicos?

I: Era de respeito, viu? A gente via sempre, porque aquele tempo passava na rua, velório tinha quase todo dia, como tem hoje. Aquele tempo tinha também. Mas havia respeito sim. Não é assim, 100% de respeito... Nem hoje nós não temos, que as coisas mudaram muito... Paravam, esperava o cortejo passar. Essa lembrança eu tenho bem. Agora, de fechar comércio fugiu da minha cabeça.

AH: Não, isso não.

I: Não sei se fechavam, se abaixavam as portas, mas as pessoas, muitas — eu via, porque também parava —, eu via muita gente parando, várias pessoas, e outras também, mas aí é da nossa cultura. Uns respeitam, outros não. Deveriam respeitar...

Após a preparação do corpo, começava a organização do funeral. Quem se responsabilizava por essa organização e como era organizado o funeral?

I: Tinha que ir lá no cemitério pra pedir, quem tinha o lugar seu pra pôr, tinha que pedir pra pôr, pra abrir, porque o enterro ia ser a tantas horas, e deixavam aberto, como é hoje. Hoje a pessoa morre, avisa e a equipe que trabalha lá no cemitério já abre... Eu não me lembro de a gente ir ver se estava tudo certo, mas estava, porque estava aberto. Não sei quem foi essa pessoa que foi lá, sei que a Ana e eu nós não fomos, os outros eram mais novos... Então, eu não lembro que é que fez, mas os vizinhos se preocupavam em arrumar o local, tirar as coisas, deixar o lugar pronto, preparado para colocar o caixão. Isso a vizinhança fazia, as outras pessoas da família que estavam juntos se preocupavam com isso aí... Eu acho que nunca foi problema, pelo menos nas poucas vezes... A gente nunca viu, a não ser na nossa casa. A gente sempre que chegava na casa já estava organizado o velório, mas em casa não... Foram os vizinhos que prepararam, os amigos da fábrica do meu pai que correram ali, que fizeram... Eu acho que foi assim mesmo. Geralmente são os amigos e os vizinhos que tomam as primeiras providências, é assim? Onde quer que põe? Eu me lembro, minha mãe: "Vamos pôr aqui". Acho que em todo lugar, antigamente, era assim. A dona da casa determinava o lugar e colocava o caixão ali, o velório ali... É o que eu me lembro.

Como que aconteciam os velórios?

I: Primeira coisa que a funerária quando vinha trazer o caixão, já trazia um pano de luto, uma bandeira... Igual uma flâmula... Geralmente preta, roxa, uma cor escura... E punha na porta, na rua. Então qualquer pessoa que passasse ali, vendo aquela bandeirinha, aquela flâmula, já tinha noção que tinha um falecido na casa. Então isso aí já era um distintivo que mostrava pras pessoas que tinha um velório, um defunto na casa. E ali ficava... A mesma coisa lá do velório, um entre e sai, os vizinhos vem e vai, os amigos, os conhecidos... Sabe, todos naquele vem e vai, reza-se da mesma maneira, pelo menos em casa rezou. Rezava do mesmo jeito. Olha, era assim... Aqueles que passavam a noite, se fazia um cafezinho pra servir pras pessoas que passavam a noite, davam um pãozinho pra pessoa comer. Isso daí a gente tem na cabeça, que foi assim, eu me lembro desse fato. Era isso aí, não lembro de nada de modo extraordinário não me lembro. Já tinha levado o nome, o Dr. (José de) Filippi que deu o atestado de óbito dele, porque o Dr. Filippi que atendeu, ele que atestou que foi um ataque do miocárdio e pronto. Ali ficou mais um pouco, ficou até amanhecer

o dia, ali nesse velório, depois o resto foi de praxe, foi levar o corpo, foi o cortejo funeral. Eu não me lembro de muita coisa diferente depois disso, não me lembro muito.

Qual era o tempo médio de duração do funeral?

I: Às vezes tinha uma orientação do médico para abreviar o velório. Tinha, como tem até hoje, tinha também aquele tempo. O meu pai, no caso, morreu às oito e quinze, oito e meia da manhã, eu acho que o normal seria enterra às cinco horas da tarde. Mas passou a noite, o enterro dele saiu às oito horas da manhã da segunda-feira, domingo o dia inteirinho, a noite inteira, saiu às oito horas da manhã.

Então quando não havia uma recomendação médica...

I: Tinha aquele tempo mesmo, ficavam dez, doze horas com velório na casa. Isso era normal. Não podiam enterrar a noite... Das oito e pouco, oito e meia, pra enterrar a tarde, ia ficar muito pouco tempo, assim que pensavam. Minha mãe mesmo era uma que queria que ficasse ali. Não sei se era assim de praxe pra todos, mas dependendo da hora da morte, era no outro dia.

AH: Minha mãe dizia: “Nada de escândalo”. Se chorasse era baixinho, nada de escândalo.

I: Minha mãe era muito religiosa, era uma pessoa assim, tão ativa na vida da igreja. E certas coisas ela não admitia muito não, mas era assim.

Como as pessoas reagiam durante o velório?

I: Chorava ...

AH: Chorava, mas com muito respeito. Nada de chorar gritado, rasgar a roupa, nada disso. Era aquele choro respeitoso.

I: Mas chorava-se como se chora hoje, viu? Porque não é a morte em si — já falei e vou falar de novo —, é a separação. Saber que nunca mais você vai ver. Por exemplo: a Ana tinha uma afinidade imensa com meu pai, eu tinha mais afinidade com minha mãe... Então a Ana sofreu muito mais na perda do pai, sofreu a da mãe, mas foi diferente. Depende de pessoa pra pessoa esse sentimento. Eu acho que isso depende de uma pessoa pra outra. É uma coisa que nós todos vamos passar, não tem por onde escapar. Não tem. Você sabe que se quiser se encontrar com Deus, você vai ter que morrer, porque nesse dia a dia você encontra, fala: “É, mas é a

imagem de Deus". Dá vontade de dar um cascudo. Vontade nossa. Mas pra esse encontro com Deus precisa passar por isso.

AH: O meu medo é esse... Essa passagem... É esse medo que me aniquila.

I: A Ana tem medo da morte.

AH: Eu tenho. Eu sei que vou encontrar minha mãe, meu pai, meus avôs, os santos da minha devoção, mas é uma transição muito grande. Sabe, a gente tem receio. É a mesma coisa, quando a gente escuta: "Ter fé, crer, é pular no escuro no braço de Deus". Você tem medo. Eu pelo menos tenho.

I: O próprio padre falou uma vez: que a gente tem que pensar todo dia na morte. Só se for pensar na morte pra melhorar o dia.

AH: O comportamento...

I: O comportamento, a vida religiosa da gente. Agora ficar pensando: "Ah, eu tenho medo...". Eu falei: é a única certeza que nós temos. Nós nascemos para morrer. Agora, nesse meio, só Deus é que sabe como vai ser. Por isso vamos andar com os dois pés no sapatinho só, porque na hora que Ele chamar, se você não estiver preparado vai ficar muito desagradável. Aprendeu a vida toda que tem que ser correta, tem que ser honesta, tem que ser religiosa, tem que amar o irmão como se fosse você, tem que amar o próximo, Jesus tem que ser o primeiro na sua vida. Mas você, na hora de agir, não faz, depois tem medo da morte? Não sei...

Como a comunidade tomava conhecimento do falecimento de uma pessoa?

I: Ah, era falar... Naquele tempo poucas famílias tinham telefone, era o mínimo... Então espalhava-se a notícia boca a boca mesmo. Falava, os vizinhos, os familiares, um avisava, os que moravam em Campinas avisavam os de lá, os que moravam em São Paulo avisavam os de lá. Pelo menos na minha família foi assim. Mas era assim... A notícia espalhava-se verbalmente, as pessoas passavam o recado, nem me lembro se tinha papel de luto. Não me lembro quanto tempo é o papel de luto que fica lá no placar, mas era assim, pelo menos que eu me lembro.

As três formas era a flâmula, o boca-a-boca e o sino?

I: Mas quando tocava o sino já estava saindo da igreja para o cemitério. Era assim, todo mundo sabia: olha, vai sair um enterro da igreja. Era assim. Quer dizer,

eles avisavam... Já a minha mãe, que faleceu há 24 anos, ela já tinha o anúncio no rádio, já tinha o papel de luto. Dela eu me lembro. Do meu pai eu não me lembro se tinha o papel de luto ou não... Mas era assim que se avisava as pessoas e os amigos.

Depois do enterro, o que normalmente era feito para a família enlutada?

I: Olha, volto a dizer que os vizinhos e os famílias também vinham muito, ficavam muito com a pessoa em casa. Na primeira semana todas nós em casa. E os vizinhos sempre mais. Os vizinhos ficavam bastante, os familiares daqui também ficavam. Mas, depois, com o tempo, tudo se acalma. Hoje em dia é assim e aquele década também era, na década de 60 — meu pai morreu em 1969. No começo sempre tem fluxo grande de pessoas que passavam, que vinham... Os vizinhos vinham muito. Mas vai passando um pouco o tempo e aquilo se acalma, porque a gente entende que a família tem que assumir a perda do ente querido. Não tem por onde escapar. Não tem outra solução. A vida continua, a família tem que cada um tomar o seu rumo para o trabalho. Ficou aquela semana, uns quinze dias, sempre muita gente, as visitas, mas depois vai diminuindo, fica só a família, as irmãs, as tias que iam mais... Acredito que até hoje funciona um pouco assim.

Como era o período do luto? Quanto tempo durava?

I: O luto da esposa, no caso da minha mãe, foi um ano. Um ano de luto fechado. Era só preto. Um ano ele usou só preto. A gente não. Nós usamos preto e branco, quando meu pai morreu a gente era mais jovem, mas eu já trabalhava, a Ana já trabalhava. Nós começamos com preto e branco, mas minha mãe ficou um ano. Um ano! Roupa de casa e de ir à igreja, era o passeio dela. Casa e igreja. Era assim, um ano. Ela ficou um ano assim, depois quando passou: "Mãe, começa a mudar. Põe agora uma blusinha branca, uma blusinha preta, uma saia diferente, outra cor". Ela falou: "Ah, não, não posso". Preto, preto, preto, preto... Ela dormiu dez anos na cama de casal, com o travesseiro do meu pai e o pijama que ele dormiu a última noite que dormiu com ela na cama, embaixo do travesseiro. Dez anos. E a Ana e eu: "Mãe, pelo amor de Deus! Tira isso, vamos tirar essa cama, vamos pôr outra cama. Vamos!". "Ah, Nossa Senhora, imagina...". "Mãe, tanto vôzinho lá no Lar da Terceira Idade que poderia usar o pijama do pai, que está novo, em condições de uso". "Ah, deixa isso

aí, porque não está incomodando ninguém. Eu quero isso aí". Levou dez anos! E a Ana e eu, de vez em quando, atacava esse assunto, até que um dia ela falou: "Pode levar...". A cama não... Tirou o travesseiro e ela dormia naquela cama. Ela falava: "Como eu vou fazer isso, tirar tudo que era do seu pai?". Foram esses anos todos.

O uso do preto era só por respeito ou também tinha a questão do amor, saudade, ou era um misto de tudo?

I: Eu acredito que seja (um misto), eu acredito que sim. Ela achava que ela como viúva aquela roupa era melhor que ela poderia usar. Uma besteira, na minha opinião. Porque a gente ficava um ano, começava a tirar, usava outras cores, e ela emendou aquilo anos e ano. Só comprava roupa preta, só fazia roupa preta. Deu o que fazer pra mudar a cor. Muito tempo, mas muito... Eu acho que era um misto de coisas aí, era o amor que ela sentia por ele. Foi uma mistura de saudades, de tristeza, de amor que ela sentiu. Acho que foi um pouquinho de exagero, mas eu ia falando devagarinho, pelas beiradas. De vez ia fazer uma roupa e falava: "Olha, mãe, o azul como está bonito; olha o verde como está bonito". "Mas eu queria tanto...". "Ah, não, mãe, preto já tem bastante". Mas eu acho que também varia muito de pessoa para pessoa, porque eu penso que não é a roupa, o preto, que vai determinar o sentimento, o amor, a saudade, a tristeza. Eu acho que não é, mas na década de 60 foi isso aí. Eu acho que foi esse misto de coisas. É importante a gente pensar um pouco, e também lembrar, não cabe a nós julgar. "Fez isso, fez aquilo; por que agora está agindo assim?". Não é da nossa conta julgar a pessoa.

Por que a missa de sétimo dia é fundamental?

I: Eu ouvi o Monsenhor (Augusto Alves Ferreira) falar que é a importância dela está em a família perceber que se passados sete dias, estavam rezando pela alma dessa pessoa, que ela não vai voltar mais. É pra família, principalmente para aqueles que estão meio desorientados pela falta do ente querido, para cair em si: não vai voltar mais. É pra ter a certeza. E eu penso que é um meio também de reunir outra vez a família e juntos rezarem pelo nosso ente querido. É um momento importante. E aquilo que o Monsenhor falou: "Vai lembrar que nunca mais vai voltar". E eu também creio.

Realmente, você vai pôr na sua cabeça que não tem mais jeito. Morreu, enterrou... Aqui a vida dele acabou, agora é lá em cima. Como ele cultivou essa vida aqui na terra, pra viver lá? Isso aí eu penso: "Ah, Senhor, eu quero viver da melhor maneira, o Senhor me ajuda, porque eu gostaria muito de estar nos braços do Senhor". Não queria saber de ficar por aí, ter que ficar rezando pra mim não. Eu preciso rezar aqui, nesta terra, nessa vida, pra depois, se tiver alguma coisa, em um instantinho eu vou estar liberada pra me encontrar com Deus. Porque aí acabou o mistério: você encontrou com Deus, você viu Jesus, acabou o mistério. Porque a morte é um mistério. Você não sabe do lado de lá como é que é. É mistério. Então você tem que viver aqui, fazendo tudo que você pode, da melhor maneira, pra hora do seu encontro, ser um encontro amoroso do nosso Deus, das pessoas que a gente conheceu aqui. Todo mundo fala: "Mas não vai conhecer". Mas eu tenho certeza: meu pai e minha mãe eu vou ver lá. Vou ver. Tenho certeza. Porque eles foram bons; minha mãe foi uma pessoa maravilhosa, meu pai foi um homem correto, que construiu a vida dele eterna, a vida futura dele aqui. É o que eu procuro fazer. Sei lá eu se eu vou acertar, mas que eu estou tentando, estou.

Seria esse também o motivo de algumas famílias continuarem rezando missas marcando um mês, dois meses, três meses, embora seja uma celebração diferente?

I: Ah, pode ser. A pessoa fala: "Não, vou rezar mais". Olha, até que eu já marquei mais pros meus, agora já não marco tanto. Falo gente: "Vou confiar na misericórdia de Deus, porque Deus vai receber a todos com amor na vida eterna". Porque a vida eterna é o que a gente almeja. Impossível a pessoa viver aqui: "Ah, pra mim tanto faz ir pra lá ou não". Não. Eu acho que nós cristãos vivemos aqui almejando alguma coisa diferente. Porque se o céu, como eu já ouvi, é aqui mesmo na terra, não tem céu... Então se o céu for aqui na terra, com tanta indiferença, com tanta injustiça, tantas doenças... Se o céu for aqui, olha, eu tô passando esse céu. Eu acho que o céu é um lugar onde não vai haver nada disso, nem diferenças, nem tristezas, nem provações, nem falta de amor. Você vê uma pessoa que você ama com uma doença que não tem como cuidar... Você imaginou o que todo mundo sofre? "Mas o céu não tem; nem céu, nem inferno, é tudo aqui...". Ah, eu não aceito isso aí. Nós temos céu e temos inferno. Não inferno como eles falam... É o tacho, é o diabo com garfo, não...

Você vai viver o inferno se você não tiver Deus com você. Se Deus não estiver presente na sua vida, você é uma pessoa que não tem limites, não tem rédeas, não tem nada. Eu penso assim e procuro fazer o melhor que eu posso aqui, pra ter as alegrias do céu. E eu tenho confiança que vou pro céu, nem se tiver que rezar um pouquinho pra mim aqui, não tem importância. Mas eu vou chegar lá!

E tem alguma lembrança de como eram as missas de sétimo dia, fazendo uma comparação com as missas hoje?

I: Não me lembro das missas de antigamente. Do tempo que eu tenho noção era igual... Terminando o padre chama as pessoas das famílias e reza, dá a vela acesa pras pessoas da famílias, reza pelo falecido. Não tenho assim lembrança da missa de sétimo dia do passado não. Não me lembro se tem alguma coisa diferença.

AH: Eu lembro do meu pai, a missa de sétimo dia dele. Foi triste, a gente chorou. A igreja ainda tinha aquele suporte de madeira no altar, nós fomos comungar, o povo cumprimentou, e só. É a memória que eu tenho, dos tempos idos do meu pai, em 1969.

Mas tinha alguma coisa que representava essa missa específica e colocava no altar?

AH: Não. Era o altar comum.

I: Eu não me lembro nem se punham o roxo, não consigo me lembrar se punham a almofada roxa. Porque agora não.

O que você acha que acontece com a pessoa depois que ela morre?

I: A única coisa, pra arrematar isso que eu falei, só vou dizer: o céu ele começa a ser construído aqui nesta vida, então não adianta deixar tudo pra última hora. Nós temos que pensar que nós podemos o tempo de pedir, no caso, um perdão a Deus por aquilo que eu deixei de fazer por N motivos, que cada um tem os seus. Por comodismo, por preguiça, por falta de tempo, por medo, por vergonha, né? Tem muita gente que ainda vive preso nessa. "Ah, tenho vergonha de isso, eu não gosto, eu tenho medo, não sei falar". Então, de repente, eu penso assim. Não deve ser assim muito, muito mais diferente. Deve ser assim. Às vezes a gente tem um pouco de

respeito humano, a gente deixa de fazer alguma coisa por respeito humano, mas que o tempo amadurece um pouco a gente, não tem coisa melhor pra nos ensinar do que o tempo, então às vezes a gente ainda pode corrigir alguma coisa nesse sentido. Fora isso, eu acho que a gente tem que viver o nosso dia a dia pensando que esse encontro com o Pai nós temos ter que ter. É a hora do juízo final, que ninguém acredita. Vai acontecer isso, então nós temos que trilhar nessa vida, procurando fazer o melhor, fazer mais o bem, e quando errar ter a humildade suficiente pra falar: "Eu errei, Senhor, o Senhor me perdoe porque se o Senhor me chamar hoje eu quero estar em dia, quero passar a minha vida em dia hoje".

AH: Depois que ela morre ela vai ter o encontro com Deus. Se ela acreditou nesse encontro, e se ela pode apresentar o que ela fez de bom aqui na Terra. As mãos não podem chegar vazias lá no céu. Às vezes a minha fica vazia, mas ela não pode permanecer vazia. Ela tem que estar cheia das minhas boas ações, porque são essas boas ações que ficarão quando falar: "Olha, eu conheci o Ricardo". Todo mundo se remete ao Ricardo e o que você fez de bom; ou então o que você fez de ruim.

I: Se foi bom, boas lembranças. Se fez alguma coisa muito séria, que tenha machucado pessoas, eles vão falar: "Não, pra mim ele não foi bom". Quer dizer... É a liberdade que nós temos. Deus dá o livre arbítrio pra todos nós, nós podemos fazer só aquilo que é correto, às vezes não.

Vocês consideram que houve mudanças em relação ao enfrentamento da morte nos últimos 30 anos? Se sim, quais são as mudanças?

AH: Eu acho que não...

I: Ah, é um assunto tão delicado esse, porque cada um sente do seu jeito. Uma família que perde, vamos supor, uma mãe que deixa três filhos em idade de crescimento e tudo isso, se a criança tem noção do que aconteceu, que perdeu a mãe, você imaginou que tristeza não deve ser? Pras pessoas que participam do velório, as pessoas da família, então eu acho que é uma coisa tão relativa. O sentimento existia e existe, só que tem gente que tem mais...

AH: Estrutura, Isaura.

I: Isso. Mais forte, tem mais estrutura, vamos dizer que tem mais coragem de enfrentar uma situação de perda, e outras já se desmoronam, mas isso aí é da pessoa. E quem sou eu pra falar: "Nossa, que família que fez isso". Não posso. A gente não

pode julgar ninguém, então eu acho que depende muito da pessoa, porque a separação é difícil. Quando você perde uma pessoa que você ama, que você amou, é duro, é difícil. É muito complicado. Leva tempo, meses, vira o ano. Você de vez em quando ainda fala daquela pessoa como se ela estivesse ali na esquina e que já vai chegar. Então de vez em quando a gente faz uma comida em casa que a nossa mãe, que o nosso pai gostava, a gente fala: "Nossa, a mãe gostava tanto disso". "Ah, o pai adorava essa comida". Parece que está ali, já vai entrar, vai viver a comida e ficar feliz.

AH: O lugar da mesa, também a gente olha e fala: "Puxa, o pai sentava aqui".

I: Demora. Isso aí passa. O tempo é um remédio excelente, mas não é assim em um estalar de dedos, então a gente tem que respeitar o tempo de cada pessoa com a sua perda, porque perder não é bom pra ninguém. Aí são só lembranças, lembranças, lembranças... Se você puder ter mais lembranças boas do que as desagradáveis, melhor pra você. Agora se a gente não consegue deixar isso, eu não sei. A morte difícil sempre. Ela foi, ela é e será sempre assim. Separação é complicado.

A morte é um assunto que as pessoas evitam tocar? É um tabu ainda hoje?

AH: Ah, eu acho que é.

I: Tem muita restrição. Tem gente que não gosta mesmo de falar da morte.

AH: "Vamos mudar de assunto", é assim que eles falam.

I: E se esquecem que é uma certeza verdadeira, verdadeira. Eu sei que é difícil, claro que é, a separação, mas a gente teria que aceitar como a gente aceita quando nasce. No entanto... A nossa condição humana que também pesa muito nesse modo de ver a morte. Eu acho que é assim. Nós vivemos nessa vida procurando acertar? Procurando acertar. Com certeza a gente não acerta sempre, isso tem que saber isso, eu não sou dono da verdade, eu não sou dono de nada, então eu tenho que falar: "Senhor, eu quero estar com o Senhor, me ajuda, porque se o senhor me chamar essa noite, eu quero chegar lá com as mãos cheias, com as mãos repletas de boas coisas". Porque na realidade Deus não vai querer saber quantas vezes eu fui à missa, quantos terços eu rezei, nada... Ele vai querer saber o que eu fiz pro meu irmão quando ele precisou; se ele não precisar de nada, ótimo maravilha... Mas quando a gente sabe

que a pessoa precisa e a gente faz o ouvido surdo, aí quando você faz deliberadamente aí eu acho que é grave. Aí sim você tem que temer: "Nossa, se Deus me chamar essa noite... Nossa, eu devia ter feito isso e não fiz". Porque aí não adianta você reclamar. Eu tenho convicção disso. Errar a gente erra todo dia. Se for o momento reservado pra mim, eu que vou mesmo. Vamos fazer direito, fazer com amor... Não fiz direito, peça perdão pra Deus que ele perdoa sempre. Ele não se cansa de perdoar.

Esse temor das pessoas de falar da morte é uma coisa restrita às pessoas que não estão efetivamente dentro da igreja ou todas as pessoas, independente de religião, têm esse temor?

I: Acho que tem muita gente que não gosta de falar da morte, porque eu já ouvi muitas pessoas: "Pelo amor de Deus, nós estamos vivendo. Está tudo tão bom, vamos deixar isso aí pra depois". Não, tem que pensar. Deus me livre ficar sabendo o dia que a Deus fosse me chamar. Eu não gosto nem de pensar nisso. Deixa, vamos viver a nossa vida. Procurando fazer, porque eu acho que tem muita gente, da nossa igreja, irmãos de outra igreja, mesmo os cristãos de outras igrejas, pensam assim. Não pensam muito na morte. É um assunto que eles preferem passar batido do que ficar, vamos dizer assim, conversando, discutindo, trocando uma ideia... É um assunto que não agrada muita gente.

Tem mais alguma coisa que queiram falar sobre os rituais do passado ou do presente?

I: Que melhorou! O funeral em casa era muito complicado. Acho que hoje tem um lugar reservado, apesar que muitas vezes falta o respeito necessário pro momento. Se eu não tenho nada, fui apenas fazer uma visita social, é de um jeito; mas se o seu falecido está ali, pra você é diferente. Então tenho que te respeitar, tenho que respeitar a família que está sofrendo aquele momento, aquela perda. Pode representar pouco pra mim, às vezes representa muito pra mim também, mas de qualquer maneira, representando pouco ou muito pra mim, se eu estou fazendo uma visita social eu tenho que saber me comportar. Não é lugar de comprar, nem de vender, nem de contar casos, contar histórias; é lugar de encontro. Você encontra amigos que há tempos você não via, encontra familiares que às vezes até faz tempo

que você não vê, mas não é momento pra estar igual uma feira ali. E às vezes você vê aquilo ali... É triste, viu? Às vezes na hora de recomendar o corpo, com o padre presente, às vezes você precisa falar: "Olha, o padre vai começar a recomendação, as exequias, então vamos agora participar". Agora, precisar pedir isso já é uma coisa de outro mundo, né? Você tem que respeitar a dor do outro; eu penso muito isso. Então às vezes aquele barulho me incomoda um pouco, mas na casa às vezes até tinha uma prosinha. Então nesse ponto eu acho que melhorou bastante, um outro lugar que não seja a casa. Porque quando acontece isso na casa, quantas vezes quando a dona da casa voltava eles já tinham arrumado, limpado, lavado, sabe?

AH: Posto as coisas no lugar...

I: O quarto arrumado, trocado. Quer dizer, não era aquele impacto de chegar e encontrar tudo desarrumado. Então as próprias pessoas, os vizinhos, às vezes pessoas da família que não acompanhavam, ficava na casa pra ajudar. Quando terminava tudo, você chegava em casa e estava em ordem ali. E mesmo quando saia, ia pra igreja e pro cemitério, era assim também. Tudo que eles podiam fazer pra pessoa não sofrer quando chegasse era feito na casa, por alguns familiares que ficavam, os vizinhos. Então o vizinho é o primeiro parente que a gente tem e a gente deve se dar bem com eles porque é importante.

Entrevista 10 — J.M.S.**Nome : J. M.S.****Idade: 62 anos.****Entrevista concedida a Valéria Aparecida Roca Torres auxiliada por Ricardo Biazotto em Abril de 2018.****Qual a sua atuação dentro da igreja?**

Minha atuação na igreja sempre foi como catequista, também depois pude ser o Presidente da Comunidade São Paulo Apóstolo, que fica atrás da Lar da Terceira Idade — fui presidente duas vezes. Também eu sou participante da equipe de batismo da igreja, eu vou palestra lá uma vez por mês, e também sou comentarista na igreja e faço parte da equipe que promove as festas da Padroeira do Brasil em Espírito Santo do Pinhal todos os anos, há mais de trinta anos. Então é uma honra pra mim poder participar das atividades da igreja.

Entre a comunidade católica, quando uma pessoa morria quais eram as primeiras providências tomadas?

Me lembro que quando minha avó, em 1967, estava muito doente e eu estava na casa... Eu me lembro bem, eu tinha doze anos... Me lembro que quando ela estava nos últimos momentos da vida dela, uma tia minha que estava do lado da cama deu um grito pra mim pedindo pra pegar uma vela. Eu corri pra pegar a vela, minha tia não me permitiu entrar no quarto, e logo depois ela veio a falecer. Depois eu fiquei sabendo que a vela acesa era colocada nas mãos de quem já estava praticamente morrendo, e com a vela acesa acredita-se, era uma prática da época — hoje não se faz mais isso —, mas era uma prática de que a pessoa estaria entrando com a luz na eternidade. A luz de Cristo. A gente acredita, como católico, que a vela acesa representa pra nós a luz da fé em Jesus Cristo. Ele que é a luz das trevas. Depois evidente que eles chamaram o médico; o médico confirmou o falecimento dela e em seguida já foram tomadas as providências junto à funerária da época. Lembro do caixão chegando em casa, depois ela foi velada na sala de casa, na rua Marquês do Herval.

Como era feita e quem eram as pessoas responsáveis pela lavagem do morto? Além da lavagem, quais era outras providências tomadas em relação ao toalete do falecido?

Então, a lavagem do corpo foi feita lá em casa mesmo. Minhas tias fizeram, junto com a minha mãe lá, fizeram toda a lavagem e colocaram o vestidinho que minha avó já usava. Os vestidos dela de missa, de final de semana, então eles colocaram. Naquela época usavam muito isso. Tinham pessoas que separavam as roupas, já pensando no dia que fosse se velado. “Olha, usa aquela roupa lá, aquele terno, aquele vestido”. Mas normalmente a pessoa, a gente não tem ideia de quando vai ser, então as pessoas que vão continuar na caminhada da vida elas escolhem uma roupa que as pessoas gostavam muito, enfim, era isso aí.

Hoje tem muito mais coisas. Hoje tem maquiagem que é a feita pela própria funerária, tem pessoas especializadas nisto, tem até um nome de pessoas que fazem maquiagem em pessoas que já morreram, mas eu não me lembro agora. Naquela época não. Foi só o banhinho e já em seguida a funerária já colocava no caixão.

Qual o sentido de amortalhar o morto? Como as mortalhas eram feitas?

Era isso que eu falei. Eles escolhiam uma roupinha que era roupa de final de semana da pessoa, ir na igreja, passear, e colocavam essa roupinha. Normalmente o homem de terno. Colocavam gravata, isso era muito comum, um terninho e tal. Porque antigamente também era muito comum, antes da minha época, os homens usarem terno na rua normalmente no dia a dia. Hoje eu estou de camisa social, você está de camiseta, mas se fosse naquela época a gente estaria de gravata e terno, era assim nos anos 40, 50, 30 e aí vai. Hoje em dia continua ainda colocando o terno, a maioria dos homens estão engravatados, então a mortalha realmente é essa. Tem aquele pano, eu não sei o nome, que é um tipo de um véu, de renda que eles colocam em cima de todo o corpo que está no velório lá, no caixão... Não sei se isso também seria considerado como mortalha, porque se não me engano acho que vai junto pra enterrar, mas a mortalha era essa. Lá nos antigamente, Idade Média, eu acho que eles faziam roupas específicas pra quem queria ser enterrado com a roupa X, Y, então eu acho que veio também nos tempos mais modernos, mas é muito raro você saber se a pessoa está escolhendo uma roupa que vai querer usar. Imagina você tendo no guarda-roupa que você acha que aquela lá que no dia que você morrer você vai usar. É muito triste. Então cabe mais às famílias escolherem a roupinha mesmo que a pessoa vai usar. Geralmente a funerária pede: “Qual é a roupa que você tem lá, quer que seja velado, sepultado?”.

E sempre teve também o véu. Me lembro que minha vó teve o véu por cima, você tirava o véu pra poder beijar a testa na hora que ia fechar o caixão. Os familiares todos costumavam beijar a testa do falecido, então tinha sim. Tinha o véu por cima... Evita inclusive insetos e essas coisas, ter contato direto com o corpo.

Os padres participavam desse processo ou eram somente os leigos?

Não. Os padres só tinham contato com o cadáver quando... Porque era assim: as pessoas ficavam veladas na residência, depois na saída do enterro, o enterro ia até a Igreja Matriz, lá o padre estava aguardando, fazia os ritos de encomendações do corpo, e depois descia da Igreja Matriz e ia para o cemitério, ao som do sino da igreja, que era tocado ritmado para uma marcha fúnebre. Tinha um sino grande que era tocado, um sino mais forte, depois um sino mais leve, e ia alternando entre o sino mais forte e o sino mais leve. Era até muito bonito de se ouvir, e fazia com que as pessoas ficassem bem concentradas naquilo que estava vivendo, naquele momento de luto.

Após a preparação do corpo, começava a organização do funeral. Quem se responsabilizava por essa organização e como era organizado o funeral?

A organização do funeral era praticamente simples. Quem cuidava era a própria funerária... Ela arrumava a sala da casa. Hoje é no velório, mas arrumava a sala da casa; ajudava a colocar as coroas, colocar o corpo no centro da sala. Ah, tinha um detalhe também, quando ficava nas residências eles colocavam um pano preto em todo o batente da porta. Tinha um pano preto assim pra dizer: "Olha, aqui está tendo um velório". Depois eles substituíram esse pano preto da porta principal, que contornava todo o batente da porta, eles substituíram esse pano preto por uma bandeira menor, que pendurava também na porta da casa. Então a pessoa passava, era uma bandeirinha bem feitinha com uma cruz, então você sabia que naquela casa, quando você passava, tinha velório lá dentro. Isso era um detalhe interessante. Tudo isso antes da Prefeitura construir o Velório Municipal. Era simples. A funerária organizava ali, na hora que ia sair o enterro ela voltava, às vezes ia em um carrinho, empurrado na mão, ou às vezes ia no próprio carro da funerária até a Igreja Matriz, chegava lá o padre estava esperando, fazia a encomendação, depois tinha a saída da igreja, descia e já ia pro cemitério e os coveiros faziam o sepultamento. Inclusive, mais antigamente, que minha mãe falava, o padre também acompanhava o enterro até o

cemitério. Ele ia na frente... Algumas cidades ainda têm no Brasil e tal, no Rio de Janeiro eu tenho visto muito, acompanhando pela televisão — o Rio de Janeiro, o que tem de enterro lá, é um número muito grande — e a gente vê sempre o padre dentro do cemitério, indo até a sepultura. Aqui na região nossa eu creio que não acontece, mas naquela época tinha. O padre encomendava o defunto, o cadáver, depois descia e ia junto até o cemitério, na frente. Ele era o primeiro da frente lá. Era até muito respeitoso, muito bonito. Esse era o ritual que eu me lembro.

Qual era o tempo médio de duração do funeral?

Ah, no mínimo 24 horas, a não ser que a doença exigisse que antecipasse, porque às vezes a pessoa, dependendo da doença que morre, ela começar a inchar. Hoje em dia é assim também. Mas eram 24 horas no mínimo... Depois, durante a noite, também me lembro bem disso, pra receber os parentes que vinham de fora, então na cozinha eles preparavam uma canja, um lanche da noite, a família ficava mais intimamente ali dentro da cozinha, fechavam a porta da cozinha — as cozinhas tinham porta naquela época; era separado da casa... quer dizer, era dentro da casa, mas tinham portas e tudo —, então o pessoal ficava lá dentro e ali fazia um lanche, tomava uma sopa, pra poder vencer a noite toda. Nesse sentido é o que eu me lembro.

Eles falam que a Medicina diz que é bom ter um resguardo de 24 horas, embora a gente saiba que os médicos, e também os enfermeiros, fazem toda a verificação pra ver se a pessoa realmente já morreu, porque tem algumas doenças que a pessoa parece que está morta, mas ela pode voltar de repente. Tem uma doença aí, que eu não me lembro o nome agora, mas é por isso as 24 horas. Se ela não volta em 24 horas, depois praticamente não volta mais. É nesse sentido as 24 horas, sempre eles zelaram muito por isso. E também pra esperar os parentes chegarem, mas o mais importante é a parte medicinal mesmo.

Como a comunidade tomava conhecimento do falecimento de uma pessoa?

De 1947 pra cá foi sempre anunciado no rádio o falecimento de alguém. Também eles colocavam uma nota na porta da funerária, da Nota de Falecimento. Aí tinha as rezas da noite na Igreja Matriz — não tinha missa na Igreja Matriz —, tinham as rezas das 18h, se não me engano, aí na reza, quando alguém falecia na cidade, o

padre mesmo comunicava. “Olha, faleceu fulana, fulano, e quem puder ir lá no velório fazer uma companhia e tal”. O padre anunciava dentro da igreja. Também eu sei que além da rádio anunciar, depois de 1947 — estou falando 47, porque foi quando a rádio foi ao ar pela primeira vez —, tinha o serviço de alto-falantes no Centro da cidade: Sociedade Propagadora Pinhalense. Não era uma rádio, mas era um serviço de alto-falantes, que durou até pouco tempo, e neste serviço também eles anunciavam os falecidos. Depois que começaram, já nos tempos mais modernos pra cá, começaram a colocar em certos pontos da cidade, que nem hoje tem ali na Vovó Joana, tem do lado da Lotérica, agora espalhou. Mas naquela época era só a rádio mesmo, a Propagadora no Centro da cidade, o padre anunciando nas rezas às seis da tarde — que era todo dia — e também por telefone, quem já tinha telefone ligava, e também passava o que a gente chama “rádio quarteirão”. Quer dizer, um vai avisando o outro e espalha a noite pra cidade toda. A cidade era pequena também. Nós estamos falando de uma época que em Pinhal a maioria morava na roça, então hoje a população da cidade é bem maior que a roça, então a população era de 9, 10 mil habitantes, dentro da própria cidade, então ali espalhava rapidinho, né?

Depois do enterramento, o que normalmente era feito para a família enlutada?

Meu pai foi Vicentino, minha mãe foi da Legião da Maria, Apostolado da Oração. E tinha alguns componentes do Apostolado que uma semana depois de acontecido a morte de uma pessoa em uma residência elas iam fazer uma visita de apoio, fazer uma oração, é uma das obrigações do Apostolado da Oração — aquelas senhoras que naquela época, ainda hoje tem, usam uma fita com o Sagrado Coração de Jesus aqui na estampado na fita. Então elas faziam e deve continuar fazendo isso aí também. E a missa do sétimo dia. E havia também, em certos casos, a missa de corpo presente. Uma autoridade, alguém muito conhecido, então celebrava a missa de corpo presente, depois ia pro cemitério. E tinha também a missa do sétimo dia, que sempre teve. É um dia que foi marcado tradicionalmente, lembra os sete sacramentos, uma série de coisas que o número sete tem na Bíblia, é bem sagrado o número sete. Nada a ver com numerologia, que eu não acredito, mas o número sete na Bíblia é um número muito significativo. Então a missa do sétimo dia sempre teve — poderia ser a missa do quarto dia, não teria problema nenhum, do terceiro dia. Mas a missa do

sétimo dia é pra dar um tempo pra família, resguardar um pouco, se conformar direitinho, depois no sétimo dia fazia essa celebração oferecendo a missa por intenção da alma da alma da pessoa, porque a gente acredita, como católico, que a maioria de todos nós não está isenta do Purgatório. Purgatório que tem base, no livro de Macabeus, na Bíblia, base teológica, bíblica, então a gente acredita que todos nós, por causa das nossas fraquezas, a gente vai passar, depois que a gente partir dessa vida, a gente vai passar um tempo no Purgatório, que só Deus sabe quando vai ser. Então a gente oferece a missa de sétimo dia por intenção da alma da pessoa para que antecipe o tempo lá no Purgatório e a pessoa possa ir pro céu, encontrar Deus o mais rápido.

Como era o período do luto? Quanto tempo durava?

O período de luto, antigamente, até o início dos anos 60, que eu me lembre, e depois avançou um pouco, porque eu lembro mais ainda, mas eu me lembro que quando meu avô faleceu, em 1962 — eu lembro muito pouco; lembro mais da minha avó —, havia muito choro dentro de casa. Foi a primeira vez que eu vi minha mãe chorando... Havia um período de luto de um ano. Minha mãe usou roupa preta, só a blusa que era branca, mas durante um ano. Depois esse luto de um ano, ele foi na realidade abolido de repente. Porque a Igreja, no início dos anos 60, ela passou por uma modificação nas suas tradições, nos seus ritos, através do Concílio Vaticano II. A partir daí, houve um olhar diferente sobre a morte. Antes a morte era um ato muito trágico, era um acontecimento de uma coisa trágica que se curtia muito, as pessoas se desesperavam nos velórios, era uma coisa impressionante. Depois, a partir do Concílio Vaticano II, o rito da encomendação mudou e o entendimento da Igreja com relação à morte houve uma abertura maior, no sentido de que a morte não é o fim. Então os padres começaram a pregar — já pregava antes isso, lógico —, mas depois pregaram com mais clareza ainda. Tanto que os paramentos dos padres antes do Concílio Vaticano II, nas encomendações, era um paramento preto, por isso o preto lembra luto. Até hoje lembra. Então era um paramento preto. E esse paramento preto era de certa forma seguido pelas famílias, no caso do luto preto dentro de casa. Então as mulheres durante um ano usavam luto preto, só roupa preta. Lembro da minha mãe usando preta, quando a minha vó morreu, em 1967 — meu avô em 62 e ela em 67 — e minhas tias todas usaram preto. Todo mundo na comunidade sabia que alguém

tinha morrido naquele ano na casa da fulana, da beltrana. E os homens, eu lembro do meu pai usando camisa branca e com uma tarja preta na manga. Eles amarravam uma tarja preta, pra dizer “enlutou nesse ano aqui que passou, já está acabando, ou está começando”. Então os homens os usavam uma tarja preta em volta da manga direita, esquerda, não me lembro agora. Mas era um sinal de respeito também. Hoje eu acredito que, embora a gente saiba que não é o fim, a gente que tem fé e acredita na vida eterna sabe que a pessoa está lá, na eternidade, na comunhão dos Santos, a gente acredita que a pessoa depois de passar pelo Purgatório pode até pedir pela gente. Sem saber o que está acontecendo aqui, mas pedindo pela gente lá junto de Deus. Agora naquela época era um sinal de respeito, eu acho que até bonito. Aquelas mulheres todas de Luto, umas usando aqueles terninhos, de saia com paletó, outras com vestido completo de luto. Quanta gente a gente via, as senhoras, achava muito respeitoso. Hoje se esquece muito rápido do falecido. Esquece muito rápido. Embora quem perdeu alguém muito próximo, fica lembrando direto. Mas eu achava bonito, achava muito respeitoso um certo resguardo, um certo período marcando.

Por que a missa de sétimo dia é fundamental?

Pra família é importante nesse sentido, de fazer a oração pela pessoa que já partiu, e também um momento social. Por exemplo, quem não pode ir no velório, vai na missa do sétimo dia, cumprimenta lá no final da missa. Então é um momento que a pessoa vai recordar, sete dias depois, uma recordação muito viva do ente querido que já partiu. Então nesse sentido de ir lá, socialmente, as pessoas que não puderam ir no enterro vão lá e cumprimentam nesse dia. E quem foi no enterro também vai prestar mais uma homenagem para o querido.

Então houve nos últimos trinta anos houve mudanças em relação ao enfrentamento da morte?

Houve sim. Vejo o Concílio como mudança nesse sentido, abriu esse raciocínio sobre a questão da morte. Abriu o raciocínio, era uma coisa muito dolorida, e o Vaticano II, através da mudança do rito de pregação dos padres abriu essa coisa, não é uma coisa tão dura, mas é esperançosa, não é o fim de tudo é o começo de uma vida eterna. Eu penso nisso, que a vida não para aí, aqui é uma passagem, a gente

vai pra Deus e lá que a gente vai viver eternamente. Depende também da doença da pessoa... Às vezes a pessoa está muito doente, então ela faleceu, por que o egoísmo nosso de segurar ela aqui sabendo que ela estava tão doente, às vezes com feridas nas costas de tanto tempo deitada — ferida que dificilmente cura —, então às vezes a morte veio como um descanso pra pessoa fisicamente. Unido isto à esperança da vida eterna, da verdadeira vida que todos nós cristãos vamos viver que é junto de Deus, eternamente, nos dá uma esperança muito grande. Não é um momento mais, como acontecia antigamente, de pessoas que desmaiavam, vertigem... Não tem necessidade mais disso. Hoje a igreja ensina que a gente tem que encarar a morte não como um fim, mas como o começo de uma nova vida. A vida eterna. A gente vem de Deus, a gente passa aqui embaixo uma vez só, e a gente volta pra Deus — passa uns momentos lá no Purgatório, acerta as continuas com Deus lá no Purgatório, depois volta pra Deus. É nisso que eu acredito.

Tem mais alguma lembrança que queira contar?

Antigamente tinha também o necrotério. O necrotério ainda existe no hospital. Hoje em dia parece que as funerárias preparam o corpo no necrotério, por exemplo, a pessoa falece no hospital — mesmo na casa, quando a pessoa falece nas casas —, eles levam até o necrotério, fazem todo o preparo, aí hoje em dia tem aquela maquiagem que é feita. Muito justo, por sinal. É uma homenagem que a pessoa merece, deixar arrumadinha... E é isso que eu posso lembrar, sabendo que realmente a morte não é o fim; é o começo de uma vida eterna.

Entrevista 11 — O.M.**Nome: O. M.****Idade: 73 anos.****Entrevista concedida a Valéria Aparecida Rocha Torres auxiliada por Ricardo Biazotto em Maio de 2018.****Qual sua atuação dentro da igreja?**

Eu sou da Pastoral do Batismo, da Catequese e Ministra da Eucaristia.

Entre a comunidade católica, quando uma pessoa morria quais eram as primeiras providências tomadas?

Chamava os vizinhos, né? Aí vinha mais gente, tomava providências do velório, tudo... Chamava os vizinhos, os parentes vinham, eu lembro, vinha os parentes tudo... E era arrumado em casa, não ia pra lugar nenhum. Vinha a funerária, trazia o caixão, e depois era arrumado em casa mesmo.

Como era feita e quem eram as pessoas responsáveis pela lavagem do corpo do morto? Além da lavagem, quais eram outras providências tomadas em relação ao toalete do falecido?

Olha, da minha mãe foi as moças que fazia a Escola de Enfermagem, primeira turma da Escola de Enfermagem, e da minha irmã, foi os vizinhos... A Rosa Aceti Fenólio, a Rosa... Ela que veio aqui, da minha irmã. E do meu pai foi no hospital, quer dizer então foi arrumado lá mesmo, mas o velório foi aqui.

E gente escolhia aquela roupa lá e mandava pôr. Não, não, não tinha nada especial... Eu tenho uma amiga que ela deixou tudo do pai dela, tudo pronto, e a dela também, umas caixas de camisa do pai dela, e dela também tá pronto pra quando ela morrer eles pegar aquilo lá... Mas eu falo: isso daí pra que? Não faço não, imagina... Não tem... A que pôr vai né? Pra mim é isso...

Qual o sentido de amortalhar o morto? Como as mortalhas eram feitas?

Ah, isso eu não sei. Isso eu não sei... Sinceramente não sei.

Os padres participavam desse processo ou eram somente os leigos?

Nessa hora não, nessa hora não. Só vinha na hora de sair no enterro aí ia em procissão, recomendava lá na igreja, aí rezava na igreja, recomendava o corpo, depois ia para o cemitério e o padre ficava na igreja.

Se morresse alguma pessoa de dentro da igreja, o padre acompanhava a procissão até o cemitério? Ou isso nunca acontecia?

Ah, eu isso eu nunca vi não. Não...

Após a preparação do corpo, começava a organização do funeral. Quem se responsabilizava por essa organização e como era organizado o funeral?

É amigos, vizinhos, parentes. Arruma e o povo vinha, a mesma coisa que a gente faz no velório, fazia na casa.

Qual era o tempo médio de duração do funeral?

12 horas. E ficavam durante a noite. Aí fazia um lanche, um café... Aí a família mesmo, a gente não tem cabeça, mas aí os parentes preparavam, um lanche, uma coisa para comer durante a noite.

A senhora disse que a família não tinha cabeça para organizar essas coisas. Era costume, após o funeral, durante a procissão de enterro, ficarem pessoas arrumando a casa para quando a família voltasse estivesse tudo organizado?

Ah, sim, ficavam... Ficavam... Então quando a família voltasse pra casa já estava tudo pronto...

Como a comunidade tomava conhecimento do falecimento de uma pessoa?

Ué, um ia falando para o outro, porque naquele tempo não tinha telefone, que nem agora, um ia falando para o outro, né? Um ia avisando o outro.

Tinha alguma identificação na casa para mostrar que ali estava tendo velório?

Eles punham um pano, que nem uma bandeirinha, roxa na porta.

Depois do enterro, o que normalmente era feito para a família enlutada?

Ah, fazia visitas, vinha ver como estava, fazia visita, se está precisando de alguma coisa, tudo.

Isso acontece ainda hoje?

Ah, eu não sei, viu? Isso eu não sei, porque se tiver isso daí eu até falho, porque não é tudo não que eu vou. Às vezes eu vou, depois do falecimento tudo, mas não é todos não que eu vou. Eu sempre vou fazer uma visita.

Como era o período do luto? Quanto tempo durava?

Que nem eu falei pra você, era um ano. Um ano. Ah, a gente levava a vida normal, só que a gente andava de preto.

Por que a missa do sétimo dia é fundamental?

Eu acho que porque relembra aquela pessoa que se foi, que já não está mais no nosso meio. Então tá relembrando a honra dela.

E a senhora acha que essa missa para a família enlutada, é uma forma de realmente perceber que aquela pessoa faleceu, que ela não vai voltar. A senhora acha que a família passa a encarar diferente depois da missa de 7º dia?

Eu não sei, é um respeito, mas eu acho que o sentimento continua a mesma coisa. A missa é um respeito, mas o sentimento é a mesma coisa... Se faz sete dias, se faz um dia, um ano, é a mesma coisa.

O que você acha que acontece com a pessoa depois que ela morre?

Outro dia eu escutei um padre falando, mas eu não lembro pra mim... Ah, eu acho que ela se encontra com Deus, né? Eu não lembro o que o padre falou, que eu vi na Rede Vida, mas eu penso, eu entendo, que ela se encontra com Deus, e que um dia, quando chegar a vez da gente, a gente vai encontrar com eles lá no céu.

A senhora tem medo da morte?

Não. E por sinal, quem fala que não tem medo, eu não penso nisso... Eu até tenho uma amiga que só fala em morrer, mas eu falo: pra que falar tanto isso aí? Mas o Padre Campos, não sei se você lembra dele, ele falava que quem fala que não tem medo é a que tem medo. Mas eu não gosto de falar não. Acho que chegou àquela hora, a gente vai. Eu acho... Eu não tenho medo não.

Mas na sua visão as pessoas ainda sentem muito receio de falar sobre a morte, têm esse receio de encarar a morte?

Ah, tem. Não falo dessa minha amiga que só fala na morte, que vai morrer, que vai morrer... Então tem sim.

Você considera que houve mudanças em relação ao enfrentamento da morte nos últimos 30 anos? Se sim, quais são as mudanças?

Ah, sim, eu acho que o povo é mais frio agora. Tem bastante mudança sim. É a evolução dos tempos, né? Porque as coisas não estão evoluindo, não tá se modificando tudo? Então eu acho que é a evolução dos tempo... Não sei eu tô usando a expressão certa, mas que é isso daí.

O que é diferente nessa postura das pessoas?

Ah, eu acho que é o sentimento.

Tem alguma história, alguma lembrança, que a senhora gostaria de contar?

Não. Eu não tenho, porque os que faleceram aqui foi minha mãe e minha irmã; meu pai faleceu no hospital. Mas a gente fica nervosa, a gente fica... Com a morte da minha irmã, até hoje eu não entendo o que eu senti, até hoje... Eu demorei para, assim, se conformar, demorei e levei uns três anos até. Precisei fazer tratamento e tudo. Quando minha mãe morreu uma tinha apoio com a outra, depois eu fiquei sozinha, assim, sem ela. Tinha meu irmão, mas meu irmão tinha os filhos, tudo, então era diferente. Então eu acho que... Eu não tenho explicação.

Entrevista 12 — T. F.**Nome: T. F.****Idade: 82 anos.****Entrevista concedida a Valéria Aparecida Rocha Torres. Abril de 2018.**

Na cidade, eu tinha um professor aqui que era tio do meu cunhado. Ele ainda falou pra mim: “Você chegando em Arealva, pegue o hotel da Dona Brasilina. Não pegue o outro, que é na praça. Dona Brasilina tá em frente ao cinema, então... Mas ela tinha um filho seminarista, já estava bem adiantado — tanto que eu acho que ele se ordenou uns dois anos depois que eu saí de lá —, a filha estava em um convento, queria ser freira lá no Paraná, e o terceiro filho que continuou ali, junto com eles. Também, de três ficar...

Ser religioso...

A mãe era religiosa que era uma coisa. No primeiro ano não tinha padre lá, vinha de outra cidade. A Diocese era Lins, quer dizer que era bem longe. Então não tinha muito acesso assim de padres. Aí eu não sei como é que foi, não sei se começamos a pedir.

Em que ano foi isso, T. F.?

Foi em 1954, que eu ingressei. Me formei em 53, em 54 já estava... Aqui em Pinhal eu não achei lugar pra marcar ponto, que você ganhava doze pontos por mês pra substituir, se elas faltassem... Se tivesse licença, qualquer coisa... Mas não tinha lugar, não tinha vaga. Aí eu falei... Estava voltando, fiz um teste, nós fomos a turma de Pinhal toda, fazia dois anos que não tinha esse curso, então foi uma turma pra São Paulo. Então quando eu estava voltando essa colega falou pra mim... Primeiro eu fui pra São Paulo, mas não tinha vaga. Aí eu voltei, fiquei aqui, e fui pro hotel da Dona Brasilina. Aí quando veio o padre, ele tomava as refeições junto conosco. Nós éramos sete mulheres, professoras, e um professor. O diretor estava na casa dele, e as duas substitutas era a esposa dele e a sobrinha. Eu sei que eu sei trabalhei três anos aí, durante dois anos eu fui bem assim, a minha era seis horas, eu levantava às 05h30, 05h45, corria pra missa... No último ano, eu saia da missa, o padre pediu pra mim que precisava de alguém que desse o curso de Primeira Comunhão e estava nós todas jantando, porque a gente se reunia só no jantar — as outras iam tudo pra roça, era eu e a minha colega de quarto, que era a Ofélia.

Ofélia Jordão?

Não, a Ofélia Peres. Irmã do Valdir Peres, que também eram muito católicos... Eu sei que a Ofélia ficou só um ano, ela já estava noiva, o marido já era médico lá em Andradas, então já não ficou mesmo. Ela ficou um ano e meio. Eu sei que nós... Ofereceu... “Ah, não, padre, eu não sei dar, eu não quero não, eu não quero”, e ele ficou firma olhando pra mim. Eu falei: “Bom, padre, eu nunca dei. Mas eu até gostaria de dar” e foi então: “Você vai, eu te dou alguns livros. Você nunca pegou nada?”, eu falei: “Nunca peguei nada”. Ele me deu um livrinho, não era nem livro, aquilo eram umas duas folhas de papel sulfite hoje, dobrada mais ou menos nesse tamanho, uns 15 centímetros, e grampeada no meio, digitado ali, impresso ali. Quer dizer, falava de Deus, falava de Jesus, de Nossa Senhora, mas eram coisinhas mínimas, mínimas... Então, não podia dar pros alunos, então nós tínhamos que cada dia: “Quem é Deus?” “Deus é um espírito perfeitíssimo, eterno, criador do céu e da Terra” ... Eterno e tinha mais alguma coisa... Bom, eu sei que acabei chegando no fim, fazendo a primeira comunhão, aí tinha festas também... A padroeira, eu sei não sei até hoje se... A padroeira era Santa Catarina...

De Alreava?

Da Paróquia de Alreava... E depois que o padre Carlos Maceiro foi embora e veio um holandês, tinha um olho azul de óculos, aquele olho lá no fundo, sabe, ele era uma cara de bravo, mas era uma beleza também. Padre Carlos eu almoçava e jantava com ele, então todas as dúvidas que eu tinha eu tirava com ele. Tinha Santa Catarina, mas não tinha a roda atrás... Aí quando esse padre veio, ele se pôs... Padre só andava de batina naquele tempo também, aquele batinão preto... Aí tinha a turma: “Vira, vira a manga porque vem vindo o padre”.

Ah, por que?

Ele dá azar! Coitados... Eu sei que o padre Ladislaw a escada e atrás de Santa Catarina ele desenhou uma roda, aquela roda d’água. Mas não sei... porque tem a Santa Catarina de Siena, aí eu não sei qual das duas que é. Você se informa pra me contar.

Eu me informo e te conto...

Porque eu sempre fiquei com aquilo, mas não sei... Acabou não dando... Não sei se era, eu sei que era Santa Catarina, a Nossa Senhora das Graças também...

Ele era Assuncionista, não?

Não, o outro também não... Era Diocesano, era de Lins.

Ele veio sozinho, não veio com nenhuma ordem, não é?

Não... No primeiro ano que nós... Eu cheguei em agosto, setembro... Nós tomamos posse dia 09 de setembro. E fiquei aquele resto de ano com o terceiro ano. Aí chegou no outro ano, eu peguei um primeiro ano, que tinha criança de toda idade. Em maio ainda veio o padre Alberto, esse estigmatino. Ele era de Ribeirão Preto, com sede também em Rio Claro.

O catecismo era na aula? Você chegou a dar... Ou não, na igreja?

Eu dava no salão de festas. Acabava a missa... Também era meia hora. Porque o padre praticamente só falava, nós respondíamos e acabou. Eu tinha o folheto da missa em latim. Tinha até há pouco, não sei, eu acho que dei pro meu afilhado no final. Mas eu sei que então esse padre missionário ele tava também, ele fez o tríduo para Nossa Senhora, ele era muito devoto de Nossa Senhora das Graças. E ele, por isso eu achei que Nossa Senhora das Graça talvez esteja a Santa Catarina, porque apareceu pra Santa Catarina de Labouré. E esse padre, então, tornou-se muito meu amigo. Eu escrevia muito pra ele, e ele me respondia, todas as cartas. Ele brigava comigo porque “tem um esgarrancho que não dá, eu demoro muito pra ler, vê se aprende a escrever a máquina”. Mas passou e eu acabei não escrevendo. Correspondemos assim durante uns dez anos, e ele me perguntava as coisas, o que eu achava de Carnaval, o que eu achava de baile, esse namoro como é que tava ficando. Ele queria saber pra poder pregar também, porque ele pregava retiro, e eu também me abria. Tanto que eu tenho uma carta aí que ele fala, nossa, ele me chamava de santa. “Ah, o senhor não sabe o pau oco que tá aqui”. Eu sei que eu e o Dito, professor, também ele era muito católico, nós dois ficamos incumbidos de arrecadar, mas ninguém dava nada, cidade pobrezinha. A gente mandava pouquíssimo dinheiro. Aí eu fiz voto, meu pai ficou doente, foi quando ele parou de

trabalhar. Aí eu fiz o voto pra ele de dar, que eu ia manter um seminarista desde o começo. Pedi pro padre Alberto arrumar Padre Alberto falou: "Tereza, não dá, não dá, não dá porque a gente não tem bola de cristal pra você começar e ir até o fim com ele. Você não tem condições, minha filha, de manter um jovem assim". A maioria, a maioria não sei...

Entrava pequeno, né?

Eles entravam pequeno no ginásio. Eles faziam o ginásio, faziam o colegial, depois que ia pra Filosofia e Teologia. Então, ele me deu esse menino... Ele fez o ginásio, era muito bonitinho, me escrevia cartas também bem caprichadas, contava as coisas dele e tal, o ginásio ele também fez. Acho que ele chegou a fazer até o primeiro colegial, mas depois ele teve férias e não sei porque o seminário mandou, ou eles pediram licença, ele queria porque ele tava na dúvida, não sei como foi... Eu sei que ele foi pra terra dele, ele era lá de Minas, era bem pobrezinho, e acabou saindo. Então isso que o padre Alberto depois também explicou: eles vem, não é que eles tem vontade de ser padre, às vezes ficam, mas são pouquíssimos. A gente tem cinquenta estudantes, mas chega no quarto ano, já cai fora, chega no segundo, no ginásio, já vai embora, então eles se entusiasmam, mas depois não querem...

Eles vinham pra estudar também, não é? E geralmente de famílias bem pobres.

Era o que eles queriam. Dizem que até hoje. É que hoje está pegando mais na Filosofia, não sei, hoje não sei direito como é, mas lá na minha diocese, Campo Limpo, o bispo tinha o seminário pra eles, mas já entrava na Filosofia.

Já era uma coisa mais avançada...

Já era mais sério. Já sabia mais ou menos. Mas eu sei que sai daí eu fui pra São Paulo e aí fiquei uns tempos sem ter nada. Aí dei mais um ano de aula. Nesse ano eu promovi 36 anos, que eu tinha 68 anos na sala, você já pensou? 68... Eram fileiras de dois sentados, eu fiz duas fileiras de alunos bons que tinham condição de eu pegar e levar. E tinha oito que ficaram meio assim, mas estavam ali, até o fim, mas chegou no dia do exame, e uma fileira era que sentava de três. Ai eu pedi pro seu Nelson: agora no fim do ano tem uns da sessão B e da C que eu preciso pegar com

mais firmeza, mas o diretor não me deixou. Eu tava pagando pra uma menina ficar no recreio...

Você pagava?

Eu pagava, pagava pouquinho, né? Mas pra ela ir brincando com eles, tomando a tabuada, fazendo continha, e pedi uma lousa. O seu Nelson até falou que ia dar, mas ele resolveu: “Não vou deixar aluno ficar fora da classe. Você tem que ficar com todos os 68 aí”. “Mas são 40 pra mim ficar, eu posso ficar até uns 45, 50, agora 68, com uma fileira de 24 alunos que não faz nada? O que o senhor quer que eu faça?”. Tinha com problemas, era triste, mas... Agora uma coisa que desde o começo eu tive, e mais firme ainda no final, quando eu fui no bairro que eu morava: eu começava a aula sempre rezando. Ou eu fazia a oração “Vinde Espírito Santo”... Até hoje eu não sei rezar a oração “Vinde Espírito Santo”. Eu rezava assim, da minha cabeça, pra iluminar, pra eles aprenderem, pra eles ficarem quietinhos, porque eu tinha... Olha, era uma classe aqueles 44 eram maravilhosos, tinha alguns que ficavam meio, mas eram bons. Resultado: ele não me deixou, dos 8... Dia 30 de setembro eu tinha que matricular quatro, porque 36 era certeza que passava. Agora esses 8 eu ficava na dúvida. Tinha um que ele andava 10Km a cavalo pra vim pra aula, ele e o irmão. Lembro até hoje o nome: Jurandir era o irmão mais velho, treze anos, e Irineu, onze/doze anos. O cavalo chegava molhadinho, eles também, brancos até, de tanto que corriam pra chegar 07h20. Se não chegavam 07h20, voltava... Mas como é que pode voltar uma criança dessa, Deus meu? Mas eu era tão bobinha assim, primeira escola, e o diretor era amigo da gente, mas ao mesmo tempo era... Ele era o diretor, então ele fazia a coisa... Eu sei que quatro que eu matriculei, não passaram. E os outros passaram...

Mas os outros 60...

Não, só os quatro que eu tinha... Inclusive o Irineu eu coloquei... Mas no dia do exame também, eu que tinha que fazer o ditado e eram dez erros, mais o bendito botou uma bota até aqui no joelho, que faz aquele barulhão, era assoalho. Eu vou fazer o ditado, porque eu reclamei da professora que tava do primeiro ano, e passando pro segundo, e eu ia pegar o segundo.

E você ficando com um monte de aluno...

Pois é, ele então falou... Também na prova, no exame, você tinha que fazer uma história, sabe aqueles quadrinho que punham de patinho... Então ele pôs lá, e tinha que fazer. Não podia repetir o nome, por exemplo... José está dando milho pro porquinho, Maria tá procurando ovo no galinheiro... Que era tudo no mesmo quadro... Tinha que ser ela, ou então a menina, tinha que saber... A criança tava com sete, oito anos, como é que, pra pegar isso?

É difícil...

Era! E a outra professora pagava, invés de escrever o José de novo, ela punha ele, entende? E o diretor ficou com raiva de mim, porque eu era de fora e estava dando palpite, porque eu não queria aquela classe. O que ele fez? Ele falou: "Me dá a lista dos 28 anos que foram reprovados". Colocou tudo no ano seguinte comigo, no primeiro ano. E completou, que ele queria formar uma classe pra sobrinha dele, mas ele não conseguiu, aí não deixaram. Aí eu promovi 26 só, porque não tinha jeito. Aí entraram dois irmãos, mas um era doido completamente. Ele estava fazendo a lição, sentado na primeira carteira, ali na minha frente. Ele levantava e chegava na cara do outro, uuuhh...

Sério, T.F.?

O outro aluno tava lá quietinho fazendo a lição, quando via aquele negócio em cima dele. E ele brincava, e ele andava pela sala inteira, sabe esses esquizofrênicos? E não fazia lição nenhuma. Esses dois entraram esse ano. Eu sei que tinha um de treze anos, Fernandes, esse também não valia nada, coitado. Não ia bem, atrasado. Eu sei que: "Não tem importância, seu Nelson. Esse ano eu já tô saindo, fica o senhor aí com o que o senhor quer, se vira, meu filho". Aí eu fui pra uma outra escola, típica rural, mas lá já era uma escola agrícola, eu dava aula só para os funcionários, então tinha 25, 27 crianças, dava pra gente ensinar, ensinava a Ave Maria, ensinava... Até que a diretora não gostava muito que o filho dela tava lá, ela até chegou a tirar de mim, que ele era espertão, filho da diretora, e o pai também era funcionário alto na fazenda, e não tinha jeito. Aí um dia eu falei: "Não fala, Mário, o resultado da lição!", e ele falou... "Fica quieto!!", fui bruta... Ah, menina... "Não, porque você pegou o apagador e bateu na cabeça dele". Eu falei: "Os alunos estão lá pra falar". Bruta eu

fui, porque eu fiquei com raiva mesmo, eu estava avaliando os meninos e ele falou tudo na frente deles, como eu podia explicar pros outros que não sabiam? Mas ela foi pra cidade, tudo bem, não tem importância... Mas eu sei que daí eu fui pra São Paulo, tive escola, fui morar no Brás com uma outra tia, que ela era bem católica, era devota de Santo Antônio. Não consegui ter essa devoção com Santo Antônio como ela tinha. Ela fazia trezena, ela ia na missa, ela ia... Nossa... Ela fazia promessa pra Santo Antônio, pedia as coisas, alcançava, mas eu não sei... Com Santo Antônio não ia muito... Era Nossa Senhora... Aí eu tinha São Judas, Santa Rita de Cássia, tinha mais dois... Bom, agora não lembro. Eu sei que aí eu comecei a lecionar, mudei, peguei um lugar, Nossa Senhora, ruim, pobre, aqueles meio bandidos, bêbado...

Aonde lá em São Paulo?

Ponte Rasa.

Que lugar fica?

Era Zona Leste.

Zona Leste até hoje...

Ainda tem faculdade lá...

Então, eu tomava o ônibus no Bairro das Pimentas. Eu sei que acabei não dando aula nem lá no Brás. Aí minha tia comprou casa no Belém e eu mudei pra lá, com ela também. Cheguei lá a primeira coisa que fui fazer foi ir na igreja.

Que igreja é?

São Carlos Borromeu. Ela não fica, não é do Belém, do Belém era bem longe pra nós. Eu tava na divisa do que hoje é a avenida grande que separa o Tatuapé do Belém... A mãe do Paulo Salim Maluf...

Maria Farah Maluf, não é isso? Como é que ela chama... É Maria alguma coisa Maluf...

É essa daí! Só que foi feita depois. Ali é um córreguinho fedido, feito não sei o que, mas a minha tia morava lá em cima. Aí no primeiro ano que eu estava aí, que eu fui no começo, em fevereiro, eu não tinha namorado, não tinha nada. Quando foi

em junho conheci meu marido. Foi no ano de 58, que a seleção brasileira ganhou. Aí nós desencontramos, porque eu descia do meu ônibus, ele descia do ônibus dele, ninguém queria ficar esperando. Nós íamos encontrar lá no Largo Paysandu, que é o ponto final do meu ônibus, mas cheguei lá, eu atrasei porque eu não tinha... pagava uns troquinhos de dinheiro, e eu estava com cinco mil réis na bolsa, não preveni de dia, e acabei ficando sem, perdendo a hora. E aí eu acabei indo então lá na igreja de São Carlos. Eles eram agostinianos. Muito, muito bons. Tinha um padre Valentim, me recebeu... Eu fui no Brás, a igreja estava cheinha de crianças, ela tava dividindo as crianças em classe. Ela subiu numa mesa e de lá: "Fulano, vai pra lá; Fulano...". Aí eu esperei terminar tudo, falei com ela: "A senhora precisa de catequista?", porque eu gostei de ser catequista. "A senhora quer catequista?" "Não, eu já tô com o quadro cheio. Muito obrigada, eu não quero não". Aí eu cheguei lá, o padre Valentin: "Olha, ótimo, maravilhoso, tem sempre uma classe a mais pra gente pegar e dar, preciso de catequista". Aí já me... "Ainda não comecei. Não vamos começar...", acho que o Carnaval era meio ali no começo, não tinha começado as aulas e tal, eu sei que peguei catequese lá, dei um tanto.

E o material? Aí já tinha material?

Não, não tinha. Tinha uns livrinhos, agostinianos já era melhor, né? Aí já... Eles forneciam, a igreja fornecia.

O material?

Mas, aí logo fiquei grávida, aí o Padre Valentina, quando já estava de uns seis meses, que o Júnior ia nascer, eu dei catequese naquele ano de 58... Eu sei que eu dei catequese aquele ano com uma classe, não era muito grande não, tinha uns 20 alunos. E eu morava, descia um quarteirão, andava mais três, chegava na minha casa. Então eram três quarteirões, mas era enorme. E ali em frente assim tinha uma fábrica, o Lino trabalhava em farmácia, porque ele precisava trabalhar meio período para terminar o ginásio, então ele não tinha tempo pra nada, né? Eu sei que nós casamos em dezembro, aí ele passou a ser vendedor, que ele queria estudar de noite. Aí pegava aquelas maletonas, que aquele tempo distribuía remédio, e aí chegou um ano depois o laboratório falou: "Nós vamos fazer um acerto aqui e nós queremos que você trabalhe o dia todo. Vão visitar médicos a noite, então você não pode estudar". O Lino

pegou a bolsa: “Então tá aqui, eu já não quero nem saber o resto. Eu não me interesso, porque eu quero estudar”. Isso era o primeiro ano, o Júnior tava pra nascer. Aí ele falou: “Desempregado, Têra? Você sozinha...”. Um salário ia pra pagar o aluguel, água, luz, acabou... Eu ganhava seis mil e ele ganhava seis mil, o aluguel 5500, a luz também já era meia... Eu sei que era... Aí não sei se era Cruzeiro ou Cruzado, que aquilo mudava...

Vai saber, não? Porque a gente nem lembra mais, não é Têra?

Eu sei que o Júnior nasceu em fevereiro e em julho em fiquei aqui em Pinhal e a água daqui, eu não pus água filtrada, porque o pediatra dele mandou fazer a sopinha, bater no liquidificador e colocar a verdura crua. Eu lavei o agrião, pus o agrião... Ele recomendou a verdura que era para colocar... E ele me pega uma piuria.

Mas o pediatra dele mandou fazer exame de urina, primeira coisa que ele mandou fazer. Mas não, o Lino falou: “Ah, eles vão enfiar a sonda nele... Ah, não, não vai fazer exame de urina coisa nenhuma. Não precisa, porque não precisa”. E não fez! E antes do Júnior nascer, no mês de janeiro mesmo, ele tava chegando da firma, do laboratório, uma firma aqui, por que que eu não vou entrar tentar aqui? E entrou lá, era santista, entrou, perguntou para o porteiro: “Você não sabe se tem vaga para aí pra fábrica, qualquer coisa”. E ele falou: “Ih, bem, preencheu essa semana, que até puseram no jornal pedindo, porque teve um acidente no laboratório e morreu até um rapaz e dois, três, ficaram ferido, então eles estão de licença médica e tava precisando, então vieram para o laboratório”. Ele falou: “E é isso mesmo que eu tô querendo, que eu já prestei exame já entrei na escola de química...” Como é que era? Não era pra ser Químico...

Colégio técnico?

Colégio técnico, isso! Mas não tem importância. Ele falou: “Vai lá, fala com seu Manoel, vamos ver, quem sabe ele pega você”. Aí foi, chegou no laboratório, no caminho ele já foi... Porque o Lino também era mais religioso, ele era mariano, solteiro quando ele morava em Barueri, mas depois também sozinho, não tinha tempo nem de fazer nada. Eu sei que o chefe de lá, gerente de lá, mandou ele para a cidade, na Rua Boa Vista, que era a sede. Mandou uma carta para ele, que ele gostou do jeito do Lino, e pra ele ver, pra ele analisar, que ele tá na escola de química, patati patatá.

Aí chegou o gerente, o gerentão, fez pergunta, fez, fez, fez... O que ele tinha feito, como é que ele fez o ginásio, ele foi pra São Paulo e só fez o primário, foi pra São Paulo pra estudar, mas como o serviço era meio período também não dava muito, então ele foi fazer Madureza. Que estudava em casa, o curso não era caro, dava pra ir levando. Isso ele já tinha 20 anos. Eu sei que ele fez um ano de Madureza, passou em quatro ou cinco matérias e tinha que ir pro Paraná, tinha que ir... “Ah, eu não quero isso. Eu não aprendi nada dessas coisas aí ainda, que curso eu vou fazer? Eu vou fazer de ano em ano”. Entrou no primeiro ano e foi fazendo o ginásio no primeiro ano. De ano em ano. Quando nós casamos, em dezembro, tanto que foi dia 30 de dezembro porque ele teve que prestar a prova até 22 de dezembro. Na quarta série. Acho que ele tinha ficado de segundo exame, tinha que fazer exame oral, e aí que então marcamos para o dia 30, porque como é que ia ser? Aí eu sei que o gerente de lá escutou toda a história dele: “Tá admitido!”.

Ah, que bom!

Aí foi, beleza, chegou em casa... “Arrumei serviço, e aqui ainda, não vou nem tomar condução. Só vou para escola”, aquela alegria, né? Bom, aí se formou, ficou no laboratório, como ele tava fazendo química... A chefe dele era uma peruana química e não queria que ele saísse de jeito nenhum, mas ele ficou mais meio ano, mas aí nós estávamos procurando casa. E vamos, procura de cá, procura de lá, só que eu não queria, porque eu morava num sobrado, quando eu casei peguei uma casa vizinha ali, mas era sobrado. Ah, menina, aquele negócio de subir e descer escada com criança, e banheiro era embaixo, “Nossa Senhora, eu não quero sobrado. Não quero nunca mais morar em sobrado!” e aí falei para o meu cunhado, irmão do Lino, que tinha farmácia: “Você não sabe que lugar que tem casa plana, porque eu ando aqui pela Lapa, Perdizes, por aqui tudo é sobrado e eu não quero”. Aí ele: “Ah, por aqui eu não sei não, viu? Vocês querem mesmo?”. O Lino falou: “Eu queria até que tivesse jardim e horta, e terreno pra hora”. “Ah, então você pega o ônibus de Cotia, aqui no largo de Pinheiros, você pega o ônibus que vai para Cotia e desce no Km 11. Você atravessa a estrada e anda por ali, você vê se acha casa ali”. Menina, nós ficamos encantados. Era um jardim, todas as casas... Era um bairro novo, inclusive esse meu diretor, lá do começo, seu Nelson, ele levou para nós, porque o governo mandou para todas as escolas, quem queria se alistar porque eles estavam fazendo essa oferta. Ele

construiu as casas, tava construindo, que era Jardim Leonor e Jardim Adhemar. Ele tava construindo casas e a gente entrava na fila, mas aí o seu Nelson falou: “Olha, gente, tem um loteamento lá perto de Cotia” — pra Cotia faltava 20km ainda — “É zona rural, não tem água, não tem esgoto, não tem nada, tá começando o bairro agora, o governo tá oferecendo pra quem quer comprar, ele vai fazer em prestações baixinha, porque ele reconhece os funcionários estão ganhando pouco, então vai oferecer isso”. Aí: “Ninguém vai, né?”

Eu falei, minha mãe não quer que eu vá pra São Paulo, ficava com medo, eu sei que... Bom, o Lino ficou feliz, começou a trabalhar, aí essa firma muda lá pro lado do Jaguaré, lá no Jaguaré mesmo. Tava abrindo a firma lá, aí vai ele todo dia, seis horas da manhã. Na Praça da Sé tinha o ônibus da firma, aí ele tomava de nós pra lá e lá tomava e ia direto. Não levava marmita, eles iam almoçar em algum restaurantinho por lá, não tinha restaurante nem na firma, que tava tudo, tijolo, bem no começo memso, mas já tava mudando, laboratório principalmente. Aí o Lino saia de lá às cinco horas, passava na Praça Marechal, tomava um lanche e ia para a escola, aí que ele ia estudar um pouquinho. Tinha dia que ele tava com sono, que ele precisava andar, ele pegava o ônibus na Praça da Sé e passava o nosso ponto e ia até o ponto final.

Depois voltava... Teve um dia que ele foi até no Largo da Concordia, de volta. Aí que o rapaz, o cobrador, falou pra ele: “Você não vai descer?”, que ele conhecia, “Porque você não falou pra mim lá na santista, pra descer?”. Ele falou: “Ah, desculpa, é que eu também tava aqui meio cochilando”. “Mas você tinha que ir até o ponto final, então...”. Aí ele veio em pé. O ônibus vazio e ele em pé. Aí entrou uma senhora: “Oh, moço, você tá em pé por que? Senta, dá até pra você deitar”. Aí ele falou: “Mas eu já fui, já voltei, fui, agora eu tenho que descer no ponto certo”. Chegava em casa meia noite. E nessa época, que o Júnior tava doente, ele trabalhava aí ainda. E aí, bom, nós mudamos para lá e eu já mudei em dezembro, já gostamos dali, já compramos a casa em dezembro, ficamos devendo... O governo dava 3000, 2800... 2500 era pra comprar a casa e 300 pra fazer escritura. Lá fomos nós, compramos de 5500, era o único... Tinha outras de 9000, caras, mas aí não dava. Eu sei que fui lecionar em Osasco, aquele sacrifício, Nossa Senhora! Descer e subir aquele morrão, descia, continuava os morros, mas quando eu tava no Belém ainda, o Júnior com seis meses, o padre Valentin me viu... Eu prometi pra Jesus: “Jesus, cura meu filho, eu venho comungar três dias seguidos, mas cura o Júnior, não deixa, não deixa ele morrer”. Aí

fui, comunguei, e já, quando saia da comunhão, já ficava lá no fundo da porta. Aí já tava melhorzinho, já não mais tanto, ainda era... O padre voltado... Porque depois de 62...

O Concílio Vaticano II é de 66...

Não, 60. Começou em 60, foi até 65...

65, é...

Já tinha virado 64... Porque eu sei que o padre me viu, saiu correndo, e eu atravessava a rua e saia na corrida. No segundo dia, ele viu de novo... No terceiro dia, ele me viu sair... Ah, uma hora depois... porque eu tinha que chegar em casa, pra ficar com o Júnior, que a empregada ia chegar às 8 horas, pra ficar com o Junior, porque o Lino estava às para 7... Então comungava, tudo correndo, e o padre falava um pouco na missa, já tinha um pouco de canto, que tinha o padre Otávio no couro, tocava um órgão, tinha uma voz maravilhosa. Eu sei dizer pra você que Padre Valentim bateu em casa: "Que que aconteceu com você aí?"

Aí eu falei: "Ah, padre, eu fiz voto, o Júnior tá com febre e não sabe o que que é, 40 graus, 39, tá um horror...". "Mas você já fez tudo os exame?". E esquecemos do bendito exame de urina. Coitado do doutor Henrique que levou. Aí eu sei que passou, eu pus a relíquia... O Padre Alberto, aquele que eu correspondia, ele me deu uma meia dúzia de relíquia de Santa Teresinha, que ele tava num lugar que tava o Frei fazendo... Ele mandou tudo lá pra mim: "Você distribui conforme você quer". Aí eu segurei, deu pra Mariinha, dei uma pra Niva, eu sei que distribuía segurando. Aí eu pus embaixo do travesseiro do Júnior, mas eu tinha ela embrulhada num papelzinho, pra não estragar, porque só tinha aquele papelão e uma reliquiazinha lá. E guardei uma que tenho até hoje, depois eu mostro pra você, era um envelopinho assim, meio de couro, e dentro tinha uma relíquia maior, já era uma coisa melhor. Ainda ele falou pra mim: "Essa você segura para você". E aí eu pus embaixo do travesseiro, não sei, sumiu, aquela simplesinha. Olhei pela casa toda, peguei a empregada, era um sábado, falei: "Fica comigo que eu quero fazer uma vistoria aqui no quarto". Olhamos, mas não consegui encontrar.

E o Júnior melhorou?

Passou! Aí nós fomos, meu cunhado pegou o Júnior, levou numa médica dos filhos dele e ela mandou fazer...

Mandou fazer uma porção de exames. Aí ficou vinte dias sem nada, ele já sarou. Depois que passaram esses vinte dias, aí minha tia que morava ali perto, que morei com ela, ela falou: "Mas você não vai fazer exame, pra ver o que foi?". Eu falei: "Ah, ele sarou, graças a Deus recebi uma benção e vamos esperar". Quando voltou, era 40, 41, aquele febrão que ele tinha, e eu não tinha direito a tirar licença e eu tava assim, naquele desespero. Mas eu sei que aí que o padre Valentin foi lá e aí que ele rezou, que ele... Não, tô errada... Aí aquele outro doutor mandou fazer uma transfusão: "Essa criança está morrendo!", já assim, ele nem examinou, nem olhou, não viu nada, já mandou fazer uma transfusão de sangue. Nossa Senhora, mas o Júnior chorava, esguelhava, não achava veia em lugar nenhum. Falei pro Valter: "Faz você, você é craque na veia". "Eu não vou fazer de jeito nenhum!". E vem enfermeiro, e vem outro, e vai... Olha que foi um perereco... Conseguiu fazendo uma veia... "Ele aqui tem duas veias que não aparece mais hoje, mas conseguiu pegar a veia daqui e aplicou. E eu em oração: "Nossa Senhora, me ajuda porque era..." — bom, dos quatro santos lá Nossa Senhora estava no meio; não tinha essa ou aquela. Eu falava: "Minha Virgem Mãe... É qualquer nome, é aquele não que você quiser", e isso eu falo até hoje, "Me ajuda a resolver!". Mas eu sei que aí saímos daí, nós fomos o médico dele mesmo mandou pro doutor que foi professor dele na faculdade. Ainda ele falou: "Por que que o Henrique não mandou fazer exames?". Aí o exame ficou pronto, ele viu que era piuria. "Mas o Henrique não mandou fazer esse exame de urina?". E falei: "Óh, doutor...". Contei para ele, o Lino estava trabalhando, depois que eu falei que eu contei ele ficou danado. "Ué, eu tinha que falar, né?". Mas graças a Deus então não deu, não deu choque, não deu nada. Que o médico lá também falou: "Nem vou dá nada, né? Pra que que dar vitamina? A senhora deixou de perder o filho, porque eu já vi criança morrer por causa de transfusão, então o Henrique não da transfusão, ele não recepta". Aí eu fui perguntei, porque você não receitou a transfusão, doutor Henrique. "Porque eu perdi duas crianças, jurei que nunca mais na vida...". Então foi nesse dia que o padre Valentin foi, porque eu tava desesperada, né?

Lógico...

Bom, passou essa época, 63, eu escolhi Osasco, saí lá do Jardim Penha, depois aquele lá ainda... Um grupo dividiu em dois, que criou o grupo novo. Aí eu descia, eram duas montanhas: aqui passava o ônibus e lá tá a escola. Então lá embaixo tinha uns 500 metros ou mais, morro igual a Jorge Tibiriçá.

E a escola era lá embaixo?

A escola era lá em cima. Eu tinha que descer e subir, gorda do Júnior, seis meses ou sete, depois eu peguei dezembro e janeiro, fevereiro também eu já entrei em licença. Mas eu sei que, olha, era de segunda a sábado a aula. Mas tudo bem... Aí 63 compramos a casa, tudo feliz, vamos agora... Chega no fim do ano, o Lino deixou de ser do laboratório e foi pra três horários, que trabalhava mesmo três períodos. Mas ele ganhava 80 mil nessa época, no laboratório, e foi pra 150. Nossa Senhora, aquilo foi maravilhoso. Quando chega o meu holerite também, eu acho que era o Montouro o governador, eu ganhava 41, passei a ganhar 82.

Foi 100%. O governo do Estado. Olha, mas isso foi maravilhoso mesmo, viu? Aí voltei, logo já engravidei da Miriam, que é 20 meses de diferença, aí: “Não, eu não tô precisando de catequista, pode ficar sossegada, cuida dos seus filhos, vamos ficar aí”. Aí tava em construção, construção pro tijolo, pras coisas, aí nós pegamos também pra ajudar. Aí mudamos, “Não, eu vou continuar a ajudar o senhor na construção, não vou parar não”. Quando foi um belo dia ele me aparece lá na minha casa, que eu dei o endereço, deixei... “Vai lá qualquer dia”. “Eu vou, vou lá visitar vocês”. E tudo de ônibus, ele não andava de carro, ele percorria o bairro inteirinho.

De ônibus?

Não, o bairro era a pé. Mas ele ficou encarregado das cobranças, ele ia de casa em casa, fazia uma visita, tomava um cafezinho com a gente, conversava, ficava sabendo da família, como é que tava, como é que não tava. Olha, eu sei que era maravilhoso, viu? E aí ele apareceu lá em casa: “Já liquidei esse talão seu, que chegou um novo, ele já pagou tudo”. Que dava o talão por dois anos. “Encerrou, você não está devendo nada, você eu já fui ver a sua paróquia aí, é pequenininha, deve ter muita reforma, deve ter muita coisa, você vai ficar por aí”.

E que paróquia que era, a que você morou?

São Lucas.

Aí você foi ser catequista lá também ou não?

Aí mudei de Osasco no outro ano, fui para Vila Sônia dar aula. De casa lá, de carro dava cinco minutos, que tinha um farol, mas era só isso. Mas eu tinha que tomar um ônibus que pegava um quarteirão pra baixo, uma subidona também, e ia até na metade do caminho, chegava na Francisco Morato, pegava outro ônibus pra voltar, passava em frente da minha casa quase, só que lá em cima, e ia para a escola, descia já dois pontos. Três pontos que tinha... Aí eu falava: "Ah, meu Deus do céu". Ai o Lino, no dia que ele tava entrando às três horas ele me levava, mas já não ia buscar, e no dia que ele também tava de noite também dava pra ele. Aí começamos a reformar a casa, porque tinha um barranco atrás, olha que esse homem trabalhou... Por isso o Júnior não queria vender: "O que vocês trabalharam lá não tem jeito, não devia vender". Eu falei: "Ah, mas fazer o que? Ninguém pode comprar e nós estamos precisando de dinheiro, então...". Mas aí passou, ele conseguiu ainda entrar na faculdade, mas ia ser só químico para dar aula. "Não, eu quero químico, não interessa porque lá tem cargo. E eu quero ficar, talvez eu faça outra faculdade". Nós mudamos só em 65, compramos a casa em 63 e 65... Olha que foi feita promessa também, viu? "Oh, minha Nossa Senhora que não saía de jeito nenhum". Passamos escritura dia 30 de Junho... "Dia 31 de Julho o senhor tá com a chave na mão, pode ficar sossegado". Chegou um dia lá, antes de vencer esse prazo, a minha vizinha de baixo ainda falou: "Eu quero ver quem vai me tirar daqui! Eu não vou sair daqui da casa coisa nenhuma!". Ele era laranja dos Oficiais de Justiça e ia entregar as coisas, e não entregava nada pra ele. Acho que você conheceu... Como é que era o nome dela... Maria Luiza Zibordi. Maria Lúcia...

Acho que não... Daqui de Pinhal?

Daqui de Pinhal. Era mais ou menos... Casou com um advogado lá de São Paulo, Adão.

Acho que não...

E o Adão trabalhava no fórum. Então o meu juiz, que estava tirando ele da casa, ele foi de férias para Belo Horizonte, meu caso ficou lá. O Adão entrou na sala dele,

que tava tudo lá dentro, o Adão entrou lá, olhou como é que tava, não tinha mexido nada, nada, nada, nada... Já fazia um ano e meio que nós estávamos... O Lino ia lá pro Jaguaré, voltava... Eu a mesma coisa... Eu sei que em outubro, dia cinco de outubro, que nós mudamos pra nossa casa. Olha, menina, chegamos lá e uma semana, quinze dias antes que pegou a chave, um purgueiro... Tudo preto! Aí, bom, o padre Alberto foi também me visitar, porque ele me deu outros seminaristas.

Você conseguiu mantendo os seminaristas?

Continuei mantendo, mas não dava muito dinheiro não. Ele me mandava a conta, era de conserto de sapato, era de livro, era lápis, dava dez, quinze reais por mês. Ah, vai dormir. Eu falei: "Oh, padre Alberto, não tô ajudando". Ele falou: "Não, você também tá precisando, não posso tirar de você. Se você fosse uma fazendeira, tivesse dinheiro, tudo bem, mas não tem, ainda comprou casa agora, de jeito nenhum! A promessa tá suspensa, não precisa de nada!". Então tá bom... Mas daí também pararam as cartas, vieram ainda algumas mas foi rareando, e ele também... Aí ele ficou bispo lá em Caeteté, na Bahia. Aí ele me convidou para ir: "Eu gostaria muito que você viesse". Eu falei: "Ih, padre, mas tá numa situação meia dura agora, viu? Agora nós estamos com a casa aí, não vou ter daqui eito". Mas aí ele veio, mesmo como o Bispo, ele veio me visitar. Eu sei que, bom... aí ali já tava quase no bairro. Na Vila Sônia eu dava catequese mais assim, não era catequese, catequese, eu escrevia, começava, naquele tempo você tinha que fazer... O caderno era uma brochura, você tinha que fazer o cabeçalho: Grupo Escolar.

O nome, "hoje está nublado", aí eu aproveitava: "Bom dia...". Eu aproveitava e colocava: "Senhor, dai-nos hoje o seu Santo Espírito para que aprendamos. Senhor, hoje estou necessitando de...". Cada dia eu punha. Aí eu explicava.

A escola não falava nada? A escola deixava?

O Seu João era um amor, o diretor. Aí tinha quinze classes, né, que cabia 45 alunos em cada uma. Porque era a periferia toda, Nossa Senhora. Não tinha escola. Mas aí, não sei se foi o mesmo bendito que me aumentou, não, não foi... É, talvez eu até tenha sido. Eu sei que criou outras escolas, então do Ana Rosa eu fiquei na bica pra cair. Eu era uma das últimas a ter chegado lá, mas era por conta de ponto. Eu sei que eu fiquei e a turma ficava louca de raiva comigo, viu? Porque elas foram pra

periferia, porque tinham dois, três grupos por ali. Eu sei que eu fiquei, aí o seu João... A delegacia falou: "A Teresa precisa ir embora daí. Lá no Marissol está precisando", que era outra escola da periferia. Aí o seu João, "Se eu construir uma casinha de pau a pique pra você, você dá aula lá?". Eu falei: "Eu dou, pode arrumar. Não saio daqui não". Aí numa semana a sala estava pronta. Escurinha, que seria a casa do zelador da escola, que ele precisava fazer... No final acabou derrubando, acho que nem fez. Mas aí, bom, fiquei ali. No ano seguinte, a Delegacia: "Ou a senhora vai para o Querilos", que era a escola que eu queria ir, dois quarteirões de casa, "Ou a senhora vai pro Educandário, que você tá do lado da da Raposo...". Lá fui eu pro Querilos. Chego lá, já tava construindo escola ali por perto. "É já que eu vou pra lá, essa vez eu não escapo". Mas, Valéria, aí eu fiquei outra vez na pindaíba. Então, a diretora procurou, procurou... A delegada mandou falar que se tivesse 25 alunos, eu podia ficar. Ela procurou nas outras classes que ficaram, mas cada classe precisava ficar com 35 alunos. E cadê os 25?

Não dava...

Aí ela tinha 13 e me deu o prazo de 15 dias. E eu lá, né? No último dia eu falei: "Não tem jeito". A diretora também: "Ah, Tereza", eu sinto muito". Eu era esperta pra quermesse, eu fazia festa junina sozinha, praticamente carregava tudo, eu que recolhia prenda, eu fazia a Miss Caipirinha. Olha, era... Aí chega, eu tô saindo embora já, meio triste, "Oh, minha Nossa Senhora, dessa vez não deu, né? Seja feita a sua vontade, fazer o quê?". Tô descendo, era a diretoria, as classe ficava tudo em cima, tô descendo, uma escadinha... Tô descendo e escuto aquele barulho de criança chegando. Eu até voltei, parei lá no topo da escada, vi aquela criançada assim, Jesus! Doze crianças chegando pra se matricular.

Primeiro e segundo ano. Eu falei: "Que vocês vieram fazer?". "Ah, nós viemos ver se tem vaga pra nós tudo... Nós somos em doze!".

Não, e olha mais: dez crianças eram de Piracicaba. Eram dois irmãos, não sei se era casado com duas irmãs, não sei como era lá... Eu sei que eram dois casais e os dois se separaram e ninguém queria os filhos. Era cinco de um e cinco do outro. Aí foi morar com avó, em Carapicuíba. A vó não tinha lugar em casa, que ela morava em um cubículo com dois filhos, que eram os outros dois que faltavam. Aí não sei quem lá avisa amigo, falou que lá no Caxingui, que era um bairro em frente a minha escola,

tinha lugar pra ela, tinha uma casa que até que dava para todas as crianças, e ainda tinha quintalzinho. Veio o casal de velho, os dois filhos e mais os dez netos. Mas aquele dia eu falei: "Mas minha Nossa Senhora, pelo amor de Deus! Acho que eu não fiz tanto pra merecer tudo isso". Mas voltei lá, falei pra diretora: "Já tô aqui. Pode a matrícula dos 25". "Como você conseguiu?" "Chegaram aqui, oh!".

Milagre, né?!

Esse foi um milagre!

Posso só te fazer uma pergunta: você está falando de Nossa Senhora. Só me corrige, se eu estou errada. Quando eu converso com você, só pra gente voltar um pouquinho na questão da religião, eu percebi isso duas vezes em conversar com você: agora que você tá contando pra mim, apesar de você estar contando coisa da sua vida pessoal, o tempo todo Deus está presente, o tempo todo não é?

Jesus está presente e Nossa Senhora. Então assim, dois momentos, até para finalizarmos, em dois momentos: nesses momentos que você fala que mudanças importantes da sua vida. Em casa, na profissão, na doença do Júnior, que foi um momento marcante na presença de Deus. No dia em que te liguei para dar meus pêsames pela morte de seu esposo, você me disse com muito convicção: "Olha, Valéria, tá tudo bem. O Lino tá no céu com Nossa Senhora". Eu lembro das suas palavras direitinho: "Ele tá no céu com Nossa Senhora, que ele era tão devoto. Ele era devoto do Pai Eterno nesses últimos tempos, que ele rezava o terço". Você falou com uma tranquilidade, com uma convicção, eu só não vi o brilho no olho porque a gente tava por telefone. Então eu queria que você falasse um pouco disso para mim, T.F. , porque isso é tão importante.

É uma confiança! Não sei, você vai adquirindo conforme... Porque eu sempre coloquei: "Eu peço, mas meu Jesus, seja feita a Tua santa vontade". Voltando, eu vou contar mais uma.

Sim, pode falar.

O Júnior, está fazendo uns sete ou oito anos, ele não sente dor, mas eu fiz feijoada e você conhece lá, vizinho... Eu falei: "Chama o Júnior lá que tá pronto, vamos

comer porque eu quero descansar". E ele veio falar pra mim que não ia almoçar porque não estava se sentindo bem. "O que? Você rejeitar uma feijoada?". Ele falou: "Eu tô com negócio ruim na barriga". Ele é meio barrigudo, mas... "Tô com um negócio ruim na barriga, não é dor... Não sei que que eu tô sentindo". Eu falei: "Isis, pode pegar o carro, levar o seu pai pro hospital, porque ele não sente dor. Pode ser aí alguma coisa". A Isis pegou e foi. O médico não tava atendendo ainda, mas deixou de repouso um pouco pra ver, deu algum remédio pra ver se passava, se era gases, isso e aquilo. Mas chegou nove horas, aí ele fez, acho que o ultrassom, não sei se tinha outro exame mais alto, e deu que era apendicite, mas não quiseram operar aquele dia porque não tava assim, não tinha febre, não tinha nada, então deixou pro dia seguinte. Às sete horas da manhã, entrou uma equipe que eles não estavam com vontade de colocar ele pra equipe. A equipe que tava tratando dele já entrava às duas horas. Então marcou já pras duas horas. Quando o médico abriu, o coração estava "soporado."

A Isis tava assistindo a operação, que já tava fazendo residência. Aí o médico quase que desmaiou. "Nossa Senhora, que burrada, meu Deus do céu. Por que eu não operei ele ontem?". Vai ver que tava meio que querendo ir descansar, querendo... E bom, aí foi, limpou, fez, o Júnior foi pra UTI. A Isis falou pra mim: "Vó, eu vou levar você em casa, porque deu um probleminha ele precisa ficar na UTI". Eu já não sou boba, né? Já desconfiei, falei: "Será que aconteceu alguma coisa?". Ainda perguntei: "Aconteceu nada, Isis? Estourou uma veia, supurou?" "Não, não, tá tudo bem. Mas o médico quer que ele fique na UTI. Hoje de noite a senhora não volta não, porque só tem duas visitas. Minha mãe só vai poder entrar de noite e o Neto, então melhor você não ir". No dia seguinte de manhã também eu não devia ir porque tinha um amigo dele, o Cláudio e a Fernanda, que queriam vê-lo. Então era bom não ir. Eu sei que fui visitá-lo na terça-feira de manhã e ainda tava com todos os aparelhos lá, mas já tava quase que fora de perigo. Aí na segunda-feira, os dois passaram lá em casa para pegar produto. A Fernanda e o Cláudio. Eles são espíritas. Eu nem sabia direito, mas conversando assim: "Oh, dona Teresa, a senhora não quer que eu leve a senhora... Eu conheço uma senhora que faz uma benção e a pessoa sara, fica bom". Eu falei: "Olha, Fernanda, eu gosto muito de vocês, mas sem ser o meu Jesus não tem, porque a benzedreira vai pedir pra Jesus, e eu a mãe dele, já tô pedindo pra Jesus já faz dois dias, então não tem, minha filha...". "Mas vamos, assim é mais uma bênção". "Não,

não preciso. Eu creio em meu Jesus, em Nossa Senhora que é Medianeira, que ela vai interceder por ele e seja o que Deus quiser. Deus me deu todo esse tempo, foi uma alegria tê-lo comigo, mas se caso ele falecer, o que que eu posso fazer?. Deus quis ele de volta, ele me deu, ele tá querendo levar, seja feita a vontade dele". "Mas você é fria, não sei o que...".

Então, eu falei não. Passou. A mesma coisa aconteceu com o Lino aqui, agora. Eu fui no hospital no sábado, o Júnior também estava, a Miriam... Não, a Miriam não, a Miriam estava descansando. E conversamos, ele tá meio dizendo assim chateado. Eu falei: "Eh, velho, afirma o pé aí, que negócio é esse?". Ele tinha entrado, o padre tinha vindo na quarta-feira, na quinta ele colocou o dreno novamente no pulmão... Não, já fazia quinze dias que ele tava com dreno e eu nem vi, porque a Marlene que dava banho e... Aí na quarta-feira, última, que o padre ia sair de retiro na segunda-feira, então ele falou: "Eu em São João não vou". Então eu falei pra ele: "Padre, então reza que ele vai amanhã fazer uma um tipo de uma colagem na pleura, porque soltou a pleura, por isso que ele tem água no pulmão outra vez. Vai colocar dreno e também vai colocar...". Tinha outra coisa que era... "Ele vai ver o marca-passos, como é que tá". Que não tava muito bom... Aí eu falei pra ele: "Afirma o pé". O padre veio, deu outra bênção pra ele, e daí para frente ele já começou, já mudou o pensamento. "O marca-passos não adiantou nada para mim, eu não vou...". Viemos embora, todo mundo veio, foi a moça dormir com eles... Que a Miriam sozinho não tava aguentando... Ou foi o Júnior mesmo que dormiu... Eu sei que quando eu voltei na segunda, na hora do almoço, ainda teve um perereco lá na coisa, na UTI, e ele não pode... Atrasou uma hora, então nós tivemos só meia hora para vê-lo, eu e a Miriam. Na hora do almoço, ele falou para mim: "Têra, eu acho que essa vez eu vou, não vai ter jeito não". Eu falei: "Olha, Lino, vamos fazer uma coisa: coloca na mão de Deus, se oferece para ele, que ele faça o que tiver. Se for pro seu bem, que seja...". Aí ele já concordou, porque antes ele não falava, "Ah, não, pede para mim viver, não tô querendo morrer, não. Me cura...". Tava sempre assim... Ai chegou, a Isis vinha de Campinas, pra ir visita-lo, porque ela viu que tava meio ruim e ela tinha folga aquele dia, mas ela veio bem de tardezinha, então ia pegar a visita das cinco horas. Eu falei: "Eu vou também". A Marlene ia com ela, mas a Marlene falou: "Ah, não, eu vou amanhã, porque hoje eu quero terminar com a roupa que tá de molho, o sol tá secando". Não foi e eu fui no lugar dela. Já tinha ido às onze e fui às cinco... Não era

para eu ir. Aí a Isis entrou, ficou uma hora — acho que a visita era das quatro às seis. Aí a Isis, quando foi cinco e pouco, ela desceu: "Vai você e depois eu volto outra vez pra fazer tchau pra ele". Eu conversei com o médico, o médico, ele tava meio assim tossindo, mas uma coisa parece, sabe aquela ... Um negocinho esquisito. Aí eu falei com o médico, que tava em frente o médico, ele explicou que era assim mesmo, que não sei o que, não sei o que. Aí eu falei: "Mas você não vai, não tem jeito de colocar alguma coisa aqui, um respirador, alguma coisa?". Que tava sem o oxigênio. Ele falou: "A senhora conhece o problema dele, né? A senhora sabe...". Sai de lá com os olhos meio lacrimejando, "Mas tá bem, Doutor". Aí cheguei lá nele, conversamos um pouquinho, ele queria virar na cama, mas não podia. Ele tava amarrado com as duas mãos, porque ele tirava. E o soro já tava aqui, soro, sangue, o que tivesse pondo. Aí ele ainda falou: "Oh, eu acho que eu tô no fim, não tem jeito". Eu falei: Não, Lino, vamos... Vamos ter fé. Eu entrego você nas mãos de Jesus, pelo menos ele salva a sua alma, que te leva pro céu, fica tranquilo porque o melhor é pra você. Você tá fraco... Se é pra você ficar aí numa cama também, como você tá tudo esses dias...". Fazia quatro meses já , praticamente, que ele tava de cama. Não tinha força pra andar, não tinha força nem às vezes pra comer quase. Era um... Aí eu falei: "Vou rezar pra você" e peguei na mão dele. Ele até chamou um enfermeiro para vim dar uma mexida nele lá, que não tava aguentando mais ficar. O enfermeiro falou: "Espera um pouquinho que eu venho já. Eu preciso cuidar de um ali, que tá meio ruinzinho, então eu preciso ir lá". Mas era mentira, né? Ele tava fazendo a limpeza nos doente, mas ele foi lá fazer do outro e deixou o Lino, acho que não adiantava mexer. Aí eu peguei na mão dele assim, porque não dava, né? Dei um beijo na mão e falei: "Olha, vamos rezar, no seu pensamento vai rezando. Pode rezar o que você quiser e eu vou fazer o meu baixinho, pra não atrapalhar os outros, porque você não vai entender, e eu também canso muito. Eu também tô meia cansada". Aí rezei o Terço da Misericórdia, conhece?

Sim...

Então rezei o Terço da Misericórdia e entre os mistérios, eu falo: "Oh, sangue e água que jorraste do Coração de Jesus, como prova de misericórdia por nós, tende piedade de nós, tende piedade do Lino. Eu confio no Senhor, seja feita sua santa vontade". Mistério pra mistério eu falava. Aí terminei o terço, falei: "A Isis queria subir

de novo, pode? Pra ela vir fazer tchau pro vô, que ela vai embora para Campinas ainda hoje". Aí o médico falou: "Deixa subir", porque uma enfermeira lá: "Não, não pode, porque vai levar bactéria, porque não sei o que". O médico falou: "Deixa ir". Mas não deixou. Ela falou: "Oh, meu Deus do céu, não me despedi do vô". Eu falei: "Fazer o que?". Ainda falei pra ela: "Ela vai embora pra Campinas, tem aula amanhã, ela é médica também, sabe que não pode. Lava bem a mão, tudo...". Implorei para a bendita: "Não, que não, que não". Aí ela veio chateada, né? Chegou aqui, tomou um lanche, e foi embora pra Campinas. Aí a Miriam foi às nove, a Miriam chegou de lá toda alegre: "Ah, mãe, fiquei contente que foi a fonoaudióloga, fez exercício com ele, deu um palito lá para ele mastigar, e ele mastigou, parece que até assim...". Eu creio que até pra provocar mesmo, alguma coisa, porque o coração já tava tremendo. A mão também, né? Aí já ligaram: "Miriam, nós precisamos de você, porque ele teve uma piora, precisa vim aqui, então, pra gente...". Eu falei: "Ah, já foi!". Na hora... Então, quando você me telefonou, que você não pode vir, que isso, que aquilo, não foi assim... Eu já tava esperando, porque pelo jeito... Ele sentava na cama, de levantar e sentar na cama, sozinho, que ele queria fazer exercício, ele estava cansado. Esperavam quase cinco minutos pra mudar pra cadeira, para tomar... Aí já tava tomando refeição lá no quarto... Então, não tinha jeito mesmo... Na missa, mesmo no velório, eu não fiquei triste assim... Até eu falava: "Meu Deus do céu...". O Padre Robson, foi lá, fez as exéquias, perguntou quem queria falar e eu ainda... "Ah, eu quero, padre. Agradeci a turma, que tinha bastante gente no enterro, tudo os amigos, tudo, né? Agradeci, não chorei, eu abraçava a turma chorando, chegava, essa daí chorava feito não sei o que, Camila chorou, e eu nada. Eu falava: "Meu Deus do céu...". Mas eu não eu não sinto vontade de chorar, não sou, não tô assim desesperada. E aí chegou na missa de sétimo dia, aquela que foi lá... Aqui também, aqui não tinha ninguém, só o Zé. O Zé Ernesto me abraçou, assim, mas sabe aquele gesto assim mesmo, de amigo, que sentiu, chorou também, ficou assim chateado mesmo. Aí na missa de sétimo dia, lá no Padre Augusto, tava todo mundo, a Ivone também foi... A Ivone parece que não veio aqui... Aí a Ivone falou... Eu tava cumprimentando todo mundo e ela: "Oh, Têra, chora pelo menos um pouquinho, aonde se viu? O teu marido morreu e você tá tá rindo, cumprimentando os outros rindo. Os outros tá chorando e você tá rindo". Eu falei: "Ah, Ivone, que você quer que eu faça? A minha confiança em Deus é essa. O meu amor eu tenho ele, ele prometeu

e ele vai fazer. Não tenho não tenho medo. Enfrento mesmo...". Aí, de vez em quanto aqui a gente lembra, aí chora. Uma hora, a outra chora. Tem noite que eu acordo, fico chorando, fico pensando... Mas, que nem agora...

Entrevista 13 — A.B.**Nome: A.B.****Idade: 83 anos.****Entrevista concedida a Valéria Aparecida Rocha Torres auxiliada por Ricardo Biazotto em Maio de 2018.**

Entre a comunidade católica, quando uma pessoa morria quais eram as primeiras providências tomadas?

A notícia do falecimento era comunicada aos parentes e amigos do falecido.

Como era feita e quem eram as pessoas responsáveis pela lavagem do corpo do morto? Além da lavagem, quais eram outras providências tomadas em relação a toalete do falecido?

Geralmente eram os próprios parentes e amigos que faziam a lavagem do corpo. Além disso, também era feita a barba do falecido.

Qual o sentido de amortalhar o morto? Como as mortalhas eram feitas?

Quanto a mortalha, era o utilizado o melhor terno; se mulher, o melhor vestido. Também eram penteados o cabelo, dando, embora “morto”, uma aparência mais digna da despedida desse mundo. Uma observação: se jovem, o caixão era branco e o vestido também branco — foi o que aconteceu com a minha irmã... Ela era mais velha do que eu e morreu aos 20 anos.

Os padres participavam desse processo ou eram somente os leigos?

Desse procedimento os padres não participavam.

Após a preparação do corpo, começava a organização do funeral. Quem se responsabilizava por essa organização e como era organizado o funeral?

Não havia o Velório Municipal. Os corpos eram velados em casa, com orações e muita solidariedade; se noite, as famílias e parentes serviam café e chá, acompanhados de pães e bolachas.

Qual era o tempo médio de duração do funeral?

O corpo era velado normalmente por 24 horas. Todo enterro era seguido a pé, passando sempre na Igreja, onde o padre fazia as exéquias, após isso seguia para o

Cemitério, onde o morto seria sepultado (a). Quanto ao enterro, quando saia da igreja, tocava-se os sinos. Quando adulto, o falecido, a sonoridade mais grave; e quando era bebê, havia os sinos menores, que dava aquela sonoridade delicada, até sentimental.

Como a comunidade tomava conhecimento do falecimento de uma pessoa?

O falecimento era comunicado de boca a boca.

Depois do enterramento, o que normalmente era feito para a família enlutada?

Depois do sepultamento, fazia-se visitas às famílias enlutadas, solidarizando-se.

Como era o período do Luto? Quanto tempo durava?

O período de luto era de um ano; usava-se tingir as roupas de uso de preto, também pelo mesmo período. Na minha família mesmo... Em nove meses perdi minha mãe e essa minha irmã mais velha, e usamos roupas pretas durante um ano.

Por que a missa de sétimo dia é fundamental?

A missa de 7º dia sempre era fundamental, pois era onde as pessoas solidarizavam-se novamente com a família enlutada.

O que você acha que acontece com a pessoa depois que ela morre?

Eu creio que depois da morte nós voltamos às nossas origens, isto é, uma nova vida eternamente na presença de Deus em plenitude.

Você considera que houve mudanças em relação ao enfrentamento da morte nos últimos 30 anos? Se sim, quais são as mudanças.

Acho que houve mudanças sim; talvez causadas pelas exigências dos tempos modernos.

Entrevista 14 e 15 — R. C. M e P.C. M

Nome: R.C. M – Idade – 47 anos.

Nome: P.C. M. – Idade – 49 anos.

Entrevista concedida a Valéria Aparecida Rocha Torres. Maio 2018.

Eu fico muito lisonjeada e muito emocionada de saber que com certeza que essa história, que é muito pessoal de vocês, é lógico, mas que eu vou poder contar de alguma maneira.

R. C. M : Mas, Valéria, eu sinto uma coisa também: eu sinto que é pessoal, mas eu sinto que não era pra guardar pra nós, porque pelas coisas que foram acontecendo, né, Paulinho? De pessoas assim, amigos deles, ele gostava muito das festas eletrônica e teve umas histórias. Ele gostava muito do arco-íris e uma das histórias depois que ele foi embora, em fevereiro, o que aconteceu no Carnaval, em uma das festas. O arco-íris ter aparecido, no lugar que o arco-íris apareceu, que era um dos lugares que ele mais gostava, né Paulinho? Aí o menino escreveu esse menino... O dia que eu achar o texto eu vou passar pra você ver. Ele contando toda a história, falando de uma música que ele tinha gravado essa música, depois nós fomos procurar a tradução falava muito sobre isso, se eu morrer jovem, sobre o arco-íris, então tem todo uma história. Então esse menino, quando escreveu, ele chegou em mim, contou e falou isso pra mim: “Rita, eu sinto que a história do Matheus não pode ficar aqui. Eu sinto que você pode ajudar muita gente, você pode ajudar muitas mães, que você pode contar a história do teu filho e mostrar que vale a pena”. Então eu acho que essa história não era mesmo pra ficar.

R. C. M. : Eu acho que é a nossa história. Hoje a gente vai entendendo. Eu sempre questionei assim, às vezes quando a gente ia fazer alguma coisa na igreja, eu sempre falava isso: que eu queria entender a minha história, eu falava que por eu ter casado muito novinha, ter tido o Matheus muito novinha, e de repente eu queria entender a minha história, minha história na igreja, minha história com Deus, que que era o chamado de Deus pra nossa vida. Hoje nós temos a certeza que nós temos que estar juntos. Eu falo às vezes que pode acontecer o que for, nós temos que estar juntos. Não dá... E hoje eu vou entendendo nossa história, Valéria. Tudo que o Matheus deixou, tudo que o Matheus ensinou, ele tinha até quatorze, quinze anos, ele ia com nós na igreja e depois ele não foi mais. Mas eu acho que ele tinha uma fé maior que a nossa.

P. C. M: Ele falava que ele não queria seguir uma doutrina. Ele falava: "Pai, não vou, não quero ir em religião, não quero participar de religião, mas eu não acredito na explosão do Big Bang. Eu acredito que tem um Ser supremo que criou nós e criou tudo. Eu não acredito que nós viemos de uma célula de uma explosão no universo. Eu acredito no criador, só que eu só acredito nisso, pai. Eu não acredito em doutrina, de religião".

Um biólogo falando...

R. C. M: E às vezes quando ele falava alguma coisa assim da parte da Biologia, eu falava: "Mas, filho, você tem que entender o que Deus fez na tua vida". "É, mãe, eu sei disso. A fé que a senhora ensinou, a fé que o papai ensinou, aonde eu fui criado". Então, assim, ele tinha uma raiz que ninguém tirou. Porque eu falo pro Paulinho: acho que no fundo, no fundo, a fé maior era a dele. Valéria... Eu sempre falei isso: o Matheus não era daqui, o Matheus era muito diferente. O Matheus pensava muito diferente. E, de verdade, eu acho que alguns lugares que ele ia, tipo entrar naquela cachoeira , ele entrava e assim... Quando nós fomos visita, depois que tudo que aconteceu, nós visitar.

Onde fica essa cachoeira?

P.C.M: Na Serra da Canastra.

R. C. M: Ele amava aquela cidade, amava aquele lugar.

Paulinho: Essa menina que eu mostrei o áudio é de lá.

R. C. M.: Valéria, quando nós ficamos diante dessa cachoeira, eu falei pro Miguel: "Mi, você não entra nessa cachoeira, porque agora a mamãe tá entendendo uma coisa: o Matheus tinha asa". Ele entrava... E não é porque ele era louco.

P.C.M: Ela tem uma queda de 180 metros, Valéria.

R. C. M: E ele entrava... Mas eu acho que ele olhava aquilo lá com tanto amor pela natureza, por tudo aquilo que Deus criou, por tudo aquilo que Deus fez, que ele olhava e ele tinha certeza que tudo ia dar certo, que ele podia entrar, porque ele tinha uma visão diferente.

P.C.M: A hora que o Miguel saiu e ele falou isso pra ele, as meninas saíram de lá falaram pra nós: "Você fez bem de falar pro Miguel não entrar, mas o Matheus

entrou". "Mas como ele entrou?" "Olha, é impossível vir aqui e não entrar nessa cachoeira".

R.C.M: Gente, eu tenho que entrar! Eu falo pro Paulinho que ele era diferente. Não sei, não sei. Ele falava isso: "Mãe, eu agradeço pela senhora e pelo papai, por tudo aquilo que a senhora e o papai me ensinou, o alicerce que me deu", mas eu não sei Valéria. Acho que era dele... Eu sinto que era dele... O Matheus sempre, desde pequeninho, eu percebo que ele era diferente. Não sei, ele olhava de uma maneira diferente pras pessoas. Eu lembro, em uma das histórias que ele me contou uma vez, dizem que eles foram em uma festa eletrônica e diz que viram muita gente usando droga. O amigo dele falou: "Matheus, nem vamos ficar juntos". Ele falou: "Gente, vocês não viram o que eu tô vendo. A gente tem que ficar junto com eles sim". E aí o Michelson falou pra mim assim: "Ritinha, ele não via o que eu via. Ele não tava ali pra julgar as pessoas, ele tava ali pra ajudar ajudar as pessoas". Eu sinto, Valéria, é um serzinho especial. Ele era.

P.C.M: Muita coisa...

R. C. M: Muitas loucuras, né, Paulinho? Valéria, ousadia desse menino ir embora.

Eu lembro quando ele foi pros Estados Unidos. Eu cheguei lá e você falou: "O Matheus vai pros Estados Unidos".

R. C. M: Nem inglês ele falava.

Quanto tempo ele ficou lá?

RCM: Ficou um ano. Depois veio embora. Aí voltou e ficou mais sete meses, num outro lugar. Sete ou oito meses. Mas eu não sei, parece que ele precisava voar, eu sentia que ele precisava...

PCM: Era intenso, né? Ele tinha que fazer tanta coisa, como se ele soubesse "com 26 anos eu vou embora, então eu tenho que fazer isso, fazer aquilo".

Rita: "E eu tenho que levar". Eu sentia isso... Não que ele sabia... Uma das cartinhas que eu mandei pra ele uma vez, que eu acho que deve estar até em uma das agendas dele, eu escrevi pra ele: "Filho, seja instrumento de Deus aonde você estiver". Porque eu sempre falava isso. "E descubra a sua missão", eu coloquei pra ele. Valéria... Depois que tudo aconteceu, em uma semana, mais ou menos, nós

fomos recebendo carta, coisas escritas pelo Facebook, qual a visão que a pessoa tinha do Matheus. A visão é essa: o Matheus veio aqui pra mudar a nossa vida. Eu não consigo entender... Assim, o que ele tinha? A mesma pessoa que ele era comigo, ele era com você, era com o Miguel, era no serviço, era lá nos Estados Unidos, pessoas que ele nunca tinha visto na vida dele. Ele tinha uma entrega, ele se entregava totalmente. E quantas pessoas falavam isso pra nós: "A minha vida foi mudada através do Matheus". Então, assim, eu acho que tudo isso... Sempre tivemos a nossa fé, alicerçada, e ela nunca rompeu, mas eu acho que tudo isso que hoje a gente vai sabendo que ele fez, faz com que a nossa fé seja mais...

Mais sedimentada...

RCM: É... Você fala: "Gente, a gente tava na igreja toda semana, ele não tava, mas ele também vivia uma fé". Talvez a fé dele era mais moderna, porque eu sou muito amiga de quem participa comigo na igreja, mas ele não. Ele era da umbanda, ele tinha amigo espírita, ele tinha... Porque ele não via, a gente põe rótulo, Valéria.

Enxergava a vida de outro jeito, super aberto.

RCM: Eu falo que assim, nós realmente vivemos por essa fé. Essa fé que Deus, é a certeza de ser cuidado todo dia, todo dia. Eu falo, a gente levanta: "Vamos mais um dia, Deus, comigo". E é a certeza que Deus cuida de nós. É a única certeza concreta que nós temos é essa.

E que ele está com Deus?

PCM: *Isso não tem como nós duvidar. Eu acho que é tanta coisa, como eu falei pra Rita esses dias — e estava conversando com a irmã dela também, com a Regina —, eu acho que a minha fé é tão pequena que não que eu duvide, mas tem hora que eu penso assim: "Eu queria acreditar mais!".* Aí a Regina brincou e falou: "Mas com tudo isso que você está ensinando pra nós, você e a Rita, você falar que a sua fé é pequena, e a nossa?" *Mas não que a minha seja mais que a de qualquer outra pessoa, mas eu queria acreditar mais. Não tenho dúvidas sobre isso, que ele está em um lugar bom, que ele está desfrutando do paraíso, mas eu queria acreditar mais, eu queria ter mais convicção disso. Não que se um dia eu for em um centro (espírita), em alguma coisa, pra buscar resposta de dúvida, nenhuma.*

PCM: *Sei lá, uma palavra de conforto, essa mulher que você citou pra nós, o que ela recebeu, o que a Rita acabou de falar, que às vezes depois de uma palavra quantas pessoas mudam. “Então é assim? Então ele tá bem?”. Talvez isso que eu busque...*

RCM: Eu falo pro Paulinho, eu acho que é a palavra exata. É só pra matar a saudade.

PCM: *Em 2013, quando eu foi lá fazer uma prova, pra Fiscal Ambiental. Vargem Bonita tem dois mil habitantes. Aí ele falou: “Pai, eu vou lá fazer esse concurso, porque se der certo eu vou embora pra lá”. Eu falei: “Mas, Matheus...”. Eu imaginei assim, nós não conhecíamos Vargem, não sabia que era tão pequeno daquele jeito... “Matheus, lá você vai ganhar, vai estar num lugar que você gosta, ganhar bem. Quanto que é?”. Ele falou: “Pai, era R\$800”. “Mas um salário mínimo? Você vai deixar de ganhar três mil em Campinas, pra ganhar R\$800 lá?”. “É só disso que eu preciso pra viver, eu não preciso de mais. Eu vou estar fazendo aquilo que eu mais amo, em um dos lugares que eu mais amo, com o dinheiro que dê pra eu pagar minhas contas”.*

RCM: Aí depois não abriu o concurso.

PCM: *Então, ele tinha umas coisas que deixava... Talvez isso seja o combustível pra nós estar vivendo hoje. Eu falo pra Rita, a gente conversa bastante isso também, talvez fosse um suicídio, eu rezo muito pra essas pessoas, porque eu acho que o coração não ia ser o mesmo que gente tem hoje.*

O Conforto...

PCM: *A vida dele foi um exemplo.*

RCM: Valéria, ele deixou nós em paz.

PCM: *Ele deixou nós em paz. Tanto que a hora que ele saiu do quarto, vinte minutos antes, eles tiraram ele do quarto pra levar eles naquela sala de emergência, no meio do terceiro andar ali, a Rita estava de pé no corredor, a Rita eu acho que estava chorando um pouco, estava nervosa.*

RCM: Mas eu estava preocupada porque eu tava tentando ligar pra você.

PCM: E ele passou na cama e falou pra Rita: “Mãe, fica tranquila, vai ficar tudo bem”.

RCM: Depois de vinte minutos meu filho foi embora.

PCM: Se fosse de uma outra maneira, sei lá, um acidente, não vamos nem citar o suicídio, porque é um lado muito triste da morte, mas vamos supor que fosse um acidente. Nós temos uma amiga aqui, a Eliana, a irmã dela perdeu um menino, em Ribeirão Preto, pouco antes do Matheus. Saiu da porta de casa, se despediu dela no sábado a noite, pra sair pra noite pra passear, morreu, bateu o carro e morreu. Quanta coisa ia estar ali na interrogação.

Reflexões...

PCM: E deve estar até hoje.

RCM: Por que eu não abracei? Por que eu... Eu também perguntei, vou ser bem sincera, por que eu não abracei mais? Por que eu não beijei? Eu também perguntei, vou ser bem sincera pra você. Mas nós fizemos tanto. Eu falo que ele foi muito amado, nós recebemos muito amor dele. Nós chegava no hospital, era a coisa mais linda de se ver. Eu chegava e falava pra ele: "Oi, amor, a mãe chegou". "Nossa, mãe, tem uma novidade pra contar pra senhora". Sempre com o sorriso aqui, sempre contando alguma coisa. "Que que aconteceu?". Aí ele falava: "Mãe, essa noite eu tive um sonho. Um sonho que seres de luz vieram me visitar".

PCM: Pessoas de roupa branca, tudo em volta da mesa.

RCM: Ele ficou em coma quatro dias. Depois foi pro hospital, depois de uns três ou quatro dias que ele começou a falar: "Seres de luz viera me visitar... Mãe, essa noite vocês vieram me visitar né?". E eu falava: "Viemos". "Mãe, a senhora, o Miguel, o papai e o Banzé". Banzé é o gato dele, que tá aqui com nós. Valéria, então assim, ele foi tão amado, de deitar no colo... No dia do meu aniversário, eu cheguei lá no dia 12 de janeiro, e sentei assim. "Mãe, deixa eu deitar um pouquinho no teu colo?". "Pode deitar". Eu falei: "Filho, hoje é meu aniversário". "Mãe, eu sei. Eu tô deitado no teu colo por causa disso". Eu falo que ele foi muito amado e ele amou muito.

RCM: É tão engraçado... Ainda essa semana a gente tava conversando sobre isso... Quando nós vivemos, não via desespero. É engraçado, porque assim, eu ainda falei pro Paulinho essa semana, até a parte financeira não abalou. Aconteceu tudo em dezembro e janeiro, é a época que eu mais trabalho, eu devo trabalhar mais, e é a época que o Paulinho menos trabalha. Então eu tinha que trabalhar pra suprir ele... Eu não trabalhei muito. Trabalhar que jeito? E o que Deus aprontou na nossa vida? Até isso... Um dia, eu cheguei da igreja e o Padre Iran falou pra mim assim: "Ritinha,

eu vou fazer uma pergunta bem delicada". Eu falei: "Pode perguntar, padre". Isso era tipo, 15, 16 de janeiro... "Rita, como está a parte financeira de vocês?". Valéria, aí que eu cai na real. Nós nunca reclamamos, tipo, que que vamos fazer, não tem dinheiro... Nós ia pra Campinas todo dia...

Por que ele adoeceu em Campinas e ficou internado lá?

RCM: Em Campinas... Ele ficou do dia 27 de dezembro ao dia 21 de janeiro, em Campinas. Nós falhamos uma quinta-feira, né, Paulinho? Porque eu acho que você teve uma coisa com a van e ele falou: "Pai, não se preocupa, não precisa vir amanhã. Vai trabalhar e depois na sexta vocês vêm". Só aquela quinta. Valéria, pedágio, o que quer comer, porque a gente tinha comer, não tinha tempo pra fazer as coisas aqui em casa, não tinha...

PCM: Torrada com suco...

RCM: Tem dia levava, tinha dia que comprava as esfihas no Habbib's. Então, hoje quando bate "Meu Deus, como eu vivi tudo isso?", eu volto lá, eu gosto de voltar lá. Eu não quero sofrer lá. Eu volto lá só pra me fortalecer, porque eu falo: "Da onde nós tiramos essa força?". Quem segurou?

Foi Deus?

RCM: Eu vou contar outra coisa pra você: aquele ano nós participamos muito de retiro, nós participamos muito... 2014 nós participamos de muita coisa na igreja.

PCM: Oficina de Oração.

RCM: É, Oficina de Oração nós fizemos, fazia muitos anos que o Seu Pádua dizia: "Ritinha, vai fazer". E aquele ano nós fizemos. E uma das vigílias, todo mundo foi embora muito tarde, foi começo de dezembro, nós viemos muito tarde embora, só que isso depois que nós ficamos sabendo. E um casal, que é muito amigo nosso, a Lindomar e o Abel, que tocam na igreja, passou a noite com nós nessa vigília, foram embora, e diz que a Linda teve um sonho. E nesse sonho, ela viu eu e o Paulinho dentro de uma igreja, chorando muito, e cantava uma música, que se você procurar um dia no Youtube você vai ver. É Nelsinho Correa, que canta um pedacinho assim: "Quem me segurou foi Deus, com seu amor de Pai". Cantava isso... Valéria, depois que tudo aconteceu com o Matheus, ela veio contar pra nós. Só que quando aconteceu, ela contou pro Padre Iran, porque a gente tinha muita ligação com o padre, então tudo que aconteceu o padre estava sabendo de tudo, e ela foi e partilhou com

o Padre: “Eu tive um sonho que não é bom, não foi bom, que me deu uma angústia de saber que a Rita e o Paulinho estavam chorando”. Não estava acontecendo nada, Valéria. Nada. Valéria, diz que o Padre Iran falou: “Reza por eles, só isso”. Eu falo que desde desse momento Deus estava cuidando de nós. Deus não cuidou de nós depois que meu filho foi embora, Deus cuidou de nós durante a vida inteira, mas o ano de 2014... Hoje quando eu lembro, tudo que nós vivemos, é como se Deus: “Toma mais um pouquinho de injeção, mais um pouquinho de injeção de fé, de ânimo, pra vocês poderem aguentar”. Porque Valéria, não caímos, não é, amor? Nós não caímos... Passou, eu falo que depois de quinze dias é uma loucura, se você for analisar... Eu voltei a trabalhar, o Paulinho depois de uma semana voltou a trabalhar, não foi fácil? De jeito nenhum... Tem dia que não é fácil. “Eu queria só ficar aqui, só ficar em silêncio, só ficar diante de Deus pra Ele me fortalecer”. Mas teve umas coisas que é a certeza que Deus tava junto.

PCM: Estava tudo bem.

RCM: Quer dizer, ele estava em plena vida.

RCM: Uma loucura, uma sede de vida.

RCM : Tem coisas que sinceramente eu falo que...

É divino?

PCM: Quando foi pra ele ir, Valéria, ele começou a entrar e mostrar: “Olha, pai, eu vou ficar nesses lugares aqui”.

E onde ele ficou mesmo?

RCM: Na primeira vez ele ficou na Carolina do Norte.

O que era?

RCM: Flor, tinha um pouquinho de legume também.

PCM: Era estufa de produção. Era fazenda. Aí ele pegando, tem esse lugar aqui, lá perto, uma cidadezinha que ele ficou, uma cidade pequena também, mil e poucos habitantes, e tem isso... “Olha, pai, esse lugar aqui, esse pico, que coisa mais linda que é”. Tinha uma bandeira dos Estados Unidos assim, um mastro enorme no topo da montanha assim. “Se eu for lá e for passear eu vou nesse lugar”.

E foi... uma pessoa destemida.

PCM: E sem a gente saber... Esses dias nós mandamos imprimir umas fotos que estava tudo guardado no computador. A Rita comprou um quadro e eu falei: "Vamos montar uns quadros". E essa nós resolvemos aumentar e aí que nós percebemos, olha o raio de luz.

Em cima dele... Eu tô vendendo... Em cima, só tem ele e o raio de luz, formando um quadrado assim.

RCM: Só eu vejo... Não é possível que é só eu... Gratidão. Contemplando a obra de Deus.

É impressionante, porque a primeira vez que você bate o olho na foto você não vê, agora eu só vejo isso. Eu só vejo o raio de luz em cima dele, porque parece um negócio que desceu em cima dele.

RCM: Eu falo pro Paulinho que são os presentes, até isso.

PCM: Uma coisa tão simples, como uma foto... Não que eu falo que meu filho é um santo...

PCM: Mas a obra da natureza nessa foto ficou tão bonito, que eu falo que é um presente pra nós hoje. Tudo isso, tudo essas coisas que nós estamos falando, se nós tivesse os pontos negativos: "Nossa, por que nós não fizemos aquilo, por que ele não fez, por que ele não falou isso pra nós?", eu acho que nós não estaríamos com esse combustível tão bom pra viver.

RCM: Tem dia que dá um vazio, um buraco no coração, que você fala: "Da onde eu tiro forças?". Mas, Valéria, você percebe que está ali.

Essa palavra que você falou das delicadezas de Deus é muito interessante.

RCM: Delicadeza... É coisa pequena... Valéria, até contar, o Banzé é o gato que era dele, morava com ele no apartamento e o Banzé, como era apartamento, a brincadeira do Banzé era o Matheus jogar a tampinha pet, o Banzé grudava e vinha trazer. Era o que o Banzé mais brincava, porque quando eu ia lá eu percebia que era essa brincadeira. Na noite que tudo aconteceu, que todo mundo foi embora, que ficou eu, o Paulinho e o Miguel, o Miguel deitou e dormiu, eu e o Paulinho ficamos até uma

e meia acordado, e uma e meia o Paulinho não dormiu, ele entrou em coma... O Paulinho dormiu profundamente depois da uma e meia, que foi um sono assim que eu nunca vi, profundo, cansaço. Porque ele tava muito cansado. Valéria, eu fiquei acordada até três e meia... Umas três e pouco, eu comecei a chorar e pedi muito pra Deus: "Jesus eu não quero nada grande, eu só quero um sinal de que está tudo bem. Só isso". Valéria, começou um barulho dentro da minha casa, a tampinha pra lá e pra cá, e o Banzé jogando essa tampinha pra lá e pra cá. E eu cutava... "Paulinho, Paulinho, escuta o Banzé, o que o Banzé tá fazendo...". Ele não acordou! Ele é muito bom de dormir, só que quando eu começo a cutucar, e eu não cutuquei devagar não, porque eu senti medo, pra ser sincera pra você, e eu cutuquei porque eu queria que ele vivesse aquilo que eu estava vivendo e eu estava com medo de ficar sozinha... O Banzé ficou brincando com essa tampinha durante uma meia hora dentro da minha casa. Aí eu chorando, eu falei: "Tá bom, eu já sei que tá tudo certo". Aí na minha cabeça eu pensei assim: "Você fica brincando aí, mas não vem pra cá". O Banzé pulou no criadinho da minha cama, deitou, dormiu e eu dormi. Eu falo que até isso, foram assim, até o Banzé foi usado pra cuidar de nós. Quantas vezes nós sentados aqui, tomando café chorando, nós dois, chorando cedo e de repente ele chegava e BUM. Pulava dentro, pulava em cima, tipo assim: "Pode parar! Chega que tá tudo, já não falou que tá tudo bem?". Então eu falo que assim, vai chorar muito, mas Deus vai cuidar muito. Vai cuidar muito. Eu falo pro Paulinho que a única cura que não tem é a saudade, que tá tudo bem, que Deus vai curar nosso coração...

PCM: Essa só aumenta. Eu acho que o que vai diminuindo é a ansiedade, a dor de você falar "não vou aguentar viver mais", isso vai diminuindo. Não que você vai se conformando, não é isso, não é uma conformidade, mas você vai vendo os outros lados. Isso que a menina acabou de falar pra nós, que tá tudo bem, a Ítala, que é espírita, falou isso pra nós, que na primeira sessão depois que o Matheus foi embora, ela vai em Mogi Guaçu, diz que ela acabou de entrar assim, o médium veio do lado dela: "Nossa, você veio por causa desse amigo seu?". Ela falou: "Amigo meu?". Diz que ele falou pra ela: "Você não imagina, ele já tá aqui. Você não imagina a radiação que ele tá aqui, o tanto que ele tá alegre aqui". Ela não falou mais nada: "Eu nem toquei no assunto".

RCM: E sonho, sonho que as meninas, as amigas sonhavam, sempre contam pra nós. Todo mundo. Sonha elas mandam: "Ritinha, eu sonhei com o Matheus essa

noite". Todos os sonhos: "Fala pra mamãe, o papai e o Miguel que tá tudo bem". Mesma frase. E eu faço assim, as meninas, as amigas dele, a gente não tendo tanto contato aqui em Pinhal, que a gente acaba tendo contato com pessoas mais velhas... Sempre a mesma coisa: "Fala pra mamãe, o papai e o Miguel que tá tudo bem". Eu falo, que pra nós é assim, a certeza que tem um Deus que cuida de nós, que nós somos amados, que só Deus quis ele mais perto.

PCM: Eu acho que algumas coisa, que nem a gente sempre fala, da fé que não tem explicação. Como eu vou entender que ele foi igual, numa boa, que ele foi em janeiro, com 26 anos e a minha avó, em junho, com 94? Não tem como, eu tenho que por uma diferença nisso aí. A minha avó criou sete filhos, um monte de neto, bisneto, até, sei lá, dois, três meses dela ir embora, ela tava lá fazendo o crochêzinho dela, conversando, fazendo os pães, dando um pão pra cada filho todo sábado. Ela cumpriu a missão dela. Mas como eu vou encarar essa vida, com 94 anos, e a do Matheus com 26. Você tem que ver uma diferença.

RCM: Sem duvidar, mas tem um questionamento.

Sim, claro, como não? Vocês são humanos... Foi o que disse você seu filho era santo, nada disso, mas com toda a intensidade de vida que ele demonstrou. Não há como vocês dois deixarem de perguntar: "Por que?".

PCM: Nós não vamos falar o contrário, talvez ele também nunca foi tão perfeito. Mas, se ele pudesse passar a vez dele numa fila, ele passava.

RCM: Ele era da paz.

PCM: Lá em Campinas, o que levou ele pra lá, que arrumou um serviço, foi o Cabral.

RCM: O Cabral falava as histórias dele.

PCM: Ele estava lá como chefe da estufa da parte de orquídeas e bromélias, dessa fazenda lá, tomado conta do povo. Diz que o Cabral falava: "Matheus, o uniforme seu é aquele azul, não é o verde". Ele falava: "Cabral, eu não vou usar uniforme diferente do povo". "Mas Matheus, você é o chefe da estufa, o seu é azul, quem tá lá branco, a turma do braçal é verde". "Cabral, eu vou vestir igual eles". E fazia isso. A mesma coisa. Um dia eles indo embora — porque ele pegava o ônibus da fazenda, ia até o terminal do Campo Grande, depois pegava um ônibus daqueles de circular de Campinas, no terminal do Campo Grande... Ele morava antes de chegar

na Anhanguera ali. Pra cima da C&C. E aí diz que ele, na hora no terminal, o cara montou no ônibus, ele saiu, e o cara passou o ponto que eles iam, na parte de cima do morro ali, antes de começar a descer, porque o apartamento dele era mais embaixo. Ele falou pro cobrador: "Pera aí, você não parou no ponto meu". Ele falou: "Olha, você deve estar enganado, esse aqui não para no ponto. O que para no ponto é outro". Falou um número pra ele. "Esse é o que passa reto, vou lá no centro, dá volta, eu paro no ponto só na volta". Ele falou: "Não, mas eu moro aqui"… E o cara descendo… "Mas eu moro ali, no prédio, você para pra mim aqui, pra mim descer, você acha que vou gastar uma hora e meia com você andando dentro da cidade, pra voltar aqui depois de novo?" "Não, eu não posso parar". "Se você não parar eu vou pular pela janela". Diz que o cara falou: "Não, você não vai fazer isso". Ele falou pro cara: "Torce pro farol tá verde pra você lá embaixo, porque se você parar no farol lá eu vou pular". "Não, você não vai fazer isso". "Então abre a porta" "Eu não posso, se não o fiscal vê eu abrindo a porta fora do ponto, vai sobrar pra mim" "Não, eu não tiro a sua razão, só que eu não vou andar uma hora e meia sentado aqui dentro do ônibus com você lá no centro, pra passar no terminal no centro, e voltar aqui de novo". Aí diz que foi descendo, o cara falou: "Nossa, mas vai tá vermelho. Pode parar no vermelho que eu vou pular". O cara parou e ele pulou… Então, Valéria, coisa simples. Ano passado nós fomos fazer a viagem, a gente foi pro Peru…

Vocês estão fazendo isso, né? Vocês estão indo visitar os lugares que ele foi?

RCM: Ele queria levar eu, né, Paulinho? Primeiro a mamãe vai, papai, porque vai com a Priscila, a prima dele. Depois todo mundo vai.

E ele foi?

RCM: Ele não foi.

Aí vocês foram?

PCM: Aí, Valéria, nós começamos ver lá no hotel que nós ficamos, na igreja, eles têm um quadro, pra nós seria um quadro de santo, com as divindades, Deus do Sol, Deus da Terra… Eles cultuavam e em cima de tudo isso tinha um círculo. Aí eu

perguntei pro guia: “Mas e esse círculo, que que é?” “Isso aí, pros incas, é o criador”. Então, até nisso ele veio mostrar pra nós, não sei se ele conhecia esse quadro que os peruanos têm. Então eles têm tudo quanto é divindade deles lá, mas eles acreditavam que o que criou as divindades era um criador, um único Deus. A hora que ele falou aquilo eu falei: “Nossa, Matheus, do céu...”.

RCM: E ele falava muito isso, desse único Deus, único ser, o ser supremo, então eu falo que a vida é feita de histórias...

PCM: Ele era de sentar numas pedras que tem aqui em cima, ali perto da caixa d’água, indo pro bicão, a tarde, pra ficar olhando o pôr-do-sol até ele encolher, várias vezes eles faziam isso, levava os cachorros pra andar, sentava e ficava ali. Então eu acho que tudo isso, hoje, pra nós isso é o combustível nosso. Não que o Miguel não seja, o Miguel também é...

RCM: O Miguel é tudo pra nós hoje.

PCM: Ele é o príncipe nosso.

RCM: Eu falo pra ele: “Amor, você é o nosso sustento pra se manter vivo”. Porque, a gente ter um motivo pra continuar e continuar bem por ele também, já pensou a mãe e o pai caindo?

Querem mantê-lo vivo...

RCM: É manter vivo.

É manter vivo... Ele está vivo com vocês, na memória, vocês estão elaborando uma memória e memória é isso, as histórias que ele deixou.

RCM: Histórias que viveu e viveu com a gente, ensinou, que ele viveu.

PCM: A Rita falou uma coisa séria: às vezes, no começo a gente a achava que nós tinha mostrado, talvez mostramos bastante coisa pra ele, mas hoje é ele quem ensina pra nós. É ele, como diz, que manda o combustível pra nós, porque tem hora que você fala: “Nossa, eu vou fazer isso, eu vou assim? Mas nossa, o Matheus...”. Você vai jogar um papel de bala, mas pera aí... O Matheus não aceitava isso. Um dia a Rita, saindo do Campeão, uma menina, ele falou na época, uns dez, onze doze anos, uma mocinha, e a mãe. E ela com um sorvete, pegou o papel e bem a hora que ela saiu, na porta do Campeão, na calçada, ela jogou o papel. Ele correu atrás, foi lá: “Oh moça, você deixou cair um papel”. Aí a mulher falou: “O que você deixou cair?”

“Nada” “Deixou sim, o papel de sorvete”. A mulher ficou com um carão... Agora eu não sei, mas tinha uma lixeirinha ali perto do poste, aí a menina foi lá, pegou... Então hoje você fica pensando: “Pera aí, como eu vou jogar um papel de bala, como eu vou... O Matheus não ia concordar com isso”. Então tudo isso, eu tenho certeza que isso aí vai ser a vida inteira. Se eu e a Rita tiver a oportunidade de chegar a sessenta, setenta anos, não sei quanto a gente vai viver, eu acho que isso aí vai ser diário.

RCM: Nós vamos contar as histórias a vida inteira.

PCM: Vai ser diário na nossa cabeça, isso não tem como nós falar: “Ah, agora não precisa disso”. Não ter isso... Não vai ter esse dia... Tudo isso que nós estamos falando pra você nós vivemos nesses três anos e três meses e vamos viver o resto da vida.

RCM: Muitos cuidados de Deus pra nós, por nós.

PCM: Isso que aconteceu com meu pé, que a parte de cima estava necrosando... E muito feio... Eu fui segunda e fui hoje no hospital pra trocar o curativo e hoje o Vonildo olhou e falou: “Nossa, como melhorou, rapaz. Eu acho que não vai virar ferida não”.

RCM: É isso, assim, eu falo que é Deus cuidando.

PCM: Isso que aconteceu com o Miguel, né, Rita? Do tímpano... É umas coisas que você fala que tem que ter alguma força superior, alguma coisa. Nós não estamos aqui só... Você vê, que poderia ter sido, pela pancada que foi, eu poderia nem estar aqui hoje, porque arrebentou o capacete, o capacete está arranhado inteirinho, saiu a viseira.

Onde você se acidentou?

PCM Perto da Gramma, na estrada de terra... Então, eu acho que tudo isso é delicadeza, mão de Deus segurando, sustentando. Isso aí nós vamos viver, Valéria. Eu acho que desse jeito... Que nem a Rita falou pra você: não tem como nós pensar um longe do outro mais.

Retorno às lembranças do filho que os une

RCM: Eu falei pra ele esses dias isso: “Bem, pra quem eu vou chorar se um dia você vai largar. Pra quem eu vou contar história? Pra quem... Como eu vou partilhar pra outra pessoa”... Nós estamos juntos... E esse orgulho... Ele falava do orgulho, do pai e da mãe estar junto.

RCM: Eu acho que nós vivemos tudo aquilo que era muito intenso pra ele, nós vivemos também intensamente, por isso hoje a gente tem essa alegria de falar as histórias dele...

PCM: Nós não fala com tristeza. Não fala, com tristeza não. Com tristeza seria tudo aquilo que eu te falei, do acidente, mas eu acho que nós fala, não morrendo de alegria...

Lógico que não, é claro, imagina...

PCM: O que nós estamos contando pra você, nós conta pra qualquer pessoa, porque é o que ele viveu. Nós não estamos aqui aumentando, inventando... Nós não estamos aumentando história dele, é tudo o que ele viveu, então isso aí nós vamos, sei lá, o resto da vida.

RCM: E tudo o que Deus foi preparando pra nós, a gente vê só isso, só a mão de Deus que nos sustenta. Desde o primeiro dia, né, Paulinho? Sempre falava: a mão de Deus é o que nos sustenta. É o que vai ser sustento pra nós o resto da vida.

PCM: Eu não sei quanto nós vamos viver, né, Rita? Eu acho que eu não queria viver muito não...

RCM: Vai saber, né? Vai que nós vamos ficar muito velhinhos juntos ainda.

E RCM, conta do diário escrito pelo filho no Hospital.

RCM: Agora que eu olhei tô vendo... Valéria, isso ficou com ele... Então, uma das vezes que eu cheguei no hospital, ele começou a falar: "Mãe, eu tive esse sonho". Ele não falava de agradecimento, mas ele falava: "Mãe, eu tive sonho, pessoas...". E teve uma das vezes que ele falou: "Mãe, eu não sonhei". Eu estava com um pano, ele dobrava um paninho porque ele tinha dor de cabeça, então ele dobrava um paninho na hora de dormir e ele falou: "Eu não estava dormindo e eu vi pessoas movimento meu corpo e uma das pessoas colocava a mão muito forte na minha cabeça". E eu falava: "Mas filho, foi sonho?" "Não, eu só não tinha coragem de tirar o pano da cabeça". E aí eu falei: "Matheus, você não está vontade de escrever? Colocar algumas coisas no papel...". Primeiro eu comecei a falar pra ele: "Filho, você tem que ler, começar a ler alguma coisa, até que eu levei um livro, aí virou até uma piada depois, porque todo mundo morria de rir de mim: "Rita, como você me deu um livro desses?" Não sei...

Que livro você levou?

RCM: Preciso lembrar...

PCM: Ele tacou o livro na parede.

RCM: “Mãe, eu não dei conta de ler o livro”. “Por que?”... O Matheus amava ler. “Mãe, porque eu comecei a não entender mais nada daquilo do livro, aí eu taquei o livro na parede”. Eu falei: “Então vamos fazer o seguinte: não lê o livro e começa a escrever essas coisas que você está falando pra mãe, essas histórias tudo...”. Mas, Valéria, eu não tive intenção nenhum... Falei pra ele escrever porque eu sei que o Matheus gostava de escrever e aí ele começou a colocar, e toda vez que eu chegava lá ele falava: “Mãe, eu vou ler algumas coisas pra senhora”. Muitas coisas ele escreveu em português, algumas coisas ele pôs em inglês, mas ele começou a colocar, Valéria, agradecimento. E quando eu comecei a ler, sobre agradecimento, pra quem tava num hospital, pra quem tava com problema seriíssimo, eu comecei entender isso: que ele não tava sozinho. Ele tava com Deus lá junto com ele. E assim, fomos vendo muita coisa... Talvez até seria interessante se você parar pra você ler direito, mas uma das coisas... Ele começou a pesquisar muito sobre o reiki, quando ele tava no hospital ele pesquisou muito o reiki. Uma das coisas: “Obrigado pelo momento, a cura, experiência, a vivência durante minha estadia no hospital Ouro Verde. Na vida tenho sido grato e o Senhor, meu criador, está sempre se mostrando presente em minha vida. A energia que faz tudo isso se move constantemente. Obrigado pela família, amigos, conhecidos, pela paz e perseverança. Somos guerreiros e vamos lutar. A vida é bela e cada oportunidade deve ser aproveitada. Peço ao criador consciência divina e amparo nas horas de sofrimento. Peço consciência humana. Espero na sua graça e energia, porque eu confio, e acredito na beleza do seu poder, que é o amor”. Isso foi dia 12/01, no dia do meu aniversário. “Dia novo, novo dia”, do dia 20/01, foi o dia que ele saiu do hospital. Que ele veio pra casa. “Obrigado por mais essa batalha. A vitória foi conquistada através da sua graça divina. A família presente, divino e essencial a tudo que faz sentido. As bênçãos e o amparo de todos. Foi incrível. Fé, a palavra que move também, o ato de acreditar em si, no pensamento positivo e ter a consciência divina de que tudo passa. Obrigado pela graça obtida. Peço paz no coração das pessoas e consciência, que o Criador sempre esteja ao nosso lado, criando e recriando a cada momento, usando a nossa mente

como instrumento de ação. Que a nossa mente sempre trabalhe positivamente e que paremos de criar suposições que atrapalhe o funcionamento das mesmas, no pensamento positivo. Falar mais com precisão e ser mais claro com o próximo, respeitosamente aproveitando o bom e o novo. Mais contato com as pessoas... Obrigado" ... Eu queria mostrar pra você... Mas tem muita coisa escrita... Uma das coisas, Valéria... "Linda é essa certeza de que tudo está no controle de Deus e que cada coisa tem o seu tempo" — isso ele escreveu no dia 24, foi a última coisa que ele escreveu e ele deixou em Hebreus... Uma das coisas, que assim eu preciso procurar aqui pra ver, ele fala sobre isso, ele fala dessas visitas que ele teve, que foram fazer pra ele, da mãe visitando, do pai visitando... Eu falo que foi tanta coisa, Valéria. Foi tanto cuidado, foi tanto cuidado, e eu sinto que até isso, eu falo que só dele ter me ouvido eu falar pra ele: "Filho, põe no papel", até isso... Essa obediência à mãe e eu deixei pra ter um carinho a mais.

É, porque no fim tem também um monte de histórias.

PCM: Um dia a gente foi buscar ele lá no serviço, em 2014, devia ser julho, agosto, mais ou menos, e nós ia passar lá no apartamento dele, pegar umas coisas dele e ela vir pra cá. Eu tinha que buscar umas peças pra van lá em Campinas, "Então fica lá serviço que a gente já pega você, que é caminho quase, a gente pega você, passa no apartamento e vem". E aí chegando em frente a PUC, tava tendo uma manifestação do PT, que era época de eleição, nossa, Valéria... Ele tirou a cabeça pra fora, começava a xingar, discutir com o povo... Eu falava: "Matheus, vamos embora, eles vão tombar nosso carro aqui" "Não, pai, eu tenho que falar umas verdades pra esse povo, eles estão vivendo com um tapa no olho, estão enxergando só aquilo que eles querem, eu tenho que mostrar umas verdades pra esse povo".

RCM: Valéria, uma das coisas que ele escreveu, dia 27. Ele foi em coma no dia 27/12, só que quando ele voltou, ele colocou no papel: "Foi dia 27/12, primeiro dia. Primeiro Pinhal e daqui começou a jornada. Dias longos de sofrimento meu e da família e amigos. O pior passou e a recuperação é boa... Acredito que pelo que meus pais me disseram, são muitas pessoas orando por mim. De diferentes religiões. A vida é um milagre". Aí ele colocou: "Alucinações. (risos). Nada divertido. Boas, mas... Uma mão sobre minha cabeça, uma pessoa me examinando sobre a cama, meu pai, mãe e Miguel, o Zé"... Que é o Banzé... O Banzé foi várias vezes fazer essa visita... "E

uma mulher passando com a vela". "Ouro Verde. A meningite que eu tive resultou em uma experiência de mais suavidade na minha mente. Colocação do pensamento no lugar. Reafirmação de valores. Meditação. Compromisso com a vida. Família. Eu só tive pensamentos bons durante a minha estadia no hospital. Acho que foi uma fase barra, como tinha dito, mas a experiência está sendo incrível. Eu só preciso agradecer"… Valéria, eu não consigo entender. Eu não consigo. Não tem como nós olhar e ficar reclamando diante de Deus. Não tem… Hoje eu ainda comentei com alguém: "Mas, Rita, tem alguma vez de muita revolta?" Eu falei: "Não teve muita revolta, não teve". No começo teve muito questionamento, muita tristeza, uma vontade de não sair de dentro de casa. O padre que veio celebrar pra nós, no dia, ele não tá acostumado a fazer, o Monsenhor Augusto, não estão mais acostumados a fazer missa de corpo presente, mas nós pedimos e ele veio. E uma das coisas que ele falou no final, ele falou pra nós dois: "Eu peço, por favor, pra vocês dois: não deixa de cantar na missa". E nós ficamos assim, uns seis meses, sem cantar, porque nós não tinha força. Eu falava pro Paulinho que me faltava a voz. Me faltava ar… Nós não conseguia voltar a cantar. Aí depois de uns seis ou sete meses, nós voltamos a cantar com o pessoal, que tipo: falhou, tem quem sustenta. Mas, Valéria, teve muita dor e tem muita dor, mas não tem como não olhar pra Deus e falar: "O Senhor cuidou dele, então o Senhor cuida de mim, cuida do Miguel, cuida do Paulinho", porque Valéria, que que essa doença, tudo que ele passou, não é só a doença, mas tudo que ele passou, só ensinou ele a agradecer diante de Deus. Não tem como questionar… O padre Iran ainda brinca comigo às vezes, porque às vezes a gente podia ser mais presente, mas o serviço é muita correria. O meu serviço é um difícil, do Paulinho também, então ele fala: "Rita, eu queria que vocês dessem mais, porque a comunidade precisa mais de vocês". Mas eu falo: "Padre, é o que nós podemos hoje. É que tá na nossa altura". Pra mim hoje Deus se tornou um Deus muito leve, sem cobrança. Deus não me cobra… Se um dia ou outro, num domingo não deu certo da gente ir, não tem cobrança. Porque Deus entende, me conhece tudo, ele sabe da minha dor, não adianta se eu fizer alguma coisa e não… Deus pra mim hoje, e eu tenho certeza, e o Paulinho pode falar a mesma coisa, se tornou um Deus muito leve. Não é fácil, tem dia que… Nossa Senhora… Você fala que é loucura o que aconteceu.

PCM: Outra coisa que eu achei aí é a madrugada do dia 10/01... "Sonho eu sendo sequestrado por um ser de luz. O Faustão veio me visitar". "Palavras especiais do Ouro Verde: vó por mãe; camisola por canga".

RCM: Ele trocava um pouquinho palavras. Aí eu começava a rir quando ele me chamava de vó.

PCM: Outro dia que ele pôs, dia 11/01. "Madrugada sufocante, apertando o coração. Chorei muito, li, me irritei com o livro, dispensei. Pensei, pensei e mais uma vez voltei a pensar, que madrugada ein? Você agora deve se tornar um semeador da semente da sabedoria adquiridas pelas experiências vividas. Chegou a hora de ser um doador".

RCM: Isso que tem muita coisa que eu não consigo entender ainda, então eu entendo que através de nós contar um pouco da história dele também, nós estamos sendo isso. Que agora você tem que ser um doador, então eu sinto que não é pra nós. Que nós precisava passar pra frente, que nós precisava contar um pouquinho da história dele. Isso aí eu li e reli essa agenda, e olha pra você ver: ele sentiu, na madrugada de sofrimento, que agora era a época de ser doador. Ele entendeu a missão dele.

RCM: Tudo isso que ele escreveu foi dentro do hospital. Tanto que você viu que ele escreveu até o dia 24 e aí ele parou, porque não era mais... Ele já não conseguiu pôr no papel, porque ele já não tava... Mas, Valéria, eu falo assim que eu não poderia imaginar de ficar com isso aí, tanto que no começo, todo mundo que vinha, eu não tinha essa coisa de guardar essa agenda. As meninas, essas meninas de Franca, lá da Serra das Canastra, todas elas leram. E muita coisa em inglês, que você descobrir porque você vai ler, se for alguma coisa muito importante você fala pra mim, traduz e põe. Uma das coisas assim, eu pedi pro Miguel até traduzir, que fala da mãe. Paulinho, você lembra. Em inglês ele fala isso: é o presente... Não parece que ele deixou?

Ele semeou alguma coisa...

RCM: Essa última frase, o Paulinho nem lembrava mais disso, mas você vê...

PCM: Eu tava tentando achar, que ele escreveu também, mas agora eu não consegui achar, que ele fala que quando ele morresse ele tinha vontade que colocasse

ele no meio do mato, o corpo dele ser absorvido pela terra. Ele falava: “Ah, pai, nós saímos da terra...”.

RCM: Precisava pegar também, uma das coisas interessantes, foi uma música... Uma vez nós estava vendo um vídeo dele, quando ele fez nos Estados Unidos, e nós escutamos, tocando no rádio, essa música. No dia que ele foi embora, alguém postou essa música, e aí eu fui pesquisar a música. Você não acredita o que a música fala... Valéria, até isso, por isso eu falo... Eu vivo da graça de Deus e essas delicadezas de Deus. É tudo delicadeza. Até essa música, que fala isso... Umas mensagens que ele deixava pro Miguel no aniversário, ele escreveu isso que uma das coisas ele pôs assim: “Mãe, a senhora sempre me falou que vocês cresceram comigo, mas eu cresço com vocês até agora”... E tem duas músicas, uma é essa, que veio no dia que ele foi embora, e essa música ele tinha escutado nos Estados Unidos, só que nós só descobrimos depois.

PCM: Estava vendo um vídeo dele escutando a música.

RCM: E ele sempre escutava aqui em casa, só que eu nunca, você acha que eu ia perguntar pra ele? “Matheus, que que fala a música?”. Só que no dia que ele foi embora, e colocaram — e eu não lembro quem foi —, aí eu fui pesquisar. Aí ela fala sobre a morte. E tem uma, Valéria, que eu quero que você veja...

Se eu morrer jovem...

RCM: E tem uma que ele fala do agradecimento, pro pai e pra mãe. Também é uma música... Valéria, no dia que ele morreu, era umas quatro, cinco horas da tarde, choveu. E aí passou um pouquinho, o Michelson entrou — o Michelson é muito amigo dele —, entrou, me pegou pela mão e falou: “Vem cá” “Por quê?” “Vem cá pra você ver...”. Valéria, eu saí lá fora...

Um arco-íris...

RCM: O arco-íris tomava conta do céu inteirinho. E ele falou pra mim: “Rita, ele já chegou lá. Ele só tá mandando falar que tá tudo bem”. Eu falo que não tem como... É um ser muito especial... Aí você vai ver muita coisa que ele tava estudando sobre o reiki, ele queria conhecer um pouquinho sobre o reiki...

RCM: Ele tava. Ele era muito... Ele queria conhecer. Você percebia...

“Minha cabeça, minha mente é como uma esponja”.

RCM: O que ele mandava pra nós: “Meus amores, meus maiores amores, meu alicerce e professores da vida. Amo muito esse presente divino. Tê-los como pai e mãe é essencial à natureza humana. Vocês são mais que especial. Amo você, Miguel. Obrigado por serem sempre esse exemplo de ser humano. Amo muito”.

Esse é o diário deles lá nos Estados Unidos ou não?

RCM: Esse ele mandava pelo Facebook já, aí eu fui passando. “Mãe, pai, eu amo muito vocês dois. Lembro-me muitas vezes de quando dizia que eu cresci com vocês e agora vejo que eu cresço a cada dia por causa de vocês. Obrigado por tudo. Vocês são os melhores e nós somos fortes juntos. E isso é um fato na minha opinião. Essa vida é um pouco estressante, chata e injusta. Mas a força, o amor e tudo isso aqui é obra divina. Eu peço sempre o crescimento junto a esse amor delicioso de se viver. Obrigado pelos conselhos, pelo suporte, pela companhia. Mãe, pai e Miguel, te amo também”.

RCM: Eu vejo do Matheus, assim de uns quatro, cinco antes de tudo acontecer, ele transformou. Porque ele também foi um jovem normal, de beber, eu falei que até agora o Miguel, graças a Deus, não chegou nenhuma vez trançando, o Matheus bebeu pinga uma vez. Eu falei: “Filho de Deus!”. Normal, tudo da idade dele. Mas os últimos quatro, cinco anos últimos dele aqui, eu não sei, eu via ele como muito adulto, muito de sentar de longos papos, de dar pra conversar muito, falar muito. Então, assim, é essa maturidade. Espiritual. Porque tudo você vê...

Me emprestaram o diário...

Rita: Tá tudo bem...

PCM: Não tem como duvidar.

RCM: Eu falo pro Paulinho, só o que eu posso dizer é a palavra saudade. Saudade, saudade, saudade e que essa saudade também é muita dor.

Porque saudade dói...

RCM: Quem que essa semana ainda comentou comigo... Aí meu Deus... Alguém falou pra mim do filho, eu falei: “Como que tá?” “Eu não tô aguentando de saudade” É isso, a gente fica... A gente foi pra praia esse ano, ficamos quatro dias, o

Miguel não foi. Que saudade! É uma saudade que dói no coração... Então assim, quando eu penso que o Matheus é uma saudade que não dá pra matar a saudade. Não tem como... Não tem de chegar um pouquinho e só ficar um pouquinho... Às vezes eu falo pro Paulinho, eu não sonho... Eu não sonho com ele... E aí às vezes eu questiono com Deus assim: "Jesus, e se eu sonhasse? Será que dava um alívio no coração ou é pior?". Então, assim, nem sonhar não deixam eu sonhar. Nós somos privados de sonhar... Eu tive assim, alguns momentos que eu não sei explicar, se é sonho. Uma das vezes eu tava cochilando aqui na sala, sabe depois do almoço, quando você dá aquele cochilo gostoso, e eu escutei: "Mãe!". E a hora que eu escutei "mãe!", eu senti perto... E aí eu acordei... Acordei, olhei pro Paulinho, falei: "Bem, eu vi o Matheus perto". Isso é o sonho... Nunca falou que tá tudo bem, nunca falou nada. Só isso. E uma das vezes, eu lembro eu em um lugar e ele se aproximou e eu lembro de tocar o corpo... Eu lembro de ter abraçado, sentir o corpinho, a cinturinha, mas só isso, sem conversar. Não teve... "Mãe, só abraça e fica quietinha". Mas assim, sonho, sonho, nenhum... Uma hora eu escutei uma risada escandalosa dele, porque ele era muito escandaloso na risada, uma risada escandalosa em sonho, só que a hora que eu escutei a risada, o Banzé derrubou o pote de ração, de madrugada. "Paulinho, você acredita que eu acabei de escutar a risada do Matheus e o Banzé estava fazendo arte?". Então, assim, essas delicadezas... Sonho grande não...

PCM: Não sonhamos ainda...

RCM: E uma vez eu estava conversando com a Marilu Vuolo e ela falou: "Rita, a história do gato é assim, ele escolhe o dono. Ele já tem o dono dele. Então ele só cuidou de vocês, mas vocês não são dono dele". Então o Banzé pra nós é um enigma... É um enigma... Tem dia que ele vem, eu falo: "Que ser é esse?!". Que ele vem, come... Ele é assim, ele é livre. Então você não vê o Banzé. O Banzé é livre. O Banzé é imenso, grandão, cabeção... Ele é uma peça... Bravo com nós. Agora ele parou, mas teve um tempo que ele mordia. Chegava perto e pá na canela. Mas nós somos apaixonados por ele...

RCM: Mas você sabe, a minha irmã falou uma coisa pra mim... Ela falou: "Rita, até isso no começo eu tinha muita preocupação, porque vocês transferiram pro Banzé, todo aquele cuidado com o Banzé, aquela preocupação com o Banzé. E se o Banzé numa dessas morresse? Vocês iam ter outro sofrimento...". Então eu acho que ele

mesmo foi desprendendo... “Vai viver a vida de vocês, que eu vou viver a minha. Então não tem que ficar grudado em mim”. Eu acho que tem um porquê... Até isso...

RCM: Tá tudo bem, mas eu vou... Eu não sou daqui...

O Gato

RCM: Pegou aqui em Pinhal mesmo. Parece que de Campinas ele viu que alguém postou, que tava pra doação, e aí ele falou pra mim: “Mãe, eu vou pegar um gato” “Não pega não, filho, no apartamento... Pega não”. “Ah, mãe, já peguei. Tô indo aí esse final de semana”. Aí chegou com um gatinho preto, aquele pelinho feio, magrelinho, mas amou intensamente. E foi muito companheiro dele, assim, nos momentos que ele não tava muito bem lá, eu acho que foi muito companheiro.

PCM: Pro tanto de vez que ele fava do Banzé pra nós...

RCM: Mas eu sinto até isso, eu sinto que o Banzé também viu o Matheus, sentiu o Matheus muito triste, porque o Banzé veio muito bravo. Muito brava... Ele não era um gato acessível. Depois ele melhorou com nós, mas eu acho que ele viu o sofrimento, do sentir ali... Até isso nós sentimos. Mas depois com o tempo ficou bem, só que ele livre. Nada prende. Não tem o que segure o nosso menino aqui.

Entrevista 16 — D. O.M.

Nome: D. O. M.

Idade: 76 anos.

Entrevista concedida a Valéria Aparecida Rocha Torres auxiliada por Ricardo Biazotto em Abril de 2018.

Qual sua atuação dentro da igreja?

Olha, como eu sou professora, eu sempre gostei de mexer com a criança, mexer com as coisas, até teve uma época que eu pensei em ser freira. Aí eu fui colega do meu marido, colega, ele foi pro colegial e eu pro magistério, aí nós começamos a namorar e de freira eu virei mãe, hoje viúva, quatro filhos, sete netos e três bisnetos. Então, eu achei que esse era o meu sonho, porque eu pensava em ser freira, mas eu gostava de criança. A vida, com essa idade, eu aprendi muito. Eu sempre gostei de dar catecismo. Eu dei o meu primeiro catecismo com quinze anos, lá na igreja antiga de São Pantaleão. Dei aula até 70 anos, então sempre fui professora e catequista, evangelizadora, sempre participante da igreja, sempre procurando transmitir aquilo que eu acreditava, passando pra família e pras pessoas. Viver a palavra de Deus sempre foi o meu lema.

Enfrentar a morte eu enfrentei já... É um assunto triste... É uma coisa que nós não fugimos. Nós vamos enfrentar, ou mais cedo ou mais tarde, nós não podemos fugir disso. Nós temos que ficar preparados e acreditar, ter fé, pra poder enfrentar o momento.

Antigamente, eu era pequena, morei sempre no sítio, meu pai contava, minha vó, como era o velório antigamente. Eu era criança, então assistia pouco, mas eles preparavam, eles faziam uma mortalha. Não tinha nada de funerária. Aí mandava, ia lá pra cidade próxima, era Santo Antônio do Jardim, ou era aqui Pinhal, pra preparar o caixão. Talvez às vezes até mandava fazer, dependendo do tamanho, fazia uma coisa bem rústica. Não era bonito como é agora. E a próxima família, e as pessoas amigas relacionada, os vizinhos, que faziam a mortalha. E até a minha vó conta que existiam os que mais se preocupavam, fazia e guardava. A minha vó, por exemplo, eu era criança, ela tinha uma caixa, ela vinha passear na minha casa, passar uns dias na época de prova, trazia uma caixa, falava que era a mortalha dela. Ou escolhia a roupa ou então fazia-se de cetim, fazia uma coisa assim enfeitada do jeito que queria, o padre não ia lá. Rezava e avisava a vizinhança, os vizinhos iam todos passar a noite, então tinha de café, leite, bolo, pinga, tinha tudo pra numa comunidade rural, pra

passar a noite. Comida... Até meu pai conta que um dia teve um acidente e a família morava numa montanha, que até hoje está lá, uma montanha bonita, com acesso difícil... Se hoje, com carro, já é meio difícil, imagina aquele tempo, chegar lá na montanha. Aí, quando chegou, avisou que o marido que estava internado, não sei aonde, em São Paulo, tinha morrido. A mulher primeiro teve um choque, porque ia chegar... Primeiro teve um choque... Aí ela pegou uma espiga de milho, pi pi pi, pegando galinha. Daí ficou todo mundo espantado, limpou a lágrima e falou: "Ele vem morto, mas as pessoas que vão chegar com ele vão com fome e eu vou preparar uma canja". Olha a mentalidade da mulher, quer dizer que ela aceitou, não ficou descabelando que nem muita gente. Não... Ela pensou quem estava trazendo. Então meu pai contava, ela pegou a galinha e ia fazer uma canja porque as pessoas vivas que iam passar a noite e que iam chegar. Até tinha um fato interessante, que eu sempre lembro, eu falava pro meu pai: "mas por que tanta igrejinha na beira da estrada?". Quando vinha o velório, que enterrava ou em Santo Antônio do Jardim ou vinha pra Pinhal, ou ia em Gramínea, onde parava pra descansar fazia uma capelinha, ou então colocava uma cruz. As pessoas, os sítios, as fazendas que eram mais assim, faziam uma capela, os mais simples punham uma cruz. Então era cheio de cruz, então o barranco foi uma aumentando, a capelinha foi caindo... Tinha muitas... E eu falava pro meu pai, "Mas por que tanta?", é onde parava o enterro. Depois da noite, que passava, calculava... Nunca morria e enterrava, deixava pelo menos umas 24 horas lá a pessoa. Aí graças a Deus o mundo foi passando, melhorando, e hoje nós temos funerária, daí já vem pra cidade, então hoje é tudo bonito. Ou fica em casa, mas o médico vem, o padre... a unção dos enfermos, a importância, então a gente fala pro padre: "Olha, fulano não está passando muito bem, o senhor pode dar a unção?".

Mas qual a importância da unção?

A unção é muito importante, porque a hora que vem dar a unção dos enfermos, que é um sacramento, todos os pecados são perdoados, entendeu? De primeiro, só a pessoa que estava passando mal, que ia morrer, que a gente galava: "Olha, o senhor dá uma olhada, padre, porque não tá bem". Então o padre vinha no hospital, ou na casa, dar a unção. Passa o óleo, faz uma oração... Todos os pecados são perdoados, então a pessoa tá preparada pra descansar em paz. Mas depois, de tanto ficar vendo a evangelização, e conversando com os padres na igreja, aí eu descobri uma coisa: a

unção dos enfermos não é só pra hora que está morrendo. Se você vai passar por uma cirurgia, porque tudo tem o seu risco... Arrancar um dente pode dar uma hemorragia... Você vai fazer uma cirurgia assim, pode complicar... Então você vai fazer uma cirurgia, você vai pro padre que ele dá, o monsenhor dá, o padre dá a unção dos enfermos. E pode receber quantas vezes precisar. Só que se povo descobrir isso, tem uma dor de dente capaz de querer ir lá amolar o padre, então não é assim, reservou um pouquinho, só quando a gente está fazendo um curso que a gente procura e comenta e às vezes fala pra pessoa. Por exemplo, o meu genro estava com câncer, ela ia passar por uma cirurgia gravíssima, primeiro apareceu no intestino. Ele foi lá, o monsenhor fez a oração, deu a unção dos enfermos pra ele. Ele foi fazer a cirurgia, correu tudo bem, voltou. Voltou, passado, fez a quimio, a radio, tudo, todo mundo rezando, e a corrente de oração é muito importante, é muito importante. Aí, passado dois anos, aparece no fígado, de novo o povo rezando, reza constantemente, e pra fazer a cirurgia, que ia perder meio fígado, pra tirar onde estava o tumor, o que aconteceu? Voltou a passar pela unção dos enfermos. Uma criança fica doente, você leva lá pro padre, então a unção perdoa os pecados, então a pessoa vai preparada. Correu tudo bem? Maravilha. Deu alguma coisa mais grave? A pessoa está preparada pra receber o final e ser bem recebida nos braços de Deus, então? Quer dizer, a unção dos enfermos, em primeira linha, é morte, a pessoa está muito mal... E antigamente até uma vela na mão da pessoa na roça, quando sabia que a pessoa ia morrer, todos em silêncio, em volta, e uma vela na mão. Falavam que aquela vela ia mostrar o caminho, não tinha unção, porque o padre não ia lá, mas tinha a oração da comunidade, da família, e a vela que era pra mostrar. Até um dia o meu tio tava muito mal e a minha tia, olhando pela janela, falou: "Nossa, ele não tá bem". Mas ela grávida, porque quando ele morreu deixou ela grávida do nono filho, imagina... A vida era muito difícil... E ela deitou cansada, ela dormiu, quando ela passou por um soninho ela tinha morrido. Aí pessoas da família: "Mas como? Não pôs a vela na mão!". Só que não tem importância, diante de uma situação dessa, Deus não vai falar que aquela pessoa não vai achar o caminho, depois de meses, meses de sofrimento, de uma vida tão cheia de problemas, cheia de filhos, cheia de trabalho. Ah, por que não acendeu a vela? Então isso aí é uma coisa secundária, são coisas secundárias. São superstições do povo, não tem nada a ver. Você acha que pôr uma vela na mão de cada um que morre no hospital? Não tem condição. Aí chama o padre, dá a unção e acabou. E se não

deu tempo de dar a unção, a pessoa vai ser abençoada, e pra isso, hoje, graças a Deus, não precisa ficar na casa, porque quando não tinha o necrotério, arrumava em casa. Não chamavam enfermeiro não, as pessoas mesmo limpavam, punham a roupa — ou era a mortalha ou escolhia uma roupa — e pronto. Agora não. Vem pro velório, a funerária preparada, direitinho, aí que vem enfeitar, ver as flores, a coroa, o que quiser. Enfeita do jeito que quiser. Hoje tem consórcio de funerária... Se você quiser tal, é essa flor, desse jeito... Agora se você quiser mais enfeitado, então paga a parte... Depende da pessoa. Quer fazer uma coroa mais bonita, quer fazer alguma coisa. Aí é do gosto e de acordo com as finanças da família, e eles aproveitam, fica bonito. Não vou falar pra você que não fica bonito não, fica bonito. É uma homenagem pra pessoa, não faz mal que fala: "Ah, a flor é bobagem". Não, depois de uma vida, a pessoa não merece uma coroa? Não merece uma cesta? Claro. Quer pôr uma música suave lá no velório, às vezes perguntam: "Quer uma música?". Põe uma música suave, faz um ambiente gostoso, de oração, fica bonito. Então hoje é tudo melhor, tudo muito bem organizado. E até, eu acho, sinceramente, muito melhor, porque você vela o seu ente querido lá no velório, não fica na casa, na sala. Por exemplo, essa casa aqui é do meu sogro, é da família, aqui eu vi dois velórios, porque o outro já foi pra lá, já tinha o velório. Então você entra na casa de noite, você fala: "Aqui nesse quarto morreu fulano, aqui morreu cicrano". Tem gente que não gosta nem de dormir na casa, parece que fica uma coisa marcada, porque a morte, por mais natural que seja, sempre dá um baque. Sempre dá um baque. Enquanto é dia, o dia amanhecendo, é uma beleza, mas você chega na noite, começa lembrar: "Aqui morreu fulano, essa cama... Como eu vou dormir nessa cama, fulano morreu". Dá um arrepio até, então tem pessoa que não gosta nem de passar na frente. Quanta gente, agora que nem tanto, com a vida moderna, as bebidas, eles não ligam, mas tinha gente que não parava no necrotério. Virava a rua, de medo de passar no necrotério. Agora o povo já tá mais, quando eles voltam da balada eles não estão nem pensando em morte. Mas é interessante, você vai lá, lá reza, lá vai pro cemitério, o padre vai lá, se a vida é muito de igreja celebra uma missa de corpo presente lá no velório e fica tudo mais bonito. E a gente sempre procura falar, a hora que tá lá, sempre tem uma pessoa que fala, procura mostrar pra família que aquela pessoa descansou. Pede sempre força pra família porque aquela cumpriu a missão e que nós devemos seguir, invés de ficar chorando, chorando, o que eles falam, se começar a chorar muito,

atrapalha até o descanso da pessoa, porque nós não sabemos o outro lado, como é. Assim, o que acontece... Mas muitas amigas minha, quando a minha mãe faleceu, eu chorava muito. Ela ficou um dia, quase duas horas no telefone comigo falando que eu não podia ficar chorando, por mais que eu sentisse falta da minha mãe, eu tinha que deixar ela partir em paz. Eu achei bonito. “Quando você estiver tomando café, você pega a xícara e fala: essa xícara eu vou tomar pela minha mãe. Descansa em paz, mãe, eu tô tomando esse café pa senhora”. Então que a pessoa, o pensamento, é válido. Você já imaginou, eu perdi meu pai, perdi minha mãe, perdi meu marido, eu vou ficar... A vida vai acabar? Não, eu tenho que pensar na minha mãe, no que ela foi, no meu pai a fortaleza que foi, no meu marido o que ele foi. E o dia que ele faleceu, eu tenho que ser mãe e pai, pra tocar a vida. Tem que comemorar o Natal? Sim! Comemora o Natal, comemora as festas, comemora tudo, porque nós temos crianças pequenas na família. Há pouco tempo morreu a mãe de uma amiga: “Não vou enfeitar mais a casa, não vou montar mais a árvore de Natal porque a minha mãe morreu”. Eu falei: “A sua vó não morreu também? Sua vó morreu, agora, a sua mãe deixou de fazer as coisas, de participar da festa com vocês?”. “Não”. “Pois então agora você que é avó, você tem que preparar, porque você tem neto, tem bisneto...”. Eu tenho bisneto. Eu não vou montar a árvore de natal? Não, tem que continuar a vida. E seguir o exemplo da pessoa, se ela foi boa, se ela teve uma presença bonita na vida, procurar seguir os passos, lembrar com saudade. “Olha, era tão bom, fazia isso, fazia aquilo”. E procurar viver bem, procurar viver bem, viver o hoje, porque o passado passou, o passado ficou pra trás, e o futuro nós não sabemos, nós não sabemos o futuro. Às vezes estamos falando aqui e amanhã acontece uma coisa: “Nossa, que aconteceu, que isso?”. Então, vamos viver o presente... Eu sempre falava pros meus alunos na catequese, quando eu fazia palestra no CEPAN, encontros de igreja: “Vamos viver o hoje, da melhor maneira possível. Segura na mão de Deus, segura nas mãos de Maria, e vive o hoje da melhor maneira possível. Se amanhã nós estivermos vivos, vamos continuar vivendo melhor, vamos procurar cada vez melhorar mais, porque assim nós estamos preparando a nossa estrada, o nosso caminho. Procura olhar, ser caridoso... Orgulho, vaidade... Isso aí não leva a nada, nada. Riqueza? Muito bom ter dinheiro, porque sem dinheiro”, eu falava pros meus alunos, “eu posso chegar no supermercado, olha eu sou de Deus, eu sou catequista, o caixa do supermercado vai me dar as compras só porque eu sou catequista? Não, né? E se eu falar que eu sou

de Deus, ele vai falar deixar eu passar? Não. Não tem nada a ver uma coisa com a outra. O dinheiro é bom, todo mundo tem que procurar ganhar certinho, trabalhar honestamente, certinho, economizar, porque o dinheiro faz parte. Rico, o que tem sorte de se dar melhor na vida, ele não precisa ficar se vangloriando não, porque a hora que ele morrer ele não vai levar nada. Nós nascemos nus e hora que nós morrermos vamos com uma roupa, porque vai ficar feio, não vai do jeito que nós viemos. A roupa do corpo... Nada mais. A riqueza vai ficar aí, tudo vai ficar aí. Então nós temos... Bons, coisas boas, amor, caridade, amizade, procurar ajudar o irmão, ver no irmão uma pessoa boa. Ver a pessoa de Cristo no irmão. Não é: "Aquele lá é meu amigo, aquela lá é rico, olha o carro dele. Aquele pobre que está caído na sarjeta também é seu irmão". Às vezes eu perguntava, quando falava isso na catequese, quem é irmão do padre Augusto? — Quando a gente falava que era tudo irmão — Eu... Quem é irmão do prefeito? Eu, eu! Quem é irmão daquele bêbado que está caído na sarjeta? Ah, eu não. Eu falei: Pois ele também é irmão nosso. Ele também é irmão nosso, então nós temos que fazer nossa parte. No imenso muito, nós somos um tijolinho. Ah, não posso fazer nada sozinho. Pode, porque se um tijolinho tiver bonitinho, vai deixar a construção mais bonita, não é verdade? Então, procurar vier bem, pra quando chegar a nossa passagem nós estarmos com a consciência limpa, com a vida preparada, que seja lembrada com saudade. Olha, foi uma grande pessoa. Ela fez isso, fez aquilo... Ela viveu a vida como se deve. Ela mostrou o amor. Ela deu o exemplo. Isso que é o mais bonito.

Em relação a morte, qual a primeira lembrança que a senhora tem?

A primeira vez que eu precisei encarar... Quando eu era pequena eu via minha mãe chorando, meu pai falando que a minha vó tinha morrido, mas era assim, eles enfrentavam de maneira diferente, não fazia show. Minha mãe falou: "Meu pai morreu". Nós fomos lá, do jeito que eu falei, velório, os vizinhos lá. Não tinha nada, assim uma coisa de ficar assustada, nado. Era encarada como se fosse uma coisa normal. Voltou pra casa, enterrava, chorava, até a minha mãe foi uma coisa interessante: eu tinha perdido uma irmã de oito anos numa epidemia de febre tifo e ela sofreu muito, eu era pequena. Eu tinha dois anos. Eles sofreram tanto, tanto, que meu pai não fazia mais a barba, minha mãe não conseguia fazer nada, sofreram barbaridade, a perda da primeira filha, numa epidemia que quando o médico descobriu

já era tarde demais, não pôde fazer nada. Ela sofreu muito, muito. Aí ela ficou grávida de novo e a vida começou... Passaram dois anos, ela começou a se levantar. Mas eu percebia, a gente percebe uma mudança. Quando morria uma pessoa, depois que percebia, o pai que tinha 80 e tantos, ela foi pro velório, chorava perto do pai ali, mas ela falava assim: "Minha filha morreu com 8 anos, por que meu pai não pode morrer com 80?". Então eu vi que ela sofreu tanto, que ela aprendeu a realidade verdadeira. É o certo... Não tem idade pra morte. Agora se você tem pessoa, por exemplo, o meu pai, morreu com 96 anos. Viveu a vida maravilhosa, como um cedro, uma árvore forte, e aí não tinha mais condição, entendeu? Agora, eu vou ficar chorando porque meu pai morreu, com 96 anos? Nem nós sabemos se vamos chegar nessa idade, já foi uma graça. Então é sabedoria enfrentar a morte com sabedoria. Cuidar da pessoa, abraçar, enquanto ela tá aqui. Falar que ama, enquanto ela tá aqui. Abraça o filho, abraça o irmão, abraça o pai, abraça a mãe, visita... Procura fazer tudo enquanto as pessoas estão aqui, porque depois que morreu não adianta encher de flor o túmulo, de vela. É fazer enquanto a pessoa tá viva. E a morte... E a gente tem que sempre, nós que temos fé, sempre pensar: "É uma passagem". Se Jesus ressuscitou, que foi o primeiro, ele mostrou que nós vamos ressuscitar também, então nós temos que acreditar nisso, nós temos que ter fé. Não adianta falar: "Ah, eu não quero morrer". Não adianta porque a hora que tiver que acontecer, acontece. A vida é como se fosse uma roda. Você é criança, depois você é adolescente, aí você é adulto, aí você vai vendo. Eu via a minha avó, falava: "Nossa, minha vó. Minha vó já tá velha, ela tem 74 anos". De repente ela morreu. Então minha mãe ficou sendo avó. Aí eu vi: "Nossa, minha mãe, olha, é bisavó". E eu era só a avozinha. De repente a minha mãe foi, eu virei a avó e a bisavó. Então agora eu vejo as minhas filhas, vó. É uma roda. Parece uma coisa que vai girando e você vai falando: "Não é possível". É a vida, engrenagem da vida, que é uma coisa muito bonita e que nós temos que estar preparados. Cuidar da saúde sim, fazer academia, cuidar da saúde, tomar remédio, procurar médico, fazer tudo. E preparar, física e espiritualmente, ficar sempre ligado em Deus. É a grande tranquilidade.

Como a comunidade tomava conhecimento do falecimento de uma pessoa?

Não tinha, quase não tinha rádio, não tinha nada. Morri no sítio, avisava fulano que morreu. Se não tinha carro, ia a cavalo e um ia avisando o outro. "Vai ser tal hora". Aí vinha, passava às vezes na igreja, porque tinha a igreja. Quando não tinha a igreja, ia direito pro cemitério, avisava lá o coveiro. E quando tinha igreja passava, o padre dava o benzimento lá e pronto. E aqui em Pinhal teve uma época, eu era bem pequena, batia o sino. Não era que nem agora que já vai pra funerária, já vai lá no velório e de lá já vai no Cemitério das Acáias ou o Cemitério... Não, vinha na igreja. E aí tinha uma batida, o Senhor Angelim (Biazotto) batia... Era uma batida triste. Então era o velório descende devagarinho, e às vezes descia a pé devagarinho, aquela batida bem fúnebre. Daí já não passava mais lá e ficou. Reza lá, já vem a turma do velório lá, já vem, já vai fechando, já via distribuindo que vai levar, faz um cortejinho e leva e pronto.

A senhora acha que isso é uma coisa positiva?

Acho. Vai lá, lá fica, bonito, não precisa passar na matriz, já tá lá no velório, um lugar bonito. O padre vai lá, quase na hora, faz tudo que precisa. Se a pessoa pediu uma missa, uma pessoa muito de igreja, quer uma missa, e o padre está livre — porque às vezes tem que ver, os padres têm uma vida ocupada também, não é "Vem aqui" e todo mundo vem celebrar a missa. Um dia o Padre Augusto comentou: vai lá, cadê a viúva? Não tá aqui... Pra encomendar o corpo, falar bonito, a família tem que estar lá, né? Tava faltando a mulher... Faz mais uma coisa... Vai lá... É difícil... Os padres tem uma vida difícil também. Mas tudo positivo, tudo melhorou, do jeito que está tá bom, tá ótimo, bem melhor que antigamente, mandando de boca em boca avisar o povo. Quem puder levar as coisas pra comer leva lá, leva café, chá, tem a lanchonete, fica lá.

Depois do enterro, o que normalmente era feito para a família enlutada?

Visitar. Até hoje tem os leigos que trabalham, então marca visita, tem a Pastoral do Luto. Até um dia minha filha falou: "Nós vamos visitar". Então eles vão lá falar uma palavra de conforto, porque aí a palavra, visitando aquele que perdeu, ele vai ver que ele não é único. Nós também perdemos, o outro perdeu, o outro perdeu, então quando junta a dor, falando que também teve a dor, então eles ficam achando... "Uai, chegou

a minha vez de passar por isso". Então é muito importante e tem a turma que visita os enlutados, padre visita. Quando esse meu cunhado morreu, minha cunhada ficou desesperada, o Monsenhor veio aqui a noite, esse casarão aqui, pôs um terço na mão dela, então ela vivia com aquele terço — agora já morreu também —, ela ficava com aquele terço que o Monsenhor deu, quando ela estivesse triste segurar forte no terço, na oração, na fé. Tem as pessoas que visitam.

Como era o período de luto? Quanto tempo durava?

Durava... Antigamente durava mais, até tinha uma época que punham uma faixa preta assim na camisa, pra falar que o marido estava de luto. E às vezes até a roupa, tinha pessoas que usava roupa escura. Luto... Pra mostra que estava de luto. Eu me lembro que um dia eu perdi, eu gostava de uma avó da minha amiga, eu chamava de vó, vó Chiquinha, vó Chiquinha, ela tinha o maior carinho. Daí ela estava muito doente, e eu estava com uma blusa vermelha. Quando eu cheguei na casa sério, ela estava agonizando e aí saiu a pessoa do quarto, a família que estava lá, eu acho que tinha chamado o médico, ela tinha falecido. Eu imediatamente tirei a roupa vermelha que eu estava por cima. Eu achei que ninguém tinha percebido, a neta de verdade dela falou: "Eu vi, a Daurea tirou a blusa vermelha a hora que viu que a vó tinha morrido". Então, é um respeito pra pessoa. Cada um tem um costume... Um dia o Padre Augusto estava falando como é nos Estados Unidos: nos Estados Unidos vira quase uma festa. Tem um dia de preparar... Não tem nada de passar, agora eles estão fechando o velório por causa dos assaltos, por causa dos problemas que surgem na madrugada... Mas lá fecha, aí arruma a pessoa, maquiagem, batom, cabelo, o que eles fazem? Até passou um filme... Toda comida, tudo o que ele gostava, reúne, põe a fotografia dele, às vezes queimado, põe a cinza na caixinha, põe lá, entrega pra família e tudo o que ele gostava de comer, vira uma festa. É o costume lá e eles têm um jeito diferente de enfrentar. Até um dia o Monsenhor falou que tinha um velório de um amigo. Ficou tanto, preparou tanto, que a hora que chegou lá nem achavam o amigo, de tão bonito que estava, enfeitou tanto o amigo que às vezes a pessoa chega e não acha, de tão arrumado que está, por que? Porque é outro país, nós ainda estamos aqui, maquiagem sim, faz, arruma, faz a maquiagem direitinho, é só pedir que eles põem, passa um batonzinho, dá um jeitinho no cabelo, o povo da funerária é muito bem preparado pra isso. Quando a minha mãe morreu,

eu tinha vindo com ela no carro fúnebre, aí a dona da funerária, quando era o D'Arcadia, a Siomara, falou: "Não, você não. Pode ir que isso aqui é pra mim". Mandou eu sair, graças a Deus, porque senão ia ficar uma lembrança muito triste. Já gente morreu perto de mim, a minha sogra morreu segurando na minha mão. Meu pai, perto de mim. Mas acabou, a morte é uma coisa interessante, eu falava pro meu pai, eu punha ele em pé no hospital, assim sentado, com dificuldade, encostava e falava: "Tomava um pouquinho, vó. Olha a paisagem, que coisa linda". Ele não conseguia nem engolir, deitou. Daí a noite, uma coisa muito assim, nada de alarmante, foi uma coisa muito interessante, a minha irmã estava junto, porque eu falei que ele não estava bom, vamos posar de duas em duas, pra não ficar uma pessoa sozinha. Ela estava com ele e falou: "Olha, parece que ele mudou a expressão". Então ele tava, com a perna dura tudo, a hora que eu chamei, que eu falei: "Nossa, não tá respirando". Corri chamar a enfermeira, já veio o médico, amoleceu, a expressão... De 96 anos, ninguém dava 60. Ninguém acreditava que ele tinha 96 anos. Não foi nada alarmante, nós rezamos, nada de espetáculo, nada de coisa... Uma coisa que nós estávamos lá dias e dias e noites... Rezamos, agradecemos a Deus, aí ele desceu pra ser arrumado. "Precisa de roupa", peguei já, levei, avisei a funerária, tudo normal, tudo preparado, direitinho, pessoas especializadas, isso que é muito bonito.

Por que a missa do sétimo dia é importante?

Foi um costume... Então vai lá, a família vai, pega a vela que o padre está dando, então fica uma lembrança, a pessoa chora, os amigos cumprimentam, então fica uma coisa assim bonita, confortante. Agora não precisa ser a missa do sétimo dia, é um costume, se quiser mandar no segundo dia, pode rezar. Não tem oposição nenhuma. Acabou de falecer pode começar a pô a missa. No dia do sétimo dia é um costume da comunidade, da paróquia, que o Padre Augusto dá até a vela. Mas se quiser no segundo celebrar uma missa e colocar o nome, pode. A pessoa acabou de morrer, missa de corpo presente pode. Se quiser ir à missa, "pelo descanso de fulano", pode. Quanto mais missa, melhor. É indulgência que a pessoa tá ganhando, é uma graça. Então é importante, porque se falar que não celebrou uma missa, parece que não tá ligando, não é verdade? E às vezes não tem ninguém. Um dia minha irmã mandou celebrar uma missa, a amiga era de fora, não tinha ninguém. Aí ela era da igreja também, a hora que falou uma pessoa da família ela foi lá, pegou a vela, pegou

o microfone: “Está sendo celebrado missa na cidade, então eu vou levar essa vela pra ela, por isso não tem ninguém da família, porque a missa tá sendo celebrada em São João da Boa Vista”. E deu uma desculpa pro povo. É bacana, é bonito rezar, rezar o terço, ouvir uma palavra bonita, elogiando e respeitar o lugar, porque tem gente que conversa tanto no velório que vira um mercado. Respeita o lugar, respeita a dor da família, respeita o momento, por mais que a pessoa estava esperando a morte, a pessoa estava muito doente, a família se perdeu, é uma perda. Então precisa, é um costume muito bonito e sempre lembrar, aniversário de morte, tantos anos, graças a Deus aqui tem tudo isso e eu acho muito bonito.

Quais são as suas considerações em relação aos velórios?

Quando a pessoa está muito longe, às vezes não dá pra esperar. Às vezes dá pra esperar, chega na hora do velório. Tenho uma amiga que ela mora em Rondonópolis, ela tinha que ir na véspera embora e a mãe tava malíssima, mas ela não entregava os pontos. Então eles comentam, eles falam, que o que é a morte, quando a pessoa está muito fraca: tem que parar de respirar. A hora que ela parar de respirar, o coração para, vai parando tudo. A mãe tinha tanta vontade de viver e amava tanto aquela filha que morava longe, e a filha: “Mãe, mãe”. Ela falava: “Eu te amo”. Então ela não se entregava. O que que fez? Levou a mãe embora; a filha precisou ir embora, com o marido, pois ela chegou em Rondonópolis, ela foi embora, ficou com as irmãs, porque todas olhavam a mãe muito bem, tinha até cuidadora, tudo, médico passava lá, tudo, tinha tudo, padre, tudo... Ela passou mal, veio pro hospital, pois tombou a cabeça e morreu. A filha voltou no outro dia, pegou o avião de volta e chegou pro velório. Então quando coincide avião, porque às vezes precisa passagem. A pessoa morre nos Estados Unidos, a pessoa tá aqui e morreu no passeio lá nos Estados Unidos, o filho tá lá, como é que faz? Não, aí não dá. Meu cunhado morreu aqui, uma pessoa da cidade, uma pessoa da polícia, uma pessoa muito bem quista, que é o Rafael Orichio Neto, uma pessoa queridíssima na cidade, o filho dele estava nos Estados Unidos, com a nora e os netos. Não vieram. Vieram pra missa de sétimo dia. E aí depende... Tenta avisar, agora quem pode vir, vem; quem não pode... A dor vai estar no coração, perto ou longe não tem distância pro amor. E às vezes tem pessoas que não gostam de ver. Meu filho, por exemplo, não queria ver o pai morto. O caçula. Ele estava em Goiás. Eu avisei logo que morreu, ele não queria ver o pai

morto. Tem gente que não gosta, quer guardar a lembrança da pessoa viva. Aí depende... E não pode criticar, porque cada um tem um seu ponto de vista. Eu tenho um compadre que quando o pai dele morreu ele ficou do lado de fora do velório, porque não quer ver, não quer enfrentar aquela situação. Agora meu filho foi muito engraçado: o pai não queria ver morto, não veio, mas quando ele era pequeninho tinha morrido uma madrinha minha, eu nunca tinha levado no velório, mas não tinha com quem deixar, então eu falei: "Olha, nós vamos lá, mas não é nada. Ela tá como se estivesse dormindo e vai pra junto de Deus, tá?". Até hoje eu não esqueço. Fui com meu marido, calcinha jeans, camisinha, ele vinha com a mãozinha pra trás assim, chegava e olhava. Mas sem medo, sem nada. Todo mundo achando uma beleza aquele menininho de sete anos. E aí ele ia lá perto do pai, o pai levava na lanchonete e deu livre pra comprar o que ele quisesse. Aí ele ia lá, chocolatinho, uma guaranázinho, uma bolachinha, então ele ia lá, comia, dava mais uma volta, tava demorando, e ele voltava de novo, dava mais uma olhadinha, aí ia lá. No fim meu marido pagou a conta e ele gostou tanto que chegou em casa falou assim: "Mãe, eu gostei tanto do velório. Quando vai ter outro?". Quer dizer... Prepara a criança. Tem uma história: a criança perguntando pra mãe o que era a morte. E a mãe fala: "Vai pra junto de Deus, um dia feliz porque vai pra junto de Deus". De repente a mãe da mãe, a vó morreu, a mãe deu um show no velório. A filha chegou falou: "Oh, mãe, a senhora não falou que é a coisa mais bonita, um dia feliz? Por que a senhora está chorando?". Quer dizer, preparar, falar que vai pra junto de Deus, mais uma estrelinha brilhou no céu, hoje vai estar feliz, vai encontrar todo mundo. Alegria. E levar por esse lado, sem colocar medo, que vem puxar a perna, porque tem gente que põe medo na criança. Aí fica tudo medrosa. Não pode. Enfrentar com serenidade.

O que você acha que acontece com a pessoa depois que ela morre?

Pela fé nossa, desde o Credo que nós falamos na ressureição, que nós vamos ressuscitar com Jesus. Agora esse ressuscitar, como nós vamos ser, é uma coisa diferente, porque ninguém voltou pra contar, mas eu acredito, até o Monsenhor falou uma vez, que quando ressuscita é um corpo glorioso. Até tem uma passagem no Evangelho que o homem era casado com uma mulher, ele ficou viúvo, casou com a outra... "Aonde eu vou encontrar a minha mulher?". Então fala: "Não, são corpos gloriosos". É tão grande, na presença de Deus, que ninguém vai pensar cadê minha

mãe, cadê meu pai, é uma felicidade, eu acredito, é um céu, uma coisa tão bonita, não vai procurar o filho, a mãe, o pai, porque é uma felicidade eterna, um corpo glorioso. Pelo que o padre fala é um corpo glorioso. Um dia, era um padre, até tenho que ver onde está aquele papel que era muito bonito, que cada missa é uma coisa muito bonita, que o povo não percebe. Ele teve um sonho, o padre, esse padre que tinha uma grande santidade, ele teve um sonho, uma visão, que nem aquela visão que tava Jesus, a transfiguração. Durante a missa, as almas ficam lá, ficam todas assim, ele viu as pessoas que morriam, ficam esperando pra ser chamadas. Aquelas que já vão pro céu, que já purificaram de seus pecados, eles são chamados durante a missa, eles ficam felizes, ali em volta do altar. A gente não vê, o padre que teve uma visão. Como é bonito, até arrepiava. E que durante a missa, na igreja o demônio não entra não. O Santíssimo lá e celebrando aquele momento, eles podem andar em volta da igreja, mas lá dentro não. Lá dentro é aqueles corpos, aquelas almas esperando pra ser chamadas, e quando elas é chamada, pra subir, diz que é uma grande alegria. Ele teve um sonho. Tinha uns dizeres muito bonitos. Tem umas folhas, que iam passando de geração pra geração, e às vezes cai na nossa mão. Retrato de Cristo, o retrato falado, eu guardei tanto, tão bem, que eu até perdi. Coisa linda! Porque está falando do Cristo, a beleza dele. E ele tinha um olhar, que quando ele olhava pra você, era penetrante, na alma, no fundo. Se a pessoa tivesse feliz, fosse tudo uma santidade, ficava até olhando pra ele, mas se a pessoa tivesse algum pecado, sem querer já abaixava, que nem o Pedro a hora que o galo canta três vezes, Jesus olhou pra ele. Você já imaginou como foi aquele olhar? Acho que não precisou falar nada, tanto que o Pedro abaixou a cabeça e saiu. E depois ele se redimiu, mas a hora que ele olhou, o que que passou pela cabeça dele. Olhar penetrante... Traços bonitos... E o retrato que ele tinha falava que os traços eram lindos, como o da mãe, uma linda donzela. Maria era muito bonita. Era simples no andar, firme no falar e olhar, a pessoa se desmanchava diante dele.

A senhora não tem medo da morte?

Eu não penso nela. Eu procuro não ter medo, porque se eu começar a pensar, eu vou ficar com medo. Um dia eu perguntei pro médico, um grande amigo: “O senhor tem medo?”. Ele falou: “todo mundo tem um pouco, porque é uma coisa nova”. Mas eu procuro não pensar. A hora que chegar, eu falo: “Não sei como vai ser, mas eu tenho

que estar preparada". Eu tenho que fica preparada, a melhor maneira de se viver bem. Porque se você ficar com medo, vai subir a pressão, se é diabético, é emocional, vai subir a diabete, você vai passar mal, você vai chorar, vai criar um clima terrível pra isso, então o melhor é procurar esquecer, faz de conta que o vizinho e nós estamos aqui, vamos procurar viver bem a nossa vida, quando a chegar a hora nós vamos ver. Então a gente vai viver, se não você perde a vida. Você perde o momento de agora. Tinha até aquele ditado: Hoje é o amanhã, que tanto nos preocupou ontem. Quer dizer, se eu tô vivendo hoje, ontem eu estava preocupada com umas coisas, eu levantei cedo e tentei resolver o problema de hoje. Então hoje eu já durmo um pouquinho mais tranquila, porque era o amanhã que tanto me preocupou ontem. Amanhã são outras preocupações. Então vamos procurar curtir a criança, curtir o bisneto, curtir a vida, criar um ambiente de alegria, porque se não, se você chegar numa casa que fala só morte, eu vou morrer, eu vou morrer... Eu tenho uma irmã que eu falei: "Para pelo amor de Deus". Ela fez uma caixa de camisa, colocou tudo, até o brinco, e cada um que chegava na minha casa pra tomar café ela vinha com a caixa pra mostrar pras pessoas, pras visitas. Tá certo? Não tá certo... Eu falei: "Para de falar que vai morrer, que preparou, que fez isso, que tá doente, que vai morrer, porque se não você tá perdendo a hora. Você começa falar tanto que a hora que chegar a hora perdeu até a graça". Porque eu sou muito engraçada, então pra deixar as pessoas mais a vontade, eu falei: "Fala tanto que quando chegar a hora perdeu a graça". Tem que levar na brincadeira. Então levar a vida com alegria, com amor, colocando muita esperança, muita garra, pensar no amanhã. Não sei se vamos ter amanhã, mas vamos sonhar. Sonho...

Você considera que houve mudanças em relação ao enfrentamento da morte nos últimos 30 anos? Se sim, quais são as mudanças?

Olha, as novas gerações acho que não estão muito preparadas não. Eles estão mais... E outra, festa, balada, bebida... eu fico até preocupada, muita droga rodando, não só na cidade, mas nas escolas, então eu fico preocupada com isso. Eu fico pensando, preocupada com as gerações, não só meus filhos, netos, bisnetos, mas com as gerações... Eles não estão vendo. Às vezes eles estão numa festa, eles começam a beber e eu quero dar conselho, eles não estucam. Eles não estão nem pensando em morte, em vida... Eles estão usando exageradamente a liberdade.

Mas quando eles encaram a morte, quando alguém da família morre, eles agem de uma forma diferente?

Aí a hora que vê que aconteceu, eles vão sofrer, vão levar um baque, mas depois vai pondo o pé no chão, todos, porque não tem outro caminho. Eles vão chorar bastante, vão sofrer, e às vezes, quando perde naturalmente, tudo bem, eu acho que eles sofrem mais, eu acho, quando a pessoa bebe e ocasionam um acidente, matando pessoas inocentes, que nem deu na televisão esses dias. Aí vai... Homicídio culposo... Estragou a vida dele. Estragou a vida da família, aí deve ser muito mais triste. Agora se ele estiver cheio, não está acontecendo, ele não está pensando em morte, mas perdeu a mãe, perdeu naturalmente, eles enfrentam melhor, se tiver consciência. Teve até uma história engraçada... Eu tinha uma grande amiga, uma filha só, ela tinha um casal e era a única filha, e ela estava fazendo uma fantasia pro carnaval. Ela sentiu mal na quinta-feira, o Carnaval era no sábado e na quinta-feira ela sentiu mal, terminando a fantasia. Veio no hospital, o marido trouxe e ela morreu. Sabe o que o marido feliz? Chegou pra ela: "Filha, a sua mãe não volta mais. Ela não vai voltar mais. E ela fez essa fantasia pra você ir no Carnaval"... Até achei bem assim, o que ele fez foi uma coisa que chocou. Ele falou pra filha: "Ela fez a fantasia. Se fosse eu que tivesse morrido, eu não me importaria nem um pouco que você fosse no Carnaval, por isso eu falo pra você: sua mãe também acho que pensa como eu. Põe a fantasia que ela fez e vai". Quer dizer, perdeu a mãe na quinta, sexta-feira e no sábado tava no Carnaval... Aí já é uma coisa... O povo ficou meio chocado, foi muito comentado na época. Ela continuou a vida, ele passado uns tempos casou de novo e tocou a vida. Mas eu não falaria assim pros meus netos. "Vão!". Preciso ter pelo menos sentimento, um luto.

Tem mais alguma coisa que a senhora gostaria de falar?

Fé... Enfrentar com serenidade... Tudo isso é bonito? É! Você vai ficar nervoso, procura não esquentar, faz como eu. Vamos viver a vida da melhor maneira possível. É o meu conselho. Não fica pensando: "Ai, um dia eu vou morrer, será que eu vou morrer disso, aí eu tô com dor naquilo...". Deixa, viva o momento, porque se você ficar pensando você não vive. A vida perdeu a graça, porque você vai ficar uma pessoa nervosa, neurótica... Nós vamos ficar neuróticos, então isso é muito triste. E às vezes

a gente tá pensando que vamos morrer agora, nós vamos viver mais vinte, e aí nós perdemos vinte anos da vida, estragando a vida das pessoas e as reuniões gostosas. Já imaginou uma reunião gostosa, tomando café, vem falar de mortalha, vem falar de morte? Hora do café é hora de reunir a família, com alegria. Perto das crianças mostrar alegria, porque se nós começarmos a falar de morte, morte, perto das crianças, nós vamos traumatizar as crianças. Fala bonito: “Jesus está nos esperando, mas não é agora não”. Leva mais pelo lado da brincadeira, fazer que nem o Monsenhor um dia: “A vida é linda, nós vamos encontrar, só a morte faz a gente encontrar com Deus. Quem quer ver Deus?”. Todo mundo levantou a mão. Aí ele falou: “Quem quer ver Deus hoje?”... Porque ninguém quer, porque a vida, com todos os problemas, é maravilhosa. É a vida é linda. O amanhecer é lindo. Você pode ver o amanhecer é sempre bonito, é o amanhecer das crianças, é coisa linda. Você pode ver que o amanhecer, quando o sol nasce, é aquela coisa linda, é a hora que tá todo mundo alegre, sem pensar. Tem um dia de trabalho pela frente, mas não tem que ficar pensando, ficar vendo a beleza do amanhecer, esse amanhecer que nós não podemos estragar nas crianças com mau humor e com medo e com trauma. Agora presta atenção no anoitecer, no entardecer... Ele tem um Q de triste, de melancólico, porque o amanhecer é o começo e o entardecer, o Sol vai escondendo devagarinho, aquela coisa assim, é melancólico. Por que? Porque é o fim. A gente vê que dali vem a noite, a noite vem vindo, então pra nós, dependendo da idade, a pessoa vai ficando triste, por que? Porque ela está vendo que está chegando a hora do seu entardecer.

Mais alguma coisa que a senhora gostaria de falar?

Fé, segurar na mão de Deus, olhar pra frente e viver a vida como sabedoria e enfrentar a morte com sabedoria.

Pesquisa 17 — S. C. R.**Nome: S.C.R****Idade: 45 anos.****Entrevista concedida a Valéria Aparecida Rocha Torres auxiliada por Ricardo Biazotto em Abril de 2018.****Qual a sua primeira lembrança com a morte?**

A primeira lembrança eu tinha por volta de oito, nove anos, brincando embaixo de um abacateiro no quintal da minha avó paterna, a minha mãe veio com a notícia que a minha avó materna tinha morrido. Lembrança que eu tenho é que ficou marcado, porque eu estava brincando, estava falando da minha avó, que estava doente, que tinha melhorado, e minha mãe chegou contando que ela havia morrido. Foi muito triste, porque eu era muito ligada com ela minha avó. O velório dela foi na casa, porque naquela época eles eram velados na casa, né? Foi na sala, eu lembro que tinha muitas pessoas, os amigos, os parentes... E foi muito triste. Eu ficava me perguntando porque a minha avó tinha ido tão cedo embora, porque ela tinha cinquenta e poucos anos e não me conformava, porque eu era muito ligada a ela. Com o tempo a gente vai vendo que tinha chegado a hora dela, mas na época, eu era muito criança pra entender a morte.

Teve mais alguma morte que ficou marcada nessa fase da sua vida?

Olha, nessa fase da minha infância meu bisavô morreu. Também foi velado na casa da minha avó paterna. Foi na sala, os parentes vieram, e ele... Chamava ele de Papai até... Também foi doloroso, porque a gente quando é criança não tem muito assim, como eu falei antes, a relação assim de porque está indo embora, onde está indo... Então ficou marcado por isso, porque também eu era muito apegada a ele e fez falta... Faz falta... Mas ele se foi...

Lembra alguma coisa em relação a como era o velório especificamente nas casas? O que tinha, o que as famílias faziam?

Então, que eu lembro é uma vaga lembrança... Tirava tudo da sala, o caixão ficava na sala, aí tinha a parte do fundo, e velava ali e depois da casa o padre vinha e aí já ia direto para o cemitério.

Depois dessas duas mortes especificamente, outras aconteceram e em lugares diferentes, né? Logo depois o velório já foi construído em Pinhal?

Isso... Eu não lembro muito bem o ano, mas depois a próxima morte que passou bastante tempo, essa chocou muito, porque foi do meu tio, irmão do meu pai. Essa marcou muito... Eu já era casada, já tinha um filho, e para minha avó, para nós, ter perdido o meu tio, para o meu pai... Meu pai perdeu praticamente o braço direito dele, né? Porque ele e meu tio... Meu tio era o braço direito, esquerdo da família, minha avó ficou muito deprimida na época, até o Monsenhor que ajudou... E é difícil a gente falar, porque foi muito doloroso também, mas só que do meu tio já foi velado na igreja, ali da Vila Palmeiras, e também foram os vizinhos, os amigos, os parentes. Naquela época podia ser velado na igreja, como ele foi criado e nascido ali na Vila Palmeiras, então foi velado ali.

Então comparado os dois velórios — os velórios em casa e os velórios na igreja, por exemplo —, existiam muitas diferenças? Para a família era mais difícil ser em casa?

Eu acho que para a família era ser porque depois da volta, a volta do enterro, você ter que encarar a sua casa, encarar a sala... Eu era criança na época, mas eu acho que para os adultos ter que deparar com uma perca e ver, você vai ficar ali durante meses vendo ali... Ainda mais para minha avó, que foi o pai, para minha mãe, que foi a mãe dela... O por que de tudo isso, né? É um vazio... Uma coisa que a gente não sabe explicar, agora fora, que nem na igreja no meu tio, lógico que minha mãe, como eu disse, o Monsenhor ajudou muito, mas a minha avó foi pra casa e não teve aquela lembrança do caixão ali na sala, teve sim na igreja... Foi difícil pra família, mas graças a Deus nós sentimos falta sim, saudade sim, sempre, mas tristeza não.

Qual outra morte ficou marcada dentro da sua família?

Olha, foi várias mortes, mas eu não lembro muitas... Que ficou marcada também foi do meu avô. Essa foi... Porque conforme a gente vai crescendo, a gente vai entendendo mais, vai ficando cada vez mais marcado, né? E ele ficou doente, a gente já estava preparado, porque quando a pessoa está doente, mal, não foi de repente a morte dele. Só que ele já foi velado no velório mesmo, o Velório Municipal, e foi triste também pra família. Pra mim também, foi meu avô paterno que morreu, e a

minha avó já estava mais forte, porque perder um filho é diferente que perder um marido, porque sempre a gente espera que a gente vá, não os filhos da gente. E a minha avó perdeu um filho. Lógico que ela ficou triste com a perca do marido, mas a do meu tio foi mais doloroso que a do meu avô. Mas é uma marca muito grande pra gente, porque eu era muito ligada também a ele.

Você chegou a participar de alguma coisa da organização do velório?

Olha, do meu avô eu não participei porque nessa época eu tinha uma hemorragia, eu estava muito doente, e depois fui descobri... Ele foi enterrado na segunda, na quarta eu passei pelo médico, fiz uma coletagem, e eu tive um aborto... Isso marcou bastante porque foi próximo, né? E o médico me preparou, lógico, pra dar a notícia. Eu não estava esperando isso, pra mim era uma hemorragia como eu sempre tive, e era de uma semana, um feto, sofri muito, porque eu perdi um filho, né? Ali já era uma coisinha ali dentro de mim. Então eu não participei assim da preparação, do meu avô não.

Só que mais tarde você começou a participar desse processo?

Depois morreu a minha bisavó... Dela foi difícil, porque ela estava bem... Tinha 90 e poucos anos, foi por causa de um tombo, de repente fez cirurgia e morreu. Eu também não ajudei, mas depois disso, o primeiro choque que eu tive com a morte mesmo, de preparação, de ter forças, de crescer espiritualmente, foi quando a minha vozinha morreu... Foi muito difícil... Porque ali, a minha tia debilitada... Era eu e ela que cuidava da minha avó, meu tio... Então nós três que estávamos ali perto, no finalmente dela, e ela morreu, eu cheguei e vi minha avó morta. E a minha tia ali, em cima dela, tive que ter forças. Onde encontrei força? Em Deus! Porque a minha tia não ia conseguir fazer o velório dela, e ali eu tive que ter força... O meu tio pegou no meu braço e falou: "Força, você vai me ajudar no velório da sua avó". Eu respirei fundo... Primeiro eu tirei a minha tia dali, pra eles levarem a minha avó, desci com ela, enquanto ela foi avisando os parentes — deixei ela com a filha —, eu fui. Foi um choque muito grande na minha vida. Foi uma coisa que eu cresci, é deparar ali com o caixão quando nós entramos dentro da sala. É uma dor, nossa, foi muito marcante. Mas graças a Deus eu já estava preparada espiritualmente, como eu disse, estava mais madura. Foi um choque, eu fiquei parada uns dez minutos, sem falar. Aí meu tio

simplesmente bateu no meu ombro e falou: “Força!”. Eu arranquei lá do fundo da alma a força e pedi pra Deus me dar, mas eu fiquei firme. Preparei, escolhi o caixão, preparamos tudo, a moça falou: “Como vocês estão aqui...”, me deixou responsável por tudo, onde ia ser, o que ia pôr, que roupa, tudo fui eu... Eu lembro que eu corri atrás pra ser na igreja, como ela queria, mas infelizmente não podia porque tinha o Santíssimo e não podia mais velar na igreja da Vila Palmeiras, então ela foi velada no cemitério. Mas eu fiz o que eu pude, e o que mais marcou foi quando eu fui colocar, que só eu podia mexer, o terço na mão da minha avó, porque ela era muito católica, né? De ver ela lá, com o semblante lindo, calma, sereno. Ela estava muito bonita no velório, e eu coloquei o terço, ali pra mim foi... Aí eu desabei, depois que eu coloquei, vi que estava tudo certinho, que a minha avó estava ali, que o caixão estava tudo em ordem, eu desabei, chorei uma meia hora a morte da minha avó, ali, sem parar. Lógico que durante tudo, a hora do enterro, foi muito triste...

Entre a comunidade católica, quando uma pessoa morria quais eram as primeiras providências tomadas?

Olha, assim, eles foram muito gentis com a gente, também dando apoio, mostrou, falou como funcionava os trâmites tudo certinho, os procedimentos que tinham de ser tomados, aí foi velado no Velório Municipal, eles servem café, uma bolachinha pra família, e o tempo eles estão ali, se terminar o café ou se precisar de alguma coisa, a gente tá ligando, e prepara tudo ali, né? É coroa, é roupa, é tudo eles, flor... E assim, minha avó saiu do hospital e foi no necrotério que tem ali no hospital, e ali a gente não pode ir, porque eu queria eu ir lá cuidar da minha avó, mas aí eu fui aconselhada pelo pessoal da funerária que eu até poderia, mas que ia ser uma dor pior, então eu levaria as roupas ali, eles pegaram e levaram pra pôr na minha avó. Na minha época eu fiquei triste, porque eu queria eu pôr a roupa na minha avó, eu cuidar, mas eles não deixaram, eles aconselharam que não. Eles já têm mais experiência do que a gente, né?

Então hoje, em relação a isso, você acha que a funerária faz certo de não deixar a família participar de todo esse processo?

Eu acho que sim, porque assim... Eles têm todos os processos deles ali, do banho, da preparação, se houver algum vazamento e tal, e eu acho que a gente ia

atrapalhar eles, de estar a gente ali, e a dor também ia ser forte. Então a gente vai lembrar dos nossos entes queridos ali, bonitinho no caixão, e não ali, numa sala fria, então eu acho que com o passar dos anos eu acho que foi ficando até mais fácil pra família, né? Porque aí eles têm que se preocupar em avisar os familiares e estar lá pra receber o corpo.

Como era feita e quem eram as pessoas responsáveis pela lavagem do corpo do morto? Além da lavagem, quais eram outras providências tomadas em relação ao toalete do falecido?

Não lembro... Eu só lembro assim, que eles falaram que lá eles preparavam, mas como era também eu não sei.

Você se lembra sobre os procedimentos da funerária e os trâmites?

Eu lembro que eu fui levar as roupas da minha avó, pra coloca, antes nós escolhemos o caixão, que flor ia colocar, escolhemos a coroa, e eu fui lá, deixei a roupa com eles, aí a maquiagem também, por ser mulher, que a família tem que autorizar, aí escolhi uma maquiagem bem leve, porque não gostava de usar. Mas assim pra deixei a aparência melhor. E é isso, depois a gente ficou esperando... Assim que o corpo ficou pronto eles ligaram pra mim avisando que já estava indo pro velório e nós subimos, porque eu não consegui na igrejinha, aí eu liguei lá que tinha que ser no velório mesmo, porque não tinha autorização pra ser ali na igreja. É isso que eu lembro.

Quem se responsabilizava pela organização e como era organizado o funeral?

Aí depois morreu a netinha da minha irmã. A minha irmã não tinha chão, aí eu fui lá ajudar também, fui fazer a parte dela, porque o meu sobrinho, pai da criança, a menininha tinha oito meses, e foi uma morte de repente, porque a menina estava bem, ficou doente. Fui lá também ajudar a família da mãe da menina e fiz a parte do pai. Escolher o caixão, de preparar tudo... Uma criança de oito meses... As roupas eles trouxeram, se estava bem, se era aquilo... Foi um sapatinho branco, com uma roupinha... Aí eu fiquei ali esperando eles trazerem, ajudei bastante a família também, a filha do meu sobrinho.

Por ser uma criança, foi um processo mais difícil?

Não, não foi tanto, foi mais sofrimento da família, mais dor, porque o procedimento é só ir ali no velório e eles perguntam, tem que levar o atestado de óbito, tudo certinho, e faz, né? Escolhe o caixão, no caso é um caixão de criança, branco, né? A flor, essas coisas que vai pôr, aí eles também que arrumaram a criança, tudo. Foi isso, que eu me lembre assim, já faz tempo.

Tem mais alguma lembrança desse tipo de preparação de velório?

Depois o meu sogro morreu. Eu lembro que o sonho dele quando morresse era ser velado na Igreja Matriz, por ser (Sacristão). Eu falo sogro porque ele vai ser sogro eternamente, ele foi o pai dos meus filhos. E eu lembro que eu acordei o padre, era o que, meia noite, antes da meia noite, e pedi se podia, que ele havia morrido em São João da Boa Vista, que o sonho dele, por ter sido (Sacristão), era ser velado na Igreja... Ele era Sacristão... E eu fui lá, eu e minha irmã, primeiro pedi permissão da esposa dele, e fui. Na época tinha parentes que não queria que acordasse o padre, mas eu fui. Fiz o último desejo dele. E consegui! Acordei o padre, aí o padre Maurício falou pro Monsenhor, na hora ele ligou pra esposa, e ele consentiu que fosse na Matriz. Aí quem preparou, escolheu o caixão, foi o genro dele, mas ele tinha umas orquídeas lindas no quintal que ele cuidava, aí eu pedi pra esposa se podia pegar as orquídeas e levar, como eu tinha muita amizade lá no velório, eu peguei todas as orquídeas, eu com a minha irmã, já era tarde da noite, saímos pelo quintal, sem ninguém ver — porque mesmo da família não queria —, mas eu fiz tudo o que o meu coração estava mandando, que era o que ele queria. Peguei as orquídeas pra pôr no caixão dele. Aí fui lá, já estava tudo certinho, e ele foi velado na igreja.

Aí no outro dia, no dia do velório... Eles esqueceram de colocar a faixa do Apostolado da Oração, e eu lembro que eu fui com um sobrinho de moto, peguei lá com eles, e eu coloquei no pescoço dele. Então ali pra mim também foi marcado, porque foi triste... Meu filho chorou muito, porque era um pai que estava morrendo... Era mais que um pai... E ali pra mim não era um sogro simples, era um pai... Porque foi o pai dos meus filhos... Foi muito triste, porque a dor que eu vi que o meu filho estava sentindo, foi muito até hoje, falando disso, agora aqui eu tô emocionada. Porque ele sim descansou, estava muito doente, mas a dor que o meu filho sentiu na

hora foi muito triste, e eu chorei junto. Tanto pela perca, porque a gente não quer — a gente é um pouco egoísta, a gente não quer que os entes queridos vão embora —, mas chegou a hora. Ele se foi, mas graças a Deus o meu filho, com o passar do tempo, até hoje ele fica triste, lógico, das lembranças, mas o que eu puder fazer também pelo meu sogro e faria tudo de novo se fosse preciso.

Depois a dor maior foi o velório da minha mãe... Hoje está fazendo dois anos... Eu não esperava, de repente eu estava trabalhando e veio a notícia, aí eu cheguei no hospital, pensei que ela não tinha morrido ainda. Aí eu chego lá e minha irmã falou que ela tinha morrido. Eu entrei desesperada lá dentro, porque eu pensei que eu fosse ver o corpo dela como da minha avó, que fosse dar tempo, mas o corpo dela já não estava mais lá. Eu não consegui ver a minha mãe ali. E eu chorei muito. O meu pai estava lá já, sozinho, cuidando dos trâmites. Eu cheguei chorando, o meu pai falou: "O que você pôde fazer pela sua mãe, você fez. Agora seca as lágrimas e me ajuda aqui!". Foi essas as palavras do meu pai. Eu engoli as lágrimas e fui forte, porque agora eu encarei a morte diferente, já era mais madura, como eu já tinha preparado da minha avó, do meu sogro, então da minha mãe, pra escolher o caixão, eu não tive aquele choque que tive na primeira vez. Fui mais madura ainda, mais firme, e ajudei o meu pai ali. Com tudo, com vestido, da minha mãe foi mais doloroso que eu tive que escolher o vestido ali que ela não tinha, aí escolhi vestido, escolhi caixão, da funerária, mas escolhi a cor, tudo certinho. E fiquei ali com meu pai, eu e meu pai ali, como sempre nós dois. Fizemos tudo certinho, o velório. Ela foi velada no cemitério, e a minha lembrança da minha mãe foi mais triste porque a hora que ela chegou eu ajudei a tirar o caixão de dentro do carro fúnebre. E isso ficou marcado, e fiquei feliz por estar ali podendo fazer tudo por minha mãe também. De estar viva, forte, e ter sido firme, porque as minhas outras irmãs não foram, e eu fui ali, firme, peguei na alça do caixão da minha mãe.

E a única coisa que eu fico triste, que foi uma triste que até hoje eu fico, porque meu pai ficou muito debilitado, porque ficou a noite inteira acordado, e ele pediu a minha companhia pra ficar com ele no cemitério, e eu não pude fechar o caixão da minha mãe, nem carregar o caixão, porque eu queria ter carregado. Porque eu fui até o túmulo, mostrei pro pessoal que abre o túmulo, e isso ficou marcado, vendo eles fazendo o buraco ali, e eu queria ter ajudado a fechar o caixão, como eu pus, e carregado o caixão da minha mãe. Mas a minha mãe tinha mais gente, o meu pai

queria a minha companhia, como sempre estar ali. Então eu fui ficar distante com meu pai, porque ele queria ficar ali, mas não queria ver a minha mãe, porque foi uma dor forte pra ele também, e até hoje ele sofre com isso. Mas como eu disse, lembrança sim, triste não. E foi assim, esse foi o último que eu preparei, da morte assim.

Você comentou que a sua mãe não tinha uma roupa preparada (mesmo que não se fale da mortalha, existe a ideia de que sempre há de se deixar uma roupa preparada) pra isso. As pessoas costumam deixar uma roupa pronta pra quando chegar a morte?

Olha, da minha avó tinha. Ela escolheu o vestido, um casaquinho branco. Da minha bisavó também. Agora homem é mais fácil, sempre é uma calça, uma meia, uma camisa mais nova. É que a minha mãe, por ter caído muito, então ela usou... Ela emagreceu muito, então ela perdeu muita roupa, então não comprou vestido mais, nem roupa, porque ela estava na cama, não saia de casa, então ela tinha uns vestidinhos muito batidinhos. O meu pai quis compra um vestido. Como agora na funerária — antigamente não tinha —, mas como a funerária fornece o vestido, pra nós foi mais fácil que ir em uma loja comprar. Então a gente pegou o da funerária, porque meu pai achou certo, de enterrar ela com uma coisa melhor. Não que isso faça diferença pra Deus, ou pra minha mãe, porque depois que a gente morre o que fica é o corpo, mas meu pai fez questão de fazer, de pôr o caixão, de pôr a roupa na minha mãe, comprar, a coroa. Eu também coloquei o terço na mão da minha mãe, então isso também ficou marcado. Hoje tá sendo um dia muito triste pra mim, mas eu tô sendo forte. E pedindo pra Deus me dar forças, é sempre ele.

Ainda sobre a roupa, você comentou que algumas pessoas tinham realmente guardadas. Por que você acha que algumas pessoas deixam a roupa... Acha que pra essas pessoas é importante estar com determinada roupa, elas vão se sentir melhor sabendo que estão preparando a própria morte?

Então, pra essas pessoas, que nem a minha bisavó, ela sempre deixava o vestidinho ali reservado, porque ela já era de idade, então a gente que vai ficando de idade já sabe que uma hora a morte chega, né? E a minha avó também, tinha vários vestidos, e na doença dela, quando ela estava lúcida ainda, ela falava: “Olha, eu quero ser enterrada com esse vestido”. Agora quando a gente brinca, que nem no meu caso

assim, eu brinco com a Beatriz ou com o meu filho, Ricardo, quando eu morrer eu quero ser enterrado com esse vestido, mas a gente é nova, a gente tá preparado sim, eu tô preparada pra morte, mas a gente fala: "Oh, quero ser enterrado assim". Mas os mais antigos, ali na doença, ainda na lucidez, sempre falavam: "Olha, eu quero ser...", porque já estavam esperando a morte. Não que estavam preparados, porque tem pessoas que nunca tá preparado, não quer morrer, e eu acho mais fácil. A minha bisavó deixava, era mais fácil, ela deixou tudo pago, o velório, o caixão, porque ela não queria dar trabalho. Então os antigos, porque eles eram mais velhos, tudo, eles não queriam dar trabalho pras pessoas que ficassem, então queria deixar tudo... E tinha pessoas que faziam questão, que tinha aquele apego, achavam que... Agora a minha mãe a maquiagem dela também foi fraquinha, a minha mãe também não usava maquiagem, foi só pra... E a minha mãe não aceitava a morte, tanto é que a feição dela não foi igual da minha avó, um semblante bonito, porque ela lutou até o último instante, até o último suspiro pra não morrer, porque ela queria viver, mas quando chega a hora nós temos que ir, né?

Você considera que houve mudanças em relação ao enfrentamento da morte nos últimos 30 anos? Se sim, quais são as mudanças?

Hoje eu enfrento a morte assim com mais preparação, com mais dinâmica, com mais maturidade. Se hoje chegar a morte... É lógico que muitas pessoas não estão preparas, mas eu tô preparada pra morte e se eu morrer hoje eu sei que grande parte da minha vida já foi cumprida, a minha missão. Lógico que tem várias ainda, a gente não sabe o amanhã, mas eu encaro sim a morte como um desafio, porque a única coisa que a gente sabe é que o que resta pra gente é a morte, isso a gente sabe que é a certeza da vida da gente é que um dia gente vai morrer. E a gente tem que estar preparado, porque é Deus que sabe sobre a gente, o dia, a hora, os minutos que restam pra gente. Que seja a vontade dele, então eu tô preparada se eu morrer agora.

Então você não tem medo da morte?

Não tenho, não tenho medo...

Tem mais alguma coisa que você gostaria de falar? Alguma lembrança ou alguma coisa que ache importante?

O que eu tenho que falar é sempre, pras pessoas, perder um ente querido é muito triste, e diante de tantas mortes, de tantas preparações, é cada um é de uma forma, e a dor é muito grande pra quem fica, mas tristeza nunca. A gente sofre... Chorar sim, mas nunca ficar triste, porque o ente querido não ia querer ver a gente triste. Eles querem ver a gente feliz, querem ver quem fica bem. Que eu lembre é só disso.

Entrevista 18 — S. B.**Nome : S.B.****Idade: 70 anos.****Entrevista concedida a Valéria Aparecida Rocha Torres em Abril de 2018.****Qual a sua participação na comunidade católica aqui em Pinhal?**

A gente sempre participou, desde criança, da igreja, as missas, primeira comunhão, que deixou marcada na vida da gente — fez lá na Matriz, naquele tempo só tinha uma paróquia — e a dona Tereza Salomão foi a primeira professora de catecismo, então foi um negócio maravilhoso. Além de tudo, da religiosidade, a gente não esquece no dia da primeira comunhão, um bolo de chocolate, com um chocolate quente, então é maravilhoso.

Eu sempre parte da equipe da liturgia, desde que começou a liturgia, quando começou a participação do leigo na igreja, convidado pelo padre Matheus, a ser o comentarista da missa das cinco e seis horas da manhã. Então a gente começou a participar das missas, e até hoje a gente continua. Que eu frequentava essa missa é de 66 pra cá, e parece que perto de 1970, por aí, que começou a igreja a ter uma modificação, não lembro se é 70 ou 72, mais preciso... Não, foi menos de 72, que eu fui convidado pelo Matheus pra poder participar das missas. E até hoje a gente tá aí participando.

Quando uma pessoa morria, qual era a primeira providência tomada?

Quando as pessoas estavam passando mal, então sempre chamava o padre, quando podia, quando não alguma pessoa ligada pra poder pôr a vela na mão da pessoa pra que ele morresse, e alguém fosse rezar alguma coisa. E eu me lembro, era pequeninho, vieram chamar o meu pai porque o vizinho da outra esquina estava pra morrer, e precisava alguém lá pra ajudar, e o Sérgio foi atrás pra ver. Aí colocaram a vela na mão dele, então fizeram as orações, e aquele tempo se rezava muito o terço, né? E meu pai era um rezador de terço também, sabe? Então, acho que por isso ele foi chamado. Dali a pouco o homem morreu. Aí então, sempre tinham aqueles abnegados que lavavam a pessoa, dava um banho neles, trocava a roupa, aí o serviço funerário, e a pessoa era velada em casa.

Quem se responsabilizava e como era organizado o funeral?

Então, morria, ia na funerária comprava o caixão, aí eles traziam na casa, a família já providenciava de arrumar aquela melhor roupa que o pessoal tinha, e então nem sempre era terno. Era calça e camisa, mas outros tinham, então era velado em casa. E daí, no enterro, normalmente saía da casa, ia até a igreja, passava pela igreja, benzia o corpo, e daí da igreja ia pro cemitério, circunstância normal.

Quando o velório transcorria em casa, o pessoal também ficava rezando o terço, fazendo algum tipo de oração?

Sempre tinha alguém que rezava terço durante o velório, isso era praxe, porque naquele tempo, como a missa era tudo em latim, então a gente só sabia do Evangelho português e o resto a cerimônia era latim. E o comentário do padre, e a devoção do pessoal, principalmente com os santos padroeiros nas épocas, Santo Antônio, São João... Então havia sim, o povo era muito prestativo nas coisas, tinha aquelas festinhas de semana, novena, novena de São João — desde que eu era criança, eu me lembro que tinha aí. Essa igreja nossa aí já estava prevista desde a fundação da cidade praticamente, aí o Comendador Montenegro doou um terreno pra fazer a Igreja de São João. E o terço era o principal.

E quando o velório era na casa, tinha alguma coisa na porta pra identificar?

Tinha sim. A própria funerária tinha um banner, uma cortina, então colocava na porta, então quem passava por ali sabia que tinha alguém morto.

E as pessoas eram mais solidárias? Elas vinham mais, ficavam com as famílias enlutada, tinha mais essa participação?

Tinha sim uma participação grande, eram poucos casos que a pessoa não tinha muita amizade, mas sempre tinha aquelas pessoas que participavam, e passar a noite. Passar a noite era uma coisa legal também que acontecia, tinha aqueles que gostavam de tomar um golinho, passar a noite que tava frio, e tinha alguns que eram bons contadores de mentiras. Então aquelas coisas coiseiras toda, então para alguns, além da presença solidária com o morto, porque o morto já estava ali, mas tinha aqueles que animavam o velório. Nós tivemos também aqui em Pinhal um caso especial, que é o Sebastião Vaca, que ele ganhava dinheiro dos ricos, que eles

pagavam pra ele ir lá chorar. Então ele ia lá, chorava, fazia toda aquela encenação com aquele morto, que era bom, que era isso, tudo que tinha direito ele falava... Bem do sujeito, né? Ele não falava mal não, só bem. E ganhava um quebradinho de algum familiar.

O cortejo fúnebre era praticamente uma procissão?

E o pessoal fazia questão de levar o morto, então era aquela troca de mãos. Quer dizer, o pessoal tinha... E quando estava passando, e dava pra ver, os comerciantes desciam a porta, havia um certo respeito essas pessoas. E o velório saía de casa, ia pra igreja, onde o padre benzia o corpo. E daí ia pro cemitério.

Em particular na minha vida, que aconteceu, a gente tinha amizade com o Padre Matheus, ele fazia a visita para os doentes, ele fazia confissão, depois ele mesmo vinha trazer a comunhão, e em alguns casos, ele acompanhava o corpo das pessoas. Quer dizer, ele tinha feito muita amizade com a gente na época, que tinha ver o meu avô mensalmente, trazer comunhão pra ele. E no dia do enterro, ele acompanhou da nossa casa, até a igreja matriz, e depois da igreja matriz o povo levou o corpo pro cemitério. Então algumas vezes eles conseguiam com que o padre participasse.

Por que a missa de sétimo dia é fundamental?

Já era sagrado isso aí né? Passava lá no sétimo dia o pessoal ia participar da missa. O pessoal falava que alma ficava vagando por aí, então precisava que tivesse uma oração mais forte, então era a missa, pra pessoa se desprender e dar o conforto pra família. E na igreja tinha um tapete grande, bem desenhado, um negócio bonito, então quando marcava a missa, então botava aquele tapete na igreja Matriz, quatro velinhas em volta, aí falava do morto na missa do sétimo dia, benzia aquele tapete, simbolizando. E quando você ia benzer na igreja também, eles colocavam esse tapete e ali colocava o caixão. Tinha um suporte e colocava ali pra benzer.

Você lembra até quando foi assim?

Com precisão eu não sei te falar, mas aí começou a surgir a história de velar em casa, estava tendo muito problema, aí surgiu a história dos velórios nos cemitérios. Aí construíram o velório no cemitério, mas houve muita resistência do pessoal em frequentar o velório, de pôr o corpo no velório. Preferiam pôr em casa, “ah, mas é a última vez, ficar com ele mais uma noite, mais um dia”.

Qual era o tempo médio de duração do funeral?

24 horas, pra enterrar a pessoa. Eles diziam que tinha muita gente que não estava morto, então essa coisa de atestado médico, essas coisas, nem se cogitava de falar, levar pro médio, levar pro hospital, não levava. Via que ele morreu mesmo, apagou, já vamos enterrar o caboclo. Então em casos esporádicos, que eles falam de pessoas que tinham morrido e depois ressuscitaram, então algum problema de saúde que a pessoa ficava às vezes até inerte, e não tava morta... Eu nunca vi casos, nenhum desses, mas todo mundo falava dessa parte.

Como a comunidade tomava conhecimento do falecimento de uma pessoa?

O aviso era boca a boca. E o sino era tocava quando saía o corpo da igreja, aí o pessoal sabia que alguém morreu e já tinha passado pela igreja. A cidade ficava sabendo que teve uma morte, mas a morte só era comentada via oral. E principalmente a família que o pessoal convidava, aí avisava, esperava gente chegar de longe... tinha pessoas que moravam em outras cidade que às vezes dava tempo do trem trazer eles, então era o trenzinho que fazia... e outros que não tinham condições, então recebia a notícia por carta, era carta e correio. Telefone não existia naquele tempo, depois surgiu o telefone, mas pra você falar no telefone demorava três, quatro horas, tinha que falar na agência telefônica, né? E o pessoal que mudava daqui, normalmente, muita gente ia tudo pro lado do Paraná, Mato Grosso, porque lá tava boa a coisa... Então saíam daqui, e uma pessoa que morria tinha o aviso por carta, só os vizinhos e parentes que participavam...

Como era o período de luto? Quando tempo durava?

O luto ele era de um ano. As mulheres, principalmente, usavam tudo roupa preta, então quando você via uma mulher de preto, podia ver que tinha alguém, ou filho, ou marido, pai, então aquela roupa preta simbolizava o respeito. E os homens usavam na camisa uma faixinha preta no bolso, pra simbolizar que ele tinha luto na família dele... Então é isso que a gente conhecia do passado.

Então pode-se dizer que existia uma união comunitária de solidariedade?

Tinha... E naquele tempo tinha outra coisa também: dificilmente a pessoa procurava o médico, normalmente era a benzedeira, as benzedeiras eram o charme da história. E elas resolviam, saravam muita gente, a fé que era importante. Tanto que a gente ouve falar assim do benzedor... um dia o sacerdote já tava perto de morrer e foi falar assim: "o que você faz pro seu benzinho, porque você cura tanta gente..." "ah, seu padre, eu sou analfabeto, não sei ler e nem escrever, mas sei rezar um Pai Nosso e uma Ave Maria. Então eu rezo sete vezes, o Pai Nosso e a Ave Maria, e faço a cruz com o terço, dou um chá pros bebês...". Então muitos curavam, outros, como diz a história, coisa mais séria, não tinha recurso, então era o benzimento das benzedeiras.

O que você acha que acontece com a pessoa depois que ela morre?

Eu particularmente eu acho que nós plantamos pra colher alguma coisa. E Jesus fala uma coisa muito bacana na história: "Se você tiver fé, e pedir perdão, então você pode ser perdoado até na hora da morte". Pode ter sido ruim, mas depois pede perdão pra Ele e Ele pode te aceitar, você volta pra Ele. Então eu acredito que nós temos uma outra vida pra lá, do outro lado, que o fundamental da nossa fé que nós temos a ressureição, deixa esse corpo material aqui mas a alma vai estar lá no céu ou algum lugar, que tem que ter uma divisão lá, né? E pra complementar essa divisão que a gente anima essa fé, que desde pequeno ouvia falar, é a história do Lázaro... Que ele comia as migalhas do rico, e o rico avarento, né... Tem que determinar bem essa história, porque tem rico bom, rico que trabalha, rico que dá serviço, essas coisas... Quando morreu os dois, o Lázaro foi pro céu e o rico foi pro inverno, o rico avarento... Então ele falou: "Deus, manda alguém avisar meus irmãos que a coisa aqui tá feia" "Não adianta, lá tem profetas, tem Elias...". Quer dizer, desde lá vem determinado que a pessoa foi não vai voltar, quer dizer, se tivesse isso no Evangelho, acho que isso aí é a parte primordial da nossa fé, de que o Lázaro estava lá com Deus

e o rico avarento tava lá no inferno, e que não foi mandado Lázaro pra avisar os irmãos dele não, então ninguém veio avisar. Então alguém fala pra você: nós recebemos a mensagem de Deus através de alguém, do sacerdote, às vezes de um amigo, e também recebemos a mensagem do demônio, através de um inimigo, através de uma palavra mal falada, através alguma coisa também usada por alguém, pra atrapalhar a vida do outro, não sei... A minha fé ainda é essa que tem alguma coisa lá do lado de lá, então a gente espiritualmente tem uma outra vida depois dessa.

Entrevista 19 — S.S.S**Nome : S.S.S.****Idade: 72 anos.****Entrevista concedida a Valéria Aparecida Rocha Torres auxiliada por Ricardo Biazotto em Abril de 2018.****Como foi a sua iniciação dentro da igreja?**

Eu advogado e Católico Apostólico Romano, frequento assiduamente a igreja e as missas, por sinal, toda manhã, com raríssimas exceções, eu comungo às 10h. Frequento assiduamente a minha igreja Católica Apostólica Romana. Na minha família, inclusive tem um irmão mais velho, hoje com 84 anos, por sinal, a batina dele está em casa... Ele estudou no Seminário Maior em Ribeirão Preto, mas infelizmente ele não chegou a se formar. É casado, Católico Apostólico Romano, tem cinco filhos e vários netos. Eu sempre oriento os meus filhos a ter um credo religioso, de preferência, pela minha raiz, o catolicismo.

Entre a comunidade católica, quando uma pessoa morria, quais eram as primeiras providências tomadas?

Eu lembro que quando falecia as pessoas, em casa, em princípio os familiares já paravam o andamento do relógio, pra identificar exatamente a hora do passamento desse ente familiar. E já de imediato, também avisavam os vizinhos, os parentes, e já separavam a roupa que serviria pra indumentar o falecido, quando este, já em vida, já indicava a indumentária a ser usada quando do seu falecimento, e também sempre relembrando, que as demais roupas, serviriam pra quem das mesmas necessitavam.

Qual o sentido de amortalhar o morto? E como as mortalhas eram feitas?

O envolvimento em mortalha, ou seja, o ato simples e rústico, era em sinal de desprezo ou desprendimento do mundo. As mortalhas, aquela época eram feitas de lençóis, porque naquela época, dependendo da situação financeira dos familiares, e do falecido, era caríssima, sendo que somente os mais abastados financeiramente é que podiam colocar as vestes em seu ente querido, de acordo com a sua vontade em vida. É importante ressaltar um aspecto: somente os mais pobres que solicitavam apenas essa mortalha.

Qual era o tempo médio dos funerais?

Pelo que passei a perceber, antigamente os familiares tinham um desejo de que o funeral pudesse ser o tempo máximo possível, isso pra que quase toda a comunidade tomasse conhecimento. Em média, por 24 horas, sempre, obviamente, a critério médico, bem como levando em conta o estado do corpo do falecido. Sempre que o velório, via de regra, na residência do falecido.

Hoje, tendo em vista a insegurança, muitos familiares preferem que o corpo seja velado em velórios, sendo que hoje não costuma passar de doze horas, sempre, é claro, seguindo os critérios dos familiares e o estado do corpo do falecido.

Como a comunidade tomava conhecimento do falecimento de uma pessoa?

Quando não por telefone, quando existia, claro, avisava os parentes e conhecidos e pediam que todos assim transmitisse a outras pessoas. Eu, especificamente, quando era tipógrafo — hoje eu tenho 72 anos de idade —, quando eu era tipógrafo, e a pedido dos meus patrões, e de proprietário de funerárias, eu distribuía cartas com tarja preta, mesmo em domingos e feriados, dando conta do falecimento, no perímetro onde o falecido residia. E jogava algumas cartas na rua, sempre com o intuito de se dar publicidade às pessoas.

Atualmente, a notícia é dada pelas emissoras locais, bem como existem em alguns pontos de maior frequência da comunidade, painéis onde se colocavam aviso de falecimento.

Como era o período do luto? Quando tempo durava o luto?

Antigamente, após o falecimento de um ente querido, e durante um ano aproximadamente, colocava-se na lapela do paletó ou na indumentária também feminina, uma tarja preta em respeito ao falecimento do familiar. Especificamente quando a minha genitora faleceu, isso em março de 1959, e quando eu tinha os meus 14 anos de idade, e outros irmãos mais novos e outros mais velhos, o meu pai jamais deixava ligar o rádio, por aproximadamente um ano. E também não nos deixava ir ao cinema, também em passeios, tudo em respeito e em lembrança do nosso familiar tão querido.

Por que a missa de sétimo dia é fundamental?

Bom, o número sete indica perfeição: em sete dias Deus criou o mundo; na história de Noé, choveu por sete dias e depois de sete dias, Noé soltou a pomba e a ave trouxe um ramo de oliveira, que indicava o fim do dilúvio; quando Jacó morreu, José fez luto de sete dias; a mulher grávida que tivesse um bebê, apenas no sétimo dia estaria purificada; nos Evangelhos, Jesus fez a multiplicação dos pães com sete, Ele disse que a Pedro que deveria se perdoar setenta vezes sete.

Hoje, por ocasião de um falecimento, reza-se pelo número sete e para que a alma seja purificada, reza-se pelos mortos na missa de sétimo dia para ressaltar que fazemos parte do corpo de Cristo. É importante não só pela relação afetiva com aquela pessoa que morreu, mas também por crermos que fomos batizados em nome da Santíssima Trindade.

Além disso, os parentes e amigos que não puderam participar do velório e do enterro, podem também participar da missa do sétimo dia para orar pelo falecido e estar com a família.

Devemos sempre orarmos dentro do credo religioso de cada qual. Eu sou Católico Apostólico Romano, acredito num só Deus, como a todas as demais religiões têm um Deus santo, um Deus purificado. Devemos nós todos rezarmos por nós e por todos que assim precisam de uma vida mais tranquila, mais saudável e mais segura.

O que o senhor acha que acontece com a pessoa depois que ela morre?

Todo ser vivo um dia certamente ficará inerte, há até dia certo para que um paciente mesmo faleça, quando se desligam os aparelhos médicos para que não haja mais sacrifício, tanto sacrifício, tanto sofrimento, tanto para o paciente como para seus entes queridos, familiares, seus conhecidos. Devemos encarar a certeza da morte, porque é a única certeza da nossa vida é a morte.

Quando morremos, nós deixamos de existir. É o velho conhecimento: ao pó voltarás. Mas a morte não é o fim de tudo, porque acreditamos que Deus é capaz de acordar os mortos do sono profundo e fazer com que vivam de novo.

Você acha que houve mudanças em relação ao enfrentamento da morte nos últimos 30 anos?

A morte é certa, mas lembramos sempre da alma dos nossos entes queridos da mesma forma, hoje e sempre.

Existe mais alguma coisa que o senhor gostaria de falar?

Sei que a morte é uma coisa única e certa; a morte é o que sabemos certamente da vida. Não podemos ter medo da morte, a morte é certa. A morte é uma coisa tão natural, tão normal. Estamos aqui de passagem, outros vem vindo atrás de nós, e eles também vão morrer. A morte só deixa saudades, jamais tristeza.

O senhor tem costume de guardar os santinhos de sétimo dia?

Sim, isso aí é um hábito que tive do meu falecido pai, que ele faleceu dia 05 de setembro de 1997. Meu pai faleceu com 84 anos e meio, faleceu viúvo, ficou viúvo com 45 anos de idade — minha mãe faleceu com 47 de idade —, meu pai criou sete filhos — eu sou o do meio. E meu pai sempre teve o hábito de guardar relíquias, coisas antigas, coisas que difícil alguém faz isso, guardar coisas tristes. Mas não é coisa triste que muitos entende, é saudades. Então meu pai guardava o chamado santinho do sétimo dia, eu tenho vários. Jamais eu critiquei o meu pai nesse sentido, hoje eu faço as mesmas coisas que meu o querido e saudoso pai, ele se chamava Salvador Sposito, mais conhecido como Totó Barbeiro. Ele era barbeiro, não cabelereiro. Então eu tenho vários santinhos de sétimo dia, todos os meus familiares, dependendo de mim, têm esse famoso santinho de sétimo dia, que se faz sempre na missa de sétimo dia. A prova maior disso é que eu já tenho até o meu em branco, que quando falecer, já avisei minha família, que eu quero seguir o hábito do meu pai, o hábito antigo, de mandar imprimir esse santinho na missa de sétimo dia, pra que meus familiares sintam a minha modesta saudade. Estão aqui duzentos santinhos, em branco, sempre respeitando a religião de cada qual. Esses são os meus, já deixei orientada a minha família pra assim proceder, que é um gosto meu em vida.

Agora quanto aos demais, que o meu pai guardava, eu tenho inúmeros, inúmero aqui, e assim eu continuo guardando. Apenas um pequeno parênteses, isso também me traz uma saudade, quando o meu pai vivo, ele guardava tantas coisas, eu tenho aqui da lembrança da ordenação e primeira missa do Cardeal Leme, segundo consta, o segundo cardeal do Brasil. Então eu vou ler o que está no verso do santinho: "Lembrança da minha ordenação sacerdotal e primeira missa, celebrada na basílica de São Sebastião, sobre o túmulo do santo mártir". É de Sebastião Leme, da Diocese de São Paulo, aluno do Colégio Pio Latino-Americano, em Roma. Esse

santinho é datado de 28 e 29 de outubro de 1904, e com orgulho falo, e repito, que esse conhecido, já saudoso, Dom Sebastião Leme, era pinhalense. Existe a casa aqui em Pinhal onde ele nasceu: Dom Sebastião Leme.

Eu tenho vários outros santinhos aqui, inúmeros, que eu guardo todos, pra que seja relembrado a vida de cada qual. Tem inúmeros aqui, inúmeros, dentro tem a foto do já saudoso, ou da já saudosa. Aqui eu guardo também os óbitos, as certidões de óbito dos meus familiares, todos esses aqui já guardo. Tenho santinho também de vários padres falecidos, e tenho também aqui o alvará do túmulo da minha família, datado de 06 de novembro 1939, original plastificado. E também a prova da propriedade do túmulo, no Cemitério Municipal, este documento comprovatório da propriedade do túmulo em Pinhal é datado de 23 de outubro de 1939.

Entrevista 20 e 21 — M. C. e C. C.

Nome : M.C.

Idade: 76 anos.

Nome: C.C.

Idade 58 anos.

Entrevista concedida a Valéria Aparecida Rocha Torres em Abril de 2018.

Entre a comunidade católica, quando uma pessoa morria quais eram as providências tomadas?

M: Chamar a funerária. Não existia como tem hoje, então ia aqueles caixões feitos de pano, não era de madeira, não era nada... E não tinha onde velar o corpo, era velado em casa. Ficava na casa, as horas que eram permitido, e depois disso já ia pro enterro.

C: Eu não lembro dessa questão do caixão de pano, nada disso. Eu recordo muito da morte do meu avô, eu tinha oito anos de idade. Ele não morreu em casa, morreu no hospital, depois veio o corpo pra casa, mas já era o caixão de madeira, ele foi velado, eu lembro muito bem, na sala de casa, aonde a gente ficava ali, as crianças, então estava toda a família, os netos e tudo mais. Então a gente participava muito dessas questão. Eu acho que assim, antes de falar um pouco das providências que eram tomadas na comunidade católica, isso era anterior... quando a pessoa adoecia, era muito comum já começar a visita do padre, o padre visitava a pessoa, fazia a unção dos enfermos, começava o conforto das pessoas da família, então se prepara muito pra morte, se discutia, se falava a respeito disso. E a gente sabe que nos dias de hoje, isso é muito mais difícil. Com o superpoder da medicina, muitas vezes essas técnicas novas que existem, as inovações e tudo mais, a gente sempre esperava que vai dar um jeito na situação, independente dessa questão. Então a comunidade católica desde sempre eu acho que a lida de uma maneira mais próxima e mais a contento com a situação da perda do ente querido. Por que? Porque a gente também acredita na ressurreição, e isso é muito importante. Então eu lembro bem — lembro e acho que ainda permanece da mesma forma, principalmente nos pequenos centros — essa presença do padre, da comunidade católica visitando o doente e preparando a família, tudo isso.

Como era e qual era o período do luto?

M: Guardava luto sim... Eram seis meses de preto mesmo e depois preto e branco mais seis meses... Um ano... Quando era pai e mãe, era luto fechado mesmo. Tudo diferente...

C: Isso eu não vivi... Lembro que a mamãe pôs depois que o meu avô morreu e foi a última vez que eu vi a minha mãe, minha vó de luto. Mas eu já não vivi isso não.

Como era feita e quais eram as pessoas responsáveis pela lavagem do corpo do morto?

M: A gente chamava os vizinhos mais próximos, que pudessem ajudar, e sempre tinha quem vinha ajudar a lavar o corpo. Vestia a roupa e depois colocava no caixão...

C: Essa questão da lavagem eu não lembro. O papai faleceu na minha mão, morreu comigo, e ele tinha acabado de tomar banho, eu estava secando os pés dele, e ele faleceu ali. Então eu ajudei a arrumar o meu pai, a deitar e depois arrumar, e tudo mais, mas essa questão de lavar o corpo eu nem sabia mesmo que era feito dessa maneira. E conheço hoje a maneira que é feita nos hospitais, por causa de trabalhar lá, que é tamponamento — não se lava, só tampona —, aí hoje em dia já tem tanta tecnologia... hoje em dia se maquia as pessoas, maquiagem e tudo mais...

Você pode falar um pouquinho sobre os cuidados paliativos?

C: Eu fui coordenadora de uma unidade de cuidados paliativos durante muitos anos, e a gente tinha sim... O que a gente determina como paliativo: o paciente, não terminal, o paciente fora de possibilidade terapêutica, pra doença de base dele, e a gente tinha paciente nos cuidados paliativos que viviam oito, dez anos, e muito bem. Dentro da casa dele, com conforto, olhando as cortinas, as paredes, o armário... Com isso, muitas vezes, ele até recuperava aspectos relacionados a saúde, porque no paliativo o que se trabalha: o controle da dor, o conforto físico, emocional, social, psíquico, então isso traz um bem estar de uma maneira geral. Então era muito interessante, porque a gente tinha uma equipe multiprofissional; éramos médicos, enfermeiros, assistentes sociais, psicólogos, e um personagem diferente, que as outras unidades não tinham, que era o acompanhante terapêutico. Eram voluntários,

que visitavam esses pacientes no domicílio, e traziam pra equipe como ele estava. E a partir daí, então, a gente decidia qual profissional que ia visitar naquela semana o paciente, dentro da equipe. Então essa questão do cuidado paliativo, que hoje a maioria dos hospitais — principalmente os hospitais oncológicos — tem o pessoal dos cuidados paliativos. Ele é fundamental, porque nenhum procedimento pirotécnico mais é feito, a hora que chega a hora de sedar realmente o paciente é feito, junto da família e tudo mais, mas a gente sempre preserva que o paciente deve ficar no ambiente da casa dele, no ambiente dele, isso é muito importante. Uma senhora, por exemplo, câncer de mama, metástase em fígado, pulmão, uma série de coisas, 80 anos, vai levar essa mulher pra UTI, entubar? Então não tem cabimento...

Existe muita crítica sobre a abertura da espiritualidade, seja qual for a do paciente. O que você acha isso?

C: Eu acho muito importante... Lá no hospital, a gente tem a visita da capitania evangélica, da pastoral da saúde católica, dos espíritas, e ali o paciente é que resolve o que traz conforto. Mesmo que não seja da religião do paciente, a religião que ele segue, a doutrina que ele tá habitualmente acostumado a seguir, ele sempre acolhe com muito bons olhos, porque a pessoa acolhe com sentimento de carinho, porque sempre tem alguma coisa importante pra trazer. Existe uma lei que não podemos proibir a entrada de pessoas de nenhum segmento religioso, ele tem livre acesso. O que a gente sempre pede é que as pessoas — a gente tem até um trabalho, que a gente conversa com esses líderes religiosos — para que eles jamais não incomodem os pacientes, porque, por exemplo, lá no Pérola, várias vezes eu tive que intervir porque eles estava “expulsando demônios” de pacientes... É uma coisa muito pesada... Ou dizia pro paciente: “Você não é pura, por isso você ficou doente, você não pode fazer tratamento, você pode não pode tomar remédio”. Então isso que a gente sempre trabalhou, com os líderes espirituais e com os pacientes, dizendo pra eles: “Olha, a sua religião, a sua fé, é muito importante, mas a medicina tem que caminhar ali junto”. Então isso é muito importante, a orientação religiosa pra eles é sempre muito bem-vinda. O paciente tem que se apegar a alguma coisa... O familiar tem que se apegar... Se ele conseguir se apegar, e ver que mesmo nessa finitude tem uma luz no fundo do túnel, é onde as coisas realmente acontecem de uma maneira mais tranquila... E o médico tem muita dificuldade pra lidar com a morte... O médico,

a enfermeira, todos os profissionais, porque a partir do momento em que ele perde um paciente, ele está “atestando” a incompetência dele, ele sente dessa maneira. Não entende, muitas vezes, como estado progressivo, foi acontecendo... Por exemplo, você pega um câncer de mama, que a paciente, que pode ser um caso mais raro, por mais que ele faça, o atendimento que foi dado, vai evoluir pra isso, e ele muitas vezes quer trabalhar de outra forma. Lá no Pérola é muito interessante, porque a gente tem um centro de pesquisa, aonde trabalha novos fármacos, remédios novos que estão sendo testados com muito êxito, e ao mesmo tempo, então dá possibilidade terapêutica, até pra quele que quase está perdendo, a gente tem também os cuidados paliativos, essa questão da finitude.

Mortalha...

M: Tinha gente que era uma mortalha, costurava na hora... Então vestia e já ia pro caixão.

Os padres participavam desse processo ou só os leigos?

M: O padre vinha só benzer o corpo, agora os leigos, muita gente vinha, em oração, até a hora de ser enterrado, durante o velório. Se rezava o terço, terminava, era outro, então...

Qual era o tempo médio dos funerais?

M: 24 horas...

C: Passava muito a noite... E isso trazia também muito sofrimento. O papai, a primeira coisa que ele sempre falou, foi: “Quando eu morrer, vocês não me deixam passar a noite”. Tanto é que ele morreu às sete horas da manhã e pôde ser enterrado... Ele tinha pavor de passar a noite... Então hoje em dia, você vê aí nos grandes centros, é até perigoso passar a noite.

Após a preparação do corpo, começava a organização do funeral. Quem se responsabilizava por essa organização e como era organizado o funeral?

M: Olha, era a pessoa mais velha da família, que organizava, que vai sair, então era a pessoa mais velha da família.

C: Então era essa pessoa... E hoje em dia, que eu acho tão interessante, hoje já tem pacotes, com tudo prontinho, tudo organizado. Nós mesmo... há quantos anos nós temos, o serviço funerário tudo pago? Serviu pro meu pai, pros pais dele, pros pais da minha mãe... Então hoje já é tudo mais organizado, porque também existe muito abuso nessa hora. Se a pessoa não estiver prevenida hoje, financeiramente, ou ela enterra, sem ter a possibilidade de velar o corpo, que é esse velório gratuito, num caixão muito ruim. Ou então ele tem que arcar com um bom dinheirinho na hora...

Como a comunidade tomava conhecimento?

M: Eu lembro muito bem que punham o folhetinho na porta da casa de quem tinha morrido... Até a gente olhava, passava, olhava, lia, era criança e ia espiar o caixão — minha mãe ficava brava.

C: E não tinha medo, né?

M: Não, não tinha. A gente ia comunicando um ou outro.

C: E hoje em dia as crianças têm tanto medo, né?

M: Eu era papa-defunto... E a comunidade ficava sabendo de boca em boca... A gente mandava avisava... “Avisa fulano, avisa ciclano”. E quando ia chegar o corpo, batia o sino, benzia o corpo, batia o sino outra vez, e o corpo saía...

Depois do enterramento, o que normalmente era feito para a família enlutada?

M: Aí que era duro, né? Vinha as visitas, a gente não usava abrir a casa, durante sete dias não abria nem a janela da casa, ficava tudo fechada a frente da casa. Então as visitas vinham, a gente convidava pra missa de sétimo dia...

C: Sabe uma coisa que eu lembro também? Uma pessoa que teve que ficar trinta dias sem fazer a barba.

M: E punham a tira preta aqui... Eu lembro do meu pai com essa tira preta aqui... O homem usava luto aqui.

Por que a missa de sétimo dia é fundamental?

C: É uma coisa tão interessante, porque a pessoa pode não ser católica, praticamente, mas a missa de sétimo dia manda rezar. Eu vou à missa todo sábado, e quando eu chego na igreja, eu sei quem tá na missa... Eu sei quem são as pessoas

participantes da paróquia, da comunidade, enfim... E de vez em quando a gente vê pessoas que nunca participaram de nada na igreja, e estão lá porque faleceu alguma pessoa da família. Então a missa de sétimo dia tem que acontecer, mesmo que não seja um católico participante, praticante na igreja, mas a igreja de sétimo dia eles mandam rezar. Muitas e muitas vezes a gente vê essas pessoas. E assim, também, achei muito interessante, uma vez minha mãe comentou com a minha cunhada: "Nossa, você veio na missa". Uma pessoa na terça-feira de carnaval... Ela falou: "Eu vim, porque era a missa da minha mãe a missa", porque ela não é realmente praticante, mas na missa do aniversário de morte da mãe ela não falta. Então o conforto realmente, o momento pra você refletir sobre aquela pessoa, e é realmente assim... Eu acho a missa de sétimo dia muito triste, muito triste. Por esses dois aspectos: eu acho que você retoma nesse momento todo o sofrimento, e ao mesmo tempo você encerra. Então é um marco, a missa de sétimo dia.

O que você acha que acontece com a pessoa depois que ela morre?

M: Eu acho assim... que todos nós temos uma purificação, mas que é melhor que aqui na terra. Deus é tão bom, tão misericordioso, que Ele não ia, depois da gente passar tanta coisa aqui nesse mundo, pôr nós num lugar melhor. Então vai ter sim uma purificação... O purgatório... Vamos ficar aquele tempo que a gente precisa lá pra depois Deus mandar a gente pro céu...

C: Eu já não acho... Eu acho que não tem isso não. Eu acho que não tem... Todo mundo tem seu lado bom e seu lado ruim. Você faz coisas bacanas pra pessoas, mas às vezes você comete erros, e eu acho assim: tudo isso, diante do nosso Pai, é perdoado. É perdoado... Pra mim purgatório não existe. Vai direto pro céu ou vai direto pro inferno. Já pagou tudo eu acho aqui...

Você considera que houve mudanças em relação ao enfrentamento da morte nos últimos 30 anos?

C: É muito paradoxal isso tudo... Tem pessoas que lidam com a vida deles de uma maneira assim, muito fugaz. Ontem, por exemplo, eu vi no jornal uns bandidos lá que pegavam um revólver, atiravam na garrafa, pra poder abrir a garrafa, usava a droga, ali naquelas festas, ali naquelas coisas... Uma pessoa dessas, que preocupação ele tem com a vida dele? Nenhuma... Então o que é a morte pra ele?

Eu acho que nem pensa, nem tem capacidade pra isso... Então eu acho assim, que hoje em dia tem dois lados: tem as pessoas que se preparam, que sabem o que é. Hoje a gente está preparado pra morrer? Não sei... Só a hora que chegasse aí... Muitas vezes eu acho que eu me sinto mais preparada pra minha própria morte do que pra morte de pessoas que eu amo tanto. A gente não quer que as pessoas... Eu penso até, por exemplo, na minha morte, se eu penso em morrer, eu fico com dó da minha mãe que vai sofrer, eu fico com dó das minhas filhas, entendeu? É isso que eu acho que é complicado... E por outro lado, você vê as pessoas que lidam com a vida delas de uma maneira assim, sem nenhuma preocupação. Uma pessoa que tá ali, usando drogas, ela não sabe que ela pode ter uma parada cardíaca a qualquer momento? Ele sabe! Mas com o que ele se importa? Com nada... Eu acho que essa responsabilidade com a sua vida vai de encontro quando você ama realmente as pessoas. Minha mãe vai sofrer, minhas filhas vão sofrer tanto, meu marido vai sofrer... Eu sou importante pra eles.

M: Sabe o que eu acho? Que depende muito da fé... Porque a gente sabe que a gente não veio pra ficar nesse mundo, então chegou a hora, Deus levou, vamos se conformar, não pode ficar sofrendo puxando cabelo, essas coisas não. Tem que procurar se conformar, só Deus... só Deus...

C: Deus e a consciência da gente muito tranquila. Papai, quando morreu... A gente tinha a consciência muito tranquila, porque tudo que podia ser feito, e o que não podia, foi feito. Então...

M: Nós fizemos tudo que podíamos fazer por ele... Nós fizemos a nossa parte.

C: E ele fez por merecer... Sempre foi um pai maravilhoso, dentro do limite de cada pessoa, todos nós temos defeitos, todos nós temos limitações. Não é porque a pessoa faleceu que a pessoa era maravilhosa, sem defeito nenhum. Cada um tem o seu defeito, mas o nosso papel de amar foi exercido até o final. De cuidar... Isso que é importante.

Autorização:

Eu, Maria Cristina Almás Tonns, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido. Diante do exposto expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo. Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste voluntário (ou de seu representante legal) para a participação neste estudo.

Nome: Maria Cristina Almás Tonns

Endereço: Rua mário Bertuzzi, 35 -

Telefone: 19- 8651- 4725

Endereço eletrônico: mcrishinata@yahoo.com.br

Dados do CEP responsável pela autorização da pesquisa:

O Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP – Sede Campus Monte Alegre está disponível para os esclarecimentos e encaminhamentos necessários para tramitação de Protocolos de Pesquisa na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

O CEP – Sede Campus Monte Alegre localiza-se no andar térreo do Edifício Reitor Bandeira de Mello, na sala 63-C, na Rua Ministro Godói, 969 – Perdizes – São Paulo – SP – CEP: 05015-001 – Tel./FAX: (11) 3670-8466 – e-mail:cometica@pucsp.br

Autorização:

Eu, Denise Almas Jones Jones, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido. Diante do exposto expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo. Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste voluntário (ou de seu representante legal) para a participação neste estudo.

Nome: Denise Almas Jones Jones

Endereço: Rua Júlio Rodrigues Bueno, 290

Telefone: (19) 3651-3685

Endereço eletrônico: denisse.roque.jones@terra.com.br

Dados do CEP responsável pela autorização da pesquisa:

O Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP – Sede Campus Monte Alegre está disponível para os esclarecimentos e encaminhamentos necessários para tramitação de Protocolos de Pesquisa na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

O CEP – Sede Campus Monte Alegre localiza-se no andar térreo do Edifício Reitor Bandeira de Mello, na sala 63-C, na Rua Ministro Godói, 969 – Perdizes – São Paulo – SP – CEP: 05015-001 – Tel./FAX: (11) 3670-8466 – e-mail:cometica@pucsp.br

Autorização:

Ophelia Jordas Angelini

Eu, , após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido. Diante do exposto expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo. Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste voluntário (ou de seu representante legal) para a participação neste estudo.

Nome: *Ophelia Jordas Angelini*

Endereço: *Rua Dr. Francisco Belosi, 63*

Telefone: *3651-2002*

Endereço eletrônico: *opheliajordas@hotmail.com*

Dados do CEP responsável pela autorização da pesquisa:

O Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP – Sede Campus Monte Alegre está disponível para os esclarecimentos e encaminhamentos necessários para tramitação de Protocolos de Pesquisa na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

O CEP – Sede Campus Monte Alegre localiza-se no andar térreo do Edifício Reitor Bandeira de Mello, na sala 63-C, na Rua Ministro Godói, 969 – Perdizes – São Paulo – SP – CEP: 05015-001 – Tel./FAX: (11) 3670-8466 – e-mail:cometica@pucsp.br

Autorização:

Eu, Maria Alice Mantelli da Silve, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido. Diante do exposto expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo. Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste voluntário (ou de seu representante legal) para a participação neste estudo.

Nome: Maria Alice Mantelli da Silve

Endereço: Praca da Independencia 428/703

Telefone: 19- 3651 5955

Endereço eletrônico:

Dados do CEP responsável pela autorização da pesquisa:

O Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP – Sede Campus Monte Alegre está disponível para os esclarecimentos e encaminhamentos necessários para tramitação de Protocolos de Pesquisa na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

O CEP – Sede Campus Monte Alegre localiza-se no andar térreo do Edifício Reitor Bandeira de Mello, na sala 63-C, na Rua Ministro Godói, 969 – Perdizes – São Paulo – SP – CEP: 05015-001 – Tel./FAX: (11) 3670-8466 – e-mail:cometica@pucsp.br

Autorização:

Eu, Maria Ap. C. B. Carreira, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido. Diante do exposto expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo. Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste voluntário (ou de seu representante legal) para a participação neste estudo.

Nome: Maria Ap. C. B. Carreira

Endereço: R. João Vicente, 38 ap. 21 B. A

Telefone: 3651 2892.

Endereço eletrônico:

Dados do CEP responsável pela autorização da pesquisa:

O Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP – Sede Campus Monte Alegre está disponível para os esclarecimentos e encaminhamentos necessários para tramitação de Protocolos de Pesquisa na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

O CEP – Sede Campus Monte Alegre localiza-se no andar térreo do Edifício Reitor Bandeira de Mello, na sala 63-C, na Rua Ministro Godói, 969 – Perdizes – São Paulo – SP – CEP: 05015-001 – Tel./FAX: (11) 3670-8466 – e-mail:cometica@pucsp.br

Autorização:

Eu, *Maria Tereza Ferrari Gilordi*, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido. Diante do exposto expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo. Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste voluntário (ou de seu representante legal) para a participação neste estudo.

Nome: *Maria Tereza Ferrari Gilordi*

Endereço: *chácara Bela Vista*

Telefone: *019-3651-4646 - 9-98281884*

Endereço eletrônico:

Dados do CEP responsável pela autorização da pesquisa:

O Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP – Sede Campus Monte Alegre está disponível para os esclarecimentos e encaminhamentos necessários para tramitação de Protocolos de Pesquisa na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

O CEP – Sede Campus Monte Alegre localiza-se no andar térreo do Edifício Reitor Bandeira de Mello, na sala 63-C, na Rua Ministro Godói, 969 – Perdizes – São Paulo – SP – CEP: 05015-001 – Tel./FAX: (11) 3670-8466 – e-mail:cometica@pucsp.br

Autorização:

Eu, Marianna Bigotto, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido. Diante do exposto expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo. Assinatura do voluntário ou de seu representante legal Assinatura de uma testemunha Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste voluntário (ou de seu representante legal) para a participação neste estudo.

Nome: MARIANA CORDEIRO BIGOTTO

Endereço: Rua João Ferninio de Araújo, 179
Vila Pinhal Jardim

Telefone: (19) 3651-2566

Endereço eletrônico:

Assinatura do participante da pesquisa. Marianna Bigotto

Dados do CEP responsável pela autorização da pesquisa:

O CEP - Sede Campus Monte Alegre localiza-se no andar térreo do Edifício Reitor Bandeira de Mello, na sala 63-C, na Rua Ministro Godói, 969 - Perdizes - São Paulo - SP - CEP: 05015-001 - Tel./FAX: (11) 3670-8466 - e-mail:cometica@pucsp.br

Autorização:

Eu, *José Coelho* , após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido. Diante do exposto expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo. Assinatura do voluntário ou de seu representante legal Assinatura de uma testemunha Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste voluntário (ou de seu representante legal) para a participação neste estudo.

Nome: *José Coelho*

Endereço: *R Faustino Pereira da Silva n. 110*

Telefone: *3651 4128*

Endereço eletrônico:

Assinatura do participante da pesquisa..... *José Coelho*

Dados do CEP responsável pela autorização da pesquisa:

O CEP - Sede Campus Monte Alegre localiza-se no andar térreo do Edifício Reitor Bandeira de Mello, na sala 63-C, na Rua Ministro Godói, 969 - Perdizes - São Paulo - SP - CEP: 05015-001 - Tel./FAX: (11) 3670-8466 - e-mail: cometica@pucsp.br

Autorização:

Eu, Veronica Noronha Diego, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido. Diante do exposto expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo. Assinatura do voluntário ou de seu representante legal Assinatura de uma testemunha Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste voluntário (ou de seu representante legal) para a participação neste estudo.

Nome: Veronica Noronha Diego

Endereço: R. Dr. João Luminio de Araújo, 194

Telefone: 3651 3877

Endereço eletrônico:

Assinatura do participante da pesquisa..... 

Dados do CEP responsável pela autorização da pesquisa:

O CEP - Sede Campus Monte Alegre localiza-se no andar térreo do Edifício Reitor Bandeira de Mello, na sala 63-C, na Rua Ministro Godói, 969 - Perdizes - São Paulo - SP - CEP: 05015-001 - Tel./FAX: (11) 3670-8466 - e-mail: cometica@pucsp.br

Autorização:

Eu, Eparecida Izaura S. de Oliveira, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido. Diante do exposto expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo. Assinatura do voluntário ou de seu representante legal Assinatura de uma testemunha Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste voluntário (ou de seu representante legal) para a participação neste estudo.

Nome: Eparecida Izaura Soares de Oliveira

Endereço: R. Dr Francisco Belizzi, 78 Centro
Estrela

Telefone: 3651.1799

Endereço eletrônico: —

Assinatura do participante da pesquisa..... A S Oliveira

Dados do CEP responsável pela autorização da pesquisa:

O CEP - Sede Campus Monte Alegre localiza-se no andar térreo do Edifício Reitor Bandeira de Mello, na sala 63-C, na Rua Ministro Godói, 969 - Perdizes - São Paulo - SP - CEP: 05015-001 - Tel./FAX: (11) 3670-8466 - e-mail:cometica@pucsp.br

Autorização:

Eu, Ana Helena de Oliveira, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido. Diante do exposto expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo. Assinatura do voluntário ou de seu representante legal Assinatura de uma testemunha Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste voluntário (ou de seu representante legal) para a participação neste estudo.

Nome: Ana Helena de Oliveira
Endereço: Rua Dr. Francisco Belize, 98 - Centro

Telefone: 36511799

Endereço eletrônico: —@—

Assinatura do participante da pesquisa: Ana Helena

Dados do CEP responsável pela autorização da pesquisa:

O CEP - Sede Campus Monte Alegre localiza-se no andar térreo do Edifício Reitor Bandeira de Mello, na sala 63-C, na Rua Ministro Godói, 969 - Perdizes - São Paulo - SP - CEP: 05015-001 - Tel./FAX: (11) 3670-8466 - e-mail: cometica@pucsp.br

Autorização:

Eu, José Maria Mantelli Scannapieco, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido. Diante do exposto expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo. Assinatura do voluntário ou de seu representante legal Assinatura de uma testemunha Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste voluntário (ou de seu representante legal) para a participação neste estudo.

Nome:

José Maria Mantelli Scannapieco

Endereço:

Rua Inocêncio de Oliveira, 553
Jd. Ipiranga,

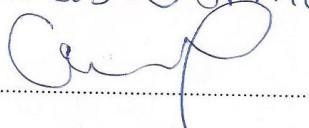
Telefone:

9.8239.8415

Endereço eletrônico:

JSCANNAPIECO3@gmail.com

Assinatura do participante da pesquisa.....



Dados do CEP responsável pela autorização da pesquisa:

O CEP - Sede Campus Monte Alegre localiza-se no andar térreo do Edifício Reitor Bandeira de Mello, na sala 63-C, na Rua Ministro Godói, 969 - Perdizes - São Paulo - SP - CEP: 05015-001 - Tel./FAX: (11) 3670-8466 - e-mail: cmetica@pucsp.br

Autorização:

Eu, Olesia Monfardini, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido. Diante do exposto expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo. Assinatura do voluntário ou de seu representante legal Assinatura de uma testemunha Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste voluntário (ou de seu representante legal) para a participação neste estudo.

Nome: Olesia Monfardini

Endereço: Rua: João Ferninio de Araujo nº 64

Telefone: 36512913

Endereço eletrônico:

Assinatura do participante da pesquisa: Olesia Monfardini

Dados do CEP responsável pela autorização da pesquisa:

O CEP - Sede Campus Monte Alegre localiza-se no andar térreo do Edifício Reitor Bandeira de Mello, na sala 63-C, na Rua Ministro Godói, 969 - Perdizes - São Paulo - SP - CEP: 05015-001 - Tel./FAX: (11) 3670-8466 - e-mail: comelica@pucsp.br

Autorização:

Eu, Theresa Forni Fernandes, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido. Diante do exposto expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo. Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste voluntário (ou de seu representante legal) para a participação neste estudo.

Nome: Theresa Forni Fernandes

Endereço: Av. João Bertholdo, 195 P. das Nações

Telefone: 19-36616533

Endereço eletrônico:

Dados do CEP responsável pela autorização da pesquisa:

O Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP – Sede Campus Monte Alegre está disponível para os esclarecimentos e encaminhamentos necessários para tramitação de Protocolos de Pesquisa na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

O CEP – Sede Campus Monte Alegre localiza-se no andar térreo do Edifício Reitor Bandeira de Mello, na sala 63-C, na Rua Ministro Godói, 969 – Perdizes – São Paulo – SP – CEP: 05015-001 – Tel./FAX: (11) 3670-8466 – e-mail:cometica@pucsp.br

Autorização:

Eu, *Antonio Beraglia* , após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido. Diante do exposto expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo. Assinatura do voluntário ou de seu representante legal Assinatura de uma testemunha Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste voluntário (ou de seu representante legal) para a participação neste estudo.

Nome: *Antonio Beraglia*

Endereço: *Rua Cina Pio da Silveira Salles, 75*

Telefone: *19.36513392*

Endereço eletrônico:

Assinatura do participante da pesquisa..... *Beraglia*

Dados do CEP responsável pela autorização da pesquisa:

O CEP - Sede Campus Monte Alegre localiza-se no andar térreo do Edifício Reitor Bandeira de Mello, na sala 63-C, na Rua Ministro Godói, 969 - Perdizes - São Paulo - SP - CEP: 05015-001 - Tel./FAX: (11) 3670-8466 - e-mail: *lcerneca@pucsp.br*

Autorização:

Eu, Rita L. L. Maria, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido. Diante do exposto expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo. Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste voluntário (ou de seu representante legal) para a participação neste estudo.

Nome: Rita L. L. Maria

Endereço: Manoel Ramos de Oliveira

Telefone: 993034344

Endereço eletrônico: rpm-Transportes@Hotmail.com

Dados do CEP responsável pela autorização da pesquisa:

O Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP – Sede Campus Monte Alegre está disponível para os esclarecimentos e encaminhamentos necessários para tramitação de Protocolos de Pesquisa na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

O CEP – Sede Campus Monte Alegre localiza-se no andar térreo do Edifício Reitor Bandeira de Mello, na sala 63-C, na Rua Ministro Godói, 969 – Perdizes – São Paulo – SP – CEP: 05015-001 – Tel./FAX: (11) 3670-8466 – e-mail:cometica@pucsp.br

Autorização:

Eu, Paulo Cesar Moreira, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido. Diante do exposto expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo. Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste voluntário (ou de seu representante legal) para a participação neste estudo.

Nome: Paulo Cesar Moreira

Endereço: R. Manoel Alves de Oliveira - 60

Telefone: (19) 9.1130.5111

Endereço eletrônico: rpm-Transportes@Hotmail.com

Dados do CEP responsável pela autorização da pesquisa:

O Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP – Sede Campus Monte Alegre está disponível para os esclarecimentos e encaminhamentos necessários para tramitação de Protocolos de Pesquisa na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

O CEP – Sede Campus Monte Alegre localiza-se no andar térreo do Edifício Reitor Bandeira de Mello, na sala 63-C, na Rua Ministro Godói, 969 – Perdizes – São Paulo – SP – CEP: 05015-001 – Tel./FAX: (11) 3670-8466 – e-mail:cometica@pucsp.br

Autorização:

Eu, Waura Ormastoni de Mello, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido. Diante do exposto expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo. Assinatura do voluntário ou de seu representante legal Assinatura de uma testemunha Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste voluntário (ou de seu representante legal) para a participação neste estudo.

Nome: Waura Ormastoni de Mello

Endereço: R. Cel Antonio Augusto, 420

Telefone: 3651 2509

Endereço eletrônico:

Assinatura do participante da pesquisa: 

Dados do CEP responsável pela autorização da pesquisa:

O CEP - Sede Campus Monte Alegre localiza-se no andar térreo do Edifício Reitor Bandeira de Mello, na sala 63-C, na Rua Ministro Godói, 969 - Perdizes - São Paulo - SP - CEP: 05015-001 - Tel./FAX: (11) 3670-8466 - e-mail: cometica@pucsp.br

Autorização:

Eu, Sônia C. Riceth, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido. Diante do exposto expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo. Assinatura do voluntário ou de seu representante legal Assinatura de uma testemunha Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste voluntário (ou de seu representante legal) para a participação neste estudo.

Nome: Sônia C. Riceth

Endereço: R. 28 de setembro, nº 116 - V. Fátima

Telefone: 998324892

Endereço eletrônico:

Assinatura do participante da pesquisa: Sônia C. Riceth

Dados do CEP responsável pela autorização da pesquisa:

O CEP - Sede Campus Monte Alegre localiza-se no andar térreo do Edifício Reitor Bandeira de Mello, na sala 63-C, na Rua Ministro Godói, 969 - Perdizes - São Paulo - SP - CEP: 05015-001 - Tel./FAX: (11) 3670-8466 - e-mail: comessa@duce.du.br

Autorização:

Eu, Tergio Del Bianchi, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido. Diante do exposto expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo. Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste voluntário (ou de seu representante legal) para a participação neste estudo.

Nome: Tergio Del Bianchi
 Endereço: cel joaquim leite 166
 Telefone: 15-36511717

Endereço eletrônico: Dermolb@uol.com.br

Dados do CEP responsável pela autorização da pesquisa:

O Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP – Sede Campus Monte Alegre está disponível para os esclarecimentos e encaminhamentos necessários para tramitação de Protocolos de Pesquisa na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

O CEP – Sede Campus Monte Alegre localiza-se no andar térreo do Edifício Reitor Bandeira de Mello, na sala 63-C, na Rua Ministro Godói, 969 – Perdizes – São Paulo – SP – CEP: 05015-001 – Tel./FAX: (11) 3670-8466 – e-mail:cometica@pucsp.br

Autorização:

Eu, SILVIO SALVADOR SPOSITO, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido. Diante do exposto expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo. Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste voluntário (ou de seu representante legal) para a participação neste estudo.

Nome: SILVIO SALVADOR SPOSITO

Endereço: RUA FLORIANO PEIXOTO, 450

Telefone: (19) 3651-2990

Endereço eletrônico: 555posito@uol.com.br

Dados do CEP responsável pela autorização da pesquisa:

O Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP – Sede Campus Monte Alegre está disponível para os esclarecimentos e encaminhamentos necessários para tramitação de Protocolos de Pesquisa na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

O CEP – Sede Campus Monte Alegre localiza-se no andar térreo do Edifício Reitor Bandeira de Mello, na sala 63-C, na Rua Ministro Godói, 969 – Perdizes – São Paulo – SP – CEP: 05015-001 – Tel./FAX: (11) 3670-8466 – e-mail:cometica@pucsp.br

Autorização:

Eu, Christina Aparecida Carneli, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido. Diante do exposto expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo. Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste voluntário (ou de seu representante legal) para a participação neste estudo.

Nome: Christina Aparecida Carneli

Endereço: Av. - Eng. Heitor Antônio Elias Garcia, nº 4455
apto 101, f/Esmeraldo - São Paulo - SP

Telefone: (11) 3781-9284

Endereço eletrônico: c.carneli@terra.com.br

Dados do CEP responsável pela autorização da pesquisa:

O Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP – Sede Campus Monte Alegre está disponível para os esclarecimentos e encaminhamentos necessários para tramitação de Protocolos de Pesquisa na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

O CEP – Sede Campus Monte Alegre localiza-se no andar térreo do Edifício Reitor Bandeira de Mello, na sala 63-C, na Rua Ministro Godói, 969 – Perdizes – São Paulo – SP – CEP: 05015-001 – Tel./FAX: (11) 3670-8466 – e-mail:cometica@pucsp.br

Autorização:

Eu, Mailenra Felicio de Souza Carneali, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido. Diante do exposto expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo. Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste voluntário (ou de seu representante legal) para a participação neste estudo.

Nome: Mailenra Felicio de Souza Carneali

Endereço: Pcg do Independência, 428 apto 103 -
Espírito Santo do Pinhal - SP.

Telefone: (19) 3651-1852

Endereço eletrônico:

Dados do CEP responsável pela autorização da pesquisa:

O Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP – Sede Campus Monte Alegre está disponível para os esclarecimentos e encaminhamentos necessários para tramitação de Protocolos de Pesquisa na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

O CEP – Sede Campus Monte Alegre localiza-se no andar térreo do Edifício Reitor Bandeira de Mello, na sala 63-C, na Rua Ministro Godói, 969 – Perdizes – São Paulo – SP – CEP: 05015-001 – Tel./FAX: (11) 3670-8466 – e-mail:cometica@pucsp.br

Anexo II



Imagen I: Placa colocada pela Prefeitura no Cemitério Municipal indicando a localização das sepulturas dos “santos do povo”: Dr. Amando Costa França Mondadori; senhor Geraldo Sanches e a Senhora Alzira Coelho Ferreira.



Imagen II - Sepultura do senhor Geraldo Sanches, falecido em 6/7/1957, um dos “santos do povo”. Geraldo Sanches era massagista e prestava assistência às pessoas doentes com problemas de motores em geral, seria um fisioterapeuta. As pessoas rezam para o senhor Geraldo Sanches normalmente sofrem com problemas ligados a motricidade. São inúmeras as Graças alcançadas.

■ quem é quem

TIKA TIRITILLI



Todos os dias, depois das 6h, os sinos da Matriz tocam, chamando as pessoas para participarem da missa. Lá no alto, mais de 60 degraus acima do solo, **Angelim Biazotto**, 74 anos, está cumprindo sua tarefa, que vem desempenhando há 50 anos: tocar os sinos da igreja. Mas a vida de um sacristão não é só tocar sinos. Tem que cuidar do bom andamento da igreja, preparando as missas etc. Hoje, Angelim diz se há segredo em tocar os sinos, conta do relógio que ganhou de alguém especial e de como conheceu sua esposa Mariana.

Por Paulo César Chiorato

Onde o senhor nasceu?

Eu nasci na zona rural e morei na fazenda Monte Belo, onde fiquei até os oito anos. Depois que vim para a cidade, comecei a estudar no Almeida Vergueiro e fiz até o segundo ano.

Antes de se tornar sacristão, já trabalhou em quê?

Eu fui para o seminário para ser irmão leigo. Era um seminário

o padre João, o padre Reinaldo, o padre Matheus. Cada um deles tinha seu jeito de ser, mas sempre respeitei a todos e sempre nos demos muito bem. Foi esse o tempo em que estivemos juntos na Matriz. O padre Matheus me deu de presente um relógio de bolso (foi aí que eu tirei) que era do pai dele e que ele estimava muito. Todos sempre tiveram os muita amizade e nunca tive problemas com eles.

Imagen III - Entrevista com o Sacristão da Igreja Matriz do Divino Espírito Santo, Angelim Biazotto, que durante 57 anos tocou o sino da Igreja anunciando falecimentos.

...só que eu trabalhava na igreja, fazia limpeza na casa. Um dia eu fui lá e permissão para visitar minha família e eu entrei meus pais de novo. Minha família passando por dificuldades e resolvi conversar com o superior sobre o assunto, explicando que eu não tinha mais condições de permanecer ali. Decidi deixar o seminário para voltar junto à minha família. Foi então que passei a trabalhar como servente de pedreiro. O primeiro lugar em que trabalhei nessa função foi no Colégio.

E como veio o convite para se tornar sacerdote?

O monsenhor José (Jerônimo Balbino) Fuccioli me chamou na obra e perguntou o que eu estava fazendo ali. Disse que meu lugar não era ali e que precisava de mim para trabalhar na igreja, porque o seu Iúací, antigo sacerdote, estava doente. Em 25 de outubro de 1953, eu entrei na igreja e estou lá até hoje. Levanto cédio, toco o sino para chamar as pessoas para a missa. Eu acho que o monsenhor Fuccioli me convidou porque eu já havia trabalhado no seminário e conhecia um pouco do serviço.

O senhor já era muito religioso?

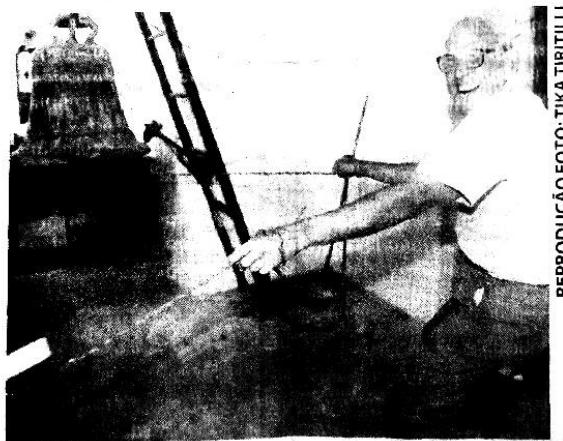
Eu sempre tinha essa idéia de religiosidade minha, mesmo. Eu sempre ia na igreja, participava dos eventos que aconteciam nela, ajudava no que fosse possível.

Como é seu dia-a-dia?

Eu acordo às cinco horas. Às cinco e meia eu já vou para a igreja, abro as portas, subo na torre e toco os sinos para chamar as pessoas para a missa. Depois, desço e vou cuidar dos preparativos para a missa. Todo dia há missa às 6h30 e, aos sábados, às 7h. Mas há missas em outros horários e em todas elas sou eu quem toca o sino. À noite, eu fecho a igreja por volta das 20h. Mas quando há algum movimento na igreja, eu fecho mais tarde. Desde 86 também fui convidado pelo monsenhor Augusto a ser ministro da Eucaristia e desde este tempo também tenho colaborado nas missas.

Durante seus 50 anos de sacristão, o senhor trabalhou com diversos padres. Como foi seu relacionamento com eles?

Ssim, eu já trabalhei com o monsenhor Augusto, o padre Fucciolli,



Demorou para aprender a tocar corretamente os sinos da igreja?

Não, foi rápido. Não há nenhum segredo em tocar os sinos, desde que a pessoa aprenda como fazer. Claro que quem não sabe tocar encontra um pouco de dificuldade. É preciso ter jeito. Na Matriz, são três sinos: dois menores e um maior. O sino maior tem uma corda que serve para sentar. Assim, com as mãos, eu toco os dois sinos menores e dando uma gingada toco o sino maior. É gostoso.

E o barulho?

Já estou acostumado com o barulho. Mas da primeira vez que toquei os sinos eu saí de lá meio zonzo por causa do som alto, mas agora eu já acostumei e não sinto nada. O que cansa um pouco são os lances de escada que tenho que subir para chegar aos sinos, mas enquanto eu tiver forças para subir até lá, serei eu que vou tocar os sinos da Matriz.

Ninguém mais toca os sinos?

Não, fui sempre eu mesmo. Alguns coroinhas quiseram tocar e eles até que chegaram a tocar um pouquinho, mas ninguém faz como eu. Eu toco melhor do que eles. Houve uma vez em que um rapaz falou que era tocador de sinos e disse que ia me ensinar a tocar. Fomos lá nos sinos e ele fez tudo desajeitado, rápido demais. Então no final eu peguei e mostrei como se tocava. Fui eu quem ensinou a ele como se tocava.

Só se toca sino em missa ou em outros eventos, como velórios?

Em velórios eu também tocava os sinos, mas agora é muito difícil alguém ser velado dentro da igreja, pois a maioria vai para o velório municipal. Há vários jeitos de tocar sinos: eu sei tocar sino para defunto, toco o sino solene, toco o sino para a missa, toco para a via sacra. Para cada um destes há uma forma de tocar sinos diferente. Por exemplo, em um velório, se for mulher que faleceu, começa-se tocando o sino pequeninho, depois o outro sino médio e o maior. Se o falecido é um homem toca-se primeiro o sino médio, o pequeno e o grandão.

O senhor conheceu pessoas queridas na cidade, como a irmã Maria Borsoi, como foi?

Eu queria muito bem a ela. Quando ela veio da Itália, ainda sem ser religiosa, veio a morar na Fazenda Monte Belo, onde nós morávamos. Depois ela foi para São Paulo, tornou-se freira e veio para Pinhal e ajudava na Igreja Matriz também. Minha família e a dela eram muito amigas.

E como conheceu a esposa?

Eu a conheci na igreja. Eu já era católico e ela era da congregação antoniana, devota de Santo Antônio. Interessante que antes de namorarmos, todo ano eu falava para ela pegar o estandarte de Santo Antônio e algum tempo depois viemos a namorar e nos casamos. As pessoas brincam dizendo que Santo Antônio é casamenteiro, que nos ajudou a casar. Eu não acredito muito nisto, mas o povo fala e brinca comigo. Namoramos dois anos e meio e hoje temos três filhos, oito netos e um bisneto e todos estão dentro da igreja.

Angelim ao tocar os sinos da Igreja Matriz central

Imagen IV - Entrevista com o Sacristão da Igreja Matriz do Divino Espírito Santo, Angelim Biazotto, que durante 57 anos tocou o sino da Igreja anunciando falecimentos.

REFERÊNCIAS

ALLES, Gregory. *The Study of Religions: The Last 50 years*. In: Routledge Companion to the Study of Religion. Taylor&Francis Group. London and New York. 2010.

ARIÉS, Phillip. *Sobre a História da Morte no Ocidente: da Idade Média aos Nossos Dias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

ARAGÃO, Gilraz. *Sobre epistemologia e diálogos : fenomenologia, diálogo inter-religioso e hermenêutica*. In: CRUZ, Eduardo R. e De MORI, Geraldo (orgs). *Teologia e Ciências da Religião. A caminho da maioridade acadêmica*. São Paulo: Editora Paulinas. 2011.

AQUINO, Maurício. *Modernidade Republicana e Diocenização do catolicismo no Brasil: Relações entre Estado e Igreja na Primeira República (1889-1930)*. IN: Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 32, nº 63, p. 143-170 – 2012.

ANTONACCI, Maria Antonieta. *Memórias ancoradas em corpos negros*. São Paulo: EDUC, 2013.

AUGUSTO, Maria Helena. Natural, Racional, Social: Discussão de uma Sociabilidade. *Tempo Social*. Revista Sociologia. USP, São Paulo, 1(1): 247-257.

AZEVEDO, Célia Maria Marinho. *Onda Negra Medo Branco: o negro no imaginário da elite do século XIX*. Rio de Janeiro : Paz e Terra. 1987.

BANDEIRA, Manoel. *Poesia Completa e Prosa*. Volume Único. Rio de Janeiro. Cia José Aguilar Editora. 1967.

BAYARD, Jean-Pierre. Sentido oculto dos ritos mortuários. Morrer é morrer? São Paulo: Paulus, 1996.

BERGER, Peter. *O Dossel Sagrado. Elementos para uma Teoria Sociológica da Religião*. São Paulo: Ed, Paulinas, 1985.

BERTO, João Paulo Liturgias da Boa Morte e do Bem Morrer: Práticas e Representações fúnebres em Campinas Oitocentistas (1760-1880). Dissertação de Mestrado. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Estadual de Campinas. Campinas (SP). 2014.

BLANCHES, Paula. Corpos Enlutados: Por um cuidado espiritual terapêutico em situações de luto. Tese de Doutorado. Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo.2009.

Bloch, Marc. Os Reis Taumaturgos. O caráter sobrenatural do poder régio. França e Inglaterra. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BRAUDEL, Fernand. *Escritos Sobre História*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1984.

BOSI, Ecléa *Memória & sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo, SP. T.A. Editor, 1979.

BOTELHOS, Jorge. *Múltiplas Modernidades, Múltiplas Secularizações e Secularização Contextual: Novas Perspectivas sobre o Estudo Sociológico da Religião*.In: Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 37(3): 125-149, 2017.

BUKE, Peter. *A Revolução Francesa da Historiografia: A Escola dos Annales (1929-1989)*.São Paulo: Editora UNESP, 1992.

Uma História Social do Conhecimento: de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003

CHALHOUB, Sidnei. *Cidade febril – Cortiços e epidemias na Corte Imperial*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

CAMPOS, Breno Martins. Ciências Sociais da Religião: estado da questão. In: Passos, João Décio e Usarski, Frank.(org) Compêndio de Ciência da Religião. São Paulo: Paulinas: Paulus.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. *Notas sobre os rituais de morte na Sociedade Escravista*. In: Revista do Departamento de História da FAFICH/UFMG. VI (1988):109-122.

_____. *Contribuição ao estudo da iconografia da morte na cultura artística luso-brasileira*. In: Rodrigues, Claudia e Lopes, Fábio (org.) *Sentidos da Morte e do Morrer na Ibero-América*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

CARDOSO, Irene. *Narrativa e história. Tempo Social*; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 12(2): 3-13, novembro de 2000. *Tempo Social; Rev. Sociol. USP*, S. Paulo, 12(2): 3-13, novembro

CASSIRER, Ernest. A Filosofia do Iluminismo. Campinas: Editora da Unicamp. 1992.

CAVALCANTI, Maria Juraci Maia. *Memória dos Jesuítas Portugueses e a História da Educação Brasileira: relação entre a obra de Serafim Leite e Fernando de Azevedo*. In: Linhas Críticas, Brasília, DF, v.19, n.39, p. 449-461, mai./ago.2013.

De DECCA, Edgar Salvatori. *O Silêncio dos Vencidos. Memória, História e Revolução*. São Paulo: Brasiliense. 2004.

DELLA CAVA, Ralph. *Igreja e Estado no Brasil do século XX*. Estudos CEBRAP. N.12,pp 5-52, 1975.

DEL PRIORE, Mary . *Morte e fronteiras culturais: passagens, rituais e práticas funerárias entre ancestrais africanos (outra lógica sobre a finitude)*. In: RODRIGUES, Claudia e LOPES, Fábio (orgs) *Os sentidos da Morte e do Morrer na Ibero América*. Rio de Janeiro, EduERJ, 2014.

DOMINGOS, Simone Santiago. *O retorno da Companhia de Jesus no Segundo Reinado*. In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 201.

DUARTE, Rosália. *Entrevistas em pesquisas qualitativas*. In: Educar, Curitiba, n. 24, p. 213-225,. Editora UFPR. 2004.

DUCLOUX, Anne. *A morte no Uzbequistão*. In: Godelier, Maurice (org). *Sobre a morte: invariantes culturais e práticas sociais*. São Paulo: Edições SeSC. 2017.

DUSSEL, Enrique. *Descolonização epistemológica da teologia*. In: Revista Internacional de Teologia. n°350, v.2, 2013.

EISENBERG, José. *As missões Jesuítas e o Pensamento Político Moderno: encontros culturais, Aventuras Teóricas*. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2000.

ENGEL, Magali. *Meretrizes e Doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*. Editora Brasiliense, São Paulo, 1989.

EUGÊNIO, Alisson. *Reforma dos Costumes: elite Médica, progresso e o combate às más condições de saúde no Brasil do século XIX*. Tese de Doutorado. Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas e Letras. Universidade de São Paulo.

FRANCO, Clarissa De. *A Cara da Morte*. São Paulo: Ideias e Letras, 2010.

_____ e TORRES, Valéria Rocha. *Religião, morte e políticas públicas de saúde: cientistas das religiões na elaboração dos processos de luto*. In: Revista Correlatio, Universidade Metodista, v.16, n° 2, 2018, pp. 255-282.

FREITAS, Sonia Maria de. *Vida e Obra do Comendador Montenegro. Um lousanense visionário no Brasil*. São Paulo: Polo Printer, 2013.

FORD, David. *Theology*. In: Routledge Companion to the Study of Religion. Taylor&Francis Group. London and New York.2010

Foucault, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo, Martins Fontes, 2000.

GHIRARDELLO, Nilson. À beira da linha: formações urbanas da Noroeste Paulista [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2002. 235 p. ISBN 85-7139-392-3. Available from SciELO Book.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Ed. LTC, 2008.

GODELIER, Maurice (org.). *Sobre a morte: invariantes culturais e práticas sociais*. São Paulo: Edições SeSC. 2017.

HOLANDA, Sergio Buarque de. O Brasil Monárquico. *Dispersão e Unidade*. In: História Geral da Civilização Brasileira. V. 4, Tomo II. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1969.

_____. O Brasil Monárquico. *Reações e Transações*. In: História Geral da Civilização Brasileira. V.5, Tomo II. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1969.

JENSEN, Jeppe Sinding. *Epistemologia*. Tradução – Eduardo Rodrigues Cruz. In: Revista de Estudos da Religião. Ano 13, n° 02. Jul/Dez. 2013.

HACKMANN, G.L.B. e Dal POZZO, E. Investigando o conceito de "cristianismo anônimo em Karl Rahner". In: Teocomunicação, Porto Alegre, v. 37, n° 152, pp. 369-395. Set. 2007.

HOBSBAWN, Erick. *A Era do Capital 1848-1875*. São Paulo: Paz e Terra. 2014.

_____. *A Era das Revoluções 1789-1848*. São Paulo: Paz e Terra. 2015

JAPIASSÚ, Hilton e MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 2001.

LATOUR, Bruno. *Jamais Fomos Modernos. Ensaio de Antropologia Simétrica*. Rio de Janeiro: Ed.34.1994.

LAUWERS, Michel. O nascimento do Cemitério. Lugares sagrados e terra dos mortos no Ocidente Medieval. Campinas(SP): Editora UNICAMP, 2015.

LEITE, Serafim. *Breve História da Companhia de Jesus no Brasil(1549-1760)*. (prefácio do autor de 1965). Braga/PT, Livraria A.J. (Apostolado da Imprensa), 1993.
Le GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, SP, Editora Unicamp. 1990

LEME, Durvalino. *Memórias de um Pinhalense*. São Paulo: Tipografia Cinema. Edição do Autor, s/d.

LOPES, Fábio. *O suicídio com objeto de reflexão histórica: apontamentos de uma pesquisa* (Rio de Janeiro, início do século XX). In: RODRIGUES, Claudia e LOPES, Fábio (orgs) *Os sentidos da Morte e do Morrer na Ibero América*. Rio de Janeiro, EduERJ, 2014.

LÖWY, Michel. *As Aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen: Marxismo e Positivismo na Sociologia do Conhecimento*. São Paulo: Cortez. 2000.

LUCAS, Elcio. A busca do inominável em A morte Absoluta. http://dlcv.fflch.usp.br/sites/dlcv.fflch.usp.br/files/Elcio%20LUCAS_0.pdf. Acesso em 01 de setembro de 2016.

MARTINS, Roberto Vasconcelos. *Divino Espírito Santo e Nossa Senhora das Dores do Pinhal*. Ribeirão Preto: Edição do Autor, 1986.

MARTINS, Patrícia Carla de Melo. *Padroado Régio no Auge do Império Brasileiro*.Revista Brasileira de História das Religiões.ANPUH, Ano III, n.9, Jan.2011, pp. 75-91.

MARTINS, Barbara Canedo Ruiz. *O aleitamento mercenário – saberes médicos e o mercado de trabalho de amas de leite.* (Rio de Janeiro – 1850-1884).In: Pimenta, Tania Salgado e Gomes, Flávio. (organizadores) *Escravidão Doenças e Práticas de Cura no Brasil*. Rio de Janeiro: Outras Letras, 2016.

MAUÉS, Raimundo Heraldo. “*Morte Moderna*” e “*Morte Contemporânea*” *Formas Distintas e Contemporâneas de Expropriação*. In: PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 16(2):351-358, 2006.

MESQUIDA, Peri. A Educação na Restauração Lemista da Igreja: a missão de Tristão de Athayde e Stella de Faro no Ministério da Educação e Saúde Pública – 1934/1945. In: Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 9, n. 27, p. 279-295, maio/ago. 2009.

MENEZES, Raquel Aisengart. *A morte como objeto de investigação*. In: RODRIGUES, Claudia e LOPES, Fábio (orgs) *Os sentidos da Morte e do Morrer na Ibero América*. Rio de Janeiro,EduERJ, 2014.

_____. *Em busca da Boa Morte: antropologia dos cuidados paliativos*. Rio de Janeiro: FioCruz e Garamond, 2004.

_____. e BARBOSA, Patrícia Castro. *A construção da “boa morte” em diferentes etapas da vida: reflexões em torno do ideário paliativista para adultos e crianças*. In: Ciênc. saúde coletiva vol.18 no.9 Rio de Janeiro Sept. 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Cuidar do Processo de Morrer e do Luto*. In: Ciência & Saúde Coletiva. Vol. 18. n°9. Rio de Janeiro. Setembro de 2013.

MINGNOLO, Walter. *Decolonialidade como caminho para a cooperação*. In: Revista do Instituto Humanitas Unisinos On-Line. Ano XIII, 2013. <http://www.ihuonline.unisinos.br>. Acesso em 8 de Março de 2016.

MONTES, Maria Lúcia. *Figuras do Sagrado: entre o público e o privado na religiosidade brasileira*. São Paulo: Claro Enigma. 2012.

MONTEIRO, Rodrigo Bentes. *As Reformas Religiosas na Europa Moderna. Notas para um Debate Historiográfico*. Varia História, vol. 23, número 37, janeiro-junho, pp. 130-150. Universidade Federal de Minas Gerais.

MORIN, Edgar. *O problema epistemológico da complexidade*. Porto: Europa América. 1985.

MOREIRA, Regina da Luz. *Notas Biográficas Sebastião Leme*. In: <https://portal.fgv.br/>. Acesso em 22 de outubro de 2016

MOURA, Wanderlanya Cristina Silva. *Consciência da Finitude e Valores Humanos: Um estudo com idosos em Instituições de Longa Permanência*. Dissertação de Mestrado. 29/06/2015. Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa.

OMENA, Luciene Munhoz e FUNARI, Pedro P. A.(org) *As Experiências Sociais da Morte. Diálogos Interdisciplinares*. Jundiaí: Pacto Editorial, 2017.

PASSOS, Mauro. Nos olhos de quem vê – “*Encomendações de almas*” na religiosidade popular em Minas Gerais In: Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Maringá (PR) v. V, n.15, jan/2013. ISSN 1983-2850 Dossie Memória e Narrativas nas Religiões e nas Religiosidades.

_____ *A mística do catolicismo popular – a tradição e o sagrado*. Trabalho apresentado no XII Simpósio da ABHR, 31/05 – 03/06 de 2011, Juiz de Fora (MG), GT 18: A festa nas tradições religiosas brasileiras – significado e história.

PASSOS, João Décio e USARSKI, Frank.(org) *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas: Paulus, 2013.

PICH, Roberto Hofmeister. Religião como forma de conhecimento.In: Usarski, Frank e Passos, João Décio. (organizadores) *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Editora Paulinas: Paulus,2013.

PIERUCCI, Antonio Flavio. *De olho na modernidade religiosa*. In: *Tempo Social*. Revista de Sociologia da USP. V. 20, n.2, 2008.

PIMENTEL, Claudio Santana. *Memória Brasileira em Áfricas. Da convivência à narrativa ficcional em comunidades afro-brasilerias*. Jundiaí: Pacto Editorial. 2016.

PINTO, Jefferson Almeida. *O processo de anistia aos bispos da “Questão Religiosa”*: *Historiografia, Direito Constitucional e Diplomacia*. In: Passagens. Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica Rio de Janeiro: vol. 8, no .3, setembro-dezembro, 2016, p. 426-451.

POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento e Silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n.3, 1989, pp. 3-15.

QUEIROZ, Daniela Teixeira et al. *Observação Participante Na Pesquisa Qualitativa: Conceitos e Aplicações Na Área da Saúde*. In: Revista de Enfermagem UERJ, Rio de Janeiro, 2007 abr/jun; 15(2):276-83.

QUIOSSA, Paulo Sérgio. *O morrer católico no viver em Juiz de Fora*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião. 01/12/2009. Universidade Federal de Juiz de Fora

REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RICOEUR, Paul. *A memória, a História, o Esquecimento*. Campinas (SP): Editora da Unicamp. 2007.

RIZZONI, Ernesto. *Nossa terra e nossa gente: Pinhal História e Notícia. Espírito Santo do Pinhal*. Impresso na Tipografia Santa Luzia, 1960. Edição do Autor.

RODRIGUES, Claudia. *Nas Fronteiras do Além. A secularização da Morte no Rio de Janeiro: (séculos XVIII e XIX)*. Rio de Janeiro. Arquivo Nacional. 2005.

_____. *Lugares dos Mortos na cidade dos Vivos*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração. 1997.

_____. e LOPES, Fábio (orgs) *Os sentidos da Morte e do Morrer na Ibero América*. Rio de Janeiro, EduERJ, 2014.

_____. “Olhando por minha alma

RODRIGUES, José Carlos. *O Tabu da Morte*. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2006.

RODRIGUES, Elisa. *Ciências da Religião e Ciências Sociais: aproximações e distanciamentos*. In: PLURA, Revistas de Estudos de Religião, vol.2, nº1, 2011, pp. 65-79.

SÁ, Maria de Fátima Freira e Moureira, Diogo Luna. *Autonomia para morrer: a nevralgia do direito contemporâneo diante da efetivação de uma possibilidade pelo exercício da autonomia*. In: Rodrigues, Claudia e Lopes, Fábio (orgs) *Os sentidos da Morte e do Morrer na Ibero América*. Rio de Janeiro, EduERJ, 2014.

SALLES, José Campos Neto. *Do fumo ao café: Major Felix da Motta Paes e seus descendentes*. São José do Rio Pardo (SP). Edição do Autor. 2017.

SANTOS, J.L. dos; CORRAI-MULATO, S; BUENO, S.M.V. *Morte e luto: a importância da educação para o profissional de saúde*. Arq. Cienc.Saúde. UNIPAR, Umuarama,v.18, n.3, pp. 199-203/set/dez. 2014

SANTOS, Clara Braz dos. *O exercício moral de memória da morte nos escritos religiosos do Brasil colonial (séculos XVII e XVIII)*. 207f. Dissertação (Mestrado em História e Cultura Social) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais de Franca, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Franca, 2016.

SERAFIM, João Carlos G. *A ideia da Quotidio Morior nas Artes Moriendi Jesuítas na Idade Moderna – a Satisfaçam de Agravos do Padre João da Fonseca*, S.J. In: *Via Spiritus* 15 (2008).

SEVICENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI. No Loop da montanha-russa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SHAKESPEARE, Willian. *Macbeth*. Ed. Ediouro, Rio de Janeiro, 1954.

SILVA, Ana Paula Barcelos Ribeiro da. *Positivismo X Neotomismo: reflexões sobre práticas historiográficas no Brasil e na Argentina (1870-1940)*. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25, 2009, Fortaleza. Anais do XXV Simpósio Nacional de História – História e Ética. Fortaleza: ANPUH, 2009. CD-ROM.

SILVA, Ceci Figueiredo da et al. *Concepções da Equipe Multiprofissional sobre a Implementação dos Cuidados Paliativos na Unidade de Terapia Intensiva*. In: Ciênc. saúde coletiva vol.18 no.9 Rio de Janeiro Setembro. 2013.

SILVA, Sara Maria. “O Breve Aparelho e Modo Fácil Para Ajudar Hum Cristão a Morrer”. *Do Padre Estevão de Castro (1621)*. Dissertação de Mestrado em História da Cultura Portuguesa. Universidade do Porto. 1996.

SILVEIRA, Daniel Rocha e GRADIM, Fernanda Jaude. *Contribuições de Viktor Frankl ao Movimento da Saúde Coletiva*. In: Revista da Abordagem Gestáltica - Phenomenological Studies - XXI(2): 153-161, jul-dez, 2015.

SIQUEIRA, Leonildo Campos. *Protestantes Brasileiros diante da morte e do luto: observações sobre rituais mortuários*. In: REVER. Ano 16. N°3. Sep/Dez. 2016.

SOBRAL, Luciana O. Gama. *A morte como escola: a pedagogia de bem morrer na Cidade da Bahia (ca. 1640-1759)*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2014.

TAMASO, Izabela M. *Tratorando a história. percepções do conflito na prática da preservação do Patrimônio Cultural edificado em Espírito Santo do Pinhal*. Brasília, 1988. Dissertação (Mestrado) UnB.

TAMASO, Renata M. *Homens de cor, pretos e colores. A construção de espaços de sociabilidade dos afro-brasileiros e suas representações em Espírito Santo do Pinhal/SP (1890-1930)*. Assis (SP), 2005. Tese (Doutorado).Unesp.

_____. *Identidade, Espaços Étnicos e Tempo Histórico*. In: SIMPÓSIO REGIONAL DE HISTÓRIA, 18, 2006. Assis (SP). Anais do XVIII Encontro Regional de História - O Historiador e seu Tempo. ANPUH, 2006.

TAVARES, Diego Fontes de Souza. *Os Muros do Além: a construção do Cemitério do Alecrim e a (des)secularização da morte em Natal*. Dissertação de Mestrado. 29/06/2016. Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa.

THOMPSON, Edward. *A Miséria da Teoria ou um Planetário de Erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro, Zahar Editores,1990.

THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado. História Oral*. Paz e Terra. 1998.

TORRES, Valéria Aparecida Rocha. *Justiniano José da Rocha e a Memória do Período Regencial*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas. 1998.

_____ Nossa Senhora da Caféd: A Construção de uma Devoção em Espírito Santo do Pinhal (SP). In: Revista Ciberteologia Teologia & Cultura. Edição nº 56 – Ano XIII – Setembro/Dezembro.2017. pp. 117-138.

_____ Preservar e Permanecer: o ethos religioso e a memória histórica católica de Espírito Santo do Pinhal (SP).In: Anais do VI Encontro do GT Nacional de História das Religiões e das Religiosidades. ANPUH. *História das Religiões, Literatura, Conceitos e Identidades*. Rio de Janeiro, 2016. pp. 449-468.

USARSKI, Frank. *A retórica da “aniquilação”. Uma reflexão paradigmática sobre recursos de rejeição a alternativas religiosas*. In: REVER, Revista de Estudos da Religião. nº 1., 2001.

VAILATI, Luiz Lima. *A Morte Menina. Infância e morte no Brasil dos oitocentos. (Rio de Janeiro e São Paulo)*. São Paulo: Alameda, 2010.

VESENTINI, Carlos Alberto. *A teia do fato: uma proposta de estudo sobre a memória histórica*. São Paulo: Hucitec. 1997.

WAGNER, Roy. *A Invenção da Cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

Sites Consultados

Aires, José, S.J. 1672-1730, Breve Direcção para o santo exercicio da Boa Morte : que se pratica nos Domingos do anno na Igreja dos Padres da Companhia de Jesus do Collegio da Bahia : instituido com authoridade Apostolica, em honra de Christo Crucificado, e de sua Mão ao pé da Cruz, para bem, e utilidade dos Fieis... / pelo Padre, que actualmente tem a seu cargo este Santo Exercicio . - Lisboa Occidental : na Officina da Musica, 1726. - [16], 102 p. ; 8º (15 cm) www.bnportugal.pt Acesso em 20 de Abril de 2016

Castro, Estêvão de, S.J. fl. 1575-1639, Breve aparelho, e modo facil pera ajudar a bem morrer hum christão, com a recopilação da materia de testamentos & penitencia, varias oraçoes devotas, tiradas da Escritura Sagrada, & do Ritual Romano de N. S. P. Paulo V. / Composto pello Padre Estevão de Castro... - Acrecentado nesta seguda impressaõ pello mesmo autor. - Em Lisboa : por Mattheus Pinheiro : a custa de Adrião de Abreu, 1627. - [16], 241, [i.é 221], [3] f. ; 8º (15 cm). Disponível em www.bnportugal.pt Acesso em 20 de Abril de 2016.

Bonucci, Antonio Maria, S.J. 1651-1728, Escola de bem morrer aberta a todos os Christãos, & particularmente aos moradores da Bahia nos exercicios de piedade, que se practicaõ nas tardes de todos os Domingos pelos Irmãos da Confraria da Boa Morte, instituida com authoridade Apostolica na Igreja do Collegio da Companhia de Jesu / dedica-a o P. Antonio Maria Bonucci da mesma Companhia ao Capitam Bento Pereira Ferraz. - Lisboa : na Officina de Miguel Deslandes Impressor de Sua Magestade, 1701. - [16], 199, [1] p. ; 8º (15 cm) Disponível em www.bnportugal.pt Acesso em 20 de Abril de 2016.

RUIZ, Erasmo. *O Homem e a Morte: Uma poesia de Manuel Bandeira*. 2009. Disponível em: <http://www.redehumanizasus.net/> Acesso em: 01 de setembro de 2016.

Disponível em <http://origemdapalavra.com.br> . Acesso em 28 de Março de 2018.
Disponível em <https://www.eba.ufmg.br> . Acesso em 28 de Março de 2018.

Então disse o Senhor: Não contenderá o meu Espírito para sempre com o homem; porque ele também é carne; porém os seus dias serão cento e vinte anos. Gênesis 6:3. Disponível em <https://www.bibliaonline.com.br> . Acesso em 28 de Março de 2018.

Organização Mundial de Saúde. Resumo do Relatório Mundial do Envelhecimento e Saúde. Disponível em <http://longevidadeadunicamp.org.br/>. Acesso em 9 de Maio de 2018.

Documentos Escritos — Fontes Impressas.

Anais do Parlamento Brasileiro. Notícia histórico-bibliográfica Câmara dos Deputados. Brasília, DF. Imprensa Nacional. 1963. Período de 1860 – 1880.

Almanach da Província de São Paulo para o ano de 1873. Documento copiado acervo da autora. Publicação da Província de São Paulo.

Atas do Terceiro Conselho de Estado. Histórico-bibliográfica Câmara dos Deputados. Brasília, DF. Imprensa Nacional 1868-1873.

Entrevistas

Entrevista 1 — R.P. T.

Nome: R.P.T

Idade: 84 anos

Entrevistas concedia a Valéria Aparecida Rocha Torres Abril de 2013.

R.P.T faleceu em 2016.

Entrevista 2 — O. J. A.

Nome: O.J. A.

Idade: 82 anos.

Entrevista concedia à Valéria Aparecida Rocha Torres Maio de 2018.

Entrevista 3 — M. A. M.

Nome: M.A.M.

Idade: 73 anos.

Entrevista concedida a Valéria Aparecida Rocha Torres Maio de 2018.

Entrevista 4 — M. A.C.

Nome: M.A.C

Idade: 83 anos.

Entrevista concedida a Valéria Aparecida Rocha Torres Maio 2018

Entrevista 5 — M. T. Z.

Nome: M. T. Z.

Idade: 71 anos

Entrevista concedida a Valéria Aparecida Rocha Torres em Maio de 2018.

Entrevista 6 — M.C.B

Nome: M. C. B.

Idade: 83 anos

Entrevista concedida a Valéria Aparecida Rocha Torres auxiliada por Ricardo Biazotto em Abril de 2018.

Entrevista 7 — J. C

Nome: J.C

Idade: 77 anos.

Entrevista concedida a Valéria Aparecida Rocha Torres auxiliada por Ricardo Biazotto em Abril de 2018.

Entrevista 8 — V.N.

Nome: V.N.

Idade: 73 anos.

Entrevista concedida a Valeria Aparecida Rocha Torres auxiliada por Ricardo Biazotto em Abril de 2018.

Entrevista 9 — A. I. O e A. H. O

Nome : A. I.O.

Idade: 73 anos.

Nome: A. H. O.

Idade: 74 anos.

Entrevista concedida a Valéria Aparecida Rocha Torres auxiliada por Ricardo Biazotto em Abril de 2018.

Entrevista 10 — J.M.S.

Nome: J. M.S.

Idade: 62 anos.

Entrevista concedida a Valéria Aparecida Rocha Torres auxiliada por Ricardo Biazotto em Abril de 2018.

Entrevista 11 — O.M.

Nome: O. M.

Idade: 73 anos.

Entrevista concedida a Valéria Aparecida Rocha Torres auxiliada por Ricardo Biazotto em Maio de 2018.

Entrevista 12 — T. F.

Nome: T. F.

Idade: 82 anos.

Entrevista concedida a Valéria Aparecida Rocha Torres Abril de 2018.

Entrevista 13 — A.B.

Nome: A.B.

Idade: 83 anos.

Entrevista concedida a Valéria Aparecida Rocha Torres auxiliada por Ricardo Biazotto em Maio de 2018.

Entrevista 14 e 15 — R. C. M e P.C. M

Nome: R.C. M – Idade – 47 anos.

Nome: P.C. M. – Idade – 49 anos.

Entrevista concedida a Valéria Aparecida Rocha Torres Maio de 2018

Entrevista 16 — D. O.M.

Nome :D. O. M.

Idade: 76 anos.

Entrevista concedida a Valéria Aparecida Rocha Torres auxiliada por Ricardo Biazotto em Abril de 2018.

Entrevista 17 — S. C. R.

Nome: S.C.R

Idade: 45 anos.

Entrevista concedida a Valéria Aparecida Rocha Torres auxiliada por Ricardo Biazotto em Abril de 2018.

Entrevista 18 — S. B.

Nome: S.B.

Idade: 70 anos.

Entrevista concedida a Valéria Aparecida Rocha Torres em Abril de 2018.

Entrevista 19 — S.S.S

Nome: S.S.S.

Idade: 72 anos.

Entrevista concedida a Valéria Aparecida Rocha Torres auxiliada por Ricardo Biazotto em Abril de 2018.

Entrevista 20 e 21 — M. C. e C. C.

Nome: M.C.

Idade: 76 anos.

Nome: C.C.

Idade: 58 anos.

Entrevista concedida a Valéria Aparecida Rocha Torres em Abril de 2018.